

Viagens ao
Nordeste do Brasil

2005

HENRY KOSTER

Viagens ao
Nordeste do Brasil

"TRAVELS IN BRAZIL"

TRADUÇÃO E NOTAS

de

LUIZ DA CAMARA CASCUDO

1942

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

REFERENCIA.

"Travels in Brazil", by Henry Koster.
Second edition. In two volumes. LONDON.
Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme,
and Brown. Paternoster-Row. 1817.
Printed by A. Strahan. Printers-Street.
London.

DEDICATORIA.

To
ROBERT SOUTHEY, esq.
Poet Laureate,
member of the Royal Spanish Academy, and of
the Royal Spanish Academy of History,
these Travels
are inscribed
by HENRY KOSTER
in
memorial
of
affectionate respect and gratitude.

INDICE

Prefacio do Autor	7
Prefacio do Tradutor	9

CAP.

I	-- Partida de Liverpool. Chegada a Pernambuco. A vila e porto do Recife. O Governador. O Comercio	29
II	-- Visita ao Governador. O clima. Primeiro passeio na região. Residencia na povoação nos arredores do Recife. Olinda. Quinta-Feira Santa. Sexta-Feira da Paixão. Domingo de Pascoa. Profissão de um Frade. Dia de São Pedro. Visita a uma familia brasileira. Uma dansa. Outra visita a Olinda	42
III	-- O Governo. Os impostos. As instituições publicas. Criminosos. Prisões. Estabelecimentos militares. A ilha de Fernando de Noronha	63
IV	-- Viagem a Goiana. Viagem de Goiana a Paraíba e regresso a Goiana. Alhandra	77
V	-- Viagem de Goiana ao Rio Grande. A Cidade do Natal. O Governador	96
VI	-- Continuação da viagem. Do Natal ao Assú	118
VII	-- Continuação da viagem. Do Assú ao Aracati. Do Aracati ao Ceará. Indigenas. O ultimo Governador. A familia dos Feitozas	147
VIII	-- Regresso. Do Ceará ao Natal. Sertanejos. Gado. Cêra vegetal. Do Natal ao Recife	187
IX	-- Viagem de Pernambuco ao Maranhão. São Luiz. Comercio. Indigenas barbaros. O Governador. Alcantara. O autor veleja de São Luiz e chega a Inglaterra	228
X	-- O autor deixa Gravesand e chega a Pernambuco. Situação do Recife. Viagem ao Bom Jardim com o Capitão-Mor, e volta ao Recife	255
XI	-- Residencia no Jaguaribe. Viagem a Goiana. Molestia. Volta ao Jaguaribe	283
XII	-- Viagem a Uninha. Continuação da minha morada no Jaguaribe. Irmandade negra de Olinda. Benção do engenho de açúcar. Mandingueiros e Valentões	310
XIII	-- Mudança do autor para Itamaracá. A ilha. Conceição e Pilar. A festa de Nossa Senhora do Rosario. Viagem para Goiana. O Toque. A variola	338
XIV	-- Formigas, cobras e outros reptis. O rio de Igarassú. Construindo uma casa. Varias especies de madeiras de construção. O pinhão, mutamba e gameleira. A baleia	367

CAP.

XV —	Recrutamento. Animais. Maracás. Apolinario, Mandinga e galinaceos. Hieroglifos. Festa de Nossa Senhora da Conceição. Fandangos. O Forte. Um batizado. O Entrudo. O autor deixa o Brasil	388
XVI —	Agricultura. Canaviaes	421
XVII —	Agricultura. Algodão, etc.	451
XVIII —	A População livre	473
XIX —	Escravidão	493
XX —	Impolitica do Trafico de Escravos	537
XXI —	Os Tratados de Amizade e Aliança, e de Comercio e Navegação entre as Corôas da Grã Bretanha e Portugal, assinados no Rio de Janeiro a 19 de Fevereiro de 1810 ...	549
Apendice	569

PREFACIO DO AUTOR

Não tive jamais a intenção, durante minha residência no Brasil, de publicar cousa alguma do que vira e ouvira nesse país. Não foi sinão depois do meu regresso que me encorajaram a reunir todos os detalhes que podesse comunicar. Espero que o leitor queira por bem escuzar os defeitos que possa descobrir neste livro quando saiba que não fiz observações seguidas no Brasil com pensamento de publicar os resultados. Acrescento que a lingua portugueza me é mais familiar que a do meu país. O leitor sensato dará pouca importancia ao estilo de um livro da natureza deste.

As orientações e a vasta biblioteca do Sr. Southey foram de grande auxilio. O Dr. Traill ajudou-me a dispôr o *appendix* mas como não o viu inteiramente, as faltas existentes devem ser attribuidas a mim.

Os desenhos das gravuras foram executados por um dos meus parentes proximos, segundo meus esbôços e descrições que lhe forneci. O mapa foi delineado pelo grande mapa do Sr. Arrowsmith. Corrigi os nomes e a situação de alguns lugares e juntei outros, de acôrdo com os meus conhecimentos pessoais. O plano de Pernambuco foi-me dado por um inglês residente no Recife, no qual o zêlo é infatigavel por tudo quanto se refira ao progresso dos conhecimentos.

PREFACIO DO TRADUTOR

Henry Koster não é um viajante, caçando anedotas e filmando o pitoresco nem um naturalista, tendo a investigação anteriormente programada. Não ha nele a missão unilateral de estudar um aspecto ou fixar pormenores. Não o subsidia Museu ou Instituto. É uma curiosidade ampla e livre, sem compasso, sem barras, nem limites. É uma creatura humana, vivendo humanissima e logicamente. Não teve a obrigação tecnica de vêr, desenhar e regressar á Patria, com bichos, folhas e relatorios. Independe de qualquer autoridade uma sua conclusão. Afirma o que sabe, ouviu ou reparou. Spix, Martius, Wied Neuwied, Lubbock, Mawe, Saint Hilaire observaram deliciosamente. Observaram andando, dia aqui, noite alem, sempre para deante. Koster tomava notas sentado na porta da casa grande, pizando o massapê do canavial, cochilando no embalo da rêde, sacudido no chôto do cavallo tungão, mastigando leguas-de-beiço.

Veio para viver em Pernambuco. Viver se defendendo da tuberculose. Ou morrer devagar, como diria El-Rei D. Sebastião. Não se condicionava á idéa de prestar contas de sua vida, despezas, justificando resultados scientificos. Nem mesmo pensára escrever cousa alguma quando deixou o Brasil, depois de um adcus patetico aos entes, mansos ou brutos, que abandonava ainda quentes do seu carinho.

Chegando a Inglaterra, saudoso do jardim, dos escravos, das galinhas, do cavallo, do cachorro, da horta, da

paisagem doce do Pilar, do canavial do Amparo que fiscalisara nas manhãs frias de Junho, da baleia que encaihára, das conversas compridas com o negro Apolinario que ensinava rezas aos escravinhos, do fidelissimo escravo Manuel, da velha Antonia que lhe déra uma purga de semente de pinhão, das palestras literarias com o Vigario de Itamaracá, padre Pedro de Souza Tenorio, com o padremestre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, com o padre Inácio de Almeida Fortuna, professor de latiniidade, com mestre Gonçalo, sacristão compenetradissimo, iniciou o livro porque o balançaram, pedindo lêtra-de-fôrma para tanta noticia saborosa e unica. Seu livro foi escrito de meados de 1815 a meados de 1816, mergulhado na "brasiliana" de Robert Southey, naquela biblioteca de quatorze mil volumes, catucádo pela animação do *Poet Laureate*, que lhe arranjava editor em Londres.

Denominou seu livro "TRAVELS IN BRAZIL" mas a tradução fiel será "VIAGENS AO NORDESTE DO BRASIL" porque o Brasil de Koster é Pernambuco e as provincias setentrionais, ao de leve. *In making use of the word Brazil, it must be understood that I mean to denote that portion of the country which I have had opportunities of seeing.* Morou e viu Pernambuco, Paraíba, Natal, Aracatí, Fortaleza, S. Luiz do Maranhão, Alcantara. E Sertão. Sertão legitimo, com sêca, leguas sem fim, gado morrendo, solidão, resistencia, heroismo, primitividade.

Quanto viu, registou fielmente. Para esse anglicano sizudo que financia o Capelão do seu engenho e não dispensa a Missa do Galo, a lei mais exigente é a da credibilidade. Inutil procurar assombros, desastres, supplicios, exotismos. Nenhum *believe it or not* em todas as paginas. Charles Watterton, o grave Watterton, ainda

duelou com uma gibóia e andou montado nas costas de um jacaré. Koster, pequeno proprietário, não tem imaginação. Quando, em 1869, Richard Burton, recenseando os escritores que haviam tratado do povo brasileiro, no primeiro capítulo do seu "THE HIGHLANDS OF THE BRAZIL", citando Koster, deu-lhe um título que ficou. Chamou-o *the accurate Koster*, o exato Koster. Em parte alguma do "TRAVELS IN BRAZIL" haverá material para um enredo cinematográfico. Nada descreve além do que, em alta percentagem, ainda vemos, ou até pouco tempo víamos, nas regiões em que vivêra o registador. O exato Koster é digno do título.

BIOGRAFIA IMPOSSIVEL

Henry Koster, filho de ingleses, nasceu em Portugal. *England is my country, but my native soil is Portugal.* Deixou menino o *native soil* porque, desembarcando, anos depois no Recife, fica confuso com a *new language, with which, although I was acquainted, still I had not since early youth been in a country where it was generally spoken*, embora afirmasse saber melhor o português que o inglês: *the idiom of a foreign language is perhaps more familiar to me than that of my own.* Nunca fala nos pais ou parentes mas parece que parte da família ficou em Portugal, negociando, porque, visitando Fortaleza em Dezembro de 1810, afirma que o "Senhor Lourenço" (Lourenço da Costa Dourado) reconheceu-o pelo nome por ter relações comerciais com seus parentes em Lisboa. E nada mais. Também não aparece como dependendo de ganhar dinheiro para viver. Nem tem dinheiro farto. É, mais ou menos, na situação financeira dos personagens de Machado de Assis.

Koster viajou de Liverpool pelo "Lucy", a 2 de Novembro de 1809, chegando ao Recife a 7 de Dezembro. Os amigos e a família recomendavam mudança de clima e um íntimo elogiára calorosamente os ares pernambucanos. Napoleão não permitia pensar em Portugal ou Espanha, tropico dos inglêses insulares. Koster se decide, e vem para o Brasil. No Recife habita os arrabaldes mais bonitos, Monteiro, que maravilharia Watterton, Pôço da Panela, Cruz das Almas, Casa Forte, preferidos pela sociedade nos mezes de calôr. E faz relações em todas as classes. 1810 é um ano intenso de jornadas. 19 de Outubro parte para Goiana, vendo Igarassú e povoados intermediarios, conhecendo em Goiana o naturalista Manuel Arruda da Camara. Vái até Paraíba, voltando a Goiana. Segue, a 3 de Novembro, para sua viagem maluca, cento e cincoenta e seis leguas e meia a cavalo, em tempo de sêca, varando agreste, praia, catinga, taboleiro e sertão, até Fortaleza. Viaja anotando tudo, os homens, as raças, as paisagens, os animais bravos, a natureza dos terrenos atravessados, creanças, tarefas agricolas, produtos, pecuaria, almas-do-outro-mundo, costumes, indumentaria, alimentos. . .

De Goiana vara Dois Rios, alcança Mamanguape, na Paraíba, entrando pelo Rio Grande do Norte em Cunhaú onde se hospeda na casa-grande de André d'Albuquerque Maranhão, o chefe da revolução de 1817 na Capitania, recebido com galanteria, agua morna em bacia rica, toalha de franja, dez serviços na meza do jantar a uma hora da madrugada. D'aí passa a Paparí, S. José de Mipibú, Natal, onde o abraça José Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque, egresso da misteriosa "conspiração dos Suassunas". De Natal atinge o Assú, repassando quarenta vezes o rio Ceará-Mirim, num estirão de duzentos e

quarenta quilometros sem agua fresca. 1.º de Dezembro no Assú, parte no dia seguinte para a lagôa do Piató, continuando para o Arraial de S. Luzia do Mossoró, hoje segunda cidade do Estado. D'aí para Tibáu, praia atlantica onde principia o Ceará. Areias, Cajuais, desaparecem, descançando no Aracatí, festejado por José Fidelis Barrozo, rico mercador, dono de fazendas, salinas e barcos. Volta a viajar a 12 e, a 16, entra na vila da Fortaleza, onde fica até 8 de Janeiro de 1811, passeiando, olhando aldeias indigenas, procurando entender todas as cousas e explica-las por uma nitida comprehensão em simpatia.

Regressa a 8 de Janeiro de 1811, pelo Aracatí, S. Luzia do Mossoró. Assú, Angicos, Natal de onde parte a 6 de Fevereiro para S. José de Mipibú, Cunhaú, repisando a estrada paraibana para Mamanguape. A 13 está em Goiana, galopa a 15, voltando à sua casinha de Cruz das Almas na tarde desse dia. A 16 de Fevereiro de 1811 volta a ver os assombrados amigos inglêses que o julgavam desaparecido. A 22 do mesmo Fevereiro toma um barco para S. Luiz do Maranhão onde salta com sete dias de mar. Anda e desanda pela ilha, reparando, anotando, indo de canôa até Alcantara. A 8 de Abril, pelo "Brutus", veleja para Inglaterra, chegando a Falmouth a 20 de Maio desse 1811.

Vem vindo o inverno e o frio expulsa-o da Grã-Bretanha. Toma o "Serra Pequeno", navio portuguez, em Gravesand, a 4 de Outubro de 1811. O vento é favoravel a 20 de Novembro, quando deixa Cowes, comboiado pelas fragátas inglêsas, ancorando no Recife a 27 de Dezembro.

Segue-se, em principios de 1812, um passeio com o Capitão-Mór do Bom Jardim que ia passar em revista as

tropas milicianas, espalhadas pelo interior. Vê Bom Jardim, Limoeiro, Nazaré. Em Abril arrenda o engenho no Jaguaribe, quatro leguas do Recife e uma do mar. Engenho com escravaria, canaviais, visinhos arengueiros, superstições, vaidades velhas, bondade simples, um mundo novo em que o inglês mergulha, gostosamente. Em Novembro de 1813 começaram as brigas com o proprietário, rivalidades, cochichos. Koster havia vencido doenças, intrigas, rebeldias, ameaças de morte. Da molestia, quando convalescia, ao visitar um navio britânico ficou a lembrança da gravidade do mal porque o capitão lhe mostrou a pipa de rum em que pensára transportar-lhe o cadáver para uma sepultura na Inglaterra.

Da briga com o proprietário do Jaguaribe nasceu um arranjo. Koster irá para a ilha de Itamaracá, plantar canas no Amparo, de "meia". A 8 de Dezembro de 1813 vê, pela primeira vez, Conceição, decadente e arruinada mas orgulhosa como velha duquesa. O Vigário é animado e curioso, devendo morrer enforcado em 1817. Para abrigar o inglês ha duas casas razoáveis: a residencia paroquial e a Cadeia. Koster preferiu a Cadeia. E ficou morando no casarão deserto até arranjar pouso. Durante umas semanas dormiu na sacristia duma Capela, sacristia mal-assombrada e cheia de morcêgos, curujas e bacuráus de grandes olhos luminosos. Em Abril de 1814 fixou-se no Toque, defronte da povoação da Gambôa, plantada num outeiro. Aí viveu vida de plantador de cana, deletando com os padres, visitando os arredores, vendo o Mamulengo, conversando com os negros, dormindo de rêde, bebendo cachaça para não constipar quando viajava debaixo de chuva, assistindo os crepusculos, fazendo sôno perto das fogueiras ou vendo o luar, um luar tão claro que se podia dispensar a lampada para lêr.

Em principios de 1815 exigem sua presença na Inglaterra e ele crê a despedida final. Está quasi um senhor de engenho. Com pouco tempo só podera amar aquele ambiente, com aqueles habitos, gestos, ordens e alegrias primitivas, desde o Entrudo com lata d'agua até a festa de Nossa Senhora da Conceição em que foi "noiteiro". Parte com a saudade derramada nas cousas vivas e mortas.

Em 1816 saiu o "TRAVELS IN BRAZIL". E Koster voltou a Pernambuco. Devia ter vindo antes do inverno, Outubro ou Novembro. A 18 de Maio de 1817, Henry Koster e José Carlos Mayrinck foram como parlamentarios falar ao almirante Rodrigo Lobo, comandante do bloqueio, em pura perda aliás, mas demonstrando a confiança que gosava no Recife (1).

Quando faleceu Koster? Alfredo de Carvalho, que compendiou as melhores noticias (2) sobre Koster, escreveu: — "Muito estimado e considerado, geralmente conhecido pelo nome aporuguêzado de Henrique da Costa, finou-se ele aqui em principios de 1820. Os dados para a sua biografia são, infelizmente, por demais escassos e infieis, tendo sido baldadas as nossas pesquisas no arquivo do consulado inglês de Pernambuco".

O ultimo registo, conhecido por Alfredo de Carvalho e relido por mim, é a menção de James Henderson, na "HISTORY OF THE BRAZIL" (3). James Henderson esteve no Recife em Dezembro de 1819 quando foi visitado e visitou Koster. Este, mudado para Goiana, procurando saúde, voltara ao Recife, viajando de rêde, suspensa entre dois cavalos, achando comodo esse transporte pelo passo esquipado dos animais.

Henderson não lhe encontrou melhoras e deduziu, pelo depauperamento físico, um rapido declínio. Escrevendo

em 1821, informou: “ e lamento dizer que pouco tempo sobreviveu... ”

A data de 1820 e o Recife são ano e lugar mais logicos para o falecimento de Henry Koster. Vivia este em Dezembro de 1819, muito alquebrado e doente, e pouco depois faleceu. O *not long survive*, sendo o espaço de alguns mezes, alcançará principios de 1820. Como o “Cemiterio dos Inglêzes” existe desde 1814, naturalmente Koster foi sepultado aí, no campo-santo britanico em Santo Amaro.

AS EDIÇÕES DO “TRAVELS IN BRAZIL”.

- 1.º — TRAVELS IN BRAZIL — Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, impressa por A. Strahan, New Street Square. Um volume in-4.º, 501 paginas, 9 de prefacio, 8 estampas. Um mapa e uma planta. Paternoster Row. Londres. 1816.
- 2.º — TRAVELS IN BRAZIL — Mesmo editor. Em dois volumes, in-8.º, 406 e 380 pp. respectivamente. Mesmas gravuras, mapa e planta mas não são coloridas. Londres. 1817.
- 3.º — TRAVELS IN BRAZIL — Dois volumes in-8.º, 340 e 323 pp. Sem gravuras. “Travels in Brazil in the years from 1809 to 1815”. M. Carey & Son. Chesnut Street. July 16, 1817. Filadelfia. Estados Unidos.
- 4.º — REISEN IN BRASILIEN — Um volume in-8.º, 624, pp. Não traz as estampas e apenas o mapa e a planta. Incluída na coleção “Neue Bibliothek der Wichtigsten Reisebeschreibungen zur Erweiterung der Erd und Völkerkunde”, dirigida pelo dr. F. Y. Bertuch. Weimar. 1817.
- 5.º — VOYAGES DANS LA PARTIE SEPTENTRIONALE DU BRÉSIL — Tradução de M. A. Jay. “depuis 1809 jusqu’en 1815, comprennent les provinces de Pernambuco (Fernambouc), Seara, Paraiba, Maragnan, etc.”. Dois tomos in-8.º, com as gravuras, planta e mapa, 375 e

- 512 pp. "Chez Delaunay Librairie, Palais Royal, Galerie de Bois n.º 243". "De l'imprimerie de Fain. Place de l'Odéon". XLIX de Prefacio. Paris. 1818.
- 6.º — DES ENGLANDERS HEINRICH KOSTER'S REISEN IN NORDLICHEN BRASILIEN — Tradução do dr. Wilhelm Harnisch, resumo didático no volume XV, pp. 3/113 de uma coleção de "Viagens importantes", dirigida pelo mesmo tradutor. Um tomo, com o mapa e duas estampas, in-8.º, Leipzig. 1831.
- 7.º — VOYAGES PITTORESQUES, SCIENTIFIQUES ET HISTORIQUES EN AMÉRIQUE, BRÉSIL. PROVINCES DE PERNAMBUCO (FERNAMBOUC), SEARA, PARAIBA, MARAGNAN, ETC. MOEURS, COUTUMES ET COUTUMES DES HABITANTS DE CE PAYS — Dois volumes, in-8.º, 376 e 512 pp., com as 8 estampas, planta e mapa. Tradução de M. A. Jay (reedição da de 1818) na "Imprimerie de Pommeret et Guénot, Rue Mignon, 2". "A la Librairie Universelle, Rue de la Harpe, 30 et chez tous les libraires". Paris. 1846.
- 8.º — VIAGENS NO BRASIL, etc. — Tradução brasileira de Antonio C. de A. Pimentel, amanuense do Instituto Arqueologico Pernambucano da versão francesa de M. A. Jay (ed. 1846). Publicada na revista do mesmo Instituto desde o n.º 51 em 1898 até o 147-150, volume XXXI, relativo a 1931 e distribuído em 1933. Recife. Não foi reunida em volume.

SOUTHEY E KOSTER.

Voltando à Inglaterra, Koster procurou aproximar-se de Robert Southey naturalmente pela afinidade dos assuntos estudados por um e conhecidos pelo outro. Talvez existissem relações anteriores, datando de Portugal. Southey, Poeta Laureado da Inglaterra, desde 1813, residia na casa abrigadora de Greta Hall, Keswich, no Cumberland, com seus preciosos 14.000 volumes, series manuscritas sem preço, conseguidas nas tres viagens a Portugal,

onde o tio, reverendo Herbert Hill, era Capelão da feitoria inglesa em Lisbôa. Naturalmente o rev. Hill conhecia os pais de Henry Koster.

Southey, com 41 anos, estava no meio-dia da força creadora. Poeta abundante e mediocre, arrancára ao seu inimigo Lord Byron uma frase que o consagrava ás avesas: — *Southey's prose is perfect*. Mas o prosador teimava em ser poeta, dignissimo do *laureateship* que Scott recusara em sua intenção. Manejando o alemão, o italiano, o português, o francês e o latim, Southey trabalhava facilmente sobre textos variados. Sua insubstituível HISTORY OF THE BRAZIL" fazia renome pelo unico volume publicado em 1810, na editora prestigiosa de Longman, Hurst, Rees and Orme, em Paternoster Row, na capital londrina. Greta Hall ficava perto do rio Greta, olhando o lindo lago de Derwentwater. Southey, intimo de Coleridge e de Wordsworth, que lhe escreveria o epitafio no cemiterio de Crosthwaite, era um *lakiste*, enamorado dos lagos escossezes, amando caminhadas longas e conversas curtas. Era bem o "humour" de Koster. Na biblioteca de Southey é que Henry Koster deve ter conhecido Du Tertre, Labat, Barrere, Bolingbroke, a "History of the West Indies" de Edwards, Pasley, o Dr. Pinckard, os variados "Reports" da direção da "African Institution", colleções de jornais portuguezes editados em Londres, e mesmo ineditos cujos originaes Southey possuia, como a colleção Pinheiro, em varios tomos, de que fazia parte a "Memoria" de Manuel Guedes Aranha, Procurador do Maranhão, escrita em 1685. Porisso Koster cita esses obsequios no prefacio. *I have had the advantage of Mr Southey's advise and extensive library*. E o livro lhe é dedicado: — *In memorial of affectionate respect ande gratitude* (4).

Logo que o "TRAVELS IN BRAZIL" saiu, Southey, segundo identificação de Alfredo de Carvalho, publi-

cou na "QUARTERLY REVIEW" um longo artigo encomiástico (5).

A GENTLEMAN KNOWN TO THE LITERARY WORLD.

Em Dezembro de 1819, tres anos depois da divulgação do "TRAVELS IN BRAZIL", James Henderson, no Recife, refere-se a Koster chamando-o o cavalheiro conhecido no mundo literario pela publicação de suas viagens ao nordeste do Brasil. A publicação do volume de Koster fôra recebido com elogios gerais na Inglaterra. Robert Southey, padrinho do livro, critico exigente, autoridade em plena voga, derramou-se pela "Quarterly Review" proclamando a excelencia da narrativa e sua contribuição preciosa para o conhecimento de regiões longinquas da America Austral. John Foster, ensaista respeitado, escreveu um estudo altamente simpatico na "Eclectic Review". Na "Augustan Review", dezembro de 1816, na "European Magazine", de janeiro de 1817, os louvores sobem à multidão dos assuntos claramente tratados e escritos com encantadora simplicidade.

A simpatia cercou imediatamente o livro de Koster. Editado em 1816, os volumes vôm e no ano seguinte, 1817, surgem tres edições, a segunda de Londres, uma norte-americana de Filadelfia, e a alemã de Weimar. Em 1818, M. A. Jay expõe sua tradução francêsa, em Paris, um tanto omissa e possivelmente infiel. Os alemães voltam a reeditar Henry Koster em Leipzig, 1831 e M. A. Jay dá a segunda edição francêsa em 1846. Desta é que Antonio C de A. Pimental aproveita para a versão brasileira, terminada a 28 de Junho de 1899, e que durou trinta e cinco anos para ser publicada.

Nenhum dos grandes viajantes e naturalistas que visitam o Brasil no século XIX deixa de citar Koster, com distinção destacada, endossando observações ou dispensando averiguações desde que o inglês, feito agricultor pernambucano, registara. Southey utiliza-o abundantemente no III volume de sua "History of the Brazil" (1819). Sem ele Tollenare escreveria menos. Saint Hilaire, cioso das análises feitas pelos outros exploradores, informa, sêca mas serenamente, que "*Koster descreveu bem as regiões que viu...*" Henderson, visitando-o, dêra-lhe nomes que explicavam o justo renome. Koster já não era o inglês tuberculoso, pequeno negociante que procura viver mais um pouco no clima tropical do Brasil, mas *a gentleman known to the literary world by the publication of this travels in the northern part of the Brazil.*

HENRY KOSTER E A REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE 1817.

Parlamentario da classe comercial do Recife em junho de 1817, conhecido e cercado de amisades, Koster assistiu a revolução de 6 de Março e é impossível não tê-la registado nalgumas paginas intimas. Não creio que Koster, depois do successo do "Travels in Brazil", presençasse sem anotar os acontecimentos tumultuosos de 1817. Nele se envolveram velhos amigos pessoais, com relevancia prestigiosa e decisiva, como o Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, o padre Souza Tenorio, Vigario de Itamaracá, o padre João Ribeiro, o doce professor de Desenho do Seminario de Olinda, credulo, entusiasta, arrebatado e puro, elevado á teatralidade sonora dos Girondinos. Se possuímos, com as circunstancias tão bem reveladoras da psiquê revolucionaria, as notas de

Tollenare, com sua mania de cogitações filosoficas e abstrações pateticas, maior contribuição daria Koster, com sua acuidade serena, seu equilibrio de sempre, sua amorosa compreensão pelo ambiente, seu afeto aos homens que se misturavam convulsivamente, passando dos risinhos "pastoris" recifenses às magestades de côro de tragedia grega.

Não se daria com Henry Koster o que sucedeu a outro inglês, o botanico William Swainson, que estava no Recife justamente em Março de 1817. Tudo quanto se dignou deixar foram algumas linhas apressadas, ansiosas para voltar ao assunto adorado. "...preparei-me para emprender uma jornada ao Sertão, no que fui subitamente frustrado pelo rompimento da memoravel revolução de 6 de Março de 1817, da qual fui testemunha ocular. Aquele acontecimento circunscreveu as minhas indagações a uma limitada zona em volta da cidade... Quando se restituiu o sossego, puz em ordem todas as minhas colleções e desenhos, e enviei tudo para a Inglaterra." E, por sua vez, viajou, em junho, para o rio S. Francisco. Nada mais. Koster teria escrito. Creio nessas notas perdidas, parcial ou totalmente, porque não é crível que o padre João Ribeiro procurasse Tollenare para faze-lo confidente, abandonando Henry Koster, o querido *Henrique da Costa*, familiar e intimo desde Conceição de Itamaracá.

DEPOIMENTO DE KOSTER

O depoimento de Koster é o primeiro, cronologicamente, sobre a psicologia, a etnografia tradicional do povo nordestino, o sertanejo no seu cenario. Depoimento completo, apaixonado de pormenores, rico de côr, de movimento, de noticia. Antes dele nenhum estrangeiro

atravessára o Sertão do nordeste, do Recife a Fortaleza, em época de sêca, viajando em “comboio”, bebendo agua de “borracha”, comendo carne-assada, dormindo debaixo das arvores, tão integralmente adaptado ao mundo que escolhera para viver que suas notas parecem de um patricio letrado, com maior ousadia para deixar os centros citadinos e aventurar-se no Sertão bravo, bruto, distante. Ninguem evocará sem simpatia as jornadas de Koster, seu comunicante afeto a todas as manifestações da vida que o cercava. Comendo o pirão de farinha de mandioca, a banana comprida, banhando-se nos rios de enxurrada, viajando a cavalo, a pé, de rêde, abrigado debaixo dos couros enquanto desaba o temporal e no escurão urram as onças, centenas de traços o situam como um familiar, um velho parente que conheceu o encanto das casas grandes, a preguiça faustosa dos senhores de engenho, as historias assombrosas da escravaria, o pavor dos bichos terriveis que andam de noite. Em superficie e profundêsa, para a época, ninguem fixou a sociedade pernambucana, a sociedade dos fazendeiros do nordeste, a psicologia do senhor de engenho, o mundo escravo, como Henry Koster. Fixou porque viveu intensamente essa existencia que conhecemos descrita por mão contemporanea ou olhos atuais. Koster era contemporaneo aos Capitães-Móres, viu as selas altas, aparelhadas de prata, o Entrudo furioso, as reixas nas residencias senhoriais, escuras e sinistras pelo seu silencio morno e penumbra aristocratica.

Koster traz para seu livro as figuras e o ambiente, desde Caetano Pinto de Miranda Montenegro, o Capitão-General, até Gonçalo, sacristão do Pilar, que, ajudando um recalitrante moribundo em sua agonia lentissima, disse-lhe, numa animadora exprobação cristã: *morra logo e deixe de bobagens...*

Mas também vôm passaros, abêlhas passam, animais, arvores de pôrte, madeiras de lei para construção, cobras, remedios, bruxêdos, bailes, dansas fidalgas com minuets e rondas indigenas derredor da fogueira, musica sacra, musica de bailado rico e, noite inteira, o bambolear dos negros ao surdo gemido dos urucungos. Alimentação, indumentaria, organização social, aspecto das ruas e das cidades, caminhos e povoações, pretos, brancos, mamelucos, cafusos, curibócas, quilombolas, comerciantes, mulatos, escravos robustos ou senís, padres, donos de engenhos, vaqueiros, palhaços, dansarinos de corda, festas de Igreja, Semana-Santa, viagens, devancio, cismas, anedotas, comentarios, estatisticas, comercio, politica, diplomacia, religião, profecia, tudo apareceu como indispensavel aos olhos de Koster. E ficou no livro.

Dono de escravos, companheiro de conversas, padrinho de casamento, inimigo do trafego e manutenção do regimen cativo, Koster amou, defendeu e estudou o escravo com precisão e nitidez. Espero que suas paginas levem uma achêga direta e poderosa aos estudos na especie.

É a palavra limpa e clara de uma testemunha. Ver-se-á como ele destaca da massa anonima dos escravos as fisionomias expressivas, e lhes comunica movimento, até hoje, narrando benemerencias ou banalidades curiosas. Em qualquer capitulo, o exato Koster é fiel, passeiando com o Governador Caetano Pinto pela Rua da Cruz, ou acororado sob o alpendre do Jaguaribe, olhando a fogueira, ouvindo contar historias do Lobishomem.

É um instantaneo sem retoque da epoca, não do particular ou do escolhido para o quadro, o téma pitorêscico, como nos desenhos de Debret ou de Rugendas, mas o total, num córte que abrange os tons e as nuanças, na mesma intensidade do movimento e do colorido. É o in-

dispensavel, a voz que atravessou cem anos, ressuscitando Pernambuco e o Sertão, vivendo ombro a ombro mas sem a contaminação dos odios e dos interesses, das paixões e afetos que parcializam a narrativa, inquinando de suspeição o narrador.

Koster não ridicularisa habitos e tradições brasileiras. Nem mesmo auxilia ao nacional falastrão a doença de deprimir o ambiente. Compreende e explica e suas sugestões, nascidas do conhecimento direto e diario, são feitas em tonalidade amistosa, de companheiro de vida comum, radicado à terra, sem a ilusão da superioridade ou a imponente visão exterior da patria que deixou. Nada o emparelha com um desses genios de exportação, iluminando a ignorancia continental, sabendo pela observação de alguns mezes o que não é possível á experiencia de anos, indicando o que deve ser conservado ou perdido no patrimonio cultural do país. Filho da Inglaterra liberal, na manhã da lua de mel com o sufragio universal, com o livre-cambio, Koster vai alinhando as medidas que supõe favoraveis ao desenvolvimento da nação que o hospeda. Mas, numa fala de irmão mais velho, com cuidado e amor, apressa-se em afirmar, o que muitos hoje esquecem, que ha uma identidade espiritual e moral entre ele e os motivos que determinam suas criticas. Ele é um inglês nascido em Portugal e sempre se julga patricio de portugueses e brasileiros, *I belong to both, and whether in the company of Englishmen, of Portuguese, or of Brazilians, I feel equally among my countrymen.* Essas frases não são comuns. D'aí a legitimidade afetuosa em Henry Koster...

Chegara a Pernambuco justamente na melhor hora, Dezembro de 1809. O seculo XVII durava ainda nas almas e o seculo XVIII não chegára a segunda centuria. O Príncipe Regente se fixára no Brasil em Janeiro de

1808. A renovação era rápida, diária e visível. Joaquim Nabuco dizia que o século XIX começara de sége e findara de automovel. Pernambuco não conhecêra quasi a sége. Passou do tricornio ao chapéu-alto. Do palanquim ao carro de duas parelhas. Do algodão tinto de coipuna aos tecidos inglêses de Manchester. A navegação directa com Macau e Goa espalhava lonças azues, influencia oriental, peças rendilhadas onde a paciencia chinês irrita nossa velocidade mal-educada. Koster desembarcou no momento em que se abriam as janelas das casas-grandes e os ultimos Capitães-Mores passavam em revista os Milicianos. Ainda dançou de cazaca de sêda mas assistiu aos primeiros cazacos de casemira, às primeiras manifestações da independencia social, senhoras andando sozinhas, as palestras comuns aos dois sexos, as musicas farfalhantes que anunciavam o Congresso de Viena.

O Principe D. João franqueára o Brasil ao commercio livre das nações (28 de Janeiro de 1808), a Tipografia Regia ia espalhar livros (13 de Maio de 1808), liberdade da produção industrial (1.º de Abril de 1808), isenção ás materias primas nacionais (28 de abril de 1809), favores ás fabricas brasileiras (6 de outubro de 1810), simplificação para entrada e reexportação de mercadorias nas alfandegas (11 de junho de 1808), autorização para os mercadores ambulantes (27 de março de 1810), e as organizações na distribuição da Justiça, novas Capitánias independentes, a multidão dos cargos creados, os titulos sonantes, uma aristocracia brasileira que a fortuna pessoal ou o contacto regio ia determinar, agitavam o curso do sangue tranquilo, produzindo uma taquicardia que era esperança, ambição, entusiasmo.

Essa transformação se operava aceleradamente, numa embriaguez de bebida nova e facil. Koster, ao chegar da

Inglaterra, em Dezembro de 1811, pela segunda vez, asombra-se da metamorfose. Igrejas, passeios, pontes, roupa, habitos, tradições, tudo se modificava. Os terrenos baldios do Pôço da Panela, Monteiro, Casa-Forte, enchiam-se de residencias de verão. As fachadas das casas nobres perdiam características melancolicas, adquirindo graça, mobiliarios novos, alcatifas, vidros nas janelas, balcões de ferro gradeado. Famílias inglêsas e brasileiros letrados divulgavam usos julgados outróra insultuosos. Os tecidos mais finos dominavam. Os palanquins ficaram mais leves, mais airosos, com seus negros-portadores mais bem vestidos, de escarlate, amarelo, azul, penachos e gangas vistosas. Koster, com um bom senso feroz, elogia essa obediencia aos habitos modernos desde que não contrariassem a indole social da terra e seu clima. O calção de sêda, o sapatão de fivela de prata, o bastão alto, com cabo de ouro, o lacinho para o cabelo masculino, foram se diluindo como fumo deante de um ventilador. Senhoras e moças vêm para mesa, do jantar ou do jogo, com homens, conversando, pilheriando, numa comunicabilidade que suicidaria um velho Sargento-Mór de Ribeira, vinte anos atraz.

As leituras desnorteavam pelo sabor criminoso do pecado politico. Não fôra possivel afastar os intrusos da festa bonita. Convidadas ou não, centenas de idéas se misturaram com a gente festiva, perturbando, confundindo, mas sacudindo, animando, pondo ritmo mais vivo nos espiritos que lembravam o Marquez de Pombal como expressão mais tipica da renovação ou do despotismo esclarecido.

A exportação para a Inglaterra, e desta para Pernambuco, que a distribuia pelas provincias setentrionais, o comercio com os Estados Unidos e Asia, enchiam, a preço comodo, os mercados de uma multidão de novida-

des atraentes. Koster chegou antes do primeiro espartilho feminino mas foi testemunha presencial do primeiro ridículo em obediência às leis soberanas da moda europeia.

Os aspectos economicos não seriam esquecidos para um agricultor, senhor de engenho, familiar aos mercados da Rua da Cruz, da Alfandega, Intendencia do Algodão, dos cáis tempestuosos, sombreados de arvores, povoados pelos negros ruidosos e cantadores. São capitulos sobre a cana do açúcar, o engenho, o algodão, especiarias, conselhos, reparos, sugestões. Para divulgar a cultura brasileira, Koster traduz para o inglês trechos longos de duas monografias do dr. Manuel Arruda da Camara, sobre plantas fibrosas, oleaginosas e especies decorativas e uteis para aclimação geral. Os Tratados que a Grã Bretanha assinara com D. João, em fevereiro de 1810, foram comentados e respondidas as maguas regionalistas. E sobre todo esse acervo de datas, algarismos, orientações e pratica comercial, Koster consegue o milagre de não ser monotono, não ser pedante, não ser imponente. Segue, pela vida e pelo livro, simples e natural, conversando, informando, pondo uma pedrinha na bôca para não ter sede, aplaudindo o "Fandangos", molhando-se no Entrudo, assistindo Semana Santa em Olinda, tomada-de-habito em Igarassú, comendo doces na sacristia de S. Pedro dos Clerigos, bebendo remedios da terra, compreendendo tudo e tudo defendendo ou criticando com a autoridade da tolerancia.

É esse Henry Koster que sonhei restituir á circulação intelectual do Brasil, no seu livro claro, ensopado no leite da ternura humana.

LUIZ DA CAMARA CASCU DO

Natal, Outubro de 1941.

(1) L. F. de Tollenare. "NOTAS DOMINICAES," tradução de Alfredo de Carvalho, p. 215. Recife, 1904. Padre Dias Martins, "OS MARTYRES PERNAMBUCANOS", p. 60. Pernambuco, 1853. O historiador Sebastião Galvão regista, uma versão inteiramente nova, embora desacompanhada de provas: — "Foi para a Inglaterra o negociante Henry Koster, no intuito de, por intermédio de Hipólito da Costa, alcançar este o apoio do governo britânico á causa revolucionária." Rev. Inst. Arq. Pern., vol. XV, n.º 80-82, p. 384. Recife. 1913.

(2) Alfredo de Carvalho: — "BIBLIOTHECA EXOTICO-BRASILEIRA", vol. III, pag. 104. E. G. E. Paulo, Pongetti & Cia. Rio de Janeiro, 1930.

(3) "We, at the same time, paid a visit to Mr. Koster, (a gentleman known to the literary world by the publications of his travels in the northern part of the Brazil) who had just arrived at Recife from Goyanna, from whence, in consequence of his indifferent state of health, he travelled in a net suspended between two horses, which was rendered, he said, a less disagreeable mode of conveyance, by the ampling pace of the horses. Mr. Koster had removed his residence to Goyanna, in hopes that the climate would be more suitable to his health and constitution: but his very delicate appearance indicated a rapid decline, and I regret to say that he did not long survive." — JAMES HENDERSON, — "A History of the Brazil", p. 392-393. Londres, 1821.

(4) A HISTORIA DO BRASIL de Robert Southey continúa parcialmente inédita e lamentavelmente reduzida, comprimida e deformada. Os tres tomos, no original inglês, saíram em 1810, 1817 e 1819. Em 1821, Southey reeditou o 1.º tomo, que se tornou rarissimo, comentando os despachos e administração de dom Luiz de Souza, 11.º Governador e Capitão General do Brasil (1618-21). 2.º Conde do Prado, material que não conhecera anteriormente. Em 1862 publicou B. L. Garnier, impressa em Paris, a tradução brasileira, do Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, em seis volumes, com anotações do Conego J. C. Fernandes Pinheiro, que Rodolfo Garcia acha dispensaveis. Varnhagen, cujo orgulho soberano é sabido proclamou: — "*são preciosissimos os tres volumes que nos deixou, pelas muitas noticias que encerram, e das quais algumas não se encontram senão ahi.*" Uma edição critica, integral, da "HISTORY OF THE BRAZIL", agora ao passar o primeiro centenario da morte do seu autor (1843), dispensa justificação.

(5) Pensei em obter esse estudo de Southey sobre Koster. Ifan Kyrle Fletcher, os grandes livreiros de Londres, desenganaram-me. Vim descobriir a existencia da coleção da "QUARTERLY REVIEW" na Biblioteca Nacional. O estudo, não assinado, está no tomo XVI, n.º XXXII, Janeiro de 1817, nas ps. 344-387. É um resumo do "TRAVELS IN BRAZIL", com longas citações divulgadoras. O conceito final é o seguinte: — "*The general spirit of the book, indeed, is excellent; the manner more resembling the good, old, plain, straight — forward style of our best travellers, than the moder fashion of five periods; and the matter for the most part equally curious and amusing, presenting a faithful picture of a very interesting stage in the progress of society.*"

CAPITULO I

PARTIDA DE LIVERPOOL. CHEGADA A PERNAMBUCO. JANGADAS. RECIFE. O GOVERNADOR. O COMERCIO.

Se minha saude não tivesse exigido uma mudança de clima, não teria talvez cedido tão depressa ao desejo, frequentemente confessado, de deixar por algum tempo a Inglaterra. Julgou-se de conveniencia que partisse immediatamente, e como os portos d'Espanha e Portugal estivessem fechados aos suditos britannicos, por efeito das circumstancias sobrevindas na situação politica desses dois países, minha escolha recaiu no Brasil e os meus amigos concordaram. Escolhi Pernambuco porque um velho amigo de familia estava prestes a embarcar para essa provincia, e varias pessoas me haviam dado as informações mais favoraveis sobre os habitantes e o clima.

Em 2 de Novembro de 1809 fiz vela de Liverpool no navio "Lucy". Apoz uma travessia feliz de trinta e cinco dias, sem que nada nos acontecesse de particular, fui agradavelmente despertado, manhã cedo, em 7 de Dezembro, pela noticia de que estavamos com a terra á vista, e que provavelmente entraríamos no porto no mesmo dia.

Descobrimos imediatamente dois navios que se dirigiam em nossa direção, com todas as velas abertas. Eram dois navios mercantes inglêses, destinados igualmente á Pernambuco. Como nunca houvessem entrado no porto e desejassem algumas informações, julgaram, pela maneira com que o nosso barco se havia aproximado da costa,

que o nosso comandante a devia conhecer. Era, com efeito, a segunda viagem do "Lucy" a Pernambuco.

A costa é baixa e, conseqüentemente, não pode ser vista vindo do mar, sinão a uma certa distancia. Aproximando-nos distinguimos, um pouco ao norte, a colina sobre que está situada a cidade de Olinda e, algumas leguas ao sul, o cabo de S. Agostinho. Em seguida descobrimos, quasi deante de nós a vila de Santo Antonio do Recife (1) e os navios ancorados sob seus muros, as terras estereis e desertas que a separam de Olinda, que está a uma legua, e os grupos de coqueiros (2) ao norte, tão longe quanto a vista possa alcançar. Ao sul da cidade se vislumbra tambem um grande numero de coqueiros, de arvores e choupanas esparsas. A cidade de Olinda é construída sobre um outeiro: sua situação, observada do mar, é do mais agradável efeito. Igrejas e conventos que se elevam sobre os cimos e os flancos da colina, seus jardins e suas arvores, semeados aqui e alem entre as casas, dão a mais alta ideia de sua beleza e extensão. O aspecto monotono das areias, que se estendem a uma legua ao sul, é interrompido pelos dois fortes que alí construíram, e pelos navios ancorados no porto inferior. Em seguida se encontra a cidade do Recife que, surgindo sobre o banco de areia muito baixo, parece sair das ondas. Os navios, colocados por diante, escondem-se em parte e o colar de rochedos que os separa do mar e contra o qual as vagas rebentam com furor, fazem crer que estão encalhados, tanto mais que não se descobre entrada alguma e que parecem fechados por todos os lados. A pequena torre ou forte, colocada sobre a ponta norte do recife, atrái bem depressa a atenção, e faz perceber a entrada. Avisinhamo-nos de terra, um pouco ao sul da cidade, e a costreamos, a pouca distancia do arrecife, esperando um piloto.

Ainda não era meio-dia. O mar estava calmo. O sol brilhava com todo seu esplendor, e tudo que nos cercava tinha um aspecto agradável. Todas as casas eram branquiadas a cal. O sol, ferindo-as com seus raios, dava-lhes um brilho faiscante.

Nada do que vimos nesse dia excitou maior espanto que as jangadas vogando em todas as direções. São simples balsas, formadas de seis peças, duma especie particular de madeira leve, ligadas ou encavilhadas juntamente, com uma grande vela latina, um pagaio que serve de leme, uma quilha que se faz passar entre as duas peças de pau, no centro, uma cadeira para o timoneiro e um longo bastão bifurcado no qual suspendem o vaso que contem agua e as provisões. O efeito que produzem essas balsas grosseiras é tanto maior e singular quanto não se percebem, mesmo a pequena distancia, sinão a vela e os dois homens que as dirigem. Singram mais proximos do vento que outra qualquer especie de embarcação (3).

Vimos então uma grande chalupa a remos que dobrava a ponta dos arrecifes, perto do pequeno forte. Disseram-me que era a que trazia o piloto. O Patrão-Mór, em uniforme naval, veio ao nosso bordo.

Uma grande lancha seguia a do piloto, tripulada inteiramente por negros quasi nús. A côr desses homens, o estado em que se encontravam, seus clamores sonoros, sua agitação sem motivo, sua inaptidão, eram outras tantas novidades para mim. Esses visitantes eram acompanhados por outros, de bem diverso character: dois botes, vindos ao longo da amurada, guarnecidos por inglêses e conduzindo muitos inglêses. O primeiro pertencia a um navio de carga britanico que estava no porto, e o ultimo era de rapazes que se tinham vindo fixar em Pernambuco como negociantes. Essa primeira comunicação com a terra me deu, no momento, a ideia de que as maneiras do

povo que ia visitar eram ainda mais extranhas que realmente as encontrei.

O piloto se postou na prôa do navio, perto do cabrestante, enviou um marinheiro português para tomar a direção do governo, mas continuou suas vociferações. Imaginava que falando muito alto conseguia fazer-se compreender pelos marinheiros ingleses. O barulho que fazia com seu palavreado e falando aos seus homens, o berreiro destes, tudo aumentava singularmente a confusão. Dobrado o Forte sem correr perigo, fundeamos no porto superior. O arrecife é a pique, perto da barra e, quando não se conhece a entrada, acredita-se que o navio se vai perder. Seguindo meu companheiro de viagem, deixamos o navio e fomos para terra. Lá, uma nova cena se passa. Levamos conosco o sacco contendo correspondencia. No momento em que desembarcavamos esse facto foi percebido por um grande numero de pessoas, de bom aspecto, que cobria com seu volume o cais. O desejo de saber noticias dos amigos da Europa se tornou tão vivo que, perdendo a cerimonia, todos vieram pedir as cartas porventura destinadas a elas. Decidimo-nos a entregalhes o sacco, sobre o qual se precipitaram todos d'uma só vez, com a mais avida das curiosidades. Tinhamos desembarcado no cais da Alfandega, em um dia de grande azafama, e aí tambem os clamores e a agitação dos negros se faziam notar. A feia algazarra que fazem quando carregam algum fardo, os bérros ou ditos em sua linguagem propria, algum verso no ritmo popular português, as numerosas perguntas que nos fazia a maior parte daquelles que deparavamos, só a visão d'uma população que consiste principalmente em individuos de côr mais accentuada, acrescida ao som de um novo idioma, porque embora tivesse aprendido a lingua, nunca mais, desde a distante juventude, estiveramos em país onde esta fosse ge-

ralmente faláda, tudo se combinava para embaraçar-me e perturbar-me.

Arrastado por aqueles que já estavam habituados ás cenas desse genero, fomos ter com um dos primeiros commerciantes da cidade. Fez-nos subir ao primeiro andar, introduziu-nos num quarto onde havia pilhas de mercadorias, uma meza coberta de papeis e varias cadeiras. Entreguei a este ultimo minha carta de recommendação e ele a recebeu com grande polidez. Fomos visitar depois um coronel, que é tambem negociante, onde fui recebido de maneira identica.

Não se encontra no Recife e Olinda albergues nem casas de comodos, (4) um amigo do meu companheiro de viagem procurou immediatamente alguns quartos e nos forneceu cousas de que tinhamos necessidade. Eis-nos, portanto. tranquilamente instalados em nossa nova residencia, tão tranquilamente como possa estar alguem quando uma vinténa de negras grita sob as janelas, em todos os tons de que a voz humana é capaz, laranja, banana, doces e outras mercadorias para vender.

A vila de S. Antonio do Recife, comumente chamada Pernambuco, embora este seja propriamente o nome da Capitania, consiste em tres bairros ligados por duas pontes. Proximo, uma longa faixa de areia se estira, desde o pé da colina, onde, para o sul, está situada Olinda. A extremidade meridional desse banco se alarga e forma o local desta parte da cidade, particularmente chamada Recife, colocada precisamente sobre o arrecife. Ha outro banco d'areia, tambem de extensão consideravel, sobre o qual está construída a segunda divisão, chamada S. Antonio, ligando-se por uma ponte, com a que acabo de mencionar. Ainda existe a terceira divisão da cidade que falo, chamada Bôa Vista, situada no continente, ao sul das outras duas e que se comunica por uma ponte.

O recife de rochas, de que já falci, estende-se deante desses bancos de areia e recebe o principal choque do mar que no afluxo da maré, rôla por cima atingindo o cáis e os armazens da villa com impeto enfraquecido. A maior parte do banco de areia, entre Olinda e a vila, está descoberto e sobre ele o mar rebenta com furia. Os armazens são construídos com a proteção desse arrecife. A maré sóbe entre as pontes e cêrca o quarteirão central. Do lado de terra ha uma consideravel extensão d'agua, tendo muito a apparencia de um lago, estreitando-se para Olinda, onde alcança as ruas do lugar, facilitando as communicações entre as duas cidades. A vista dessas casas, que olham as aguas, é longa e linda. As margens oppositas são cobertas de arvores, de casinhas brancas, entre campos e altos coqueiros.

O primeiro bairro da cidade é composto de casas de tijolos, com tres, quatro e mesmo cinco andares. Estreitas, em sua maioria, as ruas, as mais velhas moradas, nas ruas menores, não têm sinão um andar. Um grande numero possui apenas o terreo. Todas as ruas deste bairro, exceção de uma apenas, são calçadas. Na praça encontram-se a Alfandega, num dos angulos, edificio longo, mesquinho e baixo; o predio da Inspeção do Açucar nada tem de notavel, uma grande Igreja inacabada, um café onde os negociantes se reúnem para seus tratos, e as casas particulares. Ha duas igrejas, uma construída no caminho empedrado que leva a Olinda, junto a qual officiais da Guarda estão estacionados; a outra igreja pertence aos padres da Congregação da Madre de Deus. Junto a porta do caminho acima mencionado existe um pequeno Forte, erguido á margem d'agua, defendendo a entrada (5). Ao norte fica a residencia do Almirante Comandante do Porto, com os estaleiros dependentes. São pequenos, e o trabalho executado é insignificante. O

Mercado do Algodão, armazens e as prensas, estão nesta parte da cidade (6).

A ponte que leva a S. Antonio tem uma estrada empedrada nas extremidades. Em cada ponta ha uma capelinha. Na do norte ha um piquête de seis a oito homens, comandados por um sargento. A ponte é formada parte de arcos de pedra, parte de madeira. E' perfeitamente horizontal e ladeada de pequenas lojas que a tornam tão estreita que dois carros não passam um perto do outro (7).

S. Antonio, o bairro central, é composto inteiramente de casas altas e de ruas largas, e se estes edificios tivessem alguma beleza haveria um certo ar de grandeza, mas são muito altos para sua largura e a parte terrea serve para lojas, armazens, oficinas, cocheiras e outros usos semelhantes. As lojas não têm janelas. Recebem luz unicamente pela porta. Existe diferenças minimas na distinção do comercio. Todas as mercadorias são vendidas pela mesma pessôa. Algumas das ruas menores têm casas mesquinhas e baixas. Aí estão o Palacio do Governador, outrôra convento dos Jesuitas, a Tesouraria, a Casa da Camara e prisão, as casernas, que são pessimas, os conventos dos Franciscanos, Carmelitas e Penha, varias igrejas, com interior ornamentado mas sem nenhuma graça architectonica. Compreende muitas praças e ha uma certa impressão de vivêza e de alegria. E' o principal bairro da cidade.

A ponte que liga S. Antonio á Bôa Vista é construida inteiramente de madeira. Não tem as lojas mas é igualmente estreita. A rua principal de Bôa Vista, erguida em terreno antigamente batido no preamar, é formosa e larga. O restante desse terceiro bairro consiste principalmente em casas pequenas e como estas não são muito proximas e ha bastante terreno, prolonga-se extre-

mamente. As ruas dessa parte da cidade e as de S. Antonio não são calçadas. Um longo dique foi edificado articulando o banco de areia e S. Antonio com a terra-firme em Afogados (8), ao sul e oeste de Bôa Vista. O rio Capibaribe, tão famoso na historia pernambucana, desagua num canal entre S. Antonio e Bôa Vista, depois de ter corrido numa certa distancia, aproximadamente a leste e oeste.

Algumas janelas das casas têm vidraças e balcões de ferro, mas a maioria não os possui e os balcões são cobertos de gelosias. Não se vêem mulheres além das escravas negras, o que dá um aspecto sombrio ás ruas. As mulheres portuguezas (9) e as brasileiras, e mesmo as mulatas de classe media, não chegam á porta de casa durante todo o dia. Ouvem a Missa pela madrugada, e não saem sinão em palanquins, ou a tarde, a pé, quando, occasionalmente, a familia faz um passeio.

O porto superior do Recife, chamado Mosqueiro, como já tenho dito, é formado por uma cadeia de rochas, correndo paralelamente á cidade e a uma pequena distancia. O porto inferior, para navios de 400 toneladas ou mais, chamado Poço, é muito perigoso, aberto para o mar, e a baía oposta é escarpada. Os grandes navios do Brasil, pertencentes aos negociantes da cidade, ficam aí durante mezes seguidos, amarrados com quatro cabos, dois á prôa e dois á pôpa. Se estas precauções não são prontamente tomadas, a entrada do porto do Mosqueiro será invadida, por ter o arrecife uma brecha, logo apôz o pequeno Forte, que se chama Picão (10). O porto tem duas entradas, uma das quais mais profunda que a outra. A maré não se eleva acima de cinco pés e meio.

A principal defesa da cidade está confiada aos fortes do Buraco (11) e do Brum, (12) ambos construídos de pedra e situados sobre o areial, frente ás duas entradas. Ha tambem o pequeno Forte do Bom Jesus, perto do cami-

nho empedrado e da Igreja do mesmo nome, e, sobre a ponta sueste do banco de areia de S. Antonio, está o grande forte de pedra de Cinco Pontas, assim chamado por ser de forma pentagonal. Dizem que todos estão desorganizados. Depois do que resumi, ver-se-á que o terreno sobre que a cidade se construiu é muito peculiarmente curioso, assim como a formação do porto.

A cidade é suprida d'agua transportada em canôas, de Olinda ou do rio Capibaribe, acima da influencia das marés. O transporte é em canôas proprias e embora sejam embarcações abertas, estão comumente imundas e raramente tratam de limpá-las. Os poços cavados no areial onde a cidade é situada fornecem apenas agua salôbra.

Os tres bairros da cidade contam, juntos, cerca de 25.000 habitantes ou mais, e cresce rapidamente. Novas casas são erguidas e por toda a parte vêem-se novos alicerces. A população consiste em brancos, mulatos e negros livres, e escravos de varios matizes.

Os recifes de rochas, nos quais venho falando, prolongam-se ao longo da costa entre Pernambuco e Maranhão, e nalguns pontos se aproximam das margens e, nestas partes, quasi todos são escarpados como no Recife, descobertos e a juzante, nas outras paragens, distanciados de terra, ficam ordinariamente submersos. Têm um grande numero de brechas pelas quais se estabelece comunicação com o mar.

Recife é lugar prospero, aumentando dia a dia em importancia e opulencia. A prosperidade gosada, em certa medida, pode ser attribuída ao character do seu Governador e Capitão General, Caetano Pinto de Miranda Montenegro (13), que governa a provincia nesses ultimos dez anos com firmeza sistematica e prudencia uniforme. Não tem feito inovações desnecessarias mas permite que os melhoramentos uteis sejam introduzidos. Ele

não tem, com zelo entusiastico e precipitado que ás vezes falha em sua finalidade, acolhido e animado todas as novidades apresentadas, mas tem dado sua adesão e consentimento a todas as propostas feitas por pessoas respeitaveis. Não interferindo nem intervindo nos negocios alheios ao Governo, garante-os uma vez estabelecidos. Falo dos regulamentos comerciais e melhoramentos na séde administrativa, e pequenos estabelecimentos pelo país. E' afavel, escutando as queixas de um camponez ou de um rico mercador, com a mesma paciencia. E' justo, e raramente exerce o poder que lhe foi conferido, de punir sem apêlo para o magistrado civil. E' preciso que o crime seja claro para que aja. Atúa com serenidade e por principio e, se é o destino do Brasil ficar nas mãos do Governo absoluto, será feliz em geral, comparando seu atual estado, se todos os dirigentes o semelhassem. Amo o lugar em que longamente residi e tenho a esperança de que esse Governador não seja removido, e que possa continuar a repartir sobre tão extensa região, os beneficios de uma administração indulgente e benevola.

Pernambuco, alusivamente á sua importancia politica e com referencia ao Governo Português, goza o terceiro (14) lugar entre as provincias do Brasil, mas, no ponto de vista comercial e em relação, á Grã Bretanha, creio não enganar-me dando-o em primeiro plano (15). Suas exportações principais são algodão e açúcar. O primeiro vai, em sua maioria para a Inglaterra e pode ser calculado em 80.000 ou 90.000 sacos, anualmente, pezando, em media, 160 libras o sacco. O segundo é quasi inteiramente embarcado para Lisbôa. Péles, nóz de côco, ipecacuanha e algumas outras drogas, são ocasionalmente exportadas, em quantidade insignificantes. Esses artigos são permutados por mercadorias manufacturadas, louças, cervejas e outras cousas necessarias aos povos civilizados, e tambem objetos de luxo, mas em pequena escála.

Dois ou tres navios saem anualmente para Gôa, na India, e o comercio de escravos com a costa d'Africa é consideravel. Cada ano chegam ao Recife muitos navios dos Estados Unidos, carregados de farinha, consumida em grandes quantidades, mobílias para casa de familias e outras especies de taboados. Levam, de retorno, açúcar, mel e aguardente.

Durante a ultima guerra entre os Estados Unidos e a Inglaterra (16), com a interrupção do trafego, a falta de farinha foi sensível no Recife, mas o suprimento veio do Rio Grande do Sul, a mais meridional das provincias do Brasil (17). A qualidade é bôa e, parece-nos, os navios costeiros continuarão a fazer o suprimento do mercado com esse artigo, não obstante o reatamento das communicações com a America do Norte.

NOTAS AO CAPITULO I

As notas originaes de Koster são assinaladas (K) e as do tradutor (C).

(1) ...*the town of St. Antonio do Recife*. Recife era Vila desde 3-Março-1710 e teve as honras de Cidade pela carta imperial de 5-Dezembro-1823, cumprida a 5-Fevereiro-1824. Vez por outra, pelo habito do predicamento, traduzo *town* por "cidade", que não o era quando Koster esteve no Recife. (C).

(2) Tenho usado esta ortografia da palavra *côco*, aplicada em inglês indiscriminadamente para a arvore e o *cacau*. É muito provavel, entretanto, que seja a palavra derivada do portugûes e pôde não ser considerado improprio distinguir as palavras desta forma. (K).

(3) Era o fortim do Bom Jesus no fim da rua do mesmo nome, primitivamente "dos Judens". Era construção da segunda metade do seculo XVII. Conheciam-no pela alcunha de "QUEBRA PRATOS" pelo dano que causava á vizinhança quando atirava, ensina Pereira da Costa. Foi arrasado a 9 de Maio de 1849, para dar lugar ás construções novas. (C).

(4) ...*as the Jangadas sailing about in all directions*. O registo de Koster é fiel e a embarcação em quasi nada se modificou. O nome é dravidico, Timul ou Tamul, dizendo-se *xangadam*. Pero Vaz de Caminha, primeiro a nota-las, comparou-as numa imagem infeliz, ás almadias. O tte. Alberto Vasconcelos ("*Vocabulario de Ictiologia e Pesca*". Recife. 1938) dá outros sinonimos, além do nhengatú que será *igapeba*, como Piperí, Burinha, Candandú, Catamará, Catre, Bote. A madeira empregada é o "Pau

de Jangada" *Apeiba tibourbou*. No nordeste do Brasil as denominações são: — jangada, paquôte e bôte, na ordem decrescente do tamanho, 8 a 9 4, 1/2 a 5 e 3 metros de longo, por 1,80, 1,30 e 80 centímetros de largo. Os páus se chamam, de fóra para dentro, bordos, membruras e meios. O pagaio dizem remo. A jangada é presa por um sistema de cavilhas, tudo em madeira. A equipagem é de dois, tres e quatro homens, Mestre, Proeiro, Bico de Prôa e Contra-Bico. Para maiores detalhes, inclusive de construção, ver meu artigo "*Jangada e Carro de Boi*", no "Jornal do Comercio", Rio da Janeiro, 23 de março de 1941. (C).

(5) Um irlandês e sua mulher ultimamente instalaram no Recife uma casa com esse proposito, 1815. (K).

(6) Não é ainda geralmente sabido que os sacos de algodão são comprimidos por meio de maquinas, para tamanho reduzido, e arredondados por cordas. Desta forma os navios podem transporta-los em quantidade maior. (K).

(7) Essa ponte, do Recife, Sete de Setembro e atualmente "Mauricio de Nassau", foi construída por este, em 1640, depois de contratada com o judeu Baltazar da Fonseca por 240 mil florins e abandonada pelo contratante por impossível. Na inauguração da ponte houve o episódio do "Boi voador", que rendeu 1.500 florins. No governo de Henrique Luiz Pereira Freire (1737-46), em 1743, o Governador reconstruiu a ponte e fez as duas ordens de cazinhas laterais que alugou e chegavam a dar um rendimento de 4.000\$ anuais. L. F. de Tollenare descreve-a elogiando, numa das "Notas Dominicæes" (17-Novembro-1816) embora os historiadores informem que as cazinhas caíram, matando algumas pessoas a 5 de Outubro de 1815. As cazinhas eram lojas. Tollnare escreve que "*A ponte que conduz de S. Antonio à Boa Vista serve de passeio durante as belas noites deste clima; é guarnecida de bancos; o panorama que dali se descortina é encantador.*" (p.26 e 28). As duas cap-las terminais eram os arcos de S. Antonio e da Conceição. Vinham da construção da ponte por João Mauricio de Nassau que os fizera para a cobrança do pedágio. Henrique Luiz Pereira Freire, em 1742-3 reerguera os dois, nas extremidades da ponte. A religiosidade local colocou imagens de S. Antonio, então padroeiro do Recife, e N. S. da Conceição, padroeira de Portugal. Foram ambos demolidos, sem justificativa logica, em 1913 e 1917, retirando da fisionomia cidadina elementos que recordavam aspectos curiosissimos do passado. (C).

(8) Não descobri vestígios do Forte que se encontrava aqui na época da guerra com a Holanda. (K). Barléu descreve-o "*No rio dos Afogados, existe o forte do Príncipe Guilherme, notavel pela altura das trincheiras, pela solidez, elegancia e forma quadrada, garantido, alem disso, por uma paliçada e um fosso. Guarda, com seis canhões de bronze, as estradas que levam ao sertão*" (trad. do prof. Claudio Brandão). Ha um desenho de Franz Post reproduzindo o Forte. Naasson Figueiredo estudou-o exhaustiva e brilhantemente, "*A Fortaleza Príncipe Guilherme ou dos Afogados*", rev. Instituto Arqueologico Pernambucano, vol. XXXI, p. 87. Recife. 1933. (C).

(9) Usei esta expressão exclusivamente falando, das européas desta Nação, e o nome "brasileiro" quando referir-me ás pessoas brancas, nascidas no Brasil. (K).

(10) O Forte do Picão fóra construído em 1614 pelo sargento-mór Francisco de Mesquita Frias, denominando-o "Lagem", Forte da Laje, Forte de S. Francisco da Barra, Castelo do Mar ou Forte do Picão. Foi demolido em 1910 quando das obras do porto do Recife. No Picão se erguera o primeiro farol em todo litoral brasileiro, acêso na noite de 1.º de Fevereiro de 1822. (C).

(11) Esse nome é o comumente usado mas creio não ser a denominação propria do Forte. (K). É trabalho holandês, concluído a 25 de Junho de

1631, teve o nome de Senhora Bruyne, *Madame de Bruyne, o Domina Brunonis*, de Barléu, que n'le fala: — "*acha-se a Torre ou Reduto, que se orgulha com o nome de Madama Bruyne. Essa torre é tambem circundada por sua cerca e protegida por dois canhões de bronze.*" A homenageada era mulher de Johannes de Bruyne, Presidente do Conselho Político. O Marquez de Basto, nas "Memorias Diarias" chama-o *Madame de Brum*. No "Inventario das Armas etc., deixados pelos Holandêses" (Recife, 1940, p. 15) está registado *Forte do Buraco*. Tambem diziam *Buraco de Santiago* e, em fins do seculo XVII, Forte de S. Antonio dos Coqueiros. S. Antonio era o orago da capelinha, do forte, hoje quasi totalmente desfeito. (C).

(12) O Forte do Brum, que cruzava seus fogos com o do Buraco, defendia a entrada da barra, protegendo os ancoradouros do Poço e do Mosqueiro. Inicialmente era um fortim, de Diogo Paes, seu construtor, em 1629. Os Holandêses reconstruíram-no inteiramente, batizando-o *Forte de Bruyne*, em honra de Johannes de Bruyne, Presidente do Conselho Político. De Bruyne veio o português Brum, que resistiu ao tempo. Durante muitos anos era a melhor fortaleza do Recife. Abandonado e meio arruinado, mereceu recentemente uns trabalhos de conservação. Ver o interessante trabalho do comte, Carlos Miguiz Garrido, "*Fortificações do Brasil*", in "Subsidios para a Historia Marítima do Brasil", vol. III, Rio, 1940, p. 347, referente á Fortaleza de S. João Batista do Brum. (C).

(13) CAETANO PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO nasceu em Lamego, Portugal, a 16-IX-1748, doutorando-se em Direito na Universidade de Coimbra. Governou Mato-Grosso, 1797-1803, e Pernambuco, de 1804 a 1817, quando foi preso e enviado ao Rio de Janeiro pela revolução de 6 de Março que sua tolerancia permitira a eclosão. O decreto real de 2-III-1821 dispensou-o do *processo que deveria correr pelos successos de Pernambuco*, reintegrando-o no lugar de Conselheiro da Fazenda de Capa e Espada, Juiz da Alfandega da Côte em 1822. Presidente da Casa do Desembargo do Paço em 1823, Ministro da Justiça e Fazenda em 1822, e da Justiça em 1823, Senador do Imperio pela Provincia do Mato Grosso em 1826, aposentou-se, pauperrimo, tendo o Imperador D. Pedro I.º mandado pagar suas dividas. Barão, Visconde e Marquez da Vila Real da Praia Grande (decretos de 12-X-1824, 12-X-1825 e 12-X-1826), faleceu no Rio de Janeiro a 11 de Janeiro de 1827. Tollenare considerava-o "homem de lei, amigo da paz, infelizmente imprevidente, sem caracter nem energia". Charles Waterton, que visitou Recife em 1816, informava que "O Capitão General de Pernambuco percorre as suas ruas com a aparente gravidade e compostura com que um estadista inglês desce Charing-Cross." (C).

(14) Não estou bem certo se é o terceiro ou quarto lugar. (K).

(15) Sai de Pernambuco com o ultimo comboio de 1815, antes da paz com os Estados Unidos. Constava de vinte e oito navios, a saber: dois navios de guerra, com duas prêzas, e vinte e quatro navios mercantes, quatorze eram de Pernambuco e os dez restantes do Rio de Janeiro e Baía. (K).

(16) Ultimamente foi publicado no Rio de Janeiro um edito do Regente declarando-se Príncipe Regente do Reino Unido de Portugal, Brasil e dos Dois Algarves, 1816. (K). É a Carta-de-Lei de 16-XII-1815 elevando o Brasil á *dignidade, preeminencia, e denominação de Reino do Brasil*. O titulo aludido por Koster está no art. III: — "*Príncipe Regente do Reino Unido de Portugal, e do Brasil e Algarves.*" (C).

(17) Vi, no ano de 1814, um belo pé de trigo, que fizera vir de Campina Grande, na provincia da Paraíba, cerca de trinta leguas ao norte do Recife. (K).

CAPITULO II

VISITA AO GOVERNADOR. CLIMA. PASSEIOS NA REGIÃO. CAPIBARIBE. OLINDA. QUINTA FEIRA SANTA. SEXTA FEIRA SANTA. DOMINGO DE PASCOA. PROFISSÃO DE UM FRADE EM IGARASSÚ. DIA DE S. PEDRO. VISITA A UMA FAMILIA BRASILEIRA. OUTRA VISITA. SOCIEDADE BRASILEIRA. COSTUMES BRASILEIROS.

Os numerosos arranjos necessarios á nossa instalação impediram que fizesse imediatamente a visita protocolar ao Governador. Na manhã seguinte fui ao palacio, situado numa pequena praça, com a casa da Guarda ao lado, onde estaciona um capitão. Anunciado, subi e esperci algum tempo numa antecamara, com numerosos cadêtes e em seguida fomos recebidos. Passamos ao gabinete do Secretario e mandaram-me entrar para um espaçoso salão onde o Governador nos aguardava. E' uma grande e excelente pessoa, com todas as maneiras de um gentilhomem. Sentamo-nos todos e fez-me varias perguntas sobre assuntos da Europa. Levára comigo uns jornais ingleses e os deixei com ele. No fim de uma meia-hora nos retiramos. Os poucos primeiros dias depois de minha chegada, ocupei-os em entregar as cartas de recomendação. Breve, relacionei-me com todos os negociantes ingleses. Viviam de modo digno e muito têm feito de bem, estabelecendo alguns habitos que os portuguezes tiveram o senso de adotar sem que renunciassem, ao mesmo tempo, os seus, mais convenientes ao país e ao clima.

Como tivesse chegado durante o verão, um grande numero de moradores estava fóra da cidade, habitando em

pequenas casas em Olinda e nas margens dos rios, para gozar o ar puro e o divertimento e conforto dos banhos, durante os meses mais sujeitos ao calor da estação ardente. De certo modo, raramente o calor é opressivo. A brisa do mar, durante todo ano, começa pelas nove horas da manhã e continúa até meia noite. Quando nos expomos, ainda mesmo de pé, ao sol, o calor é atenuado pela influencia das brisas, tanto que a pessoa esquece, por alguns momentos, que a sombra é refrigerante. Quando cessam as brisas do mar, o terral começa e continúa até manhã cedo. Uma meia hora, pela manhã, entre uma e outra, é o mais desagradavel momento do dia.

Na estação invernosa, justamente antes do inicio de um pezado chuva, as nuvens são muito escuras, densas e baixas. A brisa desaparece. E' uma calma expectante na temperatura sufocadora.

Uma manhã, a cavallo, com varios rapazes, fui a um logarejo dos arredores com o proposito de entregar uma carta a um dos mais ricos mercadores. Passamos Bôa Vista e seguimos por um apertado caminho arenoso, feito pelo passar e repassar do transito. Dos lados estão as numerosas residencias de verão dos abastados habitantes da cidade. São pequenas, asseadas e brancas casinhas de andar terreo, com jardins na porta e dos flancos, plantados de laranjeiras, limões, romãs e muitas outras especies de arvores de fruto. Poucas são cercadas parcialmente por muros baixos, mas a maioria é defendida por cercas de páus.

Em meio caminho, fomos pelas margens do Capibaribe. A vista é excessivamente encantadora, casas, arvores, jardins de cada banda. O rio faz a curva deante e parece perder-se no meio da mata. As canôas indo docemente descem com a maré, ou penosamente forcejam seu caminho contra a corrente, e tudo reunido forma um espectáculo delicioso. O rio é aqui mais estreito que o Tamisa

em Richmond. Ao lado da estrada, neste ponto, estão varias negras vendendo laranjas e outras frutas e bôlos aos canoeiros, com seus compridos varapaus que, incapazes de perder tempo, compram e vendem provisões. Era a primeira vez que deixava a cidade e fiquei verdadeiramente agradado desse aspecto do país, do qual me tornára habitante. Deixamos o rio, continuando pela estrada sempre bordada de casinhas, de melhor ou peor apparencia, até um pequenino vilarêjo que atravessamos, chegando ao fim da nossa jornada. A situação é muito pitoresca, na margem norte do Capibaribe, ao pé de uma colina, coberta de vegetação.

Chegando a casa fomos pelo caminho até a sala de entrada, pavimentada de tijôlos, com grandes portas e janelas abertas, deixando ver toda parte da frontaria. Fomos recebidos pela dona da casa, e seu espôso appareceu logo apôz. Foram excessivamente gentis e mandaram servir doces.

Nossas selas inglêsas causavam tanta surpresa aos pernambucanos quanto as dos portuguezes nos pareciam estranhas. São altas, deante e atraz, o que obriga o cavaleiro a uma posição hirta, e a moda é ser o mais rigido e ter, perpendicularmente, uma chibata de imenso comprimento. Os cavalos são disciplinados na marcha e no delicioso trote, e alguns, nesse passo, podem alcançar grande rapidez.

O rio Capibaribe é navegavel todo ano até Apipucos, a meia legua alem do Monteiro (1), o vilarejo onde meu novo companheiro tinha sua residência recente. O rio transborda para suas margens na estação das chuvas e, ás vezes, com grande violencia. As terras, atravez das quais ele passa, são extremamente baixas nessa região, e a inundaçào é muito temida por estender-se longe e largamente. As choupanas de palha, situadas nas bordas,

são sempre carregadas e todos os arredores ficam debaixo d'água. As canoas são muito populares, bordejando entre este povoado e os do Poço da Panela e Casa Forte.

Um amigo português, com quem me ligara na Inglaterra, alugou uma casa na primeira dessas duas povoações. Concordei em pagar minhas despezas e imediatamente mudei-me para ali, passando os mezes de verão. O lugar ficou inteiramente cheio, sem ter mais casas para alugar, e como ocorre na Inglaterra com as estações d'água, as famílias cujas residencias na cidade são amplas e agradáveis, não olham inconvenientes e vêm residir, durante o verão, nessas pequenas casas.

O Poço da Panela possui uma Capela, construída por subscrição, uma fila de casas alinhadas paralelamente ao rio, tendo muitos casebres de lavadeiras em frente, e outras residencias esparsas em todas as direções (2).

Aqui as maneiras cerimoniaes da cidade são esquecidas e as substituem um ambiente cordial de liberdade. Nossas manhãs passam indo-se a cavallo ao Recife ou a outros lugares da vizinhança ou ainda na conversação nas residencias das famílias que conheciamos. À hora da sesta ou a tarde, dança-se, faz-se musica, joga-se prendas, janta-se com algum commerciante inglês, cujo reduzido numero abandonou igualmente a cidade e reside aqui ou nas circumvisinhanças. Em varias casas portuguezas encontro mezas de jogo de baralho, occupadas desde as nove horas da manhã. Quando uma pessoa se levanta, outra toma o lugar, e assim estão sempre repletas, excepto durante o calor do dia, quando cada um retorna para jantar em seu lar ou, o que é menos frequente, é convidado para ficar e tomar parte na refeição familiar.

No ultimo dia deste ano (31-12-1809) fui convidado a visitar Olinda e poder assistir a festa de Nossa Senhora do Monte (3). A cidade, como já observei, é situada

no cimo de uma colina muito íngreme para o lado do mar e em declive gradual para a parte da terra. A primeira impressão quando se chega pelo mar é tão bonita que se experimenta um certo desapontamento, conhecendo-a de perto. Todavia possui Olinda grandes belezas e a vista é magnífica. As ruas são calçadas mas sem conservação. Muitas casas são pequenas, baixas e negligenciadas. Os jardins, pouco cultivados. Deixam essa cidade para residir no Recife. Um dos Regimentos de Linha aquartelava aqui (4). É a residência do Bispo e a sede da Côrte ecclesiastica, do Seminario, que é um collegio publico de educação, alguns conventos e belas igrejas. Embora não tenha um ar de abandono, o aspecto geral é de tranquillidade, regularidade, com um certo grau de desolação.

A vista ao sul alcança até um lago com umas tres milhas de largura, coberta de ervas e gramas, e as ribas opostas, cheias de vegetação densa, e de casinhas; daí se vê o Recife, com a baía posterior formada pela entrada da maré, estendendo-se a Olinda, oculta parcialmente pelos mangues espessos e rasteiros.

Olinda ocupa muito terreno mas conta somente 4000 habitantes. Nessa epoca a cidade apresenta cenas de alvoroço e distração. A igreja, especialmente decorada para esse momento, está collocada no ponto mais alto da cidade. A affluencia de fieis era vultosa. A igreja estava completamente illuminada, e algumas pessoas, de ambos os sexos, oravam ajoelhadas, promiscuamente, pela nave. A cerimonia, porem, findára.

É um tempo de agitação e de alegria, e tivemos igualmente a nossa festa em Poço da Panela. Essas festas são sempre precedidas por nove noites com cantos de hinos e musica, em honra da Virgem ou do Santo cujo dia lhe é dedicado. A orquestra dessa novena consistia num piano, tocado pela senhora de um negociante, numa

viola (5) e alguns instrumentos de sopro, tocados por pessoas respeitáveis. A música vocal foi executada pelas mesmas pessoas, auxiliadas por alguns mulatos, escravos da senhora. Fiquei um tanto surpreendido pelo tom de dansas e de marchas fortuitamente introduzido nessas composições. No dia da festa vieram músicos profissionais, e a noite queimaram um fogo-de-vista. Todas as casas do lugarejo ficaram nesse dia cheias de povo, vindo de toda a parte.

Meu amigo e eu tivemos muitas pessoas para jantar mas, antes que a refeição terminasse, outros *amigos* surgiram e sem a menor cerimonia entraram e se puzeram á meza. Depressa toda ideia de ordem se evaporou, substituída pela balburdia. Logo depois deixamos nossa casa por uma recepção alem. Era a mesma confusão. Fomos convidados para um baile onde se encontrava o Governador. Embora ele proprio e os demais desejassem pôr toda a gente á vontade, a ideia da linhagem e da proeminencia, porque não sei como chame, é de tal força que todos ficaram contrafeitos e a conversação se fazia em murmurios.

Não perdi festa alguma e, entre outras, fui a de S. Amaro, curador de ulceras, em cuja Capela vendem pedacinhos de fitas, como amulêtos e muitos homens do povo as amarravam ao tornozêlo ou no pulso, usando-as até que se desfizessem.

No começo do Jejum (6) os lugarejos ficam inteiramente desertos porque os brancos voltam para a cidade, para assistir as procissões, como é costume nos países catolicos. As chuvas cáem comumente pelo fim de março. Não deixei Poço da Panela sinão no ultimo extremo. Finalmente estava demasiado triste e seguí os demais.

Na Quinta-Feira Santa, acompanhado por dois patricios, saí pelas tres horas para ver as igrejas que, são

nessa época, bem iluminadas e perfeitamente ornamentadas. Toda a cidade estava em movimento. As mulheres todas, da alta e baixa sociedade, enchiam as ruas pelas tardes, a pé. contrariamente ao uso local. Muitas estavam vestidas de sêdas de varias côres e cobertas de correntes de ouro e outras bugigangas, e em geral expunham tudo que de mais fino tinham podido reunir. O numero de cirios acêsos, clareando as igrejas, era prodigioso. O fim ambicionado era impressionar pela quantidade de luzes, pondo-se, em varios lugares, espelhos por detraz das velas. Nessa igreja o meio da nave é completamente aberto. Não ha bancos nem distinção de lugares. A capela-principal é, invariavelmente, na extremidade oposta á porta de entrada. Sai do corpo da igreja e é estreita. Essa parte, destinada aos padres officiantes, é separada da nave por uma balaustrada. As mulheres ao entrar, sejam brancas ou de côr, ficam junto a essa grade, sentando-se no chão, no grande espaço aberto no centro. Os homens se postam de pé, em cada lado da nave, ou ficam perto da entrada, detraz das mulheres que, seja qual fôr sua posição ou côr, devem ser as primeiras acomodadas.

No dia seguinte, Sexta Feira Santa, a decoração das igrejas, o traje das mulheres e mesmo as maneiras dos dois sexos, mudaram. Tudo estava sombrío. Pela manhã, com os mesmos companheiros, sai para assistir na Igreja do Sacramento a representação na descida da cruz do Nosso Salvador. Penetrei na igreja pela porta principal, muito comprimido porque era grande a dificuldade de entrar. Uma enorme cortina, suspensa do cimo, tomava toda a visão da capela-mór. Um missionario italiano, frade do convento da Penha, com comprida barba e vestido de habito de grossa fazenda escura, estava no pulpito e pronto para começar o improvisado e longo sermão. Apoz largo exórdio, adaptado ao dia, gritou: "vêde-o!" A cortina caiu imediatamente, deixando ver uma cruz

enorme, com uma imagem de madeira do Salvador, bem esculpida e pintada, rodeada de anjos, de tamanho natural, representados por jovens, finamente vestidas, cada uma com grandes azas de gase.

Um homem, de cabeleira curta e tunica verde, era S. João, e uma mulher, de joelhos ao pé da Cruz, era Madalena. Informaram-me que, para manter o carater, os costumes da mulher não eram muito puros. O frade continuou, com dobrada veemencia e gestos, a narrativa da crucificação, e no final d'alguns momentos, bradou: "Vêde-o! Vão desce-lo!" Quatro homens então, vestidos como os soldados romanos, avançaram. Seus rostos estavam meio-cobertos por um crepe negro. Dois deles subiram pelas escadas postas ao lado da cruz, e um retirou a placa com as letras I. N. R. I. Depois arrancou a corôa de espinhos e pôz sobre a fronte do Cristo linho branco, apertando-a fortemente e pouco depois o tirou, mostrando ao publico a mancha sangrenta e circular da impressão da corôa. Feito, puxam, com tenazes, os pregos que seguravam as mãos, o que provocou violentas batidas nos peitos por todas as mulheres presentes. Uma longa tira de linho alvo foi passada sob os braços da imagem. Tiraram os pregos que prendiam os pés, e o corpo desceu docemente e foi envolvido em brancos lençóis. Tudo se fizêra rapidamente sob o comando da palavra do pregador. Concluído o sermão, deixamos a igreja. Ficara completamente assombrado. Pensei que haveria de ser algo de surpreendente mas nunca tive a idea de que levariam tão longe a representação.

No sabado, pela manhã, fomos saudados pelos mugidos dos bois, grunhido de porcos e grito das escravas negras, com cestos de galinhas e muitas cousas para vender. Tudo devia ser devorado depois do meio-dia e grande numero de familias, fatigadas da longa abstinencia,

aguardava com impaciencia o toque dos sinos, como sinal de começar as operações hostis, sem piedade e escrupulo, contra perús, porcos, etc., e todo o restante dessas miseraveis tribos, fadadas a vitimas indefesas da nossa natureza carnivora.

Domingo de Pascoa fui convidado por um medico para jantar com ele e comparecer ao batismo de dois de seus netos. Os convidados eram poucos. Os pratos eram servidos de dois em dois, em numero de dez ou doze, e de todos fui obrigado a servir-me. Saindo da mesa, fomos para a igreja pelas quatro horas, onde muitas pessoas, igualmente convidadas, esperavam. A cerimonia foi realizada por um frade e cada um de nós, tendo uma vela na mão, formavamos um semi-circulo junto ao altar. Findo o que, voltamos para cear na casa do velho gentilhomem. Encontrei aí, entre outros do mesmo convento, o frade que pregara o sermão da Crucificação. Os frades desse convento são todos missionarios e italianos, e como não os reforçam ha muito tempo, mandando outros da Europa, são poucos. Uma longa mesa foi posta e carregada de vitualhas. Muitas senhoras estavam presentes. Bebeu-se quantidades enormes de vinho, o tumulto começou e as senhoras não se moveram. Por fim não havia ordem; as garrafas e copos foram derrubados e quebrados no arrebatamento dos brindes levantados pela prosperidade de todos os membros da familia, fossem velhos ou moços. No meio disso, escapei-me pelas nove horas, acompanhado por um frade franciscano. Tinhamos uma viagem em projeto para o dia seguinte, e era bem oportuno sair. As reuniões dessa especie não são frequentes e, em geral o povo vive de maneira muito tranquillã.

O velho doutor é natural de Lisbôa e grande amigo dos inglêses. Era jovem no tempo do grande terremoto (7) e diz não esquecer jamais ter sido, em parte,

abrigado pelos tecidos enviados pelo governo britânico aos portugueses, após essa espantosa calamidade.

Ao começo da tarde seguinte, o frade, eu e um criado, fomos a Igarassú (8), uma pequena villa a sete leguas do Recife, no propósito de assistir a profissão de um noviço na Ordem de S. Francisco. Chegamos ás nove horas da noite ás portas do convento. O frade tocou tres vezes o sino, sinal de chegada de um irmão da Ordem. Um irmão leigo veio e perguntou quem pedia para entrar. Foi-lhe respondido ser o irmão José, do convento do Recife, acompanhado por um amigo. O porteiro fechou a porta mas voltou dizendo que o Guardião, nome dado ao principal nos conventos franciscanos, permitia o ingresso. Fomos introduzidos rapidamente num longo corredor no fim do qual estava o Guardião, a quem fomos apresentados. Ordenou que um irmão fosse cuidar do agasalho para os visitantes. Esse homem nos colocou sob especial cuidado de Frei Luiz, que nos levou á sua cela. A seguir foi servida a ceia, quando o Guardião chegou e ajudou a oferecer o vinho, com muitas desculpas pela inaptidão do seu cozinheiro e a falta de ingredientes pela distancia do Recife.

Os conventos de S. Francisco são todos construídos exatamente segundo um plano identico: têm a forma de um quadrangulo, sendo um lado dedicado á Igreja e os outros tres restantes para celas e demais usos, as celas em primeiro lugar. Entra-se por uma galeria que volteia o edificio. Os leitos que os frades usam são duros mas aceitei-os depois da nossa jornada.

A cerimonia da manhã seguinte, presentemente muito rara, reuniu grande numero de pessoas, vindas de todos os arredores. Antigamente em todas as familias o mais moço dos filhos era frade. Hoje já não é comum. As creanças são educadas para o commercio, para o Exercito

ou outra profissão, melhor que a vida monastica que decái rapidamente de sua reputação. Nenhum convento está completo e alguns estão sem habitantes (9).

Na manhã seguinte, cedo, a igreja ficou toda iluminada e, cerca das dez horas, chegou a familia de quem faria os votos, e tomou lugar, preparado anteriormente. Houve missa e pregaram o sermão. Às onze horas o noviço, rapaz de dezesseis anos de idade, entrou pela porta principal da capela, entre dois irmãos, com uma grande cruz nas mãos e vestido de um longo habito azul. Houve então muitos canticos, depois dos quais, ajoelhou-se deante do Guardião, recebendo a admoestação ritual e arguido em varias questões relativas a doutrina da Igreja e fez, separadamente, os votos de defender sua Religião, celibato e outros de importancia menor. O Guardião vestiu-o, á seguir, com o habito da Ordem, de um tecido cinzento escuro, que estava estendido em frente do altar e coberto de flores. Terminada a cerimonia, o jovem frade abraçou os irmãos presentes, despedindo-se dos amigos e deixou a Igreja...

Muitos frades riram durante a cerimonia, especialmente quando o Guardião por acaso disse ao rapaz que estava muito desconcertado: "Irmão, não tenha vergonha!" Um visitante que estava perto de mim, na galeria, onde abriam janelas para a nave, disse em voz baixa, para que fosse apenas ouvido pelos mais proximos: "Vejam... O vosso proprio chefe aconselha que deveis pôr a vergonha de parte e, desgraçadamente, todos vós sois inclinadissimos para cumprir a ordem..." Os frades que puderam ouvir riram todos.

Grande parte da comunidade e varias pessoas jantaram com o pai do jovem frade e estive igualmente. Comeu-se e bebeu-se demasiadamente, com muita confusão. A' noite queimaram fogos-de-artificio, terminados por um

transparente que representava um noviço recebendo a bênção do seu Guardião.

Resolveu-se que regressariamos ao Recife nessa mesma noite. Ao nascer da lua nos puzemos a caminho. O grupo consistia em cinco frades, muitos leigos, á cavallo, entre os quais se encontravam algumas senhoras em palanquins e os negros portadores. Partimos a meia-noite. A lua estava brilhante e o ceu perfeitamente claro. A cena era estranha. A estrada fazia curvas bruscas, mostrando aos que se adiantavam, no volver de olhos, o sequito, todo inteiro ou parcialmente escondido pelo arvorêdo. Os frades formavam um bando bem extraordinario, com suas tunicas dobradas na cintura e presas pela longa corda de flagelação, e seus imensos chapéus brancos. Varios, entre eles, ficaram em Olinda e outros chegaram ao Recife ás sete horas da manhã.

A 10 de Maio tive um subito ataque de febre, acompanhado de delirio mas, com a assistencia de um medico, a molestia durou apenas quarenta e oito horas. Fiquei muito fraco e será necessario algum tempo para restaurar as forças. Essas febres são muito conhecidas no país mas não são comuns. São em geral precedidas de calefrios. Creio que sofri seu ataque por ter deixado aberta a janela do meu quarto que dá para o oeste e a brisa que sopra a meia-noite não é considerada como saudavel. Um rapaz inglês insistiu para levar-me á sua casa. Só me podia mover pelas mãos dos creados. Trouxe um palanquim e conduziu-me para sua companhia. Em sua residencia recobrei a saúde, ficando inteiramente restabelecido, sendo tratado com tanto carinho que só era possivel esperar dos mais intimos e queridos amigos.

Jantar com um amigo no Dia de S. Pedro. 29 de Junho, e a tarde propuz irmos a passeio até a igreja dedicada a este Santo (10). Como é habito, o clarão das

luzes era intenso, numerosa a assistencia e todo conjunto verdadeiramente brilhante. Depois da cerimonia reconheci um grupo de senhoras com quem tinha relações e uma destas pediu-me para procurar seu filho, um jovem sacerdote. Perguntando por ele, subi até uma sala ampla, por traz da sacristia, onde estavam muitos padres e uma grande meza cheia de refrescos de toda qualidade. O rapaz chamou-me, assim como varios outros, convidando-me a participar da colação mas recusei, desejoso de reunir-me ao grupo que deixara, mas os padres acompanharam-me, persuadindo as senhoras para subir e tomar parte naquellas boas cousas. Convidado tambem para voltar, aceitei. Foram servidas grandes quantidades de frutos, bolos, doces e vinhos. Fomos tratados com delicada atenção por esses ministros da Religião Catolica Romana (11). Maior polidez não podia ter sido demonstrada e nenhuma pessoa, algumas das quais não tinhamos conhecimento anterior, ofereceram-nos vinho e pediram para que nos fossem apresentadas. Menciono mais particularmente a conduta desses homens, pois julgo demonstrar com isso um elevado indice de gentileza e uma intenção amistosa, e mais especialmente porque estavam tambem presentes varios civís da mesma nacionalidade. Às dez horas saímos da igreja e, seguindo uma familia, tomamos parte numa recreação, voltando muito tarde para casa. Fomos convidados para passar o proximo domingo com essa familia, que se constitue pelo pai, mãe, filho e filha, todos brasileiros e, embora a moça jamais tivesse deixado Pernambuco, suas maneiras eram desembaraçadas, tendo conversação viva e sedutora.

Sua tez não era mais morena que as portuguezas em geral; seus olhos e cabelos negros, suas feições, eram agradaveis. Era pequena mas muito graciosa. Embora tenha visto outras moças bonitas, esta poderá ser indicada como o tipo branco da mulher brasileira, mas é entre as mulheres de côr que se pode fixar as mais belas, com

mais vida e espirito, maior atividade de espirito e de corpo, mais adaptadas ao clima. Os mestiços parecem ser os verdadeiros habitantes do país. As feições são frequentemente boas, e a côr, mesmo quando é desagradavel nos climas europeus, não parece mal nesse ambiente, mas o padrão da ideia de beleza, segundo as convenções da Europa, os mais lindos especimens de forma humana, tenho-os visto entre as mulatas.

Encontramos a familia prestes a servir-se do seu almoço, café e bolos. Depois jogou-se o gamão e cartas até horas do jantar, ás duas da tarde. Esse consistia em um grande numero de pratos, postos á meza sem a menor simetria e cuidado quanto a regularidade do serviço. Surpreenderam-me, como era de esperar, as expansões afetuosas dos convivas, pondo no meu prato pedaços de carne que retiravam dos seus. Notei esse habito repetidas vezes, particularmente entre as familias do interior e, esta de que falo, está no Recife ha muito pouco tempo, mas, a maioria do povo da cidade tem outras ideias a respeito desse assunto. Somente duas ou tres facas estavam na meza, obrigando cada pessoa a cortar o alimento em pedacinhos e passar a faca ao visinho. Havia, entretanto, abundancia de garfos de prata e grande quantidade de pratos. O alho era um dos ingredientes de cada prato e eu tomei grande porção de vinho durante a refeição.

Terminado o jantar, toda gente se ergueu e passamos á outra sala. Ás oito horas numerosa sociedade se reuniu para o chá e não partimos sinão muito tarde. Chegando a casa, meu amigo e eu, comentamos os episodios do dia, inteiramente passado com uma familia brasileira, onde nos tinhamos divertido e tudo nos agradara, salvo o negocio na meza de jantar. A conversação era frivola mas interessante, com muita finura e graça. As senhoras

da casa, com muitas outras, conversaram, durante a tarde, e não houve assunto que não fosse comentado.

Pode ser observado, depois do que escrevi e tenho feito menção, que não é possível julgar a sociedade por uma mesma regra. Famílias de igual posição, importância e riqueza, tem maneiras inteiramente diversas. O facto é que a sociedade sofreu uma transformação rápida. Não que o povo imitasse os hábitos europeus embora esses tivessem influencia, mas á proporção que a prosperidade aumenta, maior luxo é exigido; quando a educação se aperfeiçoa, os divertimentos são mais polidos e altos, e, alargando-se o espirito, pelas leituras, muitos costumes tomam forma diversa. As mesmas pessoas vão insensivelmente mudando e já olham com ridiculo e desgosto, em poucos anos, os hábitos que as haviam subjogado longamente.

No Dia-de-Sant'Ana, 29 de Julho, dois rapazes ingêses e eu fomos, por convites, á casa de uma das principais personagens de Pernambuco, funcionario publico e plantador, possuindo tres engenhos em partes diversas dessa região. Pelas dez horas da manhã embarcamos numa canôa e, a vara e a remo, atravessamos a baia, perto de um lado da cidade. Em nossa chegada á margem oposta a maré vazava e havia lama Tremendo de medo pelas nossas roupas de sêda, dois de nós montamos num dos canoeiros e este, com alguma dificuldade, nos depoz, a salvo, na terra enxuta. Mas o terceiro, o mais gôrdo, por alguns minutos vacilou se o regresso á casa não seria a melhor solução. Finalmente tomou coragem e foi, semelhantemente, conduzido com felicidade atravez da zona perigosa. Fomos a pé á casa que ocupa muito terreno, tendo salas espaçosas, todas terreas. O jardim fôra feito pelo pai do proprietario, no velho estilo das aleas direitas, arvores podadas de formas diversas.

Um grande grupo já estava reunido. Era o dia do aniversário de nascimento de um dos anfitriões. As senhoras estavam numa sala e os homens noutra. O baralho e o gamão eram as distrações usuais mas a palestra não era desembaraçada e viva.

No jantar as senhoras ficaram de um lado e os homens no canto oposto. Houve profusão de iguarias e se bebeu muito vinho. Alguns homens que gozavam de intimidade, não se sentaram á meza mas se puzeram a servir ás damas. Depois do jantar, todos os convidados passaram a um amplo salão. A sugestão de um baile foi feita e aceita. Vieram rebecas e, desde as sete horas, cerca de vinte pares começaram e continuaram seu entretenimento até depois das duas da madrugada.

Aqui fomos tratados pela manhã com o cerimonial do seculo passado e, á tarde com a transbordante alegria de uma festa inglêsa nos nossos dias. Em parte alguma seria possivel maior prazer. A conversação a tempo renovada, era sempre descerimoniosa e gentil. Conheci aí varias pessoas excelentemente educadas, cujas relações cultivei durante minha permanencia no país.

A estação fôra pouco chuvosa e podemos continuar os passeios a cavalo nos campos das cercanias, até sete ou oito milhas, mas nunca ultrapassamos as residencias de verão dos moradores do Recife.

As povoações são muito tristes nessa estação e habitadas quasi exclusivamente por negros e gente de côr. Como amo o campo, fui tentado pela beleza do tempo a habitar uma cazinha nos arredores, onde o tempo corria aprazivel, embora tranquilo e sem surpresas. Havia um pequeno povoado, chamado Casa-Forte a pouca distancia de minha cabana. Houve aí plantações de cana de açúcar mas deixaram decair e de sua passada posição resta apenas a capela.

A casa-grande dessa propriedade dizem ter sido vigorosamente defendida pelos Holandêses contra os Portugêses, que a incendiaram para obriga-los a rendição. Um grande trecho de terra inculta é apontado como o local onde esses sucessos se passaram. É distante do Recife cerca de cinco milhas e o rio Capibaribe corre a tres quartos de milhas. Encontrei poucos moradores que tivessem algum conhecimento da guerra pernambucana contra os Holandeses, mas este local é mais citado que qualquer outro. (12) Possivelmente se eu conhecesse outros distritos do sul de Pernambuco encontraria maiores recordações dessa guerra.

Ofereceram-me levar até outra familia brasileira e aceitei. A 7 de Agosto, um meu amigo veio buscar-me para acompanhá-lo a Olinda. Quem é convidado, tem direito a levar um companheiro. Fomos de canôa e ficamos completamente molhados durante a viagem, mas, passeando pelas ruas de Olinda, conseguimos secar as roupas. A familia era composta por uma velha senhora, duas filhas e um filho, padre e professor ou mestre no Seminario. Muitas pessôas, do mesmo nivel social, estavam presentes, tendo maneiras avisadas e gentis. Alguns convidados sugeriram a dansa e, não obstante outros não tomarem parte nesses divertimentos, tinham prazer em ver a distração alheia. Dansamos ao som do piano, tocado por um dos professores, com tal bom humor que só se deteve quando os proprios dansarinos lhe pediram para parar. Pela meia-noite deixamos essa agradável gente e voltamos á praia. A maré estava baixa e a canôa á sêco. Resolvemos regressar a pé. A areia era fatigante, a distancia de tres milhas, e, depois da distrações da tarde, era uma tarefa difficil. Não quis ir, nessa noite, para minha cabana e aceitei um colchão em casa d'um amigo no Recife. Tres ou quatro familias têm o

habito de oferecer semanalmente, numa tarde, recepções, onde se jogam cartas, segundo o uso em Lisbôa. Compareci algumas vezes mas nada notei de peculiar nos costumes.

As paginas antecedentes serão suficientes, creio, para dar uma ideia da sociedade que se encontra em Pernambuco. É preciso advertir que essas familias não são numerosas. Raras se entregam ao commercio. São familias de que é chefe, portuguez e funcionario publico, ou um brasileiro, rico agricultor, que prefere residir em Olinda ou Recife. Frequentemente a filha ou filho, estudando com padre secular, fica embebido das ideias liberaes e adqueriram o gosto pela sociedade racional. Como é natural supor-se, as mulheres, nessas familias, são sempre dispostas a ostentar importancia ou ser tratadas com respeito, vendo e sendo vistas.

Os commerciantes, geralmente falando porque existe excepção, vivem retirados. Vieram de Portugal, fazendo fortuna nos negocios e casam no país. A maioria continua a viver como se não possuísse bastante riqueza ou pelo menos não se persuade de abandonar seus habitos de retraimento. Excepto nos mezes de verão, quando os vemos sentados nos batentes de suas residencias de campo, não se vê sua familia.

O compatricio a quem devo as atenções amaveis de fazer-me participar da aprazivel sociedade de Pernambuco, é um dos primeiros inglêses que aproveitaram a livre comunicação entre a Inglaterra e o Brasil, observando já uma consideravel mudança nas maneiras da alta classe do povo. A baixa nos preços de todos os artigos de tecidos, a faculdade de obter, a custo comodo, louça de barro, cutelaria e linho para meza, de facto, foram feitos que devem ter impressionado os brasileiros, assim como o aparecimento de um novo povo entre eles, a es-

perança de melhor situação para todos, a de ver o país tomar vulto, reanimando em muitas pessoas as ideias que dormiam ha tempos, desejando mostrar o que possuíam. O dinheiro appareceu para atender ás novas exigencias. (13).

Outrora era costume em Pernambuco descobrir-se quando se passava deante de uma sentinela ou encontrando uma guarda marchando pelas ruas. Pouco depois de ser aberto o porto aos navios britannicos, tres inglêses encontraram casualmente uma patrulha, de quatro ou cinco homens, comandada por um cabo. Um soldado arrebatou o chapéu de um inglêz, acompanhando o gesto com expressões insultuosas. Os inglêses, ofendidos, atacaram e derrotaram a patrulha. Os inglêses recusaram aceitar essa humilhante demonstração de submissão ao poder militar, e os portuguezes, posteriormente abandonaram o habito. Outro incomodo para os estrangeiros era o respeito tributado ao Sacramento, conduzido com todo cerimonial e pompa aos moribundos. Exigia-se que se se ficasse de joelhos, ao se lhe deparar, e permanecesse nessa posição até que estivesse á vista. Os inglêses, de certo modo e por deferença á religião do país, conformaram-se, mas o costume está passando. (14).

NOTAS AO CAPITULO II

(1) Já existia, como engenho de açúcar, em 1577. Uma descendente do primitivo proprietario, dona Maria Pessoa, casou com Francisco Monteiro Bezerra, a 2-2-1606, provindo do marido o nome que se divulgou. O *Engenho do Monteiro* atravessou safreando até fins do seculo XVIII. Em principios do seculo XIX era um dos pontos mais procurados pela sociedade para os mezes do estio. Vivendas apraziveis, cercadas de jardins, deram ao Monteiro apparencias de arrabalde aristocratico. O Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro era frequentador, amando suas festas e alegrias recreativas. Um poeta popular da epoca, Camões, muito encontrado nas citações do tempo, dizia:

*Uns procuram com dinheiro
A festa que lhes convem;
Mas é certo, quem o tem,
Só passa bem no Monteiro.*

Vêr F. A. Pereira da Costa, "Annaes Pernambucanos", in "Revista de Historia de Pernambuco", n. 8, março de 1928. Recife, p. 327. (C).

(2) Desde o segundo quarto do seculo XVIII havia esse toponimo. A região era povoada mas carecia d'agua, carregada do Monteiro e Casa-Forte. Uma fonte excelente foi descoberta e escavada a cacimba, collocaram uma grande panela de barro, sem fundos, para manter as parêdes do poço. A população batizou-o "*PÓÇO DA PANELA*" e, quando em 1746 appareceu uma epidemia de febres, os medicos aconselhavam as aguas do Poço da Panela, multiplicando as habitações. A Padroeira é Nossa Senhora da Saúde e são ainda famosas e populares suas festas. (C).

(3) ...*festival of Our Lady of the Mountain*, é a festa de Nossa Senhora do Monte, uma das primeiras capelas erguidas pelo Donatario Duarte Pereira. No foral de Olinda (12-III-1537) alude-se a ella que, remodelada, perdura, no cimo da colina. Do mar, é notada distantemente, servindo de referencia nos antigos roteiros. O comte. Vital de Oliveira, no "*Roteiro da Costa do Brasil*", regista: — "*Facilmente se reconhece a cidade de Olinda vindo do largo, correndo-se para a terra, sob seu paralelo, com a terra da cidade ainda alagada, avista-se a Igreja de Nossa Senhora do Monte, que lhe fica pouco ao norte, na eminencia de um terreno que assemelha-se ao plano superior de um navio a grande distancia*". (C).

(4) Foi recentemente transferido para Recife devido aos boatos de um plano de revolta entre os negros, posteriormente verificados sem fundamento. 1815. (K).

(5) ...*and a guitar*. Guitarra ou violão? Espanhois e italianos chamam guitarra ao violão. No principio do seculo XIX ainda se conhecia o violão como viola, nome dado a outro instrumento, com cordas duplas. A presença da viola nas tocatas religiosas e festas ricas no Brasil é documentada e sabida. (C).

(6) ...*About the commencement of Lent*, jejum da Pascoa. (C).

(7) ...*at the time of the great earthquake*. É o terremoto de Lisboa, 1.º de Novembro de 1755. (C).

(8) ...*proceeded to Iguaraçu*. É uma das raras grafias erradas em Koster. O certo é Igarassú, denominação ultimamente restabelecida oficialmente pelo Governo de Pernambuco. (C).

(9) Um cavalheiro português dizia-me que na França e noutros países, muitos homens inteligentes haviam escrito e falado ferozmente, e por bastante tempo, contra esse genero de vida, e conseguiram algo difficilmente: — "mas, ajuntava, em Pernambuco, tal é a conduta dos frades que não é preciso escrever ou falar para leva-los ao descredito". (K).

(10) É a Igreja de S. Pedro dos Clerigos, uma das mais lindas do norte do Brasil. Plano do architecto Manuel Ferreira Jacome, iniciada a 3-V-1728, foi sagrada a 30-I-1782. É um barôco sugestivo e nitido. A porta principal, ladeada por colunas duplas, é de efeito inesquecivel. P.lo interior, os trabalhos de talha dourada e jacarandá, marmore-de-Lisboa e objetos do culto, são preciosos. A Igreja, com suas duas torres, domina a praçuela silenciosa, com um permanente ar de vida colonial. Um decreto consistorial de 26-VII-1918 elevou-a á dignidade de Cathedral. (C).

(11) Falando de sacerdotes é sempre preciso lembrar que o clero Secular e Regular são dois corpos totalmente diferenciados, distintos em sua utilidade, conhecimentos e maneiras, como são na vida social. (K).

(12) Creio que Casa Forte e Casas de Dona Ana Paes, cujos sucessos são encontrados na "Historia do Brasil", vol. II, p. 124, distinguem o mesmo local sob diferentes nomes. (K). É, realmente, o mesmo ponto. O engenho de Jeronimo Paes ficou para sua filha, dona Ana Paes, que se casou com o capitão Pedro Correia da Silva, morto em consequencia de ferimentos recebidos na defesa do forte de S. Jorge, contra os holandêses. A viuva casou com o flamengo Carlos de Turlon, capitão da guarda do Conde de Nassau, e quando aquele, desgraçado, foi para Holanda e faleceu, tornou a casar-se com outro holandês, Gilberto de With, membro do Conselho Politico a quem acompanhou depois da derrota estrangeira. O engenho possuiu varios nomes em poucos anos. Era *Engenho de Dona Ana Paes*, ou *Casas de Dona Paes* (por haver uma crescente povoação derredor da casa-grande), *Engenho Turlon*, *Engenho Nassau*, numa bajulação toponimica ao conde João Mauricio de Nassau, *Engenho With*. Era um dos melhores e mais ricos. Dona Ana Paes, bonita e desenvolta, agradava a todos. O nome de *Casa-Forte* lhe foi dado em razão no combate de 17-VIII-1645, em que os holandêses se abrigaram no interior da residencia e foram desalojados. Fica a sete quilometros do centro da Cidade e mantem a denominação de "Casa-Forte". *Monteiro* fica a oito e *Poço da Pancla* a sete. (C).

(13) Quando os inglêses, que se estabeleceram no Recife, exgotaram a provisào de chá que haviam trazido, perguntaram onde podiam adquirir, e lhes foi indicada a botica (*apothecary's shop*). Foram lá e pediram simplesmente chá, quando o homem perguntou que especie de chá desejavam, e, compreendendo, exclamou: — "Ah! os senhores querem Chá da India!" porque considerava esse como uma outra droga qualquer. Mas, na epoca em que falo, grandes quantidades são consumidas. (K).

(14) Ouvei dizer que uma pessoa que estivera na Inglaterra e voltára a Pernambuco, observara que duas cousas o tinham surpreendido naquele país, sendo, que ali o povo não morria e que as creanças falavam inglêes. Quando lhe perguntaram que fundamentos tinha para julgar a primeira suposição como veridica, respondeu que nunca vira conduzir o Sacramento aos doentes. (K).

CAPITULO III

O GOVERNADOR. GOVERNO ECLESIASTICO. TAXAS. INSTITUIÇÕES PUBLICAS. CRIMINOSOS. ESTABELECIMENTOS MILITARES. FERNANDO DE NORONHA.

As Capitánias Geraes, ou Provincias de primeira classe, no Brasil, das quaes Pernambuco é uma, são governadas por Capitães-Generaes ou Governadores, nomeados por tres annos. No fim desse periodo, a mesma pessoa continua ou não, conforme opção do governo supremo. Esses chefes têm, de facto, poder absoluto, mas antes de exercer o cargo para que foram nomeados, é preciso apresentar suas credenciaes ao Senado da Camara, a Camara ou Municipalidade, constituída pelos individuos mais respeitaveis do lugar. O Governador é o comandante superior da força militar. As causas civis e criminaes são discutidas perante o Ouvidor e o Juiz de Fóra, e julgados por elles. As duas autoridades judiciasrias têm poderes quasi semelhantes mas o primeiro é superior. São nomeados por tres annos e, exgotado o prazo, podem ser reconduzidos nas funções (1). É um departamento na administração onde as occasiões de enriquecer são numerosas. Algumas dessas creaturas aproveitam as oportunidades, tornando a justiça apenas um nome.

O Governador pode julgar uma causa sem apelação mas, querendo, encaminha-a ao juiz competente. O Procurador da Corôa, procurador-geral, é uma autoridade de consideravel poderio. O Intendente de Marinha, comandante do Porto, é igualmente consultado nas mate-

rias de primeira importancia, assim como o Escrivão da Fazenda Real, chefe de Tesouraria, e o Juiz da Alfandega, superintendente das tarifas. Esses sete funcionarios formam a Junta, ou conselho, que se reúne, vez por outra, para debater e decidir os negocios da Capitania a que pertencem. O governo eclesiastico, que tambem se articula com este que acabo de mencionar, é dirigido por um Bispo, um Deão, o Cabido, o Vigario Geral, etc. O Governador não pode nomear sequer um capelão para a ilha de Fernando de Noronha, uma das dependencias de Pernambuco, informando apenas ao Bispo a falta do padre e este fará a nomeação.

O numero de funcionarios civis e militares é enorme; inumeros inspectores sem objeto a inspecionar, um sem-fim de coroneis sem regimentos para comandar, juizes para dirigir cada ramo da administração, por menor que seja, serviços que podem ser feitos por duas ou tres pessoas. Os vencimentos aumentaram, o povo está oprimido e o Estado não colhe beneficio algum.

Os impostos, pela maneira com que foram estabelecidos, pezam sobre as classes baixas e não alcançam quem os poderia suportar desafogadamente. O dizimo é exigido em especie sobre o gado, aves domesticas, agricultura e mesmo sobre o sal. Essas taxas pertenciam antigamente ao Clero, como era uso nos países catolicos (2). Todas as taxas são negociadas ao melhor preço. Divididas em distritos extensos são contratadas a preço razoavel mas os proprietarios adquirem essas taxas em menores porções, que ainda são retalhadas para outras pessoas e, como ha sempre ganho em cada transferencia, o povo deve ser, necessariamente, explorado para que esses homens possam satisfazer seus superiores e enriquecer tambem. O sistema é por si-mesmo mau e a partilha do espolio o torna ainda mais vexatorio.

O dizimo do gado, como já disse, é cobrado em especie sobre as fazendas do interior da região e, outros pagam sobre a carne, nos açougues, um direito de 320 réis por arrôba, de 32 libras, uma soma de 25%. O peixe paga o dizimo, depois do decimo-quinto. Cada transferencia de propriedade imovel é sujeita ao direito de 10%, e moveis, 5%. Ha um grande numero de taxas de menor volume. A aguardente para exportação e consumo interior, paga o direito de 80 réis por canada (3), que é, ás vezes, um quarto do seu valor, mas pode ser computado em 15 a 20%. O algodão paga o dizimo mas é novamente taxado no momento da exportação, 600 réis por arrôba, ou 32 libras, ou cerca de 1 1/4 por £. Nada é mais injusto que esse duplo imposto sobre o principal artigo de exportação desse país para a Europa. Os direitos alfandegarios são 5% sobre a importação, com a avaliação deixada, de algum modo, ao proprietario a quem a mercadoria pertence. Creio que atualmente se poderia elevar a 10% sem que alguém percebesse.

Paga-se em Pernambuco um imposto para a iluminação das ruas do Rio de Janeiro quando essas do Recife ficam em total escuridão. (4) Não obstante as despesas do governo provincial serem avultadas e absorverem consideravel parte da receita, pela razão do alto numero de funcionarios empregados em todos os departamentos, os ordenados são, sob varios aspectos, muito baixos para que possam garantir uma subsistencia confortavel. Consequentemente, o peculato, a corrupção e outros crimes decorrentes, são frequentes e escapam á punição quasi sempre, sendo apenas notados. Ha, entretanto, homens cujo caracter é sem manchas.

O Governador de Pernambuco recebe o ordenado de 4.000\$000, ou sejam 1000 £ *per annum*. Pode-se supor que seja suficiente para um homem numa situação im-

portante, mesmo num país onde os viveres são baratos? Sua honra, porem, está intacta. Em lugar algum ouvi mencionar um ato indigno de sua parte. Mas a tentação e as oportunidades de acumular dinheiro são grandes, e o numero dos que podem resistir é pequeno.

A unica manufactura de alguma importancia no Recife é a de bugigangas de prata e ouro, de todas as especies, e dos cordões de ouro. A quantidade produzida atende apenas aos compradores locais. As mulheres se ocupam geralmente em fazer rendas e bordar, mas, a fabricação desses artigos, não é bastante para a exportação (5).

As instituições publicas não são numerosas mas as que existem são excelentes. O Seminario de Olinda, para educação de rapazes, é bem dirigido e varios dos professores são pessoas de cultura e principios liberaes. É principalmente destinado ao preparo de estudantes para padres seculares da Igreja. Assim eles usam uma batina preta e um barrete, de forma peculiar, mas não é obrigatorio que terminem tomando ordens.

Escolas gratuitas foram fundadas em varios pontos do interior e ensinam latim em muitos desses cursos, mas a maior parte da instrução consta de leituras, escrita e arimetica. Mas essas escolas nem o Seminario exigem pagamento para os alunos.

O Hospital de S. Lazaro é negligenciado mas recebe inumeros doentes e os outros estabelecimentos no genero estão em um estado verdadeiramente miseravel. É extranho que tantas igrejas formosas sejam construídas e deixem perecer uma multidão de doentes a falta de um edificio conveniente para abriga-los. A melhor instituição de que Pernambuco se pode orgulhar, como a Mãe Patria, é a Roda dos Engeitados. Creanças de nasci-

mento clandestino são recolhidas, tratadas, educadas e colocadas socialmente.

Toda a gente sabe o que vem a ser a Roda, caixa cilíndrica, aberta apenas de um lado, fixada no muro onde pode mover-se sobre um eixo. Perto está o cordão da campainha, que é puxado, ao depositar-se qualquer coisa na Roda, afim de advertir o pessoal do convento. Uma abertura está sempre pronta a acolher os recém-nascidos. A sinêta toca, a Roda gira. Por esse meio salvam a existência de muitos individuos e a honra de varios outros. Não se imagine que os nascimentos secretos sejam demasiadamente frequentes graças a existencia desta instituição. Ela afasta para as mães os motivos de uma ação deshumana e póde, algumas vezes, determinar a regeneração da conduta, pela facilidade com que as faltas irreparáveis e as fraquezas foram ocultadas.

Os frades não são numerosos não obstante ainda serem muitos. Essas inúteis creaturas (6) constam de cem a cento e cincoenta em Olinda, Recife, Igarassú e Paraíba (7). Não ha freiras na provincia ainda que existam tres estabelecimentos chamados Recolhimentos ou Retiros. São dirigidos por mulheres idosas, que não fizeram os votos, e educam pessôas do seu sexo e recebem mulheres de vida irregular, embora não se hajam tornado notorias, e que são internadas pela familia, impedindo, desta forma, dissabôres futuros.

O numero de Igrejas, capelas e nichos de santos nas ruas, é perfeitamente absurdo. À elas são ligados uma multidão de confrarias religiosas leigas, das quais os membros são negociantes ou pertencentes ao commercio, e também mulatos e negros livres. Continuamente estão mendigando para cirios e outros artigos consumidos em louvor do patrono. Quasi todos os dias do ano os transeuntes são importunados nas ruas, e os moradores nas

casas, por essa gente e também os preguiçosos frades franciscanos. Um cavalheiro português recusava sempre dar esmola para essas despesas e, a cada pedido sacudia numa sacóla uma moéda de cinco reis, a menor em circulação, cujo valor é de um terço de *penny*. No fim do ano, contando os cinco reis, encontrou a soma de 30\$000, cerca de 8£, 6s. Dirigiu-se ao Vigario da sua Paroquia, pedindo o nome de uma pessoa necessitada, a quem enviou o dinheiro.

O Santo Officio ou Inquisição jamais se estabeleceu no Brasil, mas residem em Pernambuco muitos padres, empregados como familiares e varias pessoas julgadas responsaveis por esse horrivel Tribunal foram enviadas prezas para Lisbôa. O Tratado de Aliança e Amizade entre as Corôas da Inglaterra e Portugal, assinado no Rio de Janeiro em 1810, determinou, peremptoriamente, que o poder da Inquisição não seria reconhecido no Brasil (8).

Surpreende aos inglêses que em uma praça tão grande como Recife não exista uma tipografia nem um mercado de livros. No convento da Madre de Deus vendem almanaques, estampas, historias da Virgem e dos Santos, e outras na mesma especie, em tamanho reduzido, impressos em Lisbôa.

O correio é dirigido irregularmente. As cartas da Inglaterra são comumente entregues ao comerciante a quem foi consignado o navio ou ao escritorio do consul britânico. Não se regulou a maneira de fazer chegar correspondencia dos lugares do interior do país nem ao longo da costa, de maneiras que o correio só recebe os sacos de cartas que lhe são trazidos pelos pequenos barcos que traficam com outros pontos do litoral, enviando a correspondencia, pela mesma via, a Pernambuco, e como não ha entrega normal de cartas, cada pessoa deve ir

busca-las no escritorio. Quando o commercio no Brasil era insignificante, comparado com o estado actual, o serviço postal seria sufficiente, mas, em consequencia da incessante actividade das transacções pelo litoral e com a Europa, já é necessario prestar-se attenção a esse assunto, facilitando as communicações (9).

Ha no Recife um teatro onde representam farsas portuguezas mas a direcção é desastrada.

O Jardim Botânico de Olinda é uma das instituições fundadas com a vinda da Côrte para a America do Sul. É destinado a crear plantas exóticas que devem ser distribuidas ás pessoas que tenham o desejo e sejam capazes de mante-las. Assim, foram aclimatadas a frutapão, a pimenteira negra, a grande cana de açúcar do Taíti e muitas outras. Creio que, não obstante o zelo inicialmente desenvolvido, esteja diminuindo. Puzeram à frente dessa organização um botânico a quem pagam um salario conveniente. É um francês que residia em Cayenne (10). Muitas pessoas ficaram desgostosas com a escolha, crendo, com razão aliás, que os suditos portuguezes seriam perfeitamente idoneos para assumir a direcção do jardim.

O quadro, entre os demais, extremamente desagradavel para os ingleses, é o que apresenta os criminosos, occupados em serviços no palacio, casernas, prisões e outros edificios publicos. São acorrentados de dois a dois e cada par é seguido por um soldado armado á baioneta. Permitem que se detenham á porta das lojas para comprar as bagatelas que necessitam. É acabrunhador ver com que insensibilidade suportam sua desgraçada situação, rindo e falando pelo caminho, com uns e outros, e mesmo com o soldado que os custodiava (11).

As prisões se encontram em pessimo estado, attendendo-se a pouca attenção que merecem seus moradores,

As execuções são raras em Pernambuco. A punição mais usualmente aplicada, mesmo para crimes de magna importância, é a deportação para costa d'Africa. Quando o castigo para o crime é a pena de morte, os brancos são enviados á Baía para o julgamento. Mesmo para sentenciar á morte um homem de côr ou um negro, é preciso estar presentes varios funcionarios judiciais.

Não existe policia regular. Quando se faz uma prisão no Recife ou arredores, dois officiais de justiça são acompanhados por soldados, de um ou outro regimento de linha, para esse fim. A ronda, ou patrulha, composta de soldados, passeia pelas ruas, em tempos certos e não é de maior utilidade para a cidade.

Recife e suas visinhanças gosavam antigamente de verdadeira tranquillidade, graças aos esforços de um só individuo. Era um sargento de um dos regimentos do Recife, homem corajoso, cuja atividade fisica e moral não tinha tido occasião de revelar-se, até que lhe entregaram a tarefa difficil de prender criminosos e, por fim, recebeu ordens especiais do Governador para patrulhar as ruas do Recife, Olinda e povoações proximas. Ficou temido por seus imitadores mas, quando da sua morte, ninguem appareceu para tomar-lhe a vaga (12).

Os quartéis são muito negligenciados. A tropa regular consiste em dois regimentos de infantaria, que formarão juntos uns 2.500 homens, mas seu efetivo raramente chega a 600, apenas sufficiente para fazer o serviço obrigatorio no Recife, Olinda e fortalezas. A paga é menor de 2 3/4d por dia, uma porção de farinha de mandioca, semanalmente. O equipamento lhes é dado com irregularidade. Do seu miseravel soldo ainda se retem um real por dia (13) para qualquer fim religioso. São recrutados entre os peores individuos da provincia. Esse processo de recrutamento e o soldo desprezível ex-

plicam completamente a má impressão que se tem dos soldados de linha (14). São formados principalmente por brasileiros e gente de côr. Outros regimentos, a Milícia da Cidade, faz às vezes o serviço, gratuitamente, mas tem um triste aspecto. Os regimentos milicianos, comandados por oficiais mulatos ou negros, e compostos inteiramente por homens dessas castas, são bem superiores em garbo. Terei brevemente oportunidade de menciona-los.

Ha um departamento administrativo (15) na provincia que, sobre todos os outros, exige alteração. É de notoria e evidentissima nocividade, uma desgraça para o governo que toléra sua existencia. Falo na pequena ilha de Fernando de Noronha. É o local para onde são transportados, por toda a vida ou durante certo numero de anos, inumeros criminosos masculinos. Nenhuma mulher pôde visitar a ilha (16). A guarnição, consistindo em cerca de 120 homens, é mudada anualmente. É difficilimo encontrar um padre que aceite o cargo de capelão na ilha, por doze r^{es}. Quando o Governador pede um capelão ao Bispo, este envia funcionarios ecclesiasticos a procura do candidato. As pessoas em estado de preencher as funções occultam-se e terminam por impelir um padre moço a aceitar o posto.

O navio empregado entre Recife e a ilha visita duas vezes durante o mesmo periodo, e conduz provisões, vestimentas e outros artigos, para as infelizes creaturas que são obrigadas a residir, e tambem para as tropas.

Conversei com pessoas que ficaram na ilha algum tempo e as narrativas das enormidades cometidas são horrosas. Crimes que são punidos com a pena capital nos países civilizados, ou pelo menos causam desprezo geral, são praticados, citados, publicamente sabidos, sem remorsos e sem pudor. Estranho é que esse espantoso lugar

haja longamente escapado ao conhecimento do supremo governo do Brasil. Mas o mal não se finda aí. Os indivíduos que regressam a Pernambuco não podem esquecer dos crimes que lhes eram familiares. Os poderes concedidos ao comandante são absolutos e, está provado, como é raro cumprir-se apenas o dever possuindo-se tanto arbitrio. A mais desenfreada tirania pode ser praticada sem o menor cuidado de castigo.

O clima da ilha é sadio e numa pequena parte d'ela é permitida a agricultura e, soube por autoridade competente, que é de extraordinária fertilidade.

A negligencia do antigo regime sob o qual o Brasil fôra administrado, aparece, frequentemente, por toda a parte. A vinda do Soberano para esse país animou bastantes pessoas que, ha tempos, estavam com os habitos de indolencia, e desenvolveu a atividade de outras que esperavam o momento de despertar. Os brasileiros sentem a importancia de ver a terra nativa dar presentemente leis á Mãe Patria. O espirito, longamente contido sob a severa sujeição dos antigos governos coloniais e seus regulamentos, tem atualmente oportunidade para expandir-se, e provou que saindo de longos sofrimentos e os suportando com resignação, existe e sc. doravante, não forem tratados como homens que deixaram a infancia, reagirão, rompendo os ferros aos quais se tinham submetido.

Espero, sinceramente, que o supremo Governo veja a necessidade de reformas e que o povo não espere demasiado, considerando porem que são preferiveis as privações a uma geração de sangue, confusão e miseria. A livre comunicação com outras nações tem sido util ao país e os beneficios auferidos irão aumentando.

Esse rebento do nosso continente europeu crescerá e a arvore que produzir será mais poderosa que o ramo

de onde nasceu. Mesmo que a sazão para sua maturidade esteja muito distante, a rapidez ou lentidão do seu crescimento dependerá dos cuidados ou indiferente negligência de seus governos. De qualquer forma que esses governos procederem, sua extensão, fertilidade e outras numerosas vantagens possuídas, darão, no curso do tempo, o lugar a que ele tem direito de reclamar entre as grandes nações do Mundo.

NOTAS AO CAPITULO III

(1) Fôra nomeado um Juiz Conservador da Nação Inglesa para Pernambuco mas até o periodo da minha partida não havia chegado. Logo apoz o inicio do commercio direto com a Grã Bretanha foi nomeado um vice-consul em Pernambuco pelo consul-geral no Rio de Janeiro, sendo substituído por um consul enviado da Inglaterra mas sujeito ao consul geral do Brasil, entretanto é o Governo quem dispõe do lugar. (K).

(2) Quando o Brasil estava na infancia o clero não podia ser mantido com esses dizimos e os padres propuzeram ao Governo de Portugal pagarlhes um determinado salario, ficando com os dizimos. O Governo aceitou e atualmente os dizimos têm vinte vezes mais valor mas a congrua paga aos padres ; a mesma. O clero se queixa amargamente do acôrdo feito. (K).

(3) Ha grande confusão no Brasil no tocante ás medidas. Cada Capitania possui as suas, não concordando com as vizinhas nem mesmo com as de Portugal, embora empregando invariavelmente d'nominações idénticas. Assim, a canada e o alqueire em Pernambuco têm maior quantidade que as medidas semelhantes portuguezas, e menos que n'outras provincias do Brasil (K). Durante a Regencia, o decreto de 7 de Agosto de 1832 determinou que as medidas de continencia ou capacidade em Pernambuco fossem reguladas pelo padrão que servia na capital do Imperio. (C).

(4) Apenas o decreto de 8 de Novembro de 1827 mandou aplicar á iluminação das capitais das provincias a contribuição que nestas se arrecadava para a iluminação da Côte. (C).

(5) Obtiveram um privilegio para uma fabrica de cordas, com as cascãs do côco. Creio que as cordas dess' genero têm grande uso nas Indias. (K). As "obras de ouro e prata" tinham sido prohibidas no Brasil pela carta regia de 30 de Julho de 1766 e diminuído pela carta-de-lei de 1.º de Abril de 1808. A autorização ampla veio com o alvará-com força-de lei de 11 de Agosto de 1815, oficialmente abolindo o de 30 de Julho de 1766 (C).

(6) Uma velha mulher foi hater á porta de um convento já tarde e disse ao porteiro, frade velho e completamente cego, que desejava um dos frades para ir confessar um enfermo. O velho, impassivel, fez-la comprehendr que os frades haviam saído todos, e ajuntou: — mas se quizer ir até o portão do jardim e esperar, verá alguns deles quando fugirem". (K).

(7) Os jovens membros da Ordem Franciscana gostam muito do direito de sair pedindo esmolas porque encontram oportunidades para divertimento. Elegeram, ha alguns anos, um Guardião na Paraíba que, examinando a caixa onde a comunidade guardava o dinheiro, encontrou uma soma vultosa, e ordenou que ninguem saísse para pedir. Era um homem concencioso e disse que já havendo o bastante o povo podia não mais ser importunado enquanto durasse a reserva. Impediu que os frades passeassem durante os dois ou tres anos que duram a gestão do Guardião. N'outra ocasião, os frades de um convento franciscano escolheram para seu Guardião um moço cuja vida se passara irregularmente, occupado em assuntos alheios ao seu estado, na ideia de que, no periodo da sua guardiania, teriam uma vida alegre, com bem pequena atenção á direção e regras da Ordem. Foram, entretanto, iludidos. Logo que se encontrou eleito, o Guardião modificou seus habitos. As portas do convento se fecharam nas horas convenientes e, de accordo com o velho proverbio "*põe o ladrão, etc.*" os deveres conventuais foram cumpridos com maiores austeridades que outróra. (K).

(8) No Tratado de Amizade e Aliança entre Portugal e Grã Bretanha, assinado no Rio de Janeiro a 19-2-1810, pelos ministros d. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, e Percy Clinton Sydney, Lord Strangford, Enviado Extraordinario e Ministró Plenipotenciario, o artigo IX assim está redigido: — "Não se tendo até aqui estabelecido, ou reconhecido no Brasil a Inquisição, ou Tribunal do Santo Officio, Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal guiado por huma iluminada e liberal Política aproveita a oportunidade que Lhe offerece o Presente Tratado, para declarar espontaneamente no Seu Proprio Nome, e no de Seus Herdeiros e Successores, que a Inquisição não será para o futuro estabelecida nos Meridionais Dominios Americanos da Corõa de Portugal. Sua Magestade Britanica em consequencia desta Declaração da Parte de Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal, Se obriga da Sua Parte, e declara, que o Quinto Artigo do Tratado de mil seiscentos e cincoenta e quatro, em virtude do qual certas Isenções da Authority da Inquisição erão concedidas exclusivamente aos Vassallos Britannicos, será considerado como nullo e sem ter effeito nos Meridionaes Dominios da Corõa de Portugal. E Sua Magestade Britanica consente que esta abrogação do Quinto Artigo do Tratado de mil seiscentos e cincoenta, se extenderá tambem a Portugal, no caso que tenha lugar a abolição da Inquisição naquelle Paiz por Ordem de Sua Alteza Real o Principe Regente, e geralmente a todas as outras partes dos Dominios de Sua Alteza Real, onde venha a abrogar-se para o futuro aquelle Tribunal." (C).

(9) A Repartição dos Correios fõra creada a 14-3-1801 mas sem realização positiva. A organização foi feita pelo decreto de 5-3-1809. (C).

(10) O Jardim Botânico de Olinda fõra creado pela carta regia de 19 de fevereiro de 1798 e instalado em maio de 1811. O Padre João Ribeiro Pessoa Montenegro, *eclesiastico de muita probidade e com bastantes luses*, como informava a 21-VI-1811 o Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro ao Ministro Conde de Linhares, ficara encarregado do "viveiro das plantas". O director efetivo, que Koster conheceu, era o francês Etienne Paul Germain, com o ordenado de 3.000 francos anuais e mais 30.000 reis pela indenisação da sua expatriação, como informa L. F. de Tollenare. Escreveu este nas "Notas Dominicæes" (p-170 e segs) que "as plantas mais interessantes aclimatadas foram a caneleira de Ceylão, o cravo, e a noz muscada das Molucas, a pimenta de Malabar, a fruta-pão do Taiti, o cacaoeiro, a cana de Cayenne, o algodocero de Bourbon, a ipecacuanha, o gengibre, a baunilha, dos sertões e a salsaparrilha do Pará." Tollenare filosofava escrevendo que: — "O Jardim Botânico de Olinda é ainda um exemplo tão a miudo em Portugal; quero dizer; concepções sabias e bemfazejas abafadas por execuções infieis e imprudentes." Germain era apenas um pra-

tico e se preocupava muito mais na convivencia da colonia franceza que na cultura das plantas. Tollenare diz que ele não dispunha de talento nem de assiduidade. Durante a revolução de 1817, Germain foi nomeado agente consular da França mas não lhe reconheceram essa qualidade. E o Padre João Ribeiro demitiu-o do jardim. Germain embarcou para o Rio de Janeiro, em fins de março e faleceu ao chegar á capital do Reino do Brasil. O jardim arrastou-se numa morte que durou muito tempo. De 1830 começou a decair e, dez anos depois, foi mandado arrendar, a quem mais desse, em praça não aparecendo licitantes. A 10-8-1854 vendia-se o jardim por dois contos de reis. Dirigiram-no, além do padre João Ribeiro e de Germain, frei Miguel Joaquim Pegado, Jeronimo Luiz Ribeiro, Bernardo José Serpa Brandão, Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto, João Candido de Brito, João José Pinto, Joaquim Jeronimo Serpa, Bernardino José Serpa, segundo informações de Mario Melo e Mario Sete. Este ultimo evocava, numa carta particular, o sitio do Manguinho, nome de um seu velho proprietario. *Havia ali otimas mangas e doces manguitos dos quais eu, menino, bastante gostava.* Esse "sitio do Manguinho" é o derradeiro vestigio do Jardim Botânico de Olinda, que cobria dois outeiros, correndo por traz do Seminario. (C).

(11) A anedota que me foi relatada sobre um desse páres, succedeu ha anos, sob um antigo Governador. Um viajante solitario, entre Olinda e Recife, presenciou, parte da seguinte cena, contado o restante por um dos participantes. Um par de criminosos, dos quais um era branco e outro negro, acompanhado por seu guarda, caminhava no areal, procurando a passagem para atravessar o rio em sua parte mais estreita. Tres cavaleiros, um dos quais conduzia um quarto cavallo, selado e arreado, avançaram, e um deles derribou o soldado ao chão. Enquanto isso, se succedia, o prisioneiro branco insistia com seu companheiro, encadeado com ele, para montar e fugir rapidamente. O negro recusava quando, um dos cavaleiros que parecia dirigir os outros, gritou: — *corte a perna dele!* Os criminosos são agulhoados pelo jarrete. O negro ouvindo, cavalgou sua montada, partindo imediatamente a galope, tendo deixado o soldado amarrado de pés e mãos. Atravessaram Olinda em toda velocidade e quando chegaram a alguma distancia, fizeram uso de uma forte lima e o negro foi posto em terra com todas as suas cadejas e anéis. O grupo prosseguiu viagem e nunca mais se soube noticia. Imagina-se que o evadido dessa maneira era aparentado com uma rica personagem do interior, que cometera algum crime ou estava sendo injustamente punido. (K).

(12) Ultimamente apresentou-se um cadête que tomou a direcção desses assuntos. Prendeu muitas pessoas de caracter infame mas de comprovada coragem, e tem feito muito bem arriscando sua vida em circumstancias de grande perigo, arrastado pelo seu zelo aos extremos da temeridade. Esse rapaz bem merece sua promoção. Bem se evidencia nesse facto a organização irregular da policia, caindo nas mãos de officiaes inferiores. 1814. (K).

(13) ... *one farthing per day*; farthing, quarta parte de um penny. A libra valia então quatro mil réis. 6 farthing seria cinco réis (C.).

(14) A chegada de um outro coronel para o regimento do Recife e o aumento de atividade dos officiaes, alterou esse aspecto para melhor. O regimento de Olinda, ou de Artilheria, muito se desenvolveu com as atenções do seu coronel e pelo ingresso de officiaes brasileiros, hem-educados e das primeiras famílias. (K).

(15) ... *political arrangement*, escreveu Koster.

(16) Essa prohibição foi revogada pela carta-regia de 13-8-1817, dirigida ao Governador e Capitão General da Capitania de Pernambuco, Luiz do Rego Barreto. "Eu, El-Rei vos envio muito saudar. Não sendo fundada em principio algum plausivel de interesse para a causa publica, e bom regime economico, a prohibição de residirem mulheres na ilha de Fernando

de Noronha, que até o presente tem sido reduzida a um mero presidio para guarda de degredados, que por aqu-la prohibição se devem reputar descontados da povoação deste Reino, não tendo aliás este os braços preciosos para os varios ramos de industria, que oferecem a extensão e fertilidade do seu terreno; e sendo muito digno da minha real vigilancia não só remover as causas que podem contribuir para a diminuição da povoação, mas até procurar por sabias providencias que ela se aumente: Hei por bem revogar a mencionada prohibição, declarando aberta a referida ilha, para nela pod-rem residir e viver quaesquer pe-soas sem differença do sexo. E vos ord-no que promovais pelos meios, que vos parecerem m lhores e mais proprios, a sua povoação com casais, que para ali hajam de ir estabelecer-se, conservando-se todavia a guarnição na forma, que até agora se tem praticado. O que me parecer participar-vos para que assim o tenhais entendido e façais executar. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro em treze de Agosto de 1817. REI. Para Luiz do Rego Barreto." (C).

CAPITULO IV

VIAGEM A GOIANA. VIAGEM A PARAÍBA. PARAÍBA. POLICIA DA PARAÍBA. REGRESSO A GOIANA. ALHANDRA.

Desejava realizar uma longa viagem nas regiões menos povoadas e mais incultas desse país. O engenheiro chefe de Pernambuco entendera inspeccionar todas as fortalezas do seu vasto distrito e havia bondosamente permitido que eu o acompanhasse. Infelizmente a jornada foi transferida para a estação seguinte por causas relativas ao seu proprio officio. Sem saber quando teria necessidade de voltar á Inglaterra, não a quiz retardar por mais tempo e comecei a informar-me com amigos e conhecidos e soube que o irmão de um senhor, residente em Goiana, estava em vespéras de partir para esse lugar e, provavelmente, tendo em vista alguns negocios, penetraria mais o interior da região.

Era minha intenção ir até o Ceará. Solicitei um passaporte ao Governador e o obtive sem dificuldades maiores. Na tarde de 19 de Outubro de 1810 alguns amigos inglêses foram até minha cabana em Cruz das Almas, afim de assistirem a partida que se daria na noite subsequente. Sr. Felix, meu companheiro, chegou ao entardecer, trazendo seu guia negro, um preto livre. Todos os preparativos para a jornada foram feitos e nos puzemos a caminho cerca de uma hora, ao nascer da lua, Sr Felix, eu, John, meu creado inglêz, a cavallo, armados de espadas e pistolas, e o guia negro, tambem montado, sem sela nem brida, carregando um bacamarte e levando

diante de si um cavalo conduzindo a bagagem, com um mulatinho escanchado entre os cestos.

Os amigos inglêses despediram-se em Cruz das Almas, ficando a minha casa entregue a um deles, durante minha ausencia. A estrada que percorriamos, ao clarão da lua, eu a passara tantas vezes que poderia servir de guia. Seguimos, durante tres quartos de legua, por um atalho arenoso e logo depois subimos uma colina rapida cujos lados e cume eram cobertos de grandes arvores, com matagáis crescendo por baixo delas.

O lugarejo Beberibe é situado na outra declividade. Atravessa-o um regato com lindas e transparentes aguas. Aí residem muitas familias durante o verão. Meia legua depois de Beberibe cruzamos outro arroio e imediatamente começamos a galgar o morro do Quebracú, cujos acessos são asperos e dificeis, com precipicios e alem um campo em aclave, tudo cheio de vegetação. A chã é ampla e limpa e as veredas se alargaram por meia legua entre majestosas arvores e matagal impenetravel. Descemos para o estreito e longo vale de Merueira, cortado por um riacho que nunca séca. Os lados dessa colina são revestidos de espessa vegetação e, no vale, vimos varias moradas, plantações de bananas, campos de mandioca e um vasto cercado onde o gado pastava. A descida, no opôsto dessa bonita planicie, é muito rapida. O caminho, ao correr dos cimos, é igual ao que tínhamos vencido antes. Quando descemos, ao chegar em baixo, entramos na solitaria povoação de Paratibe, onde as plantações de mandioca e fumo se entremeiam ás casas. Os habitantes são, em maioria, trabalhadores livres, brancos, mulatos e negros. As casas, construídas á margem da estrada, intervaladamente, tomam a distancia de uma milha. Um regato corre no meio e, na epoca das chuvas, ás vezes transborda, alargando ambas as margens, numa grande extensão. De-

pois da aldeia, o caminho é relativamente horizontal mas ainda irregular pelas elevações repetidas e desiguais. Vêem-se os engenhos e grande numero de casinhas. A passagem dos moradores, com cavalos carregados de algodão, couros e outros produtos da zona, e voltando do Recife com varias especies de mercadorias, carne e peixe salgado, é, para bem dizer, continua.

A vila de Igarassú onde entramos a seguir, que já foi mencionada no capitulo anterior, é uma das mais antigas fundações nesta parte da costa, situada á distancia de duas leguas do mar, e sobre a margem duma enseada, (1).

A vegetação que cobre os caminhos e atalhos é, em parte, tão densa e espessa que é impossivel passar um homem a pé, a menos que leve um facão e com ele rompa todos os obstaculos á sua marcha. O mais formidavel desses obstaculos é o cipó, consistindo em vergontes longas e flexiveis que se entrelaçam ao redor das arvores, e um dos ramos que se não haja fixado, fica balançando, para lá e para cá, ao sabor do vento, prendendo-se sobre outra planta. A operação continua por muitos anos seguidos e termina formando uma rêde, de forma irregular, que impede a passagem atravez do emaranhado. Essa planta tem varias especies, uma delas tem o nome de "Cipó Cururú", de alta estima pelo tamanho, resistencia e grande flexibilidade (2). Varias especies desses cipós são empregadas em cordas para palissadas e muitos outros fins.

Igarassú é parte situada sobre um outeiro e parte na planicie, irrigada por um riacho, atravessado por uma ponte de pedra, pois as marés chegam até esse ponto, tornando precarias as comunicações, (3). O lugar demonstra claramente ter usufruído maior prosperidade que a presentemente possuída. Muitas casas têm dois pavimentos mas estão deterioradas e algumas com aspecto de decadencia e ruina. As ruas são calçadas mas carecem de re-

paros e a erva cobre varios lugares. Conta muitas igrejas, um convento, o Recolhimento ou Retiro para mulheres, a Casa da Camara e prisão. Sua prosperidade era devido antigamente a semanal feira de gado, que se reunia num plaino vizinho mas, ha poucos anos, mudaram-na para os arredores de Goiana. Igarassú tem muitos moradores brancos, varias lojas, um bom cirurgião, educado em Lisbôa. É o local da reunião dos agricultores, na distancia de muitas leguas, seja para embarcar suas safras de açucar, seja para adquirir objetos de necessidade. Esta vila contará cerca de oitocentos habitantes, computando as choupanas esparsas pelas imediações. Dizem que a paisagem, vista da torre da igreja matriz, é grande e bela.

O unico albergue regular, de que essa região se possa orgulhar, é estabelecido aqui, para conveniencia dos viajantes entre Recife e Goiana. Tinhamos a intenção de parar mas como não era muito tarde quando chegamos, resolvemos prosseguir, antes que o sol estivesse mais forte, (4).

A estrada continua arenosa e reta e, duas leguas alem de Igarassú, penetramos na povoação de Pasmado, construida em forma quadrada. Consiste em uma igreja e certo numero de choupanas, de humilde apparencia, contando ao redor de 200 ou 400 habitantes. Atravessamo-la sem parar, transpondo depois o Araripe, rio consideravel para os que tenho ultimamente visto, passando aos cercados do engenho Araripe de Baixo, pertencente a um portuguez. Esperavamos que esse bom homem nos desse jantar mas, depois de longa espera, para grande desconforto dos nossos estomagos, comprehendemos que o nosso hospedador não se apressava em tornar real sua hospitalidade, e como houvessemos perdido muito tempo nessa demora, regalamos nossos cavalos, pelas duas horas, sob um sol ardente e depois de haver subido uma co-

lina, deixados varios canaviais e moradas e cruzado varios corregos, atravessamos uma região deliciosa. Vimos os povoados de Bu e de Fontainhas (5), e o primeiro com capela. Depois desse ultimo, o caminho segue para um terreno saibroso, quasi sem arvores, até descobrir-se o engenho de Bujirí, cercado de campos e verduras. Depois dessa plantação corre o rio de Goiana que é preciso vadear. A maré remonta até aqui.

A ponte de madeira, que existia outróra, está estragada e é perigosa para os cavalos. Entregamos os nossos ao guia que os fez atravessar a agua, sem desmontar-se, enquanto nós passavamos pelas vigas soltas. Essa operação não tomou muito tempo. Recebemos nossas montadas da mão do guia, com as selas humidas e gotêjantes, e poucos minutos mais chegavamos a Goiana, entre quatro ou cinco horas da tarde. A distancia do Recife a Goiana é de quinze leguas.

Esse caminho que trilhamos é a grande estrada para o Sertão (6), por onde o gado desce das fazendas no rio Assú, e dos campos nessa região do interior, para os mercados do Recife. A passagem continua dos grandes rebanhos rasgou uma larga trilha arenosa, atravez das má-tas. As grandes arvores ainda permanecem, se é que tenha succedido que alguma tenha crescido na estrada, essas, se forem de qualquer tamanho, afrontarão o bando de animais e continuarão a existir até que desapareça ou caia, ou até que as estradas regulares comecem a ser construídas no Brasil. Mas se o solo é plano a estrada não é má, mas, sobre os bordos dos comoros, quando devia ter feito uma volta nos trechos escarpados, vai direto ao cimo, de alto a baixo. As torrentes invernosas formam ravinas e cavernas e as ribanceiras se abatem, tornando a passagem perigosa. Não se conhecendo bem uma colina não se está certo em subir ou descer de noite.

Um ou dois dias normais de chuva no Brasil fazem grande diferença, tornando o caminho impraticavel.

Durante a jornada desse dia, vimos quatro ou cinco grandes cruces, toscamente construídas, erectas á margem da estrada. Marcam os lugares onde assassinatos foram cometidos.

Fui carinhosamente recebido pelo Sr. Joaquim, a quem tivera o prazer de ser apresentado no Recife, e não era homem que precisasse delongas para maior conhecimento pessoal. Fomos jantar ás cinco horas, quando a senhora, duas creancinhas, seus filhos, compareceram. Houve pratos preparados no estilo português, brasileiro e inglês.

A vila de Goiana, uma das maiores e mais florescentes da Capitania de Pernambuco, é situada sobre uma margem do rio do mesmo nome, em uma grande curva nesse local, quasi a rodeando. As casas, com uma ou duas excepções, têm apenas um andar. As ruas são largas mas não são calçadas. Uma das principais é tão ampla que admitiu a construção de uma grande igreja, numa das extremidades, e a extensão da rua é consideravel em ambos dos lados do edificio. A vila possui o convento dos Carmelitas e varias outras casas destinadas ao culto.

Os habitantes são de quatro a cinco mil e esse numero cresce diariamente. Ha tambem lojas e o commercio com o interior é intenso. Nas ruas sempre são encontrados numerosos Matutos (7), camponezes que vêm vender seus productos e comprar objetos manufacturados de que têm necessidade. Nas imediações existem muitos e excelentes canaviais. Creio que as melhores terras da provincia estão nesses arredores. Os proprietarios residem, parte do ano, na vila, e a comunicação estabelece rivalidade entre as familias, determinando acrescimo de des-

pesas, sendo beneficiada a vila com o aumento do consumo dos objetos de luxo.

Os agricultores têm a vantagem do transporte por agua, para Recife, de suas caixas de açúcar. O rio é um dos maiores, em varias leguas ao norte e sul, e é influenciado pela maré, até pouca distancia abaixo da vila. Goiana dista quatro leguas em linha reta, do mar, mas o rio calculam estar afastado umas cinco leguas. Abaixo da vila o inverno faz o rio transbordar, inundando as margens numa vasta extensão.

Goiana e seu grande distrito pertencem, em assuntos militares, ao Governador de Pernambuco e no que concerne ao civil ao Juiz de Fora, funcionario judicial nomeado pelo Governo superior, para um periodo de tres anos. Reside na vila e de suas decisões ha recurso para o Ouvidor em Paraíba.

Jantamos uma ocasião com o proprietario do engenho Mussumbú. Este senhor, varias outras pessoas e eu, estavamos á mesa em uma sala enquanto as senhoras, ás quais não era permitido sequer trocar um olhar, serviam-se num aposento adjacente. Dois rapazes, filhos do proprietario, ajudados pelos escravos de seu Pai, serviam á mesa e somente quando a deixamos é que elles vieram jantar. O dono desse dominio é portuguez. É entre essa parte da população, que deixou seu país para fazer fortuna no Brasil, que a introdução de melhoramentos é quasi impossivel. Muitos brasileiros tambem, mesmo de classe superior, seguem os costumes mouriscos, de sujeição e reclusão mas, tendo alguma comunicação com a cidade, vêem depressa que é preciso preferir maneiras mais civilizadas e rapidamente possuem habitos de polidez.

A 24 de Outubro entreguei a carta de apresentação, que obtive no Recife, ao Dr. Manuel Arruda da Camara. Esse homem illustre estava em Goiana, muito doente de

uma hidropisia, adquirida em sua residencia num distrito sujeito ás febres. Era homem empreendedor e entusiasta pela botanica. Seus altos conhecimentos deviam interessar qualquer Governo previdente, especialmente num país incultivado mas sempre em desenvolvimento. Mostrou-me varios dos seus desenhos que achei muito bem feitos Não mais tive occasião de ve-lo. Quando voltei do Ceará não houve tempo para encontra-lo, e faleceu antes de minha segunda viagem a Pernambuco. Trabalhava na "Flora Pernambucana" que sua morte deixou incompleta (8). O Snr. Joaquim tinha negocios na Paraíba e sua intenção era enviar o irmão para trata-los. Ofreci-me para acompanha-lo, e ele tinha prazer em viajar comigo e mostrar-me as curiosidades da cidade. Enviamos antes de nós o guia negro, meu creado, com um animal carregado, e partimos no outro dia, com um negrinho. Passamos a Campina de Goiana Grande ao nascer do sol, atravessando os canaviais e engenho desse nome, pertencentes ao Snr. Girão, e situado ao pé do outeiro que leva a Dois Rios.

A estrada, que depois percorri indo para o Rio Grande, passa por Dois Rios, mas a da Paraíba se afasta á direita O caminho entre Goiana e Paraíba nada apresenta de particular. As encostas são rudes mas pouco elevadas, as arvores, plantações e choupanas são iguais ás vistas anteriormente. A distancia é de treze leguas.

Chegamos á Paraíba ao meio-dia, parando á porta do coronel Matias da Gama, proprietario e coronel de Milicias. Era amigo do senhor Joaquim e estava no momento de ir para seu engenho, o que fez, mas nos deixou inteiramente senhores da casa e com servos para atender-nos. (9).

A cidade da Paraíba (lugares de menos população nesse país gozam deste predicamento) tem aproximada-

mente dois a tres mil habitantes, comprendendo a parte baixa. Ha varios indicios de que fôra mais importante que atualmente. Trabalham para embeleza-la mas o pouco que se realiza é á custa do Governo, ou melhor, por querer o Governador deixar uma bôa lembrança de sua administração. A principal rua é pavimentada com grandes pedras mas devia ser reparada. As residencias têm geralmente um andar, servindo o terreo para loja. Algumas delas possuem janelas com vidros, melhoramento ha pouco tempo introduzido no Recife. O convento dos Jesuitas é utilizado como palacio do Governador e o Ouvidor tem aí tambem sua repartição e residencia. A igreja do convento fica ao centro e tem duas alas. Os conventos das Ordens Franciscana, Carmelita e Beneditina são amplos edificios quasi deshabitados. O primeiro tem quatro ou cinco frades, o segundo dois e o terceiro apenas um. Alem destes, a cidade possui seis igrejas.

As fontes publicas na Paraíba foram as unicas obras desse genero que encontrei em toda a extensão da costa por mim visitada. Uma foi construída, creio, por Amaro Joaquim, Governador recente, tem varias bicas e é muito bonita. A outra que se está fazendo, é bem maior. A fiscalização das obras publicas era a melhor occupação do Governador.

Fomos visitar esse cavalheiro no dia seguinte á nossa chegada. Meu companheiro o conhecia desde Lisbôa, quando ele era Aspirante. Seus pais são de familia respeitavel n'uma provincia do norte de Portugal. Como o quizessem fazer padre, puzeram-no num Seminario, de onde fugiu e se alistou, simples soldado, em Lisbôa. Um dos officiais do regimento a que pertencia notou sua educação e, conhecendo sua historia, fê-lo Cadête, para agrada a familia. Viajou no mesmo navio que trazia as Princezas para o Brasil, sendo capitão de infantaria. Ca-

sando com uma das damas de honra logo que chegou ao Rio de Janeiro, dezoito mezes depois, passava, de humilde capitão a Governador da Paraíba e comendador da Ordem de Cristo. (10).

Fomos depois a outra ala do predio afim de pagar a visita do Ouvidor, um velho muito amavel e bem-humorado. Seu capelão, um pequeno, jovial e vivo frade, era amigo do senhor Joaquim, e nos fez muitos obsequios durante minha estada.

A paisagem vista das janelas é uma linda visão peculiar ao Brasil. Vastos e verdes bosques, bordados por uma fila de colinas, irrigados pelos varios canais que dividem o rio, com suas casinhas brancas, semeadas nas margens, outras nas eminencias, meio ocultas pelas arvores soberbas. As manchas dos terrenos cultivados são apenas perceptíveis.

A parte baixa da cidade é composta de pequenas casas, e situada ao lado de uma espaçosa baía ou lago, formada pela junção de tres rios, fazendo a descarga de suas aguas no mar por um longo canal. As margens dessa baía, como as de todos os rios salgados da região, são recobertas de mangues, tão unidos e compactos que parece não haver saída. Não acompanhei o rio até o mar mas soube que havia algumas lindas ilhas, com terrenos otimos mas incultos, (11).

Paraíba foi teatro de muitas lutas durante a guerra holandêsa e lamento não ter descido o rio até o famoso Forte de Cabedelo. A guerra se desenrolou n'um espaço limitado mas os feitos desses bravos defensores de sua terra os colocam no mesmo nivel de todos os povos que lutaram por uma causa de igual importancia.

O comercio da Paraíba é pouco consideravel não obstante o rio permitir que navios de 150 toneladas transponham a barra. Desde que eles se encontrem na baía,

deante da cidade baixa, qualquer corda os mantem e podem estar ao abrigo dos perigos. Existe a regular alfandega, raramente aberta. Paraíba está fora da estrada que vem do Sertão (12) a Recife, quer dizer, está arredada do caminho para as cidades situadas no litoral, para o norte. Os habitantes do Sertão, do interior, vão mais ao Recife por este apresentar pronto mercado aos seus produtos. O porto do Recife recebe navios maiores, oferecendo facilidades para embarque e desembarque de mercadorias, consequentemente, obtem a preferencia.

As casas, que podem ser consideradas excelentes comparando-as na região, foram erguidas pelos ricos proprietarios dos arredores, para residencia durante o rigor do inverno, ou estação das chuvas. As terras da Capitania são, geralmente falando, ricas e ferteis, mas se dá uma tal preferencia aos terrenos proximos ao Recife que estes da Paraíba são adquiridos a preços baratos. O açúcar dessa provincia é proclamado igual a qualquer outro doutra parte do Brasil (13).

Depressa vi tudo quanto era para ser visto. Não convivemos com a sociedade mas o tempo não me pareceu longo a passar porque o senhor Joaquim era um homem de inexgotavel hilaridade e bom-humor. Viviamos como por magica. O coronel havia dado ordens ao seu creado para que suprisse todos os nossos desejos.

O ultimo Governador, Amaro Joaquim, levou a Capitania a uma bôa ordem, graças a necessaria severidade. Prevalencia uma tradição de pessôas passearem a noite pela cidade, com imensos capotes e crepes no rosto, ocultando tudo, e se entregarem a praticas irregulares. O Governador, não podendo chegar a saber quem eram esses individuos, deu ordens para que a patrulha prendesse quem encontrasse assim vestido. A ordem foi executada e, no dia seguinte, encontrava-se no quartel um dos principais moradores. Um homem, chamado Nogueira, filho de uma

negra ou mulata, com um dos primeiros homens da Capitania, era temidissimo pela sua audaciosa conduta passada. Carregava as filhas da casa dos pais, pessôas veneradas na Capitania, matando os amigos ou parentes que se opunham aos seus atrevimentos. O homem fôra finalmente preso. Amaro Joaquim queria faze-lo executar, mas percebendo as dificuldades creadas pela familia que intercedia, mandou que o açoitassem. Nogueira disse que era meio fidalgo, homem nobre, e essa punição não lhe podia ser aplicada. O Governador então ordenou que só lhe fosse surrado um lado do corpo, para que o lado fidalgo não sofresse, devendo Nogueira indicar qual era o seu costado aristocratico. E, castigado dessa maneira, depois de haver permanecido muito tempo na prisão, foi desterrado, por toda a vida, para Angola.

A cidade da Paraíba desfrutou a tranquilidade e os bons efeitos da rigorosa administração de Amaro Joaquim. Conhecera-o em Pernambuco, antes de realizar esta viagem. Seu exterior, conversação, indicavam ambos ser ele homem de superior intelligencia. Quando o vi no Recife estava em caminho para o Piauí, em cuja Capitania fôra nomeado Governador. Faleceu, de febre, a bordo de um navio costeiro que o conduzia ao Piauí (14).

O senhor Joaquim queria regressar a Goiana, a trinta e duas leguas, pelas praias do mar. Partimos quando a maré estava em preamar, seguindo ao longo da baía, chegando ás 11 horas na casa de um Capitão Mor, homem de primeiro plano nesta parte do Mundo. Sua residencia era de barro, ainda mais feia que qualquer outra do mais miseravel lavrador lusitano; situada sobre areia ardente, tendo deante da porta um poço d'agua salôbra que jamais secava inteiramente, produzindo, decorrentemente, insetos de toda a especie. Duas vezes passamos agua pela manhã. O transporte foi feito em jangadas (15). A

sela e o passageiro vão na embarcação enquanto o cavalo, seguro pelas redeas, nada perto da jangada. O jangadeiro usa remo se ha profundeza ou vara se o trecho é razo. Pelas tres horas percebemos estar numa vasta praia de arcia, cercada de rochedos a pique, nos quais viamos a marca das enchentes. A maré ainda estava de vazante. Fizemos o guia montar num cavalo que vinha á nossa frente e apressamos o passo, mandando que nos acompanhasse. A maré estava ainda a pouca distancia das rochas. Descobrimos uma mais destacada das outras, interceptando a passagem. Paramos e saltamos dos cavalos, grimpendo pelas penedias. O guia, por esse tempo, conduzia as cavalgadas por dentro d'agua. Felizmente essas tomaram a direita, passando longe dos rochedos para descobrir, do outro lado, a terra, para onde se dirigiram. Trepando nas pedras escorreguei um pé e caí numa fenda, com os dois pés, descendo até os braços, que felizmente me sustentaram o corpo. Reerguendo-me, saltando para outra banda justamente quando vinha uma vaga, esta me fez tomar um banho frio até a cintura. Podiamos esperar que a maré baixasse mas temiamos ser surpreendidos pelo crepusculo, o que, malgrado todos os esforços, devia acontecer. A terra, alem do rochedo saliente, era baixa, arenosa e inculta. Ao escurecer chegamos ás ribanceiras de um grande rio. A pouca claridade que nos restava já não permitia divulgar a margem oposta. Chamamos, repetidas vezes, o barqueiro, que não appareceu. E a noite caiu. Propuz dormirmos sob a arvore que nos abrigava, mas o meu companheiro não aceitou e perguntou a distancia para Abia (16), a mais proxima propriedade açucareira. O guia respondeu que tres leguas. Ficariamos alí ou então era marchar para Abia. Tinhamos feito dezesseis leguas e o cavalo do senhor Joaquim, um belo animal mas um pouco gôrdo, estava fraquejando. O guia passou adiante e o seguimos, por um carreiro estreito e pouco

transitado porque os galhos tocavam continuamente nas nossas roupas, durante toda extensão. Encontramos em Abia a residencia vazia. O administrador fôra para casa. Perdemos o desejo de entrar para uma choupana proxima ao predio principal, quando notamos que já ali se encontrava um grupo numeroso e de mau aspecto. Tinhamos ainda outra meia-legua para chegar ao senhor Leonardo, amigo do meu companheiro.

O senhor Leonardo nos deu um otimo jantar, rêdes e cuidou dos animais. Pela manhã partimos para Goiana, a sete leguas daí, passando por Alhandra, aldeia indigena, contendo cerca de seiscentos moradores. Esse povoado não é construído regularmente como os outros que tenho visto. Em vez de uma praça, com casas em cada lado, ele é formado pelas ruas, e ainda que a praça tenha sido conservada, nada lembra as demais povoações indigenas. Os indios de Alhandra, pela sua proximidade a Goiana, cerca de tres leguas, não são tão puros como os que vivem distanciados de uma grande cidade. Eles admitem no seu meio os *mamaluços* e *mestizos*.

Grande parte na extensão da costa é deshabitada mas sempre que a terra é baixa e a ressaca não muito forte, encontravamos algumas choupanas e as margens dos rios não são inteiramente destituidas de moradores.

Os dois primeiros rios que atravessamos devem ter de oitenta a cem jardas de largura, são profundos mas não se prolongam para o interior do país. Quando cessa a ação das marés, todos os rios se tornam insignificantes e muitos deles ficam completamente secos. O grande rio que tinhamos querido atravessar era o Goiana. Ele se alarga muito quando a maré sóbe, mas é facilmente vadado na vazante, e o canal se estreita e é pouco profundo nas marés da primavera. Julgam-no com uma legua de largura na barra mas sua maior amplitude é imediatamente depois da foz.

NOTAS AO CAPITULO IV.

- (1) Cipó cururú, *Echites cururu*, Mart. (C).
- (2) Igarassú, *igara-canôa*, *assú*, grande, alusão ás naus de maior porte que surgiam nos arredores, foi um dos primeiros pontos colonizados na costa pernambucana. Aí se fundou o nucleo inicial da Capitania de Duarte Pereira, depois transferida para Olinda. Vila no seculo XVI, é sede de municipio, compreendendo os distritos de Arassoiaiba, Itamaraca e Itapissuma, além da capital. (C).
- (3) Na parte baixa da vila ficava a fundação que, nos inicios, sustentou o cerco contra os selvagens, como relata Hans Staden, o primeiro viajante que escreveu sobre o Brasil. *History of Brazil*, vol. I, p.46. (K). Sempre que Koster cita a "*History of Brazil*" entende-se ser a de Robert Southey. A narrativa de Hans Staden tem tido varias edições brasileiras. A mais completa é a da Academia Brasileira (1930), traduzida por Alberto Lofgren, revista e anotada por Teodoro Sampaio, "Viagem ao Brasil", pelo texto de Marpugo em 1557, 186 pp, com reprodução das ilustrações xilograficas da *princeps*. (C).
- (4) Tenho tido varias ocasiões de demorar nesse hotelzinho. Numa vez, pedi o sal, que não é posto usualmente na mesa. O dono da casa, com a habitual familiaridade de maneiras da região, expressou a surpresa pela quantidade adicional de sal que eu puzera. Ficou intrigado mas nada disse. O facto se passara pela manhã, logo que tinhamos chegado, e pela tarde, ao jantar, para nosso desagrado, a sôpa e demais pratos estavam saturados pelo tal ingrediente, permitindo apenas comer. Queixando-me ao patrão, esse respondeu: — "Cuidei que eram amigos de sal!". (K).
- (5) Todos os toponimos registados por Koster estão resistindo. Bu, Fontainhas, Bujiri, Dois Rios, Pasmado, continuam incolumes. assim como os demais. Nas cercanias das cidades é que a bajulação toponomastica apaga as denominações seculares para a gloria dos nomes atuais. Os Institutos Historicos resmungam, os velhos historiadores murmuram, mas a vaidade é forte, as sugestões de homenagem são prementes, e o toponimo de duzentos, trezentos, imemorial, desaparece, pelo menos nos papeis officiais. (C).
- (6) Essa palavra virá de *Desertão*, usada no aumentativo de Deserto, como é o costume português? (K).
- (7) Matutos, habitantes do Mato. (K).
- (8) O doutor Manuel Arruda da Camara, medico, botanico, entomologista, filosofo, naturalista, é uma fisionomia sugestiva de observador, estudioso de todas as curiosidades. Deixou vestigios impressionantes de sua atividade continua mas desambientada pela indiferença governamental. Sua biografia é nevoenta e dificil e a tradição oral deforma, dando-lhe aspectos de iluminado precursor de reformas sociais, profeta e fundador de uma escola de filosofos. Do que sabemos de sua vida e trabalhos ha elemento para dizerem um dos mais vivos, originaes, cultos e logicos da sua epoca. Filho do Capitão-Mor Francisco de Arruda Camara e Maria Saraiva da Silva, e não de um frade carmelita como supunha João Ribeiro, ingressou no Convento do Carmo de Goiana, em Pernambuco, 1783, tomando as ordens carmelitas e recebendo o nome de Frei Manuel do Coração de Jesus. Foi estudar em Coimbra mas, aceitando as ideias da Revolução Francêsa, fugiu para a França onde cursou medicina em Montpellier, doutorando-se. Conseguiu sua

secularização e voltou a Lisboa onde o elegeram socio da Academia Real de Ciências (*) e nomeado auxiliar de José Bonifacio de Andrada e Silva na excursão cultural pela Europa. Arruda Camara não aceitou e regressou ao Brasil em 1789, data que invalida sua adesão ás ideias francêsas e concomitante necessidade de fugir de Portugal. Em 1796 estava em Pernambuco. A ordem regia de 10-IX-1796 encarregava-o de estudar nitreiras e jazidas mineiras, indo depois a Jacobina, na Baía, e ao Rio S. Francisco, pequisar minas de cobre e salitreiras. Anteriormente reunira objetos indigenas para o Museu Real de Lisboa. Viajou até o Rio de Janeiro, fazendo parte da Academia que o Vice Rei Luiz de Vasconcelos prestigiava. Com o Bispo de Anemuria e Silveira Caldeira fez parte da comissão examinadora e aperfeiçoadora da "FLORA FLUMINENSE", de frei José Mariano da Conceição Veloso. Em 1802 se achava em Pernambuco, residindo em Goiana e Itambé, hoje Também, onde dirigia um misterioso "Arco-pago de Itambé", escola de ensinamentos filosóficos e administrativos, uma especie de club, ao qual pertenceu a melhor gente moça da Capitania. Não se sabe a data exata do seu falecimento que se deu em 1811 e não no ano anterior. Sebastião de Vasconcellos Galvão, no "Dicionario Chor. Hist. e Estats. de Pernambuco" informa tres datas. No 3.º vol, p-39: — "*Falece a 21 de Maio desse ano (1811) de hidropesia, na cidade do Recife e aí é sepultado na igreja do Carmo o sabio naturalista Dr. Manuel de Arruda Camara.*" "Na pag-362, do mesmo tomo, aparece 25 de Maio de 1811. No 1.º volume, p-285, está "*morrendo em Goiana em 1810.*" "Morreu antes de Abril porque é datado de 3 de abril de 1811 o officio do Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro ao Juiz de Fóra de Goiana pedindo que reunisse e remetesse todos os manuscritos de Arruda Camara. Num outro officio, ao Conde de Linhares, o mesmo Governador escreve que "*O dito Manuel Arruda tinha falecido havia pouco tempo de hua hydropezia no peito*", e datou de 21 de Junho de 1811. Sacramento Blake registra sua bibliografia conhecida, "Dicionario Bibliografico Brasileiro", 6.º vol, p-31. Os estudos mais interessantes são os de Pereira da Costa, "Dicionario Biografico de Pernambucanos Celebres", Recife, 1882, p-640, e Coriolano de Medeiros, elogio biografico, publicado na interessantissima revista GEGHP, n.º 6, de 27-3-1932, João Pessoa, p-84. Arruda Camara, além da Academia Real de Ciências de Lisboa, era da Academia de Ciências de Montpellier onde se doutorara, da Sociedade de Agricultura de Paris. De suas ideias políticas resta-nos uma famosa carta, dirigida ao padre João Ribeiro Pessoa, seu desenhista e colaborador nas pesquisas naturalistas. E' datada de Itamaracá, 2 de Outubro de 1810, e Pereira da Costa divulgou-a no seu "Dicionario" (p. 641).

"João. A morte se me aproxima a passos largos. Por temer de aí chegar vivo, faço-te esta bem atribulado, pois conheço o meu estado. Avisa ao Tinoco de ir morrer em sua casa, caso lá chegue vivo. Estas linhas são escritas por cautela, para depois de minha morte saberes mais Tinoco, o que devem fazer quanto algumas alfaias que ficam. Não ignoras a demasiada ambição de meu mano Francisco, que tudo ha de praticar para não ter efeito minha ultima vontade. O nosso amigo João Fernandes Portugal nunca fique em esquecimento de você. A minha "Flora", de capa encarnada, que Francisco tem em vista, chama a ti com tempo. A minha

(*) Sessão de 15-5-1793, secção de Ciências, na classe dos Correspondentes, informa-me amavelmente, de Lisboa, o Embaixador Araujo Jorge. (C)

obra secreta manda com brevidade para a America inglêsa ao nosso amigo N. por nela conter cousas importantes, que não convem ao feroz despotismo ter dela menor conhecimento, e por ter então muito que perder os da tua familia do ramo do general André Vidal de Negreiros, que padre Matias Vidal de Negreiros, e marquez de Cascaes, hão despojado dos bens do dito general furtivamente. Tem toda cautela na minha miscelanea, onde estão todos os apontamentos das importantissimas minas. Se succeder algum desar, em que vires perigo á tua existencia, faz ciente alguem de tua familia do ramo de Negreiros, ao amigo da America inglêsa para prevenir tudo, e nunca sujeitarem os meus papeis a ingratos, embora fiquem por tempos privados dos seus bens. Tambem não devem esclarecer aqueles que os tem defraudado. Estou falando sobre os herdeiros roubados do ramo do general Negreiros. Os bens ficam á disposição dos meus testamenteiros, tu, Tinoco, e João Fernandes Portugal. Conduzam com toda a prudencia a mocidade em seus inspiros para que nenhuma provincia a exceda. Tenham todo o cuidado no adiantamento dos rapazes Francisco Muniz Tavares, Manuel Paulino de Gouveia, José Martiniano de Alencar, e Francisco de Brito Guerra; como assim acabem com o atrazo da gente de côr, isto deve cessar para que logo que seja necessario se chamar aos lugares publicos haver homens para isto, porque jamais pôde progredir o Brasil sem eles intervirem coletivamente em seus negocios, não se importem com essa acanalhada e absurda aristocracia cabunda, que ha de sempre apresentar futeis obstaculos. Com monarquia ou sem ela deve a gente de côr ter ingresso na prozíperidade do Brasil. A conhecida probidade de Caetano Pinto não deve ser constrangida. Tu és o meu escolhido. As fases porque tem de passar o Brasil mostrarão em que deve ficar o seu governo sobre representante da nação. Sou dos agricultores que não colherei os frutos de meu trabalho, mas a semente está plantada com boas batatas. D. Barbara Crato devem olhá-la como heroína. Remete logo a minha circular aos amigos da America inglêsa e espanhola, sejam unidos com esses nossos irmãos americanos, porque tempo virá de sermos todos um; e quando não for assim sustentem uns aos outros. Como ainda não pôde o Brasil com grandes obras, fala no entretanto a Caetano Pinto para mandar por via dos comandantes de ordenanças abrir essas estradas até cincoenta leguas a machado e foices

com o que muito lucrará o commercio e a agricultura. Não trato de abrir canaes, por que sustentem os que ha feito pela natureza, não val a pena o serviço que com eles se despende. Mauricio situou mal o Recife, sem ter ancoradouro, e em cima de bancos de areia inextinguíveis. Adeus. Itamaracá, 2 de Outubro de 1810. P. S. Se ainda vires Frei Gaifundo dizê a esse frade que não levo queixas dele, pois tudo lhe perdôo”.

O destinatario, citado no texto como um dos rapazes, o que extranho, foi um dos chefes da Revolução de 1817 e suicidou-se. Os outros “rapazes” tiveram vida prestigiosa, no Senado e Camara do Imperio. Koster transcreve dois ensaios de Arruda Camara, no final do presente livro. (C).

(9) Matias da Gama Cabral e Vasconcelos, Coronel de Cavalaria Mili-ciana, foi um dos chefes da contra-revolução em 1817. Absolutistas, chegou a ser preso, depois de 1831. Era homem de grande fortuna. (C).

(10) Quando Koster visitou Paraíba, Outubro de 1810, era Governador da Capitania, Antonio Caetano Pereira, que tomara posse a 30-8-1809. O Ouvidor, tão gabado pela alegria comunicativa, seria André Alvares. Não encontrei documento afirmando ou negando, mas seu nome tem a indicação prestigiosa de Coriolano de Medeiros, em carta para mim. Antonio Caetano Pereira governou até 11-12-1815. O nome do Ouvidor era André Alvares Pereira Ribeiro Cisne (C).

(11) Uma pessoa, que conheci posteriormente, limpou uma dessas ilhas, fundando uma salina. (K).

(12) A palavra *sertão* é empregada de maneira indefinida, não somente significando o interior do país mas, às vezes, grande parte da costa cuja população é parca. Assim, toda a região situada entre o Rio Grande e a Paraíba é chamada Sertão. Paraíba é uma pequena provincia situada entre Ceará e Maranhão. (K). Sertão diria, nos classicos portugueses, o interior.

E' bem o *sertão da terra*, de João de Barros, ou o *sertão da calma*, de Rodrigues Lobo. Pero Vaz de Caminha, na carta de 1-5-1500, escreve o vocabulo nessa accepção: ...*nom dovidjo que per ese sartão ajam mujtas avcs*, ou ainda, e mais expressivamente; ...*De pmta a pmta he toda praya parna e mujto chaa e mujto fremisa; pelo saartão nos pareceo do mar mujto grande...* Significando, como ultimamente se lê, região primitiva, rudimentar, roceira, é mera convenção. (C).

(13) Koster escreveu: *The sugar of this province is reckoned equal to that of any art of Brazil* O açúcar paraibano era famoso e o conde de Nassau fizera-o figurar no braço d'armas por essa mesma excellencia. Os seis pães de açúcar na heraldica da Companhia Privilegiada das Indias Occidentais, era, segundo Barléu: — *“Parayda saccharerum panum formas pyramidales praeferebat. Quod optimi & laudatissime sacchari nutricula esset, aut quod dedita nostratibus provinciâ, major illic sacchari & molarum coeperit esse labor & precium.* Traduz o prof. Claudio Brandão: — *“O da Paraíba apresentava as formas piramidais dos pães de açúcar, ou por ser produtora de otimo e estimadissimo açúcar, ou porque, passando para nós essa provincia, foi aí maior o trabalho dos engenhos e o preço do açúcar.* “Vêr o meu estudo “Geografia do Brasil Holandês”. (C).

(14) Amaro Joaquim Raposo de Albuquerque, fôra nomeado Governador da Capitania da Paraíba a 27-8-1804, e governou de 24-7-1805 a 29-8-1809.

Era primeiro tenente da brigada real de Marinha. Transferido para a Capitania do Piauí, já nomeado a 1-10-1811, chegou à vila de Parnaíba em 8-7-1812 e, de viagem para Oeiras, a capital, faleceu na fazenda "Tapera", em 27 de agosto desse 1812, sepultando-se na matriz de Valença, no Piauí, distante 75 quilômetros de Oeiras. Na Paraíba, Amaro Joaquim refreou o abuso das armas, pondo em ordem arrecadação, obtendo saldos e perseguindo o furto de cavalos. Em dezembro de 1806, voltando da igreja do Carmo onde fora ouvir o sermão da terceira domingo da quaresma, foi vítima de um acidente de carro, por se terem espantado os cavalos. O Governador fracturou uma perna, assim como seu ajudante de ordens. Irineu Ferreira Pinto, "Datas e Notas para a Historia da Parahyba", p-235. Paraíba. 1908. (C).

(15) As jangadas empregadas para os pequenos rios são inteiramente semelhantes às que já descrevi, apenas sua construção é ainda mais tosca. (K).

(16) ...asked the distance to Abia, Abia, Abiá, Abiai, rio ao sul da capital paraibana. (C).

CAPITULO V

JORNADA DE GOIANA AO RIO GRANDE. MAMAN- GUAPE. CUNHAÚ. PAPARÍ. S. JOSÉ. DUNAS. TABOLEIROS. CIDADE DO NATAL. O GOVERNA- DOR DO RIO GRANDE.

Tinha muitas esperanças de que o senhor Joaquim me acompanhasse até ao Rio Grande mas ele mudou de parecer e tomei, então, as providencias para viajar sozinho. Comprei mais tres cavalos, contratei um guia para o sertão, homem branco da região, e dois indigenas, com cerca de dezesseis anos. A 3 de Novembro segui, acompanhado pelo meu creado inglês, John, o guia Francisco, Julio e o outro rapaz, seu companheiro. Só alcançamos, nessa mesma tarde, Dois Rios, a duas leguas de Goiana. Estava avançando o dia quando nos despedimos, adiantando-nos lentamente porque as duas cargas não estavam bém divididas e arrançadas sobre os animais. Só então percebi que tinha esquecido varios objetos de necessidade, quando paramos a noite. Esquecêra uma colcha de baêta para cobrir-me durante a noite, que devíamos ter trazido maior numero de utensilios da cozinha, e que facas e garfos eram raros. Conduzia comigo uma maleta com roupas, posta num lado da séla, e do outro, uma caixa contendo algumas garrafas de aguardente e vinho, no centro, a minha rêde. Isto fazia uma carga. O outro cavalo carregava nas malas, especies de baús, nossas provisões e a bagagem do meu povo, roupa de reserva e outros fornecimentos. Podia estar melhor preparado mas, á proporção que adquiria experiencia, provia minha bagagem com outros ele-

mentos. A rêde é geralmente feita de algodão, com varias dimensões em côres e arranjos. As usadas nas classes baixas são tecidas em algodão, fiado nas manufacturas do país, outras são de malhas com varios fios, de onde provem o nome de "rêde", outras ainda são formadas de uma longa renda, fixada atravessadamente com intervalos. Essas ultimas, usualmente pintadas de duas côres, são encontradas nas casas ricas. Essa especie de leito foi adaptado dos indigenas e não é possivel imaginar-se nada mais conveniente nem melhor adequado ao clima. Pode dobrar-se, ocupando espaço diminuto e, com um pano de baêta por cobertor, tem-se a tepidez sufficiente (1).

Não pude descobrir nesse lugar nenhum curso d'agua apesar do nome de Dois Rios. È espaçoso trecho de terra, aberto, bordado de casinhas, tendo cada qual um pateo para o gado. È aqui a grande feira semanal de gado, vindo do Sertão, para os mercados de Pernambuco. Avançamos, no dia seguinte, de Dois Rios, para os canaviaes do Espirito Santo, situados ás margens do rio Paraíba, sêco pela estiagem do verão, e a curta distancia acima do engenho. Levava cartas para o proprietario, membro da familia Cavalcanti, e Capitão-Mor na provincia da Paraíba. Fui por ele recebido de maneira afetuosa. A residencia é no estilo usual da região, tendo apenas o pavimento terreo e sem fôrro, mostrando as vigas e telhas. Por ceia puzeram deante de mim carne-êca e farinha de mandioca, tornada em papa, que chamam *Pirão*, e tambem biscoitos-duros (bolachas) e vinho tinto. Não era sufficientemente brasileiro para comer o pirão, preferindo a bolacha e a carne, o que estarreceu o anfitrião. Os doces, servidos depois, eram como sempre, deliciosos, conforme o habito das familias dessa ordem. O rico homem brasileiro tem tanto orgulho dos seus doces quanto

o cidadão inglês de sua mesa ou dos seus vinhos. Puze-ram, para mim, a toalha numa extremidade da comprida mesa. O Capitão-Mor sentara-se sobre o movel, na outra ponta, e conversava comigo. Durante isso, as principais pessôas da casa nos cercavam, para ver o bicho estranho chamado inglês. Passamos, depois, para um aposento mais amplo e cada qual escolheu uma rêde, das muitas que havia na sala, e ficamos conversando e balançando meio adormecido. Um dos presentes supunha que eu falando português era um inglês que não sabia seu idioma ou que todo português que fosse a Inglaterra falaria imediatamente a linguagem desse país, como eu falava o português.

O Capitão-Mor deixa raramente seu engenho para ir ao Recife ou Paraíba, vivendo, como os outros de sua classe no Brasil, num estado de vida feudal. Derredor dele havia varios rapazes que o serviam mas, nem sua mulher, nem qualquer das filhas, apareceu. A principal divisão da casa é em dois grandes quartos, com muitas portas e janelas. Em um, varias rêdes e um sofá. Nou-tro, a longa mesa onde eu havia ceado, e poucas cadeiras. O solo era revestido de tijolos e as portas e postigos não tinham pintura. O dono da casa vestia uma camisa, ceroulas e um longo roupão, chamado "chambre", e um par de chinelas. È a indumentaria tipica de pessôas que nada têm a fazer. Quando um brasileiro começa a usar um desses "chambres" têm-no logo na conta de importante e lhe dedicam, subseqüentemente, muito respeito.

No dia seguinte viajámos sete leguas e, pela primeira vez dormi ao ar livre. Projetara alojar-me nessa noite numa povoação dos arredores mas as cabanas eram tão pequenas e miseraveis, cobertas de ramos secos, que preferi o relento. Fomos para um riacho que corria a pou-

ca distancia da povoação. Descarregamos imediatamente, os animais, retirando-lhes as bridas e selas para que pudessem melhor espojar-se livremente. Depois procuramos lenha e como a maior parte da região era inteiramente arborizada, não haveria perigo de faltar. A luz foi acêsa e fizemos duas fogueiras. Procuramos uma panela nas choupanas vizinhas e puzemos a cozinhar a carne-sêca. A carne foi assada á velha maneira dos indios, estendendo-a sobre uma especie de grelha de varas verdes, acendendo o lume em baixo. Descobrimos, não longe do sitio do nosso acampamento, que havia um terreno mais relvoso, alugado por um camponez que permitia os cavalos passar a noite pastando pelo preço de um vintem. O guia, pensando que eu julgava o preço exorbitante, afirmou ser a paga do costume. Como era de supor, não opuz difficuldades em que os nossos animais fossem levados pelo Julio e seu companheiro para esse pasto. Julguei-me então instalado para a noite e fiz servir a ceia, sentado na minha rêde, que a suspendera entre duas arvores, pondo o prato em cima de uma mala. Quando terminei, acendi um charuto e sentei-me perto do lume. O guia acendeu o cachimbo e se collocou ao lado oposto, afim de falar sobre o que deveriamos fazer amanhã. Voltei para a rêde depois das dez horas mas, achando a temperatura muito fria, regresssei para junto do fogo e detei-me sobre dois couros destinados a cobrir as cargas em caso de chuvas.

Era um espetaculo inedito para mim. Quando pensava na completa mudança de habitos que esse genero de vida exigia e como eram diversos dos vividos na Inglaterra, e mesmo na Europa; quando olhando em torno de mim, via as varias fogueiras, porque a frescura do ar obrigava que cada pessoa tivesse a sua; os homens adormecidos, as cangalhas, malas e mais partes da bagagem espalhada, como elas ficam quando descarregamos os ani-

mais; quando ouvia o murmúrio da água e o rumor do vento nas folhas das árvores; quando notava estar no seio de um povo de cujos hábitos pouco conhecia e que ignorava as intenções para com meus patricios, caía numa depressão moral, rapidamente dissipada, prevendo as alegrias do regresso e a realização do que julgava impossível. Era reanimado pela ideia de saber o idioma do país e pela resolução de, conforme os costumes do povo, a eles submeter-me fielmente. Não era demasiado idoso para ter hábitos tão arraigados que não pudessem ceder quanto necessário. Essas reflexões foram interrompidas pelo grito de "Jesus!", repetido incessantemente, cada minuto, por uma voz sombria. Chamei o guia, supondo que partisse de alguém em perigo. Ele despertou e lhe disse o que se passava. Respondeu-me que alguém ajudava outrem a *bem morrer*, como depois soube ser tradicional, que qualquer agonizante deve ter junto de si um amigo repetindo a palavra "Jesus", até que deixe de responder, seja para que esse nome de salvação não fique esquecido, seja para afugentar o diabo.

Jantei, no outro dia, na povoação de Mamanguape (2), situada á margem de um rio sêco. È um lugar florescente. Essas povoações, mais novas que as outras, são constituídas por uma unica e longa rua ao correr da estrada. As antigas são ao redor das praças. Terá uns trezentos habitantes. Soube, posteriormente, que o numero duplicara e casas novas foram construídas. O rio é escasso elemento de vantagem para o povoado mas o lugar é convenientemente escolhido, entre Goiana e Rio Grande, como um quartel-general para os mascates, homens uteis, industriosos e, no país, geralmente probos. Eles partem para suas excursões diarias e podem voltar para dormir á noite.

Passei a noite numa construção exterior de um engenho. O guia estava assombrado por não ter ido solicitar hospedagem na casa-grande, mas preferi meu canto a outro qualquer onde corresse o risco de passar meia noite na obrigação de contar as novidades. A hospitalidade, de toda forma, é grande nesses senhores de engenhos, e não ha necessidade de cartas de recomendação. Trazia, entretanto, algumas.

No dia seguinte chegamos a Cunhaú, o engenho do coronel André d'Albuquerque Maranhão, chefe do ramo Maranhão da numerosa e distinta familia dos Albuquerque (3). È um homem de imensas propriedades territoriais. As plantações de Cunhaú occupam quatorze leguas ao longo da estrada e foi adquirida outra terra vizinha, igualmente vasta. Do mesmo modo, as terras que elle possui no Sertão, para pastagens do gado, supõem não inferiores de trinta e quarenta leguas, desta que é preciso andar-se tres e quatro horas para vencer-se uma.

Trazia-lhe cartas dos seus amigos de Pernambuco. Encontrei-o sentado á porta, com o capelão e muitos dos seus creados e outras pessoas empregadas em seu serviço, gozando a frescura da tarde. È um homem com cerca de trinta anos, bem feito e com um talhe acima do mediano, com maneiras gentis, ou melhor, cortezes, como os brasileiros de educação geralmente possuem.

O coronel reside no seu engenho feudal. Seus negros e demais serviçais são numerosos. Comanda o regimento de cavalaria miliciana e o tem em bom estado, atendendo-se ás condições da região. Veio para perto de mim, logo que desmontei, e lhe entreguei as cartas que levava, e ele as poz a parte para ler com sossego. Fez-me sentar e conversou sobre varias questões, meus planos, intenções, etc. Levou-me aos aposentos reservados aos hospedes, a pequena distancia dos seus. Encontrei um bom leito.

Trouxeram agua quente numa grande bacia de latão, e todo o necessario foi providenciado. Tudo era magnifico e até as toalhas tinham franjas. Quando acabei de vestir-me esperei ser chamado para jantar mas, com surpresa, apenas a uma hora da madrugada é que um creado veio buscar-me. Encontrei, na sala de jantar, uma comprida mesa inteiramente coberta de pratos incontaveis, suficientes para vinte pessoas. Sentamo-nos, o coronel, seu capelão, outra pessoa e eu. Quando eu havia saboreado bastante para estar perfeitamente saciado, surpreendeu-me a vinda de outro serviço, igualmente profuso, de galinhas, pasteis, etc., e ainda apareceu um terceiro, tendo pelo menos, dez especies diferentes de doces. O jantar não podia ter sido melhor preparado nem mais perfeito mesmo se fosse feito no Recife, e um epicurista inglês teria ali com que agradar seu paladar. Só foi possivel retirar-me ás tres horas. Meu leito era otimo e tive ainda mais prazer por não esperar encontrar um, naquelas paragens. Pela manhã, o coronel não me quiz deixar partir sem almoçar, chá, café, bolos, tudo de excelente gosto. Levou-me, em seguida, para ver seus cavalos e insistiu comigo para que escolhesse um deles, deixando ali o meu, afim de recebe-lo em melhor estado quando de minha volta, pedindo-me que substituisse meus animais de carga, ainda com boa resistência, pelos seus. Recusei aceitar seus oferecimentos. Essas circunstancias são mencionadas para demonstrar a franqueza com que os estrangeiros são tratados. Só foi possivel sair ás dez horas e apenas cavalgamos duas leguas para o jantar. Parei, para esse fim, em um lugar encantador, banhado por um arroio, e sombreado de arvores.

A pouca distancia do engenho Cunhaú está a povoação do mesmo nome, a qual atravessei indo para a propriedade do coronel. Essa povoação e o engenho mesmo, foram teatro do massacre cometido pelos Potiguares e Tapuios

do Potengí no ano de 1645 (4). Uma batalha contra os holandeses dirigida pelo chefe indigena Camarão, de cuja bravura os portugueses são orgulhosos, teve lugar entre Cunhaú e o Forte Keulen, situado á barra do Potengí (5).

A Capitania do Rio Grande começa algumas leguas ao sul de Cunhaú num local chamado "Os Marcos" (6). É um vale profundo, habitado por negros fugitivos e criminosos. As trilhas que levam ao vale são intrincadas e um homem que fixar aí sua moradia difficilmente será desalojado.

Este ano a safra do algodão foi reduzida pela falta de chuvas. O coronel de Cunhaú que primeiramente havia plantado num terreno, esperando colher cerca de 10.000 arrobas, só conseguiu umas cem! Disse-me que, para o futuro, ficaria no açúcar. O coronel é compassivo com sua escravaria que me pareceu magnifica e o criterio de não retirar das suas terras todos os proventos possiveis é uma prova da bondade do seu temperamento. A propriedade de Cunhaú é extensissima, possivelmente a maior dessa região. Possui cerca de 150 escravos mas as terras podias ocupar quatro ou cinco vezes esse numero, mas o coronel dá maior atenção ao gado, com o qual seu Pai ampliou a fortuna.

Como era costume ao chegarmos, os cavalos foram descarregados e minha rêde armada. Deitei-me todo vestido e, de subito, levantei-me, sentindo-me mal. O guia, examinando-me, gritou: — Oh! O Senhor está cheio de carapato!" (7). Percebi-os então e eles, pelas suas picadas, se fizeram sentir melhormente. Sem perder tempo, tirei parte da roupa e meti-me dentro d'agua, sem cuidar em desvestir o restante.

O carrapato é um pequeno inseto chato, de côr escura, do tamanho de quattros cabeças de alfinetes postas juntas, prende-se á pele e, com o tempo, penetra nela. É perigoso

arranca-lo bruscamente de onde se fixou porque, ficando a cabeça, sobrevem frequentemente uma inflamação. A ponta de um garfo aquecida ou de um canivete, aplicada ao inseto, quando esse se enterra pela pele não permitindo retirar-lo com os dedos, consegue expulsa-lo. Ha outra especie de carrapatos muito mais volumosos, de côr de chumbo, e que se agarra principalmente aos cavalos e ao gado que percorrem as terras com muita vegetação. Vi algumas vezes cavalos que estavam exgotados pela perda de sangue sofrida. Os carrapatos desse genero se prendem á pele mas não a penetram. Minha rêde havia caído no chão quando a tiramos da mala para suspende-la, trazendo, desta forma esses desagradaveis visitantes. Tive muito trabalho em livrar-me deles e só o consegui por ter atacado o inimigo a tempo.

Partimos ás duas horas. Tinha a intenção de viajar até o crepusculo, parando então perto de qualquer choupana, mas encontrei um homem ainda moço com quem fui conversando. Morava em Paparí, povoação a meia legua da estrada e me sugeriu que o acompanhasse para dormir nesse lugar, o que aceitei.

Paparí é situada num vale estreito e profundo, mas de lindo aspecto. E' intensamente cultivado, principalmente este ano as terras foram valorizadas, por não haver chuvas e os trechos arenosos serem estereis. Com efeito, quando vira n'outras paragens a terra sêca e queimada, essa região é cheia de verdura, irradiando alegria derredor de si, ciente de sua superioridade. Os habitantes parecem compreender, pela sua satisfação, a partilha esplendida que receberam. Paparí tem outra vantagem, embora longe três ou quatro leguas do mar, possui um lago d'agua salgada, de forma que os moradores têm peixes ás portas. A maré vai até o lago, que jamais sêca,

e mesmo os rios d'água doce raramente param, preservando uma certa parte da ação marítima. (8)

Os pescadores vão nas suas pequenas jangadas que não exigem mais de doze polegadas de profundidade.

Paparí está a cinco leguas de Cunhaú. Senhor Dionisio (9) apresentou-me a sua mulher. Ele é português e ela brasileira. Tem uma pequena propriedade no vale, que me pareceu prosperamente colocada. Paparí contará uns trezentos habitantes, muito espalhados. Soube que, durante este ano, muitas pessoas se fixaram aqui pela carencia de viveres nos lugares de origem.

Fui á margem do lago para presenciar a chegada dos pescadores. O povo da redondeza estava todo reunido para recebê-los. E' perfeitamente uma miniatura do Bilingsgate (10), exceto que o idioma português não admite pragas.

Jantei à moda brasileira, numa mesa colocada a seis polegadas do solo, ao redor da qual nos sentamos ou melhor, nos deitamos, sobre as esteiras. Não havia garfos e as facas, em numero de duas ou três, eram destinadas a cortar unicamente os maiores pedaços de carne. Os dedos deviam fazer o resto.

Fiquei em Paparí um dia inteiro afim de que meus cavalos descançassem um pouco e pude, por intermedio do senhor Dionisio, comprar um outro para o pobre Julio, cujos pés estavam fendidos pela marcha nas areias soltas.

Distante três ou quatro leguas de Paparí está a aldeia indigena de S. José (11), construida em forma de um quadrado, podendo conter aproximadamente duzentos moradores, mas tendo todos os sinais visiveis de decadencia. O capim cresce a grande altura no meio da praça, a igreja está abandonada, e a aldeia tem um aspecto melancolico. S. José está sobre um solo sêco e arenoso, e o rigor da estação talvez contribúa para lhe dar

essa visão desagradavel. Neste dia positivei a impossibilidade de confiarmos nos calculos que recebiamos sobre as distancias, e o meu guia não tinha bôa memoria para recordar-se que possuia, como a maioria do povo, uma especie de instinto no que concerne aos caminhos a percorrer. Disseram-nos que Natal ficava de três a quatro leguas de São José, e logicamente, esperava chegar àquele lugar ao escurecer, mas, às cinco horas, encontrava-me entre dunas áridas, no meio das quais passa a estrada que leva à cidade. Toda região entre Natal e S. José é deshabitada e, consequentemente, havia pouca esperança de encontrar alguém para nos dar informações sobre a distancia. O guia, entretanto, dizia supor que não podiamos estar a menos de duas ou três leguas de Natal, pela recordação que lhe causavam as dunas, as quais depois de passadas não seriam jamais esquecidas.

Quando a treva caiu e os nossos cavalos começaram a cançar, vimos na estrada dois rapazes montados, vindo em sentido contrario. Perguntamos pela distancia e responderam: — “Duas leguas, todas de areia frouxa”. Mas informaram que faziam parte de um grupo que viajava para fabricar farinha, num local a meia legua de onde estavamos. Disseram que ir para o Rio Grande naquela noite era loucura. Iam a uma curta distancia dar de beber aos cavalos e, de volta, nos levariam para seu grupo. Aceitei em seguí-los, tomando o rumo de uma das dunas. Era então noite. Acompanhando-os entrámos por um espesso e alto matagal e depois de ter feito um bom pedaço de estrada, deparamos as pessoas do grupo, do qual disseram pertencer.

Os instrumentos para fazer farinha estavam colocados sob um alpendre, construido com palha de macaíba e doutras palmeiras. As pessoas se haviam fixado aí por haver perto uma fonte d'agua salôbra, para a qual

só se podia chegar descendo um precipício. O balde estava amarrado a uma corda, sacudiam-no do alto. O individuo que descia para enchê-lo, subia do despenhadeiro agarrando-se aos arbustos que nasciam nas fendas. Não gostei muito do grupo e estabelecemos nosso acampamento a pequena distancia dele, e um de nós vigiou toda a noite. Muito lamentei não ter um cão comigo. Os cavalos passaram uma noite pessima, tendo por alimentação unica as folhas dos arbustos ao redor de nós. Pela manhã continuamos a jornada, entre as dunas, para alcançar Natal, fazendo duas milhas por hora.

A distancia de Goiana e Natal é de cincoenta e cinco leguas. As dunas mudam sempre de posição e forma. O vento violento levanta as areias em turbilhão, tornando a passagem perigosa para os viajantes. È areia muito fina, branca, e os nossos cavalos nela afundavam as pernas a cada passo. È positivamente desagradavel, quando o sol está a pino. O pobre Julio montara á garupa de um dos cavalos de carga, o que nos obrigava a viajar lentamente. Tudo era desolado e ressequido. A extrema leveza das areias impossibilitava a vegetação, mas algumas plantas rastejantes, dessas das praias do mar, ali conseguiram fincar suas raizes.

A parte do país entre Goiana e Espirito Santo e mesmo até Cunhaú, pouco alongada do litoral, é apropriada, em sua maior parte, aos canaviais. Muitos senhores de engenho, todavia, empregam partes do seu tempo plantando algodão. O aspecto geral é de terra inculta, ainda que grande quantidade seja anualmente trabalhada.

O sistema de agricultura é pessimo, ou melhor, como não é necessaria nenhuma ciencia agricola, pela imensidade da região e raridade de habitantes, as terras são trabalhadas em um ano e no outro o matagal recobre totalmente nos trechos que não foram aproveitados, parecendo

a quem não conheça pela pratica esses costumes, que jamais foram siquer tocados. É preciso distinguir a diferença entre o carrascal, que não é semeado por ter a terra feição esteril, da que está abandonada, para descansar, destinada a outro plantio. Esse processo de cultivo exige três ou quatro vezes mais terra do que seria necessario.

Atravessei varios bosques espessos, subindo a muitos comoros, mas não encontrei o que merecesse o nome de montanha. Passei plainos d'areia, onde creciam o cajú, mangaba e varios tipos de palmeiras. São os campos de pastagem do gado durante o inverno, e só serão cultivados quando as terras do Brasil se tornarem raras. Vi frequentemente as varzeas, ou terras baixas e alagadas, adaptadas aos canaviais. Os cercados, os parques defesos junto ás habitações, onde vive o gado empregado nas tarefas dos engenhos de açúcar, são os unicos campos cultivados, embora o mato não seja totalmente arrancado a não ser que o proprietario seja rico e tenha grande numero de homens ao seu serviço, porque, em caso contrario, a fertilidade do solo é tal que, em pouco tempo, o cercado se torna em bosque.

Ha varios povoados na estrada, consistindo em três e quatro choupanas, feitas de ramos ou palhas das palmeiras; outras têm paredes de barro mas são cobertas pelas mesmas folhas, como todas. De raro, vê-se uma casa com telhas, annunciando que o morador está acima da linha comum da população.

Atravessei varios rios que a estiagem havia diminuido grandemente o volume. Não vi nenhum curso d'agua consideravel. O Paraíba estava sêco onde o transpuz, bem como o rio proximo; Mamanguape igualmente. O riacho que se lança na lagôa de Papará foi o unico que apreciei em sua intensidade regular.

A estrada de Goiana a Mamanguape é o grande caminho do Sertão e é semelhante o entre Recife e Goiana, exceto que, na parte que percorri, é mais extensa e as passagens mais difíceis e era assinalado por uma relva mais curta, que o frequente transito impedia o desenvolvimento. Mas os grandes rebanhos de gado viajando nesses campos se espalham e a relva não é inteiramente pisada para que não possa crescer. Consequentemente, com pouca luz, um guia experiente é indispensavel porque nesses plainos é rara a morada e, em maior parte, não ha agua. São denominados pelos brasileiros "taboleiros", distinguindo-os por esse nome das "campinas". Nessas ultimas a terra é mais feraz, dando melhores pastagens.

Depois de Mamanguape a estrada é, as vezes, uma simples picada onde mal podem passar dois cavalos de carga e, noutras partes nem mesmo ha largura para isso.

Já citei o vale de Paporí como superior a todo restante da região. As arvores Brasileiras são, em maioria, sempre verdes e é preciso que o verão seja muito forte para que percam suas folhas, mas a côr da folhagem de uma planta queimada pelo sol, ainda que verde, é diferente da côr alegre e viva daquela que se desenvolve em condições normais. Isso determina a diversidade dos aspectos, tão chocantes, entre este vale e as terras abrasadas vistas atraz. Essa desigualdade justifica essas partes se tornarem agradaveis á vista.

Cheguei às onze horas da manhã á cidade do Natal, situada sobre a margem do Rio Grande ou Potengí. Um estrangeiro que, por acaso, venha a desembarcar nesse ponto, chegando nessa costa do Brasil; teria uma opinião desagradavel do estado da população nesse País, porque, se lugares como esse são chamados cidades, como seriam as vilas e aldeias? Esse julgamento não havia de ser fundamentado e certo porque muitas aldeias, no Brasil mes-

mo, ultrapassam esta cidade. O predicamento não lhe foi dado pelo que é, ou pelo que haja sido, mas na expectativa do que venha a ser para o futuro (12).

As construções foram feitas numa elevação a pequena distancia do rio, formando a cidade propriamente dita porque contem a Igreja Matriz. Consiste n'uma praça cercada de residencias, tendo apenas o pavimento terreo, as Igrejas que são tres, o palacio, a Camara e prisão. Tres ruas desembocam nesta quadra mas elas não possuem sinão algumas casas de cada lado. A cidade não é calçada em parte alguma e anda-se sobre uma areia solta, o que obrigou alguns habitantes a fazerem calçadas de tijolos ante suas moradas. Esse lugar contará seiscentos ou setecentos habitantes.

Fui imediatamente a palacio levar as cartas de apresentação que trazia para o Governador, de varios amigos seus de Pernambuco. Recebeu-me de maneira muito cordial. Pediu-me o passaporte, que lhe entreguei e, apenas o abriu, logo o devolveu afirmando faze-lo por ser de sua obrigação proceder desta forma. Disse-me que ficasse com ele e que ia providenciar uma casa para o meu povo. Jantei com ele a uma hora, com um dos ajudantes de ordens. À tarde saímos passeando para ver a cidade baixa. E' situada nas margens do rio e as casas ocupam as ribas meridionais e não ha, entre elas e o rio, sinão a largura da rua. Essa parte pode conter duzentos a trezentos moradores e aí residem os negociantes do Rio Grande.

A barra do Potengi é muito estreita mas tem profundez para os navios de 150 toneladas. A margem setentrional avança consideravelmente e, por essa razão, é necessario que o navio rume ao sul para entrar. O canal, no meio dos arrecifes que ficam a pequena distancia da praia, requer conhecimento. Enfim, o porto é de acesso

difícil. O rio é muito seguro, quando se haja vencido a barra. A agua é profunda e completamente tranquila, e nesse ponto ha amplitude para que dois navios possam entrar. Adiante o fundo é razo e, num espaço de algumas milhas, a profundeza é extremamente diminuida. Imagino que seis ou sete navios podem estar perfeitamente no porto. Não se deve penetrar em barras formadas entre bancos de areia, como esta, sinão com bons pilotos, porque elas mudam sempre de lugar e de fundura. Quando a maré se eleva as margens do norte são inundadas até uma milha a entrada do porto e o mar cobre uma grande extensão de terra que, á maré vazante, fica constantemente humida e lodacenta, mas permitindo sufficiente passagem. O Governador está construindo uma calçada neste ponto e a obra está prestes a finalizar-se. Essa nova estrada terá perto de uma milha de comprimento.

A Capitania do Rio Grande é sujeita ao Governador de Pernambuco como antigamente o eram Paraíba e Ceará, mas, ha alguns anos, elas se organizaram em pequenas provincias independentes.

O Governador, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque (13) nasceu em Pernambuco e é irmão mais moço do chefe da familia Cavalcanti, ramo dos Albuquerque. Seu Pai, brasileiro tambem, fôra cadête num regimento de linha no Recife e posteriormente se estabeleceu com plantações de cana de açúcar, e fez fortuna. O velho morreu, deixando a cada um de seus filhos consideraveis propriedades. Dois permaneceram nos seus engenhos e ainda continuam. O terceiro filho ingressou para um regimento em Olinda e se fez estimado pelos soldados. O regimento contava apenas uma companhia, e conservando o comando, gastou muitas somas do seu dinheiro para equipamento completo. Foi a Lisbôa tra-

tar de negocios relativos á sua companhia, e em sua ausencia houve uma denuncia, accusação privada de um dos inimigos da familia, de que os irmãos e ele conspiravam contra o Governo (14). Obrigado a fugir de Lisbôa, amedrontado com a ameaça da prisão, foi á Inglaterra onde a recepção que lhe fizeram o obrigaram a procurar sempre occasião de testemunhar seu reconhecimento ás pessoas daquela nação.

Os irmãos sofreram muito, pessoal e materialmente, mas por fim o assunto se esclareceu e a accusação se provou ser falsa. Francisco se viu immediatamente promovido a major e logo após mandaram-no governar o Rio Grande. E' um homem de talento, muito dedicado no tocante aos seus deveres, entusiasta de dotar de condições melhores o povo que lhe haviam dado para administrar. Lamento dizer que ele foi transferido para o governo insignificante de S. Miguel, um dos Açores, nas ilhas occidentaes.

Quando chegou ao Rio Grande raras eram as pessoas que se vestiam bem, mas ele conseguiu persuadir uma familia a mandar comprar no Recife tecidos manufacturados na Inglaterra. Uma vez introduzidas, essas mercadorias fizeram successo e como ninguem queria ser excedido por outro, no curso de dois anos, o uso se tornou geral.

Visitamos a Igreja á tardinha. Todas as senhoras estavam elegantemente vestidas com sedas de varias cores, com veus negros cobrindo-lhes a cabeça e o rosto. Um ano antes, as mesmas pessoas teriam comparecido á Igreja, de saiotos de algodão, feitos em Lisbôa, panos de tecido grosseiro na cabeça, sem meias e com chinelos nos pés.

A força militar se compõe de 140 homens, uma companhia, e em muito melhor ordem que as de Pernambuco

ou Paraíba. A Capitania do Rio Grande goza de perfeita calma e os roubos são raros.

O Governador promove a construção de um grande edificio, com fundamentos solidos, para o qual contribuirá liberalmente, e cuja renda devia ser aplicada a manter as viúvas dos soldados da Capitania. Creio que essa obra não foi abandonada depois de sua remoção.

A situação dos presos era extremamente cruel e, desejando melhora-la, o Governador havia pedido que os principais moradores fizessem semanalmente uma colêta para esses infelizes. Nos primeiros tempos tudo foi bem mas, algumas semanas depois, descuraram-se. O Governador, pessoalmente, tomando a bolsa e acompanhado por um dos seus ajudantes d'ordens, foi pedir a todas as casas. Dizem que essa fôra a melhor semana que os sentenciados haviam passado, desde sua prisão, porque as pessôas haviam dado muito além do usual. Essa excelente pratica foi, de então, retomada com ardor pelos mesmos individuos que a tinham esquecido.

Uma embarcação inglêsa naufragara perto do Natal e tive ocasião de constatar que os proprietarios ficaram perfeitamente satisfeitos com os esforços feitos para que todo o carregamento fosse salvo.

A estiagem desse ano causara a falta de farinha de mandioca, o pão do Brasil, e o preço se elevou tanto no Recife, Goiana, etc., que os negociantes do Rio Grande que possuíam esse produto, começaram a embarca-lo, para mandar por mar, aos outros mercados. O Governador proibiu. Ordenou que a farinha seria vendida no mercado, ao preço que os proprietarios teriam pedido na exportação. Reservou, por sua conta, o que não foi vendido logo, para ir, pelo mesmo preço, suprimindo as necessidades futuras.

Ouvi esses episódios, em parte dele mesmo, e em parte de pessoas ilustres da cidade, as quais fui apresentado. Quando o Governador deixou Natal, para seu governo em S. Miguel, o povo acompanhou-o, até certa distancia, rogando pela sua felicidade.

NOTAS AO CAPITULO V.

(1) O elogio de Koster ás "Rêdes" nordestinas, por ele usadas, endossa o juízo feito pela unanimidade, de meu conhecimento, dos viajantes e naturalistas que percorreram o Brasil oitocentista. Curioso é que, usadíssima no sul do país, a rêde, é teimosamente indicada como uma característica dos Estados do Norte, obrigados pelo clima. Em Dezembro de 1817 ainda os Paulistas se orgulhavam de haver popularizado a rêde de dormir. Martius informa que: — "*Em vez de leitos, servem-se os brasileiros, quasi por tôda parte, de rêdes tecidas (maucieras), que, nas provincias de S. Paulo e Minas, são mais fortes e caprichosamente feitas com fio de algodão branco e de côr*" "*Não rara se ouve dizer nesta provincia (São Paulo): — Se não houvessem sido os primeiros a descobrir as minas de ouro, teríamos bastante mercêdo da pátria, inventando a canoica e as rêdes, que brimevo imitámos dos índios.*" ("VIAGEM PELO BRASIL", p.193 e 242 trad. de Lucia Furouim Lahneyer. Rio, 1938). Augusto de Saint-Hilaire escreve, em marco de 1822, quasi semelhantemente: — "*Todas as vezes que lhes deitri os olhos ao interior, vi uma rede suspensa e algumas pessoas dentro. O uso da rede, quasi desconhecido na cabitania de Minas, é muito espalhado na de S. Paulo a exemplo dos habitos dos Índios, outrôra numerosos nesta reoião*". ("Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822", p.143/4. Trad. de Afonso de E. Taunay. S. Paulo 1932). A observação de Saint-Hilaire é datada entre Lorena e Guarainguetá. (C).

(2) Em 1839 a sêde desse municipio, Montemor, passou para a povoação de Mamanguape, de cujo desenvolvimento temos o depoimento de Koster em 1810. Cidade a 25-10-1855. Mamanguape, entreposto das praias e caminho do sertão, possuiu desenvolvimento continuo, salientando-se na provincia e Estado da Paraíba. A Estrada de Ferro desviou-lhe os mercados. Está, ao que consta, estacionaria. (C).

(3). André d'Albuquerque Maranhão, nascido em Goianinha, no Rio Grande do Norte, chefe da casa do Cunhaú, coronel comandante da divisão do sul, filho de André d'Albuquerque Maranhão e de d. Antonia Josefa do Espirito Santo Ribeiro, o mais rico fazendeiro, o maior proprietario, o mais poderoso senhor de engenho, latifundiario, fidalgo, Cavaleiro da Casa Real, foi a primeira vitima da revolução de 1817, cujo governo presidiu. Solteiro e sem filhos, André de Cunhaú, como era chamado, quando da revolução de 1817, para a qual estava acumpliciado, ficou encarregado de defender a fronteira meridional da Capitania, por ordens do Governador José Inacio Borges Cercado de primos e sobrinhos, André prendeu o Governador que o procurara para conferenciar em objeto de serviço, e marchou sobre a capital, entrando em Natal a 29 de março e instalando um governo republicano. Na manhã de 25 de abril um grupo de reacionarios depoz, prendeu e feriu André, mandando-o algemado e sem curativos, agonizar no

quarto-escuro da fortaleza dos Reis Magos, onde faleceu na madrugada do dia seguinte. Enterraram-no no corredor da Matriz em lugar ignorado. Assim morreu, numa agonia terrível, abandonado e ferido, quem Koster visitara, tranqüilo e acolhedor, no meio das grandezas da casa-grande do Cunhaú.

"Aos vinte e seis de abril de mil oito centos e dezasete falleceo da vida presente nesta freguezia, tendo recebido os sacramentos da Penitencia e Unção, o Coronel André d'Albuquerque Maranhão, branco, solteiro, com a idade de quarenta annos, pouco mais ou menos... Foi sepultado nesta matriz envolto em uma esteira, depois de ser encomendado pelo R. Coadjutor Simão Judas Thadeu, de minha licença... E para constar fiz este assento, que assigno — (a) Feliciano José Dornellas, Vigario Colado". Assim, morto a espada e amortalhado numa esteira de pipiriri, está, em canto incerto e não sabido, the Colonel Andre d'Albuquerque do Maranhão, the chief of the Maranhão branch of this numerous and distinguished family of the Albuquerques. (C).

(4) É o chamado *massacre de Cunhaú*, cujas vitimas ainda hoje são invocadas e intercedem favoravelmente para milagres. As *aimas de Cunhaú constituem devoção local, interessantissima e comum*. Os Potiguares não tomaram parte nessa matança, dirigida pelo judeu Jacó Rabi, mentor holandês junto aos indios Janduis, da familia Cariri. Sob pretexto de divulgar documentos necessarios á ordem marcha social, Jacó Rabi congregou os moradores das redondezas que se reuniram na missa do domingo, 16 de Julho de 1645, celebrada pelo padre André de Soveral que tinha mais de noventa anos. Entrando de roldão, a indiada sacrificou toda assistencia, dilacerando os cadaveres, incendiando o engenho e depredando a propriedade. Salvaram-se apenas Gonçalo de Oliveira e dois creados. Entre os mortos estava o sogro do major Jorris Garstman comandante do castelo de Ceulen (antigo Reis Magos) que casara com mulher portugueza. Garstman mandou matar Jacó Rabi, o que foi feito nos arredores do Natal, na noite de 4 de abril de 1647. (C).

(5) A batalha citada por Koster é de 27 de Janeiro de 1645. O indio potiguar dom Antonio Felipe Camarão bateu-se com Rhineberg que perdeu toda a bagagem e 150 homens. O Forte Keulen é o mesmo Reis Magos, á entrada da barra do Natal, cujo nome holandês era homenagem a um dos diretores da Companhia, Matias van Ceulen, que viéra pessoalmente ajudar a conquista da Capitania em dezembro de 1633. Koster indica a fonte: — *History of Brazil*, vol.-II, p-104 and 155. (C).

(6) "Os Marcos" denominam ainda o rio Guajú, chamado "Rio dos Marcos", extrema lindeira do Rio Grande do Norte com a Paraíba. (C)

(7) A arvore do Castor é conhecida no Brasil por esse mesmo nome, e é muito semelhante o tipo mais graúdo dos carrapatos com a semente dessa planta, de onde se extrai um oleo. (K). É a "Carrapateira", *Ricinus Communis*, de onde se extrai o oleo de mamona. (C).

(8) Papari, "Vila Imperial de Papari" pela lei n.º 242, de 12-2-1852, é Cidade em virtude do decreto estadual n.º 457, de 29-3-1938. É pequena e está decadente. Dista 47 quilometros de Cunhaú, onze e não cinco leguas, como pensava Koster. O *salt water lake* é a lagôa de Papari, onde desaguam o rio Trairi e numerosos riachos. Comunica-se com o mar pela barra de Camurupim, no canal do Cururú. A lagôa conta uns vinte quilometros de extensão por uns quatro de largura, com a profundeza de dois e meio metros. Varias especies de peixes maritimos sobem pelo canal de Cururú e desoyam na lagôa. Ha uma festa popular, em setembro, a *botáda das rêdes*, isto é, o inicio das pescarias. (C)

(9) Esse *senhor Dionísio* é Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa português que se casou com d. Antonia Clara Freire, filha do capitão-mór Bento Freire do Revoredo e de d. Monica da Rocha Bezerra. São os pais de Dionízia Pinto Lisboa, *a mais notavel mulher de letras do Brasil*, no julgamento de Oliveira Lima. Com o pseudônimo de Nisia Floresta Brasileira Augusta (Paparí — 12-10-1809, Rouen, França, 24-4-1885) deixou vasta bibliografia, hoje exgotada e raríssima. Conheceu Augusto Comte, privando com ele, Alexandre Herculano, Mazzoni Lamartine, mantendo correspondencia que tem sido publicada fragmentariamente. A pequena propriedade era denominada "Floresta" onde nasceu Nisia, a pouco mais de um quilometro da cidade e mantem o nome. Ai está um monumento simples á escritora, inaugurado no centenário do seu nascimento, e em Natal ha um seu medalhão em bronze, na praça Augusto Severo. O *senhor Dionísio* foi assassinado nos arredores do Recife na noite de 17 de Agosto de 1828. O mais completo ensaio sobre Nisia Floresta, estudando ambiente e família, é o de Adauto da Câmara, in "Conferencias", ed. da F. A. L. B. Rio de Janeiro, 1940, p-10. (C).

(10) Billingsgate é um mercado de peixe em Londres. (C).

(11) São José de Mipibú fica de Paparí, quatro quilometros e não *from three to four leagues*. Foram ai aldeados os indios Pégas, cariris, e os casais errantes de indios de fala nhengatú. A Vila de São José do Rio Grande foi creada a 22-2-1762. Cidade de Mipibú pela lei n.º 125, de 16-10-1845. Séde de Comarca. Fica a 38 quilometros de Natal, ligada por estrada de ferro e "omnibus". (C).

(12) A Cidade do Natal do Rio Grande foi fundada a 25 de Dezembro de 1599 por Jerônimo d'Albuquerque. Sempre foi tratada pelo predicamento de Cidade, constando da documentaria oficial da época. Seu desenvolvimento regular e posterior a 1900 e, somente depois de 1930, multiplicaram-se as construções e a Cidade desdobrou-se. No século XVIII corria o tracalhão: — *Natal? Não ha tal!* Do proprio relatório que, á Santa Sé, enviou Dom Antonio Frei Luiz de Santa Teresza, setimo Bispo de Olinda, consta esse registo: — *A civitate Natali, seu "non tali" (ut attenta ejus tenuitate per jocum dicitur, etc.* Era assim em 1746. Martius que não visitou a capital norte-riograndense, bate no mesmo compasso: *...a cidade de Natal é a mais insignificante entre as cidades da costa ao norte do Brasil. ("Cidade — não há tal", dizem os vizinhos)*, VIAGEM PELLO BRASIL, II 437. Sua marcha cabe em poucas cifras elucidativas: — Receita de 1839: — 52:802\$489. Em 1939, 20.708.540\$400. (C)

(13) José Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque, nomeado Governador a 4-9-1805, assumiu a 23-3-1806 e deixou antes de maio de 1811, ao Comandante das Armas, Manuel José da Costa Monteiro, e ao Vereador mais velho, Antonio Martins Praça. Sua administração no Rio Grande do Norte foi intensa e benéfica, atendendo varios aspectos descuidados pelos seus antecessores. Planejou varios fortins, inaugurando o de S. José de Genipabú a 9-4-1808 e introduzindo a vacina jeneriana em Natal. Sobre suas sugestões ao Governo para a defesa militar da Capitania ver "Memoria relativa a defesa da Capitania", na revista do Inst. Hist. do Rio G. do Norte, vol. VIII, n.º 1-2. Natal. 1910. Transferido para o governo da ilha de S. Miguel dos Açores, já lá se encontrava em 3 de Junho de 1811, assumindo a 3-7-1811 e realizando varios melhoramentos. Sargento-Mor adido ao Estado Maior, quando governava o Rio G. do Norte, era Cavalheiro da Ordem de Cristo e Coronel de Infantaria, ao falecer, em data e lugar que ignoro. A Capitania tinha 49.250 habitantes, segundo um "Mapa da População", assinado por José Francisco e cujo original se encontra na ma-poteca do Ministerio das Relações Exteriores. José Francisco mandou levantar duas cartas da Capitania, sendo desenhista de uma delas o padre

João Ribeiro. Ver o meu "Governo do Rio Grande do Norte. 1597-1939". Natal. 1939. p. 144. (C).

(14) Essa é chamada *revolução dos Suassunas*, e é a mais misteriosa de quantas foram tramadas em Pernambuco. Não há detalhes e as referências documentais são mínimas. Sabemos, vagamente, que Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque, irmão mais velho de José Francisco, cognominado *coronel Suassuna* por ter uma propriedade com essa denominação, pretendeu transformar Pernambuco em uma república sob a proteção de Napoleão Bonaparte. O governo reagiu e o Coronel Suas-una, com outras pessoas envolvidas, esteve preso na fortaleza das Cinco Pontas, no Recife, em 1801 até maio de 1802. Da conspiração participariam apenas os grandes senhores de engenho, os fazendeiros ricos, os elementos graduados da aristocracia rural. O poderio financeiro dos Cavalcanti d'Albuquerque susteve a marcha processual e apagou todos os traços visíveis da rebelião que podia levá-los à força. (C).

CAPITULO VI

JORNADA DE NATAL AO ASSÚ. O MAJOR BRASILEIRO. PAI PAULO. CEARÁ-MIRIM. PEREIRO E ICÓ. O GUIA. FALTA D'AGUA. CHOUPANAS DESERTAS. SEPARAÇÃO DO MAJOR. PADRES VIAJANTES. O SERTANEJO. HABITO DE FUMAR. SANTA LUZIA. ATRAVESSANDO A CAATINGA. A LAGÔA. TABOLEIROS. TABOLEIROS E CAMPINAS. VILA DO ASSÚ. O VIGARIO. O JAGUAR. O GUIA. PARTIDA DO ASSÚ.

O Governador fez quanto estava em seu poder para dissuadir-me de continuar a viagem que não lhe parecia prudente, mas eu viera de tão longe que, a qualquer preço, decidira seguir aventura. Se me fosse possível retomar a jornada numa ocasião futura, bem seria melhor voltar e aguardar uma estação mais favorável. Mas eu estava satisfeito de ter seguido meu caminho. Doutra forma me teria visto na necessidade de renunciar totalmente ao meu plano. Todas as circunstancias desagradáveis que me sucederam, devo-as certamente ao rigor da estação.

Recebi do Governador uma carta de recomendação para o Aracatí. Insistiu comigo para que lhe deixasse meu cavalo afim de encontra-lo em boas condições quando regressasse. Devíamos dormir em um lugar proximo que fornecia farinha ao Rio Grande, quando das grandes secas.

Nos anos comuns o terreno é muito humido e só podia ser cultivado se fosse drenado, mas desse processo são sabidas apenas algumas noções esparsas.

Em Natal adquiri outro cavalo. Passei o Rio em Canôa. Os homens e animais passaram em jangadas. Desembarcamos sobre o novo aterro onde encontramos varias pessoas que iam para Lagôa Seca, o logarejo de que já falei, em cujos arredores eu devia comprar o milho e a farinha indispensaveis para o tempo gasto em atravessar a parte do país, banhado pelo rio do Ceará-Mirim. Deixamos o caminho ordinario, tomando uma pista estreita que levava á lagôa, toda sombreada pelas arvores. Choquei a cabeça com o galho d'uma dessas arvores. Percebi que havia incomodado uma grande familia ali domiciliada. Meus ombros ficaram logo cobertos de formigas, pequenas e vermelhas, e só consegui desembaraçar-me depois de receber suas dentadas.

Chegamos a Lagôa Seca ás seis horas da tarde e fizemos alto junto a uma cabana (1). Na manhã seguinte fiz conhecido meu proposito e que tambem desejava comprar outro cavalo. A gente que residia nessas redondezas se retirara das altas regiões que a seca tornara improdutivas. Construíram algumas choupanas e muitas não estavam terminadas, vivendo a familia ao ar livre. Essas choupanas tinham apenas o tecto para abrigar seus moradores que esperavam, com impaciencia, as primeiras chuvas abundantes para empurra-los ás suas terras. Estas d'aqui, com as chuvadas intensas, ficam inundadas. Cada homem possuia um pequeno campo de mandioca e milho. Deixei o cavalo de John com um desses homens e segui a viagem, com quatro animais carregados; dois na forma habitual, um de farinha e outro de milho. Eu me munira no Rio Grande de bolsas de couro para conduzir agua (2) e muitos outros objetos que não me haviam aconselhado traze-los, mas, a experiencia demonstrou a utilidade em possuí-los. Ficamos nesse lugar o dia inteiro, e na manhã seguinte partimos com a in-

tenção de dormir em um povoado de nome "Pai Paulo". Seguimos depois de haver descansado um meio dia nesse ponto. Nessas regiões os pôços são feitos geralmente cavando-se um buraco de dois a tres pés, até que a agua, apareça. Si a pessoa é um dos tais que ama o asseio, rodeia o pôço com uma pequena cerca, mas, na maioria dos casos o pôço fica livre e o gado o emporcalha quando vem beber (3). Esses pôços são chamados "Cacimbass". A relva estava muito sêca, mas era abundante, e perto do meio-dia passamos por um terreno pedregoso, o primeiro que eu encontrava e que muito incomodou aos animais que vinham das terras arenosas de Pernambuco, mas depressa entramos numa planicie estreita e longa, cuja relva estava inteiramente queimada, de ambos os lados. Encontramos um homem branco, a pé, com doze cavalos carregados e um pequenino poldro levando selas.

As cargas eram dispostas na maneira usual, e cada cavalo conduzia dois sacos de couro que me pareceram provisões. Fiquei surpreendido de ver que esse homem estava encarregado de conduzir tantos animais, quando geralmente o numero dos tangedores é mais ou menos igual ao dos cavalos. Percebi que os cavalos se espalhavam no campo, parecendo ganhar o matagal. Chamei o meu guia, que tomou a direita enquanto eu o fazia pela esquerda, e chegamos justamente entre eles e o mato, impedindo-os de continuar. O homem agradeceu-me com calôr e, começamos a conversar. Perguntou ao guia onde intentava dormir, e respondemos: — em Pai Paulo. Disse-nos que os pôços em Pai Paulo estavam exgotados e os moradores haviam abandonado suas casas. Perguntei-lhe que deveriamos fazer. Disse que era seu plano parar em um campo, duas leguas de distancia de onde estávamos, onde não encontraríamos agua, mas esta seria trazida em quantidade sufficiente, para ele e para nos, por

um seu escravo que ficara na retaguarda, enchendo uma bolsa com a agua de um pôço que tinhamos passado. Não havia outra alternativa. A volta era impossivel e não havia pasto no caminho. Ordenei a Julio e ao seu companheiro que deixassem nossos animais misturarem-se áqueles do nosso novo amigo, e vigiassem a todos. O escravo se reuniu a nós, com agua, entregando a bolsa ao guia, e foi ajudar Julio. Avançava lentamente afim de poder conversar com o dono do *comboio*, ao qual nos tinhamos ajuntado.

Era filho de um proprietario residente ás margens do Assú, e possuindo muitas fazendas de gado nessa região. O velho era coronel de Milicias e com quem eu palestrava era major no mesmo regimento. A sêca era tão terrivel que ameaçava fome e ele viêra ao litoral comprar farinha para a familia, conduzindo o carregamento nos sacos, com exceção de uma carga que continha milho para seus animais. Depois de haver adquirido a farinha, soube da respectiva proibição do Governador e tambem que uma patrulha de soldados marcharia para a lagôa afim de retomar suas compras. O major adiantara a jornada e, para que ninguem suspeitasse, deixou atraz todos os seus servos, inclusive sua bagagem, trazendo apenas um escravo. Seu proprio cavallo de séla vinha pesadamente carregado, e saíra antes do dia escolhido. O animal em que colocara as selas era um poltro muito novo para conduzir peso.

O major vestia a verdadeira indumentaria de um brasileiro no interior. Estava de camisa e ceroulas, alpargatas nos pés, espingarda ao ombro, espada ao lado suspensa por um boldrié, e uma faca de caça á cintura. E' um homem robusto e bem feito, com cerca de 40 anos de idade, e sua pele não exposta era tão clara quanto a dos europeus, mas o rosto, o pescoço e as pernas eram de

um moreno-escuro. Esse homem que noutros tempos gozava todo conforto que essa região oferece aos de sua classe e riqueza, fôra obrigado a fazer essa jornada, exclusivamente para salvar a vida de sua familia. Verdade é que essas cousas não podem ser bem compreendidas pelas pessoas de sua situação na Europa. Ele, entretanto, assim como a maioria de seu povo, está desde a infancia muito habituado ao que julgam os homens mais civilizados, ser grandes fadigas.

As *alpargatas* são pedaços de couro, de uma dimensão pouco maior do que as da sola dos pés das pessoas que as querem usar. Duas correias prendem a frente, outras passam pela parte anterior, segurando, como anel de couro, ao jarrete, vindo estas pelos dedos do pé. São as sandalias dos brasileiros que residem longe das cidades (4). Julio havia comprado um par para ele e não sei como teria sido sem essa providencia.

Paramos no lugar indicado, uma imensa planicie, com toda relva calcinada pelo sol e os cajueiros e mangabas, arvores resistentes, pareciam sentir a falta d'agua porque suas folhas começavam a cair. Os dois grupos acamparam separadamente em um renque de arvores, mas nessas campinas as arvores são esparsas, crescendo raramente juntas para que se possa armar uma rêde entre uma e outra. As pobres cavalgaduras foram levadas até uma ravina proxima, para roer e triturar alguma coisa escapa á sêca e aos viajantes. Nossas provisões d'agua não eram abundantes e assim temíamos comer muita carne salgada. Não passamos a noite confortavelmente. O vento levantou, apagando as fogueiras, e dormimos pouco, e ás quatro horas procuramos os cavalos para dar-lhes a ração de milho. Um deles se recusou a comer.

Na manhã immediata seguimos para Pai Paulo, tres leguas distante, sempre atravessando a mesma planicie,

na extremidade da qual nós nos aproximávamos de Ceará-Mirim e no lado oposto está, sobre um terreno elevado, aldeia de Pai Paulo (5). Era, sem excepção alguma, o mais desolado lugar que tenho visto. Os tectos de muitas choupanas haviam desabado e as parêdes de outras estavam desmoronadas, mas algumas cobertas resistiam. O curso do rio só era marcado pela depressão de seu leito e todo solo vizinho era de um areal solto, sem vegetação alguma e em tudo semelhante ao que se encontrava no canal do rio. As arvores tinham, em sua maior parte, perdido inteiramente as folhas. Entrava eu para o Ser-tão e este merecia o nome...

Passamos Pai Paulo e, ao meio-dia, encontramos um pôço d'agua salobra, aberto mesmo no leito do rio. Os cavalos pernambucanos não quizeram beber. Retiramos as imundicies, clareando a agua o mais possivel, deixando-a repousar. Então os cavalos tomaram uma pequena porção do liquido. Depois descansamos e demos milho aos cavalos por não haver capim.

O mesmo cavalo recusou ainda sua ração. O guia disse supor que o animal não estava acostumado ao milho e era preciso ensina-lo a gostar, doutra forma não seria possível viajar naquela região esteril e sêca. A primeira operação consistiu em ensopar o milho n'agua até que amolecasse, introduzindo-o o guia, á força, na garganta do animal e mantendo-lhe depois a bôca fechada. O resultado, que a fome auxiliou, foi excelente. A noite o cavalo saboreou sua pequena parte muito bem e gastou pouco mais tempo que os demais em consumi-la.

Bebi uma pequena quantidade dessa agua, misturada com sumo de limão e açúcar que levava comigo. Mesmo assim, provisionamos dessa agua porque a noite não encontraríamos mais. O país apresentava o mesmo aspecto. Cruzamos varias vezes o Ceará-Mirim em algumas

partes e havia rochedos enormes no meio de seu leito. À noite ainda não estava com vontade de alimentar-me, distraíndo-me em fumar. Escolhemos um abrigo perto das margens do rio e armamos as rêdes num terreno em descida. O vento que sopra entre onze e meia-noite obrigou-nos a procurar um refugio. E' um vento, às vezes aspero, mas sêco e saudavel. No dia seguinte continuamos na mesma maneira anterior. Tomei, por esse tempo, o habito de fumar muito cedo, convencido de que isto me evitava o desagradavel sentimento da fome e não podia preparar coisa alguma, antes do meio-dia. Meus companheiros nada comiam pela manhã por causa do atrazo que isto determinaria, e não seria conveniente que eu lhes desse um mau exemplo.

Tornei-me intimo para com o meu amigo major. Ficou sabendo por mim que havia cavalos, vacas e cachorros na Inglaterra, e me ficou estimando mais. Espantava-o que eu montasse regularmente, não parecendo aprendiz, embora estivesse ha pouco tempo no Brasil. Surpreendeu-o saber que tinhamos igrejas na Inglaterra, das quais nunca ouvira falar. Declarou que não mais acreditaria que os inglêses fossem pagãos. Eu lhe disse que um dos pontos que diferenciava minha religião da sua, é que nós não somos obrigados a confessar-nos. Ele olhava a confissão como uma pratica muito incomoda, mas não duvidava da sua necessidade. Encontramos depois um pôço ou charco, sujo de excrementos, no leito do rio, o qual tinhamos cruzado varias vezes. O nosso descanço do meio-dia não oferecia abrigo, excetuando o que se podia obter debaixo de um arbusto que estava cheio de folhas. Os ramos se cruzavam até o solo. Deitei-me sobre a areia e pousei minha cabeça sobre um desses ramos, cobrindo o resto do meu corpo com uma "pêle".

Era um pouco quente, mas preferível a estar completamente exposto ao sol.

Fiquei atônito com o aspecto desse arbusto. São duas espécies de árvores chamadas "Pereiro" e "Icó" que, em certas partes do Sertão, tanto mais florescem quanto mais rigorosa é a estação. São, para os cavalos, particularmente perigosas (6) porque, não fazendo mal ao gado e aos cavalos selvagens, se supõem que não possuam alguma de suas perniciosas virtudes para os animais que mastiguem suas folhas não estando fracos ou fatigados. A última dessas plantas mata os viajantes e animais e o primeiro dos seus efeitos parecidos é produzir uma intoxicação e, às vezes, também a morte. O major disse que esses arbustos abundavam nessa região e conseqüentemente prendemos os nossos cavalos junto a nós e demos a ração de milho. A planta, de que venho falando, é muito bonita e o verde de suas folhas é brilhante e sadio, tendo-as encontrado muito semelhantes durante essa travessia. Tenho particularmente notado nesse trecho da região que as outras plantas não têm aparência de vida. À noite acomodamo-nos mais ou menos agradavelmente colocados, porque a água, embora salobra, era comparativamente mais clara. No outro dia tivemos a mesma região e o mesmo rio para atravessar. A certeza da nossa caminhada anterior era o que nos dava a impressão de haveremos mudado de lugar, tanto era igual a fisionomia do ambiente. Ao meio-dia não tivemos ainda um abrigo para o sol. A água era pouco diversa da encontrada no dia precedente. Deitei-me á sombra de um rochedo até que o sol, tendo mudado, iluminou, em sua declinação, o meu refugio. Tínhamos visto apenas o gado ao redor dos pôços e charcos, e nesta ocasião uma miserável vaca apareceu, procurando beber. O major que estava perto do pôço nesse momento, olhou para a marca que ela tra-

zia e reconheceu o sinal do gado de suas fazendas. Como poudes este animal — exclamou — fugir para tão longe do seu curral? A falta d'agua a fizera caminhar mais de cem leguas.

No mesmo dia encontramos um grupo de *sertanejos*, assim são chamados os habitantes do Sertão, que seguiam o mesmo caminho. Estavam ainda em seu acampamento do meio-dia, e um dos seus cavalos, quando chegámos, cambaleara por ter comido o icó. Esperavam trata-lo dando milho, assegurando que produz efeito quando o empregam logo apoz.

Fizeram o animal difficilmente engulir e quando saímos, o cavallo se deixava cair, sendo custosamente levantado. O major disse que o remedio fôra tardio. Nunca ouvi dizer que qualquer dessas pessoas se volte, e não avance, tranquilamente, depois dessas adversidades. Depois do meio-dia notei, no leito do rio, muitos blocos de rochedos que devem formar uma linda cascata, quando a corrente for rapida.

Pela tarde o guia quiz experimentar-me. Percebi que ele conversara com os dois indios na viagem, e me veio sondar sobre o regresso. Disse-lhe que estava perfectamente determinado a continuar avante e que infalivelmente atiraria sobre o homem que fizesse um passo para traz, e se tentasse escapulir-me, persegui-lo-ia, até prendelo. Não me dissera que queria voltar, mas insinuara haver perigo nessa empresa durante o verãc, e que os dois indigenas estavam medrosos para prosseguir, sabendo eu que ele era o movel de tudo. Durante a noite não poderiam voltar porque as unicas marcas do caminho, que devem ser vistas, são as areias mais trilhadas que o restante, e as ribanceiras do rio, um pouco desmoronadas, em cujas proximidades haviamos passado. De facto, esses sinais são tão pouco apparentes que um homeni, de dia e

habituação a encontra-los, mal teria os identificado. Assim eu estava certo de que a deserção só seria possível durante o dia, e havia de ser difícil porque eu viajava sempre á retaguarda da caravana. O guia não tinha arma de fogo com ele, e não podia pensar em assassinar-me, sabendo que tenho o sono leve e minhas pistolas estão sempre comigo na rêde, e mesmo esse caso só seria viável com a cumplicidade de Julio que sempre se mostrou, seguidamente, digno de toda confiança. Tive então toda necessidade de vigiar meus homens. John não estava comigo e mesmo que tivesse coragem não era tão vigilante. A maneira sumaria com que tratar meu guia só se justificava pela necessidade da ocasião, porque, se ele voltasse, os dois índios muito provavelmente teriam desertado. Quando um homem admite que se escarneça dele, não é possível vencer em circunstancias como essas. Eu estava, todavia, convicto de que as ameaças bastariam.

Fizemos provisão d'agua no nosso abrigo do meio-dia e seguimos, na forma costumeira, dispondo nosso acampamento, á noite, sobre as margens de um rio. Na manhã seguinte proseguimos o caminho exatamente da mesma maneira mas, ao meio-dia, para nossa desolação, não encontramos agua. A cacimba estava sêca. Demoramos alguns instantes descansando os cavalos, mas estávamos verdadeiramente desapontados. Minha sêde era grande porque não bebera durante a noite anterior. Restavam alguns limões que foram distribuídos, refrigerando-nos muito. Depois do meio-dia, o major sugeriu-me imitar seu exemplo, pondo uma pedrinha na bôca, recurso tradicional dos sertanejos em tais ocasiões. Segui seu conselho e o processo produziu considerável humidade. Foi um dia infeliz em que não podíamos prever se chegaríamos a um pôço antes que os cavalos sucumbissem. Um deles, pertencente ao major, começara a fraquejar e

sua carga fôra distribuída, em pequenas porções, entre os outros. Meus cavalos iam resistindo e como todos iam carregados com provisões e estas diminuiam no curso da viagem, iamnos redividindo o peso e mesmo mudando minha bagagem para que todos fossem equitativamente carregados. Passamos o descanso perto de algumas cabanas desertas. A noite foi terrível e varios cavalos recusavam acabar a ração de milho. O pavor de ve-los morrer desviava um pouco o pensamento de nossa própria situação. Meu espirito era dominado pela necessidade de animar os outros. John não se sentia bem e isto me incomodava porque tudo quanto faziamos era arrastar-nos, e se qualquer de nós adoecesse, não sabiamos que providencia podia ser tomada. Pela manhã, ás nove horas, com grande alegria nossa, descobrimos um pôço. Felizmente para nós a agua era tão má que não a pudemos beber muito. Como ordinariamente, o pôço era imundo e salôbro, porem não esquecerei jamais com que delicia sorvi os primeiros goles. Quando quiz continuar, não o foi possivel, tanto o seu sabor era nauseante. Olhando em torno de nós, vimos algumas cabras. Julio se aproximou e viu tambem algumas galinhas e a pequena distancia enxergou-se uma choupana habitada. Veio para dar-nos a feliz noticia e resolvemos parar, para tomar algum repouso, tendo esperanza de obter dos moradores um pouco de alimento para os cavalos. Encontrei uma velha e duas filhas na cabana. O pai estava ausente. A velha pareceu assombrada quando soube que haviamos atravessado o Ceará-Mirim.

Disse-nos não saber se ela propria e a familia não terminariam abandonando a casinha, como outras tantas tinham feito. Indicou ao major e aos meus creados um pequeno vale a pouca distancia onde se podia descobrir relva sêca e algumas folhas de arvores. Disse-

nos ainda que era o derradeiro lugar onde as achariamos porque não era conhecido aos viajantes e o dono da casa não o apontava. Melhorei o ambiente presenteadando-a com farinha, jogando milho ás galinhas e prodigalizando um imenso numero de *minhas senhoras*. Comprei um cabrito e uma galinha pagando-os a dinheiro imediatamente. Essa infeliz gente é na maior parte das vezes roubada de modo revoltante pelos viajantes que se aboletam em sua casinha, dispõem de seu galinheiro e saem sem nada pagar. Quando considero a inexistencia da lei nessas paragens, fico surpreendido de que grandes crimes não sejam cometidos. E' verdade que todos os homens estão no mesmo caso. Saindo de suas propriedades, deixam familias e bens indefesos. Esses individuos e suas propriedades ficam á mercê dos viajantes e se forem assassinados e a casa ficar deserta, suporão que os seus moradores, como muitos outros, emigraram e não perguntarão que direção tomaram. Tal é a disposição errante do povo em geral nessa parte do país no periodo a que me refiro. Não ha nada que os faça fixar em um determinado ponto, por maior conforto e segurança.

Passado o meio-dia, reincetamos nossa viagem, como sempre, passando muitas choupanas desertas mas, no fim da jornada, chegamos a lugares habitados e ao escurecer paramos, depois de haver cruzado o Ceará-Mirim pela quadregesima segunda e ultima vez. Este rio tem seu nascimento em umas montanhas ao norte e na mesma direção das cabeciras do rio Assú, do qual terei ocasião de falar. O Ceará-Mirim despeja no Potengi e possivelmente alguns dos seus braços se dirigem no curso na direção da Paraíba (7). Depois de Pai Paulo até onde deixamos o rio, a região é toda plana, com um solo de areia frouxa, onde raramente se mistura areia negra. As arvores são fortuitamente deparadas e, na

época em que viajei, estavam sem folhas. O rio descreve tantas curvas quanto uma serpente e, depois das grandes chuvas, enche em pouco tempo.

A agua, precipitada torrencialmente, é retardada em seu curso apenas pela desigualdade do leito e pelas cadeias de pedras que n'algumas partes se opõem ao seu impeto. A areia que forma seu leito é pouco diversa da que se compõem as ribanceiras. E' mais grossa, aproximando-se do canal. A agua que mana d'aí, cavando-se no areal, é sempre salôbra e em toda parte tão salgada que não se pôde fazer uso. Não é isso, todavia, peculiar ao Ceará-Mirim, pois tenho observado que em todos os leitos dos rios que secam durante o verão, ha mais ou menos sal, e jamais a agua d'aí retirada é perfeitamente doce.

O lugar onde havíamos chegado é calculado distar de Natal quarenta leguas. A legua do Sertão não tem jamais menos de quatro milhas. Ha *leguas grandes*, *leguas pequenas* e *leguas de nada*, as quais achei muito longas não obstante sua encorajante denominação. Pai Paulo é situado a oito ou dez leguas do Natal, o que deixa trinta ou trinta e duas leguas para a *travessia*. Avançavamos cerca de tres milhas por hora ou pouco mais, viajando de cinco e meia as dez da manhã e, passando o meio-dia, das duas ás seis horas.

Tinhamos enfim reentrado em terra habitada pelo homem. O terreno apresentava ainda o mesmo aspecto arido mas os pôços eram tratados, a agua melhor e, embora ressequida, a relva era encontrada. Desejava acompanhar o major em parte do caminho para sua fazenda mas era preciso aconselhar-me com as circunstancias, sabendo o estado da região que ia percorrer. Iamos em nossa maneira do costume, apenas com maior repouso ao meio-dia. Passavamos umas terras inteiramente planas

vendo duas ou tres fazendas por dia, onde o gado era bem miseravel e o povo meio extenuado.

Depois de haver seguido o major durante quatro dias apoz ter deixado o Ceará-Mirim, notei que não seria prudente continuar adiantando-me. As noticias vindas do interior eram más. Chegamos a uma propriedade onde o gado estava morrendo e os homens pensavam abandonar as moradas se não chovesse. Julguei estar distanciado do litoral umas duzentas millhas. Havia ido para o norte e oeste, e devia estar um tanto alongado da margem meridional do Assú, que devia ficar a leste. Deliberei rumar essa direção porque meus cavalos fraquejavam e a região estava tão exgotada que não encontraria outros em condições de substitui-los. Demais, eu viajava para distrair-me e meu guia temia seguir para frente, não encontrava vantagem em obstinar-me nessas condições. Se pudesse ter segurança nesses momentos, o caso seria diverso e correria, de bom grado, todos os riscos. Mas aqui a deserção é mais facil durante a noite. O país é muito mais habitado nas proximidades do Assú. A dificuldade era avançar e não recuar.

Cada fazenda possuía uma casa de toleravel decencia, onde residia o dono ou o vaqueiro e, de ordinario, havia muitas casinhas espalhadas no campo circunjacente. Os currais são proximos á casa principal e habilitam o viajante distinguir, logo e a distancia, uma fazenda.

Ouvi falar num habito curioso que existe nessas regiões onde as moradas são tão afastadas umas das outras. Certos padres obtêm licença do Bispo de Pernambuco e viajam nesses lugares com um altar portatil, construído para esse fim, conduzido por um cavallo, assim como todos os objetos para as missas. Esse é dirigido por rapaz que ajuda ás missas, e noutro animal vem o padre e sua pequena bagagem. Esses padres, no curso

de um ano, ganham de 150 a 200 £, renda consideravel para o Brasil, mas difficilmente conseguida se pensarmos nos sofrimentos e privações que foram obrigados a suportar. Eles param, erguem o altar onde existe um certo numero de pessoas que podem pagar para ouvir a missa. E dita mais das vezes por tres ou quatro *shillings*, mas quando ha um homem rico que tem o orgulho de possuir um sacerdote, ou é muito devoto, dá oito ou dez mil reis, duas ou tres libras, e ha quem chegue a pagar cem mil reis para ouvir uma missa, mas é raro. Presenteiam, ás vezes, com um boi, um ou dois cavalos. Esses padres têm sua missão no Mundo. Se essa tradição não existisse todo culto era impossivel para os habitantes de muitos distritos, ou bem, eles não podiam assistir um serviço religioso sinão uma ou duas vezes por ano porque é muito para lembrar que algumas partes ficam a vinte e trinta leguas da igreja mais proxima, e nessas paragens em que não ha lei nem religião real e racional, alguma cousa é melhor que cousa alguma. Seus batizados e casamentos guardam o ritual religioso e preservam do desaparecimento total as regras estabelecidas na sociedade civilizada. E' o liame que prende todo esse povo e o sustenta, no fio das ideias recebidas, juntos ás populações maiores de outros distritos.

Deixei o major (8) prosseguir sua jornada para casa enquanto eu recuei, ou melhor, avancei na direção oposta, batendo em retirada destas inhospitas regiões. Nada mudou durante o dia e estariamos pessimamente com a falta d'agua se não encontrassemos um vaqueiro amavel e com outras pessoas igualmente bem dispostas. Perguntei o caminho para a fazenda mais proxima e m'o indicou. Quando inquiri se encontraria agua, disse-me que, a não ser que conhecesse bem o lugar, não acharia o pôço. Terminou a conversação oferecendo-se para ir

mostrar-me a agua, não olhando que alongaria seu caminho por mais quatro ou cinco milhas. Logo que chegamos ao pôço convidei-o para jantar comigo, mesmo não tendo finas iguarias para dar-lhe. De sua parte levava viveres nas *boroacas* (9). São pequenos sacos de couro, pendurados um de cada lado da sela. Não quiz, entretanto, desmontar-se e, imediatamente, voltou o cavalo, seguindo seu caminho. Meu guia, que ficara atraz porque o cavalo coxeava, reuniu-se ao grupo. Era n'um campo pedregoso e o pôço era cavado entre as pedras, entre duas das quais os cavalos passaram e descemos todos.

Vou dar a descrição do meu amigo que se afastou da estrada para indicar-me o pôço. E' a figura comum do Sertanejo em viagem. Montava um pequeno cavalo com cauda e crinas compridas. A sela era um tanto elevada adiante e atraz. Os estribos eram de ferro ferrugento e os freios, da mesma forma. As redeas eram duas correias estreitas e longas. Sua roupa consistia em grandes calções ou polainas de couro taninado, mas não preparado, de côr suja de ferrugem, amarrados da cinta e por baixo viamos as ceroulas de algodão onde o couro não protegia. Sobre o peito havia uma pele de cabrito, ligada para detraz com quatro tiras, e uma jaquêta, tambem feita de couro, a qual é geralmente atirada num dos ombros. Seu chapéu, de couro, tinha a forma muito baixa e com as abas curtas. Tinha calçados os chinelos da mesma côr e as esporas de ferro eram sustidas nos seus pés nus por umas correias que prendiam os chinelos e as esporas. Na mão direita empunhava um longo chicote e, ao lado, uma espada, metida num boldrié que lhe descia da espadua. No cinto, uma faca, e um cachimbo curto e sujo na bôca. Na parte posterior da sela estava amarrada um pedaço de fazenda vermelha, enrolada em forma de manto, que habitualmente contem a rêde e uma muda-

de-roupa, isto é, uma camisa, ceroulas e, ás vezes, umas calças de Nanquim (10). Nas *boroacas* que pendiam de cada lado da sela, conduzem geralmente farinha e a carne assada no outro lado, e o isqueiro de pedra (as folhas servem de mécha), fumo (11) e outro cachimbo sobresalente. A todo esse equipamento, o sertanejo junta ainda uma pistola, cujo cano longo desce pela coxa esquerda, e tudo seguro (12).

A marcha comum do cavalo é um passo que se aproxima do pequeno trote; assim os cavalos sertanejos adquiriram o habito de arrastar as patas trazeiras, levantando poeira.

A côr do sertanejo é morena, e mesmo os que nascem brancos se tornam depois, com a diaria exposição ao sol, completamente taninados, como as roupas que usam. A gravura anexa dará uma ideia de qualquer sertanejo, tal qual é visto todos os dias no Recife. A côr do couro representado na gravura é mais brilhante que a roupa vestida comumente porque o desenho foi feito sobre modelo ainda não muito usado.

N'uma dessas fazendas ouvi uma anedota que ilustra o abandono ou mesmo a impossibilidade de cumprirem em todas as ocasiões os deveres da religião. Um padre, viajando, foi solicitado pela mulher de um fazendeiro para batizar seu filho. Accedendo, o padre esperou algum tempo e desejando continuar sua jornada, pediu que lhe trouxessem logo a creança afim de desincumbir-se do prometido. — “Peço que espere mais um pouco, — disse a mulher — porque o rapaz foi dar agua aos cavalos e voltará breve”. O padre ficou surpreendido e ainda mais atonito quando verificou com que o batizando teria de 13 a 14 anos de idade.

Pela manhã continuamos a viagem, passando por um campo pedregoso n'alguns pontos e que se elevava mas

não o bastante para que fosse formar cumiadas. John ficou, durante a noite, subitamente doente. Bebeu muita agua sem querer misturar-lhe algum alcool e não fumou. Considero o habito de fumar absolutamente necessario para garantir a saúde nessas ocasiões. E' geralmente praticado entre os moradores desse país e mesmo inumeras mulheres fazem tanto uso quanto seus maridos. Pela manhã o doente se restabeleceu.

Neste dia, pelas dez horas, chegamos á fazenda de Santa Luzia, (13) situada no vasto plaino igual aos que havíamos percorrido nesses ultimos dias. E' uma campina e não um *taboleiro*. Não havia arvores sinão nos arredores do pôço. A vista desta casa reanimou-nos o espirito, por não faltar agua nem capim, embora estivesse totalmente sêco. Os *lotes* de eguas vinham beber, todas bonitas, seguidas e defendidas pelo garanhão de cada lote. O gado, as ovelhas e outros animais, pareciam alegrar-se, conscios da fartura em cujo seio colhiam as vantagens. Descarregamos perto do pôço, sob as arvores. A casa do vaqueiro appareceu deante de nós, sobre uma pequena elevação, a umas cem jardas de distancia. Era uma cabana, baixa e branca, com estabulo e curral de cada lado. Pelo meio-dia vi alguns homens tirando leite de umas cabras. Mandeí Julio com uma cuia buscar um pouco de leite e com ordem de pagar (14). O guia aconselhou-me que não o fizesse. O leite veio mas a moeda não fôra aceita e, pouco depois, tres homens vieram até nós. Agradei-lhes o leite. Um deles, dirigindo-se a mim, quiz saber se pretendera insulta-lo, oferecendo pagamento, o que não era habito na região. O guia me havia advertido e fôra minha culpa o sucedido, mas puz a todos de boim humor, explicando que pedia desculpas do engano mas pertencia a um país onde tudo se pagava, até areia para esfregar os soalhos. Eles disseram que o rapaz que

fôra buscar o leite mencionara haver um inglês no grupo, e que muito desejavam ver, porque era um *bicho* que nunca tinham visto. Respondi-lhes que fôra com os cavalos e voltaria logo. Referia-me ao John, mas o guia declarou que eu também era inglês. As fisionomias mostraram o desapontamento quando se convenceram da verdade, porque esperavam ver uma bêsta extranha. John voltou e foi objeto de curiosidade e como não falava o português, e tudo aquilo o irritava, começou a praguejar em inglês. Aturdidos, exclamaram: — “Fala a lingua de negro!”.

Sentaram-se ao chão, junto de minha rêde, e pediram-me as novidades de Pernambuco, porque não os interessavam os assuntos distantes. Conhecera no Recife o dono da propriedade e os convenci do caso descrevendo sua residencia e jardim, e perguntaram então por ele. A conversação acabou pelo oferecimento de cavalos para minha viagem, e, quando regressaram á casa, um presente de carne assada me foi enviado. Desta forma eu muito ganhara oferecendo-lhes pagamento pelo leite, mas te-rei mais cuidado para o futuro.

De Santa Luzia avançamos cruzando a campina, na esperança de encontrar uma lagôa que o guia recordava. Noite fechada, ainda estávamos na mesma campina intermina onde a estrada era apenas assinalada pela areia mais revolvida, e seria impossivel reconhecê-la na escuridão. A lagôa que esperávamos chegar, jamais secava inteiramente no verão, mas só havia um lugar para vadea-la e era perigoso faze-lo durante a noite. A campina não oferecia hospedagem sedutora. Havia muitos rochedos, de varias dimensões, aqui e alem, e nenhuma arvore. O vento soprava asperamente. O guia apeou-se para procurar alguma relva seca e nada encontrando, andou para a esquerda do caminho mas não foi mais feliz. Sucesso

maior aguardava-o á direita. Só descobrimos sua posição pelo som de sua voz. Por muito tempo chamava e nós respondíamos, até que nos reunimos a ele. Descobri uma grande pedra; junto desse abrigo descarregamos, acendemos fogo e demos ração aos animais. Bem depressa verificamos ser impossível cozinhar nossas vitualhas porque o vento espalhava o lume que era apenas mantido pelos galhos de pequenos arbustos e sarças que nasciam no plaino. Tinhamos agua, por acaso, porque o guia enchêra uma bolsa pequenina julgando ter sêde depois do meio-dia, embora estivesse convencido de encontrar a lagôa antes da noite. Deitei-me entre duas malas, ao abrigo do rochedo. Todos os outros fizeram o mesmo, procurando, dentro do possível, uma divisão equitativa nos meios de acomodação.

Pelo meio-dia tinha notado muitos rochedos de formas singulares, um deles particularmente julguei extraordinario. Estava colocado sobre outro, de dimensões muito menores, e o ponto de apoio não era percebido, parecendo facil derruba-lo, mas não o conseguí abalar. O desconforto dessa noite foi grande, causado sobretudo pela violencia da ventania. Terminamos sem fogo e a escuridão nos envolveu, podendo apenas entender-nos, tão forte era a lufada. Os cavalos pareciam sofrer, como nós outros, a situação desagradavel. Passaram a noite perto de nós.

Continuamos a seguir, pela manhã, descobrindo que o nosso acampamento ficava a meia legua da lagôa. Toda a agua se fôra mas o terreno estava pantanoso e não se podia passar, excetuando um ponto onde era habitualmente vadeavel. Ela se estendia pela direita e a esquerda á distancia consideravel mas não era larga. Fosse esse lodaçal convenientemente limpo, e ter-se-ia uma fonte d'agua inexgotavel para os arredores. Mas o Brasil não

está em estado para tais obras. Pela tarde avistamos algumas montanhas e passamos junto de duas fazendas. Nesse dia observei, a alguma distancia, uma serra, de forma circular, situada isoladamente, sem ligação com outro grupo de montanhas. Os lados pareciam muito íngremes para que permitissem acesso a um cavalo. Lamentei muito que ela não fosse situada onde a pudesse escalar e examinar devagar, olhando sua paisagem. O guia, muito surpreendido pela minha curiosidade, disse que os cavalos jamais poderiam trepar pelas rampas e que a serra era cheia de serpentes (15). Podia tudo ser verdade, mas me pareceu evidente que ele desejava impedir minha intenção e queria apenas desviar esse desejo.

O plaino onde estávamos, pela igualdade do terreno, areia misturada com fragmentos semelhantes a conchas quebradas, as rochas desgastadas numa determinada altura, não podendo sua situação ter sido provocada pela ação das chuvas, parecia anunciar que outrora o mar o recobrira. Dormimos essa noite n'uma fazenda, onde varias casas reunidas formavam uma povoação, depois de ter atravessado grandes trechos de terra cobertos de arvores. Pela manhã subsequente ainda passamos arvores e, perto do meio-dia, chegamos a Vila do Assú. Oh, que alegria tive vendo uma igreja!... e a perspectiva regular de uma vila, com pessoas civilizadas, se assim as posso chamar de "civilizados", de acôrdo com as ideias européas (16).

A região que percorri, vindo do Natal, qualquer que seja o estado de seu progresso e o desenvolvimento de sua população, jamais será fertil. Creio que é, sem duvida, possível melhora-la cavando pôços, construindo reservatórios para agua pluvial e sobretudo plantando arvores. As campinas, atravez das quais viajei, são de tres especies. As de solo arenoso e movediço, produzindo o cajú, a mangaba e

muitos tipos de palmeiras; sobre ela a relva é curta e de nutrição deficiente. Nesses lugares crescem plantas rami-pantes, iguais ás que se vêem ao longo do mar na Inglaterra. As arvores são esparsas. O fruto do cajú ou ca-jeueiro (*cashew-tree*) e o da mangaba (17) são deliciosos e duplamente aceitaveis, crescendo no meio de areais onde estão reunidos. O primeiro tem variamente sido descrito. O ultimo é um pequeno fruto redondo que semelha muito a uma maçã selvagem, mas é doce e se conhece que está maduro quando cai da arvore. A polpa é fibrosa mas tenra. Contem tres nodulos e o sabor se aproxima de amendoas. As palmeiras (18) dão igualmente frutos que podem ser comidos, havendo necessidade. Mas são insi-pidos.

Estes plainos são *taboleiros*, os mesmos que esses da segunda classe sobre os quais é notavel o matagal espesso. A natureza do solo não permite elevar-se sinão alem de certa altura, a de um homem a cavallo. A estrada em muitos lugares passa no meio desses matagais e como eles não dão sombra e impedem o vento de refrescar, é aí que a intensidade do calor se faz fortemente sentir. Esses matagais não são, todavia, impenetraveis para que possam impedir o gado de atravessa-los e procurar seu pasto. Os plainos da terceira especie têm melhor solo, produzindo bôa e forte relvagem, mas não se vêem arvores, não se encon-trando sinão arbustos e sarças e, mesmo em certos pon-tos, nada brota. O solo, pedregoso em determinadas pa-ragens, sobe e desce, não a ponto de constituir cordilheira, mas interrompendo o aspecto monotono desse mar sem praias onde se viaja muitas horas com a impressão de não se ter mudado de lugar. São as *campinas*. Passei em lugares cobertos de altas arvores, que podiam ser cha-madas florestas, de extensão consideravel em minha patria. No Brasil não têm sufficiente imponencia para distinguir-

se no geral das terras atravessadas. A impressão que colhi nessa parte do país é de uma região plana e descoberta.

Ouvi muito pouco falar em animais ferozes, supponho que se retiraram para melhores pontos. Não fomos perturbados pelas serpentes. Meus companheiros, entretanto, não se estabeleciam no acampamento sem examinar cuidadosamente os arredores, provando assim sua frequente aparição, porque, em caso contrario, essas precauções não se tornariam habituais. O que posso dizer é que as serpentes não se encontram em grande quantidade nos trechos de terra esteril, mas nas vizinhanças das lagôas e dos maiores pôços d'agua, nos lugares fertéis, ouve-se perfeitamente o maracá das cobras. Vimos igualmente, nas terras rochosas, um pequeno tipo de lebre, de nome *mocó* (19). O carrapato e o bicho de pé tinham desaparecido inteiramente, depois que deixamos a Lagoa Seca, perto do Natal. O bicho do pé (chigua) tem sido descrito muitas vezes e é inutil descreve-lo aqui minuciosamente. E' um inseto pequenissimo que se aloja na pele, principalmente debaixo das unhas dos pés. Nas praias do mar são mais abundantes, sobretudo nos trechos arenosos mas no Sertão, onde o solo das campinas parece formado de melhor especie de saibro, não vi um só desses insetos entre Natal e Aracatí (20).

Cheguei ao Assú a 1.º de Dezembro apoz ter feito cerca de 340 milhas em 19 dias. A inquietude continua em que vivi impossibilitara-me de escrever um diario regular da jornada. Do Assú ao Aracatí registei as denominações dos lugares que passava. A região é mais habitada e fomos mais proximos ao litoral. Viajava-se mais a comodo que entre Natal e Assú, excetuando o abandonado "Pai Paulo", não atrave-sei lugar que justificasse o nome de povoação. Encontrei, muito separadas uma

das outras, algumas choupanas, algumas desertas, concentrando toda população do distrito. E' uma região desolada e pobre.

A vila do Assú é edificada em quadrado e consta de cerca de trezentos habitantes, tendo duas igrejas e a Camara Municipal e prisão que então se construía. O Governador fôra o promotor da obra. Está situada á margem do grande rio do Assú, no ponto em que este se divide em dois braços, a curta distancia. Está na margem esquerda do ramo menor. Ha uma ilha de areia entre os dois braços, e a distancia de onde o rio se biparte ao ponto da junção, é de duas a tres milhas. Atravessamos os leitos ressequidos e entramos na praça, onde a areia é baixa e não ha calçamento. Muitos moradores estavam ás suas portas porque os viajantes são motivos de curiosidade e o nosso aspecto inda mais a aguçava. Eu montava numa sela inglêsa, o que mais particularmente atraía os olhares desse povo de cavaleiros (21).

As casas tinham apenas o pavimento terreo, e algumas eram rebocadas e caiadas de branco, mais as paredes de muitas conservavam sua côr natural, por dentro e por fora, e o chão estava em seu estado bruto. Somente com grande esforço nessa terra onde a agua é escassa, os moradores conseguem manter-se asseados. Os brasileiros, mesmo de classes inferiores, em todas as castas, têm alguns habitos que se ligam aos costumes da vida selvagem, são de notavel asseio em suas pessoas. Um dos maiores incomodos para um brasileiro é o lugar onde residir ficar distanciada de um rio ou pôço d'agua onde se possa banhar.

Perguntei pela morada de um negro, seleiro de profissão, que meu guia conhecia. Estava, como os outros, á porta, para ver os viajantes, e logo reconheceu o amigo e avançou para falar-lhe. Foi então procurar uma casa

para nosso abrigo durante a estada. Era pequena, sem rebôco nem caiação, com dois quartos, um abrindo para a praça e outro para o rio. Logo que terminei a instalação e me arranjei, saí para visitar o Vigário que residia na melhor, ou menos feia, habitação da vila. Era do tamanho da casa dos camponeses ou dos pequenos proprietários na Inglaterra, mas não tão confortavel, embora possuindo pavimento de tijolos. E' verdade que esses climas nada pedem, como os climas frios que exigem nas habitações inglêses e no progresso inglêz tantas disposições, o indefinivel chamado "conforto". Disse ao Vigário que ele era a primeira pessoa na vila que tinha o prazer de visitar e que seria feliz em ser acompanhado em minha viagem pelas orações e bons auspícios de sua Ordem e, em particular, os dele, de quem o Governador falava com tanta simpatia. A palestra pouco demorou e não a pude alongar por estar fatigadissimo (22).

Dispuz-me a mandar os cavalos para o Piató, onde havia pasto e verdes talos de milho, cana de açúcar e outras plantas, mas o guia me recomendou demorar apenas o necessario. Assegurou-me de que os cavalos continuando a viagem sem interrupção resistiriam muito bem mas se repousassem ficariam fracos e inteiramente inúteis para o serviço por muito tempo. Mesmo não estando perfeitamente convencido do que me dizia, não tendo razão para retardar-me no Assú, enviei Julio para trazer os animais para o Assú e, no outro dia, ás duas horas, para termos, de qualquer forma as vinte e quatro horas de descanso. Aprendi depois, por experiencia, que o guia tinha toda razão, relativamente aos cavalos. O trabalho regular é melhor que o descanso de mais de um dia.

Nosso amigo, o seleiro, entre outras historias, nos contou ter passado, um pouco antes de nós, pelas mesmas terras que atravessavamos, vindo de S. Luzia. Estava ele

na companhia de um outro homem e de um rapaz que trazia um cão. Ficaram durante a noite ao abrigo de um rochedo na vizinhança do lugar de que já falei. Seu companheiro tinha levado os cavalos para pastar a alguma distancia. O rapaz e o cão ficaram com ele. Acendêra o fogo e se preparava para assar a carne-sêca, quando o rapaz gritou:— “Onde está o cachorro?” E lhe respondêra:— “Está aqui, não está?” — “Que olhos são aqueles?” — disse o rapaz apontando ao mesmo tempo para um canto do rochedo. O seleiro reparou e viu dois olhos e nada mais. Chamou o cão e, tomando a espingarda disparou-a onde o cão estava mas sem apontar. Um jaguar (23) precipitou-se para fóra e fugiu. Estava escondido nas pedras e o clarão do lume mais o ocultava nas sombras, impedindo ver seu corpo, tornando visiveis apenas os olhos. Estava agachado, esperando o momento, disposto a saltar quando todos estivessem tranquilos e descuidados.

Soube existir na embocadura do Assú muitas salinas importantes e que varias barcas pequenas vinham, de diversos pontos da costa, carregar a produção.

Tomei um outro guia porque o homem que trouxêra de Goiana não sabia a estrada a seguir. Embora não o estimasse muito, conservei-o porque era um mestre em sua profissão, tratando bem aos animais que, graças a sua atenção e conhecimento do officio, chegaram sem feridas o que, além de surpreender os que viam, denunciava muita felicidade ou muita pratica. Era contudo um fanfarrão, maltratando os pobres onde nos alojavamos, sempre que julgava faze-lo impunemente. Repetia sempre que eu era um personagem illustre. Não dizia nada mas, quando do nosso regresso, estando eu adoentado, ele se fez passar por chefe da caravana e o surpreendi nessa posição. Desconcertei-o ameaçando-o despedi-lo do meu serviço. Des-

de que me restabeleci, tratou de ocultar seus vícios e cuidou melhormente de tudo. O outro guia que levei comigo era um mulato escuro, jovem e robusto, filho de um morador do Assú, e tinha caracter. Partindo, trouxe um lindo cão, que logo depois adquiri.

Na manhã seguinte Julio regressou com os cavalos e, entre tres e quatro horas da tarde, deixamos o Assú.

NOTAS AO CAPITULO VI.

(1) Lagôa Sêca fica a dois quilometros e seiscentos metros, em linha réta, de Estramoz, no municipio do Ceará-Mirim, dezesseis quilometros do Natal, (C).

(2) O saco de couro para carregar agua, de uso universal, é chamado no sertão nordestino *borracha*. Os indios diziam-no *mipibú*. Teodoro Sampaio escreve: — *Mipibú, corr. mbi-pibú, o ôdre, o saco de couro; vulgamente "borracha". Rio Grande do Norte...* "O Tupi na Geographia Nacional", 3.^a ed. Baía. 1928. p. 266. (C).

(3) As cacimbas raramente ficam cercadas e a razão não é o desamor ao asseio, virtude que Koster exalta. Trata-se de uma tradição que denuncia o uso dos pastos em comum, livres de defesa e, consequentemente, as utilidades adquiridas serviriam a todos. A cacimba cercada é indice egoístico e, vendo-as agora, já sabemos que o proprietario é *civilizado* ou a epoca é de sêcas, justificando a prohibição momentanea pela regular serventia de todo gado, a certas horas. A cacimba, cavada e deixada livre, não podia estar cercada por se tornar inutil ou exigiria um vaqueiro para dar de beber aos animais. Um *ditado* sertanejo querendo expressar um avarento, diz apenas: — *aquilo é homem de cacimba fechada*. (C).

(4) Alpargatas, alpercatas, apragatas, escreve Constancio, estudando o primeiro veibête: — "*Alparcas, Alpargata, em arabe al-barga ou albagat calçado que tem o rosto enfrestado de couro, etc.; calçado delicado para mulher, de veludo, sêda, etc. Alpercate: — termo de sapato, abertura entre a orelha e a pala do sapato*". (C).

(5) Pai Paulo, toponimo desaparecido no vale do Ceará-Mirim. Debalde interroguei os mais velhos moradores sobre reminiscencia do nome. Nos documentos consultados era igualmente omisso. (C).

(6) Perciro, *Aspidosperma pyrifolium*, Icô, *Capparis icô*. (C).

(7) O rio do Ceará-Mirim nasce nos massapês ao pé das fraldas da serra de Santa Rosa, entre Lages e Angicos e desses municipios atravessa os de Baixa Verde e Taipui, entrando, pela Passagem de Pedras, no municipio que lhe da nome, formando extenso vale fertilissimo, e desagua na barra de Inácio de Goes, quinze quilometros ao norte de Natal e não no Potengi, num curso de cento e cincoenta quilometros aproximadamente. (C).

(8) Dois ou tres anos depois dessa viagem ouvi falar no meu amigo major. Conheci um homem que residia ao pé da serra do Teixeira, que fica alem das propriedades do ai do major. O velho coronel havia sido morto por um touro diante da porta de sua casa. O animal tinha sido preso num pequeno cercado e se tornara furioso naquele ambiente asfixiante. Era necessario derruba-lo ao solo, com um processo especial, picando-o, com um curto foreado de ferro numa certa parte da coxa. Os vaqueiros, amedrontados, queriam deixar o animal ficar menos violento, mas o velho, que tinha

então de setenta a oitenta anos de idade, disse-lhes que eram uns medrosos, e decidiu enfrentar o touro, entrando imediatamente no cercado. Antes que se preparasse para afrontar o animal, e quando ainda estava apoiado na cerca, o touro precipitou-se contra ele e meteu-lhe os cornos no corpo, com tal força que se fincaram nos paus e, antes que se desembaraçasse, um dos vaqueiros mergulhou sua longa faca entre os chifres do touro que caiu por terra. Mas o velho perdera sua vida. (K).

(9) *Boroacas*, dizem os sertanejos *bruácas*, e assim regista o dicionário de Moraes (ed. 1831): — “*BRUACA*, s. f. Mala de coiros crus, com sua tapadoura do mesmo, cosida nos quatro cantos, em que se carregão as coisas, pendendo por aselhas das cangalhas: usa-se no Brasil.” (C).

(10) ... a pair of nankeen pantaloons. Em meados do século XVIII e XIX as fazendas de Nanquim, tecidas na China, foram usadíssimas no Brasil. Eram tecidos de algodão e de ganga amarela, azul e vermelha. (C).

(11) ... tobacco. Tabáco, no sertão, é o rapé. Traduzi pelo nome usual e comuníssimo. (C).

(12) O nordestino vaqueiro *encourada* era uma replica ao peão de São Paulo observado por Martius: — “Os paulistas do povo, os peões sobretudo, costumam usar uma sela pequena, chata, de madeira, que nem sempre é forrada de couro (s:lim), com estribos tão pequenos, que neles só cabe o dedo grande do pé. As esporas são adaptadas ao pé descalço. No mais, consiste a roupa do peão em um curto gibão, perneiras justas e um chapéu em forma de prato, prêso ao pescoço com uma corréa, tudo de couro pardo de veado ou de capivara, e este vestuário protege-o muito eficazmente contra as cercas de espinheiro, que têm de atravessar na perseguição aos animais”. (“VIAGEM PELO BRASIL”, 1, 255). (C).

(13) Santa Luzia, antigo Pôço da Lavagem, no município do Assú, hoje distrito. (C).

(14) *I send Julio with a half-gourd for some milk, escreveu Koster. Essa half-gourd é a cuita, classica vasilha para receber o leite. M. A. Jay, o tradutor francês, escreveu serenamente: — “J’envoyai Julio, avec une demi-piastre, demander un peu de lait.” (1, 157, ed. de 1846). (C).*

(15) ... a high hill, of a circular form é a serra do Cabugi, a seis leguas da sede municipal de Angicos, e a 163 quilômetros do Natal. É, depois da serra do Martins, o ponto culminante na orografia norte rio grande, avistado, desde 100 quilômetros, no mar. Eu mesmo, viajando de avião entre Macau e Natal, distingi perfeitamente o inconfundível perfil do Cabugi. Consta de impressionante molhe de basalto, formando um embasamento de umas tres leguas de contorno, e sobre essa explanada se ergue o pico, de forma piramidal, destacando-se no horizonte, numa projeção majestosa e nitida. Luciano Jacques de Moraes, “Serras e Montanhas do Nordeste”, 1,30, informa que “Este neck... representa o resto de um vulcão, tendo sido o cone de materiais fragmentarios arrebatado pela erosão. “A altura é diversamente registada. Luciano Jacques dá 690 metros, elevando até 800, noutras fontes. (C).

(16) Vila Nova da Princesa, creada pela real-ordem de 22-7-1766 e instalada a 11-8-1788. Passou á “Cidade do Assú” pela lei provincial n.º 124, de 16-10-1845. (C).

(17) Vide Appendix. (K).

(18) Vide Appendix. (K).

(19) Vide Appendix. (K).

(20) Chigua bicho-de-pé, attum, de Hans Staden, tunga, de Gabriel Soares de Souza, tom, de André Thevet, tu, de Jean de Lery, tung, tumbira, dos tupis, é a *Pulex penetrans*, de Linncu, *Sarcopsylla penetrans*, atualmente *Tunga penetrans*, de Jarocki. Com abundancia de detalhes está em nossos cronistas coloniais, com a *gostosa comichão*, de que fala Brandonio, no “Dialogos das Grandezas do Brasil”. Arthur Neiva, no “Estudos da Lingua

Nacional" (vol. 178, da "Brasiliana", S. Paulo, 1940) faz uma sabia e completa revisão na historia do nome do ectoparasita, demonstrando a origem americana, pag. 230. (C).

(21) Koster, repetidas vezes menciona a surpresa dos sertanejos e moradores do Recife ante a sela inglesa que usava em 1810. O espanto era geral, e assombro identico, causava o selim de John Mawe, em sua visita ao interior de Minas Gerais em fins de 1809. (C).

(22) O vigario do Assu em 1810 era o padre Antonio Ferreira de Souza Monteiro. (C).

(23) *A jaguar rushed out.* É o jaguetê dos cronistas coloniais. *Felis onça*, Linn, que Gabriel Soares de Souza registava, em 1587: — "Tem para si os Portuguezes que jaguetê é onça, e outros dizem que é tigre; cuja grandura é como um bezerro de seis mezes; falo dos machos porque as femeas são maiores", Tratado Descritivo do Brasil", p. 286. Vol. 117 da "Brasiliana", S. Paulo, 1938. (C).

CAPITULO VII

CONTINUAÇÃO DA VIAGEM. DESTREZA SINGULAR. MOSQUITOS. CHARCOS SALGADOS. TATÚS. O JAGUAR. SANTA LUZIA. SOLICITAÇÃO DO PASSAPORTE. UMA CASA INACABADA. TIBAU. AREIAS. UM FANTASMA. CAJUAIS. ARACATÍ. O RIO JAGUARIBE. O PORTO. JORNADA AO CEARÁ. CHEGADA AO CEARÁ. VILA E PORTO DO CEARÁ. EDIFÍCIOS PUBLICOS. O GOVERNADOR. OS INDÍGENAS. O ÚLTIMO GOVERNADOR DO CEARÁ. O CHEFE DOS FEITOZAS. A SOCIEDADE NO CEARÁ. SÊCA. ACIDENTE N'UM BANHO. PARTIDA DO CEARÁ.

Caminhamos em terras arborizadas durante uma legua, chegando ás ribas da lagôa do Piató (1). Seguimo-la ainda meia legua, parando perto da casa de palha, pertencente ao comandante do distrito (2). A lagôa do Piató mede tres leguas de comprido por uma de largo. No verão suas margens secam mas são suficientemente capazes de plantio. O centro permanece invariavelmente pantanoso, não permitindo passagem. A fertilidade dessas margens é grande, produzindo abundancia de milho, arroz, cana de açúcar, melões, etc., e vi mesmo alguns pés de algodão plantados nas proximidades. A lagôa é mais baixa que os terrenos circunjacentes e, na epoca do inverno, as aguas se precipitam, destruindo os menores vestigios de cultura, obrigando que essa operação se repita para a futura estação. Nos anos, como este em que viajo, as populações desse distrito pereceriam se a lagôa não existisse. Devido a ela podem os moradores do Assú permanecer em suas casas. Essa impressão de

abundancia, a relva verde e brilhante, o gado e cavalos nutridos, como os vejo esparsos nas ribançearas, anima a todos. Dá uma imagem de segurança, na consoladora certeza, creio que ha muito não a sentia, de que nas ultimas extremidades da vida não faltariam as cousas necessarias. As elevações calcinadas, circundando a lagôa, os lindos campos cultivados em suas cercanias, e o pantano central, sempre perigoso, impossibilitando a comunicação dos habitantes de um para o outro lado, formam uma cena verdadeiramente extraordinaria. Não ha agua na lagôa mas a lama é profundissima e não tem bastante consistencia para que um homem a possa atravessar. Nem mesmo poderá experimentar faze-lo, porque o menor peso o faria mergulhar.

Ficamos sob uma arvore baixa, numa eminencia, tendo a lagôa á nossa direita. Entre nós e a casa do comandante ha uma profunda ravina pela qual escorrem as aguas que descem dos altos nas estações de chuva. A ravina está toda plantada e cercada, deixando-se apenas uma estreita picada que sai de onde nos estabelecemos, na colina, a uma outra elevação dianteira, sobre a qual está uma cabana inteiramente feita de palha de carnaúba e de outras palmeiras. E' a morada provisoria, nos meses de verão, pertencente ao comandante, sua residencia ordinaria é no Assú. Tem uma familia numerosa, mas toda muito tímida. Percebia apenas as mulheres, quando se permitiam entrever, lançando um olhar curioso e rapido ao inglês, até ali desconhecido e, de boa fé, acreditado como sendo um homem diferente dos outros. À tarde assisti uma prova de destreza de um dos filhos do Comandante, menino de quatorze anos. Ouvira falar na maneira de prender os bois selvagens no Sertão. O individuo empregado nessa operação, monta a cavalo, com uma longa vara, terminada por uma ponta de ferrão, e

persegue o animal que quer derrubar até que, emparelhando-se, o fere nos flancos, entre as costas e a anca e, se o alcançar no momento em que o boi levanta as patas trazeiras, sacudi-lo-á em terra com tanta violencia que este rolará (3). Um boi havia danificado o milharal do comandante e um dos filhos deste, não podendo suportar por mais tempo, montou n'um dos cavalos do Pai, que os possuia varios e alguns muito bons, tomou a longa vara com o aguilhão e, sem sela, vestindo apenas camisa e ceroulas, atacou o animal. Expulsou-o do milharal, seguindo-o e, no instante apropriado, atingiu-o com a lança, jogando-o ao solo. Antes, porém, de voltar seu cavallo, outro boi investiu por traz, com os chifres, nas coxas da montada. o rapaz tomara a precaução de pôr uma brida ao cavallo. Fosse este apenas com o cabresto, teria o cavaleiro corrido perigo bem maior. Um de seus irmãos voou em socorro e enxotou o boi para longe. A facilidade com que o animal fôra derrubado demonstrou, que nessa proeza a pratica e a agilidade são mais necessarias que a robustez.

Durante a tarde caiu uma chuva, a primeira que via desde Goiana e a unica, em toda minha viagem, de Goiana ao Ceará. Não é comum essa chuvarada nessa epoca do ano e as desgraças ocasionadas por sua falta, cresceram ainda mais pela escassez das chuvas nos invernos anteriores.

Chegamos á choupana, atravessando a ravina, e deixando a maior parte das nossas bagagens sob a arvore. A chuva, porem, não durou muito. A casa era pequena para oferecer-nos a todos alojamento durante a noite. A arvore ficava distanciada, não permitindo que, no caso de chuva, alcançassemos abrigo antes de ficar molhados. Por essas razões deliberei dormir no barranco, junto á abertura, ao pé da colina, vizinho á choupana. Preparei meu leito, entre duas malas, a barlavento da

fogueira que acendemos, mas milhares de mosquitos, perto da meia-noite, revoavam, obrigando-me a deixar o lugar e deitar-me sobre um couro, do lado oposto. O fogo era mantido quasi com excremento sêco de gado, tendo uma fumarada tão espessa e acre que afastava inteiramente a presença desagradavel desses visitantes perturbadores. O remedio, porem, era pessimo, porque impedia quasi abrir os olhos ou falar. A miseria a que estavamos expostos, com miriades de mosquitos zumbindo derredor nessa noite, fez-nos preferir a fumaça como o tormento mais suportavel. Não obstante esses inconvenientes, divertiamo-nos com as agonias de quem deixava o fogo diminuir. Dormimos pouquissimo, obrigados, cada um, a vigiar atentamente seu lume, em constante alerta. Pela manhã, mal a fumaça nos podia proteger contra esses torturantes insetos. Constatei que, nas cercanias de uma lagôa ou de um charco, devemos estabelecer o acampamento noturno sobre uma eminencia. O comandante tambem fôra obrigado a manter as fogueiras em posição de barlavento, toda a noite, embora estivesse no topo da colina. Continuamos, bem cedo, a viagem, ao longo das margens da lagôa, penetrando, adiante, em terras totalmente ressequidas. Dormimos num grupo de arvores, distante umas trinta milhas do Piató. O gado, visto nesse dia, estava em boas condições, bem mostrando haver fartura d'agua.

O caminho que percorremos no dia seguinte levou-nos atravez de bosques e de terrenos pedregosos, mas os bosques nessa região não são extensos e luxuriantes. Não têm a grandeza das florestas de Pernambuco e os mata-gais são menos espessos e compactos. Passamos em varias fazendas, com o gado excelente e vimos, nesse dia, um lote inteiro de eguas brancas. Pedi agua para beber numa dessas casas e fui servido por uma menina branca,

aparentando uns dezessete anos. Falava desembaraçadamente, mostrando haver residido em lugar mais civilizado. Na casa havia duas creancinhas morenas que lhe pertenciam. Era filha de um pequeno proprietário e este a casara, contra a vontade, com um mulato rico. Confiou ao meu guia um recado para o marido, que superintendia um córte de madeiras, á margem da estrada que iamos seguir. Encontrei-o depois. Era de feições escuras, de uns quarenta anos de idade. Soube a historia pelo guia do Assú, porque fizera rumor nas cercanias por essa occasião. A' tarde atravessamos um charco d'agua salgada, rodeado por um grande numero de carnaúbas. Ladeando o charco, procurando passagem, vimos o lugar onde as pé-gadas dos viajantes o tinham atravessado recentemente. Onde passamos, a lama tem de oito a doze polegadas de profundidade mas era, noutros pontos, impraticavel. O sal se coagulava em todo canto, mesmo no rasto deixado pelos cavalos, onde se formara uma cavidade e um pouco d'agua se reunira. A largura do charco é de cerca de duzentas jardas, no centro, e uma legua de comprido. Deixando o charco, encontramos o taboleiro, onde deviamos pernoitar. Pela tarde, o vento levantou. Ia eu, na séla, com ambas as pernas penduradas para o mesmo lado, de guarda-sol aberto, resguardando-me dos raios solares. Um golpe de vento apanhou-nos, a mim e ao guarda-sol, e deitou-nos n'areia, com grande gaudio para os companheiros. Se o cavallo galopasse, estaria eu em situação bem desastrada, mas ele, tendo caminhado tantas leguas, não se espantava com bagatelas semelhantes. Jornadeamos dois dias sobre o mesmo solo, plainos com arvores esparsas ou trechos arborizados. Cruzamos ainda dois charcos salgados mas não tinham muita lama. A agua que brota do chão, quando se escava, é salgada, mas o fundo é sêco e duro.

Mimosa, a cachorra trazida pelo meu novo guia, nos dava muitas distrações. Estava geralmente cascavilhando no mato, a pouca distancia da estrada, voltando depois. Era extremamente esperta para descobrir o *tatú bola*, pequeno tipo de armadilha (4). Esse animal é protegido pela sua casca grossa e, quando se toca, enrosca-se todo, como um Ouriço. Logo que a cachorra deparava um d'elles, tocava-lhe o focinho e ladrava, continuando o mesmo processo sempre que o *tatú* se movia, até que o dono respondia ao sinal. Apanhamos varios, desta forma. A carne é delicada como a de um leitão. O *tatú verdadeiro* é maior e não se enrola, (5) e Mimosa, ás vezes, perseguia os fugitivos até seus buracos, ficando de sentinela, á espera que o dono a chamasse. Existe uma terceira especie de Armadilhas, chamada *tatú peba*, o qual dizem comer carne humana (6).

A 7 de Dezembro, ás dez horas da manhã, chegamos ao arraial de Santa Luzia, que consta de duzentos ou trezentos habitantes. Foi edificado em quadrangulo tendo uma igreja e casas pequenas e baixas (7). Pude recheer minhas garrafas de bebidas e conseguir suprir-me de rapaduras (8). São tijolos de açúcar escuro ou de mel, fervido até sufficiente consistencia ao resfriar, tornando-se, desta maneira, mais portateis e menos sujeitos a liquefazer-se durante o transporte. No dia seguinte a nossa chegada a S. Luzia, descansamos o meio-dia sob umas arvores, junto de uma casinha. Notei uma pele de jaguar, a *onça pintada*, na linguagem da região, esticada sobre varêtas de pau. Parecia ainda fresca. Entretendo conversa com o dono da casa, disse-me ele ter morto o animal a quem pertencia a pele, um dia antes, ajudado por três cães. Fazia grande devastação, especialmente entre as ovelhas, escapando sempre e nunca aparecendo no mesmo local duas vezes sucessivas. Na manhã precedente

o homem saíra, como seu costume, com os tres cães. A espingarda estava carregada mas não levava munição suplementar, alem de sua longa faca á cinta. Um dos cachorros farejou o jaguar e seguiu até a furna onde o animal estava. Atacado pelos cães, o jaguar matou um deles e feriu outro por se ter aproximado. O homem disparou sua arma quando o jaguar abandonava o covil e atingira o alvo. Vendo que o animal estava gravemente ferido, o homem precipitou-se contra ele, de faca, e matou-o. Ficou, durante a luta, dilacerado pelas garras da fera e conservava o braço amarrado 'na ocasião em que conversei com ele. Pediu-me um pouco de polvora, dizendo-me que outro jaguar vagava nas vizinhanças. As peles são muito valorizadas no Brasil para colxinhos de selas. Estas, pela forma em que são feitas nessa região, exigem o colxinho, e a pele é empregada nesse fim. Possuo uma pele de jaguar que mede cinco pés e tres polegadas de longo. A *onça vermelha*, "*Felis concolor*", e a *onça preta*, "*Felis discolor*", são comuns, mas a *onça pintada*, embora encontrada, é mais temida.

Nesse dia tínhamos passado o leito sêco do Panema (9). Era o tercciro rio que atravessavamos desde nossa partida do Assú e todos nas mesmas condições.

Santa Luzia está situada na margem setentrional do rio sem agua, num terreno arenoso. Repousamos o meio-dia sob o tecto de uma cabana infima. Ao centro, as cinzas de um fogo morto, um banco feito de galhos entrelaçados, eram os indicios de que fôra habitada. Muitos dos moradores da povoação vieram perguntar-me por noticias de Pernambuco. Entre estes, um rapaz, cujo acento denunciava ter nascido numa das provincias do norte em Portugal, com maneiras que proclamavam a alta ideia que fazia de sua propria importancia. Disse-me ter ordem do comandante para pedir meu passaporte. Res-

pondi-lhe que se o comandante quizesse ver meu passaporte, certamente enviaria um dos seus oficiais. O rapaz declarou ser o sargento do distrito. Repliquei não duvidar de que dizia a verdade mas não lhe reconhecia autoridade, visto ele não envergar seu uniforme, e apparecer-me nas roupas usuais, de camisa e ceroulas e, ajuntei que suas maneiras faziam com que lhe recusasse exhibir o passaporte, fosse qual fosse a consequencia. Insistiu para que lhe mostrasse. Voltei-me para Julio perguntando se ouvira o que o homem dizia. Julio respondeu: "Deixa estar, meu amo". O sargento saiu e preparamos nossas armas, para distração e assombro de alguns pacatos moradores. Viu-o, logo depois, vir em nossa direção, acompanhado de duas ou tres pessoas. Gritei-lhe que se detivesse a distancia sob pena de Julio disparar contra ele. Julgou mais prudente parar. De minha parte acertei ser mais logico ir-me embora desse lugar, e saímos meia hora depois do meio-dia, com o sol ardente, não mais sendo inquietado pelo sargento. O rio sêco, sobre o qual está S. Luzia, divide as Capitancias do Rio Grande e Ceará, consequentemente havia toda razão em ter o comandante exigido o meu passaporte; mas era necessario matar o alto conceito em que é tido o nome de *inglês*, onde quer que os homens saibam que *inglêses* não significam bichos ou animais, e, ao mesmo tempo conservar minha propria importancia ante meus companheiros. Não quíz ceder lugar ante um homem que desejava fazer-me sentir a preponderancia que julgava ligada ao seu cargo. Tivesse eu sido convidado a comparecer á residencia do comandante, com termos cortezes, ou o sargento me procurasse uniformizado, e tudo se teria passado bem. Essas nonadas, embora aparentemente sem importancia, têm grande pêso para as pessôas que se adiantam lentamente na civilização — a opinião publica é tudo. Se a ideia de que sou um bicho

e um herege não fosse contrabalançada por essa de minha posição e valia, todo arraial estaria contra mim e meus próprios companheiros desertariam.

O aspecto geral da Capitania do Rio Grande do Norte é que ela é de fertilidade mediocre ao sul de Natal e esteril ao norte, excetuando as margens e os arredores do Potengi.

Passamos a fazenda da Ilha, distante de S. Luzia legua e meia e prosseguimos, depois de nos abastecermos d'água, quatro leguas adiante, até uma casa incompleta e deshabitada. O proprietario a começara a construir durante as chuvas do inverno passado, e continuou a obra até que as aguas se exgotassem. A casa era vasta, coberta de telhas, mas as paredes tinham apenas os enxameis. Era intenção d'essa pessoa estabelecer até uma fazenda mas a falta das fontes d'agua teria dissuadido o proposito primitivo. Toda a região, entre Ilha e Tibau, onde fizemos descanso no outro dia, pela hora do calor, estava sem agua, numa distancia de dez leguas.

Dois grupos de viajantes, sem contar o nosso, haviam feito seu abrigo noturno nessa casa inacabada. As diversas fogueiras, os grupos rodeando-as, uns cozinhando, outros comendo, alguns dormindo, as malas, os fardos espalhados ao derredor, trazidos nos dorsos dos cavalos, formavam uma cena digna de um pintor. Havia escuridão em torno de nós e o vento frio soprava atravez da casa que não tinha paredes e nada se opunha á sua entrada, salvo as vigas verticais que sustentavam o telhado. O clarão das fogueiras iluminava uns e outros, os semblantes dos homens e, somente neste momento, eu descobria sua côr e, logicamente, a que classe social pertenceriam. Podia estar na companhia de escravos ou de brancos porque ambos se haviam acomodado de maneira identica.

Um negro dirigiu-me a palavra perguntando se não era eu o inglês que estivera em S. Luzia ao meio-dia e, ante minha resposta afirmativa, disse que estava com o Comandante nessa oportunidade, e que houvera muito debate sobre o modo de proceder comigo e com os meus. A determinação que tomara, recusando exhibir o passaporte, causara varias suspeitas e entre outras suposições de que poderia eu ser. Um imbecil sugeriu que bem podia tratar-se de um mensageiro de Bonaparte e era preciso saber meu plano diabolico. Varias vezes me tenho divertido com as ideias extranhas que os habitantes deste país possuem das nações longinquoas, das quais sabem apenas o nome e, ás vezes, algumas particularidades, mas de tal forma alteradas péla incompreensão, que tenho dificuldade em conhecer o que realmente pensam relativamente a elas.

Atravessamos, pelo meio-dia, outro charco salgado. Esse que haviamos passado no dia 4 deste mez era o unico de sua especie. Os outros de que tenho falado e sobre os quais ainda terei occasião de mencionar, são sêcos e o solo, no verão, é sumamente duro, escuro e não brotando relva, e pelas suas margens nascem plantas semelhantes ás das praias do mar. A agua que se obtem cavando o solo é completamente salôbra.

O caminho pela manhã seguinte, nos levava entre matagais onde marchamos tres leguas sobre areia solta, e outras tres leguas pelos charcos. A volta do meio-dia passamos perto de uma choupana onde residia o vaqueiro de uma fazenda e imediatamente depois deparamos o monte de areia, chamado Tibau (10), junto do qual se vê o mar. Escassamente descrevo as sensações que essa visão determinou. Parecia-me estar em casa, com todos os meus habitos. A nascente d'agua, perto da cabana, estava exgotada mas existia outra, alem do monte, dando ainda uma pequena provisão. Paramos para descansar o meio-dia

numa pobre choça, erguida no alto da duna pelos moradores da fazenda, e servindo para preparar o pescado. Tinham-na construído bem no cimo, por estar completamente exposta ao vento. A descida para o mar era rápida mas não perigosa e a frouxidão do areal prevenia contra qualquer possibilidade do cavalo escorregar e rolar até em baixo. A grande distancia da jornada nos dois ultimos dias havia cansado o cavalo em que montava o meu guia de Goiana. Percebi que ele não estava inclinado a ir a pé, poupando a montada, e como me cabia dar o exemplo, desmontei, tirando um pouco da roupa, desbri-dei o cavalo, e o deixei ir livremente, com os outros. Houve o desejado efeito, e John, ele mesmo, ficou embaraçado em ser a unica pessoa montada.

Avançando rapidamente pelas areias humidas, passamos duas choupanas de pescadores, a duas leguas do Tibau e, uma legua adiante, deixamos as praias do mar, seguindo um caminho areento, que nos conduziu ao povoado de Areias, composto de uma residencia, de aspecto imponente, e cinco ou seis casinhas de palha. As terras atravessadas nessa jornada ao longo do mar são baixas, arenosas, sem arvores e sem cultivo. Nos anos menos rigorosos que este, ha uma fonte não distante da casinha dos pescadores, onde passamos, mas estava agora completamente a sêco. Estão num terreno menos arenoso que os das cercanias e a colheita das melancias é comum, mas este ano foi impossivel.

Chegando a Areias (11), dirigi-me á casa principal, pedindo abrigo para a noite. Ofereceram-me a sala da frente, e fiz descarregar a bagagem. Surpreendeu-me não ver nessa residencia pessoas de idade e sim tres ou quatro rapazinhos, onde um com dezesseis anos parecia ter a direção no que concernia á propriedade. Numa peça vizinha, com dimensões amplas, permitiram que alo-

jassemos os cavalos. Terminados os arranjos, tive tempo de fazer um passeio pelos arredores, visitando o local que escolhera para meu acampamento. Não havia arvores nem arbustos pela vizinhança. De um lado o mar e do outro a imensa colina de areia. A conveniencia das pescarias parecia ser a razão unica para que se fixassem nesse lugar. Mandeí comprar galinhas, trouxeram uma pela qual paguei 640 réis, cerca de 3s.6d. Julio informou ter visto algumas cabras e cabritos e o enviei a comprar um desses ultimos. Voltou com um cabrito gordo, pelo qual o dono pediu e paguei 80 réis, cerca de 6d. Julguei estar no direito de comer a galinha mas o cabrito era mais delicado em sua especie. A' tarde o rapaz apareceu com uma grande tartaruga, propondo ao guia permuta-la por uma libra de carne de cabrito. Demos-lhe a carne e a tartaruga continuou com ele.

Quando Julio se ocupava em comprar o cabrito, ouviu a longa historia de um *espírito* que aparecia na casa onde estavamos. As pessoas que narravam o successo, pediam que me informassem de tudo, afim de procurarmos outro refugio para a noite. Julguei que se pretendia fazer alguma pilheria e avisei aos companheiros da ideia que formava sobre esse *espírito*, cuja visita estava anunciada, encorajando-os, porque acreditavam tanto nos fantasmas como em carne e sangue. Armamos as rêdes em varios pontos da grande sala e cada um tomou suas armas, para estar pronto durante a noite. Um pavor subito apoderou-se do meu segundo guia, que queria deixar o aposento. Detive-o, ameaçando devolve-lo á sua terra se abandonasse a sala e o negocio terminou por eu ter retirado a chave da porta. A historia era esta: O dono e a dona dessa casa haviam sido assassinados por dois de seus escravos, e eram os dois *espíritos* que, ocasionalmente, passeavam pela habitação, e diziam mesmo

que o velho proprietario usava sua bengala de castão de ouro para despertar os que dormiam em sua residencia. Não tivemos a honra de sua visita e, pela manhã, muito nos divertimos com o medo que se apossara do nosso companheiro.

A região percorrida agora possuia um aspecto mais alegre. Encontramos trechos cultivados, a pouca distancia de Areias e, passando um charco salôbro, chegamos a Cajuais, distante de Areias duas leguas. O lugar recebe este nome por ter um grande numero de cajueiros, e possui seis ou sete casas. Jantamos, tendo bôa agua e abundancia de talos de milho para os cavalos. Tudo aqui tem, relativamente, apparencia de conforto e bem-estar. Tres leguas alem de Cajuais, dormimos numa choupana, tendo visto muitas terras trabalhadas. Algumas pessoas em Cajuais me perguntaram onde dormira a noite precedente. Respondi que em Areias. Perguntaram em que casa passara a noite, porque na povoação não tinha outra, digna de receber viajantes. Repliquei que, muito ao contrario, havia uma grande e confortavel casa onde eu passara a noite, inteiramente bem instalado. Ficaram atonitos por eu ter pernoitado num local malassombrado e julgaram, por algum tempo, que eu brincava. Nesta, como n'outras occasões, ouvi a mesma historia que devia ter causado uma profunda impressão em todos que a recordavam.

No dia seguinte chegamos ao Aracati, distante sete leguas do lugar onde tinhamos dormido, mais ou menos ás cinco horas da tarde. Grande parte da viagem nesse dia ocorrera entre charcos d'agua salgada e varzeas coberta de carnaubais. Os altos troncos, despidos de ramos, coroados no topo pelas palmas, como os coqueiros, fazendo rumor ao menor sôpro de vento, a côr e aridez do terreno onde nenhuma relva apontava e raramente alguns

arbustos, davam uma impressão melancolica a esses plainos.

Computam a distancia entre o Assú e Aracatí em quarenta e cinco leguas. Ao aproximar-me do Aracatí mandei, adiante, o meu guia de Goiana, levando a carta que recebera do Governador do Rio Grande para o senhor José Fidelis Barrozo (12), rico mercador e grande proprietario. À minha chegada soube que o guia entregara a carta, e o senhor Barrozo déra as chaves de uma sua casa desocupada para que me hospedasse durante minha permanencia.

A Vila do Aracatí consiste principalmente n'una longa rua, com varias outras de menor importancia, partindo desta, em rumo do sul. E' situada á margem meridional do rio Jaguaribe, em grande parte influenciado pelas marés. A juzante, o rio é vadeavel, mas como se estende muito alem do grande canal, varios trechos ficam a sêco nas vazantes. As casas do Aracatí não parecem com as vistas n'outras paragens que visitei. Têm um andar superior sobre o terreo. Perguntando a razão, explicaram que as aguas do rio inundam algumas vezes, obrigando a uma retirada para os altos das residencias. A Vila possui tres igrejas, a Casa da Camara e prisão, não tendo conventos. Essa Capitania deve ser pouco sujeita as epidemias. Os moradores vão a seiscentos (13).

A casa que eu ia ocupar constava de duas salas amplas, com dois quartos grandes, chamados *alcovas*, tendo um leito cada um, e a cozinha, tudo no alto, e, em baixo, uma especie de armazem. Na parte posterior havia um quintal, cercado de muros de tijolos, com entrada para os fundos, por onde os cavalos vieram, e aí permaneceram até que se ultimassem os arranjos para acomoda-los. Suspendi minha rêde na sala principal e mandei procurar galinhas para fazer provisões. Preparavam uma delas

para mim quando apareceram tres creados pretos pertencentes ao senhor Barrozo. O primeiro trazia uma vasta bandeja, cheia de excellentes e deliciosos pratos, vinho, doces, etc; o segundo carregava um jarro, com bacia de prata, toalha franjada, e o terceiro vinha saber se eu não desejava outra cousa, alem do que me haviam mandado. Esse voltou com a minha resposta e os outros dois ficaram para servir-me, como julguei. Soube pelo meu guia que uma outra bandeja viéra para os meus companheiros. Supunha que o senhor Barrozo me tratara desta maneira no dia de minha chegada, na impressão que não tivesse eu tomado disposições para organizar a cozinha, etc, mas, na manhã seguinte, veio o café matinal, com bolos, para mim, e o mordomo procurou-me para saber meus desejos. Durante o tempo em que fiquei no Aracati, o senhor Barrozo providenciou para que eu e os meus fossemos tratados da mesma forma. Este tratamento é commum para as pessoas bem recomendadas. È nobre, e mostra o estado e maneiras entre os individuos da alta classe social. Pela manhã recebi a visita do senhor Barrozo, cujos ademanes são cerimoniaes e cortêzes. Quando mencionei os inconvenientes que lhe causava minha estada, disse-me não lhe ser possível modificar a forma de receber-me, porque, afirmou, não pagaria suas dividas para com o Governador do Rio Grande, a quem devia muitas obrigações, e decorrentemente, aproveitaria todas as ocasiões para expressar sua gratidão, pelos meios que pudesse. As razões expostas para justificar sua generosidade, terminaram com tudo quanto lhe pudesse dizer, no intuito de evitar a continuação. Ordenou que os meus cavalos fossem para uma ilha no rio, onde havia abundancia de pastagem.

Resolvera mandar o John, por mar, para Pernambuco e falei ao senhor Barrozo sobre esse projeto. Disse-me

imediatamente que um dos seus barcos ia sair, e o meu creado teria um lugar a bordo. John era de saude delicada e não se adaptaria ao genero de vida que vinhamos levando, e que ia ainda ser obrigado a prosseguir. Passei este dia em casa, dormindo a maior parte, e, á tarde, paguei a visita do senhor Barrozo. Um branco, de que o meu guia de Goiana tinha conhecimento, veio falar-me e combinamos uma excursão de canôa, para o outro dia, afim de descer o rio até a embocadura. O amigo do meu guia compareceu e a canôa nos esperava. Dois negros empurraram-na com varas quando a agua era raza e remavam nos lugares profundos. Passamos por muitas ilhas bonitas, algumas com gado e noutras o solo era demasiado duro para que a relva brotasse. Essas ultimas são intensamente recobertas pelos mangues, crescendo nas margens do rio, o que embaraça, em certos pontos, as ribas, obrigando os proprietarios a extirpa-los. O rio é, n'alguns pontos, de meia milha de largo, e noutros, especialmente entre as ilhas, mais amplo, tomando volume nas extremidades dos dois braços. A vila fica oito milhas longe da barra. Fomos a bordo de uma sumaca do senhor Barrozo, tomando um bote comprido, atravessando esse passo que é perigoso pela existencia dos bancos de areia, semeados em cada braço, sobre os quais a vaga rebenta com violencia. A areia é tão movediça na embocadura desse rio que os pilôtos dos barcos costeiros são obrigados a empregar todas as precauções possiveis em cada viagem, entrando no porto como se o desconhecesse. O rio se alarga depois da barra, a ponto de formar uma espaçosa baía. O porto só poderá ter importancia quando não existir outro obstaculo alem da pouca profundidade d'agua. Apenas os barcos costeiros podem entrar e ouvi dizer que a areia se acumula no leito do rio. Os bancos avançam de cada lado a ponto de tornar difficil a navega-

ção, mesmo para os barcos pequenos, a pouca distancia acima da barra (14). De regresso jantamos numa das margens do rio, numa propriedade onde o dono era amigo de quem nos propuzera o passeio. Na parte oposta á residencia havia uma ilha, com grande fartura de pastagens mas não tinha agua doce. O gado era obrigado a passar o rio regularmente, vindo a terra firme para matar a sêde e regressar a ilhota, e esse habito sê tornara tão comum que dispensara o pastor. Vimos o gado passar o rio nadando e desfilar todo perto de casa, a caminho do bebedouro. O proprietario me disse que, durante a travessia, os bezerros ficavam junto das vacas, e sempre do lado em que vinha a maré, para que não fossem arrastado por ela. Efetivamente, notei, que todos os bezerros vinham numa mesma linha. Pela tarde fiz os preparativos para ter dois cavalos de aluguel, destinados a levar-me, com um dos meus companheiros, ao Ceará, ficando os outros animais descansando para a jornada de retorno a Pernambuco. Procurei o senhor Barrozo e lhe dei parte dos meus planos. Deu-me uma carta para um amigo que conhecia no Ceará e procurou um guia para a viagem. Os cavalos prontos, partí, pela manhã cedo, com o meu guia de Goiana e o homem que contratara para esse caminho. Ele montava um cavalo que estava encarregado de conduzir ao Ceará. Era um velho, meio maluco, mas muito alegre. Gritamos pelo barqueiro para que nos viesse passar para a outra margem do rio, antes do amanhecer. Não fomos ouvidos. Tomamos posse de uma grande canôa que encontrámos vazia e amarrada a um poste, entramos, e o guia de Goiana começou a remar com destreza até o meio do rio onde a embarcação encaihou. Batêra num banco de areia porque o meu companheiro não sabia claramente a navegação pelo rio. Fomos obrigados a despir-nos, saltar para a agua, empurrar

a canôa até liberta-la do obstaculo, alcançando a margem oposta. Os cavalos atravessaram o rio amarrados a um dos lados da canôa, nadando ou tomando pé, segundo a profundidade das aguas.

A distancia entre Aracatí e a Vila da Fortaleza do Ceará Grande é de trinta leguas, e é uma região arenosa, vestida de matagais, tendo, n'alguns pontos, vegetação mais vigorosa e alta mas não continuamente. Encontramos tambem umas belas varzeas, ou terrenos baixos e alagados, presentemente sêcos e proprios para agricultura, e eram os unicos onde se podia esperar alguma colheita, na severidade desse verão. O terreno é, geralmente falando, plano, e em muitos lugares, aproximado do mar, nunca porem atingindo ás praias. Vimos varias choupanas e umas tres ou quatro povoações. A facilidade de obter-se peixe do mar faz a vida aqui incomparavelmente mais facil. Atravessamos uma aldeia indigena e a Vila de S. José (15) ambas construídas em quadro, e contando, cada uma, cerca de trezentos moradores. Soube que o Governador do Ceará era obrigado a tomar posse de sua administração em S. José. Fizemos a viagem em quatro dias, chegando a Vila de Fortaleza a 16 de Dezembro, e embora tivéssemos podido alcançar a Vila no meio do quarto dia, preferi entrar a tarde. Fizera a viagem do Natal ao Ceará, distante 160 leguas, de acôrdo com a vaga computação do país, em trinta e quatro dias (16). Na manhã seguinte da minha chegada, devolvi ao Aracatí o homem e os cavalos que tinham vindo comigo.

A Vila de Fortaleza do Ceará (17) é edificada sobre terra arenosa, em formato quadrangular, com quatro ruas, partindo da praça e mais outra, bem longa, do lado norte desse quadrado, correndo paralelamente, mas sem conexão. As casas têm apenas o pavimento terreo e as ruas não possuem calçamentos, mas, n'algumas residencias, ha

uma calçada de tijolos deante. Tem tres igrejas, o palacio do Governador, a Casa da Camara e prisão, Alfandega e Tesouraria. Os moradores devem ser uns mil e duzentos. A fortaleza, de onde esta Vila recebe a denominação, fica sobre uma colina de areia, proxima ás moradas, e consiste num baluarte de areia ou terra, do lado do mar, e uma palissada, enterrada no solo, para o lado da Vila (18). Contem quatro peças de canhão, de varios calibres, apontadas para inuitas direções. Notei que a peça de maior força estava voltada para a Vila. A que estava montada para o mar, não tinha calibre sufficiente para atingir um navio no ancoradouro comum. O armazem da polvora está noutro ponto da colina e é visto do porto

Não é muito para compreender-se a razão de preferencia dada a este local. Não ha rio nem cáis e as praias são más e de acesso difficil. As vagas são violentas e o recife oferece proteção bem diminuta aos navios, viajando ou ancorados perto da costa. A fundação antiga estava localizada a tres leguas ao norte, sobre um pequeno riacho e só existe a ruina do velho Forte. A costa é escarpada, determinando uma ressaca perigosa para os barcos que procuram ancoragem perto do litoral. Um navio estava descarregando durante minha estada. A carga consistia principalmente em pequenos sacos de farinha de mandioca. A canôa se aproximava o mais possivel de terra, sem encalhar, e os sacos eram transportados na cabeça dos carregadores. Deviam pô-los no solo passando atravez das vagas e quando uma delas os alcançava, molhava completamente. Poucos sacos chegaram á praia inteiramente enxutos, apezar dos cuidados para que a farinha não fosse danificada. O porto é exposto e máu. Os ventos são sempre do sul e de leste. Fossem mais variados, e seria raro um navio chegar á costa. Os recifes

formam uma cadeia completa, a consideravel distancia da praia, sendo visiveis nas marés baixas. Proximos á costa os recifes correm mais rasteiros que na direção de Pernambuco, oferecendo essa pequena vantagem aos habitantes do Ceará, pois dão uma certa proteção aos barcos no ancoradouro. O local pareceu-me profundo por causa desta vantagem, insignificante é verdade, porque as rochas são muito inferiores ás formadoras do litoral ingreme de Pernambuco. A cadeia de recifes segue paralelamente a praia, por um quarto de milha, tendo duas aberturas, uma cima e outra abaixo da Vila. As embarcações menores podem vir ancorar entre elas e a praia, mas um navio maior deve ficar ao norte ou ao sul da Vila, numa dessas duas aberturas, acima ou abaixo delas. A abertura do norte é preferivel. Um navio vindo do norte se deve dirigir á Ponta de Mucuripe, a uma legua ao sul da Vila e onde ha um pequeno forte, e, isto feito, poderá ir diretamente ao ancoradouro. Quando aparece um navio, o Forte da Vila arvora uma bandeira branca num mastro muito alto. Ao norte da Vila, entre o recife e a costa, ha um rochedo chamado Pedra da Velha, que é visto, mesmo do mar alto, pela rebentação das vagas sobre ele. Deixando o porto, o navio pode passar entre o rochedo e a costa, evitando os baixios que estão a cem jardas, ao norte, e ainda passará entre essa rocha e os recifes.

Os edificios publicos são pequenos e baixos mas limpos e caiados, e perfeitamente adaptados aos fins a que se propõem. Não obstante a má impressão geral, pela pobreza do solo em que esta Vila está situada, confesso ter ela bôa apparencia, embora escassamente possa este ser o estado real dessa terra. A dificuldade de transportes, terrestres, particularmente nessa região, e falta de um porto, as terriveis sêcas, afastam algumas ousadas esperan-

ças no desenvolvimeno de sua prosperidade. O commercio do Ceará é limitado e, provavelmente, não tomará grandes impulsos. Os longos creditos que se é obrigado a conceder aos negocios locais, fecham os calculos de rapidos pagamentos como estão habituados os comerciantes inglêses.

Logo apoz minha chegada procurei o senhor Marcos Antonio Bricio, chefe da Tesouraria e do departamento naval e de varios outros titulos que não são traduziveis em nosso idioma. Para esse cavaleiro trazia eu uma carta de apresentação, do senhor Barrozo. Encontrei muitas pessoas em sua casa, bebendo chá e jogando cartas. Senhor Marcos é um homem inteligente e bem informado, tendo frequentado bôa sociedade em Lisboa e gosava de um alto cargo no Maranhão, antes de ser nomeado para o Ceará. Apresentou-me ao senhor Lourenço, negociante muito ligado com o mercado inglêz (19). Reconheceu meu nome por ter relações com membros da minha familia em Lisbôa. Convidou-me para ficar em sua residencia e recebeu-me com toda cortezia.

Na outra manhã da minha chegada, visitei o Governador, Luiz Barba Alardo de Menezes (20) que me recebeu afavelmente. Disse-me desejar todas as oportunidades para demonstrar a estima que possuia pelos meus compatriotas, querendo mesmo que eles se estabelecessem em sua Capitania (21). Construía, durante sua gestão na provincia, a parte central do palacio, empregando trabalhadores indigenas aos quais pagava a metade do preço habitual do serviço. Tinha o costume de aludir ao que pertencia aos individuos da provincia, como se lhe pertencesse, dizendo *meus navios, meu algodão*, etc.

Estava eu no Ceará no dia do aniversario da Rainha de Portugal (22) e a companhia de tropas regulares, forte de cento e quatorze homens, foi revista, tendo aparente-

cia imponente e toleravel ordem. No salão principal do palacio estava um quadro representando, em corpo inteiro, o Principe Regente do Brasil, colocado na parêde, a tres pés de altura do solo. Tres ou quatro degraus iam do pavimento á moldura do retrato, e no ultimo ficara o Governador, de grande uniforme, e todas as pessoas que passavam deante, inclinavam a cabeça, como se fosse na propria Côrte. Jantei com o Governador nesse dia, e a mesa estava rodeada de officiais e funcionarios graduados, dois ou tres negociantes. Colocou-me á sua direita, como estrangeiro, mostrando o alto apreço que tinha pelos inglêses. Cerca de trinta pessoas estavam presentes ao jantar e a maior parte fardada. Enfim a festa se passou muito mais brilhantemente do que eu esperava. Tudo era excelente e adequado.

Tive oportunidade de visitar as aldeias indigenas de Aronxas e Masangana (23) e uma terceira outra, nas vizinhanças, da qual esqueci o nome. Ficam todas entre duas e tres leguas do Ceará, em direção diversa, construídas em forma de quadrado e contém aproximadamente uns trezentos moradores. Um dos meus habituais companheiros conhecia o vigario de Aronches, e lhe fomos fazer uma visita. Residia num edificio que pertencêra antigamente aos Jesuitas, vizinho á Igreja, com balcões para o corredor principal.

Os indigenas dessas aldeias, e de quantas passei, são cristãos, embora se diga que alguns entre eles conservam em segredo seus ritos barbaros, prestando adoração ao maracá, (24) e praticando todas as cerimoniaes de sua religião, se posso usar essa palavra cuja exata descrição é encontrada na "Historia do Brasil" de Mr. Southey. Mesmo que a religião Catolica Romana possa ter raizes nos seus espiritos, necessariamente degenera na mais abjeta superstição. Sua adesão aos ritos superticiosos, se-

jam ordenados pela Catolica Romana ou prescritos pela sua antiga crença, é a unica manifestação que denuncia alguma constancia. Cada aldeia tem seus padres, ás vezes vigario, residindo vitaliciamente no local. O diretor é, igualmente, ligado ás aldeias, sendo conveniente um branco, e com grande poder sobre as pessoas que vivem sob sua jurisdicção. Quando um proprietario tem falta de homens para o trabalho, apêla para o diretor e se discute o preço pelo qual o serviço deverá ser realizado, e manda um dos chefes indigenas ir com seus companheiros até a fazenda para onde foram alugados. Os trabalhadores recebem o salario eles mesmos e o podem gastar livremente, mas o contrato é feito usualmente com preços abaixo do comum nesse genero de tarefa. Cada aldeia possui dois Juizes Ordinarios, com função annual. Um Juiz é branco e o outro é indigena, e é logico supor que o primeiro tem, realmente, o comando. Esses Juizes têm autoridade para prender os individuos suspeitos e punir os pequenos crimes. Para os maiores é preciso aguardar a "Correição". ou circuito do Ouvidor da Capitania. Cada aldeia tem Casa da Camara e prisão.

A administração da justiça no sertão é, geralmente falando, muito mal distribuída. Muitos crimes obtêm impunidade mediante o pagamento de uma soma de dinheiro. Um inocente é punido se interessar a um rico fazendeiro enquanto o assassino escapará se tiver a proteção de um patrão poderoso. Essa situação é mais devida ao estado feudal nessas paragens que á corrupção dos magistrados, muito inclinados a cumprir seu dever, mas vêm a inutilidade dos esforços e a possível gravidade para eles mesmos.

Os indigenas têm também seus Capitães-Mores cujo titulo é vitalicio e dá algum poder sobre seus companheiros, mas como não ha salario, o Capitão-Mór indigena é

muito ridicularizado pelos brancos e, com efeito, um official meio nú, com sua bengala de castão de ouro na mão, é um personagem que desperta o riso aos nervos mais rijos.

Os indigenas são geralmente um povo inofensivo e tranquilo mas não tendo fidelidade aos seus amos. Quando desertam, não deixam prejuizo a quem serviram. A vida não é passada certamente de maneira agradável sob o olhar de um diretor e tratado imperiosamente. Não é surpresa, logicamente, que esteja em sua vontade abandonar as aldeias, tornar-se livre, mas, mesmo assim, tendo fugido do ferreo dominio do diretor, jamais se fixam num lugar.

O indigena raramente planta para si, e quando o faz, difficilmente espera a colheita, vendendo o milho ou a mandioca pela metade do preço quando é a safra, e indo para outro distrito. As occupações favoritas são a caça e a pesca. Um lago ou um rio pode induzi-lo a ficar por mais tempo. Tem um temperamento independente, detestando tudo que o possa deprimir e reter sua ação. Submete-se ao diretor por não ter elementos de resistir-lhe. Um indigena nunca está disposto a chamar o patrão, que o haja alugado, por *senhor*, embora de uso comum dos brancos entre si quando falam, e por todos os homens livres da região. O que os negros usam falando com seus senhores, os indigenas não o fazem. Dirigem-se ao seu senhor temporario pelos termos de *amo* ou *patrão*. A repugnancia do uso do vocabulo *senhor* pode ter começado nos immediatos descendentes dos indigenas escravos e se haja perpetuado essa repulsa na tradição. Recusam dar por cortezia o que outróra lhe seria exigido pela lei. Sendo esta a origem do habito, ele não continua pela mesma razão, porque os indigenas com quem tenho conversado,

e tenho visto muitos, parecem saber que seus ancestrais trabalharam como escravos.

Os crimes de morte, cometidos pelo indigena, são raros. São mais gatunos que ladrões. Sendo possível comem imoderadamente, mas havendo necessidade, contentam-se com verdadeiras migalhas de alimento, quando a preguiça os reduz a isso. São muito amigos de bebidas e dansas de roda, cantando canções monotonas em seu idioma, bebendo, dia e noite, sem pausa. Suas dansas não são obscenas como as da Africa. Os mulatos se consideram superiores aos indigenas e mesmo os negro-creóllos os olham de alto a baixo. *Mofino como cabloco*, é um proverbio comum entre as pessoas da classe baixa no Brasil. São vilmente impassiveis quanto á conduta de suas mulheres e filhas. A mentira e outros vicios legados á vida selvagem são corriqueiros. Parecem ter mediocremente os sentimentos afetivos, tendo menos ancia pela vida e bem estar dos filhos que qualquer outro homem morador nessa região. As mulheres, mesmo vivendo com os homens semi-barbaros, não fazem trabalhos pesados, (25). Enquanto a mulher está em casa, elle busca' agua no rio e lenha no mato, construindo sua cabana, ficando a espôsa num refugio pelas redondêzas. Viajando, ella carrega os filhos pequeninos, o póte, o cesto, as cabaças, enquanto o marido leva o sacco de pele de cabra, sua rêde enrolada aos ombros, seu aparelho de pesca, suas armas, e caminha atraz. A creança é banhada, no mesmo dia do nascimento, no riacho ou no pôço mais proximo. Homem e mulher são asseados em muitos de seus habitos e, particularmente, no tocante a sua pessoa, mas muitos dos costumes são extremamente repugnantes. A mesma faca é empregada para todos os serviços diametralmente opostos. Não rejeitam especie alguma de alimento, devorando a

maior parte sem cozinhar, ratos, vermes, cobras, jacarés, tudo é benvindo.

O instinto, porque não sei como chamar, que esses indigenas possuem, acima dos outros viventes, para encontrar seu caminho atravez da floresta e chegar a lugar certo, sem marcas e estradas, é surpreendente. Encontram pegadas impressas nas folhas murchas, tombadas das arvores. Os mensageiros, de uma para outra provincia, são, em maioria, indigenas, e pelo habito que os faz resistir ás grandes fadigas, são capazes de andar, dia apoz dia, quasi um mez, com pequenos repousos. Tenho-os encontrado, com sua sacola de pele de cabra ao ombro, pisando com passo ritmico, nada o detendo do que poderia embaraçar o caminho. Mesmo que um cavalo possa adiantar-se sobre esses homens nos primeiros dias, se a viagem fôr prolongada, o indigena, no fim, chegará primeiro. Quando um criminoso ilude ás diligencias dos officiais da Policia, os indigenas são enviados em sua perseguição como ultimo recurso. È sabido que eles não o trazem vivo. Desde que o enxergam, cada um fará fogo, porque não desejam a menor contenda. Não é possível ao magistrado apurar qual o criminoso. Ao que perguntar por quem matou, a resposta invariavelmente será: — *os homens!*...

È comum dizer-se que o indigena se baterá sofrivelmente bem mas, no primeiro alarma, dois ou tres fugirão. Alguns deles são resolutos e suficientemente corajosos, mas o caracter geral é comumente julgado covarde, inconstante, destituido de ternura sensivel, esquecendo os favores e as injurias, obstinado em ninharias, indiferentes nos assuntos de importancia.

O carater do negro é mais decidido, podendo ser peor e tambem o melhor. Com a raça negra é possível formar um homem desprezível mas tambem será capaz

de fazer bôas e belas ações. O indigena parece estar sem ação e energia, desprovido do bem e do mal. Mas, ha muito que dizer em seu favor. Portaram-se de forma injustissima para com ele, inicialmente esmagado, foi depois tratado como uma creança. Está sob o jugo daqueles que se olham como entes superiores e essa ancia de governar leva-os a interferir nos proprios negocios intimos e domesticos do pobre indigena. São, entretanto, uma raça de seres sensiveis, capazes de energia, de interessar-se em todos os assuntos, podendo ter feito muito mais do que fez. A carreira eclesiastica lhe está aberta mas não obtiveram vantagem alguma (26). Nunca encontrei um indigena mecanico nas vilas que tenho visitado. Não ha exemplo de um indigena rico. Os mulatos e negros são menos raros. Tenho empregado muitos indigenas, como carregadores e guias, e depois trabalhadores, e jamais tive razões de arrepende-me. Não recebi danos causados por eles mas tambem não conheço um bom serviço espontaneo feito por um deles, excetuando Julio. Para guias e carregadores são excelentemente adaptados pelos seus habitos de vida errante que essas occupações exigem. Como trabalhadores são comumente inclinados a trapacear, mas seus enganos, logo descobertos. Jamais pude confiar por muito tempo em sua presença no trabalho. Adiantando-lhes dinheiro ou roupa, é perda total. Quando tinha algum serviço com tempo marcado para terminar, o meu feitor contava sempre com os negros e mulatos, não incluindo na relação os indios que serviam comigo, e quando lhes observava, respondiam: *caboclo é só para hoje*, mostrando que não é possivel ter-se confiança.

Como a maioria dos aborigenes, habitantes nesse hemisferio occidental, esse povo tem uma côr bronzeadada. São baixos e solidos e seus membros, embora fortes, não têm apparencia de possuir muita robustez. Seus musculos não

são salientes. A face é desproporcionalmente larga, o nariz chato, a boca grande, os olhos pequenos e fundos, o cabelo negro, espesso e aspero, nenhum deles têm bigodes e barba é apenas pungida. As mulheres, quando são jovens, não são desprovidas de beleza, mas envelhecem rapidamente e suas feições em raro são bem feitas. È rara a deformação entre os indígenas, e não me recordo de ter visto um só individuo dessa raça que fosse disforme, e as pessoas instruídas com quem tenho praticado sobre esse assunto, dizem que os indígenas são, a este respeito, mais favorecidos que outra raça conhecida. Todos os indígenas em Pernambuco falam o português mas raros o pronunciam bem. Ha sempre um leve acento que faz descobrir ser o interlocutor um indigena, mesmo que se ouça sem querer notar. Raramente um indigena fala o português tão corretamente como a generalidade dos negros criolos. Embora o diretor dos indígenas possa dar, ocasionalmente, maus tratos ao indigena, esse raça não está escravizada. O indio não é obrigado a trabalhar, para qualquer pessoa, sem querer, e não pode ser vendido. O indio algumas vezes entrega o seu filho, mesmo muito jovem, a uma pessoa para que o eduque, ensinando-lhe um officio ou servindo de creado na casa, mas quando o menino atingir a idade de poder-se manter, ficará independente, podendo abandonar a casa onde viveu, se assim o quizer. Dois indígenas apresentaram-se no portão do convento dos Carmelitas em Goiana, e pediram para ver o Superior. Puzeram-lhe nas mãos uma bolsa contendo muitas moedas de ouro, dizendo que a tinham encontrado, proximo a Dois Rios, e solicitaram que um certo numero de missas fosse rezado, mediante pagamento retirado da bolsa. O prior, admirado por tanta honestidade, perguntou a um deles se queria ficar com ele, para servi-lo. O indigena aceitou. O prior tinha o habito de ir a caça, em

companhia de amigos. Numa dessas ocasiões, viajando com o indigena, já longe do convento, o prior descobriu que esquecera sua tabaqueira, e entregou as chaves ao indigena para que a fosse buscar, enquanto ele seguia a jornada. Esperou debalde o regresso do servo, na casa do amigo e, voltando ao Convento, a tarde, soube que não mais estava ali. Foi imediatamente á sua cela, convicto de ter sido roubado totalmente no dinheiro e tudo quanto o indigena pudesse levar. Verificou, apoz varias buscas, e com grande alegria, que o indio carregara apenas a tabaqueira, duas moedinhas de prata, uma velha sotaina e um par de calças de namquim, já usadas. Essa historia me foi contada por um amigo intimo do prior.

N'um desses dias durante minha estada no Ceará fui caçar nas margens de um lago, cerca de duas a tres leguas da Vila. O lago estava quasi sêco. O aspecto geral das terras derredor do Ceará é arido. A Capitania não produz açucar mas seus terrenos são proprios para o algodão embora a colheita desse ano seja diminuta. A sêca fôra tamanha que a fome já ameaçava, e a miseria seria excessiva se não houvesse chegado um navio do sul carregado com farinha de mandioca. O preço comum é de 640 reis por alqueire mas a carga desse navio foi vendida a 6\$400 o alqueire. O facto demonstra que a escassez era verdadeiramente angustiosa.

Antigamente era exportada, para outras Capitancias, grandes quantidades de carne de boi, sêca e salgada, mas a mortandade no gado devido as sêcas frequentes, tornou inevitavel a cessação deste comercio. Agora a região se supre no Rio Grande do Sul, a fronteira meridional dos dominios portuguezes. Vinda do Rio Grande do Sul para Pernambuco, a carne sêca, ainda conserva o nome de *carne do Ceará*. Dizem-me que os lados leste e sul do país são superiores a estes do Ceará. A Capitania do

Piauí, que fica nesta direção, é julgada fértil e não sujeita às sêcas.

Muitas vezes ouvi elogios ao antigo Governador do Ceará, João Carlos, que fôra nomeado para esta Província antes de ter a idade de vinte anos, e que era Capitão-General do Mato-Grosso na época em que visitei o Ceará (27). Administrava a justiça de maneira sumária mas, uma ocasião, não usou da severidade habitual. Vieram informa-lo, quando jogava cartas na casa do senhor Marcos, vizinha ao palácio, que um soldado saqueava a jardim. Respondeu: — “Pobre camarada! Deve ser muito grande a sua fome que ouse arriscar-se a entrar no jardim do seu Governador. Não lhe façam mal.”

Muitas pessoas tinham o costume de arrombar portas e outras praticas dessa natureza, durante a noite. O Governador debalde procurou descobrir os autores e, por fim, resolveu disfarçar-se ele mesmo e pesquisar os responsáveis para captura-los. Um rapaz que conheci, encontrou o Governador numa dessas noites: perguntou-lhe o nome e, identificando-o, recomendou que chegasse a casa mais cedo no dia seguinte.

A família dos Feitozas ainda existe no interior desta Capitania e na do Piauí, possuindo vastas propriedades, cobertas de imensos rebanhos de gado. No tempo de João Carlos, o chefe dessa família chegara a tal poder que supunha estar inteiramente fóra do alcance de qualquer castigo, recusando obediência às leis, tanto civis como criminaes, fossem quais fossem. Vingavam pessoalmente as ofensas. Os individuos condenados eram assassinados publicamente nas aldeias do interior. O pobre homem que recusasse obediência às suas ordens estava destinado ao sacrificio e os ricos, que não pertencessem ao seu partido, eram obrigados a tolerar em silencio os factos que desa-

provavam. Os Feitozas são descendentes de Europeus, mas, muitos dos ramos tem sangue mestiço e possivelmente raros são os que não teriam a coloração dos primitivos habitantes do Brasil. O chefe da família era Coronel de Milicias, e podia, ao primeiro chamado, por em armas cem homens, o que equivale a dez ou vinte vezes esse numero numa região perfeitamente povoada. Os desertores eram bem recebidos por ele e os assassinos que haviam cometido o crime vingando injurias. O ladrão era repellido e mais ainda aqueles que, para entregar-se ao saque, tiravam a vida de outrem.

João Carlos recebeu de Lisbôa instruções secretas para prender o chefe dos Feitozas. Seu primeiro passo foi informar ao coronel que pretendia visitá-lo, em determinada época, em sua povoação, no proposito de passar revista ao seu Regimento. A povoação não é muitas leguas longe da costa mas fica a consideravel distancia do Ceará. Feitoza respondeu que estava pronto a receber Sua Excelencia no tempo aprazado. Chegada a ocasião, João Carlos, viajou, acompanhado por dez ou doze pessoas. O Coronel recebeu-o com a maxima cortezia, reunindo todos os seus homens, para melhor impressão da revista. Depois da revista, o Coronel dispensou-os, fatigados como estavam pelos exercicios do dia e alguns residiam a muitas leguas. Com o Governador, retirou-se o Coronel para casa, seguido por alguns dos seus mais intimos amigos. No momento em que se preparavam para dormir, João Carlos, que havia tudo combinado com seu sequito, avançou, apontando uma pistola ao peito do Coronel, enquanto seus companheiros faziam o mesmo aos amigos e creados do Coronel, não podendo este oferecer nenhuma resistencia, embora superior em numero aos da comitiva do Governador. João Carlos disse ao Feitoza que se este pronunciasse a menor palavra ou fizesse um

gesto, dispararia a pistola, sabendo perfeitamente que morreria também. Conduzindo-o, assim como a todas as pessoas também, por uma porta trazeira, ordenando que montassem os cavalos, de antemão preparados. Galoparam para as praias, alcançando-as pela madrugada. As jangadas esperavam para transportá-los a um navio que bordejava próximo á costa. O alarma se dera logo depois da partida da povoação dos Feitozas e, quando o Governador tomou o navio, viu os partidarios do Coronel embarcando nas jangadas, tentando socorrer seu chefe. Era muito tarde. O navio largou e, no dia seguinte, atingiu a praia, deixando o Governador e continuando a viagem. Supõem que Feitoza estava na prisão do Limoeiro, em Lisbôa, quando os Francêses entraram em Portugal, e que morrera por esse tempo ou fôra libertado por eles (28). Seus amigos ainda aguardavam obstinadamente seu regresso (29). A perda de seus chefes arruinou o poder e a união do partido e houve muitas disputas entre os membros do mesmo. O Brasil, semelhantemente, sofreu uma mudança de costumes, emergindo rapidamente do semi-barbarismo.

Um rapaz, pouco antes da minha chegada, fôra a uma distancia de trinta leguas no interior, acompanhado por dois officiais-de-Justiça, para executar uma sentença sobre a propriedade de um devedor. Viajaram em bons cavalos, afim de alcançar seu fim antes que tivessem conhecimento do seu designio e, consequentemente, tentassem contra suas vidas. É um serviço perigoso ir ao interior cobrar dividas. As leis portuguezas não autorizam a prisão por dividas, mas, em virtude de sentença, pode-se apreender todas as mercadorias que o devedor enviar á Vila para embarcar.

Fui recebido no Ceará hospitaleiramente. O nome de inglês era uma recomendação. Pela manhã ficava em

casa e, a tarde, passeava a cavalo, com tres ou quatro rapazes do lugar, que eram superiores ao que julgara encontrar. Pela tarde passava á casa do senhor Marcos onde se reunia a grande assembléa usual. Sua companhia, a de sua mulher e filha, eram sempre agradaveis, particularmente nessas incivilizadas regiões.

As vezes havia recepção, improvisada, no palacio, e em ambos os lugares, depois do chá e do café, as cartas e a conversação faziam passar o tempo tranquilamente. O palacio era o unico edificio assoalhado em toda a Vila. Parecia-me extranho ser recebido por um dos primeiros officiais da provincia, numa sala apenas tijolada, com paredes caiadas, como ocorria na casa do senhor Bricio. Esse cavaleiro me déra o sacco de sêda carmezim, contendo a correspondencia official dirigida ao Principe Regente de Portugal e Brasil, e pediu-me faze-lo chegar ás mãos do chefe do correio em Pernambuco. Obtinha, com esse encargo, o direito de requisitar os cavalos de varios comandantes durante o caninho (30). Era mais conveniente e de maior segurança encarregar-me dessa missão que a fazer por um homem a pé, como era a maneira habitual do envio. A pessoa a quem se entrega esse emprego é de toda confiança mas lhe pode succeder, algumas vezes, accidentes. Na minha viagem de Goiana ao Ceará, tinha visto Pernambuco, e provincias vizinhas ao norte, em situação pessima por uma estação sem chuvas, mas a extrema penuria é produzida por dois anos, successivos de estio. Durante o segundo ano os moradores morriam ao longo das estradas. Familias inteiras se extinguiram. Varios distritos se despovoaram. A região esteve nesse estado terrivel em 1791, 1792 e 1793, pois esses anos passaram sem que as chuvas fossem suficientes. Em 1810 podia-se procurar viveres, embora por preços exorbitantes, e no ano seguinte caíram as chuvas com abundancia, dis-

sipando o fantasma da fome. Tinha, como disse, visto as provincias atravessadas, sob a extrema seca, por falta de chuvas; experimentei pessoalmente suas inconveniencias e, num momento, sofri consideravel angustia. Agora regressando, essas regiões mudaram. As chuvas tinham começado e me faziam sentir que o desconforto é causado por cada um dos extremos, mas a lembrança apreensiva da falta d'agua maior nos efeitos desagradaveis que sua imoderada abundancia, chuvas pesadas e terras alagadas.

Fôra obrigado a demorar-me no Ceará mais tempo que intentara, devido um acidente sobrevindo durante um banho, forçando-me a ficar na cama por alguns dias.

Assim que foi possível mover-me, dispuz os preparativos para o regresso. Comprei quatro cavalos, um para conduzir minha mala e um pequeno barril de biscoitos, o segundo para a farinha, o terceiro para o milho e o quarto para mim mesmo.

Senhor Lourenço procurou tres indigenas honestos, de uma das aldeias, para acompanhar-me e, a 8 de Janeiro de 1811, iniciei minha volta a Pernambuco.

NOTAS AO CAPITULO VII

(1) A Lagôa do Piátó, a oeste e noroeste da cidade do Assú, tem tres leguas de comprimento por meia de largura. Sua distancia maior do Assú é uma legua. Cercada de fazendas e engenhos para rapadura, é viveiro de peixes e nas epochas de vazante presta suas terras humidas aos plantios variados de cereais. *"Muito concorreu para a alimentação no Assú a notavel lagôa do Piátó, que desde muitos anos não havia secado, e que secou neste de 1845, dando capim, recursos para o cavalari, mandioca, frutas e sobretudo abundante peixe, gordo, bom e barato; com tal copia e profusão que constituia quasi a alimentação exclusiva da população, chegando até a ser exportado"*, informa o Des. Felipe Guerra, no "SÊCAS CONTRA A SÊCA", p. 28. Rio de Janeiro. 1910. (C).

(2) O Comandante do Distrito era Capitão-mor Antonio Correia de Araujo Furtado. (C).

(3) Raramente o sertanejo derruba uma rez com a vara de ferrão, como Koster descreveu, fielmente. Era a forma unica em todo Brasil pecuario, registada nos viajantes e naturalistas. Atualmente o processo é

puxar pela cauda, num brusco safanão, a *mucica*, quando o cavaleiro se emparelha com o animal. De onde nos veio essa derrubada pela *mucica*? Até quasi m.ados do seculo XIX não ha noticias sinão pela vara, assim Euclides da Cunha assistiu na Baía e Irineu Jofilli, estudando a Paraíba em epoca recuada, nada cita que lembre os nossos atuais *puxadores* de gado. Em Portugal e Espanha não ha, qu' conheça, esse costume. No nordeste ele é posterior á Guerra do Paraguai mas já existia em 1880. O depoimento de Koster comprova que até 1810 o sertão não conhecia a destreza impr. sionante das *mucicas*. (C).

(4) Tatú-bola é o *tatuapára* dos indios, *Dasyfus tricinctus*. O genero *Dasypodideos* tem vinte e quatro especies no Brasil. (C).

(5) Tatú verdadeiro, ou simplesmente, verdadeiro, *Dasyfus gymnuros*, de Illiger. (C).

(6) Tatú Peba, tatú-chato, o Péba, *Dasyfus sexcinctus*. (C).

(7) Arraial de Santa Luzia do Mossoró, hoje, depois da capital, a primeira cidade do Rio Grande do Norte, comarca, Bispado, industrial e comercial. Vila, Termo e Municipio pela lei provincial n.º 246, de 15 de março de 1852. Cidade pela lei 620, de 9 de Novembro de 1870. Era uma fazenda de crear de José de Oliveira Leite, depois, 4-X-1755, Sargento-Mor Regente da Ribeira do Mossoró. Depois arraial, com capela, do sargento-mor Antonio de Souza Machado. Ver VINGT-UN ROSADO, "Mossoró", Pongetti Editores. Rio de Janeiro, 1940. (C).

(8) ...and to purchase a supply of rapaduras. Assim registaram Moraes (Dicionario, ed. 1831), Constancio e Domingos Vieira, fieis ao linguajar do povo que não diz *raspaduras*. E' o *açucar de panela* dos cronistas coloniais. "O que pinga das fôrmas do macho, quando se purga, chama-se mel, e o que escorre do batido branco, chama-se remel. Do mel huns fazem aguardente estilando-o; outros o torão a coser, para fazerem batidos, e outros o vendem a panelas aos que o estilão, ou cozem; e o mesmo digo do remel", ensina André João Antonil, na "Cultura e Opulencia do Brasil", p. 165. Para a geografia do vocabulo aqui está uma nota de dom Narciso Garay, no seu "Tradiciones y Cantares de Panamá", 1930: "Raspadura es el "azúcar panela" de que hablan las Ordenanzas de Granada de 1672. La voz "panela" entre nosotros es extranjera. Para servir este azúcar, que no es granulado ni en terrones, hay que rasparlo con cuchillo, y de allí tal vez proviene el nombre de "raspaduras" que le damos." p. 109. (C).

(9) Panema é a denominação popular e tradicional do Upanema. (C).

(10) ...a hill of heavy sand called Tibou, Tibau, Tipãu, entre-duas-aguas, ensina Teodoro Sampaio. Esse morro é a divisa entre o Rio Grande do Norte e o Ceará. (C).

(11) Areias, distrito do municipio do Aracati, no Ceará, (C).

(12) José Fidelis Barroso, um dos mais ricos e prestigiosos negociantes do Aracati em fins do seculo XVIII e principios do XIX. Um seu bisneto, o escritor Gustavo Barroso, cita-o no seu "Coração de Menino", p. 26, Rio, 1939, e adianta que o velho era intitulado pela sua altura *Pau da Cruz*, in "Almas de Lama e de Aço", p. 38, S. Paulo, s. d. (1930). (C).

(13) Cruz das Almas, São José do Porto dos Barcos, São José do Aracati, Vila instalada a 10-2-1748 com a denominação de Santa Cruz do Aracati, foi elevada á cidade pela lei n.º 244, de 25-X-1842. Distá 192 quilometros de Fortaleza. (C).

(14) Soube em principios do ano de 1815 que esta passagem havia sido completamente obstruida durante uma violenta rajada de ventos do mar, enquanto dois barcos costeiros estavam no rio recebendo cargas para Pernambuco. (K).

(15) São José de Aquiraz foi o primeiro municipio do Ceará, instalado em 1700 em Fortaleza, sua séde, inicial e, depois de varias mudanças da Barra do Ceará para Fortaleza, passou para Aquiraz onde permaneceu Aquiraz, cidade pela lei 1.258, de 25-Julho 1915, foi extinta em seu prediamento municipal (lei-193, de 10-maio-1931) e restaurado pelo decreto 1.156, de 4-Dezembro-1933, com a Vila de Aquiraz que voltou a ser Cidade pelo dec. 448, de 20-Dezembro-1938. Fica a cinco leguas de Fortaleza. (C).

(16) Os 34 dias de Koster estão reduzidos a 14 ou 17 horas de automovel. (C).

(17) Vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, instalada a 13-Abril-1726, passou á Cidade da Fortaleza de Nova Bragança, pela Ordem Imperial de 17-março-1823. Desde 30-Dezembro-1790 reclamara a Camara a elevação merecida. (C).

(18) Sobre as fortificações cearenses o estudo de Carlos Studart Filho é indispensavel e classico, "*Notas para a Historia das Fortificações no Ceará*", separata da Rev. Inst. Hist. Cearense. Fortaleza, 1937. Quando Koster visitou a capital a fortaleza de N. S. d'Assunção não recebera a reforma radical dirigida pelo tte-cel. de engenheiros Antonio José da Silva Paulet A demarcação para a edificação é de 12-Outubro-1812, quando governava Manuel Inácio de Sampaio, e o viajante inglês deixara Fortaleza a 8-Janeiro-1811, na administração de Luiz Barba Alardo de Menezes, substituído a 19-Março-1812 pelo futuro primeiro Visconde de Lançada, Manuel Inácio de Sampaio e Pina. (C).

(19) Esse *senhor Lourenço* é Lourenço da Costa Dourado, um dos mercadores mais inteligentes e de maior iniciativa da epoca. Prestigiado pela visão de Barba Alardo, exportou diretamente para a Inglaterra, tendo em Londres uma firma comercial, Martins e Dourado, depois substituida por Barrozo, Martins, Dourado e Carvalho, importadores de generos brasileiros na capital britânica e Liverpool. Lourenço da Costa Dourado voltou ao Ceará em meados de 1809 e se fixou, desenvolvendo o intercambio comercial, confiando valores vultosos. Quando a historia do comercio brasileiro merecer divulgação, reaparecerá o nome desse precursor das trocas directas. (C).

(20) Esse personagem foi transferido, depois, para uma provincia de menor importancia. (K). Koster parece não ter simpatizado com a importancia de Barba Alardo. Estamos mais de cem anos longe da sua vaidade. Vemos apenas os serviços que foram meritorios. O Barão de Studart dedicou-lhe minucioso ensaio "*Administração Barba Alardo*" (rev. Instituto do Ceará, tomo XXII, 1908. Fortaleza, p. 327). Nomeado Governador do Ceará a 24-junho-1807, tomou posse a 21-junho-1808, governando até 19-março-1812. A 21-Maio-1811 fôra, como escreveu Koster, transferido para Mato-Grosso. Chegou ao Rio de Janeiro em outubro de 1812. Estava nomeado Conselheiro da Fazenda de Capa e Espada, posse a 25 de setembro de 1816. E aí ficou, parecendo, como conjectura o barão de Studart, ter aderido á Independencia do Brasil. Vivia em 1825. Na revista do Instituto Historico, tomo XXXIV, está sua "*Memoria sobre a Capitania do Ceará*", datada do Rio de Janeiro, a 18-abril-1814. Na sua gestão, o comercio cearense recebeu impulso decisivo, entabolandose ativa correspondencia de produtos com a Europa, multiplicando-se o plantio do algodão, tentando-se mesmo a ceramica, fabricando-se louça vidrada igual á baiana. O elogio do Barão de Studart é um indice de consagração. (C).

(21) Esse desejo de Barba Alardo realizou-se. Em Maio de 1811, passageiro do bergantim "Sofia e Berta", chegou o irlandês William Ware, fundador da "Casa Inglêsa", primeira casa estrangeira de commercio direto, ensino Studart. (C).

(22) ...the Queen of Portugal's birth-day. A Rainha de Portugal era, dezembro de 1810, Dona Maria Primeira, nascida a 17 de fevereiro de 1734, casada a 6 de junho de 1760, coroada a 24 de fevereiro de 1777... Que birth-day teria sido em Dezembro? Ver *Salvador de Moya*, "Genealogia Resumida da Casa Imperial Brasileira e Real Portuguesa", separata da Revista do Arquivo Municipal, n.º XXVI, S. Paulo. 1937, p. 16. (C).

(23) Arronches e Massagana, aldeias indígenas tornadas vilas, sédes de municípios e que são atualmente distritos de Fortaleza. A povoação de Porangaba, em 1759 assumiu fóros de Vila Nova do Arronches, instalada a 25-outubro-1759. Extinto em 6-maio-1833, resuscitou a 12-dezembro-1833, morto a 13-maio-1835 e restaurado a 25-novembro-1885. A lei 1913, de 31-outubro-1921 abateu-o novamente. Messejana foi a denominação oficial do aldeamento de S. Sebastião do Paupina, em 1760. A Vila Nova de Messejana, instalada a 1-janeiro-1760, foi anulada a 6-maio-1833, reavivada á 13-dezembro-1833, posta abaixo a 22-dezembro-1839, voltou á tona a 23-novembro-1878 e mergulhou a 31-outubro-1921, definitivamente. Ver "O Ceará", de Raimundo Girão e Antonio Martins Filho. Fortaleza. 1939, p. 183. Arronches e Messejana são toponimos portugueses do Alemtcjo. (C).

(24) ...paying adoration to the maracá. É, na letra dos registos coloniais, a confusão do accessorio com o principal. O maracá era um instrumento do culto, indispensavel ritmador das dansas sagradas, propiciatorias ou votivas. Intrinsecamente, jamais mereceu culto indigena. O cuidado com que era e é resguardado deu ao observador essa impressão de tabú. (C).

(25) O indígena observado por Koster era um civilizado a seu modo. Mesmo nos costumes, em alta percentagem, evidencia-se a influencia da catequese social branca. No Brasil colonial sabemos que o indio conduzia apenas suas armas, e a mulher toda a impedimenta. Os cronistas, vendo a sociedade indigena no impossivel cotêjo com a propria, deram para indicar a mulher indigena como uma martir sacrificada, bêsta para carga. E ha muita literatura a respeito, errada e bonita. Nem reparam que o indigena assumia as funções mais asperas e arriscadas de defesa, caminhando armado ante sua familia, vigiando as perfidias da floresta. Uma noticia interessante, posta em relevo por Koster, é a posição do indio, fechando a retaguarda. Quando a região é desconhecida, o indio caminha na vanguarda, dando tempo á mulher e aos filhos que escapem para o mato enquanto ele luta. Para terras sabidas e palmilhadas, o chefe indigena vem depois da prole. Koch-Grünberg escreveu o "Indianische Frauen" ("Archiv für Anthropologie", n.º VIII, Braunschweig, 1909, p. 91) onde dissipa muitas convenções sobre a situação subalterna da mulher indigena. (C).

(26) Ouvi, por gente autorizada, que ha dois exemplos de indigenas ordenados padres seculares, e que morreram por excesso de bebidas. (K).

(27) João Carlos Augusto Ulrico de Oeynhausén Gravenburg, nascido em Lisboa, filho do conde de Oeynhausén Gravenburg, Ministro de Portugal em Viena d'Austria, e de dona Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, marquesa d'Alorna, a poetisa Alcipe, da Arcadia portuguesa, neta de dom Pedro de Almeida, Conde de Assumar, 1.º marquez d'Alorna e vice rei da India, que governou Minas Gerais. João Carlos, Aspirante na Marinha Real em 1793, transferiu-se para o Exercito como tenente e fez

a campanha peninsular já capitão. Nomeado Governador do Ceará, tomou posse a 3-Novembro-1803, em Fortaleza, deixando a 14-Fevereiro-1807. Admitiu Mato-Grosso, de 18 Novembro-1807 a 6-Janeiro-1817, como Capitão General, indo exercer o mesmo cargo em S. Paulo, de 25-abril-1819 a 23-Janeiro-1821 quando foi eleito pelo povo e tropa Presidente da Junta de Governo Provisoria, até 17-Julho-1822, tendo apoiado o movimento da independência chefiado por José Clemente Pereira. Brigadeiro efetivo de Infantaria a 25-Novembro-1820. Senador do Império pela Provincia do Ceará, posse a 4-Maio-1826. Ministro das Relações Exteriores e da Marinha, de Novembro de 1827 a abril de 1829, e de 5 a 7 de Abril de 1831 data da abdicção de D. Pedro I, tomou parte no *ministerio dos Marquesses*. Reformado no posto de Marechal de Campo a 7-Fevereiro-1827. Fil ao Imperador D. Pedro acompanhou-o á Europa renunciando a cidadania brasileira, tendo aceito as funções de Governador de Moçambique. Visconde com grandeza (12-Outubro-1824) e Marquez de Aracati (12-Outubro-1826). Faleceu em Moçambique em 28 de Maio de 1838. O episodio, tantas vezes narrado, em que Aracati aparece impedindo que a Marquessa de Santos penetrasse no aposento onde agonizava a Imperatriz dona Leopoldina, não se passou com o aristocratico Oeynhausen. A Imperatriz faleceu em dezembro de 1826 e Aracati foi Ministro em novembro de 1827. O governo do João Carlos foi excelente no Ceará. A Camara de Fortaleza representou ao Principe Regente, a 7-Dezembro-1805 e a 10-Janeiro-1806, pedindo a graça de conserva-lo por mais tres anos *pelo bom governo que tem feito nesta Capitania e principalmente nesta Villa soccorrendo a pobreza*. Além da prisão dos chefes da familia Feitoza, que seria bastante para recomenda-lo, um facto merece registo. Em junho de 1805, o negociante Pedro José da Costa Barros, do Aracati, enviou a sumaca "Cobra", de sua propriedade, carregada de algodão, directamente á Lisboa. A sumaca voltou em novembro do mesmo anno. O Barão de Studart informa que *fez o primeiro navio, que d'alli partiu para a Metropole abrindo caminho ao comercio directo com ella*. Um decreto do Principe Regente, em 17-Dezembro-1806, promovia Pedro José da Costa Barros a Coronel do Regimento de Infantaria de Milicias das Marinhas do Ceará e Jaguaribe. (C).

(28) Outro membro dessa familia devia ser aprisionado mas o Governador não sabia que meios escolhesse para que a prisão se materializasse. Um homem, sabidamente intrepido, foi chamado pelo Governador e consultado. Essa pessoa se ofereceu para ir sozinho, prender o Feitoza, com as ordens que tinha, e conduzi-lo sob custodia. Partiu, mas o Feitoza, informado de sua vinda e intenções, abandonou suas propriedades immediatamente e viajou para a Baía, chegando em breve tempo. O homem que se oferecera para prende-lo, seguiu-o, de lugar em lugar, chegando tambem á Baía, onde o persguido tomava um barco para Lisboa. Embarcando-se igualmente para Lisboa, logo que saltou na Cidade, perguntou pelo Feitoza e soube que este conversara com o Secretario de Estado e já reembarcara, rumo aos seus dominios, mas o navio estava retardado pelos ventos contrarios. O homem procurou o Secretario, exhibiu as ordens que lhe dava para prender Feitoza, tornando-o sabedor dos inumeros crimes que este cometera, justificadores da sua detenção. Feitoza foi preso e posto na cadeia do Limoeiro, onde seu perseguidor veio fazer uma visita, dizendo ao aproximar-se: — *Então eu que disse!* aludindo a sua obstinação em prende-lo. Regressou ao Brasil, dando conta de sua missão ao Governador que lhe dera as ordens. Esse homem é muito conhecido na provincia do Ceará, e a veracidade dessa historia é testificada por muitas pessoas respeitaveis com as quais conversei. Não mais se soube noticia do Feitoza. (K).

(29) A prisão do chefe da familia dos Feitozas é o mais sensacional acontecimento do governo de João Carlos. A tradição oral deve ser justa-

mente a que Koster, *the accurate Koster*, recolheu. Fundamentalmente errada, apresentando João Carlos com todas as cores da mais repugnante felonía, desta forma o raciocínio popular explicava a renúncia do mais poderoso dos fazendeiros cearenses. Só uma traição, inesperada e completa, abalaria o invencido Feitoza omnipotente. O livro de Koster não é conhecido, como este foi a fonte de Southey na espezia (vol. III do original inglês e VI da tradução brasileira) sabemos justamente pela maneira mais inverossímil. Os historiadores do Ceará tem estudado e comentado, com maior ou menor acerto. O barão de Studart, no seu velho processo de pesquisa exaustiva, expoz nitidamente o episodio, limpando-o de lendas, indicando documentos, datas, raciocínios. Depois desse estudo (João Carlos Augusto de Olynhausen e Manuel Martins Chaves", rev. Ins. do Ceará, tomo XXXIII, p. 3, Fortaleza. 1919) nada ha que dizer. Studart chama a narrativa de Koster *um tecido de inexactidões*. E conta, *ex cathedra*, a historia real. Manuel Martins Chaves chefe da familia dos Feitosas, não pertencia á familia. Rico, valente, impetuoso, mandando centenas de homens em armas, constituía um legitimo barão do Rheno, um autentico *Herrrenmeister*, pulso de ferro, coração de bronze. Responsavel por crimes incontáveis, sua prisão era repetidamente solicitada, desde 1796, do Maranhão, da Baía, do Governo Real, indispensavel para a pacificação e ordem legal nas varias ribeiras onde seu prestigio se estendia como uma sombra aterradora.

Um crime fez transbordar a colera do Governador, então Fio e Torres, o Juiz Ordinario da Vila Nova del Rei (hoje Campo Grande), Antonio Barbosa Ribeiro venceu Manuel Martins Chaves numa corrida de cavalos. Chaves quiz comprar o animal e Ribeiro recusou. Dois sobrinhos de Chaves mataram o cavallo vencedor. A guerra começou. Na manhã de 3-Março-1795 Antonio Barbosa Ribeiro era assassinado a tiro e golpes de espada e faca, em sua propria casa, saindo ferido e sendo morto abraçado com os pés do Cruzeiro. A devassa apontava como culpados o capitão mor Bernardino Gomes Franco, seu tio coronel Manuel Martins Chaves e 68 mandatarios. João Carlos assumindo o governo do Ceará nao trouxe instruções para solucionar o caso, tanto assim que, em officios repetidos, pedia aprovação dos atos e dizia ficar desmoralizado se Martins Chaves alcançasse a liberdade. Foi um gesto pessoal, necessario e heroico, pondo em jurto destaque o espirito cavalheiresco e senhorial do potentado do Acaraú. João Carlos annunciou uma revista geral dos regimentos da Capitania e passou vista nas tropas de Martins Chaves na Vila Nova Del-Rei (Campo Grande). Nunca existiu no Ceará essa povoação dos Feitosas. Martins Chaves e amigos seus mais graduados decidiram acompanhar o Governador até outra povoação. Passando pelo sitio "Barriga" um padre avisou os que o Governador desejava prendê-los. Martins Chaves não fez caso mas seu sobrinho, Bernardino Gomes Franco, aceitou a sugestão e desapareceu. Chegado o Governador e comitiva em S. Pedro de Ibiapina, hoje sede municipal, aboletaram-se num barracão construído pelos indigenas. Ai, *no meio da mais sincera amizade e comunicação domestica*, no dizer do proprio Chaves, João Carlos retirou de uma das malas uma corôa real, depô-la em cima da mesa e perguntou a Martins Chaves se conhecia de quem era aquela corôa. Respondeu o chefe dos Feitosas que era de sua majestade, sua Soberana, Dona Maria Primeira. João Carlos, então, disse: — *Pois, em nome dela, considere-se preso*. Martins Chaves tirou a espada da cinta, beijou-lhe os copos e fez entrega dela, constituindo-se prisioneiro. Francisco Xavier rendeu-se. A prisão é entre novembro e dezembro de 1805. Não ha cilada, pistola, cavalgata, jangadas, tropas de socorro. Nem mesmo navegação. Presos em Ibiapina, foram para Sobral, escoltados pelo capitão Alexandre Neri Pereira, e entregues ao Capitão

Mór Antonio de Castro e Silva, vindo para o Acaraú. Não havendo aí embarcação, seguiram para Fortaleza, onde estiveram, aguardando condução para Lisboa, 84 dias. Viajaram para o Aracati e desse para o Recife. Levou-os para Lisboa o ajudante de cavalaria Alexandre José Leite Chaves. Não tocaram, evidentemente, na Baía, como queria João Brígido. Deram ambos entrada na prisão do Limoeiro, em Lisboa, a 26 de Maio de 1806, Martins Chaves e Francisco Xavier, o primeiro com 61 e o segundo com 45 anos. A fortuna de Martins Chaves foi confiscada. Sua mulher, dona Ursula Gonçalves Vieira, e uma filha, ficariam ao desamparo se o Capitão-Mor Antonio da Costa Leitão não as hospedasse, durante a vida de uma e até casar a outra. Antonio de Souza Carvalhedo, rico e sem filhos, constituiu a filha de Martins Chaves herdeira universal de seus bens. Manuel Martins Chaves não fugiu da prisão. Faleceu na cadeia do Limoeiro a 27 de Maio de 1808. Seu sobrinho, Francisco Xavier, foi solto depois. Casou, e sua filha Antonia se matrimoniou com Antonio Ferreira Sampaio, e são os pais do general Antonio de Sampaio, *Patrono da Infantaria*, dando nome ao 1.º Regimento de Cavalaria "O Regimento Sampaio", pelo decr.-lei n.º 1973, de 14 de Janeiro de 1940. Sobre o general Sampaio, vêr "Sampaio, Patrono da Infantaria", de Eusebio de Souza, Fortaleza, 1938. Sobre o Capitão-Mor Bernardino Gomes Franco, inseparavel de Martins Chaves, Studart informa que ele fôra preso pelo Governador do Maranhão, enviado a Lisboa, obtendo sua liberdade e regressando ao Brasil. Estava, entretanto, proibido de voltar aos Crateús e serra dos Côcos, os palcos das fazanhas. Veio para o Rio Grande do Norte e casou em Portalegre, com uma irmã do ajudante Severino da Silveira Gadêlha. Essa é a historia que, sugestiva e deturpada, corria de memoria em memoria quando Koster a ouviu em dezembro de 1810 nos sertões de Fortaleza. Sobre a luta dos Montes contra os Feitosas, ver a "Historia do Ceará", de Cruz Filho, p.97. O aspecto geral dessas guerras entre familias foi fixado magnificamente no "Heróes e Bandidos", de Gustavo, Barrozo, Rio, 1917. O sr. Leonardo Feitosa (revista do Instituto do Ceará, tomo XLII, p.21. Fortaleza, 1928) evoca "O Coronel Manuel Martins Chaves", fazendo calorosa defesa. Informa o autor que Chaves não era o chefe da familia dos Feitosas e sim o coronel José Alves Feitosa, mais rico e influente nessa epoca. O assassinato do juiz Barbosa fôra mandado praticar pelo coronel Antonio da Costa Leitão, que era irmão de Martins Chaves, e por seu sobrinho, Bernardino Gomes Franco. Martins Chaves sofrera as consequências de um crime que não perpetrara e nada dissêra por ser solidario com a familia. Assim se explica o testamento de Antonio da Costa Leitão, deixando quanto possuia á sua sobrinha, que o sr. Leonardo Feitosa revela o nome, Ana Gonçalves Vieira Mimoso. O autor regista alguns documentos e tradições da familia. (C).

(30) A requisição de animais para os serviços publicos era uma das ordens mais vexatórias e opressoras de outróra. Sob esse pretexto os abusos fervilhavam. As reclamações eram diarias mas os interesses, mais privados que gerais, obstavam o deferimento. Ainda a 16 de Março de 1816 uma "decisão" declarava que "as fazendas nas estradas devem fornecer cavalgadas ás paradas que andarem em serviço publico. "Essa ordem findou durante a Regencia de D. Pedro, no ministério do Conde dos Arcos. "Determino que da data deste em diante, a ninguem possa tomar-se contra sua vontade cousa alguma do que seja possuidor ou proprietario sejam quaes forem as necessidades do Estado. 21 de Maio de 1821. Principe Regente. — Conde dos Arcos." (C).

CAPITULO VIII

REGRESSO. MISERIA N'UMA CHOUPANA. ARACATÍ. UM MARINHEIRO PORTUGUÊS. JAGUARES. EFEITOS DA SACÓLA VERMELHA. A FEBRE. TERRAS INUNDADAS. CHEGADA AO PIATÓ. PROVISÕES. FEBRE. CRUZANDO O RIO ASSÚ. O CÃO. A EMA. O ENCONTRO DA AGUA. PROCURANDO A FAZENDA. PROSEGUINDO A JORNADA. PASSANDO MAIS UMA VEZ O CEARÁ-MIRIM. ESTAÇÕES. O SERTÃO. COSTUMES DOS SERTANEJOS. ROUPA DOS SERTANEJOS. CARACTER DOS SERTANEJOS. UMA ANEDOTA DOS SERTANEJOS. O VAQUEIRO. REUNINDO O GADO. A FORMA DE AMANSAR CAVALOS. CAVALOS BRASILEIROS. CARNEIROS DO BRASIL. DIVISÃO DAS PROPRIEDADES. SÊCAS. ALIMENTAÇÃO NO SERTÃO. A CÊRA VEGETAL. DEIXANDO NATAL. CUNHAÚ. UM ESCRAVO FUGITIVO. O ENGENHO PROXIMO DE MAMANGUAPE. DENTADA DE COBRA. O RIO PARAÍBA. VOLTANDO A GOIANA. DEIXANDO GOIANA. CHEGADA A CRUZ DAS ALMAS. CARACTER DE JULIO.

Deixei o Ceará ao romper do dia, com tres indigenas e tres cavalos carregados, acompanhando-me até pequena distancia da Vila um rapaz com quem fizera relações. Voltando para Aracatí, desviei-me um tanto da estrada que seguira quando de minha ida ao Ceará. O primeiro dia se passou sem que occurresse circumstancia digna de menção. Ocupei-me, principalmente, em observar os meus indigenas pois apenas entretivera pequena conversação antes de partir. Na tarde do segundo dia tendo per-

guntado a um dos indigenas se o caminho se arredava do lugar onde deviamos acampar, e havendo ele respondido não ter variante alguma, lancei-me ao galope, como fizera noutras ocasiões, por fatigar-me a marcha lenta dos animais carregados. Perto das cinco horas parei junto a uma choupana onde encontrei dois meninos, de apparencia lastimosa, mas parecendo contentes em poder oferecer-me um abrigo para a noite. Perguntando, disseram-me que os pais tinham ido, algures, buscar a massa do miolo da Carnaúba, para a alimentação usual, não sendo possível, a qualquer preço, obter nas cercanias, farinha de mandioca. Mostraram-me um pouco dessa massa que tinha côr escura (1), pouco consistente, amarga e nauseante para deglutir-se. E' essa a subsistencia a que esse povo pauperrimo está reduzido como meio de alimento, ajuntando, ocasionalmente, um pouco de carne ou de peixe sêco. Minha tropa chegou uma hora depois de mim e, mais tarde, o mais moço dos meninos aproximou-se com ar suplicante e, inconsideradamente, dei-lhe uma moeda. Logo apoz, por seu irmão, soube que de nenhum prestimo lhe servia pois nada podia comprar com ela. Compreendi a intenção no momento. Meus homens iam ceiar: os meninos desejavam acompanhá-los na refeição. Aqui Feliciano, um dos indigenas, enrolou os sacos de farinha com couros, dizendo que se continuássemos viajando sem ocultar-lhes o conteúdo, podiamos ser obrigados, em qualquer povoação, a satisfazer o povo, repartindo entre os necessitados. Ele não sabia, antes de conversar com os meninos, que essa região estava em tal estado de penuria. Os moradores já haviam consumido a pequena colheita e alguns, seduzidos pelos preços exorbitantes, tinham conduzido o excedente para vender no Ceará. Ignoram o suprimento chegado áquella Vila, vindo do sul. Alcançamos o Aracatí no quinto dia.

Demorei-me dois dias no Aracatí, esperando receber os cavalos que deixara na ilha para pastarem. Reconheci por experiencia que o guia me disséra a verdade relativamente a esses animais. Tinham perdido toda a gordura e o aspecto era inferior ao que possuíam quando da minha chegada ao Aracatí, embora tivessem, com o longo periodo sem trabalho, tempo para se tornarem mais aptos para a jornada. Os Espanhois, descobridores da America do Sul, tinham fortemente inculcado aos habitantes desse país, a necessidade de seguir, com marcha regular e continua, suas viagens, sem parar, a não ser que fosse por pouco tempo (2). Comprei no Aracatí um grande cão, a quem haviam ensinado a guardar as bagagens dos viajantes.

Procurou-me um homem pedindo que lhe permitisse acompanhar-me até Pernambuco. Dizia-se marinheiro português, europeu de nascimento, tendo pertencido á corvêta de guerra, de nome "Andorinha", que naufragara na costa entre Pará e Maranhão (3). Viajara, desde o local do sinistro até aqui sem a menor assistencia do seu Governo. Nenhuma providencia é tomada pelas autoridades para prover ás necessidades dos naufragos. Con senti em que viajasse comigo, e se conduziu bem, não tendo eu elementos para duvidar da veracidade da sua narrativa. O numero dos homens e dos animais tinha aumentado muito mas aconselhavam-me de levar todos comigo, porque as chuvas podiam começar e os rios encherem, e, nesse caso haveria necessidade de muitos companheiros para os trabalhos das travessias, quasi sempre perigosas. O numero adicional de animais admitia a divisão de cargas em porções menores e dois ou tres cavalos descarregados podiam substituir os outros em caso oportuno. Minha tropa consistia em nove homens e onze cavalos. Senhor Barrozo continuou a ter, para comigo,

toda amabilidade e espero nunca deixar de ser-lhe sempre grato.

Avisaram-me que tomasse as praias do mar desde que deixasse Aracati. Era a melhor estrada. Consequentemente, na primeira noite, dormi, a uma distancia de tres leguas dessa Vila, na Lagôa do Mato, pequeno lago, nesta epoca completamente sêco. No dia seguinte atravessei os areais passando a pequena povoação, proxima á costa, denominada Retiro, e dormi em Cajuais, que já conhecemos. Daí para S. Luzia segui o mesmo caminho que fizera quando fôra ao Ceará. De Cajuais viajamos para Areias, famosa pela historia do fantasma, e paramos em Tibau, prosseguindo, na manhã seguinte com a intenção de pernoitar na casa inacabada que existe na estrada da Ilha, mas a noite caiu quando estavamos a duas leguas d'ali, e, por essa razão julguei mais prudente passar a noite no matagal. Tinhamos sofrido varios aguaceiros inopinados, nos dias anteriores e, mesmo não sendo fortes, a relva começava a brotar em varios lugares. A rapidez da vegetação no Brasil é assombrosa. Num bom terreno, caindo chuva á tarde, no outro dia já existe um leve matiz de verde; continuando as chuvas, os renovos da relva medirão uma polegada, e, no terceiro dia, serão sufficientemente longos para que o gado possa pastar.

O matagal, no meio do qual determinara passar a noite, não era alto nem espesso, não se encontrando sinão dois arbustos bastante fortes e proximos para que suportassem o peso de uma rêde. Armaram a minha, enquanto os meus companheiros escolhiam lugar entre as malas, da melhor forma que lhes foi possivel. Entre uma e duas horas da madrugada a chuva começou a cair, moderadamente. O guia estendeu duas cordas e nelas dois couros sobre minha rêde, como um toldo para proteger-me, mas a chuva se tornou mais copiosa e toda a gente

correu para baixo do toldo. Levantei-me, e ficamos de pé, juntos, até que o toldo, ensopado, caiu sobre nós. As fogueiras estavam inteiramente extintas. Recomendei a necessidade de resguardar em lugar enxuto as nossas armas de fogo, e as pessoas do meu grupo que conheciam o sertão, sabiam melhor que eu mesmo como os jaguares são numerosos nessas travessias. Mal havia terminado de falar, Feliciano disse-me ter ouvido o rugido de um desses animais e, a direita, um lote de eguas passou galopando através do campo e logo depois nos chegava o som de outro rugido, bem distintamente. Seja o mesmo ou vários jaguares, escutamos, durante a noite seus urros, em muitas direções. Ficamos, uns contra os outros, sem a esperança de nos livrar de um ataque, enquanto os indígenas soltavam, de vez em quando, uma especie de berro (tambem usado pelos sertanejos quando conduzem grandes manadas de gado meio selvagem) com o intuito de amedrontar os jaguares. Ao amanhecer, o diluvio amainou embora a chuva continuasse caindo sem cessar. Pela manhã tivemos grande dificuldade em pegar os cavalos, esparsos e assustados pelos jaguares. Pensei mesmo que não vivessem todos, embora julgasse que o jaguar preferiria a carne do gado bravo a dos meus cavalos, por ser de melhor condição.

As cargas ficaram arranjadas e partimos para Ilha, distante seis leguas do lugar onde estavam, onde chegamos ás duas horas da tarde, depois de haver suportado doze horas de chuva incessante. O dono da fazenda da Ilha mandou dizer-me que desejava que me hospedasse em sua residencia, deixando a casa arredada onde me abrigava para passar a noite. Aceitei o convite. Era uma casa de taipa, coberta de telhas e o material de construção fôra retirado das margens de uma lagôa salgada nas vizinhanças. Deu-nos grande quantidade de leite e de carne-sêca.

Havia escassez de farinha mas era esperada abundante colheita esse ano. Imediatamente apoz minha entrada em sua casa, ofereceu-me a rêde em que estava mas fiz armar a minha e, sentando-me, passamos muito tempo fumando e conversando. Os mosquitos se tornavam verdadeiramente incomodos e, daí em diante, nenhum dia se passou sem que fossemos mais ou menos atormentados por eles, dependendo seu numero da direção do vento ou quantidade de chuva caída durante a jornada. O mal estar ocasionado por esses insetos é inconcebível para quem não o haja padecido.

No dia seguinte avançamos para o arraial de S. Luzia, alojando-nos numa casa ainda não concluída. Logo depois descarregamos os animais e deitei-me n'uma rêde com a intenção de dormir. Veio o guia dizer-me que o povo se aglomerava derredor de nós e recordei a querêla que se passara quando da passagem por ali. Levantei-me e pedi minha malêta, abrindo-a com toda naturalidade, revolvendo o conteúdo e, tomando o sacco vermelho, coloquei-o sobre um grande cêpo de madeira que estava perto de mim, e continuei como que procurando um objeto indispensavel. Quando olhei em torno, depois d'alguns minutos, toda a gente que se reunira desaparecêra, tal fôra a importancia do sacco vermelho, dando, como era sabido, o poder de requisitar animais, e outra ideia da minha situação surgira com a presença magica dessa bolsa.

O rio proximo a S. Luzia ainda não estava cheio. Seguimos pela tarde, alcançando as margens do rio Panema, com uma torrente estreita mas rapida. Um dos meus homens entrou para situar o vau mas, depois de haver atravessado meio caminho, verificou ser impossivel transporlo pela violencia e profundidade das aguas, obstando a travessia das cargas na cabeça dos indigenas. Mandeí que meus companheiros se detivessem ali mesmo enquanto

eu e o guia de Goiana iam os ver se encontravamos alguma habitação porque, recomeçando as chuvas, dormir ao ar livre seria uma grande imprudencia.

Dirigimo-nos para uma casa situada no meio do carnaubal, a alguma distancia da estrada e, como o proprietario nos desse agasalho e houvesse abundancia de pasto para os cavalos, o guia voltou para conduzir minha tropa àquele lugar, chamado Sant'Ana. Durante a noite tive um ataque de febre que me forçaria a permanecer em Sant'Ana mesmo que a altura das aguas não m'o impedissem de ir mais longe.

Todavia minha enfermidade se agravou; possivelmente me julgava peor do que estava realmente, mas começava a desejar vivamente chegar ao Assú, querendo adiantar a viagem e ao mesmo tempo com a esperanza de encontrar um padre que quizesse encarregar-se de algumas cartas que tencionava enviar aos meus amigos. Embora não estivesse em perigo immediato, sabia das consequencias que a febre determina. Logo que as aguas baixaram prossegui a jornada e como não podia montar a cavalo, foi necessario transportar-me em rêde, tendo a dificuldade em reunir um numero proprio de portadores para conduzir-me. Demorando mais um dia consegui seis individuos, das casas vizinhas e uns residindo a mais de uma legua. No quinto dia de minha chegada, saímos, cruzando o rio, apenas vadeavel e penetramos nas terras inundadas. As aguas cobriam toda a região embora não demorassem muito. A fundura, n'alguns pontos, ia a cintura mas geralmente atingia aos galhos. Os homens conheciam praticamente o caminho e o guia que contratara no Assú não teria podido reconhecê-lo sem o auxilio dos que me levavam. Ao meio-dia, sem que deixasse a rêde, foi esta colocada entre duas arvores, ficando as extremidades dos paus com que os homens me carregavam, encos-

tadas aos galhos. Estenderam couros, como abrigo contra o sol, porque as arvores tinham perdido todas as folhas na estiagem. Os homens suspenderam tambem suas redes e as bagagens foram postas nos ramos das arvores, e os cavalos permaneceram dentro d'agua, comiam a ração de milho num sacco amarrado aos seus focinhos. A agua era mais baixa nesse local por ser este de elevação sensível quanto aos dos arredores. Em certos lugares o solo começava a emergir. Ao escurecer chegamos a Chariz, fazenda situada em terreno sêco, e atingimos a uma casa incompleta. O cavallo que trazia minha malêta e a caixa com garrafas escorregou e caiu e, para desconforto maior, minhas roupas ficaram completamente molhadas e o sacco vermelho não escapou incolume.

Passei uma noite má, tanto pela febre quanto pela fadiga. Na seguinte manhã conversei com o dono da casa e comprei dois dos seus cavalos. Ao meio-dia mandei o *comboio*, sob a direção de Feliciano, encarregado de alcançar Piató na noite posterior. Fiquei com o guia de Goiana e Julio, a quem promovera a pagem, na vaga de John. Com muita dificuldade as bagagens foram transportados atravez do rio que corria junto da fazenda. A correnteza era então rápida e o leito pedregoso ainda maior obstaculo causava. Quando passei, na manhã seguinte, a profundeza e velocidade da corrente d'agua estavam diminuidas por não ter chovido durante a noite precedente. As duas pessoas que me acompanhavam montaram os animais adquiridos na vespera, e eu cavalguei um cavallo robusto e ainda novo. Resolvera chegar ao Piató, distante dez leguas, no mesmo dia, mas, cansando-me, descancei algum tempo ao meio-dia. Estava ainda incapaz de muito exercicio mas a necessidade da situação não permitia alternativas, e determinei seguir meu caminho não obstante a absoluta exhaustão de forças.

Reuni-me á minha gente e fizemos alto no mesmo lugar. Feliciano matou um antilope (4) que serviu para o nosso jantar. Era raro precisarmos de nossas balas para obter subsistencia, apesar de as provisões assim conseguidas não serem valiosas, variavam a diéta. Geralmente podia comprar-se suprimento consideravel de carne-sêca e ás vezes sucedia recebermos gratuitamente. Podiamos comprar outros viveres, conseguíamos galinhas, procurando-as nas casas mas, qualquer que fosse o numero dessas aves que viamos junto ás choupanas, ante qualquer preço alto oferecido, era constantemente recusada a venda. As mulheres, como é natural, possuíam a direção da capoeira e, depois de muito resgatar, findavam declarando que todas eram suas favoritas, para si e seus filhos, não consentindo jamais que uma só fosse morta. Esse procedimento era tão frequente que, para o fim, quando eu mesmo ou o guia, galopava para uma dessas casas procurando galinhas e ouvia o marido dizer que o negocio pertencia á esposa, continuava o caminho sem perder tempo em falar.

Meu amigo, o Comandante, continuava residindo no Piató. Parecia-me regressar ao meu lar. Meu espirito estava abatido mas tudo o recgueria. Nessa noite continuava eu muito mal. A sêde era grande. Nada a satisfazia melhor que as melancias que ali cresciam abundantemente. Comi inumeras. O guia disse que eu estava me matando mas não lhe dei ouvidos, porque gosto imensamente desses frutos. Pela manhã, encontrava-me outra pessoa. A febre não voltara. O guia afirmava frequentemente, depois do sucedido, que jamais soubera até esse momento, que as melancias curassem fabre. Ficou convencido de que elas me haviam curado e produziriam o mesmo efeito em qualquer pessoa em identica enfermidade. E' uma doença extranha, com processos varios, cessando subita ou frequentemente, sujeitando a fe-

bre e delírio; todavia, é raramente fatal. No dia imediato deixamos o Piató, levando o sequito acrescido por um pequeno carneiro domesticado e um tatú-bola que me haviam sido presenteados pelo Comandante. O primeiro trotou com os cavalos varios dias sem nos dar cuidados, mas a distancia o fatigou e fui obrigado a coloca-lo num dos cestos, de onde desceu e recomeçou a marchar um ou dois dias depois. O tatú-bola era carregado num pequeno saco e nunca causou incomodos. Libertava-o nos lugares de descanso e comumente ia no meio das bagagens, comendo ou se enroscando todo. Foi muito difficil conter Mimosa para que o não amedrontasse, mas depois, a cachorra e o tatú-bola findaram bons amigos. Em Assú troquei um dos meus cavalos por outro em melhores condições, dando o valor de um guinéu, de volta.

Nossos amigos, o seleiro e o dono da casa que tinhamos habitado na ida, receberam-nos muito cordialmente e se ofereceram para ajudar nossa passagem pelo rio, que estava cheio, aconselhando que esperassemos o decesso das aguas e da rapidez da corrente. Estava, entretanto, ansioso para continuar, e os meus companheiros não fizeram objeção. Deixei aí o rapaz que levava comigo, como guia, até o Aracatí. Transpuzemos o pequeno braço do rio com a agua molhando os bordos da sela. Quando atingimos o segundo braço, que é o principal, descobrimos que uma jangada era indispensavel para o transporte da bagagem. Muitos assuenses nos haviam seguido esperando ser necessarios e que os serviços merecessem recompensa. Em breve tempo as madeiras foram procuradas e outras que a torrente havia arrastado estavam encalhadas nas ribanceiras do rio, vieram as restantes da Vila. As cordas que serviram para amarrar as cargas nas cangalhas foram utilizadas para construir a balsa. O pai do rapaz que eu levava ao Aracatí como meu guia, viéra até a margem,

trazendo Mimosa. Pedi que a segurasse pois supunha que esta desejasse acompanhar-me, e ele a reenviou á vila por um menino. Quando a balsa ficou pronta, todas as bagagens e selas foram colocadas em cima e tomei lugar, sentando-me. Quatro homens entraram para o rio, tomando os lados da balsa e a empurraram e, perdendo pé, começaram a nadar com uma das mãos, segurando o bordo com a outra. Não obstante seus esforços a correnteza desviou a balsa cerca de cinco jardas do ponto que devíamos chegar mas saltamos inteiramente a salvo. O Rio do Assú (5) pode ter duzentas ou trezentas jardas de largura, sendo profundo e perigoso pela violencia do seu curso, tornando indispensavel um guia que conheça os lugares vaçaveis.

Os sertanejos se servem, para atravessar os rios, de um curioso aparelho formado de tres peças de madeira, sobre o qual se colocam e remam eles mesmos até a margem oposta. Já ouvira falar, sob a denominação de *Cavalête*, mas como não vi um deles, não é possivel pretender dar uma descrição exata (6).

Os homens nos deixaram enquanto arranjava, com a possivel brevidade, as cargas. Voltando-me, vi Mimosa vir em minha direção, meio agachada e amedrontada. Fizera o possivel para comprar esse animal mas nada poude induzir seu dono a ceder. Ele dizia que a possuia desde pequenina e, ajuntava, jamais puzera a panela ao fogo que, antes desta ferver, não voltasse a cachorra com alguma cousa para a encher. Não disse exatamente deste modo mas desejou dar uma ideia de sua grande habilidade para a caça. Seguia-nos porque fôra bem tratada por nós.

Jornadeamos fazendo parada na fazenda S. Ursula, legua e meia distante do Assú, onde dormimos. O caminho passava por bosques espessos. Para diante, até o

rio Ceará-Mirim, a região era nova para mim porque me desviara da antiga estrada que ia ao Assú, pelo norte. Tomava agora o caminho mais curto para Natal mas devia cruzar varias vezes o tortuoso rio. Enquanto jantava, Mimosa ficara perto de mim, esperando sua parte quando, subitamente se precipitou para baixo do banco em que me sentara. Depressa verifiquei o que motivara esse movimento. Era o velho pai de seu dono que vinha buscar a cachorra pertencente ao filho. Persuadi-o que me vendesse Mimosa e quando ele se poz a caminho, de regresso, a cachorra deixou o esconderijo e foi acaricia-lo. Mandeí que o acompanhasse mas o animal, rosnando, retomou sua posição sob o banco. Fôra sempre melhor alimentada e tratada por mim do que pelo seu dono. Muitas vezes lhe dei de comer e impedi que seu dono lhe batesse.

No dia seguinte passamos pelas fazendas Passagem e Barra, calcando solo de arcia solta e um grande charco ressequido. Pelo meio dia atravessamos S. Bento e Angicos (7), obrigados a transpor as alturas das colinas e trechos dificeis para os cavalos. Passamos um riacho que tinha agua muito baixa.

No dia immediato atingimos um terreno ainda mais pedregoso. As pessoas a quem falei disseram não ter chovido ali e isto era evidente. Não havia relva e toda a paragem era queimada e feia. Ao meio dia os cavalos não tiveram agua porque os poços eram diminutos e a nascente não os podia suprir com suficiencia para atender a tão grande numero de animais. Depois do meio dia fiquei sedento e, deixando o comboio seguir na habitual andadura, galopeie para frente, seguido por Julio e pelos dois cães. Entramos numa campina e, pela segunda vez, vi uma Ema, especie de avestruz. Não obstante os esforços para impedi-lo, os cães perseguiram-na e,

muito a contra gosto, tive de esperar que voltassem. A ave fugiu com grande velocidade, batendo as asas mas sem deixar o solo. As Emas vencem os melhores cavalos. A côr desta que vi era cinzento escuro. Era alta, incluindo o pescoço, muito grande, parecendo, a primeira vista e a distancia, um homem a cavallo. Os sertanejos estão persuadidos de que a Ema se esporeia, excitando-se a correr, e que essas espóras, ou pontas osseas, ficam sob as asas e quando estas são agitadas as asperidades picam e ferem. Afirmam que uma Ema capturada apoz longa carreira estava com os flancos ensanguentados. È possível que este resultado seja produzido pelo mesmo motivo que o pato selvagem rasga a garganta nadando. Os ovos da Ema são enormes e, embora seja alimento grosseiro, não são intragaveis. As plumas são estimadissimas (8).

Quando os cães voltaram prosseguimos viagem. O caminho se desenrolava entre altas rochas e, depois de algum tempo de marcha, bruscamente os cachorros deixaram a estrada e correram para os cimos das pedras que desciam para o caminho, permitindo a subida para os cavalos. Nossos animais se detiveram aspirando o ar. Julio gritou: — Agua! Agua! e lançou seu cavallo seguindo os cães. Fiz o mesmo. Julio acertara plenamente em sua suposição, vendo os cães e cavalos parar. Havia no rochedo uma longa e estreita fenda, quasi cheia d'agua, clara e fria. Os lados da rachadura eram salientes e a agua estava abaixo dessa superficie, de forma que os cães a cercavam ladrando sem poder alcançar o liquido. Parados os cavalos, desmontamos, e esses animais, sentindo agua, começaram a piafar, na pressa de beber. Não tínhamos uma vasilha com que a retirasse mas, na necessidade, utilizamos nossos chapéus para satisfazer os cavalos e cães. O resto da tropa chegou logo apoz. Feliciano conhecia o local mas se os cavalos e cães não o ti-

vessem indicado ao Julio, passariamos por ele sem notar. Fizemos um consideravel suprimento d'agua para os nossos animais, dando-lhes de beber quanto pudessem, considerando não termos um vaso que a retirasse com abundancia. Soube, por Feliciano e por outras pessoas, que essas fendas nos rochedos são comuns mas poucos individuos sabem da sua existencia, e seu conhecimento leva á posse de uma bôa quantidade d'agua nos momentos de maior escassez. Disse-me ele: — “Nunca recusamos dar informações mas falamos o menos possivel sobre o assunto.” Viajamos até dez horas da noite tentando alcançar alguma fazenda para não dormir ao descampado. As nuvens baixas e empurradas pelo vento aspero anunciavam claramente a proximidade de chuva forte. Chegamos a uma fazenda, pedindo agasalho para a noite, o que nos foi concedido mas, olhando o interior da casa, preferi dormir ao ar livre, com as suas desvantagens. O lugar estava cheio de pessoas das propriedades vizinhas que tinham vindo reunir o gado pela ameaça da chuva. Os homens comiam a carne-sêca e tinham, não sei porque meios, conseguido uma certa porção de aguardente. Instalei-me a pequena distancia da casa mas muito pouco pude dormir, durante a noite pela ameaça da chuva e pela necessidade de prevenir-nos contra a possibilidade de que alguns cavalos fossem roubados, a titulo de divertimento, pelas pessoas da casa.

No dia seguinte atravessamos uma campina, parte sem arvores e parte coberta de matagais. Fui viajando na dianteira com Julio deixando o comboio acompanharnos. Perdemos o nosso caminho no ponto onde varias estradas desembocavam. A propria sabedoria de Julio falhou, e se não encontrassemos alguns viajantes, sabendo deles a direção exata, não sei a que distancia teriamos encontrado as bagagens no meio da noite. Na manhã ime-

diata continuamos a viajar. Tomamos agua nas *borrachas* em muitas casas e ao meio-dia paramos no meio do leito de um riacho onde havia muita relva mas não agua. Esse leito era mais baixo que as ribanciras, de maneira que, logo ás primeiras chuvas, a vegetação brotou. Aí o tatú-bola se perdeu no meio dos matos. Feliciano seguiu o rastro de suas patas pela relva e folhas sêcas e apanhou-o novamente. Estou convencido que ele não o tinha visto fugir e outra pessoa não habituada a seguir os rastros, nada conseguiria. Tivesse ele passado pela areia e nada haveria de extraordinario descobrir-lhe os traços que o animal ia deixando mas sobre a relva e folhas sêcas, as marcas de um animal assim pequeno são de insignificante impressão

Queixé-me, acidentalmente, que as nossas *borrachas* deixavam vaziar agua, dando-lhe o gosto da graxa com que tinham sido untadas. Feliciano ouvindo-me, tomou outra *borracha*, exgotou-a, e, como era velha e sem o sabor da gordura, disse-me: — “Vou procurar outra melhor”, e partiu. Ao fim de uma hora regressou com a *borracha* cheia d’agua excelente. Colhera-a numa fenda das rochas a alguma distancia de onde tinham feito a provisão.

Dormimos nessa fazenda e, no outro dia, seguimos, na esperança de chegar ao Rio Ceará-Mirim, o que succedeu. Os vestígios da sêca ainda não desapareceram nessa região mas as arvores começam a cobrir-se de folhas e a relva cresce em muitas partes, suficientemente longa para garantir pasto aos nossos cavalos. A agua era sempre rara e má, embora as chuvas a tornassem mais abundante e menos salôbra. Fizemos a *travessia* (9) com a possivel pressa porque sabiamos que as cheias são esperadas brevemente e, ás vezes, as aguas sobem rapidamenete e eu mesmo constatará sua violencia. E’ extremamente perigoso ser surpreendido pelas aguas numa dessas peninsu-

las ou ilhas, formadas pelas curvas do rio, sendo necessario cruzar a corrente que vem com espantosa força, dez vezes ou mais, sucessivamente, sendo muito esforço para os animais carregados, especialmente para os já exgotados por longa viagem.

Deixamos o Ceará-Mirim depois de quatro dias, passando Pai Paulo e, ao fim do quinto dia chegamos a Lagôa Seca. Os habitantes estavam no ponto de abandonar o pouso porque as esperadas chuvas já haviam caído. Encontramos muitos grupos de viajantes que, aproveitando as primeiras chuvas para atravessar a região, se apressavam antes que as enchentes fizessem inundar o rio.

Janeiro não é, propriamente falando, a estação chuvosa. As chuvas, no começo do ano, são chamadas as *primeiras aguas*, e continuam por quinze dias ou tres semanas, apoz o que o tempo geralmente é seguro até Maio ou Junho, depois desta epoca, até fins de Agosto as chuvas são, comumente, mais ou menos constantes. De Agosto ou Setembro, até o começo do ano, as chuvas são raras. O tempo do estio pode ser apresentado certamente de Setembro a Janeiro, e Fevereiro a Março e, ás vezes, é de esperar-se com mais segurança as chuvas de Junho a Agosto do que em Janeiro. São raros os dias no ano em que chove incessantemente. Tudo quanto disse referente ás estações depende das latitudes, onde todos os climas são sujeitos ás variações.

O cavallo que deixei na Lagôa Seca me foi facilmente devolvido e continuei a jornada no outro dia, para Natal. O Governador recebeu-me com a mesma amabilidade de outróra.

Deixara o Sertão e, embora tivesse sofrido, sempre desejei regressar. Tenho um certo prazer em descrever e viajar em novas regiões e esta parte do territorio que atravessara era desconhecida para qualquer inglês. Pe-

las sensações pessoalmente sentidas, imagino quanto agradecerá ao viajante nessas zonas inexploradas o encontro de novidades ao primeiro olhar. Ha ainda neste continente da America do Sul grandes partes para serem percorridas e sempre desejei ardentemente ser o primeiro homem civilizado que fizesse a jornada de Pernambuco a Lima.

Disse, talvez bem pobremente, o suficiente para dar uma ideia segura dos habitantes das fazendas de gado. Diferente do peão das terras vizinhas ao Rio da Prata, o Sertanejo tem sempre com ele a mulher e os filhos, vivendo em comparativo conforto. As casas são pequenas e construídas com barro e bastante abrigadas para o clima, e cobertas com telhas quando podem adquirir, ou geralmente com folhas de carnaúbas. As rêdes usualmente tomam o lugar dos leitos, sendo mais confortaveis e mais frequentemente utilizadas como cadeiras. Algumas residencias têm mesa mas o uso comum é a família acocorar-se derredor de uma esteira, com as tigelas, cabaços e travessas no centro, e aí comer sua refeição, sobre o solo. Facas e garfos não são muito conhecidos e, nas classes pobres, nenhum uso possuem. E' um costume em todas as casas, das altas ás baixas ordens sociais, desde muito tempo e praticado em toda parte que visitei, levar-se, em bacia de prata ou de barro e mesmo n'uma cabaça, com toalha de cambraia franjada ou pedaço de tecido de algodão feito no país, para lavar as mãos depois que os convivas se assentam para comer. Esta mesma cerimonia, ou ato de asseio necessario, tem lugar quando a refeição termina. Os cabaços são de grande uso domestico. Cortam em dois, retiram a polpa, secam e este rustico vasilhame substitue a louça caseira; a agua é conduzida nele e comumente o empregam como medidas. O diametro varia de seis polegadas a um pé e é quasi sempre de forma oval. Inteiro, chamam *cabaça* e partidos,

pela metade, *cuias*. É uma planta rampante, nascendo espontaneamente em muitos lugares mas, noutros o povo semeia entre as mandiocas (10).

A conversação habitual dos sertanejos versa sobre seu gado ou sua mulher e, ás vezes, narram episodios succedidos no Recife ou noutra cidade. O merito e o demerito dos padres, com os quais têm privado, são muito assiduamente discutidos e suas praticas irregulares sujeitas a ridiculo. A roupa dos homens já a descrevi mas, em casa, é reduzida ás calças e uma camisa. As mulheres dão uma impressão mais desalinhavada. Vestem apenas saia e camisa, sem meias e quasi sempre sem clinelos. Quando saem de casa, o que raramente succede, adicionam um grande manto branco, de tecido grosseiro, da terra ou vindo das manufacturas da Europa, e o sacodem sobre a cabeça e as espaduas. O par de sapatos é constantemente pôsto e carregado.

São otimos cavaleiros e as selas altas, á portugûesa, parecem bem comodãs. Nunca vi uma brasileira montar a cavallo á maneira dos homens, como ocasionalmente reparei em Portugal. O trabalho feminino consiste inteiramente nos serviços domesticos. Os homens tiram o leite das vacas e cabras. As mulheres fiam e se ocupam nas tarefas de agulha. Nenhuma mulher, de condição livre, aceitará um encargo ao ar livre, exceto ir buscar, acidentalmente, agua ou lenha, quando o homem não está em casa. As creanças geralmente andam despidas até certa idade e se pode ver no Recife meninos de seis e sete anos correndo pelas ruas sem qualquer peça de roupa.

Antigamente, quero dizer antes de iniciar-se o commercio direto com a Inglaterra, os dois sexos vestiam tecidos rusticos de algodão, feitos no proprio país, e as saias eram tingidas com uma côr vermelha que se obtinha da casca da arvore *coipuna* (11), comum nas florestas e

ainda hoje empregam essa côr para tingir os fios das rédes de pesca, e dizem que esse processo aumenta a duração.

Nesse tempo os panos comuns, tecidos nas fabricas portuguezas ou inglêsas, custavam oito a doze mil reis, cerca de dois a três guinéos, devido o monopolio do trafico entregue aos comerciantes do Recife que punham um preço arbitrario nessas mercadorias, e tudo mais seguia a proporção. Com esses preços dos mercados, os artigos de rouparia europeus só as pessôas ricas podiam adquirilos. Contudo, abertos os portos do Brasil ao commercio estrangeiro, as mercadorias inglêsas fizeram seu caminho por todo país e os negociantes são numerosos.

A mulher raramente aparece e se é vista não toma parte na conversação, a menos que, sendo bôa esposa, esteja vigiando o assado, (12). Quando se apresenta, enquanto os homens falam, acocora-se na solcira da porta que leva ao interior da casa, e aí fica, limitando-se o escutar. A moral dos homens não é muito severa e é natural que influa desfavoravelmente no espirito feminino, mas os sertanejos são muito ciumentos e ha o decuplo das mortes e desavenças por este motivo que por qualquer outro. Essa gente é vingativa. As ofensas muito difficilmente são perdoadas e, em falta da lei, cada um exerce a justiça pelas proprias mãos. E' um terrivel estado social sem duvida alguma e não pretendô justifica-lo, mas, examinando as causas dos assassinatos cometidos e dos golpes dados, verifica-se que a vitima recebêra justamente o que bem merecia. O roubo é pouco conhecido. A terra, nos bons anos, é toda fertil, impossibilitando a necessidade que justificaria a tentação criminosa, e, nas más colheitas todos sofrem igualmente a penuria. A subsistencia é obtida por outros meios que o furto, numa terra abundante e onde todos são geralmente resolutos e bravos.

Por estas e mais razões, creio que o sertanejo é uma boa raça de homens. São tratáveis e sensíveis á instrução, excetuando em materia religiosa; nesse particular são fundamente convencidos. Tal era sua impressão de um inglês, um herege, que em muitas ocasiões tive difficuldade em convence-los que eu, portador de uma figura humana, pertencia a essa raça desconhecida. São extremamente ignorantes e poucos possuem os mais modestos rudimentos de instrução. A religião está limitada á observancia de certas formulas e frequente repetição de certas cerimoniaes e algumas orações, crença nas encantações, reliquias e outras cousas da mesma ordem. Os sertanejos são corajosos, sinceros, generosos e hospitaleiros. Quando se lhes pede um favor, não o sabem negar. Entrando em negocios de gado, ou qualquer outro, o caracter muda. Procurarão enganar-vos, olhando o successo como prova de habilidade, digna de elogio. A seguinte anedota é característica. Um sertanejo veio do interior conduzindo uma grande manada de bois, encarregado de vende-la. Conseguiu um comprador que prometeu pagar dentro de dois ou tres mezes. Como sua casa era distante para que voltasse, o sertanejo esperou o pagamento. Antes que o prazo expirasse, o comprador do gado conseguiu um meio de faze-lo prender. Visitou-o na prisão, pretendendo estar extremamente triste com sua desventura, e propoz obter-lhe a liberdade mediante esquecimento de uma parte do debito. O sertanejo aceitou e, consequentemente, saiu da prisão. Breve tempo depois soube como o negocio se passara com o comprador do gado, evitando pagar a divida legal. E não recebeu a menor parcela do que lhe pertencia. Avisando aos donos do gado no Sertão, do que sucedera, recebeu, como resposta, que a perda do dinheiro não tinha importancia mas era preciso assassinar o homem que o injuriara ou não

mais voltar para casa, porque ele mesmo seria punido por deixar uma afronta impune. O sertanejo fez imediatamente os preparativos para o seu regresso, tendo fingido sempre uma grande gratidão pelo devedor que conseguira sua libertação e a mais total ignorancia da sua injustificavel conduta. No dia da partida, galopou até a residencia do homem que determinara matar, desmontou, fazendo segurar sua montada por um dos seus dois companheiros, e entrou. E no habitual abraço de despedida, (13), cravou-lhe sua longa faca nas costas, saltou, rapido, no cavallo e os tres fugiram. Ninguem tentou molesta-los, estavam armados e, embora o facto ocorresse numa grande cidade, reuniram-se a um grande numero de amigos que os esperavam nos arredores, viajaram para sua terra sem que fossem perseguidos. Esse episodio succedeu ha muitos anos. Os parentes do assassinado conservam sempre a vontade de vingar sua morte naqueles que a cometeram, se for possivel encontra-los. Muitas pessoas podem atestar a veracidade desta historia.

A côr dos sertanejos varia do branco, os quais em pouco numero, necessariamente, ao moreno escuro, com tantas gradações que será raro encontrar-se dois individuos com a mesma variedade de coloração. Os filhos dos mesmos pais raramente têm a mesma côr e as diferenças são, ás vezes, sensiveis, e, em certos casos tão flagrantes que se podia duvidar da legitimidade, mas o fato é tão comum que a indecisão desaparece. Os descendentes de uma pessoa branca e outra negra, traz a côr mais de um que do outro elemento e acontece que um segundo filho ostente a tez diversa do primeiro (14). Esses reparos não se applicam ao Sertão exclusivamente mas a todas as regiões que tive oportunidade de visitar. O sertanejo, abstraindo a côr, é certamente um bonito homem, e as mulheres, quando novas, têm formas agra-

daveis e muito lindas feições. Vi pessoas brancas que seriam admiradas em muitos lugares. A constante exposição ao sol, que é de grande intensidade, mesmo distante do mar, escurece-lhes os rostos muito mais que aos moradores do litoral, mas esta côr morena, com apparencia duravel e firme, é muito preferivel ás feições palidas e doentias, embora de tez clara.

As pessoas que tomam conta do gado e vivem nesses dominios são chamadas "*vaqueiros*". Têm uma parte dos bezerros e galinhas que criam no campo, e quanto aos carneiros, porcos, cabras, etc., não prestam contas ao proprietario. O grosso da manada de gado é contada descuidadamente, sendo evidentemente, lugares aceitaveis e lucrativos, mas os deveres são pesados, exigindo coragem consideravel, grande força física e atividade. Alguns donos vivem em suas terras mas a maioria das fazendas que visitei, é propriedade de homens de ampla prosperidade e que residem nas cidades litoraneas onde são igualmente plantadores de cana de açúcar.

O interior de Pernambuco, Rio Grande, Paraíba e Ceará não contem, propriamente falando, gado selvagem (15). Duas vezes por ano os vaqueiros de varias fazendas se reúnem com o fim de apanhar o gado. As vacas são levadas, de toda a parte, para uma area em frente da casa e aí, cercadas por numerosos cavaleiros, são impelidas para os espaçosos currais. Isto feito, desmontam os homens e se alguma vaca se torna furiosa, como succede, um laço pelos cornos é bastante para prendê-la bem ou, ainda outro meio é adotado, que é passar o laço numa pata trazeira, e trazer a corda enrolando completamente o animal, sendo facil derruba-lo. Os bezerros são presos sem grandes dificuldades e marcam-lhe a coxa direita, com ferro incandescente, com que é feito o sinal, anteriormente fixado pelo dono, como sua marca priva-

tiva. Quando os bois são agrupados para a marcação, o serviço é mais perigoso, e frequentemente o cavaleiro é obrigado a ferir o animal no campo com uma longa vara, que mencionei noutra parte. Quando o homem se aproxima, o boi foge para o mato vizinho, e é perseguido o mais proximo possivel afim de aproveitar a vantagem dos ramos se entreabrirem na passagem do animal, fechando-se logo apoz, retomando sua primeira posição. N'um certo tempo o boi passa por baixo de um galho pouco elevado duma grande arvore, e o vaqueiro, ás vezes, passa tambem, e para conseguir, pende para o lado direito, tão completamente que pode segurar a cilha da sela com a mão esquerda ao mesmo tempo que o calcanhar esquerdo se prende na orla da sela. E com a vara na mão direita, quasi arrastado pelo solo, galopa sem diminuir o passo, voltando a sua posição logo que o obstaculo foi transposto. Quando atinge o boi, fere-o com a vara e, se o golpe foi certo, atira-o ao chão. Desmonta, prende as pernas do animal ou passa uma delas pelos chifres e, o tem rendido completamente. Muitas pancadas são recebidas pelo vaqueiro mas é raro ocasionar-lhe a morte.

Atravessando o Ceará-Mirim, mencionei' uma vaca que se extraviara a uma imensa distancia da sua pastagem ordinaria. Essa tendencia deambulatoria é comum nos animais de cornos e não se explica exclusivamente pela falta de pasto ou d'agua. Frequentemente, na epoca de reunir o gado, as pessoas que vêm de consideraveis distancias auxiliar seus amigos, trazem muitos animais com as marcas conhecidas, sendo as propriedades distantes mais de vinte leguas uma das outras. Quando um viajante sofre falta d'agua, o que tem de melhor a fazer é seguir o rasto do gado cuja trilha conduz, em linha réta, a mais proxima fonte d'agua. A trilha é facil de ser distinguida. E' muito estreita e o mato unido por cima, deixa

por baixo a pequena picada, n'altura dos animais que passaram.

Cada lote de eguas, composto de quinze a vinte, com seu garanhão, é levado para os currais. Os poldros são marcados da mesma forma que os bezerros. E' de notar a circumstancia, de que sempre me falaram, que o garanhão expulsa do lote não somente os potros mas os poldrinhos também, desde que esses se tornem robustos. Já presenciara esse fato por umas duas ou tres vezes, e a pessoa que m'o relatou concluiu dizendo que se o garanhão não o fizesse, seria posto fóra do lote, mandado para o uso da cangalha, por ser indigno de chefiar o grupo.

Quando um cavallo vai ser amansado, procedem pela maneira seguinte: — é laçado e amarram-no a um poste no curral. No dia seguinte ou a tarde do mesmo, se parece tratavel, uma pequena sela baixa é colocada sobre ele, e logo um cavaleiro o cavalga com cabresto duplo. O animal galopa e o homem longe de conter a montada a excita, não fazendo uso do chicote e das esporas sinão no caso de ser um cavallo lerdo ou obstinado a caminhar. Os melhores cavalos são os mais facilmente adestrados. O cavallo corre até exgotar-se e é conduzido docemente pelo seu cavaleiro e ás vezes só regressam ao ponto de partida no outro dia. O cavaleiro não deverá desmontar antes de voltar ao poste onde o cavallo estivera preso, e certamente terá muitas dificuldades se proceder ao contrario, ante a indocilidade do animal. A mesma operação é repetida até que o cavallo esteja efetivamente domado e apto para a sela. Em certas ocasiões o cavallo, por saltos violentos, sacode fóra a sela e o cavaleiro e demóra recaptura-lo. Doutras feitas, a menos que a cilha rebente, ele tem pouca esperanza de derrubar seu montador porque os sertanejos são excelentes cavaleiros. Os cavalos

são pequenos mas entre eles alguns têm elegante aspecto embora muito pouca atenção seja dada ao melhoramento da raça. Grande importancia é dada á cor do cavalo, porque são tidas como demonstrações de melhor resistencia que outros (16). Assim, um cavalo melado, com a cauda e as crinas da mesma côr, é dado para cargas e serviços pesados, e os animais desse jeito são vendidos por preços mais baixos do que outro com igual e prometedora apparencia, mas com um pêlo diferente; todavia se é um animal bem feito servirá para sela mas em percursos limitados. Um cavalo melado, com cauda e crina negras passa por vigoroso. Os cavalos que têm uma pata branca e outra da mesma côr do corpo, são tidos como sujeitos a quedas, (17). As cores usuais são baia e cinzenta, mas o castanho, preto ou melado são menos comuns. Os mais estimados para o trabalho são os baio-escuros, com crinas e cauda negras, e os castanhos pintados de manchas baias. Os cavalos-inteiros são amansados para sela e carga nas vizinhanças das cidades mas os sertanejos empregam cavalos castrados por necessidade e pelo conhecimento de sua suprema resistencia no labor pesado. Não é sem perigo que se monta num cavalo ardego no Sertão, porque pode acontecer que, relinchando, seja atacado por um garanhão, atraído pelo relincho, e estando ambos desejosos da luta, o cavaleiro seja obrigado a distanciar-se dos combatentes. Se, entretanto, tiver a felicidade de conduzir um bom chicote e obstar que sua montada se empine quando o cavalo selvagem aproximar-se, está salvo.

Criam carneiros em muitas propriedades mas a carne é menos estimada que outras e na falta da carne de boi a usam, quando o gado está magro pelas sêcas, ou o vaqueiro tem muita occupação em casa ou tem preguiça para sair e matar lá fóra. No Sertão a carne do carneiro

nunca é saborosa, talvez pelo pouco tratamento dado ao rebanho. Penso que não será possível fazer-se um bom prato de carneiro nessas regiões (18). As ovelhas são cobertas de uma fina lanugem delicada que continua até ano e meio ou dois, depois dessa idade cai e é substituída por uma especie de pêlo. Às vezes a lanugem demora a cair. Pareceu-me, nesse caso, grosseira e curta (19). As feridas no corpo desses animais é mais difficil de curar que noutras especies, e a carne, entre todas, é a que mais rapidamente apodrece.

A divisão das propriedades no Sertão é extremamente vaga, e pode ser bem imaginada quando se disser que o modo usual de descrever uma fazenda é computar sua distancia em leguas, ou em muitos casos, informar quantos mil bezerros anuais, sem a menor referencia á quantidade das terras possuidas. Poucas pessoas tentam conhecer as dimensões exatas de sua propriedade e, possivelmente, não chegariam ao fim colimado. O clima é bom, mas a parte interior do país é muito mais sadia que as terras proximas ao litoral. Podia, ousadamente, indicar algumas molestias peculiares a região mas são conhecidas muitas. As febres não são comuns mas existem. A hidropisia é tambem familiar. As ulceras nas pernas são menos encontradas que nas costas maritimas. As hernias ocorrem frequentemente. A variola (20) tem feito devastações espantosas e o sarampo é muito temido. Quando as molestias venereas atacam os individuos, o doente difficilmente se liberta de um modo completo. Usam applicações de ervas mas as pessoas desconhecem o processo de tratamento ou não o obedecem. Muitos doentes terminam paraliticos e a maior parte jamais recupera a saude perfeita. A *yaws* (21) tambem ataca, e como terei depois maiores oportunidades de ver esse assunto, dele falarei posteriormente. Ocorre igual-

mente a tísica (*consumption*). A coqueluche (*whooping-cough*) parece não ser conhecida nas regiões em que viajei. Muitas vezes fiz perguntas a respeito mas nunca obtive informações seguras.

Dormi varias vezes ao ar livre e jamais sofri consequencias desagradaveis. O orvalho é insignificante e um vento é habitual á noite. O sol é ardentissimo e o seu curso é particularmente incomodo quando se atravessa areia solta. Não me importunou demasiadamente. Nunca sofri de dôres de cabeça e, excetuando um ataque de febre por ter apanhado uma forte chuva, jamais gozei de melhor saúde noutras paragens.

A alimentação dos sertanejos consiste principalmente de carnes, nas suas três refeições, ás quais ajuntam a farinha da mandioca reduzida a uma pasta, ou arroz, que ás vezes o substitue. O feijão, chamado comumente na Inglaterra "favas francêsas", é a iguaria favorita. Deixam-no crescer em grãos só o colhendo quando estão completamente duros e sêcos. Surpreendeu-me verificar o limitado emprego do milho como mantimento, embora algumas vezes usado. A despeito de tudo, fazem uma pasta com a Carnaúba e vi comer carne com coalhada. Os vegetais verdes não são conhecidos em seu uso e ririam á ideia de comer qualquer especie de salada. Os frutos selvagens são numerosos e podem ser colhidos abundantemente, mas poucos tipos são cultivados, entre esses a melancia e a bananeira. O queijo do Sertão é excelente quando fresco mas ao fim de quatro ou cinco semanas fica duro e coriáceo. Poucas pessoas fabricam manteiga, batendo o leite em garrafas comuns. Trata-se, entretanto, de experiencias pessoais e não uma pratica geral. Nas proprias cidades do Sertão a rançosa manteiga da Irlanda é a unica que se póde obter (22). Onde as terras permitem, plantam mandioca, arroz, etc, mas a grande parte

dos alimentos é vegetal e provem dos distritos mais férteis, vizinhos, os vales e as fraldas dos Cariris, serra do Teixeira e outras serras da região.

O comercio no Sertão consiste em receber uma pequena quantidade de manufacturas européas (23); os tecidos de algodão, dos quais uma bôa parte é fiado na região, uma pequena porção de louça de barro branco e quantidade consideravel de cerâmica escura, feita no local na maior parte pelos indigenas que vivem nos distritos onde existe o barro proprio para sua fabricação; aguardente em raros barris; manteiga, fumo (*tabaco*) rapé (*snuff*), açúcar ou melado em fôrmas, espóras, freios para bridas e outros accessorios para seus cavalos, exceptuando as selas as quais, em porção sensivel, vêm dos proprios distritos; ornamentos de ouro e prata encontram mercado com certos preços. Os mascates vêm de povoação em povoação, de fazenda em fazenda, trocando suas mercadorias por gado de todo tipo, queijos e couros de bois. Um poldro de dois a tres anos é avaliado em um guinéu e meio. O cavallo de carga vai a dois e tres guinéus. O cavallo de séla, para montar, cinco e seis guinéus. Um novillo de dois anos, dez *shillings*. Um boi, em toda força fisica, boi-de-era (*a full grown ox*), um guinéu e meio. A vaca varia muito, de acordo com a quantidade de leite, indo de um a cinco guinéus. O carneiro, de dois a tres *shillings*. Uma cabra comum vale, avaliando-se, muito menos, mas uma bôa cabra leiteira, vale um guinéu e ás vezes mais. As creanças são aleitadas frequentemente pelas cabras, o que aumenta o preço desses animais. A cabra que serve empregada nesse serviço recebe o nome de *comadre*, termo usado entre a mãe e a ama das creanças, e é comum dar-se essa denominação ás cabras que não têm essa occupação, não tendo a honra de nutrir seus jovens senhores ou senhoras. Os cães valem

de um a dois guinéos e muito mais, quando se trata de cão vigoroso para a caça ou apto para guardar a casa ou a bagagem. A galinha é tão cara quanto uma cabra ou um carneiro e, numa ocasião que já relatei, paguei por uma dessas aves quatro vezes o dinheiro que daria por um cabrito. Os mascates raramente recebem dinheiro em troca de suas vendas. Aceitam o que lhes oferecem, alugam homens para ajuda-los a conduzir o gado ou o produto das barganhas, até o mercado onde é permutado por mercadorias e regressam com elas ao interior. Um ano ás vezes se passa numa dessas jornadas mas os proveitos são enormes, duzentos ou trezentos por cento!

Durante minha estada em Natal, o Governador mostrou-me uma especie de cêra produzida pelas folhas da Carnaúba, a arvore de que tenho frequentemente falado. Uma certa porção dessa cêra fôra enviada por ele para o Rio de Janeiro. O Dr. Arruda Camara menciona em uma das suas publicações, e uma amostra chegou a Inglaterra e fôra examinada pela Sociedade Real (24). O Governador, durante uma de suas viagens pela Provincia, passou a noite, como succede sempre, no casebre de um lavrador. Uma vela de cêra fôra acesa e colocada deante dele. Era toscamente modelada mas dava otima luz. Ficou o Governador um tanto surpreendido porque o oleo é que é geralmente usado. Interrogado o lavrador, soube que a cêra gotejava, durante as horas de maior intensidade solar, das proprias folhas que cobriam a cabana. Suponho que a casa fosse nova e consequentemente recoberta recentemente com as folhas ainda verdes. O Governador realizou experiencias pessoais, ensaiando velas e se convenceu da importancia da cêra vegetal. O Governador presenteou-me com um pedaço de minerio de ferro, produto da Capitania do Rio Grande. Disse-me

não ter a menor duvida sobre a existencia de quantidades vultosas desse mineral nessas regiões e que o Governo seria bem recompensado de seu trabalho se mandasse algumas pessoas instruídas no proposito de descobrir essas minas. Vi um tecido que ele mandara trançar com o fio do *crauatã* (25). Essa textura lembrava, um pouco, o tecido que usamos para lençois. E' muito resistente. Posuo uma amostra desses fios.

Logo que tomei minhas providencias para deixar Natal pela manhã do dia 6 de Fevereiro, o Governador disse-me que tencionava viajar no mesmo dia em negocios relativos a administração. Despedino-nos á noite e, pela manhã quando despertei, encontrei-me dono da casa. O Governador partira ás quátro horas. Só nos puzemos a caminho ás sete horas, devido ao numero de cavalos para carregar e outros encargos que era necessario atender. Eu me considerava perfeitamente em casa estando em Natal embora estivesse a setenta leguas do Recife, porque essa região é inteiramente arborizada, irrigada e completamente bem povoada.

Voltei a passar por S. José, a aldeia indigena, mas não tomei a estrada que levava a Paparí. Dormi numa pequena cabana e na manhã subsequente cheguei a Cunhaú. Pelas dez horas foi necessario descarregar e deixar atraz de nós um cavalo que comprara no Chafariz; estava literalmente cansado e nada mais podia fazer. O Coronel de Cunhaú não estava em casa mas seu creado convidou-me a dispôr da residencia do amo. Limitei-me a informa-lo que deixara um cavalo a alguma distancia, nas terras de plantação, e o guia, como instrução, desenhou a marca que o animal tinha na anca. Tenho admirado a habilidade desse povo em reconhecer a marca que uma vez viram, e a exatidão com que a traçam, depois

de ter somente lançado um rapido e casual olhar e, ás vezes, com semanas passadas depois desse encontro. (26).

Andamos quasi meia legua até uma choupana. O Comandante deste lugar procurou-me com extrema cortezia. Meteu meu cavallo em sua estribaria e convidou-me para ficar até o outro dia mas eu preferi adiantar-me e fui dormir num casebre alem, duas leguas. Nesse dia passamos varios riachos, todos com muita agua, mas nenhum bastante cheio para impedir-me a continuação da viagem. Tinham caído agora grandes chuvas e a face dessa região tomara novo e bem agradável aspecto. Dois mensageiros (*letter-carriers*) passaram por esse recanto durante a tarde e escrevi a um amigo de Pernambuco para que tivesse a minha cabana de Cruz das Almas preparada para o meu regresso.

No outro dia atravessamos algumas plantações de cana de açúcar e vimos varias colinas. O país era lindissimo, por toda a parte verde e saudavel. Cruzei um riacho consideravel, ao pé de uma colina, e subindo o lado contrario, cheguei a uma choupana isolada, habitada por pessoas brancas; um velho, viuvo, com uma bela familia de filhos e filhas. A cabana não parecia caber-nos a todos e deliberei dormir ao ar livre, mas o velho insistiu comigo para que fosse agasalhar-me em sua casinha e não me zanguiei por isso, ameaçado como estava por um retorno da febre. Ao por-do-sol, ou na quéda do dia que, nesse pais, succede ao mesmo tempo, notei que o carneiro havia desaparecido. Fiz grandes pesquisas sem resultados. O velho ordenou a dois de seus filhos que fossem procurar, não regressando sem as informações nos arredores. Fiz todo o possivel para dissuadi-lo desse trabalho mas ele persistiu, dizendo-me "Não, o senhor está sob meu teto e qualquer circumstancia desastrosa pode faze-

lo ter uma opinião desfavoravel a meu respeito." Já noite escura os dois rapazes regressaram com o carneiro e um homem mulato que haviam prendido. Eu queria que soltassem o mulato mas se opuzeram por ser ele um escravo desertor que cometera muitas depredações e por cuja captura o senhor prometera grande recompensa. Os rapazes haviam seguido os rastos do carneiro sobre a areia enquanto houvera claridade de dia, e tomaram a direção porque sabiam da existencia de *mocambos*, ou choças na mata, feitos pelos escravos fugitivos. Andaram um pouco nesse mesmo rumo quando ouviram o balir do carneiro e depois de prepararem o assalto, caíram subitamente sobre o homem e uma mulher que estavam na choça. A mulher escapara, o que os contristava, por ser ela, muito provavelmente, uma escrava evadida. O homem foi levado para casa e amarrado a um banco, com a corda passando muitas vezes pelas pernas e braços, no mesmo aposento em que eu devia passar a noite. Toda a familia se retirou e nos deixaram a sós. Tinha minha faca comigo e, muito naturalmente, fui dormir. Pela manhã ficaram o banco e as cordas, mas o homem fugira. Pulara uma pequena janela no fim do quarto. Os rapazes da casa ficaram furiosos, mas lhes observei que a culpa lhes cabia porque um deles deveria ter ficado de sentinela e não seria possivel admitir que eu permanecesse vigilante toda a noite, fatigado como estava. A suposição nos veio ao mesmo tempo de que o homem tomara um dos meus cavalos para melhor fuga, mas não se déra o caso.

Nesse dia revimos a povoação de Mamanguape. Depois de pequena distancia, deixei a estrada e, acompanhado pelo meu guia, fui a casa-grande de um engenho solicitar um abrigo para a noite. Disseram-me que o dono não estava em casa e muito provavelmente não me receberia mesmo que estivesse. Quando estavamos conver-

sando na porta, um rapaz, de côr escura, saiu e montou o cavalo que o esperava, sem séla, e galopou, parecendo, a quem o observasse, que não vira estrangeiros perto de si. Uma das negras disse: — “Porque não falou com ele? E’ um dos nossos amos môços.” Perguntei e vim a saber que o dono da casa e seus filhos eram mulatos. Esta foi a unica circumstancia em que recebi uma descortezia e a ocasião unica, durante todas as minhas viagens e residencia no Brasil, em que me recusaram hospedagem por uma noite. Alojci-me, por essa noite, debaixo de uma arvore, a uma distancia de cem jardas do engenho, perto de uma cabana, confortavel e limpa, cuja proprietaria era uma velha senhora. Foi muito gentil comigo e expressou sua tristeza pelo tratamento que tinhamos recebido. As chuvas eram poucas e a relva no campo das plantações estava sêca e o gado continuava em más condições.

Durante a tarde do dia seguinte atingimos a um lugarejo onde obtive permissão de passar a noite numa das choupanas. Havia um alpendre deante da casa, como é usual nas residencias de pessoas abastadas. Quando acabei de armar minha rêde, fui surpreendido constatando que a casa era habitada, embora a porta estivesse fechada podia falar com a pessoa sem vê-la. Pareceu-me estranho e comeccei a supor que o morador estivesse sofrendo de molestia contagiosa, fosse abandonado por seus amigos ou que a sua familia se tivesse mudado para uma casinha nos arredores. O guia explicou-me dizendo que o homem havia sido mordido por uma cobra e que a mordedura, dessa especie, só era fatal se a vitima que a recebera, olhasse qualquer animal femea, e particularmente a mulher, dentro dos trinta dias depois do acidente. Como o povo inferior crê que todas as cobras sejam venenosas, não é de assombrar que muitos remedios ou encantos sejam bem sucedidos como eficazes. Sabe-se que muitos

desses reptis são innoxios mas como essa opinião não é a do povo em geral, é natural attribuir a toda outra causa, antes da verdadeira, a cura da picada (27).

No dia seguinte deixamos essa hõa gente na esperança de ver a restauração da saúde do amigo, dentro do prazo esperado, e fomos jantar nas margens do rio Paraíba, num ponto alongado da plantação do Espirito Santo, onde dormira quando de minha jornada para o norte. O rio estava ressequido, como durante o periodo da estiagem, porque os poços e cacimbas que se abriam no seu alveo e continham agua, não a possuíam em quantidade sufficiente para transbordar, unir-se e formar a torrente. Chegamos ás margens ás dez horas e muitas pessoas informaram que o rio se enchia rapidamente. Pelas doze horas as aguas appareceram e antes que saíssemos, o rio tinha tres pés de profundidade. Soubemos mais tarde que ás cinco horas o rio não mais era vadeavel e que continuara a correr com grande rapidez durante varios dias. Rumei Espirito Santo e falei ao Capitão-Mor, mais sem desmontar porque estava ancioso para chegar ao fim de minha viagem. Dormimos numa simples choupana, duas leguas depois, e retomamos o caminho na manhã seguinte. Pelo meio-dia, porque não cessara de viajar até essa hora, descarregamos em uma longa e abrupta colina onde uma violenta chuarada precipitou a torrente que correu com impeto e rumor atravez da estrada. A argila de que era composta a colina tornou-se excessivamente escorregadiça e nos fez progredir lentamente. Os cavalos iam cautelosamente. Nesses momentos é inutil esperar que eles caminhem com mais pressa do que desejem fazer. Conhecem o perigo de um passo em falso e, apesar dos esforços do cavaleiro, um velho caminhador não mudará seu ritmo ordinario. Ao pé da colina vimos uma *venda*

onde os viajantes costumam deter-se. A maior parte dos povoados possuem um desses estabelecimentos e os tínhamos encontrado mais frequentemente desde que viajámos na grande estrada das boiadas. Molhados inteiramente, era impossível ir adiante nesse dia, e ficamos satisfeitos deparando uma casa assim proxima, ainda mais que a chuva continuou durante a maior parte da tarde. Estávamos num vale estreito e bonito, coberto de florescentes plantações de canas de açúcar, onde a vista era luxuriante e verde. Vi nessa noite, não pela primeira vez, um belo inseto luminoso, *Elater noctilucus*, chamado pelos portugueses *cacafogo* (cagafogo). Encontra-se principalmente nas terras arborizadas e emite, intermitentemente, uma luz viva mas breve.

Apoz ter deixado esse lugar na manhã imediata, descobri que faltavam varios objetos pertencentes ás nossas bagagens. Mandeí o guia com outro homem procurar mas voltaram sem resultado. Tínhamos, era a verdade, tomado alojamentos numa casa publica e, se mais frequentemente eu as procurasse, razões maiores teria para arrepende-me. Seja como fôr, foi a ocasião unica em que perdi algo das minhas bagagens e tinha a suspeita de haver sido um roubo.

Ficamos até o meio-dia em Dois Rios, saíndo á tardinha e chegando a Goiana ao pôr-do-sol. Como devem estar lembrados eu comprara alguns cavalos em Goiana. No meu regresso ainda conservava dois desses animais, o que prova sua excelencia. Quando atingimos uma legua proxima a Goiana, um desses cavalos tomou um caminho estreito, á direita da estrada, e seu condutor poude faze-lo voltar ao ponto de partida. O outro nos pareceu tão fraco que julguei necessario descarregar e o conduzir pela redea, para que não voltasse. Tinha o aspecto do animal com-

pletamente fatigado. Não tenho explicações, mas supponho que o caminho que ele quizera tomar levava à residência do seu antigo dono e que o animal asini procedera na esperança de que ali se findavam seus trabalhos.

Fui recebido pelos amigos de Goiana com suas maneiras afetuosas, mas encontrara a Vila num estado lamentável pela escassez de viveres. Disseram-me que já morrera uma pessoa de fome, e um morador assegurava que varias senhoras respeitaveis o haviam procurado em casa, oferecendo suas jóias de ouro a troco de farinha. A 15 de Fevereiro, pela manhã, deixei Goiana, ajudando meus homens a cruzar o rio. Logo que todos ficaram a salvo no lado do Recife, adiantei-me, acompanhado de Julio e Feliciano, os tres montados nos melhores animais.

Demoramos, durante o calor do dia, em Igarassú. Meu cavalo reconheceu o lugar, entrando na praça duplicou os passos e, sem ser guiado, foi á porta do albergue de onde recusou sair até que eu desmontasse. Chegamos a Cruz das Almas um pouco depois do crepusculo. John estava preparado para receber-me mas só esperava por mim um ou dois dias depois.

Pela manhã adiante fui a cavalo para o Recife, onde os amigos me recepcionaram como a um homem desaparecido e mesmo o amigo particular a quem escrevera, disse que não esperava ver-me. Quando regresssei a tarde, o resto de minha gente chegara. Feliciano e seus dois companheiros partiram, depois de dois dias, para o Ceará (28). Julio deixou-me igualmente, causando-me muito desprazer (29).

NOTAS AO CAPITULO VIII

(1) Arruda diz que é branca (vide Appendix), então um outro ingrediente fôra misturado a esta que vi. (K).

(2) Cabeça de Vaca é particularmente mencionado, "History of Brazil" vol-I, p-109. (K). A revista do Instituto Historico Brasileiro, LVI, 193, publicou os "Comentarios de Alvaro Nunez Cabeza de Vaca, adelantado e governador do Rio da Prata," redigidos por Pedro Fernandes e tradução de Alencar Araripe. (C).

(3) "Andorinha" era uma corvêta de guerra da Real Marinha Portuguesa lançada ao mar, na Ribeira das Naus, em Lisboa, a 13-março-1797, com a presença do Príncipe Regente dom João. Contou varios encontros vitoriosos com navios francezes, portando-se intrepidamente. Celebre ficou o combate da "Andorinha" com a fragata franceza "La Chiffone", a 19-Maio-1801, no qual o comandante português Inácio da Costa Quintêla bateu-se seis horas, disparando 427 tiros de canhão contra um inimigo muitas vezes superior. Varnhagen informa que Quintêla, depois Almirante, *desceu ao paiol com um murrão acêso, e daí impoz as condições da capitulação, e conseguiu que a fragata, com toda a tripulação seguisse viagem, vindo a entrar na Baía no dia 30 do mesmo Maio, salvando a importante correspondencia, que levava, a respeito da mesma guerra,* ("Historia Geral do Brasil", tomo quinto, p-33). Rodolfo Garcia, o erudito anotador, divulgou (*opus cit*, p-58) o officio de Quintêla e dá outras informações. Como se vê, a "Andorinha" naufragou entre Pará e Maranhão, em fins de 1810 e Koster acolheu um dos sobreviventes, levando-o para o Recife. (C).

(4) *Feliciano shot an antelope*, diz Koster. Trata-se, evidentemente, de um veadinho. (C).

(5) O Rio do Assú, Rio Piranhas, com mais de 600 quilometros, o mais importante do Estado. Nasce na Paraíba e entra no Rio Grande do Norte no municipio de Caicó, tomando o nome "do Assú" ao atingir esse municipio onde forma a grande varzea de terras de aluvião, imensamente fecunda. Desagua no mar, no municipio de Macau. (C).

(6) Em Barléu encontra-se um gravura representando os portugueses cruzando o rio S. Francisco sobre balsas ou barrotes de madeira. Creio que seriam semelhantes aos presentemente usados no Sertão. (K). O *cavalête* sertanejo não é o que se vê no desenho de Post, divulgado por Barléu, *fuga hostis trans fluvium sangalis*. Atravessaram os portugueses e S. Francisco em tabôas, remadas individualmente, e cada soldado viajou de joelhos ou acororado, posição impossivel no *cavalête* que conheço bem. Consta este de um tóro de madeira, cepilhado, com um ou dois tornos numa extremidade. O viajante cavalga-o, segura-se nos tornos ou num deles somente, nadando com um braço. Apenas o dorso está fóra d'agua. Como a madeira é leve, um acidente mortal sucede raramente e quando o *cavalête* é abandonado. A. Métraux informa que "*Les Omagua possédaient à coté de leurs grands canots, des troncs d'arbre (caballito) sur lesquels ils naviguaient assis à califourchon*". "E" justamente o cavalête sertanejo que Koster não chegou a ver. (C).

(7) Angicos, que Koster atravessou vendo apenas uma fazenda comu-nissima, pertencia então aos filhos de Antonio Lopes Viégas, o fundador, falecido em 1805. Uma capelinha se ergueu em 1813 e S. José dos Angicos foi crescendo. Vila séde de municipio a 11-abril-1833, suprimdo a 28-março-1835, teve sua restauração a 13-outubro-1836, e nova extinção a 2-outubro-1847, ressucitando a 27-junho-1850. Cidade de Angicos, pela lei n.º 20, de 24-outubro-1936. Liga-se a Natal pela E. F. C. R. G. N. Vêr *Aluizio Alves*, "Angicos", Irmãos Pongetti editores. Rio de Janeiro. 1940. (C).

(8) *Ema, Rhea americana*, nhandugoaçu, do padre Fernão Cardim, nhanduguaçu, de Maregrav, mereceu registo a todos os cronistas de 1500 e 1600. Diziam-na abundante no Rio Grande do Norte, figurando no braço que João Mauricio de Nassau dõou à Capitania. Barléu explica que "*A provincia do Rio Grande tinha por armas um rio, em cujas margens pisava uma*

ema, por ser ali maior a abundancia dessa ave," ("Historia dos feitos", etc., trad. do prof. Claudio Brandão, p-111/112. Rio. 1940). E', para mim, engano. Trata-se de uma homenagem aos indios Janduis, aliados fieis aos holandeses, indispensaveis para a manutencão da posse. O chefe Jandui, Jandovius, Jan du Wy, denominador do grupo feroz, responsavel pelos massacres, tem a traduçãõ do seu nome em ema-pequena, sendo *Nhan-du-i*, e não *Jandui*. Nhandui, a emazinha, seria ainda, o corredor, referencia a incrível velocidade com que a tribo se locomovia, atendendo aos reclamos flamengos. O moto do braço, *velociter*, ainda mais claro torna o simbolo. Ver o meu "O braço holandês do Rio Grande do Norte", Imprensa Oficial. Natal. 1936. (C).

(9) Diz-se *travessia* no Sertão, a uma jornada seguida, em região des povoada e sem agua. (C).

(10) Dessas cucurbitáceas, a *Cucurbita lagenaria*, Cabaço, e a *Crescentia cujete*, Coité, são de uso múltiplo e secular entre os utensilios domesticos, herdados da indiaría. Os cabaços serviam para guardar sementes do replantio de milho, arroz, nata para manteiga e mesmo certas peças de roupa, como enxovais de creanças. Os tipos maiores eram denominados *combúcas*, e nelas vinha agua doce para beber. Os espécimens, de menor vulto, levavam agua para o trabalhador no campo ou, amarrada pelo gargalo, acompanhava o vaqueiro ou o comboeiro nas estradas. O mel de abelhas era sempre guardado em cabacinhas antes que a garrafa de vidro se popularizasse. Não encontrei entre os sertanejos lendas ou mitos em que figurasse o cabaço. O sr. Carlos Estevão de Oliveira, diretor do Museu Goeldi, em Belem do Pará, recolheu uma tradiçãõ dos indios Apinagé do alto-Tocantins (são gês, havendo outros Apinagé no rio Tapajós, que são tupis), onde a origem da tribo é explicada como tendo Mebapame (o Sol), sacodido os *goroni*, ou *jamarús* (*cucurbita lagenaria*) no rio Tocantins e deles surgido o primeiro casal apinagé, ("Os Apinagé do Alto-Tocantins" Bol. Museu Nacional, vol-VI, n.º 2. Rio de Janeiro, Junho de 1930, p-69). Ha no "Journal de la Société des Américanistes", tomo-VII, Paris, 1910, um interessante estudo de C. V. Hartman, "Le calabassier de l'Amérique tropicale (Crescentia Cujete). Étude d'éthnobotanique." No "Dialogos das Grandezas do Brasil", referente a 1618, (ed. da Academia Brasileira, Rio, 1930, p-187), na conversa de Brandonio sabe-se que "*Tambem ha muitas aboboras, a que chamam de cabaço, de suma grandeza, e outras mais pequenas, que se comem. E das grandes vi algumas que levavam dentro em si dous alqueires e meio de farinha, que são cinco de Portugal*", e Alviano conclue: — "*Onde ha semelhantes cabaças, podem-se escusar sacos, porque alojam mais dentro em si*". (C).

(11) Coipuma, cuipeua, cuipuna, é uma mirtacea, *Leptospermum tinctorium* (C).

(12) A segregaçãõ das mulheres é registada em todos os viajantes do Brasil colonia e reino. São faceis as impressões curiosas encontradas em Spix e Martius, Max de Wied-Neuwied, Saint Hilaire, Lucock, Mawe, Eschwege, etc. São identicas as observaçõs, para todo Brasil. Não cabem aqui os comentarios. (C).

(13) Koster, fiel ao ambiente, escreveu: ...and as he gave him the usual parting embrace, e M. A. Jay traduziu: ...en lui donnant le baiser d'adieu (p-262, ed. de 1846, Paris). (C).

(14) Uma mulata dizia-me: — Filho de mulato, he como filho de cachorro, hum sahe branco, outro pardo e outro negro. (K).

(15) Dr. Manuel de Arruda Camara disse que, antes da terrivel sêca de 1793, era considerado como um dos deveres dos vaqueiros matar o gado bravo, temendo que o gado meio manso se misturasse com as manadas selvagens, tornando-se todo bravo. E ajuntava, que esse processo continuava nos sertões do Piauí. Ele publicou seus trabalhos em 1810 (K).

(16) O sr. *Gustavo Barroso*, no conto "Os Cavalos do Diabo" ("Aosom da Viola", p.714. Rio de Janeiro. 1921) regista um pequeno adágio sobre a relação entre a cor dos cavalos e sua excelencia. Gazeo-sarará não presta nem prestará: Trazes o freio na mão, onde deixaste o teu alazão?; Quem monta em bebe-em-branco (com o focinho branco) monta em cavalo manco: Cardão-rodado (tordilho) nunca pode estar parado; Cardão-pedrez para carga Deus fez; Melado caxito (baio, com pernas e crinas pretas) tanto é bom como bonito; Castanho escuro pisa no mole e no duro. "O prof. *Martins de Aguiar* publicou na revista do Insituto do Ceará (tomo-XLVIII. Fortaleza. 1934) interessantissimo estudo sobre "Os sinais de Galvão". Uma troca de comentarios entre o prof. *Martins de Aguiar* e *Leonardo Mota*, foi publicada no numero subsequente da revista, tomo-XLIX, Fortaleza, 1935. (C).

(17) Os cavalos que têm uma pata branca e outra da mesma cor do corpo, como explica *Koster*, e sujeitos a cair, são *Argeis*, *Alger*, que deu o plebeísmo *argé* ou *agé*, desajeitado, infeliz, desastrado. O dicionario de *Moraes* (ed. 1831) regista: — ARGEL, adj. Cavallo argel; é dos mal assinalados, o que tem malha branca, só no pé direito; ou que tem os sinais atravessados; o que tem o pé e mão direita branca, se diz argel travado; o que tem a mão esquerda e pé direito calçados argel trastravado. Col. de Duarte Nun. Add. 33. "tendo ambas as mãos brancas, argel manalvo." Galvão §. Obra argel; trabalhosa. § Inerte, infeliz. B. P. Ullis. 203. "Doutor argel como cavallo". "Homens argeis como cavalos. "D. Franc. Manuel, Cart. 63. Cent. 4." O sertanejo chama apenas argé ou calçado. Cavallo calçado, dono apeado. (C).

(18) Quando residi no Jaguaribe e na ilha de Itamaracá, nos anos de 1813 e 1814, interessei-me pelo assunto, mas a carne não era boa, como aliás todos os alimentos no Brasil têm menos sabor que suas respectivas especies na Inglaterra. O carneiro no Brasil não é igual ao da Inglaterra, e o mesmo se dá com a carne. (K).

(19) O tenente-coronel João da Silva Feijó, num estudo que publicou no Rio de Janeiro em 1811 sobre o carneiro na provincia do Ceará, disse: — "que o carneiro nesta parte da região tem um pêlo com todos os sinais de qualidade superior, sendo geralmente macia, brilhante, bem frisada, de boa extensão e resistente. "E adiantou: — "que o Governador (o mesmo de quem tenho falado) enviou uma amostra á Inglaterra, onde foi muito admirada e estimada. "Não tenho certamente observação pessoal sobre o carneiro do Ceará, e sua opinião deve ser preferida á minha, sendo esse cavalleiro o naturalista da provincia. Todavia comprei muitos, para comer, e seu pêlo era invariavelmente da maneira que descrevi acima. Quando residi em Jaguaribe e Itamaracá possui grande numero de carneiros, e posso falar positivamente no assunto. (K). João da Silva Feijó nasceu no Rio de Janeiro em 1760, formando-se em matematicas na Universidade de Coimbra. Depois de outros cargos, serviu no Corpo de Engenheiros até o posto de Coronel. Professor na Real Academia Militar do Rio de Janeiro. Membro da Real Academia de Ciencias de Lisboa. A 1-fevereiro-1799 era nomeado Sargento-Mor de Milicias no Ceará, com 400\$ anuais e partiu de Lisboa a 2 de maio, o "sargento-mór bacharel empregado no descobrimento das minas de salitre e mais assuntos de historia natural nas terras da Capitania do Ceará. "Embarcando em Pernambuco, foi obrigado a saltar na Baía da Traição, fazendo o trajecto a pé, durante trinta e dois dias, até Fortaleza, onde chegou a 24 de outubro do mesmo 1799. Sacramento Blake menciona a monografia aludida por *Koster*: "*Memoria economica sobre a raça de gado lanigero da Capitania do Ceará, com os meios de organizar os seus rebanhos*

por princípios ruraes, aperfeiçoar a especie atual das suas ovelhas e conduzir-se ao tratamento delas e das suas lãs em utilidade geral do Comercio do Brasil e prosperidade da mesma Capitania. Escrita e oferecida ao Príncipe Regente. Rio de Janeiro. 1811. 38 pags. in-8". Foi reimpressa no "Auxiliador da Industria Nacional" em 1842. João da Silva Feijó faleceu no Ceará a 9 de março de 1824. (C).

(20) A vacina começou seu uso neste país a despeito dos preconceitos 1815. (K). Martius informa que, nos anos de 1817 a 1818, foram inoculadas 2.241 pessoas, no palacio do governo, e que a linfa, em geral, era vinda da Inglaterra ("Viagens", 2, 317, nota-2). Frederico Caldeira Brant Pontes, ministro de Estado, Senador do Imperio, Marquês de Barbacena (1772-1842) foi, em 1804, quando residia na Baía o introdutor da vacina jeneriana no Brasil. Mandou, a 8-agosto-1804, sete escravos seus com o cirurgião Manuel Moreira da Rosa, no navio "Bom Despacho", recomendados ao cirurgião-mor da Armada Portuguesa, Teodoro Ferreira de Aguiar. Este ensinou o processo a Moreira da Rosa que inoculou os escravos durante a travessia, trazendo, desta forma, o pus à Cidade do Salvador. O primeiro vacinado foi o proprio filho de Barbacena, Felisberto, com dois anos, e que faleceu no Rio de Janeiro, a 28-5-1906, com 104 anos de idade, depois de prestar grandes serviços ao seu país. Vêr Antonio Augusto de Aguiar, "Vida do Marquez de Barbacena", p-9/10. Rio. 1898. (C).

(21) Yaws, framboesia, é a pian ou miã, boubas, *Polipapilloma tropicum*, de Charlcuis, cujo agente, o *espirocheta pertenuis*, foi encontrado em 1905 por Aldo Castellani. No seculo XVI já o registavam Thevet, Jean de Lery e Gabriel Soares de Souza. Piso confundindo-o com uma manifestação sifilitica, informava: — *Quasi quidam lues huic regioni est Endemia, & Bubas ad Hispanis, atque Miã Brasilianis appellatur*. O erudito dr. Artur Neiva ("Estudos da Lingua Nacional", p-222. Vol-178 da "Brasiliana", S. Paulo. 1940) mostra como piã é nome tupi da framboesia tropica que os escravos africanos trouxeram. Vêr Otavio de Freitas. "Doenças Africanas no Brasil", (vol-51 da "Brasiliana", p-45. S. Paulo. 1935) e Rodolfo Garcia, nota-12, p-121 no "Dialogos das Grandezas do Brasil. (C).

(22) *rancid Irish butter is the only kind which is to be obtained*, escrevia, assombrado, Koster. Antes dele, o principe Max de Wied-Neuwied notára o mesmo nas terras mineiras e baianas, chegando a conclusões simplistas de que não sabiam fazer manteiga porque o calor impedia a conservação e o alto preço do sal a faria carissima. "Reich nach Brasilien", II, p-173/174. Von Martius anotara que *o Rei que tem tão perto da sua residencia uma das mais belas manadas de vacas, precisa contentar-se com manteiga irlandesa salgada, que andou viajando alguns mezes*. "Viagem", I, p-174. Rio de Janeiro. 1938. (C).

(23) Esse ramo do comercio desenvolveu-se rapidamente. (K).

(24) Vide appendix para maiores detalhes sobre essa cêra. (K). A primeira amostra de cêra de carnaúba fóra enviada ao Conde de Galveas pelo Governador do Rio Grande do Norte, José Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque. Galveas presenteou-a a Lord Grenville que a enviou a Londres. Serviu para o estudo de William Thomas Brande, "An Account of a Vegetable Wax from Brazil" no "Nicholson's Journal", volume-XXXI, pagina-14. (C).

(25) Vide Appendix para maiores informações sobre essa planta. (K).

(26) Durante o ano de 1813 estava eu uma tarde com os amigos quando ouvi um cavalheiro perguntar aos do grupo se entre os ingleses presentes alguém deixara um cavalo em sua propriedade. Voltei-me e reconheci o Coronel de Cunhaú. O cavalo me foi enviado um mez depois. (K.) E' surpreendente a memoria visual dos vaqueiros para reter e desenhar os fer-

ros que marcam o gado alheio e proprio. Nos segredos desse armorial barbaro existem os Reis d'Armas de infalivel sentença, indicando a ribeira, precedencia e minucia do animal pelo simples exame do *ferro*. Vezes, nas fazendas situadas em lugares de encruzilhada, deixam, gravados a fogo, nas grandes arvores, os *ferros*, como num arquivo, para exhibição e facil confronto. Assim, numa imensa oitocica, (*Pteragina umbrosissima*) tantos eram os sinais sue ficou conhecida, em meados do seculo XVIII por "*Pau dos Ferros*". Perto cresceu a povoação, Vila a 4-setembro-1856, Cidade de Pau dos Ferros, a 2-dezembro de 1924, no Rio Grande do Norte. *Gustavo Barroso* divulgou um quadro dos "*ferros*", p-349, do seu "*As colunas do Templo*", S. Paulo, 1932. (C).

(27) O processo, apesar das injeções anti-ofidicas e postos medicos, é, em linhas gerais, o mesmo pelo sertão. Tres ou quatro vezes assisti ao tratamento, ministrado pelos *curiosos* ou mesmo *curadores*. Martius regista com maiores detalhes uma cura por dentada de cobra ("*Viagem*" 1, 284/285) onde vem a proibição da proximidade feminina. As mulheres só se podem encarregar do tratamento de um *mordido-de-cobra*, maiores de 50 anos porque, antes dessa idade, elas proprias são venenosas. (C).

(28) Em 1812 encontrei Feliciano e um outro, que era seu cunhado, numa das ruas do Recife. Reconheceram-me e me fizeram para segurando-me por cada lado da roupa. Perguntaram se eu novamente ia viajar porque, não estando eles empregados, acompanhar-me-iam. Suas maneiras tinham mais a apparencia de uma violencia que as demonstrações de velha amizade, tanto assim que um ou dos amigos, que acidentalmente iam passando, se detiveram para saber o que havia, supondo que eu estivesse n'algum barulho. Esses companheiros só me deixaram quando lhes respondi todas as perguntas. Sua fidelidade parece desmentir o que disséra desfavoravelmente ao caracter dos indigenas. Infelizmente uma prova individual pouco demonstra. (K).

(29) Eu pensara que ele não tinha mais a interção de retomar meu serviço, mas, na minha segunda viagem a Pernambuco, encontrei-o na casa de um dos meus amigos empregado como creado, e soube que regressára dois dias depois da minha partida do Recife, com o desejo de ficar comigo, mas não me encontrando, entrara para o serviço onde o vira. Julio é uma excepção a todas as más qualidades dos indigenas e se eu fosse outra vez viajar nessa região, faria todo possivel para te-lo em minha companhia. Ele pertence a Alhandra. (K). Alhandra, Arataguí ou Urutuahú, povoação a nove leguas de João Pessoa, na Paraíba. Séde de uma missão de tabajaras, dirigida pelos jesuitas (Coriolano de Medeiros). Vila cerca de meio seculo. Está decadente. (C).

CAPITULO IX

VIAGEM DE PERNAMBUCO AO MARANHÃO. CHEGADA AO MARANHÃO. REGULAMENTOS DO PORTO. S. LUIZ. FORTES E CASERNAS. BAÍAS DE S. MARCOS E DE S. JOSÉ. ITAPICURÚ. S. LUIZ. INDIOS SELVAGENS. O GOVERNADOR DO MARANHÃO. PESCADORES. CAVALOS DE S. LUIZ. UMA ANEDOTA. LIVROS. ALCANTARA. UM FRADE FRANCISCANO. REBELIÃO DE ESCRAVOS. VOLTA DE ALCANTARA. SOCIEDADE EM S. LUIZ. NEGOCIANTES. ANEDOTA DO ESCRAVO MULATO. REGRESSO À INGLATERRA.

Oito dias depois do meu regresso do Ceará chegou um navio da Inglaterra trazendo cartas que me obrigavam a deixar Pernambuco e ir ao Maranhão. Como o barco não obtivesse carregamento nesse primeiro ponto, o consignatario resolveu manda-lo ao Maranhão e eu, deseioso de aproveitar as vantagens da primeira oportunidade, preparei-me para a viagem e largamos no fim de quarenta e oito horas.

Levantamos ancora a 25 de Fevereiro e fizemos uma feliz travessia em sete dias. Tivemos sempre terra á vista e, ocasionalmente, aproximamo-nos mais porque a embarcação era pequena e o patrão desejava, o quanto fosse possivel, reconhecer o litoral. Os navios portuguezes raramente navegam por essas costas sem piloto, e não é prudente o contrario, mas nós só podiamos obter um retardando a partida e o patrão se opoz. Esse, fortuitamente estivera fóra dos mares britannicos mas era de bôa escola e seguiu a rota do Maranhão com a habilidade de um piloto experimentado. A costa é muito conhecida para

ser perigosa. E' uma terra baixa, a maior parte sêca e desolada, particularmente depois de haver-se transposto o Rio Grande. Entrámos na baía de S. Marcos com a sonda na mão, tomando o canal de leste *no baixo do meio*, passando o Forte de S. Marcos, e viemos ancorar no lado oposto e perto dos bancos de areia que estão á entrada do porto de S. Luiz. Não aparecendo um piloto, o patrão e eu fomos num bote procurando encontrar um, mas quando iamos perto do Forte de S. Francisco um tiro de pólvora sêca foi disparado e a sentinela fez sinal que voltássemos para bordo. Remamos para o Forte e nos aproximávamos quando, atravez de enorme porta-voz, recebemos ordem de não ir á Cidade. Não obstante isto, saltei no Forte e disse ao official que o patrão estava particularmente desejoso de ter um piloto por não conhecer a baía e o porto e era sabido conter muitos bancos de areia. Responderam que o piloto chegaria oportunamente e, sem resultados nos nossos protestos, regressamos para o navio. Quando o piloto appareceu, foi acompanhado por um soldado e um official da Alfandega. Com muita difficuldade conseguí persuadir ao patrão que consentisse subir a bordo o primeiro desses homens. Marinheiros e soldados nunca estão de bom acordo e o inglês brusco disse não ter ideia que seu navio fosse tomado por um camarada de jaquêta colorida. Era o novo regulamento. Verdaderamente, com todas as exigencias relativas ao porto do Maranhão, recordei-me do velho proverbio do "muito barulho e pouco trabalho". Quando o brigue entrou no porto recebemos a visita da Saúde e da Alfandega. Era composta de muitos homens, bem vestidos, alguns dos quais usavam tricornios e espadas, e todos comeram muita manteiga e queijo e beberam bastante Porter. O Administrador da Alfandega estava entre eles e vestia um uniforme de official de cavalaria. Dificilmente expressar-

se-ia a estupefação do patrão do brigue ante a conduta desses homens. Estava habituado a entrar nos nossos portos onde os negocios decorrem quietamente, e me disse, entre serio e risonho — “Já não é apenas um mas uma multidão que vem tomar-me o barco.” — Depois de todos esses personagens e de toda balburdia que nos causaram, fui obrigado a passar a noite a bordo porque o Guarda-Mor, official especialmente designado para impedir o contrabando, não nos viéra visitar. Afortunadamente eu encontrara meios de enviar para terra algumas cartas, doutra forma os negociantes, que eram consignatarios, ignorariam a chegada do navio vinte e quatro horas depois da sua vinda. Para tornar a noite mais agradável caíu abundante chuva. O convez era esburacado, e, pela meia noite, fui obrigado a levantar-me e procurar um canto enxuto.

A cidade de S. Luiz, situada na ilha do Maranhão, capital do Estado do Maranhão, é a residência de um Capitão-General, séde de um Bispado, (1). E' construída num terreno muito desigual, começando á beira d'agua e se estendendo milha e meia na direção do E. N. O. espaço que ela ocupa podia conter muito mais habitantes do que atualmente conta, mas a cidade é edificada espaçadamente, compreendendo muitas ruas e praças. Com essa disposição o ar circula livremente, o que é realmente agradável para um clima tão quente. A situação para o oriente da ilha, sobre a margem duma enseada, quasi exclúe a brisa do mar e a torna menos sadia do que sendo maiormente exposta. A população pôde ser computada em cerca de 12.000 pessoas ou mais, incluindo negros, proporcionalmente avultados e mesmo superiores em massa aos de Pernambuco. As ruas são, em sua maioria, calçadas mas não ha conservação. As casas são limpas e bonitas, tendo apenas um andar. O terreo é aproveitado pelos creados, lojas, armazens, sem janelas como em Pernam-

buco. A familia reside no alto e as janelas se abrem para o terreo, sendo ornamentadas com balcões de ferro. As igrejas são numerosas e entre elas estão os conventos dos Franciscanos, Carmelitas e outros (2). O interior das igrejas é ricamente decorado mas não ha ordem architectural seguida na construção desses edificios, exceptuando os Conventos, aos quais pertencem as melhores impressões. O palacio do Governador está sobre um terreno elevado não distante da beira d'agua, e com a fachada para o lado da cidade. E' um longo edificio, construido em pedra, apenas com um andar. A entrada principal é larga mas sem portico. A ala de leste se reúne á Casa da Camara e prisão, parecendo pertencer á mesma e unica construção. Deante está uma praça oblonga, vestida de relva que lhe dá um formoso e suggestivo aspecto. Uma das extremidades dessa praça abre para o porto e uma fortaleza, feita perto d'agua. O outro lado é quasi inteiramente tomado pela Cathedral. Uma face é occupada, em sua maior porção, pelo palacio, e o espaço oposito pertence ás residencias e ruas que descem, conduzindo para outras partes da cidade. O solo desta praça é composto de uma especie de pedra vermelha, de forma que as pequenas ruas que vão á cidade e que não estão ainda calçadas, ficam cheias de regos onde as'aguas escorrem na epoca das chuvas. Essas ruas são constituídas de habitações terreas e cobertas de palha. Com as janelas sem vidros, as casas têm uma apparencia humilde e triste. A cidade possui casa da Alfandega e a Tesouraria. A primeira é pequena mas muito espaçosa para os negocios que a occupam.

O porto é formado por uma angra na ilha e sua entrada é na Baía de S. Marcos. O canal é de sufficiente profundez para os navios comuns de carga, mas é estreito e não pode ser navegado sem piloto. Na face contraria á cidade, a agua é raze nas vazantes. E' de notar que

as marés crescem gradualmente ao longo do litoral do Brasil, do sul para o norte. No Rio de Janeiro a altura é insignificante. Em Pernambuco, de cinco a seis pés. Em Itamaracá, oito pés e no Maranhão, dezoito.

As fortalezas do Maranhão estão todas, dizem, em pessimo estado. Ouvi uma pessoa observar, meio serio, que não supunha existir em cada forte mas de quatro canhões em condições de disparar. Não vi o forte de S. Marcos, situado á entrada da baía, mas afirmam que está em situação identica á dos outros. Os que vi são pequenos e construidos de pedra. Os soldados são bem vestidos e bem alimentados e mostram um aspecto soberbo. Os quartéis são amplos e novos, relativamente falando, e foram erguidos no outro lado da cidade, em lugar arejado. A guarnição consiste em um regimento de Infantaria regular, cerca de mil homens quando completo, mas estão muito divididos, estacionando nos varios fortes. Os recrutas são constituídos pelas classes baixas e pessoas brancas e homens de côr. Os homens jamais se exercitam ña artilheria, apenas seguindo a rotina normal de montar guarda. Em certas ocasiões, porem, pequenos destacamentos são enviados para fóra da ilha no proposito de defender os agricultores contra os assaltos dos indios-selvagens.

A ilha do Maranhão forma o flanco S. E. da baía de S. Marcos, consequentemente esta fica a oeste daquela. A leste da ilha fica a baía de S. José. Dada a semelhança entre a ponta de Itacolumi, pela qual se orientam os navios para demandar a baía de S. Marcos, e outra ponta de terra na pequena ilha de S. Ana, que se vê á barra da baía de S. José, tem acontecido que os barcos, confundindo a ultima com a primeira, entrem na baía de S. José. Esse erro causa grandes inconvenientes e perigos porque, devido á prevalência dos ventos de leste, é quasi impossivel

um navio tomar seu caminho alem deste. E', ás vezes, obrigado a viajar por um canal estreito entre o continente e a ilha do Maranhão, travessia com dificuldades consideraveis (3). A baía de S. Marcos é semeada de muitas ilhas bonitas e é suficientemente extensa para admitir uma ideia de grandeza. Sua largura, de S. Luiz ás margens contrarias, é entre quatro e cinco leguas. O comprimento é muito maior, mas, na extremidade sul ha varios bancos de areia e as aguas são razas. Recebe aqui a corrente de um rio, em cujas margens estão situadas varias fazendas de gado, mas as ribas do rio Itapicurú, que corre num apertado canal entre a ilha e a terra-firme, goza de maior area cultivada. São terrenos extremamente fertéis e neles estão estabelecidas as principais plantações de algodão e artigos ponderaveis no comercio da cidade de S. Luiz. A ilha, propriamente, é pouco trabalhada. As plantações não são extensas. Alguns negociantes ricos, residindo na cidade, têm casas-de-campo, distante uma legua, mas o restante das terras está inculto, devido, dizem, a incapacidade do solo, improprio para a agricultura (4). Ha uma trilha que atravessa da ilha para uma casa situada na face oposta á embocadura do Itapicurú. Aí permanece uma canôa que serve para transportar as pessoas de um para o outro lado. Uma outra via conduz á povoação e á capela de S. José.

A importancia da provincia aumenta com rapidez. Ha sessenta anos não exportavam algodão e eu soube que, quando a primeira carga estava em ponto de ser embarcada veio uma petição de muitos moradores á Camara ou Municipalidade, requerendo que a exportação fosse proibida por pensarem que o artigo fizesse falta ao consumo local. Não foram atendidos e hoje o numero de sacos exportados anualmente, é entre quarenta e cincoenta mil, pesando, na media, 180 libras cada um (5). A quantidade de

arroz que se colhe é avultada (6), mas o açúcar necessário para o consumo da provincia é trazido dos portos do sul. Ultimamente têm plantado cana de açúcar mas até agora produzem apenas melação (7). Ouvi que varias pessoas asseveravam que as terras não são proprias para a cultura da cana de açúcar (8). O algodão e o arroz são expedidos de S. Luiz em barcos de 25 a 30 toneladas. Vêm das plantações, descendo pelos rios ao sabor da correnteza. A volta não é tão facil, obrigando o emprego do remo ou do varejão, mas como estão vazios, ou quasi vazios, a dificuldade não é insuperavel.

Grandes quantidades de mercadorias vieram da Grã Bretanha depois que se abriu o trafego para o porto principal e outros na costa, mas o saldo das vendas não foi satisfatorio. A provincia do Maranhão não pode sofrer confronto com a de Pernambuco. Ainda está numa idade infantil. Existe indios bravios e as plantações no continente estão sob o perigo de seus assaltos. A proporção das pessoas livres é pequena. Os escravos têm muita preponderancia, mas essa classe necessita de pouca cousa, no tocante aos gastos, quando o clima dispensa o luxo. Existe uma grande desigualdade de posição em S. Luiz. As principais riquezas da região estão nas mãos de poucos homens, possuidores de propriedades prosperas, com extensões notaveis, grupos de escravos e ainda são negociantes. A fortuna dessas pessoas e o caracter de alguns individuos fundamentaram seu grande poder e importancia e, logo um Governador verificou á sua custa que sem o seu concurso era inutil tentar a introdução de melhoramentos planejados, e impossivel atropelar, por longo tempo, o resto da comunidade. Essa grande desigualdade denuncia que o adiantamento local se faz menos rapido que nos outros estabelecimentos meridionais, onde a sociedade

é mais amalgamada e a terra mais dividida. Como porto de commercio com a Europa, S. Luiz é apontado em quarto lugar, e na classe de importancia, segue Rio de Janeiro, Baía e Pernambuco.

Os indios selvagens atravessam, acidentalmente, do continente para a ilha, e cometem depredações nas casas e jardins dos arredores de S. Luiz. Alguns desses indigenas têm sido, em varios encontros, feito prisioneiros e são levados para a cidade onde não ha o menor esforço para um trabalho de conciliação. Não cheguei a ver algum, mas são descritos como seres espantosos, com feições excessivamente feias, longos cabelos negros, caindo no rosto e nas costas. São de uma côr de cobre escuro, mais escuros que os domesticados. Os ultimos individuos presos foram conduzidos para a cidade inteiramente nús, levados para uma prisão fechada, na qual, disseram-me, morreram todos. Não consegui saber que se tivesse tentado reenvia-los como mediadores ou que qualquer plano de pacificação haja sido intentado, mas, quando mencionam esse assunto é para afirmar, como muitas vezes ouvi, que o metodo do rigor era o unico digno de ser empregado. Não creio que seja essa a opinião geral, mas não tenho esperanças que apareça algum desejo de cuidar da sua civilização. Já não ha missionarios entusiastas. Os Jesuitas não existem nessa região (9) e as outras Ordens ou frades são preguiçosos e porisso completamente inuteis. Os indios não podem ser escravizados, ou, pelo menos, já não são caçados como gado bravo, pratica antigamente comum. O nome que se dá, aqui e em Pernambuco, a todos os indios selvagens é Tapuia, e Caboclo é aplicado ao indio domesticado.

Depois de haver dado o esbôço do lugar onde cheguei, permitam que agora deixe meu alojamento a bordo

do brigue e desça á terra, o que fiz na manhã immediata á entrada no porto. Encontrei no cáis um amigo, jovem portugûes com quem travara relações na Inglaterra e em Pernambuco. Disse-me que era necessario ir a palacio apresentar meu passaporte, porque os regulamentos do Porto eram obedecidos estrictamente e mesmo aumentados ha pouco tempo. Verifiquei que, pela primeira vez, eu não tinha passaporte, havendo esquecido de obtê-lo devida á pressa com que deixara Pernambuco. Essa noticia nos aturdiu. O meu amigo ficou receoso que eu fosse preso porque o Governador não era amigo dos inglêses, mas deliberei passar como sendo o immediato do brigue, e fomos juntos a palacio. A entrada estava guardada por duas sentinelas e encontramos outras quando subiamos as escadas para a ante-camara onde fomos recebidos por um amavel official que ouviu quanto lhe tinha a dizer, não fazendo perguntas e nos despediu prontamente. Acreditei ter visto o grande homem pessoalmente mas me desengañaram dizendo que raramente consente em honrar alguém com uma audiencia. O official com que tinhamos conversado era um tenente coronel do Regimento de Infantaria regular. A guarda de palacio é composta por uma companhia, e os mosquêtes, ensarilhados no saguão, pareceram-me em perfeito estado.

Depressa percebi que S. Luiz era governada pelo poder mais despotico. O povo temia falar e os homens não sabiam se seriam presos pela mais insignificante expressão, sendo difficil escapar. O Governador era tão orgulhoso pelas honras devidas á sua situação que exigia que todas as pessoas que atravessassem a praça, defronte do palacio, o fizessem descobertas, até transpor o mesmo edificio. O Governador não estava sempre á vista, mas essa adoração foi julgada necessaria para o predio dentro do

qual ele residia. A distinção somente reservada pela Igreja Romana aos seus altos dignitários, não foi, de forma alguma, esquecida por Sua Excelencia, demasiadamente exaltado por si mesmo. Os sinos da Catedral ressoam todas as vezes que ele sai de carruagem. As pessoas, da alta sociedade, devem parar o carro ou o cavallo, quando o encontram, e só retomar a marcha depois da sua passagem (10). Fui apresentado a muitos dos mais prestigiosos negociantes e plantadores, particularmente aos coroneis José Gonçalves da Silva e Simplicio Dias da Silva, este é o sub-governador de Parnaíba, pequeno porto situado a tres graus a leste de S. Luiz (11). São homens de grande riqueza e de espirito independente. O primeiro é pessoa idosa e realizou imensa fortuna no commercio, ultimamente acrescida pelo plantio do algodão. Possui de 1000 a 1500 escravos. Numa ocasião, o mulato que guiava seu carro, mandado parar pelo amo porque o Governador ia passar, recusou obedecer. No dia seguinte um official procurou o velho cavalheiro em sua casa com ordens de prender o escravo. O coronel mandou-o chamar e disse: — “Vá, mas eu terei cuidado com você”. E ao official, ajuntou: — “Diga a Sua Excelencia que eu ainda tenho muitos cocheiros”. Para surpresa de quantos estavam na prisão, dois homens apareceram pela tarde com uma bandeja, coberta com toalha ricamente bordada, e cheia dos pratos mais saborosos, doces e vinhos, nada sendo esquecido. Era tudo para o cocheiro, e se repetiu tres vezes por dia até que o homem recebeu ordem de liberdade (12).

O coronel Simplicio fôra chamado a S. Luiz pelo Governador. Não fossem as circumstancias em que se encontrava, teria eu ido á sua residencia em Parnaíba. Tem ele casa magnifica, banda de musica composta por seus escravos, alguns dos quais educados em Lisbôa e Rio de

Janeiro. Só é possível esperar melhoramentos de homens como esses (13).

Conheci também um cavalheiro que fôra aprisionado por uma leve infração ao novo regulamento do Porto. Alguns amigos conseguiram permissão de visita-lo, e passei tardes magnificas com ele e outras pessoas que habitualmente aí se reuniam. O alojamento na prisão era de duas pequenas peças, e ficou, desta forma, encarcerado varios mezes. O Ouvidor da provincia fôra suspenso do exercicio de suas funções, afastado de S. Luiz e preso num dos Fortes. O Juiz de Fôra, segunda autoridade judiciaria, substituirá-o. Era um brasileiro, homem de caracter independente, falando e agindo livremente, não obstante o lugar ostensivo que occupava e o perigo que corria sob um tal governo. Um capitão de navio inglês também fôra preso por uma outra pequena infração ao regulamento portuario. Ficou tres dias confinado num miseravel cubiculo. Soube de muitas historias no mesmo genero, mas essas são bastantes, creio, para uma ideia da situação da cidade de S. Luiz na epoca em que a visitei.

O Governador é ainda bem moço e é membro de uma das familias mais nobres de Portugal (14). Ha poucos lugares onde um homem tenha o poder de se fazer amar ou odiar, como o de Governador de uma provincia no Brasil. Um homem pôde ser o bemfeitor ou o carrasco do povo por ele governado.

A residencia do amigo onde eu estive durante a visita ao Maranhão, ficava situada á beiramar, quasi ao alcance do apito dos navios que ancoravam no porto. Distraia-me ás vezes vendo a rapidez com que os pescadores remavam nas canôas, que são compridas mas permitem apenas dois homens sentados de frente. Vi algumas que comportavam dezesseis remeiros, em duas filas, tendo cada

um o remo, com que se movimenta veloz e regularmente. Os ultimos homens que se assentam no derradeiro banco, dirigem a canôa, pondo os remos como lemes. Um ou outro dos homens orienta a direção para o navio a que se destinam. Esses marinheiros são escuros, mulatos ou negros, e completamente despidos, exceto a cabeça onde põem um chapéu. Vindo a terra, cobrem-se parcialmente com um pano. A gravura dará uma idéia da extranha apparencia que eles têm. A nudez do escravo é insufficientemente occulta. Homens e mulheres são despidos da cintura para cima, excetuando os domingos e dias santos. Embora o clima não exija muitas roupas, a decencia devia ser atendida. Falo dos escravos que trabalham nas ruas, porque os servos domesticos são toleravelmente vestidos, alguns com asseio e outros com elegancia. Em Pernambuco os escravos são sempre decentemente vestidos. Os criminosos que vimos acorrentados juntos, como em Pernambuco, são mais numerosos, e passando pelas ruas, o retinir das cadeias é constantemente ouvido, lembrando aos homens o espirito do governo sob o qual vivem. O poder do Governador é tal que uma pessoa respeitavel pode ser sentenciada a esse horrendo castigo, no mínimo até que a justiça possa ser obtida na séde do Governo supremo, no Rio de Janeiro, num periodo de quatro mezes ou ainda mais. Levara comigo o cavallo que me servira até o Rio Grande, quando de minha viagem ao Ceará, e fiz varios passeios nas vizinhanças da cidade, com um inglês aqui residente.

As estradas são extremamente más, mesmo nas proximidades de S. Luiz, e o nosso habitual passeio se limitava a fazer, por varias vezes, o circulo derredor do terreno onde as casernas estavam edificadas. Maranhão é ainda, sob esse aspecto, inferior ao lugar que ultimamente deixei. O numero das casas-de-campo é diminuto e as

trilhas são raras e pouco tratadas. Não obstante isso muitas pessoas possuem carruagens, com formato igual ás usadas em Lisbôa, e semelhantes aos *cabriolets* a dois cavalos, como vimos na França e em Flandres. Os cavalos que podem ser adquiridos em S. Luiz; são pequenos e poucos têm boas formas. A relva é escassa e o incentivo á equitação é raro porque o numero de animais, na ilha, é reduzido, e é uma das causas essenciaes para a não existencia de bons cavalos. Se fossem vendidos a bom preço, sem duvida viriam do Piauí ao Maranhão, tendo as difficuldades minimas que experimentaria quem os trouxesse do interior de Pernambuco ao Recife.

Um inglês, que eu conhecia, chegou ao Maranhão pouco depois da abertura do commercio aos navios ingleses. Uma tarde fôra galopar pelos arredores da cidade, quando uma velha mulher se aproximou para perguntar-lhe se era verdade a vinda de um inglês, porque ela desejava ir a S. Luiz para ver *esse bicho*. Depois de longa conversação sobre o assunto, disse-lhe que o *bicho* com quem estava falando era o inglês em pessoa. A verdade é que difficilmente a persuadiu da veracidade, mas quando ela se convenceu, exclamou: — “ai! tão bonito!” Esperava ver uma féra horrendamente feia, de perigoso contacto, e estava, por consequencia, agradavelmente surpreendida do seu engano, vendo carne e sangue reunidos num formoso aspecto humano.

Estive arriscado a perder certo numero de livros que trouxêra comigo. A caixa que os continha fôra para a Alfandega, onde os retiraram e pediram que traduzisse os titulos, o que fiz. Embora livros de historia, percebi que o official que os examinava, estava pouco inclinado a devolver-m’os, e um amigo informou que os devia julgar perdidos. Enviei, immediatamente, uma petição ao Governamento.

dor, solicitando permissão para manda-los a bordo, o que me foi concedido, e desta maneira os recuperei. Com um maior retardamento, estou certo de que jamais os tornaria a ver. São tantas as dificuldades que se experimenta com livros nos portos do Brasil que percorri, que o unico recurso para te-los é o contrabando (15). Espero, todavia, que o ilustrado Ministro que está a frente dos negocios no Rio de Janeiro, ponha fim a essa terrivel barreira á instrução (16).

Conduzira uma carta, de um meu conhecido de Pernambuco, para um amigo que morava em Alcantara, cidade na margem oposta á baía de S. Marcos (17). O meu amigo de S. Luiz, um jovem português e eu, acompanhados por dois creados, resolvemos alugar uma embarcação e ir fazer-lhe uma visita, e ver o lugar. Alugamos uma pequena embarcação e saímos, manhã cedo, com um vento brando mas favoravel. Somente quando atravessamos a baía vemos as suas belezas. O numero de ilhas transforma a visão cada cinco minutos, pelo descobrimento de novos pontos escondidos ou pela mudança na forma da paisagem, devido ao avanço do barco. A entrada para o ancoradouro de Alcantara, a vila mesma, o tamanho do barco em que iamos, lembravam-me muito mais uns modelos que a propria realidade. O lugar, o porto e o barco que era tão diminuto, as dimensões proporcionadas, tinham apparencias de brinquedos. Não entramos com a facilidade de uma embarcação pequenina num porto largo porque, havendo pouca agua na barra, foi necessaria tanta pilotagem quanta precisaria um grande navio para ancorar em S. Luiz. Gastamos cinco horas para ver o fim da nossa viagem. Os boteiros conseguiram uma cabana na praia e, querendo ter os movimentos livres, mandamos cozinhar as nossas vitualhas pelos dois creados, mas apenas estavamos acomodados em nossa nova habita-

ção, a pessoa para quem trazíamos a carta compareceu pessoalmente. Sabia da nossa chegada e insistiu para que fossemos para sua casa.

A vila está edificada numa colina semicircular e, ao primeiro olhar, vista do porto, parece linda mas perde bastante com um exame mais demorado. Muitas casas têm um andar e são construídas de pedra mas, em maioria, possuem apenas o pavimento terreo. Elas se estendem por grande distancia e de maneira dispersa, separadas com jardins e com espaços vazios de permeio. Muitas casas são cobertas de palha e varias precisam de reparação. Como a colina que se ergue á beira-mar não é muito alta e a terra se estende do outro lado, na direção oposta, a peor parte da vila não póde ser enxergada ao primeiro exame. Alcantara, não obstante, está em situação vantajosa e sua importancia cresce rapidamente e suas terras mais vizinhas são procuradas para o plantio de algodão. Um bonito cáis de pedra está sendo construído num angulo saliente de terra, derredor do porto se multiplicam as casinhas. O lugar conta uma Casa da Camara e prisão e varias igrejas. Passamos a tarde com o nosso novo amigo e seu socio, ambos creaturas agradaveis. O ultimo nos levou a uma igreja proxima para que ouvíssemos um famoso pregador e pudessemos ver a moda e a beleza do local. Havia uma multidão, mas vimos pouco ou nada da congregação. O pregador, alto e formoso frade franciscano, com fina tonalidade e voz sonora, pronunciou um discurso florido, com muita energia e vivacidade. Esse e outro homem, são as unicas pessoas que ouvi pregar no Brasil e que exclúo dos discursos usuais sobre a Virgem e os Santos. Foi um bom sermão, aconselhando deveres morais, embora, no ritmo do costume estabelecido, vez por outra, mencionasse o Veneravel em cuja honra se fazia

a festa (18). O dia imediato se passou agradavelmente em palestras e, pela tarde, dois violinistas foram trazidos, e varios rapazes vieram reunir-se ás distrações da recepção. Não havia cerimonia, mas a conduta dessa gente é polida e sua conversação alegre.

Contaram-me que em certa propriedade onde os escravos eram numerosos se rebelaram estes e mais de um administrador fôra assassinado por eles, e bastante tempo ficaram sem ninguem para dirigi-los, mas não abandonaram a habitação. Estavam as cousas nessa maneira, quando um português se apresentou ao dono da terra oferecendo-se para ocupar o lugar, mediante o salario anual de um conto-de-reis, cerca de 250 £ (uma quantia enorme) contanto que um documento fosse assinado, desobrigando-o da responsabilidade pelos escravos que fosse obrigado a matar para reduzir os restantes á obediencia. Tudo foi aceito sem objecção, e o homem partiu, acompanhado por dois outros, seus amigos, um guia, todos bem providos com armas de fogo e munição. Chegando a tarde ao local da ação, encontraram aberta a porta da casa-grande e se alojaram todos. Na manhã immediata, muitos dos negros, descobrindo as intenções das pessoas que se haviam apossado da casa, reuniram-se numa area defronte, mas a uma pequena distancia. O novo administrador surgiu á porta, desarmado, não permitindo que seus companheiros apparecessem, e chamou um dos chefes negros pelo nome, como se tudo ocorresse normalmente. O homem respondeu e saiu do grupo mas não se aproximou do ponto onde o chamavam. O administrador não perdeu tempo. Tomando rapidamente um mosquête carregado que estava atraz da porta, fez fogo, e sem demora chamou outro dos escravos pelo nome. Ninguem respondendo, os companheiros do administrador fizeram fogo sobre os escravos. Foi tal o efeito desse processo sumario de proceder que,

em dois ou tres dias, tudo estava tranquilo, voltando os habitos antigos, evadindo-se um numero insignificante.

Voltando de Alcantara tivemos uma travessia desagradavel porque o vento soprou aspero e umas rafadas de chuva fizeram supor não ser possivel alcançar o porto de S. Luiz. O nosso barcò não tinha camara mas possuia convez, e nós fomos obrigados a refugiar-nos na coberta onde não podiamos ficar de pé e a agua que entrava molhava nossos pés. Mesmo assim continuamos de bom-humor e chegamos a salvo. Não longe da bôca do porto de Alcantara está situada uma ilha de tres milhas de longa e uma de largo, chamada Ilha do Livramento. E' habitada por um homem e uma mulher que têm o encargo da capela dedicada a Senhora do Bom Parto (19), a qual é visitada pelos moradores das terras vizinhas, uma vez por ano, para celebrar a festa da invocação da Virgem. Minha partida do Maranhão, succedendo antes do que previra ao principio, impediu a realização de uma visita a essa ilha e aí passar um dia. Não sei que ideia formava da ilha se a visse de perto, mas na impressão que tivera á distancia, era extremamente linda. Depois do que ouvi creio que se alguém quizesse fixar-se no Maranhão, seria lá o lugar escolhido para sua residencia.

Fui apresentado por meu amigo a uma respeitavel familia de S. Luiz. Fizemos uma visita numa tarde, sem convite, segundo o costume, e fomos levados para uma toleravel sala, ornada com um grande leito e tres bonitas rêdes, armadas, atravez do aposento, em varias direções, e ainda havia no apartamento uma comoda e diversas cadeiras. A dona da casa, uma senhora idosa, estava sentada numa rêde e a visitante feminina ocupava outra, e suas duas filhas e amigos sentavam-se em cadeiras. A companhia, consistindo em dois ou tres homens, juntos

uns dos outros, formava um hemicycle perto das rêdes, Houve muita cerimonia e a conversação se estabeleceu entre os homens, com reparos ocasionais feitos por uma ou outra das velhas damas. Sendo-lhe dirigida uma pergunta, as filhas respondiam. Nada mais. Alguns assuntos conversados não teriam tolerancia numa sociedade media na Inglaterra. Uma parte do formalismo desaparecerá com a maior e crescente relação. A educação da mulheres não é cuidada, o que delimita as possibilidades de sustentar a conversa sobre muitos temas, mesmo quando levadas ás solenidades. As senhoras de S. Luiz, entretanto, não são geralmente reservadas. Ambos os sexos jogam muito e com algum excesso. Uma jovem senhora, em certa ocasião, indo com sua mãe a uma festa, passou a um salão onde seu pai jogava com varios amigos. Este chamou sua filha, dizendo-lhe que tomasse uma carta. Obedeceu. Ficou jogando até perder trezentos mil reis, cerca de 80 libras, quando confessou não mais ter dinheiro. Suprimam-na de recursos e ela, acompanhando sua mãe foi para outro salão, muito provavelmente jogar, que era a distração da tarde. A dansa é um divertimento muito violento para o clima. Só o empregam em grandes ocasiões. O amor pelo jogo pôde ser facilmente explicado no pequeno ou nenhum gosto pelas leituras, e as grandes somas de dinheiro reunidas e os raros meios de despende-las. A vida é barata. Uma casa confortavel, carro e numerosos servos, podem ser possuidos por baixo preço. A abertura do trafego possibilitou, evidentemente, a esse povo uma nova ocasião de gastos, na facilidade de obter artigos de roupa e mobilia.

Dois negociantes inglêses apenas, estavam estabelecidos em S. Luiz. As transações comerciais com as casas britannicas ficam limitadas aos comerciantes portuguezê-

ses do local (20). Alguns desses estavam habilitados a pouca cerimonia, andando nas ruas com jaquêtas curtas, outros sem gravatas e um pequeno numero sem meias, enfim, havia quem se vestisse de acordo com as maneiras da Europa. Tive grande dificuldade em convencer aqueles com quem conversava que não tinha negocios a tratar. Não compreendiam o motivo que levava um homem a aturar tantos incomodos, para passear, e tantos inconvenientes para divertir-se. Muita gente não se convenceu, certa que eu dissimulava e teria planos sinistros.

Não tive muitas oportunidades para receber informações a respeito do interior, mas o que ouvi, menciono.

As margens do rio Itapicurú, das quais falei anteriormente, embora sejam muito mais cultivadas em comparação ao que eram, ha um espaço incalculavel para novos colonos. A Capitania do Piauí e o interior do Estado do Maranhão abundam em gado e essas regiões não são sujeitas ás sêcas. A vila de Aldeias Altas (21), que é situada no ultimo, e a Cidade de Oeiras, (22) que pertence ao primeiro, e para o centro dessas terras dizem ser lugares florescentes. Grande numero de bois é, anualmente, enviado dessas regiões sertanejas para a Baía e Pernambuco. Os proprietarios dessas fazendas situadas em distritos tão longinquos são ás vezes turbulentos, e um destacamento de soldados, enviado para prender um desses homens, voltou sem efectuar seu objetivo.

Entre outras anedotas, ouvi que um escravo mulato fugira do seu amo e, com o passar dos anos, tornou-se rico, comprando terras, abundante de gado. Numa certa ocasião, tinha reunido nos currais numerosa boiada, e instruía seus vaqueiros para envia-la aos diferentes mercados para a venda, quando um desconhecido, sozinho, vindo de longe segundo parecia, parou e lhe pediu uma conver-

sação em particular. Depois de pouco tempo retiraram-se para perto e quando se encontraram a sós o dono da casa disse: "Agradeço não ter o senhor denunciado a ligação que existe entre nós enquanto os meus vaqueiros estavam presentes." Era o antigo amo, pobre, em circunstancias miseraveis, que lhe vinha fazer uma visita na esperança de obter algum fraco recurso. Disse-lhe que ficaria reconhecido por qualquer cousa que recebesse. Sabia que não era possivel reclamar o escravo e estava no poder de um homem que podia dar ordem para assassina-lo imediatamente. O escravo ofereceu ao seu amo muitas centenas de bois e ordenou a um homem que o acompanhasse até o mercado, dizendo aos seus vaqueiros que acabava de pagar uma velha divida, de que só agora ouvira falar. Um homem capaz de realizar um ato desta forma merecia a liberdade que resolvera conquistar.

Era minha intenção passar o verão seguinte na Inglaterra, e não chegando nenhum barco desse país, receei ser retardado varios mezes a falta de ocasião. Decidi tomar passagem em um dos navios que estavam prestes a sair. Preferí o "Brutus", porque o immediato era um jovem portugûes, meu amigo intimo. Saimos de S. Luiz a 8 de Abril, em companhia de um outro navio inglês, mas logo perdemo-nos de vista porque um dos barcos se mantinha melhor ao vento. A 18 alcançamos os ventos variaveis na lat. de 22° N, long. 50° W. Não é comum encontra-los tão longe, ao sul, mas resolvi considerar o caso como de notavel felicidade. Passavamos o tempo agradavelmente. A temperatura era fina e o vento favoravel. A 7 de Maio, o vento refrescou, mas o navio era solido e navegava longe das costas. A 8, pela manhã, um vagalhão bateu na proa. Tudo se molhou, mas nada mais fizemos alem de reerguer-nos. A 9, descobrimos dois navios a uma grande distancia, acima e atraz, por barlavento,

mas ambos pareceram tomar rumos diversos. Um se provou ser um brigue inglês, carregado de madeiras. Estava cheio d'água e em ponto de submergir-se. O ultimo era um navio americano que se detêra para ajudar a salvar a tripulação do brigue. Se este não estivesse abarrotado de madeiras, certamente não resistiria tanto tempo na superficie. Como o navio americano fazia rumo para seu país, acolhemos no "Brutus" nove pessôas. Estavam em situação lastimosa; uns estropiados, outros quasi nús e todos exgotados pela fome e o frio. O navio dêra agua com tal rapidez que os obrigara a abandonar o convez e refugiar-se no mastro, onde passaram tres dias e duas noites quasi sem provisões.

Chegamos a salvo em Falmouth a 20 de Maio. O immediato e eu saltamos em terra e seguimos para Londres.

NOTAS AO CAPITULO IX.

(1) O Estado do Maranhão, independente do governo do Brasil e subordinado directamente a Lisbôa, abrangia do Ceará ao Pará, e foi creado a 13-junho-1621, mas seu primeiro Governador, Francisco Coelho de Carvalho, assumiu cinco anos depois, a 3-setembro-1626 e faleceu no governo, em S. Luiz, a 15-setembro-1636. Extinto a 25-fevereiro-1652, quando se creou a Capitania do Maranhão, foi restaurado a 25-agosto-1654 e novamente supresso a 20-agosto-1772, voltando Maranhão a ser autonomo tendo Piauí como dependente. O Bispado do Maranhão foi creado pelo Papa Inocencio XI na bula "*Super universas urbis ecclesias*", em 1677, sendo o primeiro Bispo empossado, dom Gregorio dos Anjos, que fôra Bispo de Malaca, nomeado a 30-agosto-1677, fazendo sua "entrada publica" em Belém, 31-julho-1680, falecendo em S. Luiz a 12-maio-1689, informa *frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres* na "Poranduba Maranhense" (rev. Inst. Hist. Bras, t. LIV, p. 91). Quando Koster csteve em S. Luiz era Bispo dom Luiz de Brito Homem, ex-Bispo de Angola, posse a 22-fevereiro-1804 e faleceu na mesma cidade a 10-dezembro-1813. Em 1921 o Maranhão foi elevado á Arquidiocese. (C).

(2) Os Franciscanos substituiram os Capuchinhos francêses, quando da extinção da França Equinocial em 1615. No convento dos Franciscanos de S. Luiz realizou-se o famoso processo dos frades contra as formigas que padre Manuel Bernardes divulgou na "Nova Floresta" (1, 6.º, § 50). Houve nomeação de um curador das rés *ad litem* e a autuação é de 17. Janeiro-1713. e correndo o feito com as formalidades forenses até que os autores requereram a reinstauração da instancia preempta, sendo deferidos

pelo Vigário Foraneo, licenciado Manuel Homem, sendo as formigas *citadas em sua própria pessoa* pelo escrivão do Eclesiástico, Joseph Guntardo de Beckmannz, em 19-Junho-1714. Aberto termo-de-vista, o processo parou. Já não existe em S. Luiz a Ordem Franciscana. Os Capuchinhos têm um convento, o de Nossa Senhora do Carmo. *Pe. João Batista Lehmann*, "O Brasil Catholico", Juiz de Fóra. Minas Gerais, 1938. *José Ribeiro do Amaral*, "Historia Religiosa" (*in* Dic. Hist. Geog. Etn. do Brasil 2.º vol., p. 292. Rio de Janeiro. 1922). Os Carmelitas também já não possuem residencia no Maranhão, onde tanto renome tiveram. Concediam o grau de doutor e mestres de Teologia, tendo a Ordem biblioteca magnifica que desapareceu. Chegaram a S. Luiz em 1624, vindos de Pernambuco, construindo convento (hoje dos Capuchinhos) na capital e em Alcantara e um "hospicio" no Bonfim, fronteiro á cidade. De Alcantara e Carmelita professo, era frei Custodio Alves Serrão (1799-1872), sabio naturalista, professor de quimica na Escola Militar e diretor do Jardim Botânico no Rio de Janeiro, (C).

(3) A informação que se contem nesta nota devo-a ao capitão João Romão Trivino, do navio espanhol "S. José", arqueando 300 toneladas. Recebera ordens de vir do Rio de Janeiro ao Maranhão carregar algodão, no começo de 1815. Chegando ao Ceará mandou pedir em terra um piloto para guia-lo ao Maranhão. Informaram não haver nenhum piloto residindo no Ceará e que encontraria um em Jericoacoára, uma alta colina entre Ceará e Parnaíba. Atingindo esse ponto, descobriu um indigena pescando numa canôa e que se ofereceu para leva-lo a S. Luiz. Aceito o oferecimento, seguiram viagem, mas, confundindo as duas pontas de terra, da maneira que já relatei atraz, o indigena levou o barco para a baía de S. José, em 15 de Março. Só percebeu o engano quando se encontrava em plena baía, na forma de todas as embarcações que iam a S. Luiz. O navio ancorou ante a povoação de S. José, que é situada numa extremidade N. E. da ilha do Maranhão, com onze braças d'agua. Ficaram no canal, no meio da baía, com a fundura de 18 a 20 braças. A profundidade diminue gradualmente, para ambos os lados, partindo do centro, mas são conta bancos d'areia isolados. O navio ficou ancorado na povoação de S. José durante dois dias, depois prosseguiu, enfiando o canal, ladeado de mangues e tão estreito n'algumas partes que as vergas roçavam nos galhos vizinhos. O vento era propicio e o barco avançou sem ser obrigado ao reboque ou impellido. A profundêza da agua variava de cinco a duas braças e meia. O fundo era lama. A meio caminho do canal a maré que vem da baía de S. José encontra a que procede da baía de S. Marcos, não muito distante das praias do rio Itapicurú. Foram necessarios dois dias para ir de S. José á ilha de Tauá, situada perto da ponta S. W. da ilha do Maranhão. Aí o navio ancorou com nove braças d'agua, com um fundo de areia. O capitão mandou buscar um piloto em S. Luiz porque o outro rão conhecia o restante da navegação a fazer. A ilha Tauá é rochosa, deshabitada e coberta de coqueiros. A povoação de S. José apareceu ao capitão Trivino de certa importancia, mas excetuando duas ou tres casas, as demais eram de barro e recobertas com folhas de varias especies de palmeiras. Os moradores eram pescadores em sua maioria. Informou ter visto um sapateiro trabalhando. O capitão Trivino recebeu seu piloto no rio Itapicurú, que tem 120 jardas de largura na barra e sua fundura é de hraça e meia. (K).

(4) D. João IV enviou um Bartolomeu Barreiros de Ataíde e tres mineiros, um deles veneziano e os outros dois francêses, para pesquizarem ouro e prata. Depois de dois anos de buscas no Amazonas, regressaram ao Maranhão, oferecendo ao povo fornecer-lhe ferro a cruzado, cerca de 2^o, 4^a por quintal de 128 libras de peso, se promettessem ficar com toda a produção oferecida a esse preço. Os habitantes receram aceitar o contrato.

A ilha era tão rica desse mineral que os cosmógrafos estrangeiros a chamavam *ilha do ferro* nos seus mapas e o ferro encontrado era tido, pelos conhecedores do assunto, como de melhor qualidade. Era descoberta de grande importância para Portugal que comprava todo seu ferro, mas o achado foi esquecido. Nota da "Memoria" de Manuel Guedes Aranha, Procurador do Maranhão, 1685, no 6.º volume da Coleção Pinheiro, de manuscritos, propriedade do Sr. Southey. Uma real manufactura de ferro foi instalada na Capitania de S. Paulo, denominada "Real Fabrica de S. João de Ipanema". Tive conhecimento desse facto pela leitura de duas cartas nos numeros 45 e 56 do "Investigador Português", publicação periodica que se distribuía em Londres. Lamento dizer que as duas cartas que aludo foram escritas quando de algumas disputas entre os directores da Fabrica. (K). Sobre a fabrica de Ipanema, indispensavel para a historia da industria do ferro no Brasil, vê o resumo de Varnhagen, filho do director da fabrica Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, ("Historia Geral do Brasil", 5.º, 225), com as notas e adendos de Rodolfo Garcia. Sobre a prioridade na fabricação do ferro, Marcos Carneiro de Mendonça ("O Intendente Camara", Rio de Janeiro, 1933, p. 181 e seqs.) estudou de maneira definitiva a questão. "...pode-se estabelecer, nitidamente, que coube ao barão d'Eschwege fabricar, pela primeira vez no Brasil, ferro liquido, a 17 de Dezembro de 1812, nos fornos suecos por ele erigidos na pequena fábrica "Patriótica", situada nas proximidades de Congonhas do Campo; e que a Manuel Ferreira da Camara coube fabricar pela primeira vez ferro quisa em alto forno, em Agosto de 1814, o que só em 1.º de Novembro de 1818 foi repetido por Varnhagen, em Ipanema, no inicio da primeira campanha de resultados verdadeiramente industriais que aqui se obteve." (p. 193). (C).

(5) Acabo justamente de receber a seguinte relação da exportação de algodão do Maranhão, do ano de 1809 a 1815:

Ano	Navios	Sacos
1809 — Para Inglaterra ..	51	55.835
para outros lugares	29	21.006
1810 — Para Inglaterra ..	37	40.684
para outros lugares	19	11.793
1811 — Para Inglaterra ..	36	48.705
para outros lugares	19	6.053
1812 — Para Inglaterra ..	29	35.767
para outros lugares	29	4.803
1813 — Para Inglaterra ..	35	50.072
para outros lugares	27	10.101
1814 — Para Inglaterra ..	22	31.205
para outros lugares	34	14.436
1815 — Para Inglaterra ..	32	28.539
para outros lugares	49	22.216 (K).

(6) Um homem de nome Belfort foi o primeiro plantador de arroz no Maranhão, e alguns dos seus descendentes residem aqui na opulencia. (K). *A person of the name of Belfort* não pude averiguar quem fosse. Ha um Lourenço Belfort, iniciador de varias culturas no Maranhão, bem capaz de reivindicar o titulo. Ao Rei D. José mandou Lourenço Belfort um presente de sêda obtida no Maranhão, onde plantara amoreiras e creava os bichos. El-Rei mandou fazer uma roupa com essa sêda. Seria esse o Belfort? A "Poranduba Maranhense" de frei Francisco de N. S. dos Prazeres (p. 107) dá outra informação: — "Até o ano de 1765 não produzia o Maranhão stinão

arroz vermelho; n'este ano porem introduziu a companhia no país o da Carolina, e enviou de Lisboa a José de Carvalho para formar os engenhos de descascar. José de Carvalho formou o primeiro no sitio do Anil, aonde ainda hoje existe; e feitos depois outros engenhos no ano de 1767 se exportavam para Lisboa 285 arrobas de arroz da Carolina." (C).

(7) *...but hitherto molasses only have been made,* escreveu Koster. O melão, do sul, é chamado no norte, apenas, mel. (C).

(8) "Havia cinco engenhos de açúcar, como são chamados, em Itapicuru, cujo produto alcançava 5.000 arrobas. Na ilha havia seis engenhos funcionando. 1641. "History of Brazil, vol. II, p. 9". (K). Para o estado das industrias açucareiras no nordeste, quando da invasão holandêsa, ver o meu "Geografia do Brasil Holandês." (C).

(9) Os Jesuitas figuravam na historia maranhense desde a expulsão dos holandêses. Sua intervenção em defesa dos indigenas foi longa e de brilhantes trabalhos e sacrificios. No convento de S. Luiz residira o nobilissimo padre Antonio Vieira, de 16-janeiro-1636 a julho-1654 e de 16-maio-1655 a 17-junho-1661 quando foi preso e expulso, *exilado para sua propria patria*, como ele dissêra. Na catedral de S. Luiz pronunciára os sermões inesqueciveis, sobre a mentira, em 1654, na quinta dominga da Quaresma, o da vigesima-segunda dominga *post pentecosten*, sobre o governo e administração, os dois sobre o Espirito Santo e o famoso sermão aos peixes, a 13 de Junho de 1654. Dali partiu para palmilhar 600 leguas, visitando sertão, praia e mata, dezenas de tribos, escrevendo catecismos e formularios em sete idiomas, gastando 50.000 cruzados proprios no hospital e agasalho de enfermos e pobres, renunciando ao grabato da cela e dormindo numa esteira, tentando a comunicação com o Ceará, deixando a pegada nos caminhos do Tocantins á serra da Ibiapaba e uma memoria alta no coração dos homens. Quando Koster visitou S. Luiz os Jesuitas ainda estavam surpresos, canonicamente extintos. Resuscitaram tres anos depois. (C).

(10) O Governador de quem Henry Koster registou as proezas era dom José Tomaz de Menezes, coronel de Cavalaria, comendador de Aviz, que se cmpossara a 17-Outubro-1809 e estivera até 24-Maio, segundo a "Poranduba" ou 28-Agosto de 1811, segundo a relação de Rodolfo Garcia, ("Historia Geral do Brasil", Varnhagen, 5.º, 342). A prisão do Juiz José Nunes Soeiro para Itapicuru, despachos em autos, revogação indebita de sentença, proibição do Juiz de Fôra entrar na Alfandega, passaram-se com esse fidalgo exemplar da má-educacão. Frei Francisco de N. S. dos Prazeres informa que *"Ele faria um bom governo, si não fosse tão moço, e não seguisse os maus conselhos do seu capelão padre Leonardo (mestiço), porque, segundo dizem, as suas intenções eram boas."* "Sobre a exigencia da saudação ao edificio governamental e mais mostras de veneração á sua pessoa, dom José Tomaz não era responsavel. Pertenceu a molestia ao seu antecessor, dom Francisco de Melo Manuel da Camara, o Cabrinha, de curiosa e turbulenta memoria. De 6-janeiro-1806 a 17-Outubro-1809, o Cabrinha encheu Maranhão de anedotas que seriam desagradaveis aos contemporaneos. Sobre ele *Cezar Augusto Marques* publicou um estudo na revista do Instituto Historico Brasileiro, (tomo LV, segunda parte. p. 25). Informa Cezar A. Marques *"que D. Francisco era tão vaidoso a ponto de determinar que pessoa alguma, qualquer que fosse a sua posição, passasse pelo palacio da sua residencia sinão com o chapéu na mão, e para cumprir esta ordem andava um soldado de ronda volante, armado com um vergalho, que entregava a quem lhe sucedia na mesma ronda. Corre a tradição de que fôra derrubado por um soldado d'essa ronda o chapéu de um respeitavel ancão, um dos avós da exma. esposa do sr. Senador Nunes Gonçalves, e que o velho nunca mais se cobriu, andando sempre com a cabeça descoberta e o chapéu debaixo do braço, provocando assim com este notavel procedi-*

mento justas censuras contra tal governador." "Seus despachos merecem recordação. Requirira em letra que se possa ler: Quando morrer será deferido; Acha-se o suplicante preso injustamente, porque já deveria ter acabado n'um patíbulo; Acomode-se por ora; Por muito ocupado, não posso deferir o suplicante; Não ha tempo para lér um requerimento d'este tamanho; Só a vaidade do suplicante ou a má educação poderia suggerir-lhe a triste idéia de que ha pessoas que se occupam em ter-lhe inimizade, etc." (C).

(11) Parnaíba, Vila a 18-agosto-762, instalada a 26, Cidade, a 16-Agosto-1844. (C).

(12) José Gonçalves da Silva era o maior capitalista de S. Luiz, grande proprietário e negociante opulento. Autorizado pela Provisão Regia de 20-Julho-1811, instituiu, por escritura de 20-Outubro-1812, o Morgado da Quinta das Laranjeiras, vinculando bens extensos, fazendas de sete leguas (no sitio Uruu, distrito de Guimarães), com milhares de cabeças de gado (a fazenda "Bonito", no rio Igarú, distrito de Icatú, tinha 2.000) rendendo o Morgado 8:800\$ anuais. A Quinta das Laranjeiras, nos arredores de S. Luiz era a mais linda propriedade da epoca, com uma Capela de S. José, alamedas, vinhedos, tamarineiras, captação d'agua para irrigação e soberba residencia, confortavel. José Gonçalves da Silva deixou filhas bastardas, legitimadas, entre elas dona Luiza Maria do Espirito Santo da Silva (legitimada por provisão do Desembargo do Paço a 11-Outubro-1810) e que se casou com Brigadeiro Paulo José da Silva Gama Filho, (1782-1868) 2.º Barão de Bagé. A Quinta das Laranjeiras é conhecida por "Quinta do Barão" e pertence atualmente aos Irmãos Maristas. José Gonçalves da Silva deixou 300 contos para legados, pios, emprestara 20:000\$ ao Real Erario, déra 1.800 sacos de arroz anuais durante a guerra e cincoenta e oito moios de farinha-de-pau (mandioca). Era cavaleiro professor da Ordem de Cristo e depois comendador, fidalgo da Casa Real, Brigadeiro dos Reais Exercitos, Alcaide-Mor da Vila de Itapicuru-Mirim, Governador da Fortaleza de S. Marcos, um dos maiores provedores da Santa Casa de Misericordia, onde existe um seu retrato, fardado e solene. Faleceu em S. Luiz a 22-Novembro-1821. "*Aos 22 de Novembro de 1821 nesta Freguezia de N. S. da Vitoria da Cidade do Maranhão faleceu de idropizia o Alcaide-Mór José Gonçalves da Silva, com os ultimos sacramentos; era solteiro, e natural da Freguezia de S. Pedro de Serva, Arcebispado de Braga, filho legitimo de Gonçalo Fernandes da Silva, e Paula Gonçalves Ramalho da Silva, de idade de setenta e cinco anos pouco mais ou menos; foi sepultado na capela de S. José do seu Morgado em a Freguezia de N. S. da Conceição desta Cidade, do Maranhão, do que fia este assento que assino. O curó Francisco José Pereira. Declaro que fez testamento.*" Ver o "Maranhão", n.º 781, de 30-XI-1940, "Esboço Historico da Quinta das Laranjeiras ou Quinta do Barão de Bagé", por A. F. V. (C).

(13) Simplicio Dias da Silva, filho legitimado de Domingos Dias da Silva e da mestiça Claudina Josefa, nasceu na Vila de S. João da Parnaíba a 2 de Março de 1773. O pai possuia seis fabricas de xarque e longas propriedades que Simplicio e seu irmão Raimundo herdaram. Simplicio, deixando o irmão administrando, viajou para Europa, como rapaz rico, percorrendo varios países demoradamente. Quando regressou, faleceu Raimundo, e Simplicio, dono de uma fortuna vultuosa, com mais de 1.800 escravos, instalou-se com o fausto de um principe. Edificou solar confortavel, reformando a Matriz de Parnaíba e ligando-a por uma galeria á sua residencia. "*Tradições dizem que ofereceu a D. Pedro I.º um cacho de bananas de tamanho natural, todo de ouro. Registam que solicitou do Imperador permisso para calçar uma sala a patações o que se lhe recusou...*" (*Abdias Neves, "Homens Notaveis", na parte referente ao Piauí, in Dic. Hist. Geog. Ethn. do Brasil, vol. 2, p. 393. Rio de Janeiro, 1922.*) Era Coronel Comandante da Cavalaria Miliciana da Vila de Parnaíba e, a 25-Novembro-1823, foi no-

meado primeiro Presidente da Provincia do Piauí, cargo que não exerceu. Mandou, em 1829, uma "Memoria" ao Imperador, historiando as lutas da Independencia no Piauí e Maranhão. Faleceu a 17 de Setembro de 1829 e está sepultado na igreja-matriz de Parnaíba, no Piauí. (C).

(14) Foi removido e chamado a Lisboa ultimamente. No seu regresso ao Rio de Janeiro, o Principe Regente recusou-se recebe-lo. (K). Informa o frei Francisco de N. S. dos Prazeres: — "*As muitas queixas, que d'este governador se fizeram ao principe regente obrigaram a expedir uma carta regia a este general, para que, sem perda de tempo se recolhesse á côrte. Obedeceu elle, e sahio do Maranhão a 24 de Maio de 1811*". Ignoraria Koster que D. José Tomaz de Menezes fôra destituído no mesmo mez em que ele deixara o Maranhão? (C).

(15) Não é geralmente sabida a existencia de tres ou quatro publicações portuguezas em Londres. Uma é proibida de circular no Brasil e ouvi dizer que o mesmo se passa com as demais. Sendo principalmente lidas pelos brasileiros, estão em toda a parte não obstante a prohibição. Tenho-as visto nas mãos de civis, militares e ecclesiasticos e essas autoridades falam publicamente nelas. Dizem que o Regente as lê tambem e, ás vezes, diverte-se com as invectivas contra as pessoas poderosas. (K). As duas principais publicações eram o "*Investigador Portuguez*" e o "*Correio Brasiliense*". O "*Investigador*", fundado pelo dr. Bernardo José de Abrantes e Castro, veio de fevereiro de 1811 a fevereiro de 1819, contando 92 numeros mensais, em 23 volumes, informa Rodolfo Garcia (*opus. cit.*, p. 279, nota 87). Era moralmente dirigido pelo Ministro de Portugal em Londres, dom Domingos Antonio de Souza Coutinho, depois Conde de Funchal, irmão de Linhares. O "*Correio Brasiliense*", superior sob varios angulos, fôra creado e mantido por Hipolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, nascido na Colonia do Sacramento, 13-Agosto-1774, e falecido em Kensington, arredores de Londres, a 11-Setembro-1823. Hipolito, de vida aventureira, preso pela Inquisição em Lisboa, fugiu dos carceres, refugiando-se em Londres, onde publicou sua evasão, comentando-a minuciosamente. Secretario do principe Augusto Frederico, Duque de Sussex, (1773-1843), irmão dos reis Jorge IV e Guilherme IV da Inglaterra, naturalizou-se inglês e poudé divulgar suas ideias sobre a liberdade de imprensa, governo constitucional, expansão economica, enfim assuntos julgadamente uteis ao Brasil, que hospedava D. João VI, um dos leitores do "*Correio*". O Ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, em 17-Setembro-1811, 2-Março-1812 e 25-Junho-1817 proibira a leitura do mensario de Hipolito José, cuja influencia cultural era ampla. O "*Correio Brasiliense*" durou 175 numeros, 29 volumes, de 1808 a Dezembro de 1822. Por informação de Varnhagen e documento do Ministro de Portugal em Londres, Domingos de Souza Coutinho, divulgado este pelo dr. Rodolfo Garcia, sabe-se que Hipolito entrou em acôrdo com Linhares, não escrevendo sobre determinados motivos (maçonaria, criticas pessoais, direitos reais, etc.) mediante a compra de 500 exemplares pelo Governo (idem, p. 282, nota 94). Hipolito é o patrono da cadeira XVII na Academia Brasileira de Letras. (C).

(16) ...*the enlightened minister who is now at the head of affairs, at Rio de Janeiro*, era dom Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, (17-Dezembro-1808), Ministro desde 7-Setembro-1796, Marinha e Dominios Ultramarinos em Portugal e no ministerio do Rio de Janeiro, na transmigração da Familia Real, Ministro da Guerra, Estrangeiros com a direção geral da politica. O visconde *Nogueira da Gama* ("*Minhas Memorias*", Rio de Janeiro, 1893, p. 132) afirmava ter Linhares nascido em Vila Rica, hoje Ouro Preto, em Minas Gerais. O estudo biografico mais completo é o do conde de Funchal, "*O Conde de Linhares*", Lisboa, 1908. Ver *Oliveira Lima*, "*D. João VI no Brasil*" (Rio de Janeiro, 1908). Linhares faleceu a 26-Janero-1812 e está sepultado no convento de S. Antonio. No mesmo con-

vento estão sepultados a condessa de Linhares, a 24-Janeiro-1821, e o seu filho, João Carlos, segundo Conde de Linhares, a 29-Janeiro-1824, todos falecidos no Rio de Janeiro. (C).

(17) Alcantara é a aldeia de Tapuí-tapéra, erguida em séde de Capitania por Francisco Coelho de Carvalho, confirmada pelo Rei em 15-Abril-1637, e instalada como Vila de S. Antonio de Alcantara. Cidade de Alcantara a 5-Julho-1836. Distta uns 17 quilometros de S. Luiz. (C).

(18) Cerca de uns doze mezes depois, tive oportunidade de conhecer pessoalmente esse homem, e considero superior aos demais e mesmo a todas as Ordens de frades com quem me relacionei. (K).

(19) *...our Lady of Deliverance*. Traduzi, na melhor intenção, Bom Parto, por existir essa invocação. (C).

(20) Foi nomeado um consul inglês para o Maranhão. (K).

(21) *The town of Aldeas Altas*. Um Ouvidor foi nomeado para Aldeias Altas e o Piauí foi elevado á classe de governo provincial independente. Esses melhoramentos mostram que a administração regular vai ganhando terreno. (K). Aldeias Altas, com os indios Timbiras e Gamelas, fôra fundado com o nome de S. José das Aldeias-Altas. A 31 de Outubro de 1811 elevaram-na ao predicamento de Vila de Caxias das Aldeias-Altas, hoje simplificado para "Caxias". Cidade em 5 Julho-1836. Sobre sua grafia, escreve o *prof. Basilio de Magalhães*, anotando a "Viagem" de Martius: — "*O autor escreve sempre Cachias. E' a melhor grafia do topônimo, pois este provem, sem duvida, do nome "cachia", aplicado (como se pode ver no excelente dicionário de Moraes) á "esponja, flor do arbusto chamado "corona christi". E' evidente que o vocábulo se deriva de "cacho" que não se "coixa".* (p. 421, nota 6). Piauí, Capitania autonoma, separada do Maranhão, é de 10 de Outubro de 1811. A grafia "Caxias" nos viéra de Portugal onde denomina cidade. (C).

(22) Oeiras, povoado do Piauí, Vila de Mocha, por ficar á margem desse rio, séde da Capitania, em 1712. Cidade de Oeiras, em 19-Junho-1761 em honra do Marquês de Pombal que era tambem Conde de Oeiras. Capital da Provincia do Piauí até que uma lei de 21-Julho-1852, transferiu a administração para a "chapada do Corisco", onde se elevava a pequena Vila Nova do Pioti, batizada em Cidade de Teresina, em homenagem á dona Tereza Cristina, Imperatriz do Brasil, onde o então presidente, José Antonio Saraiva, a instalou em setembro do mesmo ano. (C).

CAPITULO X

O AUTOR SAI DE GRAVESAND E CHEGA A PERNAMBUCO. SITUAÇÃO DO RECIFE. UMA SENHORA BRASILEIRA. A MILICIA. ORDENANÇAS. O CAPITÃO-MOR. COMEÇANDO A VIAGEM. ATRAVEZ DE OLINDA. PAULISTAS. AGUIAR. A RESIDENCIA DO CAPITÃO-MOR. UNIFORME DE ORDENANÇAS. CRUELDADE COM ESCRAVOS. CHEGADA A SANTA CRUZ. REVISTA DAS ORDENANÇAS. BOM JARDIM. CAPITÃO ANSELMO. O INTRUDO. CAPITÃO PAULO TRAVASSO. OUTRO INTRUDO. ARVORE DO SABÃO. LIMOEIRO. REGRESSO AO RECIFE. PLANTADOR BRASILEIRO.

No começo do inverno os meus amigos voltaram a recomendar meu regresso a um clima mais temperado que o da Inglaterra. Sabendo que o navio português "Serra Pequeno" estava a ponto de sair, tomei nele minha passagem. Estava ancorado em Gravesand e, a 4 de Outubro de 1811, embarquei para Pernambuco.

Os ventos contrarios retiveram o navio em Portsmouth durante seis semanas. A 20 de Novembro, o vento rodou para o norte e o leste, e os canhões de aviso dos navios de guerra, indicados para comboiar-nos, despertaram-nos. Tudo era rumor e confusão em Cowes, onde numerosas pessoas, pertencentes aos navios, esperavam como nós, em circumstancias identicas. Em poucas horas as embarcações estavam prontas e, antes da noite fechada, todos haviam passado as Needles. O "Serra Pequeno" e outro navio português recebiam ordens de uma fragata destinada ao Mediterraneo, e na intenção de viajar em conserva, tanto para o destino quanto para seguir a mes-

ma rota. Pela manhã descobrimos que ia conosco outra fragata, com rumo a Lisbôa. Nós a deixamos logo e seguimos com dois outros navios portugueses. Na noite de 22 encontramos a corvêta "Kangaroo", destinada ás costas d'Africa, com varios navios sob seu comboiamento. A 24, separamo-nos desses barcos e a 26 seguimos apenas com um navio português. A travessia era feliz. Não tinhamos mar grosso nem calmarias. A 3 de Dezembro, á vista das ilhas Canarias, encontramos a fragata "Aretusa". O capitão do "Serra" foi obrigado a levar os papeis do navio a bordo da fragata. A regulamentação relativa ao trafico de escravos, mantido pelos portugueses, determina ás vezes mais averiguações que possamos imaginar necessarias. Cruzamos a 22. Na tarde de 26, rumamos para terra, supondo encontramo-nos na latitude do porto, mas estavamos muito para leste, todavia, cerca de duas horas da manhã avistamos a costa, muita antes do tempo previsto pelos officiais de bordo. Essa occorrença é frequente a bordo dos navios que não conduzem cronometro; calculo das longitudes, sem seu auxilio é exposto aos erros. Ao amanhecer descobrimos estar um pouco ao norte de Olinda. Entramos no porto ás nove horas e lançamos ancora no abrigo chamado o "Poço".

O "Serra Pequeno" é um grande navio do Brasil, requerendo avultado numero de homens para sua manobra. A administração do barco é mantida de maneira semelhante, em todos os pontos, a que se pratica nos navios mercantes inglêses, apenas mantêm menos asseio e fazem mais barulho. O segundo-official, que é chamado no serviço mercante britanico "ajudante" (*the mate*), responde nos navios portugueses ao piloto, e o regulamento de sua marinha limita-o á navegação da náu, entregando a um official inferior os deveres de atender a carga, descarga e estiva e todas as minucias dos trabalhos no mar ou nos

ancouradouros. Fui recebido na praia por todas as pessoas amigas com o mesmo afeto que já experimentara em Pernambuco. Muitos ingleses me ofereceram hospedagem em suas casas até que fizesse minha instalação própria. Aceitei o oferecimento que me fôra feito por quem já provara tanto interesse por minha saúde e a quem devia gratidão, quando do meu ataque de febres no ano passado. As primeiras semanas gastei-as em visitas aos amigos e conhecidos, com os quais estivera nos arredores da vila. Muitos a tinham abandonado, de acôrdo com o costume nessa estação do ano.

Notei uma modificação consideravel no aspecto do Recife e de seus habitantes, embora minha ausencia fosse de curta duração. Varias casas tinham sido reparadas e as rotulas, sombrias e pesadas, foram substituidas pelas janelas, com vidros e balcões de ferro. Algumas familias haviam chegado de Lisbôa e tres outras da Inglaterra. As senhoras das primeiras davam o exemplo, indo á missa a pé, em plena luz solar, e as damas inglesas tomaram por habito passear, todas as tardes, por distração. Esses melhoramentos, mesmo introduzidos e praticados por outras pessoas, foram adotados por algumas outras, que conservavam o receio de inicia-los e pelos demais por acharem agradaveis. As fazendas de sêda e setim, tornadas de uso normal para roupa nas festas e dias-santos, foram logo vencidas pelas musselinas brancas e de côr e tecidos de algodão. Os homens que antigamente compareciam todos vestidos de preto, com fivelas de ouro e tricornio, não faziam grande questão em substitui-los pelas calças de namquim, meia-botas e chapéus redondos. Mesmo a séla, alta e pesada, estava menos usada, e apresentava feitió mais moderno. As cadeirinhas, em que as senhoras iam a igreja ou pagar visitas de suas relações, tinham forma mais elegante, e os carregadores se vestiam mais

ricamente. Não deviam deixar de atrair a atenção dos estrangeiros pelas fardas vistosas, elmos emplumados e as pernas nuas. O desenho junto representa um desses grupos. Numerosas casas de campo haviam sido construídas. As terras proximas ao Recife subiam de preço. O commercio de tijolos estava convenientemente lucrativo. Os trabalhadores eram procurados, e, sem falar noutras partes, os trechos situados entre os povoados de Pôço da Panela e Monteiro, na extensão de uma milha, que em 1810 era coberto de matagal, tinham sido limpos. As residencias eram edificadas e tendo jardins proximos. A grande igreja do Corpo Santo, situada na parte da vila denominada Recife, estava agora terminada (1), e projectavam varios embelezamentos (2). A epoca dos melhoramentos chegara, e homens que tinham passado muitos anos sem pensar na menor transformação tanto no interior quanto no exterior de sua casa, estavam agora pintando e envidraçando as fachadas, mobiliando o interior, modernizando eles mesmos, suas familias e suas moradas.

Esse espirito de renovação produziu, em certos casos consequencias hilariantes. Tal foi o caso de uma senhora, de respeitaveis dimensões, que se dedicou ao amor das inovações, decidida a cumpri-lo totalmente. Era igual em estatura e circunferencia e, não obstante essa desafortunada circumstancia, os adornos pessoais não mereciam desprezo. Ela resolveu vestir-se a moda inglêsa, e possuia, decididamente, a firme opinião de sair-se bem. Puzera na cabeça um pequenino chapéu cigano, amarrado ao queixo. O espartilho fôra introduzido recentemente e ela não o adotara ainda, mas era preciso que a sáia fosse bem á inglêsa. Cortara-a e golpeara-a longamente, de maneira que exhibia cruelmente muitas belezas ocultas no comum dos casos. A saia era de musselina, bordada de varias côres, no meio e ao redor do assento. Os sapatos

eram minusculos mas a infeliz rotundidade fisica, descendo das ancas até os pés, fazia a compressão necessaria. A superabundancia com que a natureza a brindára opulentamente projetava-se e pendurava-se, para baixo, de cada lado do sapatinho.

Fiz conhecimento um tanto intimo com o Capitão-Mor de um distrito vizinho, pelo encontro constante nas reuniões que frequentava nas casas de familias brasileiras. Ele ia fazer o circulo do seu distrito, numa jornada de poucas semanas, e convidou-me, com um amigo, para acompanhá-lo na revista ou visita aos seus officiais, e nós prontamente aceitamos. Combinamos que mandaria avisarnos do dia escolhido para partir, para nos reunirmos em seu engenho e segui-lo, com sua comitiva, para o interior do país.

Os Capitães-Mores são officiais de poder consideravel. Têm deveres civis e militares a executar e devem ser escolhidos entre os agricultores mais abastados ou individualmente poderosos nos varios *termos*, fronteiras ou distritos, mas o interesse das familias ou as relações na Côrte têm ocasionado mudanças nessas praxes, e pessoas verdadeiramente incapazes foram nomeadas.

O conjunto da administração no Brasil é militar. Todos os homens, entre a idade de sessenta e dezesseis anos, devem ser arrolados entre os soldados de Linha, na Milicia ou pertencer ás Ordenanças. Dos soldados regulares já falei noutra ocasião. Na segunda classe, cada vila tem um Regimento, onde os individuos, excetuando o major, o ajudante e, n'alguns casos, o coronel, não recebem soldo nenhum. Todos são, entretanto, tidos como incorporados, e ás vezes são chamados ou em raras ocasiões, no curso do ano, reúnem-se uniformizados e com outros ornatos. As despesas que advêm desse respeito afastam as

possibilidades de muitas pessoas pertencerem á classe, embora o Governador esteja desejoso de multiplicar o numero dos regimentos de Milicias. Os soldados são sujeitos ao seu capitão, ao coronel e ao Governador da Provincia. Os coroneis são ricos agricultores, ou o major ou tenente-coronel de um regimento de Linha que escolhem para comandar um desses Regimentos. Neste caso, neste caso somente, vence soldo. Estou inclinado a crer que devem possuir propriedades no Distrito e que todo desvio dessa regra será abuso, mas não conheço a lei nem as “ordenanças”. Os majores e o ajudante, ás vezes, são ocasionalmente promovidos da tropa de Linha, mas que eles sejam ou não militares ou plantadores, recebem pagamento, e seus trabalhos distribuindo ordens e outros serviços decorrentes do Regimento, são numerosos.

A terceira classe, as “Ordenanças”, consiste na mais vultosa porção de individuos brancos e de mulatos-livres. de todas as condições, tendo por seus chefes immediatos os Capitães-Mores, que servem sem pagas, e todos os homens que pertencem ás Ordenanças são obrigados, semelhantemente, a oferecer seus serviços gratuitamente. Cada Distrito conta um Capitão-Mor, o qual, invariavelmente, é pessoa que possui uma propriedade prospera na parte da região onde foi nomeado. E' assistido por um major, capitães e alferes, que são tenentes ou aspirantes, e por sargentos e cabos. E' do dever do Capitão-Mor verificar se cada individuo sob seu comando possui uma arma qualque, espingarda, espada ou lança. Distribue as ordens do Governador em cada distrito, e pode obrigar a qualquer dos seus homens a levar essas ordens ao proximo capitão, que manda outro camponez ao vizinho capitão, e tudo isso sem nenhuma recompensa financeira. O Capitão-Mor pode tambem prender, por vinte e quatro horas, e enviar qualquer pessoa acusada de crime, sob ordem de prisão,

ao magistrado civil da vila mais aproximada ao seu distrito. Os abusos nesse exercício de Capitão-Mor são inumeros e as classes baixas de pessoas livres são oprimidas por esses grandes homens e seus subalternos, até mesmo cabos. Os camponezes são mandados longe, sem a menor relação com o serviço publico, e, por leguas e leguas, esses pobres homens são obrigados a deixar seu trabalho, sob pretexto de levar mensagens particulares do seu chefe, seus capitães, ou de seus tenentes, sem qualquer remuneração. Raramente esses chefes se lembram de empregar seus escravos em tal fim. Fui, varias vezes, testemunha, ouvindo, de camponezes de toda parte, queixas. E' uma injustiça pesadissima. Nada mais irrita um camponez do que a certeza de perder seu tempo e trabalho num serviço que não foi solicitado pelo seu Soberano. Pessoas são, ás vezes, presas durante dias e dias, por uma insignificancia e soltas sem que sejam levadas ao magistrado civil ou admitidas a uma audiencia. Felizmente conheço alguns homens cuja conduta é inteiramente diversa dessa que venho citando, mas o poder confiado a esses individuos é demasiadamente grande, e as probabilidades de serem chamados a prestar contas pelos passados agravos, é muito remota para que exerçam o cargo de maneira conveniente.

Os mulatos livres e os negros libertos, cujos nomes são inscritos nas listas dos Regimentos de Milicias, comandados por officiaes brancos, ou por outros de sua classe e côr, não são, propriamente falando, sujeitos aos Capitães-Mores. Esses officiaes e coroneis de Milicia são nomeados pelo Governo Real e os officiaes subalternos têm sua nomeação pelo Governador de cada provincia.

Acreditei necessaria dar essa explicação da organização interna do Governo para que o leitor possa compreen-

der os motivos que me conduziam a empreender a viagem, cuja narrativa passo, imediatamente, a dar.

A 28 de Janeiro de 1812, o Capitão-Mor mandou um dos seus creados chamar-nos para seu engenho e servir-nos de guia. Pela manhã seguinte partimos, meu amigo e eu e nossos dois creados, e o rapaz que nos tinha sido enviado pelo Capitão-Mor, cavalgando bons cavalos e bem dispostos, na esperança de ver alguma cousa de novo e de curioso. Eu antes viajara, como já relatei, pelas regiões menos povoadas mas não tivera sinão pequenas comunicações com os agricultores. Viajara com excessiva rapidez para que pudesse obter informações sobre seus costumes e habitos na maneira desejada.

Deixamos Olinda passando com cuidado pelas suas ruas, pessimamente calçadas, e descemos a colina sobre a qual está edificada, e vimos um extenso terreno paludoso, em parte tomado pelas plantações de mandioca, sobre leirões altos, especies de monticulos circulares para que a agua não estragasse as raizes. O resto do campo ainda estava alagado e improdutivo. O verde escuro das plantas que nasciam nesse pantanal fazia identificar imediatamente sua especie. A região, quanto podia ser vista, era coberta de arvores. Atravessamos um riacho, comunicando com o lamaçal por ambos os lados da estrada, e seguimos por um trecho elevado, encontrando choupanas esparsas, distantes uma legua de Olinda, vendo alem as terras baixas que cercavam a elevação onde está o engenho de Fragoso. Daí em diante o terreno é baixo e umido até perto da eminencia onde fica situada a plantação de canas de Paulistas (3). Nessa região os trechos apraziveis são numerosos. São vistas cabanas no meio do matagal, construídas de barro e cobertas com folhas de coqueiros. Usam comumente o alpendre saliente e uma area defronte, sempre limpa. Sob o alpendre está armada a rêde, com o

proprietario moreno, idilicamente se balança, para frente e para traz, levantando a cabeça ao ouvir o tropel dos cavalos. O cachorro, estendido ao sol ou debaixo de uma sombra, está prestes a lançar-se sobre os viajantes. Os cestos para peixe e as cabaças estão pendurados nos ramos salientes dos coqueiros que cobrem a pobre habitação. Às vezes o aspecto dessas rudes moradas é animado pela figura feminina que foge e se esconde logo que o passageiro volta os olhos para a estreita picada que leva á cabana. O proprio caminho é apertado (não se trata da grande estrada das boiadas) e toda visão é limitada geralmente pelo mato de ambos os lados, cujos galhos chibateiam as pernas do viajante que é obrigado a conduzir seu animal para o meio da trilha onde depara os carregadores com seus cestos e sacos de algodão sobre um cavalo ou mesmo uma dessas carroças empregadas nas plantações. O desenho representa um desses carregadores de algodão. À frente está fixado uma especie de palmeira denominada "tucum" (4), e logo atraz está o mamoeiro, com seu fruto no galho. O fruto é grande e a pólpa é doce, havendo muita semelhança na consistencia e sabor com o melão quando demasiado maduro. A forma do fruto parece com um pequeno melão redondo.

Aqueles que não estão habituados n'uma região literalmente cheia de arvores, obstando a visão distante dos objetos, e a livre circulação do ar, não podem fazer ideia da impressão deliciosa que proporciona um lindo campo verde, aberto inteiramente, onde a aragem leve refresca. A plantação de Paulistas é situada dessa maneira. Os edificios são numerosos, alguns baixos e outros merecendo reparação. São a casa do proprietario, que é espaçosa e tem um andar acima do terreo, a Capela, com a grande cruz de madeira erecta no centro do terreiro, o engenho, construção quadrada e sem muros, com o tecto sustentado

por pilares de tijolos, a longa fila de casinhas dos negros, a residencia do administrador e muitos outros de menor importancia. Esses edificios são todos espalhados numa grande campina, ocupada por inumeros grupos de gado manso. Á frente, no fim do campo, mas a certa distancia da casa do proprietario, ha um amplo fosso onde corre a agua que move o engenho. Do outro lado do campo é a casinha do capelão que é junta á uma fileira de cabanas de escravos. E' o pomar de bananeiras e por detraz, bosques de mangueiras. Para alem da casa principal, estendem-se as terras baixas de pastagem, cingidas por um lado pelos edificios e nos outros pelas pequenas plantações, bordadas, até distancia, pelas arvores, situadas nos flancos e no cimo do elevado terreno.

Essa valiosa e linda propriedade pertence a um parente proximo do nosso Capitão-Mor. Conhecemos o filho do proprietario, que era o capelão no lugar, e nos convidou para sua casa e o fizemos. Ele se preparara para receber-nos e, depois do almoço, fomos pagar a visita ao velho senhor, na casa-grande, como são conhecidas as residencias nos engenhos. Não estava passando bem e não o podemos ver, mas fomos recebidos pela sua mulher e duas filhas. Fizeram muitas perguntas sobre a Inglaterra e conversamos n'outros assuntos que julgavam agradar-nos. A propriedade não é muito cultivada, os escravos levam uma existencia facil e a casa-grande está cheia de creanças. Esses mimosos apareceram no quarto onde permaneciamos. Estavam completamente despidos e brincavam uns com os outros, ou com os grandes cães que ficaram deitados ao solo. Esses Cupidos de ebano eram os verdadeiros favoritos, e parecem tomar a maior parte do tempo das boas senhoras. A mais moça conta acima de cincoenta anos e mesmo o padre ria com as suas cabriolas. Essas excelentes senhoras e o hom padre têm grande nu-

mero de escravos que lhes pertencem exclusivamente. E' a intenção alforriar a todos e, para prepara-los, muitos homens aprendem varios officios e as mulheres se exercitam em trabalhos de agulha, bordados e as muitas especialidades da culinaria. Assim, pela morte de quatro pessoas que se aproximam da velhice, sessenta individuos, homens, mulheres e creanças, serão livres. Como essa gente já sabe as intenções dos amos a seu respeito não é surpresa verificar-se a maneira reverente e submissa com que os tratam. Em suma, os atos de manumissão que têm sido dados, condicionalmente, obrigando os escravos a servir até a morte de quem são sujeitos. Esses documentos não podem ser revogados e, apesar disso, não esperam ingratição da parte dos beneficiados embora, entre um tão avultado numero de pessoas, não é impossivel, creio eu, que já tenha sucedido o contrario. Os amos dizem que todos os parentes proximos são ricos e não precisavam de auxilios, e que, alem de outras razões, deviam ao regime da escravatura suas riquezas, e seus escravos olhados como filhos não deviam trabalhar para outrem. Entre os escravos em questão muito poucos são africanos. A maior parte é constituída de mulatos e negros-creólos.

Voltamos á casinha do padre para jantar e, á tarde, seguimos para o engenho do Aguiar, pertencente ao Capitão-Mor, distanciado cinco leguas de Paulistas. Chegamos ás dez horas da noite, muito fatigados. Imediatamente depois de Paulistas está o estreito mas rapido rio de Paratibe que, perto da sua barra, muda o nome pelo de "Doce". Na estação chuvosa transborda e não dá passagem. Sua largura, no estado comum, perto de Paulistas, é de cerca de vinte jardas. No seu curso para o mar atravessa muitos tremedais. Pela tarde passamos por quatro engenhos de açúcar. O que possui o nome de

“Utinga de Baixo” é situado num anfiteatro circundado por altas colinas, cobertas de grandes arvores. Essa mata é pouco transitada e é o refugio de enorme quantidade de caça, entre a qual o pôrco do mato é comum. Como nunca vi esse animal, não o pretendo descrever mas sempre me dizem ser um obstinado destruidor dos mandiocais, e que sua carne é bôa. Não é grande e pouco difere do porco comum (5). Muitos criminosos e negros vagabundos estão escondidos nesses bosques. Os habitantes de Utinga parecem todos separados do resto do mundo. O proprio caminho que leva ao povoado não é facilmente distinguido. As ultimas tres leguas que percorremos no escuro, eram cobertas de bosques virgens. A estrada era estreita e os ramos das arvores se entrecruzavam em todas as direções. Nosso guia galopava na vanguarda e muito tempo sua cabeça nos serviu de rumo.

A residencia do Capitão-Mor é um vasto edificio asobradado. A parte baixa serve para armazem de açúcar e outros artigos que sua propriedade produz. Subimos por uma escada de madeira, construída no exterior do predio, entrando para uma pequena ante-sala onde fomos recebidos pelo nosso hospedeiro e um de seus filhos, que nos conduziu a um espaçoso alojamento, do outro lado. Uma longa mesa, outra de menores dimensões, um par de bancos, algumas cadeiras quebradas e sem pintura, constituíam a unica mobilia desses quartos. Quatro ou cinco rapazes negros, que eram de um tamanho muito desenvolvido para usar arco e flecha mas que estavam um tanto embaraçados com as roupas como se ainda pudessem manejar essas perigosas armas na qualidade de Cupidos, ficaram espantados de ver os seres extranhos que acabavam de chegar, e de todas as portas surgiam vultos femininos para olhar-nos. A ceia constava na usual quantidade de pratos, colocados sem ordem na mesa,

As cinco horas da manhã o Capitão-Mor, meu amigo, eu e tres creados avançamos tres leguas sem encontrar viv'alma. Reuniram-se-nos o ajudante do Distrito e varios officiaes, em uniforme azul escuro, guarneçido de amarelo, monstruosamente largo, galões brilhantes até o antebraço, chapéus redondos com plumas curtas, espadas de prodigioso tamanho, calções de nanquim, soltissimos, e botas, o que fazia parecer esses ultimos com enormes nadeças, pela amplidão dos calções. Desmontamos perto de um engenho, o terceiro que viamos nessa manhã, e convidaram-nos para almoçar, e, ante nossa recusa, regalou-nos com abacaxis e laranjas. O dono da casa tomara grandes cuidados com seu jardim, plantando fructas que exigiam atenção e é bem extranho que, com tantas fruteiras que podiam crescer sem difficuldade maior, não se encontrem laranjas na maioria dos pomares. Sei que a formiga é a grande perseguidora dessas plantas, mas se as precauções forem a tempo tomadas a esse respeito e se aguam durante os mezes de estiagem, por dois ou tres anos, nada mais é necessario. Nessa mesma propriedade dizem que crueldades monstruosas foram praticadas. A conduta do amo para com seus escravos é citada com horror, e, entretanto, ele é visitado e tratado como se fosse um individuo de carater immaculado. E' o unico exemplo que conheci da crueldade sistematica, continuada, mas isso ocorreu e se conserva impune o algoz, e um é sufficiente, mesmo que não haja o segundo, para ver-se o regime escravo como uma abominação que deve ser aniquilada. A propriedade foi herdada pela pessoa em questão, como sessenta escravos fortes, e quinze anos depois, no tempo em que estou falando, restavam apenas quatro ou cinco individuos aptos para o trabalho. Uns fugiram, conseguindo escapar, outros morreram, Deus sabe como, e outros suicidaram-se á vista da casa senhorial.

Chegamos a Santa Cruz pelo meio-dia, e estavam na região onde se cultivava o algodão. A terra que havíamos passado era, na maior parte, bem irrigada e sombreada de arvores. Os pantanos eram menos frequentes. As plantações de cana de açúcar são numerosas, e vi oito, numa só manhã. O terreno é desigual e cruzamos varias colinas escarpadas. As terras, onde tínhamos chegado e as que avançavam para o interior, são inteiramente altas, e a relva estava queimada. As *primeiras aguas* não tinham caído ainda. O solo dessas partes retém menos a humidade que as regiões percorridas anteriormente, porisso são completamente asperas para que sejam trabalhadas. O grupo foi aumentado consideravelmente e, á tarde, atingimos Pindoba, plantação algodoeira de grande extensão. O dono é rico e possui muitos escravos. Recebeu-nos com o "chambre" (*dressing-gown*), sob o qual trazia a camisa e ceroulas e um par de meias. Apoz as primeiras saudações, foi buscar uma pequena garrafa de licor, feito no país, e veio ele mesmo servir seus convidados. Um unico copo surgiu e no qual toda a gente bebeu. Depois do jantar o tocador de violão, pertencente á casa, tocou em nossa honra, enquanto seu amo, sentado sobre a mesa, fumava um cachimbo de seis pés de comprimento. Varias rêdes estavam armadas nos dois aposentos, e cada pessoa podia conversar ou ir-se deitar, ou fazer ambas as cousas sem cerimonia alguma. Seriam passadas em revista tres Companhias de Ordenanças e os camponezes se reuniram pela manhã cedo. Eram os primeiros a ser inspeccionados porque o Capitão-Mor desejava visitar em seu regresso os lugares que tínhamos passado, e cumprir então seu dever. Os homens traziam sua roupa usual, camisa e ceroulas e, por vezes, uma jaquêta de nanquim e calções, e a maioria estava armada de mosquêtes. O Capitão-Mor em louvor da cerimonia, envergou seu uniforme es-

carlate e sentou-se perto da mesa. O capitão da companhia que estava sendo revista, ficou perto, com a lista dos seus soldados. Os homens eram chamados pelo capitão e repetidos por um sargento que permanecia á porta, e o individuo entrava e apresentava armas ao Capitão-Mor, fazia meia volta e retirava-se. Era muito ridiculo e ao mesmo tempo triste ver-se o terror que exprimiam as fisionomias dos pobres homens, e suas desajeitadas posições quando vinham apresentar-se. Outros mostravam evidente capacidade, eram os melhores vestidos e executavam as manobras com a clareza e prontidão de que eram capazes, mostrando conhecimento superior e a esperança de serem admirados. No curso da revista houve muitas ausentes, que foram justificados pelo capitão da companhia de que faziam parte, ou por um vizinho. As escusas foram naturalmente recebidas como validas sem que fizessem a menor verificação. A ausencia de um capitão não foi aceita calmamente, e um official foi mandado buscar o faltoso e traze-lo a Pindoba, preso. Se este gesto foi motivado por uma razão privada ou zelo de serviço publico, não pretendo decidir, mas o official chegou, logo depois custodiado. Foi posto num dos aposentos da casa onde estavamos e um sargento ficou á porta, de sentinela. O capitão-Mor bem depressa abrandou. Relaxou a prisão e mandou-o voltar para casa.

Ao jantar o grande homem tomou assento á cabeceira da mesa e o dono da casa ficou perto, para servi-lo. Foi oferecida uma profusão de iguarias, porque o grupo era grande e esse era o costume. Nenhuma especie de ordem é observada. Cada pessoa se serve do prato que melhor convenha e, muitas vezes, a faca que acabamos de usar em nosso canto, é solicitada por dois ou tres dos companheiros, para o mesmo fim. Um pedaço saboroso não está seguro num dos nosso pratos, podendo ser fre-

quentemente arrebatado e mesmo substituído por outro, em troca. Bebe-se muito vinho durante o jantar e os copos são usados em comum. Quando nos erguemos da mesa, os comensais foram fazer a *sesta* habitual, um sôno depois do jantar, usado nos países de clima quente. Meu amigo e eu saímos, passeando, pela tarde, mas não havia tempo de ir longe. Os arredores não possuíam beleza natural, a sêca requieimara as relvas e toda a paisagem da região era extremamente desolada.

No outro dia pela manhã quarenta pessoas partiram para a povoação do Bom Jardim (6). E' distante de Pindoba legua e meia. Chegamos ás sete horas. A povoação foi edificada na forma de um quadrado. As casas são baixas mas a igreja é grande e bonita. As choupanas, parecidas com as do Assú e demais lugares, não são caiadas de branco. No Bom Jardim o barro com que foram feitas é conservado na sua côr primitiva. A povoação contem aproximadamente 500 habitantes. Subimos a uma colina íngreme e do lado oposto havia outra, de altura semelhante, que devia ser passada para que pudessemos entrar no interior do país. A povoação está colocada numa encosta dessa colina. O solo é inteiramente composto de uma terra vermelha, tendo n'alguns trechos traços escarlates, onde passam veios amarelos. E' a descrição do solo que dizem ser o melhor indicado para o plantio do algodão. Bom Jardim é o grande ponto de encontro para os mascates que vêm do Sertão e de outras partes mais longinquas. Dista do Recife vinte estiradas leguas, na direção N. E.

Meu amigo e eu fomos passear e descemos a colina, tomando uma trilha que nos levou ao leito do rio, presentemente sem agua. Bom Jardim sofre de extrema falta d'agua, mas julgo possível obtel-a cavando pôços

de profundidade suficiente (7). Voltando a povoação vimos que se ia dizer uma Missa e acompanhamos os amigos á igreja. Estava repleta. Uma observação que frequentemente tive ocasião de fazer é que, quando os camponeses se reúnem á porta das igrejas nos domingos e dias santos, seu numero deve espantar as pessoas que viajarem a região sem maiores oportunidades de um exame maior. As choupanas que estão á margem da estrada não prometem ter a população numerosa como temos a ocasião de ver nessas festas, mas a espessura dos bosques e a pouca elevação das cabanas, mesmo quando, acidentalmente, pode-se ter uma visão de conjunto subindo-se ao cimo de uma colina, as casinhas das classes pobres do povo não são percebidas, esparsas por toda extensão do terreno e com os estreitos caminhos que parecem impraticaveis, apenas entrevistos, conduzindo a quatro ou cinco casebres, situados no meio da mata ou n'algum campo proprio para o cultivo da mandioca e do milho.

Uma Companhia foi passada em revista no Bom Jardim e d'aqui um capitão seria enviado para procedela noutros pontos no interior do distrito. Fomos a cavallo, depois da tarde, para a casa do capitão Anselmo, uma legua distante, que esperava por nós. Pelo caminho para esse ponto vimos uma mata incendiada num lado da estrada. Na estação do estio os pastos e os matagais estão ressequidos de tal forma que a menor fagulha é bastante para transformar a paisagem num brazeiro. O fogo corre numa legua e mais. Ás vezes as chamas, com grande violencia, alcançam os galhos das arvores imensas, ultrapassando-lhes o cimo, e cessam. Mas o fogo continúa, nas cavidades das arvores antigas ou debaixo de montões de folhas que conservam um pouco de humidade. O menor sopro de ar é bastante para que o incendio reassuma a ferocidade anterior. Os camponeses invariavelmente fumam quando via-

jam e vão, quasi sempre, pedir uma braza acêsa nas choupanas que encontram. E' espantoso vêr com que indifferença sacodem eles a braza não apagada sabendo muito bem as consequencias que resultarão desse gesto. O ato de lançar fogo no pasto é sujeito a punições legais, mesmo que a não intenção ou descuido seja provada. A colheita das canas de açúcar ficam prejudicadas, varias ocasiões, por esses motivos.

O capitão Anselmo reside numa plantação de algodão que lhe pertence e que é cultivada por uns quarenta negros. A casa é situada sobre uma alta colina, com um belo plaino, abaixo, onde as arvores são abundantes e espalhadas. Ao pé da colina ha um grande viveiro de peixes, atravessado por um riacho na epoca das chuvas. O proprietario murou ultimamente uma grande parte do terreno e trabalha num jardim nas margens do viveiro. A residencia é nova e tem um segundo andar. E' muito limpa e bem mobiliada. E' a melhor situada e a mais bem arranjada das casas que visitei nessa viagem. As senzalas dos escravos foram inteligentemente feitas e têm um ar de conforto. Fez-nos ouvir a musica que se usa nessa parte do país. Tres negros com gaitas de foles (8) começaram a tocar pequenas toadas enquanto estavamos jantando, mas pareciam tocar em tons diversos um do outro e, ás vezes, supunha que um deles executava peças de sua propria composição. Imagino que alguém jamais tentou produzir harmonias sonoras com tão maus resultados como esses chameleiros. A posse de uma dessas bandas empresta um certo grau de superioridade e, consequentemente, os ricos plantadores têm orgulho pelos seus musicos.

Nosso grupo não podia deixar passar a oportunidade sem praticar o divertimento do *intrudo* (9) mesmo que a epoca de sua celebração estivesse ainda longe uma se-

mana. No dia seguinte á nossa vinda, mal findo o jantar, a farinha, as bananas, o arroz e outras guloseimas da mesa, eram atiradas á cabeça uns dos outros. Depressa os uniformes elegantes foram desaparecendo e foi em mangas de camisa que começou a guerra civil com alma e coração. Tudo se passava na mais perfeita alegria e, por fim, fatigados e sujos, todos nós procuramos as rêdes, abundantemente espalhadas para os hospedes. Mas, a nossa má estrela permitiu que um bravo capitão fechasse completamente todos os postigos (o luar resplandecia, brilhantissimo, pelo aposento) e se tendo colocado junto a uma enorme jarra d'agua que estava num dos recantos do quarto, e com uma pequena bilha na mão, começasse a irrigar-nos alegremente, ameaçando repetir a façanha, o que nos obrigou a procurar refugio debaixo de cadeiras e mesas. Com essas e outras manobras aliadas continuamos até amanhecer, quando nos preparamos para a continuação da nossa viagem. Uma Companhia foi aqui passada em revista.

Chegamos á casa do capitão Paulo Travasso, distante uma legua. Segundo nosso costume, meu amigo e eu fomos passear logo apoz a chegada, e, voltando, em vez de seguir o caminho que fazia varias curvas, tentamos de trepar um monte abrupto afim de regressar mais rapidamente a casa. Meu amigo ia adiante e, quando subia, o pé escorregou, obrigando-o a agarrar-se a um arbusto que nascera no cimo do monte. Abandonou a idéia de continuar a proeza e, voltamos, trazendo a planta e um pouco de terra onde ela crescêra. Como a ia jogar fóra, verificou ter alguma cousa reluzente na mão, o que nos fez voltar ao ponto onde a tínhamos arrancado. Reviramos a terra e o amigo, que residira longamente na costa d'Africa, julgou que a substancia que estava misturada com a areia era ouro em pó.

Nesse lugar o *intrudo* continuou com mais violencia que anteriormente. Potes e panclas saíram da cozinha e foram introduzidos para enegrecer e bezuntar-nos os rostos a todos. Conseguimos aqui ver as senhoras da casa. Por toda parte eram rigorosamente guardadas e naturalmente reservadas para que tomassem parte entre nós. Os rapazes que tinham relações com a familia puderam interessa-las na brincadeira, e as senhoras e as escravas participaram valentemente da luta. Ocorreu um episodio que provocou gargalhadas e que é uma característica. Um homem, que encontramos aqui, dizia aos que brincavam que não o molhassem porque estava adoentado. Não percebia, entretanto, que não observava para os outros a indulgencia solicitada para ele mesmo. Um, do grupo, vendo isso, atacou-o com um colherão de prata cheio d'agua. O homem fugiu para o interior da casa e o outro o seguiu. Quando estavam a uma certa distancia, voltou-se contra seu perseguidor e puxou sua faca, ameaçando-o ferir se avançasse. O outro, apalpando o lado esquerdo onde comumente colocam as facas, ameaçou-o tambem e sem demora saltou sobre ele, com um pau que encontrara. O adversario, não querendo aceitar o combate, desatou a correr, com a faca na mão. Desta maneira entrou pela porta trazeira e o do colherão de prata o fez pela porta principal. E chegaram ao ponto da partida. O primeiro, segurando o jaléco do contendor, fez publico que este já não tinha a faca e que estava desarmado. Foi o bastante. As mulheres, especialmente, o atacaram em regra. Voôu para a estribaria, montou seu cavallo e galopou furiosamente mas, por infortunio seu, esqueceu que o caminho por onde operaria a retirada, passava por baixo das janelas da casa e, ao defronta-las, duas tinas d'agua alagaram-no, a ele e a montada, que imediatamente apressou os passos e se foi, debaixo da vaia de todos os presentes.

Continuamos nossa jornada no dia seguinte para o engenho, propriedade do capitão João Soares, onde demoramos até o subsequente. Como um de nós já se desgostara do *intrudo*, e como o recommçassem, fugimos para o engenho e para as casinhas que ficam junto á residencia. Aí mesmo fomos atacados mas ganhamos os tectos de outro edificio, e não mais puderam desalojar-nos.

Tenho frequentemente visto o *saboeiro* ou arvore do sabão, que cresce principalmente nesse distrito. E' um forte arbusto que espalha numerosos ramos em varias direções quando está em pleno crescimento e tem a apparencia de arvores que já foram podadas (como era outróra praticado nos jardins) visto ter folhas pequeninas e crescendo umas junto das outras. A capsula da semente é do tamanho de uma ameixa, e se a pomos dentro d'agua e a esfregamos com força produz o mesmo efeito que causa o sabão n'agua, tendo a mesma propriedade de branquejar (10). O *pau de alho* é tambem abundantissimo nesse distrito. O nome é derivado da semelhança entre o odor das folhas e da madeira dessa arvore e o do alho. Essas arvores crescem tão fortemente que, suponho, recordando aos primeiros colonos um dos ingredientes favoritos da culinaria européa, tenham dado seu nome a uma Vila e ao proprio distrito (11). -

As cinco horas da tarde partimos para Limoeiro, grande vila prospera (12). Compõe-se de uma rua, com cerca de tres quartos de milha de comprimento, a qual é fechada, numa extremidade pela Igreja e casa paroquial. Esse edificio pertenceu antigamente aos Jesuitas. O commercio de Limoeiro com o interior é consideravel e particularmente no dia de mercado, todas as semanas, o ruído é excessivo. Raramente esses se passam sem que assassinatos sejam cometidos ou, no minimo, alguém fique

ferido ou espancado. As feiras de Nazaré ou Lagôa d'Anta são especialmente famosas pelos disturbios que, de comum, têm lugar. Tornaram-se tão numerosos em certa epoca que o Governador julgou necessario expedir ordens para uma patrulha garantir a tranquillidade nos dias de feira.

Limoeiro contem seiscentos habitantes, aproximadamente e se desenvolve diariamente. Está situada numa margem do rio Capibaribe, que estava nesse tempo completamente a sêco. A distancia do Recife é cerca de quatorze bôas leguas. Fomos hospedados pelo Vigario, que tem muito pouco cuidado pela decencia de sua casa, e é necessario que não tenha igualmente á sua vida, porque, cada degrau que pisavamos subindo para seus aposentos, parecia ser o ultimo que iamos dar. Os soalhos dos quartos onde andavamos semelhava mais um alçapão, onde se devia andar cautelosamente. Muitas das taboas estavam quebradas, com grandes bréchas, outras desprendidas eram perigosas para quem as calcasse, e alem desses varios perigos da mansão, substancias pouco agradaveis ao olfato, eram descuidadamente esmagadas. Nunca vira residencia tão miseravel, cujo morador teria facilidade em reparar e conservar sua casa. Para compensar, tivemos, todavia, um bule de chá, açucareiro e outras peças da baixela, em prata.

O Capitão-Mor ainda deveria inspecionar varios pontos, o que lhe tomaria muito tempo. Entretanto o meu amigo estava ancioso para regressar ao Recife, e deixamos nosso grupo, com saudades, e, na manhã seguinte fomos acompanhados pelo ajudante que voltava para casa. Tinha grandemente me divertido e lastimava não ver a conclusão da jornada.

Em Limoeiro varias companhias esperavam a revista e de lá o Capitão-Mor se devia transportar a Pau d'Alho (13) e Nazaré ou Lagôa d'Anta (14), duas Vilas grandes e de consideravel importancia. As duas estão a poucas leguas de onde nos separamos dos nossos companheiros. Voltamos a Santa Cruz, que atravessamos pela demora na casa do ajudante. Pela tarde chegamos ao Aguiar, sendo recebidos aí por um dos filhos do Capitão-Mor, jovem de dezoito anos de idade, e vimos tambem a atraente esposa do Capitão-Mor, que é sua sobrinha. Ela tem ao redor de quinze anos, ele cerca de quarenta e seis. Dormimos no Aguiar e parámos em Paulistas, na manhã do outro dia, de onde chegamos ao Recife na tarde de 6 de Fevereiro.

Ouvi um plantador de cana de açúcar queixar-se amargurado da sua pobreza, e da falta de braços no trabalho de seu engenho que o obrigava a deixar inculta a melhor parte das terras. Depois dessas lamurias, sua conversação se fixou sobre sélas e arreios e nos disse ter comprado recentemente uma séla nova e uma brida, que desejava mostrar-nos. Eram, verdadeiramente, soberbos arreios. A séla era feita em marroquim, bordada a veludo verde, e os cravos para os ornamentos da cabeça do animal eram de prata, assim como placas desse metal estavam profusamente sementeas em todos os lugares, tanto na séla como na brida. Disse-nos que tudo lhe custara quatrocentos mil reis, cerca de 110 £. Com essa soma de dinheiro teria ele adquirido quatro escravos. Mas o melhor é que, abrindo uma gavêta onde apareceram varias colheiras, esporas quebradas e outros objetos de prata, informou-nos que reunira sufficiente quantidade desse metal com o proposito de comprar enfeites para o cavallo do seu pagem, da mesma forma que o seu.

As pessoas livres, de côr, que habitam os trechos da região que visitci, são mais numerosas do que previra. As companhias de Ordenanças variam muito seus efetivos. Uma tem cento e cincoenta homens ou mais e outras vão a cincoenta apenas.

Os moradores de Mata, que é a zona de ligação entre os distritos ferteis do litoral e os do Sertão, não têm geralmente bom character. A vida miseravel como a que levam lutando contra a falta d'agua e de provisões, parece ter um efeito desfavoravel sobre eles. São representados como mais vingativos, mais questionadores e menos hospitaleiros que seus vizinhos. Dizem que um homem é *matuto da Mata*, não é uma recomendação para ele.

Durante a viagem ouvi a seguinte historia, e como conheço a pessôa com quem succedeu o episodio, posso garantir a sua veracidade. Um brasileiro que fôra rico mas, com algumas imprudencias e muitos atos que merecem outros nomes, reduziu-se a estado de comparativa penuria, residia na parte da região que atravessei. Era um homem de moral livre, disposição selvagem, com maneiras agradaveis. Tivéra, em dado momento, revelado a feitura de su'alma, portando-se de forma reprovavel para com uma senhora a quem parecia estar pessoalmente dedicado. Possuira muitos escravos mas, no momento em que esses acontecimentos succederam, restavam-lhe uns tres ou quatro e apenas um com saúde. Apreensivo de ser assassinado pelas muitas pessôas que havia injuriado e agredido, costumava fechar portas e janelas de sua casa, seguramente, exceto uma entrada que trancava, ordinariamente ao anoitecer. Uma tarde tres homens bateram-lhe á porta e solicitaram permissão de passar a noite em qualquer comodo da plantação. O dono respondeu de dentro da casa, sem abrir a porta e disse que podiam dormir no engenho. Uma hora mais tarde voltaram a bater e

uma pessoa pediu que lhe vendessem algumas frutas. O proprietario, sossegado, inconsideradamente, abriu a porta para entrega-las ao comprador. Num momento, quando um dos homens recebia a compra, o outro disparou um tiro, cuja maior parte da carga lhe penetrou o abdomen. A fama da coragem do ferido fez hesitar os tres desconhecidos em se aproximarem para mais perto e, nesses instantes, conseguindo apanhar sua espada, que se encontrava perto do lugar onde estava, o assaltado fechou a porta. Feito isto, foi para o leito difficilmente, esperando que cada minuto fosse o seu ultimo. Os homens tentaram entrar pelas portas e janellas e não conseguindo, foram embora. Logo que o escravo sadio ouvira o estampido e soubera o amo ferido, deixou a casa, levando, o que é surpreendente, a chave da porta, e fôra pedir auxilio nos engenhos vizinhos, a uma legua. O proprietario do engenho que o escravo procurara mandou preparar uma rêde e partiu com dezesseis negros, acompanhado pelo seu Capelão, que conduzia uma lanterna e todos os demais accessorios para assistir a um catolico em suas horas derradeiras. Quando chegaram, encontraram o ferido numa situação que o supuzeram durar poucas horas. Confessou-se, ungiaram-no com os santos-oleos, preparando-o para o desfecho. Puzeram-no na rêde e o vizinho conduziu-o, resguardado, para sua morada. A pessoa que me relatou essa historia não esquecia de ajuntar que uma vêla fôra trazida na lanterna para que o ferido não corresse o risco de falecer sem uma luz na mão, como é o costume. Um cirurgião fôra chamado de Iguaraçu (Igarassú), distante varias leguas, e poude extrair todas as balas. Não obstante o retardamento dos socôrros e outras circunstancias desfavoraveis, sei que o homem gozava saúde em 1813.

Quando ele permanecia em estado grave na residencia do seu amigo, um sertanejo indigena, bem armado,

passara pelo lugar, perguntando a um dos negros se ele vivia. Dizia-se geralmente que devia ir-se para um lugar bem distanciado da região, em caso contrario podia esperar diariamente outros assaltos, especialmente porque seus inimigos eram sertanejos. Os homens que tentaram mata-lo estavam vestidos á maneira desse povo, e eram vistos, na manhã imediata, viajando para o interior. Disseram, numa das choupanas onde se detiveram, que acreditavam ter feito um homem não comer mais pirão (15), o que é igual na Europa ao uso comum do pão. A pessoa a quem tinham atacado não pode saber de onde proviêra o golpe, pois de tantos ela o podia esperar.

No Brasil, as pessoas insultadas devem permitir que os crimes fiquem impunes ou elas proprias assumam o direito de castigar quem cometeu o crime. Esses males provêm da vastidão do país e da falta de cuidado do Governo em reprimir esses abusos.

NOTAS AO CAPITULO X

(1) *The great church of Corpo Santo* erguêra-se no local da pequenina capela a São Telmo ou Corpo Santo, em meados do século XVI, quando Recife era uma povoação de pescadores. Construíram a igreja de São Frei Pedro Gonçalves que, durante o domínio holandês, foi convertida em templo luterano e nela se sepultou João Ernesto de Nassau, irmão do Governador do Brasil Holandês. Na restauração, mereceu melhoramento, sendo Matriz em 1655, reconstruída e aumentada em 1703. Em 1800 demoliram-na e reergueram a Igreja do Corpo Santo, aberta ao culto em 1812, edificio imponente, todo em marmore de Lisboa. Em Outubro de 1913 a Igreja do Corpo Santo foi abatida completamente, sob pretexto de necessidades para a construção do porto, explicação tecnica que nunca justificou o vandalismo. Ver Anibal Fernandes, "Relatorio da Inspectoria Estadual dos Monumentos Nacionaes", Recife, 1929, p. 4, com fotografia magnifica da igreja destruída. (C).

(2) Antes da minha partida em 1815 haviam pavimentado um terreno consideravel (que era coberto pelas marés em preamar) entre Santo Antonio e Boa Vista, e construíram muitas casas. A principal rua em S. Antonio foi calçada. A ponte da Boa Vista fôra reconstruída em madeira, e a entre S. Antonio e Recife seria reparada em grande parte. Os hospitais deviam ser melhorados e, como soube, depois do meu regresso da Inglaterra, que um homem respeitavel fôra nomeado para dirigir um desses estabelecimentos, creio que essa intenção seja realizada. (K).

(3) Engenho que pertenceu a João Fernandes Vieira, o chefe da insurreição pernambucana contra os holandeses. Fica a 11 quilômetros de Olinda. D. Maria Cezar, viúva de Fernandes Vieira, falecendo em 1689, deixou o engenho, englobado na propriedade "Paratibe de Baixo" e seu irmão, o coronel Berenguer de Almeida, testamenteiro, vendeu-o ao Mestre de Campo Manuel Alvares de Moraes Navarro, um dos comandantes dos Terços dos Paulistas que tinham vindo para a Guerra dos Palmares. Daí a denominação "Engenho do Paulista" e também "Paulistas ou simplesmente "Paulista". Município a 11-9-1928, suprimido a 23-1-1931, restaurado a 4-9-1935. A vila do Paulista foi elevado a cidade pelo Dec. Lei 235, de 9-12-1938. (C).

(4) Vide Appendix (K).

(5) Bolingbroke diz isso sucede sempre que as porcas fogem para o mato onde se tornam selvagens, e ajunta que seu numero se multiplicou imensamente. N'outra passagem fala numa especie desses animais que é peculiar na America dos Tropicos, e o chama Warree, que ele diz ter o corpo dos porcos da Europa e muito semelhar pela forma. O "porco do mato" não é o "sus tajassu", sendo este, creio eu, o que Bolingbroke chama "porco Picaree". Voyage to he Demerary, &c. by Henry Bolingbroke, in Phillip's Collection of Modern Voyages, vol.-X, p-57 e 129. O Tajassú é encontrado no Maranhão mas não é conhecido em Pernambuco. (K). Todos esses suídeos são chamados pelos sertanejos "porcos do mato", distinguindo-se o Tajassú, Taiaassú ou Teassú (*Dicotyles torquatus*, Cuv) do Caetetú, Caititú, Catetó ou popularmente "queixada", pela projeção dos caninos (*Dicotyles labiatus*, Cuv), que Teodoro Sampaio traduziu *tây-tetú*, o dente aguçado ou ponteagudo. (C).

(6) *Village of Bom Jardim*, à margem do Tracunhaem, distando 103 quilômetros do Recife, é freguesia desde 1757, Vila do Bom Jardim em 19-Maio-1870 e Cidade a 17-Fevereiro-1879, sede do município do mesmo nome. Quando simples curató, o capelão creou o toponimo pela impressão dos abundantes Pau d'Arco Amarelo (*Tecoma umbellata*, Mart.) existente derredor. (C).

(7) O Capitão-Mor deu ordens para construir um reservatorio para agua das chuvas e este trabalho foi realizado, 1815. (K).

(8) *Three negroes with bag-pipes...* Nunca encontrara menção da gáita de foles tocada no Brasil e por negros. Linhas adiante, Koster fala nos Charamelleiros (que conservei na versão). A charamela é uma flauta delgada, que tem o som de tiple, mui agudo, de pequenas dimensões, e sua escala não chega a duas oitavas, leio no "Diccionario Musical" de Isaac Newton (Maceió. 1904). Naturalmente o *bag-pipe* é apenas uma gáita, tão popular entre os negros. (C).

(9) Segunda e terça-feiras antes de Cinzas (Ash Wednesday) são os dias proprios para o Intrudo mas o divertimento, como no caso vigente, pode começar uma semana antes do prazo. Agua e pós para cabelo são os ingredientes indicados para lançarem uns aos outros, mas, frequentemente não guardam equilibrio e tudo quanto se pode agarrar, esteja limpo ou sujo, é atirado, de todas as partes, para inocentes e culpados. (K). O "Diccionario de Moraes" (ed. 1831) regista: — "ENTRUDAR: — passar o entrudo e divertir-se pelo entrudo. Eufros, 1.6. "entrudar c'os amigos", molhar com agua; empoar de goma, ou talco; brincos de entrudo, e outros peyores. ENTRUDO: — São os tres dias immediatamente precedentes á Quaresma, nos quaes é uso entre nós divertir-se o povo com se molharem, empoar, fazer peças, e outras brincadeiras, e banquetear-se: daqui "ter entrudo fóra com alguém" i. é, divertir-se com ele. Prestes, f. 29 v. "botar o entrudo fóra"; passar o —, jogar o —. INTRUDAR: — ainda que Intruido antiq. ou Intrudo vem de Introito (dias de entrada, começo) das quaresmas, nos quaes

se comettem os excessos, e loucuras sabidas, e vedadas por leis mal executadas. "Ainda alcancei em Natal os ferozes Entrudos, especialmente entre as familias dos arrabaldes, onde só escapavam os doentes e as creanças-de-peito. Em S. José de Mipibú, em fins do seculo XIX, houve um Entrudo tão animado que toda a população da cidade se molhou. (C).

(10) O registro de Labat sobre a "*Arbre à Savonettes*" não concorda inteiramente com o meu. A diferença provem de varias circunstancias que se podia descobrir fixando a atenção sobre o objeto. Ele diz que as folhas têm tres polegadas de comprimento, e "*cet arbre est un des plus gros, des plus grands, et des meilleurs qui croissent aux isles*". *Nouveau Voyage*, &c. Tom-VII, p-383. Du Terre diz que ela cresce "*en abondance le long de la mer, dans les lieux les plus secs et les plus arides*". *Histoire des Antilles*, &c. Tom-II, p-165. Só tenho ouvido falar no "Saboeiro" a alguma distancia da costa. (K). A mais conhecida das sapindaceas é o "Pau de Sabão", *Sapindus divaricatus*. (C).

(11) Varias dessas fitoleceas têm o nome de "Pau d'Alho", como a *Galesia gorazema*, Moq, a *Seguirca alliacea*, devendo ser esta a que Koster viu. Os indígenas denominavam-na *Ibirarema*, o pau de máu-cheiro. (C).

(12) Limoeiro foi elevada ao titulo de Vila por um alvará publicado no Rio de Janeiro a 27 de Julho de 1811 mas ainda não conhecido. Ela possui presentemente um diretor, municipalidade e um Capitão-Mor. (K). A elevação de Limoeiro á Vila foi devido a provisão de 15-Fevereiro e alvará de 27 de julho de 1811. Vasconcelos Galvão (Dic. Chor. Hist. de Pernambuco, Rio de Janeiro, 1908, 1, 362) informa que a instalação se dá a 25-Maio-1812. Cidade a 30-Maio-1881. Fica a 79 quilometros do Recife. (C).

(13) Esse lugar foi elevado á Vila pelo mesmo Alvará publicado concernente a Limoeiro, e, pelo mesmo, as povoações do Cabo de S. Agostinho e S. Antão foram igualmente elevadas a Vilas, seguro indice do aumento de sua população. (K). A Vila de Pau d'Alho foi instalada a 16-Maio-1812. A lei n.º 1318, de 4-Fevereiro-1879 elevou-a ao predicamento de Cidade, mudando-lhe a denominação para "Espírito Santo" embora conservando o antigo nome para o municipio. Fica a 48 quilometros do Recife. Voltou ao seu antigo nome de Pau d'Alho. A Vila do Cabo passou a chamar-se "Santo Agostinho do Cabo" pela lei provincial n.º 1269, de 9-Julho-1877, que lhe deu a categoria de Cidade. A Vila de Santo Antão, hoje Cidade da Vitoria (lei prov. n.º 113, de 6-Maio-1843) é sede de um outro municipio pernambucano, a 51 quilometros do Recife. (C).

(14) Essa povoação é muito mais conhecida pelo nome de Larôa d'Anta que pelo de Nazaré, embora seja este ultimo o nome que figura nos seus documentos officiaes. A primeira denominação parece denunciar que esse animal era conhecido nessa região do país, mas atualmente não encontrei um só habitante que soubesse ao menos a significação do vocabulo "anta". (K). Nazaré foi Vila em 1833, quando ficou sendo a sede administrativa que estava em Laranjeiras. Cidade a 18-Junho-1850. (C).

(15) ...they had prevented one man from eating any more piram, registou o fidelissimo Koster. É frase ainda corrente com que o sertanejo expressa a ideia da morte. *Aquele não come mais pirão*. (C).

CAPITULO XI

RESIDENCIA NO JAGUARIBE. RIO DOCE. JAGUARIBE. TERRAS VIZINHAS. JORNADA PARA GOIANA. MUNDO NOVO. PROSSEGUINDO PARA GOIANA. OBSTINAÇÃO INDIGENA. MOLESTIA. VIAGEM AO RECIFE. ANEDOTAS. FURTO DE CAVALOS. ASSASSINOS. A CASA-GRANDE. REUNIÕES NOTURNAS. O PODER DO SENHOR DE ENGENHO. O FEITOR NO RECIFE. FESTA DE S. BENTO. NEGROS DE S. BENTO. OUTRA FESTA. COQUEIRAIS. IGREJA DE NOSSA SENHORA DO Ó. CURAS MILAGROSAS. MORTE DE UMA ESCRAVA. CASAMENTO DE MULATOS. MISSA DO GALO.

Apoz a viagem do Bom Jardim não fiz longas ausencias do Recife até que, com um amigo, concebi a ideia de arrendar uma propriedade. Era um meu velho desejo, mais por prazer que por outra causa, deixar a cidade pelo campo.

Em principios de abril de 1812 tomamos posse de um engenho no Jaguaribe, distante quatro leguas do Recife, na direção do norte, e a uma legua do mar. Estava provido por muitos escravos, bois, maquinario, accessorios, capacitando os novos senhores a um trabalho immediato. Poucos dias depois do nosso contrato, acompanhei o proprietario a uma plantação com o proposito de conhecer a pessoa que ia deixar o engenho. Era a segunda visita que fazia ao lugar da minha proxima residencia. Acerutando tudo com esse homem, voltamos juntos para dormir na casa de um de seus irmãos, situada a uma milha e meia do litoral. Comprara ele algumas terras e as desbastava, construindo muitos edificios. Habitava, com sua familia,

o celeiro, e nós fomos dormir na casa nova onde apenas se erguiam o tecto e o travejamento das parêdes. A epoca das chuvas começara a essa casa, semi-acabada, era circundada pelos pôços d'agua estagnada, habitados por sapos enormes cujo rouco coaxar durou, sem interrupção, toda a noite. Os troncos das arvores recentemente cortadas cobriam o solo em todas as direções. Pela manhã parti sozinho para o Recife. Fui pelas praias e logo encontrei o rio Doce, uma estreita corrente que, apoz um curso de quatro ou cinco leguas, desagua no oceano. A maré sobe e desce com rapidez notavel e, nesses momentos, não é vadeavel, mas, na baixa-mar, as aguas são muito razas e alguns pontos do canal ficam completamente sêcos. E' necessario passar depressa porque a areia do leito é finissima, não sendo, porem, o que chamam areia move-dica. Uma demora nessas paragens não é, entretanto, aconselhavel. Quando a maré está baixa a agua do rio é perfeitamente doce, e porisso ganhou o nome de "Doce". Foi sobre as bordas desse rio que os portuguezes e hollandeses tiveram seus primeiros encontros no Brasil (1). Aqui começou essa luta memoravel que, muito justamente, orgulha Pernambuco. O inicio não fôra propicio e nada augurava de bem para o feliz desfecho, mas o tempo provou que esse povo era digno do lindo país que habitava. O rio Tapado, sobre cujas margens os chefes portuguezes se esforçaram depois para reunir seus homens (2), fica entre o Doce e Olinda. E' um riacho ou canal, lembrando mais o ultimo que o primeiro, sem saída para o mar, mas é apenas separado deste pelo areal que tem vinte jardas de extensão. Quando as chuvas são copiosas, o excesso das aguas do Tapado são transbordadas sobre as areias e, ás vezes, nas marés altas quando sopra vento forte, as vagas vencem as areias e cáem no canal, e é a forma unica em que as aguas se comunicam. Foi no Doce que de-

sembarcaram Pedro Jaques de Magalhães, o general, e Brito Freire (hoje conhecido como historiador), o almirante da frota que ajudava os patriotas de Pernambuco na efetuação do seu longo desejo e mais fervoroso objeto — a reconquista do Recife e a consequente expulsão dos holandêses (3). Mas, voltando ao assunto, cheguei ás ribas do Doce e me informei num casebre não distante se o rio dava passagem e, tendo ouvido a afirmativa, levei o cavalo até as margens, tentando faze-lo entrar, ao que ele se recusava. Fiz a segunda e terceira tentativas, quando o animal, saltando para a agua, saiu nadando e foi com muita dificuldade que alcancei pegar a ponta de um banco de areia na riba oposta. Passara uma má noite e não estava em forma conveniente para suportar fadigas, e não o teria tentado se soubesse a profundez, mas pensei que a maré estava suficientemente raza. Minha roupa secou antes que chegasse á casa mas, longamente, sofri as consequencias dessa travessia no rio Doce.

Pelos meados de Maio mudei-me para o Jaguaribe. O caminho passa pela propriedade de Paulistas e, depois de ter cruzado o Paratibe, um atalho estreito segue, por uma legua, atravez de bosques fechados. Sobee-se uma colina e desce-se, cautelosamente, o correspondente declive. Os bosques continuam até uma colina, vizinha ao Jaguaribe, onde se interrompem. Procurando esse ponto, encontrei aspectos que seriam sempre deliciosos mas o país de tal forma está cheio dessas magnificencias, que apenas tive um breve sentimento de admiração. Confesso que as vantagens oferecidas por esse terreno para as plantações, ocupavam maior espaço que suas belezas. Deante de mim estava a casinha, com suas senzalas, rodeadas de bananeiras e situada na projeção da colina. Alem á esquerda, no vale estreito e longo, erguiam-se as casas do Jaguaribe, no campo aberto, com as colinas por traz e o riacho na

frente. Pela direita, na varzea profunda, estende-se um comprido trecho pouco arborizado, e sempre á dextra, para diante, estão os numerosos mangues cujo verde escuro anuncia o corrego, de algum volume, que corre por meio deles. Do outro lado, ainda perto, eleva-se o pico de S. Bento, e são terras de mandioca e de milho, floresta, e uma picada que leva, serpenteando, ao cimo da elevação. Desse lugar não se vêem as casas mas ouvimos o bimbalar dos sinos da Capela.

Fiquei na necessidade de alojar-me na sacristia da Capela porque a casa-grande ainda estava ocupada. C negros já trabalhavam para nós sob a direção de um feitor experimentado. Toda a redondeza ficou atonita com a escolha do local em que decidira morar, visto outras acomodações me terem sido oferecidas. Certamente eu não estava confortavelmente instalado na sacristia, consistindo num só comodo, com uma porta para a campina e outra para a Capela. Essa ultima não fechava e a Capela, inacabada, era uma assembléa de morcêgos e corujas. Surpreendia aos vizinhos minha tranquilidade referente aos espectros. Um rapaz negro e eu ficavamos, a noite, para recepciona-los e homenagear as visitas, inquietas e aladas, de alguns frequentadores noturnos da sacristia. Meu companheiro enrolava-se numa coberta de baêta, deitava-se numa esteira, no chão, e assim embrulhado, estava perfeitamente seguro. Eu dormia em rêde e, ás vezes, esses hospedes inoportunos pousavam nela e, como vinham para perto dos pés ou das mãos, conforme o habito, aí ficavam. Esse genero de vida não durou muito nem desejava eu que durasse.

A casa, antes aludida, situava-se num prolongamento da colina, olhando o vale, e logo ficou sem moradores, podendo eu ir ocupa-la. Era espaçosa mas o solo não

estava tijolado e as paredes interiores não possuíam pintura ou teriam sido branquejadas ha muito tempo. Recebi as visitas e presentes, de acôrdo com a tradição, de vizinhos proximos, homens brancos e de côr, praticando a gentileza, e muitos individuos das classes pobres não negligenciaram em oferecer seus serviços ao novo vizinho cujo character e disposições ao seu respeito julgavam necessario conhecer. E muitas vezes as mulheres, da mesma condição desses ultimos, trouxeram-me doces, frutas o flores. Sentado na minha rêde, recebia-os a todos. Os homens acoravam-se ou tomavam as cadeiras, mas as mulheres, geralmente, agachavam-se no chão, mesmo que esse ainda fosse no barro. Falava-lhe nas minhas intenções, desejos de paz, e ouvia as pequeninas historias locais, entre pessoas do mesmo nivel, ou rivalidades entre seus superiores, as mesmas conversas sempre contadas de varias maneiras. Estavam admirados pela quantidade de roupa que eu usava, e aconselhavam que fizesse como eles, ficando á vontade, e o conselho foi logo obedecido. Divertia-me muito e a maior parte do tempo foi tomada com essas visitas.

As terras circunvizinhas ao norte pertenciam aos frades beneditinos, e as de leste a uma velha senhora, essas eram muito descuidadas, mas as possuidas pelos primeiros estavam em perfeita ordem. Ao sul, alem dos arvoredos que passavam vindo para Jaguaribe, ficava a terra de Paulistas, e a oeste e noroeste, ha excelentes terrenos para cana de açucar, propriedade de uma Irmandade de negros livres em Olinda. Essas terras são arrendadas e divididas entre grandes numeros de pessoas da baixa, brancos, mulatos e pretos.

O trabalho seguiu regularmente e, bem depressa, tinha pouco que fazer, exceto em todas as cousas que me poderiam distrair. No começo de junho fui obrigado a ir a

Goiana e escolhi um caminho que fazia voltas, no proposito de ver alguma cousa nova. Era acompanhado por um velho homem de côr, livre, e por Manuel, um africano fiel. Dormi a primeira noite no Aguiar, a propriedade do Capitão-Mor, por onde passara indo para o Bom Jardim, e na manhã seguinte atravessei varios canaviais. Paramos, ao meio-dia, no Purgatorio, pequena plantação de mandioca e algodão, e nada podendo adquirir para jantar, como é meu costume nesses momentos, fumei em lugar de comer. Logo que o sol baixou, retomamos logo a estrada. Alguns canaviais que vira á tarde estavam decadentes. Detive-me numa casinha e pedi á dona para vender-me uma galinha, mas ela recusou e nós nada tinhamos comido nesse dia. Fui obrigado a dizer-lhe que *precisava* adquirir uma, sem que calculasse o preço porque a fome não esperava sua vontade ou disposição na especie. A mulher escolheu uma e m'a fez pagar por um preço exorbitante. Mas nos apartamos bons amigos. Ofereceu-me algumas ervas para que cozinhasse a ave e, depois dessa reconciliação, parti. Passando pelo Purgatorio tinhamos deixado a estrada real. Os atalhos não são bons na Inglaterra, como deveriam ser no Brasil? Num trecho, fomos obrigados a deitar no lombo do cavallo e assim percorri um certo espaço porque os ramos se fechavam por cima de nós. O engenho do "Mundo Novo", que alcançamos quando a tarde já se adiantara demasiadamente, estava em ruinas. As arvores cresciam dentro da Capela e o matagal, na frente da casa, tinha a altura dos telhados. Dormimos numa cabana proxima, habitada por um velho e numerosas creanças, grandes e pequenas. A desditosa galinha, e outra que obtivera durante a jornada, foram preparadas pelas filhas do nosso hospedeiro. Logo que a cocção terminou, iniciei o serviço literalmente com unhas e dentes, sobre uma das aves, porque não havia

facas, garfos e colheres, e recebi auxílio da minha *faca de ponta*, uma adaga que, embora proibida pela lei, é trazida por todas as classes sociais. À noite minha rêde foi armada no alpendre e a certa hora caiu uma chuva. Nosso anfitrião possuía um vasto rebanho de cabras e o bando, empurrado pela chuva, invadiu o lugar, obrigando-me a levantar, em legitima defesa, quando percebi que as cabras tinham muito pouco respeito pela minha pessoa e, não tendo sossêgo, procurei melhor quartel e o encontrei debaixo duma mesa alta, onde fiquei, até que as visitantes se retirassem. Recomeçamos a viagem pela manhã, em busca de Goiana, atravez das terras lamacentas do Catú. O rio era escassamente vadeavel e quando o transpuz havia na margem contraria uma lama pegajosa que atolava os cavalos até os joelhos e continuava por umas cem jardas. Os cavalos caminhavam tranquilamente mas o meu, por infelicidade, percebeu que a cauda não estava comodamente no lôdo e começou a sacudi-la, para um e outro lado, e como a possuísse muito longa (mais longa nesta que n'outras ocasiões) emporcalhava-me em cada golpe. Minha roupa era uma jaquêta de nanquim, de cores claras, e calças, e fiquei totalmente, sem exagero, um bôlo de lama, da cabeça aos pés.

Fui para a residencia de uma pessoa a quem conhecia desde longo tempo. Habitava o amigo uma nova plantação de mandioca onde se estabelecera, ultimamente, nos arredores de Goiana. Mudara-se para aí superintender o serviço dos seus homens. Fiquei apenas dois dias em Goiana, onde realizei o objetivo de minha viagem, que era obter vinte indigenas trabalhadores de Alhandra. Voltando para o Jaguaribe, tomei a velha estrada.

Um dia depois do meu regresso á nova casa, viajei ao Recife onde sofri, no dia seguinte, um ataque de febre. Ha pouco me expuzera abusivamente ao sol e tambem ás chuvas. A molestia durou quinze dias. Mandei buscar os cavalos, e voltei para Jaguaribe mas, meio-caminho, fui surpreendido pela chuva e alcancei minha casa totalmente encharcado. Sem cautela, deitei-me na rêde, esquecendo de mudar a roupa molhada. Pela manhã senti que a febre ia voltar e mandei vir meu cavalo para passear antes do acesso, como os moradores aconselhavam que o fizesse para evita-la. Quando conversava com um vizinho, o cavalo chegou á porta, a febre começou e fiquei incapaz de retornar á minha nova residencia. Pela manhã subsequente, os indios vieram de Alhandra mas estavam cheios de noticias extranhas sobre a riqueza do inglês, e o chefe da malta me disse que eu era muito rico e que só trabalhariam por um jornal mais elevado que para os demais. Procurei dissuadi-los dessas historias a meu respeito, mas não consegui. Ofereci o pagamento usualmente feito na região por tarefa, mas a característica obstinação os dominava e preferiram regressar a fazer o menor abatimento do preço pedido, cerca de 25 *per cent* mais alto que qualquer pessoa estava habituada a dar pelo dia de serviço. Jantaram, e sacudindo os bizâcos ao ombro partiram. Um dos meus creados, vendo-os desaparecer, subindo a colina, disse-me: "Era mais facil trabalharem para qualquer outro pela metade do salario, do que baixar no que pediram ao senhor!"

Dias depois me fiz transportar, da casa onde estava, em rêde, mas a molestia aumentava, e fui, com o feitor, velho homem de côr, cuja mulher me tratava. Seguindo minhas ordens ele reuniu um numero suficiente de carregadores porque era meu desejo ser levado para o Recife.

Sáimos ás cinco horas da tarde e eram dezesseis homens para carregar a rêde por turmas, e o feitor acompanhava-nos. Apenas dois homens eram escravos. Depois que passamos os bosques e os carregadores atingiram a estrada real, estugaram o passo, aproximando-se de uma corrida. Seus côros barbaros, suas facecias espontaneas, o atirar pedras aos cães que iam encontrando e o abuso, meio alegre meio desejoso de aproveitar a ocasião para um barulho, confiantes no numero, e que estavam em serviço de um homem branco que certamente tomaria sua defesa, tudo era extranho e se eu não estivesse tão doente a jornada teria sido divertidissima para mim. Quando passamos Olinda uma mulher perguntou a um dos carregadores se eles conduziam um morto (porque é essa a maneira de transporta-los de longe para o enterro). Um dos homens respondeu: "Senhora não, é o Diabo!" e voltando-se para mim, inquiriu: "Que diz, meu amo?" Disse-lhe "é". E a bôa mulher continuou seu caminho dizendo: "Ave Maria! Nosso Senhor nos livre!"... O vento era forte e a chuva caiu varias vezes quando atravessamos os areiais de Olinda. Chegamos ao Recife entre nove e dez horas. Os carregadores pararam antes da aproximação das portas da cidade, e cada homem, duma ou de outra forma, escondeu a longa faca ilegal, sem a qual nenhum individuo, rico ou pobre, deixa sua casa, não obstante a proibição.

Fui gradativamente piorando até que não mais se esperançou meu restabelecimento. Nessas circunstancias um inglês esforçou-se devotadamente. O meu antigo amigo havia deixado o país, e esse o substituiu, hospedando-me com a ternura fraternal. Não posso esquecer de mencionar os seguintes casos relacionados com a minha doença. Indo a bordo de um navio cargueiro, inglês, algumas semanas depois de haver recobrado a

saúde, passando pelo convês bati intencionalmente mas sem interesse maior num barril. O capitão, velho amigo que conheci desde a Inglaterra, disse: — “Sim, mas você não quiz!” Perguntei-lhe de que se tratava, e respondeu-me: — “Era para você, mas você escapou dessa vêz.” Não entendera cousa alguma, e ele continuou: — “Imagina que o ia deixar entre camaradas que lhe recusariam uma sepultura cristã? Tencionava conduzi-lo para casa nesse barril de rum. “Um dos meus medicos informou que, sem esperar que eu ficasse bom, algumas velhas senhoras que residiam perto de minha casa, frequentemente pediam, atendendo minha situação perigosa, que me ministrassem os sacramentos porque ficariam pesarosas se eu falecesse sem uma oportunidade de salvação. Um negociante inglês perguntou ao meu amigo intimo para que dia estava marcado o meu funeral e um dos medicos escreveu a conta dos seus serviços profissionais na mesma persuasão de que eu resistiria apenas uma noite, dispensando sua assistencia, tornada desnecessaria. Ficou surpreendido na manhã seguinte.

Logo que me pude locomover aluguei uma casinha na povoação do Monteiro, onde teria a vantagem de melhor ar que no Recife e de não ficar afastado do amparo medico. Passei meu tempo agradavelmente, convivendo diariamente com uma familia irlandesa, da qual conservo sempre gratidão pelos afetos que recebi nessa e noutras ocasiões. Na noite da minha chegada ao Monteiro furtaram um dos meus cavalos de carga, mas o animal foi reconhecido, semanas mais tarde, por um rapaz que estava em meu serviço. O homem em cujas mãos fôra cair succedeu atravessar a povoação e assim recuperei o cavallo. Admirou-me o numero de ladrões de cavalos num país onde esses animais são tão abundantes. E' quasi a unica especie de latrocínio para cuja execução firma-

ram bandos regulares, mas esses homens, quando têm oportunidade, roubam bois e vacas (4).

Desejava anciosamente regressar ao Jaguaribe e, em meados de Outubro fiz os preparativos nesse proposito, quando o feitor chegou das plantações com a noticia de que um dos seus ajudantes havia sido atacado, duas noites antes, e quasi assassinado por duas pessoas mandadas para esse fim, como vingança de reais ou imaginarias injurias que o homem cometera. Esse facto determinou minha conduta. Na manhã seguinte parti acompanhado pelo feitor e um creado, para ver o ferido. Encontrei-o na casa do pai, em lastimoso estado. O rosto estava brutalmente dilacerado e o corpo todo contuso. O ataque tinha sido feito a cacête e, evidentemente, com temor, sem o que a tarefa seria realizada menos grosseira e mais eficazmente. Jamais pude descobrir porque se intentára esse assassinato nem as pessoas que tomaram parte na tentativa. Estavam vestidos de couro, como sertanejos, mas a vitima pensa que a roupa lhes seria de disfarce. Dois homens se haviam precipitado sobre ele num caminho estreito onde as barrancas subiam altas, de cada lado. Defendera-se por algum tempo a espada mas os adversarios dominaram-no e por fim sua arma passou para as mãos inimigas, que a levaram. Em poucos dias mudei-me do Monteiro. Minha presença se tornava indispensavel no Jaguaribe porque o engenho estava sendo trabalhado e, como frequentemente acontece em toda a parte, uma das pessoas empregadas não dava bôa conta de si.

O pobre homem que tinha sido agredido depressa voltou ao engenho. Disse-me que, todas as noites atiravam grandes pedras, violentamente, contra sua porta, entre uma e quatro horas da manhã. Chamei-o feitor e, na seguinte madrugada, bem armados, ficamos juntos, perto da porta que dá para o campo, em posição adequada.

Ouviríamos os passos de qualquer pessoa antes que se aproximasse porque o rumor da marcha dentro do correio que corria deante da casa, anunciaria presença em tempo. Os mosquitos nos deram muita occupação. Permanecemos de sentinela até meia hora antes do amanhecer, sem nada ver nem ouvir, porque o mysterio desaparecera. Dois homens tinham chegado a noite, offerecendo seus serviços. Encontrei-os acordados quando voltamos. Tinha acendido uma grande fogueira no pateo do engenho (era um espaçoso tecto sustentado por pilares de tijolos) e estavam sentado em roda, sobre seus calcanhares. Juntamo-nos a eles e ouvi suas historias e suas proesas, feitiçarias, milagres e outros assuntos da mesma especie, cada qual contando o que de extranho vira ou ouvira (5).

Haviamos perdido muito tempo e as canas deveriam ser plantadas para a safra no anno immediato. Os negros de minha propriedade não eram suficientes para a labuta e contratei trabalhadores livres e, em pouco tempo, trinta a quarenta homens, alguns com suas familias, vieram morar nas terras do engenho. Muitos ergueram choças de folhas de coqueiros que se tornaram residencias, poucos construíram cabanas de barro. Indigenas, mulatos, negros livres e trabalhadores escravos constituíam uma multidão suggestiva.

Tomei posse da casa que era usualmente habitada pelo proprietario ou pelo rendeiro. Era uma casa longa e baixa, de taipa, coberta de telhas, branca de cal por dentro e por fóra, tijolada mas sem fôrro. Tinha dois aposentos, com dimensões toleraveis, varios quartinhos e uma cozinha. A entrada principal era numa especie de praça, formada por muitas construções pertencentes ao engenho. Na frente ficava a Capela, e á esquerda, a

casa-grande, incompleta, e as senzalas, uma fila de pequenas moradas tendo a apparencia de asilo, sem o asseio desses edificios, na Inglaterra. Á direita, o engenho, movido por agua e o armazem onde o açucar passava pelo processo de clarificação. Juntem-se ao quadro os currais para o gado, os carros, madeiras de construção, um pequeno lago onde corria a agua que rodava o engenho. Por traz da casa havia um grande terreno aberto no fim do qual estava a represa do engenho, casinhas, roças de mandioca e arvores ao longo do vale, ladeado de colinas escarpadas, revestidas de vegetação densa e verde.

As vezes sentava-me, á noite, na solcira da porta, quando toda a minha gente se retirara para suas moradas. Ouvia o murmurio das vozes nas senzalas, embora me supuzessem adormecido, observava a saída de um negro a caminhar furtivamente para visitar um conhecido, morador a pouca distancia ou ir tomar parte n'algum divertimento noturno. Os negros vizinhos tambem convidados deslizavam, imperceptiveis, durante a treva. E' nessas occasões que os planos para enganar o amo são concebidos e, nessas doces e defesas reuniões, os projetos se formam. E' então que o proprietario de escravos reflete nessas manobras secretas, verificando a inutilidade de todos os regulamentos e de sua propria orientação. A opressão cria o desejo do ato contrario a quem oprime. O escravo tem o pendor natural para ludibriar aquele que o subjugua. E' possivel amar o senhor quando se tem o poder de deixa-lo; mas ser preso, forçado a obedecer á vontade, e ás vezes, aos caprichos alheios, desperta um sentimento de prazer, melhor do que o castigo, em contrariar os desejos e tornar nulas as ordens de quem as dá.

Noutras occasões pensamentos diversos a esses occupavam-me o espirito. Imaginava a vida extranha que levava e a semelhança com a epoca feudal na Europa

aparecia-me, e não a deixava de comparar com o estado atual do interior brasileiro. O grande poder do agricultor, não somente nos seus escravos mas sua autoridade sobre as pessoas livres das classes pobres; o respeito que esses barões exigiam dos moradores das suas terras (6), a assistência que recebem dos rendeiros em caso de insulto por parte de um vizinho igual, a dependencia dos camponezes e seus desejos de ficar sob a proteção particular de um individuo rico, que seja capaz de livra-los de toda opressão e de falar em sua defesa ao Governador, ou ao Juiz, todas essas circunstancias se combinam para fazer a similitude ainda mais flagrante. Eu mesmo sentia o poder que me caíra nas mãos. Reunira um numero vultuoso de trabalhadores livres e a propriedade era respeitada milhas derredor. Muitos desses companheiros haviam cometido mais de um crime sob a impressão de que minha proteção os guardaria, e se não tivesse eu expulsado alguns e, para outros, ameaçado com os rigores da lei, muito mais que a iludir, para aqueles cuja conduta fosse irregular, não sei que más ações não teriam sucedido (7).

Quando eu estava doente no Recife e Monteiro, o feitor e sua mulher se instalaram na casa-grande e aí ficaram até meu regresso. Assim, vivo literalmente no meio desse povo. Tomo minhas refeições sozinho, mas geralmente duas ou tres pessoas, empregados no engenho, estão na sala, emquanto almoço ou janto, sentados ou de pé, falando comigo. Entregam-me o prato ou outra coisa quando peço e são felizes de estar proximos quando tenho alguma necessidade. O feitor e sua mulher narram-me os casos raros e repetidos. E' um homem de temperamento feudal, honesto e fiel em todos os respeitos, por uma atenção pessoal á entidade a quem serve e não pela opinião geral do mundo. Não tem o

critério do justo ou do injusto. E' caso frequente entre esse povo. E', entretanto, o tipo exato que desejava e se novamente me dispuzesse a viajar, procuraria um semelhante a ele.

Tinha conseguido relações intimas com varias familias dos arredores, mas as minhas amizades nas classes inferiores divertiam-me muito mais por ter menos ceremonias que entre as pessoas da primeira linha. Em casa dos primeiros, as mulheres só aparecem quando o visitante é vizinho e, tendo negocios com o dono, se torna intimo.

A festa de S. Bento devia ser celebrada pelo fim do ano na propriedade proxima, pertencente a esses frades, de quem é o santo patrono. O convento é em Olinda e lá reside o Abade (8). A Ordem é rica, possuindo grandes propriedades. No terreno junto ao Jaguaribe plantam mandioca, milho, arroz e outros mantimentos para suprir o convento. A escravaria atinge a uns cem homens, de todas as idades mas o ultimo africano morrera durante minha permanencia. A festa, a que eu desejava assistir, era a de Nossa Senhora do Rosario, padroeira dos negros. As despesas que ocorrem são satisfeitas pelos escravos da propriedade, e a festa é inteiramente dirigida por eles. Tres frades officiarão no altar, mas os foguêtes, fogos-de-vista e todos os outros artigos são providenciados pela comunidade escrava. O feitor da propriedade era um mulato escravo que me visitou quando de minha chegada ao Jaguaribe e, por ocasião da festa, convidou-me para a *novena* e a *festa*, ou melhor, pediu-me que não deixasse de comparecer porque temia que o seu povo e o meu fossem brigar. Fui, levando um grande cortejo de homens e mulheres, subindo a colina e quando chegamos ao local, uma negra convidou-me a entrar em sua casa, e o mesmo convite me fôra

dirigido por outras pessoas da mesma classe. A Capela é situada no mais alto ponto da elevação. A casa onde os frades moram quando vêm á prosperidade, as senzalas, formam um semi-circulo, incluindo a Capela. Essas habitações estão sobre o largo rio de Maria Farinha, correndo entre os mangues, e nele despejam varios corregos, parecendo, ao longe, braços do rio.

A multidão que se havia reunido era consideravel e notava-se a presença dos meus trabalhadores livres, alguns solteiros, desempedidos, e desejosos de qualquer barulho. Eu estava armado com um comprido chuço e uma grande faca da região, e levava tres dos meus escravos paramentados da mesma forma, tres africanos resolutos, nos quais confiava, cujo objeto seria não deixar o amo antes de terminar a cerimonia. Antes do inicio dos canticos e orações da Capela, a gente preta estendeu muitas esteiras ao ar livre, e nosso povo se foi sentar para conversar ou comer bôlos e doces, de todas as especies, que estavam expostas a venda em quantidade enorme. Tudo se passou tranquilamente em tres noites porque o mulato-feitor proibira a venda de aguardente mas, na quarta noite, alguma bebida desgraçadamente apareceu no alto da colina, e Nicolau, o feitor, correu a avisar-me que varios indigenas meus estavam em ponto de discussão com seus homens. Levantei-me da esteira onde estava sentado e, seguido pelos meus guarda-costas, corri até o campo da disputa onde verifiquei que a batalha começara e a persuasão seria descabida. Felizmente meus negros, empregando o cabo dos chuços, derrubaram um indigena ao chão e o entreguei a Simão, um dos meus companheiros, e mandei que dois escravos ajudassem aos negros de S. Bento. Provara desta forma que não defenderia minha gente quando essa se portasse irregularmente, e tudo findou com melhor exito, havendo ape-

nas contusões e uma cabeça partida. O indigena foi levado para casa por Simão que, voltando, informou te-lo posto a ferros para sossega-lo. Não houve mais questões porque esse processo desgostara ambos os lados contendores. Pela manhã o indigena recobrou a liberdade e voltou ao trabalho, sem palavras.

Tinha grande alegria testemunhando a excelente administração no engenho. Os negros eram tão felizes quanto sua situação permitia. Embora os encargos fossem relativamente leves e a punição corporal se applicasse unicamente nas creanças, o grande sonho do escravo é tornar-se livre e conseguir a liberdade para seus filhos (9). Um pescador obtivera a manumissão de sua mulher porque, mesmo ele continuando cativo, desejava que os futuros filhos nascessem libertos, e se mantinha no proposito de adquirir posteriormente sua liberdade e a dos outros filhinhos. Ocorrem frequentemente esses casos nas propriedades pertencentes a esses e outros frades. Assim todos aspiram a ser o proprio amo, e é este o sentimento que estimula ao negro de S. Bento dar todas as suas forças para libertar-se, e muito provavelmente será obrigado a trabalhar muito mais para garantir sua subsistencia, como homem livre, do que como escravo. O negro emancipado se torna um excelente elemento social, contraindo e mantendo habitos de industria. Tratado brutalmente por um senhor rigoroso, desgosta-se e fica indiferente, habituado a grilhêta, arrastando na indolencia uma existencia miseravel. Haveria outra festa numa Capela situada no litoral e dedicada a Nossa Senhora da Conceição, ficando a legua e meia do Jaguaribe, (10). Constituímos um grupo e partimos a cavalo por uma noite de luar. As senhoras viajavam na garupa dos animais montados pelos maridos ou amigos, sentando-se sobre tecidos de algodão, postos na anca dos cava-

los. Atingimos ás praias do mar, perto da igreja de Nossa Senhora do Ó (de que falarei depois) não longe do forte de Pau Amarelo (11), e daí seguimos ao longo do areal para o lugar do destino. Fui apresentado a família de um velho portuguez residente nesse local. Seu filho acabara de receber as ordens de padre secular e diria a primeira missa no dia da festa. Houve mamulengo (12), saltimbancos e todas as varias atrações em abundancia, fogo-de-vistas, fogueiras, rumor, povo, não faltando as brigas. Dentro da Capela era o comum espetaculo — grande exhibição de velas de cêra, orações, cantos e musica.

A reunião das pessoas era consideravel. Por toda a parte onde a rebentação não é violenta, a praia é densamente povoada na extensão da costa, entre Olinda e a barra de Goiana. N'alguns pontos as baixas choupanas de palha são reunidas, formando uma rua de meia milha de comprido. Casinhas brancas, cobertas de telhas, são espalhadas aqui e alem. Igrejas e Capelas são construidas, mas restam pequenos intervalos despovoados.

Essas terras são plantadas de coqueiros, a mais proveitosa arvore do Brasil (13). O coqueiro parece estar inteiramente adaptado aos terrenos arenosos das praias, onde prosperam bem poucas especies vegetais. Aí floresce e retira sua nutrição das vizinhanças do mar, e sendo plantados em terras ricas, os coqueiros definham, e mesmo nos vales de areia do interior, não tem os frutos com a mesma beleza, não alcançando a altura que adquirem, expostos ás brisas do Mar. Esses coqueirais, atravez dos quais o olhar alcança lonjuras, e as choupanas, feitas inteiramente de palhas das mesmas arvores, situadas entre elas, formam recantos de visão muito pitoresca. E, como frequentemente succede, quando a casinha fica na

orla do bosque, onde finda o coqueiral, e de onde se vê por detrás, a folhagem verde-escura da mata, a paisagem se torna romantica. Quando o vento é forte, o sussurro das palmas dos coqueiros e o rumor das ondas aumentam o encanto á cena selvagem.

Voltando ao téma: — logo que terminou a cerimonia na igreja, montamos nossos cavalos e viémos até Nossa Senhora do Ó (14). Apeamo-nos numa choupana, perto da igreja onde os moradores eram conhecidos de alguns dos nossos companheiros. O luar era brilhante, e o vento moderado. Sentamo-nos nas esteiras, deante da porta, e nos regalamos com abundantes côcos-verdes, o fruto mais delicioso dessa região. Depois fomos passear pela praia. A maré estava alta, e observei grandes blocos de pedra talhada, parte enterrada na areia, abaixo da linha do preamar. Perguntei o que causara aquilo e vim a saber que uma grande igreja se erguera, outróra, naquele sitio. Disseram-me, e verifiquei tambem, que o mar avançava continuamente pela costa, numa distancia de meia legua ou mais, pela estrada. A nova igreja de Nossa Senhora do Ó foi reconstruida a uma distancia de trezentas jardas da praia. Contam, a respeito dessa Senhora, casos sugestivos e historias miraculosas. Quando a igreja ia ser reerguida, varios proprietarios dos arredores ficaram desejosos de ter o edificio nas suas terras. Esta attitude provinha do sentimento religioso. Tiraram a sorte para determinar o sitio da nova igreja e, apesar dos inconvenientes, por muitas razões, foi construida naquele ponto onde está, porque a sorte saiu tres vezes. A maior objeção, e que seria na maioria dos casos decisiva, é que fôra erguida no mais baixo ponto da redondeza, e em frente do lugar onde o mar avança sempre. Faltava agua para misturar areia á cal, e se ia busca-la a grande distancia, mas uma fonte irrompeu no

proprio momento em que um pedreiro iniciava seu trabalho, e quando a capela-mor ficou terminada, todas as molestias são curadas. A fama dessa toda-poderosa Senhora se estendeu longa e rapidamente, para o interior, e de uma distancia de 150 leguas, vêm pessoas atacadas por doenças consideradas incuraveis pelos processos humanos, não deixando de levar suas ofertas a essa avarenta personagem, cuja poderosa intercessão só pode ser obtida se for bem paga do seu esforço (15).

A estrada do Sertão para as praias passava por Jaguaribe e vi muitos desses peregrinos. Conversei com varias pessoas ricas que tinham vindo de tão longe oferecer uma parte de sua fortuna sob a condição de livrar-se d'alguma molestia de que se queixavam. O patrimonio dessa igreja é, pelo exposto, avultado, pelas numerosas dotações que lhe são feitas, muitas delas foram pagas adiantadamente, porque os doadores estavam cheios de confiança de que seriam retribuidos segundo sua esperança; outros só presenteiam depois de realmente curados. A fé realiza o que não é possível á medicina. Tal é a confiança na eficacia das orações e no poder da Senhora que a probabilidade de uma decepção jamais ocorre, e quando a molestia provem menos de causas materiaes que da imaginação, tanto quanto podiam ser feitas noutros países pelo uso das aguas medicinaes, ainda que as qualidades possam ser excelentes, o nome sobressáí, conduzindo tudo ao fim desejado. Os milagres de Nossa Senhora do Ógem de tres formas — pelas preces dos doentes, bebendo a agua da fonte, ou applicando-a na parte afetada, comendo ou tambem applicando uma pequena porção do sal que se filtra no muro onde está apoiado o altar-mor (16). Formou-se uma povoação ao redor da igreja, constituida de casinhas para os enfermos que viajaram dos distritos longinquos. O negocio vitoriou in-

tegralmente. O dinheiro para reconstruir a igreja foi obtido e quando parti tudo ia decorrendo prosperamente. Ouvi o reparo de alguns fieis devotos que tal era o pecado dos moradores da vizinhança que a Senhora escassamente accedia em efetuar uma cura entre eles. As mais notaveis historias de milagres foram alcançadas por pessoas que residem nos distritos remotos, mas vi alguns casos em que as molestias imaginarias por acanho de espirito, tinham desaparecido. A credulidade geral das classes baixas, classes do povo e mesmo de muitos individuos da alta sociedade, é acima de qualquer juizo. Nenhuma persuasão, nenhum raciocinio sobre esse assunto. Não é admitido nem mesmo duvidar da veracidade das historias contadas. (17).

Fomos então pagar uma outra visita. O dono da casa não tinha côcos para oferecer-nos. Quiz mandar preparar peixe mas só aceitamos uns frutos do mato. Estenderam uma vela de jangada e nos deitamos sobre ela, algum tempo, conversando. Era tarde quando regressamos para casa e, por desatenção, perdemos o caminho, ficando errantes nas picadas dentro dos matos de Maranguape, até que julguei (por felicidade, certamente) que iam na estrada certa para Jaguaribe. Comentamos alegremente o embarço quando vimos que a luz do dia fazia terminar as dificuldades e nós estávamos apenas ás duas horas.

O engenho continuava em obras e eu, comumente, ficava até meia-noite fiscalizando o serviço. Varios dos meus vizinhos e suas familias vinham para distrair-se na conversação, e outros com o proposito de chupar cana de açúcar, que, uma vez provada, será sempre preferida.

Por esse tempo morreu de parto uma escrava e foi geralmente lamentada. Era uma boa serva e excelente

esposa e mãe. O pesar do marido muito pareceu loucura. Não quiz comer sinão no outro dia, quando um dos seus filhos o persuadiu que tomasse algum alimento. Até a época da minha partida para Pernambuco, não havia recobrado seu antigo espirito e não falava na mulher sem lagrimas nos olhos. Outros escravos ficaram, alguns dias depois da morte, acabrunhados, e os rudes instrumentos em que era habito tocar cada tarde á porta, foram postos de lado. Por algum tempo toda alegria cessou.

Nessa ocasião fui convidado para padrinho da noiva no casamento de um casal de mulatos. Aceitei e, no dia escolhido, parti para Paratibe, acompanhado por um creado livre e um escravo a cavallo. Cheguei pelas dez horas e encontrei um grande grupo de pessôas de côr reunidas. O padre, que pertencia á mesma casta, veio logo. Foi servido o almoço de carne e pirão (a pasta feita com farinha), posto sobre a mesa e uma parte dos convidados sentou-se para servir-se e outra ficou de pé, comendo tambem e outra enfim para não perder um minuto de palestra, continuando falando alto e sem interrupção. Assisti poucas cenas em que houvesse maior confusão!... Por fim fomos á igreja, conseguindo permissão de fazer o percurso montado, por que a distancia era grande e eu estava coxeando devido a um acidente, e logo que a cerimonia findou, voltei para casa. A noiva era de côr morena escura, tendo o pai negro e a mãe de sangue mestiço. Estava vestida com saia de sêda rosea e um veu negro cobria-lhe a cabeça e os ombros. Tinha sapatos brancos e meias brancas, com os cantos bordados. O noivo era igualmente de côr escura. Vestia casaco de tecido castanho, fôrro bordado a sêda, e calças de nanquim. Tinha sapatos de fivela larga e tricornio. Ambos eram jovens, e pareciam embaraçados com o exagero da roupa que usavam. A cena do jantar era um contrapeso á do al-

moço, com o acrescimento de maior barulho e de confusão maior, havendo maior numero de convidados e mais avançados goles de aguardente e de vinho. Escapei logo que me foi possível, mas não me arrependi de ter estado presente aos acontecimentos do dia.

Na Noite do Natal não fui para a cama porque teríamos de ouvir a Missa do Galo, como é a tradição. O padre chegou e a noite decorreu alegremente. O padre não vinha regularmente, mas, logo depois, o contratei como capelão.

NOTAS AO CAPITULO XI

(1) History of Brazil, vol.-1, p-467. (K).

(2) History of Brazil, vol-1, p-468. (K).

(3) History of Brazil, vol-II, p-237. (K).

(4) Essas praticas tinham, ou melhor, tem lugar, presentemente, numa parte da região que muito bem conheço. As pessoas que cometem esses crimes são homens brancos e de alto nascimento. Entre eles ha um padre. Um magistrado do distrito em questão fôra procurado por um homem a quem haviam furtado uma vaca e que disse suspeitar de um lugar que indicou. Uma tropa de soldados de Ordenanças foi reunida e enviada para revistar a casa, comandada por um cabo de comprovada coragem. Chegando, bateram e a porta lhes foi aberta pelo dono, um padre que tinha ligação com a quadrilha, e que disse não permitir a busca em sua residencia sem uma autorização do poder ecclesiastico. O cabo voltou á presença do magistrado que ordenava a diligencia enquanto os soldados cercavam a casa. A segunda ordem veio, e o seu portador conduzia dois machados, expressiva indicação do que o cabo devia fazer. Iniciavam os preparativos para derrubar a porta, quando o padre declarou que permitia a entrada do cabo, sozinho. Entrou confiadamente e, mal transpuzera os batentes, a porta se fechou, agarrando-se o padre a ele e saíra de um aposento proximo varios negros para ajudarem seu amo. O cabo desinvencilhou-se dele e, ficando na defensiva, gritou pela escolta que arrombou a porta e penetrou no quarto. Fizeram a busca, encontrando a ossada e o couro da vaca que, com os negros, foram levados á vila proxima, publicamente. A marca, ou ferro na anca do animal, havia sido queimada, para que mais difficil se desse a verificação. O padre foi punido com a proibição de celebrar a Missa durante poucos mezes. Conhecido posteriormente e era recebido por muitas pessoas, com as mesmas demonstrações de amizade, mas não tinha acolhida entre os elementos do sacerdocio, os quais, geralmente falando, não queriam relações com ele. Esse facto não impossibilitou completamente seu regresso á sociedade decente, fosse pela abundancia do crime noutros distritos fosse mesmo se tendo passado em Pernambuco, ser ele um padre. (K).

(5) Um negro livre, que conhecêra quando residia nesse lugar e que me veio ver quando me mudei para Itamaracá, contava, com o horror estampado na face, o caso de um homem que trabalhara para mim. Disse-me que

essa pessoa, vez por outra, se transformava em Lobo-Homem. Pediu-lhe que explicasse, e narrou que o homem metamorfoseado nesse animal, era do tamanho de um bezerro, com aparência de cachorro, deixando sua casa a meia-noite, sob essa forma, e corria com a violência de um cão danado, atacando todo aquele que tivesse a ventura de encontrar. O negro estava perfeitamente persuadido dessa transformação, e relata haver deparado a besta assombrosa, indo ele com uma irmã e o cunhado, perto de suas choupanas. Suponho tratar-se de um enorme cão que procurasse satisfazer sua fome pelos arredores das habitações. Para o negro não havia duvida ser o pobre Miguel. (K). Vêr o meu "*Geografia dos Mitos Brasileiros*" onde procurei estudar o Lobishomem através dos folclores. Amplíssima documentação teria Koster na propria Inglaterra, Alemanha, França, Russia, etc., com seus *werwolves, vovkodlak loubgarou*. (C).

(6) Nessa região mata-se o gado somente aos sabados e, semanalmente, muitas pessoas se reúnem para conversar e ouvir as novidades como para adquirir as provisões de carne. N'uma dessas ocasiões um rapaz de côr parara para arranjar as compras que fizera para a semana, quando um homem de grande poder surgiu perto dele. O individuo importante, que trazia uma longa bengala na mão, vibrou uma forte bengalada no jovem mulato, dizendo: — "Por que não tira seu chapéu quando um branco aparece?" O golpe foi dado feroz e brutalmente recebido. O rapaz puxando sua faca, voltou-se rapidamente e cravou-a em quem o havia insultado e, com a faca ensanguentada na mão, fugiu, ameaçando atacar quem lhe puzesse obstaculo. O rico proprietario só teve tempo, antes de morrer, de pedir que o assassino não fosse perseguido, porque era devido á sua impetuosa tirania que sucedera aquela catastrophe. O rapaz voltou, poucas semanas depois, é sua antiga morada, sem ser molestado por nenhum dos parentes de quem matára, e o crime nem sequer chegou ao conhecimento da justiça. (K).

(7) A seguinte anedota exemplifica o estado feudal dos senhores de engenho ha poucos anos ainda. Foi-me relatada por um cavalheiro cuja seriedade só tenho motivos para acreditar. Ha uns quinze anos passados, o Governador de Pernambuco mandou um sargento, do unico Regimento de Linha existente por esse tempo, comparecer á sua presença. O sargento era de coragem provada e muito temido. Recebeu ordens do Governador para ir com urgencia ao engenho de Monjope, distante quatro leguas do Recife, no proposito de trazer o seu proprietario preso e se a prisão fosse impraticavel, devia conduzir sua cabeça ao Governador. O sargento poderia levar quantos soldados desejasse em sua escolta, mas preferiu ir sozinho e, consequentemente, partiu pela manhã cedo. Chegando a Monjope, foi recebido pelo senhor de engenho, que era coronel de Milicias ou capitão-mor. Depois de sentados, exhibiu serenamente ao grande homem a ordem de sua captura e explicou as instruções adicionais em caso de desobediencia. O coronel deixou a sala, mas voltou trazendo uma sacola que continha cerca de 100 £ em ouro e, entregando-a ao sargento, pediu que regressasse e dissesse ao Governador que o visitaria o mais breve possivel e expuzesse a maneira com que se desincumbira da missão. O sargento recebeu o dinheiro e voltou, e durante o caminho comprou uma ovelha, cortou-lhe a cabeça e meteu-a num sacco. Chegando ao palacio, colocou o sacco ensanguentado no chão, e disse ao Governador: — "Cumprí suas ordens. Não quiz vir comigo mas trouxe sua cabeça. "O Governador, assombrado, exclamou: — "E você realmente matou o coronel de Monjope?" O sargento replicou: — "Eu apenas cumprí as ordens recebidas. "Na manhã seguinte, para aturdimento do Governador, ouviu que o coronel de Monjope estava esperando, com o desejo de ser recebido. Recebeu-o em audiencia, tratando do assunto que ficou explanado e se separaram amigos. O sargento foi chamado depois que o coronel partiu e interrogado contou a historia e mostrou a sacola de dinheiro. O Governador

ficou desgostoso mas, ao mesmo tempo temeroso das ordens violentas que dera. O sargento era demasiado util para ser dispensado. (K).

Pelo tempo e aspecto, o episodio do coronel de Monjope podia ter ocorrido durante o governo de dom Tomaz José de Melo (1787-98) cujas recordações dos longos serviços a Pernambuco são avivadas pela lembrança das violencias do seu temperamento arrebatado, só obediente ao secretario Domingos José Fidelis e á amante, dona Brites. Ha sobre dom Tomaz um resumo completo de Pereira da Costa, a sintese de Vasconcelos Galvão (op. cit., II, p-204). Pereira da Costa reuniu no "Folclore Pernambucano" (p-156/159) as reminiscencias populares poeticas sobre dom Tomaz. Porque um homem pescasse clandestinamente n'um viveiro, mandou-o o Governador prender e trabalhar, com a tainha que pescara amarrada ao pescoço até se-car. Esse calcêta de nova especie, de nome Simplicio ficou registado nesse verso:

*Aviltante duplamente
É tua pena Simplicio,
Horriavel, pôrco flagicio,
Dum nababo inclementel
Até quando essa tainha
Que ao pescoço tens pendida,
Restará de apodrecida,
Esturricada na espinha?
Fique-te esta na mente,
Toma sentido, rapaz:
Não se bole impunemente
Nas cousas de Dom Tomaz!*

Tais cartas escreveram á ruinha D. Maria Primeira que esta chamou D. Tomaz e este, deixando o governo a 29-12-1898, ouvia o povo cantar, desabafando as maguas: —

*A galera fez aguada,
Dom Tomaz já vai partir,
Dona Brites desgrenhada
Finge chorar, mas sorri.
Pinicó, có, có,
Dona Brites
Ficou sól...*

*Já tem ela outro de olho,
Não lhe falta quem a queira,
Dela agora está de posse
O Chiquinho da Ribeira!
Pinicó, có, có,
Dona Brites
Não está sól...*

Esse Chiquinho da Ribeira era arrematante de dizimos nos mercados e um dos elegantes da epoca. Até suas ceroulas eram rendadas. (C).

(8) Desde 1595 estão os Beneditinos em Olinda onde construíram em Olaria o seu convento. Fieis á regra de S. Bento, trabalhando e lendo, tiveram alto prestígio. Uma sua propriedade, Mussurepe, (mun. de S. Lourenço) era enorme e famosa, desde a epoca holandêsa. Reconstruíram o convento em 1761 e 1860. De 15-Maio-1828 a 15-Outubro-1854 hospedaram o Curso Juridico de Olinda cuja primeira turma se bacharelou em Direito em 1832. A Faculdade de Direito em S. Paulo instalara-se antes, a 1.º de Março de 1828, mas noutro convento, o de S. Francisco. Ver "Historia

Eclesiastica de Pernambuco", do conego Carmo Barata, "Cronica do Mosteiro de S. Bento de Olinda até 1763" de Frei. Miguel Arcaujo da Annunçiação (Pernambuco. 1940, a Historia do conego Barata é de 1922), o resumo de Vasconcelos Galvão, tit "Olinda", op. cit, 1., p-455. Rio de Janeiro. 1908. (C).

(9) É permitido, ao escravo libertar-se entregando ao seu senhor uma quantia correspondente à que este pagara por ele. Oportunamente falarei mais largamente sobre essa lei e a escravidão, como existe no Brasil. (K).

(10) É a povoação da JANGA, na mesma enseada onde está Pau Amarelo. A ponta da Janga fica, aproximadamente, umas seis milhas ao sudoeste distante de Olinda. O povoado é á beira-mar, ensombrado de coqueirais, e aí existe a capela de Nossa Senhora da Conceição do Medico, também chamada "Conceição dos Milagres". (C).

(11) Pau Amarelo dista quatro leguas de Olinda e aí comandados por Waerdenburg, desembarcaram os holandeses, a 15 de Fevereiro de 1630, para a invasão de Pernambuco, cujo dominio veio a 1654. O Forte, mandado construir por uma carta-regia de 1703, começou em 1719, erguia-se lentamente em 1738 e não estava terminado em 1745. Em 1801 possuía 12 peças. Em 1808 projetaram sua reconstrução que seria apenas concluí-lo. Em 1817 estava reduzido a três peças, com 14 soldados, comandados por um tenente. Não teve ação militar. Nasceu morrendo e seus restos continuam agonizando n'areia, perto da pancada-do-mar. Derredor ha uma povoação. Ver Carlos Miguês Garrido. "Fortificações do Brasil", no volume III do "Subsidios para a Historia Maritima do Brasil", p-341. Rio de Janeiro. 1940. (C).

(12) *Puppet-shows*, teatro de bonecas, joão-redondo. Se Koster perguntou o nome do brinquedo, disseram-lhe naturalmente que era um *mamulengo*. No "Diccionario de Vocabulos Brasileiros" (Rio de Janeiro, 1889, p-86) Beaurepaire Rohan descreve, fielmente: — "MAMULENGO, especie de divertimento popular em Pernambuco, que consiste em representações dramaticas, por meio de bonecos, em um pequeno palco alguma cousa elevado. Por detraz de uma empanada, esconde-se uma ou duas pessoas adestradas, e fazem que os bonecos se exhibam com movimento e fala. A essas dramas servem ao mesmo tempo de assumpto scenas biblicas e da actualidade. Tem lugar por occasião das festividades de igreja, principalmente nos arrebaldes. O povo applaude e se deleita com essa distração, recompensando seus autores com pequenas dadas pecuniarias. OS MAMULENGOS entre nós são mais ou menos, o que os francezes chamam *marionette* ou *polichinelle*. "No Rio de Janeiro conheciam-no por "João Minhoca". Ver João do Rio, "Vida Vertiginosa", p-285. (C).

(13) Ver Appendix para maiores detalhes sobre o coqueiro. (K).

(14) Nossa Senhora do Ó é a padroeira da capela de Pau Amarelo. O Forte tinha outra invocação. Era Nossa Senhora dos Prazeres. Dai a confusão das duas rainhas no mesmo trôno. As povoações praeiras de Janga e de Pau Amarelo pertencem ao municipio de Paulista. (C).

(15) Um velho português cuja fé na intercessão dos santos não era muito profunda, sendo solicitado para ajudar na decoração de uma imagem recusou dar sua esmola, e disse: — "Os santos estão em muito melhor situação que eu mesmo, e não têm a menor necessidade da minha assistencia. (K).

(16) Registo aqui a seguinte passagem do n.º 32, do "Dr. Thomson's Annals of Philosophy", p-138. Faço-o no proposito de esclarecer aos defensores de Nossa Senhora do Ó de que a sol exsuda dos muros hereticos como das paredes catholicas. "A formação dos nitratos na pedras calcareas em certas situações, é ha longo tempo conhecida, aproveitando-se sempre em procurar tão importante sal em quantidades vultosas, embora uma teoria explicando sua origem ainda não tenha sido apresentada ao publico.

O presente estudo contém um resumo de observações sobre a presença e afloramento do salitre num dos muros do laboratório de Ashmole, em Oxford, no largo terreno de uma quadra, situada abaixo da área da rua. Os muros são construídos em Oxford com pedras de cal, com fina granulação específica, contendo muitos fragmentos de conchas, matérias vegetais, e compostas de 96% de carbonatos de cálcio e 4% de ocre arenoso. O sal é produzido em relativo estado de pureza, mas conserva traços de cálcio e dos ácidos sulfúrico e muriático. O que se forma durante o inverno traz maior percentagem de cálcio. A formação do sal é muito rápida no tempo das geadas, e a produção é lenta, diminuindo, na época da humanidade, depois que se depositou. A exclusão do ar não impede a produção do sal, embora a diminuição seja considerável. P.70. Esse documento, com esse exame, é de John Kidd, doutor em Medicina (M. D.) e professor de Química em Oxford. (K).

(17) Há algum tempo um vulto de madeira foi retirado do mar numa rede de pescador. Posta em lugar seguro, examinada por muitas pessoas que se julgavam competentes para decidir nessa matéria, declararam-na ser a imagem de S. Lucas. Levaram-na para a igreja e foi colocada no lugar devido como representação do Santo. Disseram-me confidencialmente que esse S. Lucas não era senão uma figura-de-prôa de algum infeliz barco naufragado, ou que a estatua teria sido arrancada por uma vaga violenta. (K).

CAPITULO XII

JORNADA A UNINHA. A VARZEA. CAMASSARI. UNINHA. BRIGA DE ESCRAVOS. UM COMANDANTE DO SERTÃO. ANEDOTA DE UM OFICIAL BRASILEIRO. UM SERIO FRACASSO. DANSAS. IRMANDADE NEGRA. ASSASSINOS DA MEIA-NOITE. CONTRATO DE UM PADRE. MARANGUAPE. JULIO. FRANCISCO-JOSÉ. MANUEL. BENÇÃO DO ENGENHO. VALENTÕES. MANDINGUEIROS. COBRAS. HERVA COBREIRA. DEIXANDO JAGUARIBE.

Nos meados de janeiro de 1813 fui passar alguns dias na casa de um amigo, que morava na campinha do Barbalho (1), com o proposito de adquirir uns cavalos. O lugar é proximo á povoação do Monteiro mas situado na margem oposta do rio. Barbalho é uma campinha extensa onde o gado pasta. O solo é de uma argila acinzentada e a relva que nasce é de qualidade inferior. Durante os mezes do verão, quando o pasto está completamente sêco, ateiam-se fogo afim de que renasça uma vegetação que sirva de alimento ao gado. Agitado pelo vento, o fogo corre rapidamente pelo campo, vezes diminuindo e, n'outras se atirando para todos os lados, apresentando o aspecto de uma muralha de chamas. O espetaculo é imponente e quando assume proporções maiores sem provocar uma impressão aterradora. Os moradores na orla dessa campina conservam, limpo de qualquer vegetação, um circulo ao redor das casas e jardins, temendo que um trabalhador irrefletido, depois de haver acendido o seu cachimbo, sacuda para longe o tição em braza de que se serviu.

A pessoa que me hospedou persuadiu-me que o devia acompanhar a um engenho em Uninha, distante seis leguas, ao sul do Barbalho, e descrevia o local tão lindamente que aceitei a sugestão. Era essa a única oportunidade, convenientemente oferecida, para que eu visse o país nessa direção e sempre lamentei de não ter tentado visitar os distritos meridionais de Pernambuco. Passamos a povoação e a igreja paroquial da Varzea. Uma grande parte da região é conhecida sob esse nome, contendo os melhores trechos das provincias para o plantio da cana de açúcar e como são possuidos por homens abastados que conhecem o valor das propriedades, as plantações estão em florescentes condições. A Varzea é famosa na historia pernambucana por ter sido local de grandes lutas (2). Camaragibe, que fica nas proximidades, ou que faz parte da Varzea, e do qual fala o historiador do Brasil, é atualmente um engenho prospero (3).

Alcançamos o engenho de Camassarí, pertencente aos frades Carmelitas. Está em grande ordem, isto é, os escravos e o gado estão em situação otima, e tudo aparece com um aspecto promissor mas seria mais produtivo se a vigilancia aos trabalhadores fosse mais contínua. Olhei o engenho que é movido pela agua, e vi algumas mulatas bonitas e moças, pondo as canas na moenda. Vestiam casacos de algodão estampado, camisas de cambraia musselina e tinham ao pescoço e ás orelhas enfeites de ouro. Estavam cantando em côro, bem sofrivelmente. A diferença é notavel entre os engenhos que pertencem aos conventos e os que são da posse de particulares que aí residem, e que têm um interesse direto em todos os menores aumentos e diminuições nos ganhos. As propriedades dos frades é trabalhada quasi exclusivamente pela escravaria nascida no local, e tudo decorre com regularidade tranquila. Se a produção é valiosa, o mais satisfeito é o

chefe temporario da comunidade mas se, pelo contrario, o rendimento foi diminuto, nem porisso os negocios conventuais deixam de seguir seu ritmo ordinario.

Seguimos ainda certa distancia descendo de uma alta colina para um vale apertado num circulo de eminencias e de tal sorte que impedia que seus habitantes saissem desse retiro. As relvas na colina estavam ressequidas mas tudo em baixo era cheio de pujança. Finalmente chegamos a plantação de Uninha, situada no grande campo, de terreno desigual e irrigado por varias nascentes. O engenho é movimentado por bois, um melhoramento recente, porque os cavalos é que são empregados usualmente quando não se obtem agua. Jantamos com o proprietario e regressamos juntos ao Barbalho pela tarde. Fiquei satisfeito com o meu divertido dia. Visitara uma das mais lindas partes da região, olhada conjuntamente. As colinas e os vales não são altos nem extensos mas nitidamente marcados. A cultura da cana de açúcar é a produção principal da zona. Os canaviaes são longos e os engenhos, para a fabricação do açúcar, numerosos.

Voltando de Uninha desejei demorar no Barbalho por alguns dias e o dono da casa, onde eu estava, foi para Jaguaribe até que o substituisse. Fiquei com Manuel e Simão. Uma manhã, Manuel fôra cortar um pouco de capim e, regressando, encontrou um velho conhecido creolo-negro, e brigaram durante o caminho e chegando á casa onde eu residia a discussão estava séria e os golpes eram dados e recebidos, os dois armados de longos cacetes. Simão, vendo o que sucedia, apanhou um sabre que estava numa cadeira e vôou em socorro do seu camarada. Saí para pôr um ponto final na questão e verifiquei que Simão fizêra um enorme cóрте na cabeça do adversario, e este foi conduzido para dentro de casa e seu ferimento tratado. Um amigo chegou felizmente nessa

ocasião, tomou conta do negro e levou-o ao seu amo. O negro estava cortando capim para os cavalos do Governador que residia no Monteiro, a meia milha do local do episódio. Como o negro estivesse em serviço, Sua Excelencia teria sido imediatamente informado que os negros agressores, como eu considerava os meus, pertenciam a um inglês, e depois disto não se inquiriu sobre cousa alguma, e como se constatou que o amo dos negros não tivera participação no negocio, o poder militar se absteve de conhecer o que acontecera. O dono do negro ferido podia falar-me, dando-me que pensar, relativamente a despesa e trabalhos, acusando meus negros como assaltadores do seu, mas a lei nada faz por ela propria. Mesmo num caso de morte, o promotor ou acusador, como é chamado, tem a opção entre continuar ou renunciar o processo, podendo ser subornado ou ainda persuadido de fazer seguir a acusação, o maior peso na especie. Assim, o espirito da lei é deformado porque o essencial é levar o ofensor á justiça, para serviço geral da sociedade, e não perseguir, como vingança, a um crime cometido contra um individuo.

Logo depois do meu regresso ao Jaguaribe, fui surpreendido pela chegada de um homem branco, fardado de azul e encarnado, seguido por um grande numero de animais carregados e de pessoas vestidas de couro, como usam os sertanejos. Entregou-me uma carta, que verifiquei não ser para mim e sim para outro inglês que estava comigo, mas ordenei que o hospedassem e dei todas as instruções para que acomodassem todos os seus companheiros. Era um comandante do interior, distante 130 leguas, morando nas fazendas da provincia da Paraíba, ao pé da serra do Teixeira.. Colocara a bordo das jangadas, na Paraíba, um grande carregamento de algodão, colhido nas suas propriedades, e ia viajando para o Recife afim de vender e adquirir objetos de luxo para sua familia,

á qual parecia ser extremamente afetuoso. Ficamos amigos e quando foi ao Recife deixou no Jaguaribe alguns dos seus homens e animais. E' entre os moradores desses distritos longinquos, como este de onde viéra, que os vinculos de amor á familia existem com maior intensidade. Trouxéra uns dez homens, dos quais a maior parte eram seus compadres, isto é, o Comandante apadrinhara um filho de cada um. Essas relações são vistas no Brasil como sagradas e creio que em todos os lugares catolico-romanos. E' uma ligação fraternal que permite ao pobre falar ao rico com respeitosa intimidade e a todos prende esse laço de união cujo desrespeito é considerado um sacrilegio.

O Comandante veio de Recife varias vezes visitar-me e, depois de uma demora de dois mezes, voltou para suas propriedades. E' um homem de espirito decidido e gozando respeito unanime ao seu nome em toda a região que reside. Esse respeito é explicado por sua fortuna e energia pessoal que reage a qualquer insulto. Mas sua bondade natural era espontanea e se positivava mostrando-me as cartas que recebia dos filhos, dos quais o mais moço lhe escrevera tambem. Perdera ultimamente a espôsa e sua maneira de falar relativamente á morta era muito emocional. Disse-me que pensava em tomar ordens como padre secular.

Logo apoz haver o Comandante me deixado, succedeu a seguinte occorrença, característica nessa região do país, frequentemente verificada, como essa que vou narrar e possivelmente evitada se os autores tivessem mais idade e menos arrebatamento. Um dos nossos vizinhos, homem ainda moço, foi nomeado para uma função militar, o que o fez arrogando e com uns ares de alta importancia pessoal. Possuia um fogaço cavallo que, ás vezes, fugia, não

havendo estribaria nem cerca para prende-lo. O animal descobriu uma plantação de cana, pertencente á propriedade vizinha, e estragou enormemente as plantas novas, e daí saltou o cercado do campo (o que é facil, pela maneira com que esses cercados são feitos) e foi oferecer combate a um cavallo de carga fadigadissimo. Embora varias vezes preso e enviado ao seu dono com o pedido de vigia-lo, o cavallo voltava sempre ás suas proezas. Por fim um dos animais de carga foi ferido a ponto de ficar inutilizado para o serviço por algum tempo. O proprietario ficou muito irritado e, tendo um de seus escravos ido com uma carta a um lugar distante, montou no cavallo do official, este, sabedor do feito, foi esperar o escravo na estrada e recuperou sua montaria. O agricultor soube no outro dia ter o official dito a varias pessoas que o desejava encontrar, e não fez grande caso da ameaça. Na manhã subsequente, galopava para ir examinar a tarefa de seus trabalhadores, quando viu o official num atalho estreito, conversando com um mulato. O plantador disse-lhe que desejava passar e que não se movesse, e ainda ter sabido que ele se mostrara desejoso daquele encontro. O official sacudiu o cavallo contra o adversario, tentando no mesmo momento desembainhar a espada, o que não conseguiu por esta se ter enredado no cinturão. O outro homem puxou a sua, que estava oculta numa bengala, e avançando, poz a ponta da espada sobre o peito do antagonista, mostrando como essa vantagem lhe daria ocasião de mata-lo. O mulato, voltando a si da surpresa, meteu-se entre os dois cavalos, chibateando um e outro para afasta-los. Os dois homens ficaram alguns instantes trocando insultos, mas o capitão, como se soube depois, supunha que seu adversario estivesse desarmado e, vendo o contrario, teve seu ardor belicoso atenuado seriamente.

Os índios que estavam em meu serviço solicitavam algumas vezes permissão para dançar ante minha residência e eu consentia, divertindo-me muito. Acendia-se uma enorme fogueira para que melhor fosse visto o que ia acontecer, e para que a noite fosse mais agradável convidava os meus vizinhos. A dança começava com dois homens andando para frente e volteando, num círculo que abrangia poucas jardas. Um deles cantava, ou melhor, recitava com voz baixa, algum canto em seu idioma, e o outro tocava uma flauta de som agudo, e ambos, em certos intervalos, pulavam sobre um pé e outro, e depois uma mulher se reunia a eles, seguindo todos na marcha, e logo outro homem vinha, e mais outro, até que o grande círculo se formava, ficando o ritmo mais vivo. Tinham anteriormente preparado bebidas, como era o costume, e quando um deles desejava beber, saía da roda e voltava depois de haver bebido. Continuavam dançando quanto tempo a bebida durasse. As mulheres apreciavam aguardente tanto quanto os homens, inspirando-se com ela, e quando a consumação crescia, cantavam novos canticos e seus movimentos eram mais rápidos.

Os negros livres também dançavam, mas se limitavam a pedir licença e sua festa decorria deante de umas das suas choupanas. As danças lembravam as dos negros africanos. O círculo se fechava, e o tocador de viola sentava-se num dos cantos, e começava uma simples toada, acompanhada por algumas canções favoritas, repetindo o refrão, e frequentemente um dos versos era improvisado e continha alusões obscenas. Um homem ia para o centro da roda e dançava minutos, tomando atitudes lascivas, até que escolhia uma mulher, que avançava, repetindo os meneios não menos indecentes, e esse divertimento durava ás vezes até o amanhecer (4). Os escravos igualmente pediam permissão para suas danças. Os instrumentos mu-

sicais eram extremamente rudes. Um deles é uma especie de tambor, formado de uma péle de carneiro, estendida sobre um tronco oco de arvore. O outro é um grande arco, com uma corda tendo uma meia quenga de côco no meio, ou uma pequena cabaça, amarrada. Colocam-na contra o abdomen e tocam a corda com o dedo ou com um pedacinho de pau. Quando dois dias santos se sucediam ininterruptamente, os escravos continuam a algazarra até madrugada (5).

Vou tratar de um assunto que me causou bastante desgosto. As terras pertencentes á Irmandade negra de Olinda estavam situados em Jaguaribe e parte numa plantação pouco distante, cujo proprietario era um preto velho, cercado de um *clan* numeroso de filhos, parentes e dependentes. Tinhamos pactuado que o arrendamento do terreno fosse igual para nós e, para evitar competições, apenas um de nós figurasse no contrato, depois do qual faríamos a divisão. O dono do engenho em questão encarregou-se da transação mas fiquei surpreendido verificando que corria o risco de nada receber nas terras arrendadas, e consequentemente iniciei as providencias para ter o terreno para mim mesmo. Enquanto o negocio esteve duvidoso, o individuo que gozava a proteção do proprietario rival, mandou um grupo de negros trabalhar no terreno que ficava junto ao Jaguaribe. Mandeí um recado ao dono dos escravos, dizendo que a terra estava arrendada por uma pessoa das minhas relações, pagando foros anuais a Irmandade, e pedia que retirasse seus negros. Recusou-se fazer o que lhe pedia e, logicamente, reuni os meus homens livres e fui para o local disputado. A questão estava ficando séria e o homem percebeu que se uma ação fisica se iniciasse, podia perder alguns escravos, ao passo que eu, acompanhado por homens livres, não sofreria perda

alguma. Deu as ordens que eu desejava e retornei para casa.

Por intermedio de pessoas que tinham relações de amizade com os principais membros da Irmandade, obtive o arrendamento das terras que me interessavam. Assisti a uma sessão plena desses diretores pretos, e ouvi os argumentos favoráveis e contrários a decisão da entrega de toda propriedade nas mãos de uma só pessoa. O negocio terminou logo que um deles se ergueu e lembrou aos companheiros que o Comunidade estava em debito e o novo rendeiro pagava um ano de rendas adiantadamente. Todas as objeções silenciaram com esse discurso e os papéis foram assinados sem outro reparo. Esses cavalheiros pretos vieram ao Jaguaribe dar-me posse nas terras. Convidei varios amigos para essa circumstancia e, negros e brancos, todos sentaram á mesa e comemos juntos. Bebemos, primeiro em honra de Nossa Senhora do Rosario, depois do presidente da Irmandade e do novo arrendatario. Esses companheiros nos divertiram muito pelas suas cortezias, uns com os outros e para as pessoas brancas presentes, bem desajeitadamente, mas mostrando a importancia que imaginavam possuir. O Juiz, ou presidente da Irmandade, era sapateiro em Olinda, e os demais perrenciam, mais ou menos, ao mesmo nivel.

Empossado no meu dominio, julgava todos os assuntos desagradáveis definitivamente passados, quando, uma noite, um mulato que residia no Jaguaribe, bateu á minha porta e disse-me que acabava de chegar de uma visita que fizera a um amigo numa casinha dos arredores, e, na estrada, tres homens o haviam intimado a parar, e vendo-o sozinho, tinham-se retirado. Já me haviam informado do que devia esperar e, imediatamente, deduzi porque esses homens foram mandados e contra quem o golpe seria desfechado. Chamei dois indigenas e o meu fiel Manuel e,

acompanhado por esses e pelo mulato que viêra prevenir-me, corri ao local. Nada encontramos. Pesquisamos tudo, indo até a propriedade proxima onde ouvimos fechar as pesadas portei ras da divisão, e julgamos inutil prosseguir porque as pessoas visadas estariam agora em lugar seguro. Nessa estrada residiam familias de minha amizade, e todas sabedoras de que eu, ás vezes, voltava tarde para casa. Era um distrito bem turbulento esse em que fixara minha residencia. Muitos proprietarios da redondeza viviam perpetuamente em lutas e eu tivêra que tomar o mesmo caminho, porque se não fizesse seria enganado. Os escravos de Paulistas e os do Timbó estavam constantemente em guerra e os proprietarios do Timbó e do Jenipapeiro continuavam em processos pendentes de julgamentos demorados. Alguns distritos têm mais tranquillidade que outros, mas raros são os que vivem sem disturbios e menos os engenhos, em qualquer parte da provincia, onde os processos sobre questões de limites não existam (6).

Varios dos meus novos amigos lembravam-me que cada engenho devia ter um capelão, e disseram que, sem duvida alguma, todas as pessoas que assistissem á missa, contribuiriam para o pagamento do padre, como era o costume. Falei a um jovem sacerdote sobre o assunto e ele vinha todos os domingos e dias santos, mas quando se dispensou, na epoca em que me preparava para deixar o lugar, paguei sozinho, inteiramente. Todos eram pobres ou incapazes de vir fazer o pagamento. Era justamente o que esperava, mas entendia ser direito seguir o costume das missas regulares para os escravos.

Em abril obtive do rendeiro de um terreno a leste do Jaguaribe, chamado Maranguape, a permissão para mandar meu gado para sua propriedade durante a estação chuvosa, porque o meu campo não era suficientemente largo

para manter, durante o ano, tão grande numero de animais exigido pelo trabalho. A terra onde devia mandar o gado tinha uma legua de longo e meia de largo. Uma grande parte ficava inundada pelo inverno e o restante era coberto de arvores, mas onde se pode pehetrar a cavallo porque o gado abriu passagem no matagal. Fiquei assombrado de ver como, em pouco tempo, o gado habituado ao trabalho se torna selvagem e relativamente bravo. Tinha por habito ir com outra pessôa, ambos a cavallo, reunir os animais e verificar se não faltava algum. Era um encargo pesado correr atraz deles, recebendo pancadas dos galhos das arvores. Um dos bois tinha o habito de, invariavelmente, fugir para um charco logo que nos percebia e, depois de uma certa distancia, voltava-se e olhava, com o aspecto descuidado, como convencido de que não o podiamos pegar. Essa circumstancia lembrou-me outra, relativa a um dos meus cavalos de carga. O animal escapara do Jaguaribe e longo tempo se passou sem que tivessesmos noticias suas. Finalmente falei a um negro velho que me disse ve-lo todos os dias. O cavallo estava em terras abundantes de pastagens mas o unico bebedouro existente nos arredores ficava num pôço ou fonte cercada, com os bordos altos e apertada abertura para entrar. O negro informou que um dia vira o cavallo perto do pôço mas incapaz de atingir a agua, e lhe déra meia cabaça que o velho levava para encher d'agua e despeja-la na cabeça, a falta de melhor banho. No dia seguinte o cavallo estava lá e isso continuava ha semanas mas, embora o homem tentasse pôr a mão no pescoço, o animal não consentira que lhe segurassem nas crinas. Foi capturado finalmente por dois homens, montados em cavalos excelentes, que mandei com esse proposito. Pouco tempo depois do gado ir para Maranguape, contratei um indigena para ficar e vigiar esse ponto. O homem era meu devedor por fazendas e uma cadeia de

ouro que levava para sua mulher. Veio a mim, poucos dias depois da sua mudança, dizendo pedir licença para regressar ao seu antigo pouso, que era a pouca distancia, e ir buscar a familia. Compreendi seu plano. Nunca mais appareceria, e lhe respondi que podia ir para onde quizesse, mas deixasse uma garantia para o pagamento de sua divida. Prometeu. Julio, que viajara comigo ao Ceará, estava ainda em meu serviço. Desagradou-me excessivamente neste momento, porque, seduzido pelo companheiro, queria abandonar-me. Julio fôra acusado de pequenas maroteiras e eu não dera muito credito. Ele negava ter cometido alguma cousa e se dizia inocente. Eu acreditava-o veridico. Agora já não penso assim, e as circunstancias demonstravam. Seu desejo de deixar-me por um homem que eu sabia verdadeiramente desregrado, porque tivera recentemente informações sobre sua conduta em varios lugares, e sobretudo a desconfiança de que me tinham vindo procurar em horas adiantadas, quando pouca gente me cercava, sob a ideia de que estando eu sozinho podia acceder as suas intimações, causaram-me pessima impressão. Tomaram o caminho para Maranguape mas eu tinha a esperanza de que tudo terminaria bem. Ao entardecer, meia hora antes do fim do dia, o feitor veio informar-me que Francisco José, o indigena que me era devedor, atravessava a campina seguido por sua mulher, Julio e outros indigenas. Tinham decidido viajar desafiando todos os direitos que eu podia ter aos seus serviços ou ao pagamento do que me devia pela violação aos compromissos assumidos ha poucas horas comigo. Varios outros trabalhadores deviam-me, e se esse homem se fosse com seu proposito, permitindo todos os seus desejos, não sei quanto o exemplo seria suggestivo.

Mandei selar meu cavallo, fiz um sinal a Manuel, meu companheiro constante, e chamando alguns homens livres

que, voltando do trabalho, estavam conversando em grupo, disse: — “Quem quer acompanhar-me”. Um carpinteiro negro, um pedreiro branco, o carreiro mulato, um trabalhador da mesma côr, assim como um escravo, adiantaram-se. Acompanhado por seis homens robustos, inclusive Manuel, que iam todos a pé parti a cavalo, em passo apressado, sabendo que ao subir a colina eles me passariam. A colina foi vencida, continuei subindo a outra e logo que cheguei ao declive rapido que domina o canavial do Inhaman, avistei tres homens e ouvi sons agudos da flauta indigena. Voltei-me e vi apenas o carpinteiro e o pedreiro que haviam andado velozmente, como eu, e notei que eram robustos quanto pudessem ser. Gritei, então: — “Aqui estão os fujões!” No mesmo momento, Monte, o pedreiro, saltou agilmente pela ladeira abaixo, passando meu cavalo, e descemos na direção dos homens, mas ficamos decepcionados descobrindo que, embora fossem indigenas, não eram aqueles que procuravamos. Esperamos pelo resto da nossa tropa e, chegada que foi, retornamos para casa, tranquilamente, por outro caminho. Quando chegamos ao portão do Jaguaribe, fui avisado que o grupo fugitivo estava acampado num canto do campo, perto da cabana de um outro indigena e para esse ponto dirigimos nossos passos. Francisco José veio falar comigo, e varios outros se postaram perto dele. Fiquei montado durante a entrevista, minha gente ficou ao meu lado, até que Antonio, o mulato carreiro (o que tinha sido atacado ha tempos) voltou-se e, apoiando-se no pescoço do cavalo, ficou entre o indigena e eu. Observei depois que ele notara ter Francisco José uma faca na mão, e Antonio julgou que era intenção atacar-me ou ao cavalo, esperando o indigena ferir-me e muito possivelmente fugir. Varias pessoas pertencentes á propriedade juntaram-se-nos e tudo terminou por se ter o indigena deixado prender sem resistencia

e metido a ferros. Um grupo de mulatos ou de negros creólôs não se teria submetido tão passivamente. Tarde da noite pagou sua dívida e foi posto em liberdade, e esteve sem o ver por muito tempo.

Comecei a dispensar todos os trabalhadores que não estavam em débito comigo e em pouco tempo poucas pessoas ficaram, porque seus serviços eram indispensáveis e em cujo carácter tinha confiança. Era muito raramente que visitava o Recife mas quando era obrigado a ir, preferia as noites de luar ás viagens durante o dia, e nessas ocasiões era acompanhado por Manuel. A mata de Merueira, que atravessávamos comumente, é famosa pelas histórias de fantasmas errantes e de assassinatos ali cometidos. Uma noite, quando a lua não tinha altura suficiente para que a claridade permitisse discernir os objectos circunjacentes, íamos viajando através da mata. Vi uma figura deante de mim, no meio da estrada, semelhante um homem de pé. Retardei o passo e perguntei, como é costume: — “Quem vem lá?” Mas, antes de ser possível receber uma resposta, Manuel saltou diante de mim, dizendo: — “Deixe ver”, embora desejasse que ele ficasse quiéto e junto a mim, aguardando. Aproximando-nos mais vimos que era um velho tronco de arvore que tinha causado o alarma. Noutra ocasião mandara esse mesmo escravo do Recife ao Jaguaribe, a pé muito cedo, e lhe dissera que pensara segui-lo, saindo do Recife ás oito horas da noite. Seria acompanhado pelo Zacarias, outro escravo, cuja coragem era duvidosa. Manuel chegou ao Jaguaribe e, imediatamente, preparou um dos cavalos de carga, dizendo ao feitor que se ia encontrar com seu amo no meio do caminho, declarando que “Zacarias não é ninguém”. O feitor não conseguiu dissuadi-lo da sua intenção, e vendo que o escravo estava exausto da viagem, veio ele mesmo, pessoalmente. Faço menção desses epi-

sodios com o proposito de mostrar que especie de homem era esse que me acompanhava nas minhas excursões.

Varios mezes se passaram sem a menor inquietação. Tivera um ataque de febres durante a epoca das chuvas, mas muito menos violento que o do ano antecedente. Ocorreu-me um accidente que podia ter sido fatal: - - um cavallo ardego dera-me um coice. Erguera-se e alcançaram-me, mas fôra mais um movimento de alegria do que uma intenção aggressiva.

Tinha ás vezes a intenção de deixar o Jaguaribe devido á turbulencia dos vizinhos e meu indeciso estado de saude, e por muitos factos desagradaveis que tiveram lugar entre o proprietario da terra e eu. Todavia como houvesse inconvenientes, resolvi ficar, não obstante todos eses dissabôres.

Fizemos os preparativos no mez de Outubro para movimentar o engenho. Em muitos pontos da região as canas de açucar não tinham a grossura ordinaria e as minhas eram ainda menores por te-las plantado muito tardiamente. Tudo ficou pronto pelo fim do mez e mandei buscar um Padre para benzer o engenho. Sem que essa cerimonia seja realizada nenhuma das pessoas empregadas no engenho, seja homem livre ou escravo, quer começar sua tarefa, e se algum accidente sobreven, é explicado como justo castigo do céu pela falta da observancia religiosa. O Padre veio e disse a missa, depois da qual almoçamos e fomos para o engenho. O feitor e muitos outros homens livres e negros estavam ao pé da maquina, e certa quantidade de canas de açucar estava prestes a ser levada aos cilindros, e quatro negros, encarregados dessa operação, estavam nos seus postos. Duas velas acêsas foram colocadas perto dos cilindros sobre a plataforma que sustenta a cana, e foi disposta entre elas uma pequena imagem do Nosso Salvador na cruz. O Padre tomou seu breviario

e leu varias orações e, em certos momentos, com um ramo de arbusto, preparado para esse gesto, mergulhado n'agua benta, aspergia o engenho e os presentes. Alguns negros se precipitavam para frente no desejo de receberem uma boa quantidade desse liquido santificado. Depois o mestre das caldeiras levou-nos para a secção do engenho que ele dirigia, e aí houve nova aspersão. Quando voltamos á parte do engenho onde ficam os cilindros, o Padre tomou uma grande cana e eu outra, e a um sinal combinado a porta d'agua foi aberta e a roda começou a mover-se e segundo a tradição, as duas canas que o Padre e eu seguravamos na mão, foram as primeiras esmagadas. Ouvira falar muito dessa cerimonia pelas pessoas da região, e confesso que, mesmo que algumas pessoas encontrassem qualquer cousa de ridiculo, só a vi como digna de muito respeito. O excitamento do sentimento piedoso entre os escravos, sobretudo esses deveres que a Igreja Catolica sabe determinar, são necessarios, e se os homens devem viver como escravos, é certo que a religião é a melhor adotada para os individuos que estão nesse estado de sujeição. Escravidão e superstição, combinadas, são dois flagelos suficientes para causar a miseria em qualquer parte.

Os carros, os bois e seus condutores não tinham recebido as benções do Padre. Chêgaram algum tempo depois, trazendo cargas de canas, os carros enfeitados com as maiores, postas como bandeiras e nelas suspensos os lenços e as fitas. Cada carro se deteve na porta da residencia, e o Padre satisfez o desejo dos carreiros.

Havia um mulato comprido, com uns cincoenta e cinco anos de idade, chamado Vicente, e que morava perto do Jaguaribe. Tinha por habito, sempre que me encontrava, parar e conversar. Eu gostava muito de ouvir as suas historias. Disse-me que ultimamente a região estava ficando tranquila, e que os distúrbios eram menos

frequentes que outróra. Não havia mais Valentões nem “Contas Verdes” (7). Explicou-me precisamente a significação dos primeiros, descrevendo a especie de contas que denominavam os ultimos. Esses Valentões eram homens de todos os niveis, cujo serviço consistia em procurar oportunidade para lutar. Frequentavam as festas e feiras, e seu desejo era tornar-se tão celebre pela coragem que bastasse saber da sua presença para amedrontar as pessoas que intentassem promover brigas. Considerar-se com o privilegio de vingar as injurias proprias e dos amigos, não permitindo que houvesse barulho em que eles não fossem interessados. Duas estradas se cruzam a uma distancia de legua do Jaguaribe, e nesta encruzilhada, dizia-me Vicente, um desses homens ficava, obrigando a todos os viajantes lutar com ele ou desmontar, tirar o chapéu e conduzir o animal pela brida até que ele fosse visível. Esses homens trazem ao redor do pescoço um fio de contas verdes, vindas da costa d’África, com a toda poderosa faculdade de resguardar seus possuidores de todos os perigos, e que lhes tinha sido dada pelos Mandingueiros, feiticeiros africanos, trazidos para o Brasil como escravos, e que, secretamente, continuavam praticando sortilegios. Esses homens são acompanhados por cães de extraordinaria corpulencia e agilidade, tendo tanta audacia quanto seus donos. Ensinaram-n’os a beber aguardente, e o fazem sob as ordens do amo, dando aos assistentes uma impressão de que possuem qualidades sobrenaturais. Vicente conhecera varios desses homens e estava convencido da virtude das contas verdes, e que os cachorros recebiam dos donos certas qualidades que os tornavam superiores aos restantes de sua raça. A expressão fisionomica do narrador mudava inteiramente quando iniciava o relato dessas façanhas. Tinha sempre um ar de asperidade mas então assumia uma feição desagradavel de sel-

vageria. Quando eu opunha minhas duvidas sobre a efficacia das contas verdes contra uma bala de espingarda bem dirigida, sua colera nascia, mas havia piedade para uma creatura que não vira esse tempo de maravilhas. Parecia satisfeito por tudo já se haver passado e que tudo estivesse sereno, mas nutria uma especie de respeito por esses individuos cujas vidas se passaram em perigos. Não obstante o encanto, firmemente acreditado, a morte desses homens era geralmente violenta devido, contava Vicente, á infeliz ausencia das contas verdes na pessoa para quem a hora implacavel chegara. Não foi esta a vez unica em que ouvi falar sobre os Valentões (8).

Havia um velho creolo-negro, residindo nas vizinhanças do Jaguaribe, cuja disposição o levava a explorar todos os bosques da redondeza, em muitas milhas de extensão. Preferia esse meio de obter a subsistencia ao labor diario que lhe seria duro. Conhecia todos os lugares onde as melhores madeiras estavam e podia, a qualquer instante, indicar o ponto exato onde ficava determinada arvore apropriada para um certo labor. Esse homem vinha ao Jaguaribe, e nessas ocasiões o mandava chamar para casa afim de contar-me as historias, que ouvia fumando, sentado na minha rêde. Gostava das historias de fantasmas e de Mandinguciros. Entre os sucessos desses ultimos, havia a propriedade de manejar as cobras sem perigo de seu veneno, podendo, segundo seu depoimento e de varias outras pessoas, fazer todos os répteis deixar suas locas e reunir-se-lhes ao redor, graças ao emprego de cantos e gritos proprios. Esses feiticeiros pretendem tornar inocuas as dentadas das cobras desde que as victimas se submetam aos seus encantos e cerimoniaes. (9). Um dos processos que é adotado para esse fim é permitir que uma cobra envolva com seus aneis a cabeça, a face e as espaldas do que deve ser *curado de cobra*, como

é chamado. O senhor das cobras repete algumas palavras durante a operação e sua tradução, se contem alguma, só é conhecida pelos iniciados. A cascavel (*rattlesnake*) dizem ser, de todas as especies, a mais susceptivel de atenção ás cantigas dos Mandigueiros. Essas narrativas não seriam contadas por mim com a autoridade de uma ou duas pessoas apenas, mas as ouvi repetidas por muitos homens de educação, afirmando a eficacia das cobras aprisionadas pelos Mandigueiros, como se a incredulidade começasse a ceder. A reputação das "contas verdes" é solidamente estabelecida no espirito de todas as pessoas das classes pobres com que falei. Os Mandigueiros devem possuir, certamente, artificios, applicados com destreza (10).

Não fôra eu incomodado pelas serpentes como esperara ser. Havia entrevisto varias especies quando atravessava os bosques, especialmente os que vão do Jaguaribe a Paulistas. O caminho não é muito frequentado e, naturalmente, as cobras são menos timoratas. Elas atravessavam a estrada ou iam para o campo quando eu passava. Numa tarde tive uma visita que teria perfeitamente dispensado. Levantando o olhar, enquanto repousava na minha rêde, vi um desses reptis deitado quietamente no cimo da parede, numa cavidade formada por um dos supports do tecto. Apanhei uma vara e empurrei-a contra a cobra, premindo-a contra o telhado, enquanto chamava uma pessoa para ajudar a mata-la, mas ella se agitou com tal violencia que se conseguiu libertar e caiu do outro lado da parede onde varias pessoas esperaram sua queda. Os que estavam presentes não a souberam identificar, se era da especie *caninana* ou *papa-ovo*, as quais se pareciam muito uma com a outra. A primeira é venenosa e a ultima varias pessoas a dizem inocua. São de côr cinzenta no dor-

so e amarela no ventre. A cobra que matámos tinha cerca de quatro pés de comprimento.

A caninana (11) é também chamada *cobra voadora* porque tem a faculdade de saltar a distancias consideraveis. Comumente enrodilha-se num galho de arvore e se projeta sobre quem deseja alcançar. A *cobra d'agua* era sempre vista num correço que corria perto da casa-grande de Jaguaribe e essas cobras têm, ás vezes, oito a dez pés de comprido e são grossas como um braço de homem. A côr é negro brilhante por cima e ouro palido por baixo. O povo a diz venenosa mas tenho ouvido opiniões contrarias. A *jararaca* (12) é uma cobra de seis a nove pés, com as costas de um amarelo sujo e a barriga branca; tem a ponta da cauda negra, a bôca é vermelha e dois traços, preto e branco, na garganta. A *surucucú* (13) é uma cobra mais ou menos como a jararaca, preta e amarela. Esse reptil é atraído pelo fogo e esse habito a torna mais perigosa para os viajantes que os outros tipos de serpentes. Não devem ter toda atenção voltadas para as chamas, sinão perdem oportunidade e tempo de mata-la. Fui informado, por muita gente de credito, que ela se lançou do solo sobre um individuo que carregava um facho aceso. A *surucucú* e a *jararaca* são conhecidas como venenosas. A *cobra de cipó* é assim denominada pela sua semelhança com essas flexiveis vergontees que têm esse nome. Dizem ser venenosa (14).

Supõem que certos feitiços destróem o veneno das cobras, produzindo, naturalmente, o restabelecimento das pessoas mordidas por um desses reptis. Empregam quasi sempre o oleo como remedio, em consideravel porção, maior ou menor conforme sua qualidade. E' também administrada a aguardente até provocar a embriaguês. Vi uma pequena planta, conhecida com o nome de *herva cobreira* (15) e onde a cultivam, resguardam-na

cuidadosamente com vasilhas. Isso demonstra que não é indígena nessa parte do país na qual estou. Disseram-me ter sido trazida da Africa. Não vi suas flores. As folhas são pequenas e recortadas em forma de coração. O talo mede quatro ou cinco polegadas de comprido, e é de um vermelho escuro que se torna esverdeado para o fim dos ramos, que são longos, tortuosos e se estendem horizontalmente. As folhas e os ramos dessa planta são esmagados e aplicados sobre a ferida, e o sumo, extraído dela, mistura-se com aguardente ou agua, e é bebido pelo paciente. Não garanto o successo mas imagino que o nome da planta provenha dessa reputação.

O engenho trabalhava ainda em setembro quando seu proprietario convidou-me a sair, por ser mais conveniente para ele deixar outro dominio seu e residir no Jaguaribe, pela vizinhança ao Recife. Accedi, mas não desejava que ele se mudasse antes de minha retirada do Jaguaribe. Entretanto, uma manhã, um jovem, seu parente e empregado por ele, chegou a minha casa e me disse que vinha, acompanhado por um bando de negros, por ordem do seu patrão, tomar posse durante a noite de uma casinha situada no cimo da colina. Expressei-lhe minha surpresa ante sua conduta e lhe disse varias cousas no mesmo sentido. Ele, em conversa, retrucou, como resposta, que estava apenas cumprindo as ordens recebidas. A principal objecção que eu fazia para essa mudança prematura era o character turbulento desse homem e as frequentes dissensões entre o pessoal de dois chefes que iam residir tão proximos, seriam fatais.

Varias occorrencias extremamente desagradaveis succederam antes que me pudesse mudar, mas como esses assuntos eram devidos á singularidade da minha situação, não creio que as minucias possam ser interessantes. Essas anedotas seriam cabiveis como illustrações do quadro

geral de costumes da região. E' suficiente dizer que fui visitar o proprietario do engenho em Amparo, na ilha de Itamaracá, em cujas terras aceitei o encargo de plantar cana de açúcar e dividir com ele a safra, como se pratica nos engenhos.

No começo de Novembro de 1813 mandei o meu sci-tor preparar na Vila da Conceição, na ilha, uma morada para mim, e me transferi para esse lugar em meados do seguinte mez.

NOTAS AO CAPITULO XII.

(1) Barbalho, na Varzea, era um logarejo perto do Monteiro, ficando este na margem direita do Capibaribe e Barbalho á esquerda. Vinha-lhe o nome por ter pertencido a dona Inéz Barbalho, viuva de Antonio Borges Ucha. O pai desse Uchôa, Marcos André, fora o primitivo proprietario de engenho que, devido a capela ter um torreado, detalhe arquitetônico de raridade na região, denominara o dominio. É a "Torre", ainda hoje arrebalde do Recife. O filho, Antonio Borges Uchôa, herdeiro da "Torre", mandou fazer uma ponte atravessando o Capibaribe, indo á margem, onde deságua o riacho Parnamerim. E atualmente ainda conhecemos nos arredores recifenses a "Ponte d'Uchôa, embora esta nao exista mais. A viuva, como se vê, dêra batismo ao "Barbalho". (C).

(2) A Varzea, onde os melhores engenhos estavam localizados, era a região rica de Pernambuco seiscentista. Sua posse, conquistada palmo a palmo, exigiu combates furiosos. Em julho de 1633, o conselheiro Johannes van Walberck afirmava que o valor da Varzea era igual ao da metade de toda a Capitania de Pernambuco (C).

(3) Não estou certo da situação do Monte das Tabócas, onde se feriu uma das maiores batalhas entre os Portuguezes e Holandêses em 1645. "History of Brazil", Vol II, -108. Atualmente ha uma plantação chamada "Tabocas" pertencente a um dos chefes da familia Cavalcanti, mas eu conheço este e muitos outros membros da familia e o episodio me teria sido mencionado se se tivesse passado nesse local. (K). A batalha do Monte das Tabócas é de 3 de Agosto de 1645. O monte das Tabócas fica no municipio de Vitoria, a nove leguas do Recife. (C).

(4) É o *samba*. Com esse ou outros nomes, quasi todos os viajantes estrangeiros registaram a dança voluptuosa, com outras, emigradas da Africa (Luciano Gallet, "Estudos de Folclore", p-61. Rio, 1934, Artur Ramos. "O Folk-Lore Negro do Brasil", p-129. Rio, 1935). Samba, Còco-de-umbigada, tem vastissima area de uso. Alfredo de Sarmiento ("Os Sertões d'África", apontamentos de viagem. Lisboa. 1880) descreve a dança no seu pais de origem. Transcreve os trechos essenciaes para positivar sua quasi nenhuma modificação, passando o Atlantico e vencendo os seculos.

"Forma-se um circulo de dançadores no meio de uma arena, ficando em redor os assistentes. Formado o circulo,

saltam para o meio dois ou tres pares, homens e mulheres, e começa a diversão. A dansa consiste num bambolear sereno do corpo, marcado por um pequeno movimento dos pés, da cabeça e dos braços. Estes movimentos aceleram-se conforme a musica se torna mais viva e arrebatada, e, em breve, admira-se um prodigioso saracotear de quadris que chega a parecer impossivel poder-se executar sem que fiquem deslocados os que a ele se entregam. Aquele que faz esses movimentos com mais entusiasmo é freneticamente aplaudido e reputado como o primeiro dansador da aldeia. Quando os primeiros pares se sentem extenuados, vão ocupar os seus respectivos lugares no circulo, e são substituidos por outros pares que executam os mesmos passos. As canções que acompanham estas dansas lascivas são sempre imorais e até mesmo obscenas, em regra historias de amores, descritas com a mais repelente e impudica nudez. Em Loanda e em varios outros presidios e distritos, o batuque difere deste que se acaba de descrever e que é peculiar do Congo e dos sertões situados ao norte do Ambriz. Naqueles distritos e presidios, consiste tambem o batuque num circulo formado pelos dansadores, indo para o meio um preto ou uma preta, que, depois de executar varios passos, vai dar uma embigada (a que chamam *semba*) na pessoa que escolhe entre as da roda, a qual vai para o meio do circulo substitui-lo. Esta dansa, que se assemelha muito ao nosso *fado*, é a diversão predileta dos habitantes dessa parte do sertão africano (Congo) onde a influencia dos europeus tem modificado de algum modo a sua repugnante immoralidade. Os cantares são menos obscenos, e não é raro ver tomarem parte num batuque, por ocasião de festa, alguns indigenas das classes mais elevadas. E' deveras surpreendente a influencia que a musica exerce nos negros do sertão, e o prazer que eles sentem, quer ouvindo-a, ou executando-a. Ha negros que passam uma noite inteira, acorados no chão, junto da fogueira, tocando o *quissangue* e resmoneando uma toda que, ouvida de longe, produz uma impressão de melancolia, sobretudo no silencio da noite e á lua de um luar esplendido, como é o luar da Africa". Em 1878 Capelo-Ivens assistem o samba, com o nome de "batuque" entre os Quilengues, — "de Benguela ás terras de Iacca" — vol. I, p. 64 (C).

(5) O tambor é o Ingono, Ngomba do Congo, Angoma dos povos do Lunda, Ingono, como o chamamos no nordeste. Vêr o meu "Instrumentos musicais dos negros no norte do Brasil", Movimento Brasileiro, n.º 3, Rio,

1929. O Arco, citado por Koster, é o Gôbo, Bucumbumba, Uricungo, Rucumbo, dos negros de Lunada, nitidamente fixado por Dias de Carvalho. No volume em que os padres A. Lang e Constantino Tastevin, estudaram "La tribu des Va-Nyaneka" (Corbeil. 1937, p-116/7) o Uricungo é denominado *Om-bulum-bumba*, sendo o mesmo ou *kondyi* quando "*on adapte à la corde qui, alors, n'est plus attachée au milieu de l'arc, une petite calebasse dont l'ouverture se place sur la poitrine.*" Já o ouvi várias vezes tocar nas velhas feiras sertanejas. Todos os sertanejos o conhecem por *berimbau de barriga Capelo Ivens* reproduzem, sem o denominar, um Uricungo. *Op. cit.*, vol. I, p-234. (C).

(6) Numa distancia de cerca de vinte leguas do Recife, residia outrora o Padre Pedro, na plantação de cana de açúcar "Água Azul". Obtivera por concessão da Corôa terras compreendendo uma legua quadrada, e fixou sua residência no cimo de um monte escarpado, para cujo acesso só existia uma estrada que serpenteava ao redor da colina, sendo vencida com grande dificuldade. O engenho ficava igualmente numa eminencia e o vale, circumjacente, era cercado por uma funda depressão e defendido por sebes espessas, para o exterior. A posição era isolada e a região visinha estava em estado verdadeiramente selvagem. A floresta era extensa e quasi impenetravel. Todos os desertores dos regimentos de Linha, todas as pessoas que haviam cometido crimes desafiando a honra da familia, em questões e lutas que exigiam essas violencias momentaneas, eram acolhidos por ele. Aos ladrões não concedia proteção alguma. Aos que oferecia abrigo, deviam residir nas matas que circundavam o campo, e muitos haviam construídos suas cabanas nos flancos do monte, formando uma linha de comunicações. Bastava um apito ou som de buzio, para reunir á sua porta quarenta ou cincoenta homens, preparados para efetuar todo e qualquer serviço que lhes fossem ordenado, porque sabiam muito bem que se lhes retirassem a proteção, ficariam entregues ao rigor da lei. Toda agressão ao Padre ou a qualquer de seus satelites, era seguida pela destruição da pessoa agressora. Tinha ele, todavia, o habito de enviar muitos presentes ás pessoas que exerciam funções elevadas para que não dessem atenção as noticias das suas façanhas. Embora o Governo não pudesse destruir sua independencia feudal, conseguira abalar-lhe o poder. O Padre fôra chamado pelo ultimo Governador da Provincia. Obedeceu, e levou com ele um numero avultados dos seus homens resolutos. Desmontou, subiu ao andar superior do palacio ordenando ao seu bando que ficasse em baixo e não consentisse que pessoa alguma entrasse depois dele. O Governador lastimou que o Padre Pedro desse azilo aos desertores. O Padre replicou que estava certo de que Sua Excelencia estava convencido da inutilidade de falar-lhe sobre tal assunto. Ditas essas palavras, deixou o salão imediatamente, montou seu cavallo e regressou aos seus dominios sem que ninguém o molestasse. Uma outra anedota dessa estranha creatura me foi narrada por pessoa que assistiu o facto. Dois officiais-de-justiça foram até Água Azul e exhibiram uma sentença de execução contra ele. O Padre recebeu-os tranquilamente, mas logo depois mandou aos seus homens que agarrassem os officiais-de-justiça e amarrassem os dois, atrelados, no engenho de açúcar, que estava trabalhando, no lugar dos cavalos, que são empregados em numero de oito cada vez. Fez continuar o giro da maquina e ordenou a um negro, sentado num alto, para vigiar e animar os infelizes companheiros naquêle auxilio ao engenho. Eles ficaram alguns minutos nessa labuta. Foram retirados, meio mortos de fadiga e de pavor, recobrando a liberdade e o padre encarregou-os de informar ao seu credor a maneira com que tinham sido tratados, adiantando que faria o mesmo com ele proprio se conseguisse captura-lo. O Padre possui um numero consideravel de cães de raça, que vivem habitualmente desacompanhados e correndo livremente pela casa, tornando perigosa a aproximação á residencia. Esses animais são bem ensinados, porque, o menor gesto do seu

amo, é suficiente para fazê-los parar e consentir que um estranho se aproxime. Ha poucos anos o Padre Pedro faleceu, mas, como já disse varias vezes, a epoca desses temperamentos está passando rapidamente no Brasil. (K). O Dicionario Historico de Sebastião Galvão informa: — AGUA AZUL, Engenho na freguesia de Cruangi, municipio de Timbaúba, a 24 quilometros desta cidade e 78 de Goiana. Serra, situada na freguesia de Cruangi, do municipio de Timbaúba, junto ao engenho do mesmo nome. Ai o rio Cruangi tem suas vertentes. "De Goiana ao Recife são 94 quilometros. A distancia de Agua Azul ao Recife será 172 quilometros, pouco menos de 29 leguas. Localizado AGUA AZUL, tentei obter informações sobre o famoso Padre Pedro. O sr. Hugo de Andrade procedeu a varias pesquisas nada conseguindo com detalhes. Mesmo assim, o sr. Hugo de Andrade positivou a historicidade da existencia do Padre Pedro. Era grande proprietario no lugar "Mascarenhas" onde está situado Agua Azul, hoje pertencente á Uzi-na Cruangi. Suas terras iam do Mascarenhas até as margens do rio Paraiiba, com cerca de dez leguas de extensão. "Sobre o Padre Pedro é sabido que foi grande possuidor de terras naquellas zonas da mata, tanto que ainda existem pelas matas algumas pedras de marco com as lètras PP, sinal de posse daquele personagem." (C).

(7) Labat, falando dos Indigenas da Guyana, disse: — "*Leurs plus grandes richesses consistent dans les colliers de pierres vertes qui leur viennent de la riviere des Amazonas. C'est un limon qu'on peche dans le fond de quelques endroits de ce grand fleuve*". Continuando sua descrição, adianta: — "*Ces pierres sont spécifiques pour guérir l'épilepsie ou le mal caduc, ou du moins pour en ôter et suspendre tous les accidens tout autant de temps qu'on les porte sur soi, et qu'elles touchent la peau.*" "Voyage du Chevalier des Marchais en Guinée, isles voisines et a Cayenne", tomo-IV, p-163 e p-66. As classes baixas no Brasil usam um anel de ferro em torno do pulso, na mesma intenção. Fui informado que as *contas verdes* vêm da Africa, todavia algumas podiam provir de Orellana e chegado ás mãos dos "Mandingueiros." Envio o leitor á "History of Brazil", vol-1, p-607 para amplos detalhes sobre as "pedras verdes" no Amazonas. (K).. As *contas-verdes* podiam ter vindo dos indigenas brasileiros como dos africanos. Ambos as têm em alta conta religiosa. O mesmo dir-se-á para os indús e arabes da Africa setentrional. No Brasil, o assunto determinou bibliografia extensa e controvertida, apaixonando Hermann von Ihering, Orville Derby, Teodoro Sampaio, Charles Frederik Hartt, Eugene Hussak, Ladislau Neto, Barbosa Rodrigues. Um resumo delicioso de clareza e vivacidade foi feito por Angelo Guido, "No Reino das Mulheres sem lei" (Porto Alegre, 1937). Os indigenas brasileiros empregavam essas nefritas ou jadeitas em amuletos, insignias de comando, pedras com virtudes terapeuticas, etc. É a *íta-tuixáua*, a pedra-do-chefe, e é a sedutora *muiraquitã*, pedra da felicidade. A lenda ensina que as Amazonas, na mesopotamia do Nhamundá e Trombêtas, recebiam, uma vez por ano, os guerreiros de uma tribo, em visita de amor, e retiravam do fundo do lago "Espelho da Lua", certa substancia que se petrificava ao ar livre. Era a nefrite, uma lembrança das horas amorosas, ciumosamente guardada. Já lavrada, e com significações religiosas, encontram-na na China, no Alaska, no Perú e na Grécia em Troia e na California, em Delhi e no Sudão. Vezes é esculpida em forma apropriada para ser trazida ao pescoço, como o exemplar que possuo, vezes tem feição zoomorfa, como se vêem nos especimenes existentes no Museu Nacional, do Rio, Ipiranga, de S. Paulo, Goeldi, em Belem do Pará. Para os negros Nagôs a pedra-verde é um distintivo do orixá IFA. Os "babalauas" ou "babalorixás" de Ifá usam pedras-verdes. Ifá, segundo Nina Rodrigues ("Os Africanos no Brasil", p-336. S. Paulo, 1932. Vol.-IX da "Brasiliana", da C. E. N.) será o fetiche do Dendezeiro (*Elacis guineensis*). A influencia do negro nagô é vasta e decisiva. (C).

(8) Um grande proprietário, sendo insultado, provocado varias vezes por um desses Valentões, que era homem branco, disse em sua propria residencia que se o encontrasse lhe daria umas chibatadas. Essas palavras foram levadas ao desordeiro e, pouco depois, encontraram-se casualmente numa estreita passagem dos arredores. O Valentão estava armado de mosquete, espada e faca. Pediu ao proprietario que parasse por lhe ter alguma cousa a dizer. O desordeiro solicitou uma pitada de rapé, oferecendo depois sua propria caixa, de onde a pitada foi retirada. Repetiu então as palavras ameaçadoras que o proprietario dissera referindo-se a ele. O desgraçado ofendido sabia o que se ia seguir, e deu de espóras no seu cavallo mas a estrada era sem a menor curva até certa distancia. O Valentão curvou-se num só joelho, apontou e fez fogo, com o efeito que desejava. Continuou calmamente seu caminho, sozinho, pela mesma estrada, narrando a historia numa reunião na primeira povoação que encontrou. Esse homem foi finalmente preso, julgado e enforcado na Baía, pelos grandes esforços de um irmão do assassinado. Não poude ser executado em Pernambuco porque era um branco. Esse episodio ocorreu, cerca de uns quinze anos, a pequena distancia do Jaguaribe. (K).

(9) O curado de cobra difere do curador. O primeiro está imune do veneno mas não é obrigado a transmitir aos outros seu processo imunizante. O curador é o medico. Nada tem de feiteiro para os sertanejos. Essa impressão é mais corrente nas populações do litoral onde Koster viveu mais tempo. Conheci longamente em Augusto Severo (R. G. N.) o octogenario negro Antonio Gambeu, famosissimo pela naturalidade com que se aproximava e manuseava todas as especies de cobras. Vivia, quasi, cercado de cascaveis, jararacas, surucucús, corre-campo, cercando-as como animais domesticos, para mata-las e vender a banha, ingrediente mirifico para reumatismo e outras doenças de velhos. Gambeu identificava as cobras, pelo rasto. E, com toda essa autoridade, não sabia curar. Todo curador é curado de cobra mas todo curado de cobra não é curador. Os remedios familiares, que tantas vezes assisti aplicar, erant: — o cautério de fogo, braza ou ferro quente, na ferida, emplastos de folha-de-fumo mascado, purgante de pinhão (*Jatropha curcas*, L), beber sumo de limão ou uma beberagem horrenda feita de pimentas malaguêtas esmagadas em pouca agua e engolida ás colheradas. O doente confessava não sentir o acido das primeiras dozes. O principe Maximiliano de Wied-Neuwied ("Reise nach Brasilien", Frankfort a/M. 1820, vol-III, p-384) resume alguns cuidados dados aos *mordidos-de-cobra*. A sucção, quando não ha dente cariado ou ferida na bôca é universal. Freyreiss sugou o pé de um indigena Puri na Baía. Queimavam a ferida com polvora de caça e faziam compressas de sal. Sellow viu aplicar a gordura do teiú (*Lacerta leguixiu*). Martins ("Viagem pelo Brasil", vol-I, d-284) indica, como remedios que presenciou sua applicação, a Raiz-Preta, uma rubiácea, *Chiococca anguifuga*, Mart, beber quantidades da decoção e usar cataplasmas das folhas secas e raizes esmagadas, alternando-se com as de diversas outras plantas, como o loco (*Plumbago scandens* L) que forma empôlas, o picão, (*Bidens graveolens* nob, e *leucantha* W) a herva-de-Sant'Ana (*Kuhnia arguta* H) e o *Spilanthes brasiliensis*, frequentemente renovadas. Um remedio curioso, que todos me diziam ter vindo dos indigenas, é o chifre de veado, tornado carvão, amarrado em cima da ferida, para *chupar o veneno*. L. F. Tollenare ("Notas Dominicæ", trad. Alfredo de Carvalho, Recife. 1905, p. 107) informa: — "Um dos meus amigos, que não era supersticioso nem incrédulo, e de cuja veracidade não posso duvidar, assegurou-me que uma de suas negras fôra mordida por uma cobra; estava inchada; o sangue sahia-lhe pelos olhos, a bocca e as orelhas; ia perecer. Mandaram chamar um feiteiro ou curador, morador na vizinhança; elle não pôde vir logo; mas, mandou... o seu chapéu. Collocaram-no sobre a mo-

ribunda que immediatamente ficou alliviada. De tudo isto o meu amigo foi testemunho ocular." (C).

(10) Mandingueiros, fazedor de mandinga, feitiço. Num estudo "Notas sobre o Catimbó" ("Novos Estudos Afro-Brasileiros", p. 85. Rio. 1937) escrevi: — "*Mandinga, mandingueiro, são termos correntes. Denominação de uma tribo da Guiné, extremamente supersticiosa, a mandinga é, para Cameron que a viu na própria Africa, o ato de fazer o feitiço e não o mesmo objeto. E' vocabulo que está rareando na sinonimia das macumbas e catimbós.*" "Os negros Mandingas, do Sudão, tiveram civilização alta e complexa, alumniada pela perseverança erudita de Leo Frobenius. Vêr Artur Ramos, "As Culturas Negras no Novo Mundo" (Rio, 1937, p. 74). O Dicionario de Moraes (na ed. de 1831) regista: — "*Mandinga: — termo da Africa. Feitiçaria; feitiços, para ficar impenetavel a ferro, etc.*" "Alfredo da Matta no seu "Vocabulario Amazonense" (Manaus, 1939) consigna: — "*Mandinga, cype-racea herbacea pequena, Rhyncospora hirsuta, Vahl; Feitiço para todo Brasil. Do afro. Mandingueiro: — Especie a mais pequena de quatiapurá, Sciurus peruanus, Allen. (Pop) — Pessoa familiarizada com amuletos, feitiçarias... Que faz mandingas, feitiçarias.*" O vocabulo atual, com maior área de applicação, é *Catimbozeiro ou Macumbeiro.* (C).

(11) Caninana, *Caluber paecillostoma* ou *Spicotus pulatus*. Lin. Gabriel Soares de Souza, em 1587, chama-as Caninam, e "*são muito peçonhentas, e os mordidos d'elas morrem muito depressa, se lhes não acodem logo.*" Os sertanejos não a conhecem por "*Cobra Voadora*" e, n'alguma parte, dizem tambem "Papa-ovo", que é *Herpetodryas carinatus*, Lin, registada em Gabriel Soares como sendo a *Urupigárá, guirá*, passaro, *upió*, ovo, e *guára*, comedor. (C).

(12) Jararaca, *Lachesis lanceolatus, Lachesis atrox*, a preta, venenosissima, é a *Atrox jararacussú*. Generaca, de Gabriel Soares, *Bothrops jararaca, Wied, Bothrops atrox, L, Bothrops neuwiedii, Wagl.* Na carta de S. Vicente (maio de 1560) o padre Anchieta alude ás "*chamadas Jararacas, abundam nos campos, nas matas e até mesmo nas casas, onde muitas vezes as encontramos: a sua mordedura mata no espaço de vinte e quatro horas.*" (C).

(13) Surucucú, *Lachesis mutus*, Lin. O padre Fernão Cardim escreve que a Surucucú "*he espantosa, e medonha; achão-se de quinze palmos; quando os indios naturaes as matão, logo lhes enterrão a cabeça por ter muita peçonha.*" ("Tratados da Terra e Gente do Brasil", p. 48. Rio. 1925). (C).

(14) Cobra de Cipó, *Herpetodryas fuscus* Lin. O jesuita Fernão Cardim chama-a *Boitiapodá*, e Gabriel Soares de Souza, *Boitiapoia*. O nome, explicado por Koster, é diversamente encontrado em Cardim: — "*sustenta-se sómente de rãs, têm os indios com esta hum agouro que quando a mulher não tem filhos tomão esta cobra, dando-lhe com ella nas cadeiras e dizem que logo ha de parir.*" (C).

(15) Labat fala em uma arvore cujos frutos curam perfeitamente a mordedura das mais venenosas cobras. Disse que esta viêra do istmo de Darien e que os piratas tiveram noticia de suas virtudes pelos indigenas que os acompanharam nas expedições atravez do istmo. Não informa o nome da arvore, mas diz: — "*sans nous embarasser du nom de l'arbre nous contentons d'appeller son fruit noix de serpent.*" "No seu tempo havia tres dessas arvores em Martinica, com o aspecto dos abricots na França. Ele disse testemunhado o successo desse fruto. A descrição da planta e de suas virtudes é demasiado longa para que ser transcrita aqui. Pode ser lida na "Nouveau Voyage aux îles de l'Amerique", tome III, p. 234 a 238. Na mesma obra encontrei a seguinte maneira de curar a dentada da cobra que julgo não ser verdadeira e geralmente adotada:

"Ceux qui ont assez de courage ou de charité pour s'exposer à faire cette cure se gargarisent bien la bouche avec de

l'eau-de-vie; et après avoir scarifié la place, ils la sucent de toute leur force, ils rejettent de temps en temps ce qu'ils ont dans la bouche, et se la nettoient et gargarisent à chaque fois, observant de presser fortement avec les deux mains les environs de la partie blessée. On a vû de très bons effets de cette cure, mais elle est très dangereuse pour celui qui la fait; car s'il a la moindre ecorchûre dans la bouche, ou qu'il avale tant soit peu de ce qu'il retire, il peut s'attendre à mourir en peu de momens, sans que toute la medecine le puisse sauver". (K)

O uso do alcool, cognac, whisky, aguardente, é geral. No Sertão em-
bragavam o *mordido*, afirmando que, estando o veneno atuando em percen-
tagem séria, era impossível conseguir esse efeito. A sucção, mesmo que
parecesse impossível ao Koster, *is very generally adopted*, em todos os po-
vos e raças da terra. Num recente romance de Elinor Glyn, "*The Great
Moment*", a novelista americana do "It", faz o herói Bayard Deval sugar
o ombro de Nadine, mordida de cobra. Martius ("Viagem pelo Brasil",
1, 284) regista: — "*Um dos meios mais eficazes e mais usados são as
folhas e raízes de uma rubiácea, Chiococca angusifuga, Mart, conhecida no
país sob o nome de Raiz Preta ou de Cobra, e que, pelas suas virtudes
curativas, mas sobretudo pelo cheiro penetrante e nauscabundo, tem grande
semelhança com a poligala e a valeriana.*" O dr. Durval de Brito, no seu
"Geobotânica medica de Pernambuco" ("Annaes do 5.º Cong. Bras. Geog. 1.º
Vol., p. 510. Bahia. 1917), cita o "*Cipó de Cobra, Cissampelos glaberrima,
de acção anti-ophidica um tanto duvidosa.*" F. C. Hoehne, no "O que vendem
os herbanarios da Cidade de S. Paulo" (S. Paulo, 1920, p. 174-5) informa:
"*Cipó de Cobra é a Mikania cordifolia, Willd. por outros tambem conhecida
por "Guaco", nome este mais commum é M. amara, var. guaco, Rth, já
citada sob o num. 145, esta especie é tambem designada por "HERVA DE
COBRA", "Caapéba", "Cipo de Cobra", etc., nomes dados ainda a Cissam-
pelos glaberrima, St. Hil, da fam. das Menispermaceas, a "Herua de Nosso
Senhora" de outros pontos do Brasil.*" A Cobra de Coral, *Elaps corallinus*,
Wied, é vendida, em meio alcoolico, como medicamento anti-ofidico, regista
F. C. Hoehne. Estudando a flora da zona sertaneja de Pernambuco, o dr.
Durval de Brito (op. cit., p. 509) informa existir entre as Synanthereas,
uma HERVA DE COBRA, *Mikania opifera*, "destinada a neutralizar o
veneno das serpentes." Deve ser esta a que se referia Koster. (C).

CAPITULO XIII

MUDANÇA PARA ITAMARACÁ. ITAMARACÁ. O ANCORADOURO. PAISAGEM MAGNIFICA. CONCEIÇÃO. O VIGARIO. PADRE JOÃO RIBEIRO. CAMBÔA. AMPARO. PILAR. CURRAL DE PEIXES. JUIZ ORDINARIO. PROJETO DE UMA PONTE. VOLTA DE UM ESCRAVO. FORMIGAS. FESTA. O REI E A RAINHA DE CONGOS. MANUEL. PROCESSO. PASMADO. VIAGEM A GOIANA. CHEGADA A GOIANA. O TOQUE. A RESIDENCIA. OCUPAÇÕES USUAIS. A VACINA. ESTABELECIMENTO DA VACINA.

Poucos dias depois de ter enviado o resto da minha gente a Itamaracá, abandonei Jaguaribe ao seu proprietario e fui a cavallo ao Recife onde fiquei alguns dias.

Haviam-me apresentado, alguns mezes antes, ao Vigario de Itamaracá, e na epoca em que visitei a ilha afim de acertar com o dono de Amparo a minha mudança, fiz uma visita a esse padre, que me recebeu com grande cordialidade. O engenho do Amparo não tinha casa desocupada por esse tempo nem mesmo uma que pudesse ser habitada. Pedi ao Vigario que obtivesse para mim uma acomodação na Vila, que é chamada de Nossa Senhora da Conceição, onde ha uma Igreja-parochial e extensa vigaria. Respondeu-me que, excetuando sua residencia, da qual punha á minha disposição uma parte, e a Cadeia, não havia outra morada para mim. Todavia pediu que eu enviasse uma pessoa para conversar com ele e depois que esta regressou, aceitei o oferecimento da Cadeia.

Como escrevera informando o dia em que tencionava chegar, encontrei um dos meus creados na margem prin-

cipal e a canôa encarregada de transportar os passageiros, esperando-me. As sélas foram retiradas aos animais. Entramos na canôa e atingimos á riba oposta. Os cavalos fizeram o percurso nadando. A passagem, vencida aqui, é estreita, tendo cerca de meia milha. Chegando á ilha, selamos os cavalos e galopamos um quarto de milha por um caminho arenoso, margeado á esquerda pelo canal que corre entre a terra-firme, e á direita pelos coqueirais, e breve alcançamos um riacho estreito que não dá transitio quando a Maré está alta, como a encontramos, no momento. Deixei os cavalos com Manuel, aguardando a hora da travessia, e acompanhei o homem que me viéra receber. Seguimos por uma ponte construída com vigas separadas e apenas praticavel pelos pedestres, e, logo apoz haver passado algumas choupanas, com mangues deante da porta, subimos a uma colina no cimo da qual está situada a povoação, em forma quadrangular. Entramos por um lado, perto da minha nova residencia, que era um edificio de pedra, muito estragado, com um andar sobre o terreo. Nos dias prosperos dessa povoação, quando sua posição na Provincia seria consideravel, esse edificio era a Casa da Camara no andar superior e a prisão no terreo, mas na decadencia do lugar de sua antiga situação, o predio foi deixado sem conservação e está quasi em ruinas.

A ilha de Itamaracá, com cerca de tres leguas de longo por duas de largo, é situada a uma distancia de oito leguas ao norte do Recife, e é inteiramente separada da terra-firme por um canal de largura irregular variando entre meia a tres leguas. A ilha não possui agua corrente mas nos arredores da povoação, nas colinas, cavam-se pôços onde a encontram. A que é obtida nos pôços, perto do Pilar, não é bôa. Itamaracá, entretanto, é a parte mais populosa da Provincia de Pernambuco, exce-

tuando as vizinhanças do Recife. Possui tres engenhos de açúcar, com bôa escravaria negra, e muitas pessoas livres habitam as terras circunvizinhas (1). Alem dessas plantações, outros terrenos, para o mesmo fim e com extensão consideravel, estão divididos entre grande numero de pequenos proprietarios. As praias da ilha são cobertas de coqueiros no meio dos quais se espalham as choupanas de palha, dos pescadores, e, algumas vezes, vemos bonitas casas, pintadas de branco, cujos donos levam uma existencia frugal mas asseada. As salinas da ilha são uma das maiores fontes de sua riqueza. Estão formadas sobre as praias de areia que a maré recobre no preamar.

A grande povoação do Pilar, situada no lado oriental da ilha, é presentemente o principal centro, embora o povoado chamado Conceição, onde eu residia e que é situado na parte sueste, reclame prioridade, mas seu bom tempo passou; sua posição é considerada como inconveniente e outros lugares são preferidos, e se a Igreja paroquial não estivesse aqui, tornando necessaria a presença do Vigario, a povoação ficaria bem depressa deserta. Dá-me uma impressão desoladora e melancolica, a desagradavel tranquillidade que determina sensações bem diversas das que seriam produzidas por um lugar onde jamais houvesse vida animada. E' situada na extremidade da ponta sueste de uma colina que se eleva imediatamente apoz á beiramar. A praça, onde se encontram a Igreja, minha nova residencia, a casa paroquial, comprida e baixa construção branca, e cerca de quinze cabanas dispersas, é muito espaçosa. Vemos muitos trechos desocupados e as casas que foram outróra edificadas, estão desmoronadas e hoje se erguem plantações de fumo e bananas. O centro da praça é coberto de matagal, e um caminho apertado corre ao redor dos quatro recantos e logo defronte das casas, facilitando aos habitantes os meios

de comunicação entre eles. Ha uma rua que parte daí, levando até o riacho que atravesssei quando da minha chegada. Ela se compõe de pequeninas e baixas choupanas e termina no fim da praça, por uma Igreja, dedicada a Nossa Senhora do Rosario, padroeira dos Negros.

O porto é bom e a entrada é defendida por um Forte muito velho e em pessimo estado. A guarnição é fraca e sem disciplina. N'uma ocasião tomei uma canôa e fui visitar a barra. Desejava sonda-la, mas o canoeiro pediu-me que não o fizesse porque poderia causar contrariedades. Estavamos á vista do Forte e o comandante era um homem velho egoista e advogado do antigo sistema de isolamento. A barra é formada por uma abertura no arrecife de rochas que se estende por todo o litoral. Essa abertura é ampla e sua profundidade permite a entrada de grandes navios. Não pude obter informações exatas sobre esse assunto. De um flanco da terra-firme e da ilha, por outra parte, dois longos bancos de areia, justamente ladeiam o canal que separa Itamaracá do continente. Esses bancos ficam a descoberto nas marés-baixas e nas marés-mortas não estão completamente submersos. Prolongam-se até ás proximidades dos arrecifes. A barra é facilmente encontrada do Mar porque é imediatamente depois do canal ou rio no qual ela se continúa. A arrebentação é ao norte e ao sul e não no porto em que se penetra. Logo depois de ter transposto a barra, percebe-se alguma vaga na frente ou para o sul do canal, a menos que a maré não haja cessado, quando a agua é completamente calma. Essas vagas rebentam na parte interior da ponta do banco meridional. Estes são formados pelas rochas que jazem nas profundezas d'agua. Tentei, com uma vara que tinha duas braças de comprimento, medir a fundura durante as aguas-vivas e nada consegui, e o meu canoeiro disse que, mesmo com uma vara de braça e meia

maior, duvidaria muito que eu atingisse ao fundo. A passagem para os grandes navios é entre esses rochedos e o banco de areia setentrional. Entre esses e o banco do sul a entrada é para os barcos menores. Não sei se outros bancos ou rochas existem além dos que mencionei. A ancoragem é na frente do Forte e mesmo por traz, mas ante a vila da Conceição, que é mais recuada que o Forte. A água é muito profunda. Em muitos lugares o fundo é pedregoso mas n'outros é perfeitamente comodo.

O magnifico panorama que se descortina da feia varanda de madeira da Casa da Camara, compensa, de certo modo, o estado de abandono da localidade. Para diante, é uma extensa visão do mar, quasi sempre ponteadado de canôas e jangadas, velejando e, ocasionalmente, passa um grande barco de comercio, entre Maranhão e Recife, ou os navios que chegam da Europa ou para ela regressam. A direita é o grande canal, imediatamente abaixo, e a baía que se forma na margem oposta, com a pitoresca aldeia da Cambôa sobre a praia, e o pontudo pico do Engenho Novo, revestido de matas, elevando-se depois dela, e como a colina não se alonga muito e se eleva em forma conica, vê-se o rio Igarassú correndo na planicie e mais não se descobre porque bosques de mangues occultam certa parte do curso, e o olhar pôde, entretanto, seguir trechos da corrente, enxergando os altos e brancos edificios da vila de Igarassú, emergindo dos verdes tufos de vegetação onde a vista repousa na beleza dos sitios. Para a esquerda ha um vale estreito e fundo, ladeado por uma colina, de igual altura áquela onde a povoação está colocada. Para traz, passa uma chapada, sobre a colina, indo até a extensão de legua, em certos pontos curta e noutros muitissima longa.

A povoação de Conceição era outróra fortificada. Em tres lados, do lugar onde ela se encontra, o caminho

é difficil pela rapida declividade, tornando-o de acesso aspero numa rampante de dez ou doze pés, perpendicularmente ao solo da colina, como uma muralha para os que desejam subir. Como os caminhos não têm transitto vultoso e o solo é de argila onde essa especie de muro foi feito, não aqueles excessivamente escarpados. No quarto lado, onde as trincheiras foram construídas atravez do planalto, no cimo da elevação, mostraram-me e era necessaria essa indicação porque estavam ocultas pelo matagal ou mesmo pelas grandes arvores que cresciam. N'um determinado ponto, para a banda do mar, onde ergueram ultimamente uma cabana, facilmente descobre-se vestigio do Forte, e, ha pouco tempo encontraram um canhão que parecia ser de seis libras.

As distinções que ornarn o predicamento de Vila foram transferidas para Goiana, ha poucos anos passados, e o unico sinal que possui Conceição de sua antiga importancia é a obrigação que têm os magistrados de Goiana de vir assistir aos festejos anuais á Virgem, na Igreja paroquial.

Itamaracá é um dos mais antigos dominios dos Portuguezes no litoral do Brasil. Foi dado a Pero Lopes de Souza, que tomou posse em 1531. Os Holandêses atacaram-no em 1630 e embora não pudessem tomar Conceição, construíram um Forte que denominaram Forte de Orange, (2) e esse Forte ainda existe na ilha. Em 1633, os Holandêses "atacam com forças que tornaram impossivel a resistencia, e a vila de Conceição rendeu-se, e com ela toda a ilha". Em 1637, os Holandêses deliberaram "se conviria transferir a séde do governo para ilha" (3). Mas, tal não succedeu, sendo vencida a opinião dos que haviam proposto a transferencia, mas penso que aqui teriam mais vantagens de que Recife está atualmente privado. O porto de Itamaracá não pode admitir os navios

como o ancoradouro do Pôço no Recife, mas é mais seguro que o proprio porto do Mosqueiro. Se o Brasil estiver em guerra com uma potencia naval, o Recife pode ser facilmente destruído, ao passo que uma vila construída em terra-firme, oposta á ilha ou mesmo sobre esta, não poderá ser molestada pelos navios porque esses necessitariam forçar o canal antes de servir sua artilharia. Outras vantagens é que Itamaracá e vizinhanças possuem abundancia de madeiras e aguas, e esta ultima é particularmente deficiente no Recife. Em 1645, João Fernandes Vieira, o principal heroi da guerra pernambucana, atacou a ilha, mas não pôde desalojar os holandêses. Os Portuguezes ainda tentaram retomar a posse em 1646, atravessando pelo lugar chamado "Os Marcos" onde se encontra agora um coqueiral e uma grande residencia, pertencente a um portuguez, negociante de gado, e morador recente em Igarassú. Oposto aos Marcos é a parte mais estreita do canal. Os Portuguezes não realizaram totalmente o desejo, "mas os Holandêses, abandonando outros pontos, retiraram-se para o Forte que não se rendeu aos Portuguezes sinão na expulsão dos Holandêses em 1654."

Cheguei a Conceição justamente no dia da festa, 8 de Dezembro, mas tinha varias cousas a fazer e não me foi possivel assistir a cerimonia na Igreja mas fui convidado a jantar com o Vigario. Procurei-o ás duas horas e encontrei um grande grupo ao qual fui apresentado e que era constituido por muitos padres, que são os homens mais instruídos da região, e das pessoas illustres da ilha. O jantar esteve excelente e elegante e a impressão dos convivas foi distinta. Colocaram-me na cabeceira da mesa, como estrangeiro, e um amigo do Vigario ficou na extremidade oposta, e esse tomou lugar ao meu lado. Jamais estive em jantar tão agradável, e a conversação era

equilibrada e jovial, nada confusa nem barulhenta. A assistencia permaneceu reunida até altas horas e a maior parte dos sacerdotes hospedou-se na residencia.

A parochia de Itamaracá, ha alguns anos, é abençoada pela presença do actual Vigario, Pedro de Souza Tenorio (4). Seu merito foi proclamado pelo Governador, a quem serviu como capelão, e de cuja intervenção junto ao Principe Regente resultou a obtenção do seu presente cargo. O zelo do Vigario pelo desenvolvimento dos distritos sob sua jurisdicção é ilimitado. Ele se encarrega de explicar aos agricultores a utilidade dos novos metodos de agricultura, os novos maquinismos para os engenhos de açucar, e muitas alterações na especie, que são conhecidos e praticados com successo nas colonias de outras nações, mas nem todas as novidades merecem sua approvação. Não lhe tem sido facil arrancar os velhos preconceitos de muitos agricultores. E' amavel para com os pobres e teve muitas oportunidades de ve-lo empregar a persuasão e a supplica junto aos paroquianos, desejando-lhes reformar os costumes que ele sabia ser irregulares. Seus sermões sobre pontos de moral, sentado no pulpito do altar-mor, com distincta e bem-timbrada voz, por um homem de aspecto dominador, vestindo a tunica negra, usualmente trazida pelas pessoas da sua religião, são muito impressionantes. Esforça-se pessoalmente pelo desenvolvimento da civilização nas classes abastadas da sua freguesia, evitando discordias entre elas, persuadindo-as de que mantenham as ideias antigas, relativamente aos servos e senhores, que são de crença geral, dizendo-lhes que devem ensinar as creanças, manter as moradas em estado de higiénese, as roupas proprias e para os seus filhos. E' uma excelente creatura, sabendo seus direitos e deveres, exercendo-os da melhor forma possivel. Ele se tem encontrado na necessidade de empregar algumas

vezes a intrepidez de seu character, sua firmeza como sacerdote, sua coragem como homem, não lhe faltando essas virtudes illustres. E' natural de Pernambuco e não indigno do alto conceito de seus patricios comprovincianos. Educou-se na Universidade de Coimbra, em Portugal.

Segundo o estado da sociedade e da administração no Brasil, o character individual de uma pessoa que exerça qualquer posto, é de uma importancia decisiva. Mesmo n'alguns distritos, um homem de espirito ativo, possuindo bens de fortuna mas sem função publica, tem mais influencia que um individuo em contraria posição, embora a situação desse ultimo seja de grande autoridade e a deseje exercer diretamente.

Passava eu uma parte do dia com o Vigario e seus amigos. A conversação não diminuia e eu pensava que a superioridade dessas pessoas as quais me reunira estava longe de ser calculada pelos meus amigos na Inglaterra como existentes nas residencias campestres do Brasil. Pessoalmente estava agradavelmente surpreendido pela mudança que tivera vindo do Jaguaribe.

Entre os visitantes da parochia estava o padre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro (5), professor de Desenho no Seminario de Olinda, amigo e discipulo do Dr. Manuel Arruda da Camara. Esse padre, durante a minha permanencia em Itamaracá, atravessou sempre para a terra-firme, indo rezar missas na povoação da Cambôa todos os domingos e dias-santos. Acompanhei-o numa dessas ocasiões e fomos remando n'uma canôa. Entramos na cabana de um negro, a pessoa principal da povoação. A rêde estava suspensa no quarto, e nela o meu companheiro se deitou, e tres ou quatro creanças da casa immediatamente se aproximaram dele, um ou dois tomaram parte na rêde, para brincarem. As mulheres apareceram para saudá-lo pela sua chegada. Ele é o favorito, bem-

vindo em toda parte, por grandes e pequenos. Confesso não ter encontrado uma pessoa com maneiras mais agradáveis. E' geralmente querido por quantos o conhecem, e todas as classes o adoram. Tive longas relações com ele, antes e depois dessa época em que me refiro, e jamais o ouvi empregar uma palavra aspera para qualquer pessoa. Suas maneiras e a tonalidade da sua voz anunciam que a bondade é a virtude predominante. Um mulato-livre, de nome Bartolomeu, disse-me uma vez falando desse sacerdote: — “Se ele vê uma criança cair, corre e a levanta, limpando-lhe a face, mas isso não o faz porque alguém esteja presenciando o facto, mas porque o seu coração assim manda.” E' de lamentar que não haja obtido uma posição onde suas excelentes qualidades tenham campo para expandir-se, mas está satisfeito com o que lhe deram.

Fiquei muito surpreendido pela forma com que os pretos se vestem para ir á missa em todas as povoações. Se a familia possui alguns bens as moças vestem nesse dia roupas de algodão estampado, chapéu de palha inglesa, meias de fabricação estrangeira e garridos sapatinhos feitos pelos artistas da terra. Os rapazes comparecem de calções de Nanquim, jaleco de algodão, de côr, camisas de musselina, chapéus de fabricas da Inglaterra, meias e sapatos. Nesses ultimos anos os artigos de vestuario ficaram mais baratos e se tornaram de uso mais amplo. Também surgiu a emulação e com ela os meios de mantê-la. Cada povoação manda seus elegantes para rivalizarem com os vizinhos.

Fiquei decepcionado vendo Cambôa, mas a paisagem derredor da povoação é sugestiva, formada pelos campos irregulares, a maioria recobertos de arvores, com plantações de mandioca e casinhas semeadas, aqui e alem. A povoação se compõe de uma rua de pequenas habitações

Os moradores são aparentados entre si e as pessoas livres são mestiços. A família é grande mas aqui não reside um só branco que seja rico. E' um povo inofensivo e tranquilo. O velho, em cuja casa nos hospedamos enquanto os moradores se reuniam para ouvir a missa, era respeitado por todos. Tinha a administração de todo governo local e era o mais abastado do lugarejo embora as suas posses fossem restritas, e era parente, natural ou religiosamente, da maioria dos habitantes do lugar. Quando o padre e eu chegamos a casa, encontramos grande numero de homens derredor de uma mesa, jogando baralho e continuaram até que o sino da Capela badalou e o sacerdote appareceu paramentado para dizer a missa. A maior parte do povo, de todas as classes, excetuando os indigenas, tem uma grande propensão para o jogo.

Recordam-se todos os da povoação de um pobre homem que morreu de tuberculose, depois de haver arrasado, por algum tempo, sua existencia miseravel. A opinião é geral em Pernambuco, e outras regiões que visitei, que a tísica é contagiosa e, segundo esse juizo, toda pessoa afetada pelo mal é logo separada do resto da familia. Uma choça é construída a certa distancia de toda habitação, e o desgraçado doente é removido para ella e deixado sozinho, recebendo alimentação sem que o portador se aproxime da cabana. Não concebo mais desesperada situação que esta — ser abandonado num estado de fraqueza e de molestia, condenado a solidão e, durante anos, ás vezes, não pensar sinão na morte, ninguem para animar-lhe o espirito ou para divertir sua atenção. Ignoro, entretanto, se a ideia do contagio relativamente a essa molestia é fundada totalmente num preconceito ou se ha alguma verdade, porque já ouvi de pessoas prudentes muitas historias que provam haver alguma razão nessas precauções que são tomadas. Certamente o costume póde

exagerar-se e insistirem nesse excesso selvagem que só recordará a tradição de algumas tribus indígenas, abandonando os seus anciões, enfermos ou agonisantes.

Frequentemente visitava a plantação de Amparo que era dirigida da mesma maneira que eu seguira em Jaguaribe, mas com sistema mais aperfeiçoado. O proprietario empregava constantemente grande numero de homens livres, de todas as classes, mas os indígenas constituíam a parte mais vultosa e seu chefe, creio eu, deduziu ser impossivel exercer sua autoridade sobre eles, e os disturbios na propriedade e nos arredores eram incontaveis (6). Esse homem prestaria grande serviço á região em geral se administrasse seu pessoal em bôa ordem, provando desta maneira a possibilidade da introdução de homens livres como jornaleiros diarios contra a opinião comum, espalhada entre os plantadores, sobre sua incorrigivel turbulencia. A propriedade de Amparo é citada como uma objeção ao trabalho de aluguel, sem que se reflita no problema em tésé, sendo que o mal não procede do plano em si mesmo mas da sua execução. E' perfeitamente veridico de que as classes baixas são insubordinadas e por ligeiras provocações os assassinatos são cometidos, mas não resultará esse facto da propensão que têm os homens ricos de protegerem os trabalhadores de suas terras? Eles exibem sua influencia com esses homens, sentindo orgulho pelo perdão do criminoso, como se fosse uma especie de premio, saboreando sua importancia pessoal na ideia de que foi possivel preservar um individuo da punição de seus crimes, mesmo que seja tratado de acôrdo com seus serviços, não devia jamais merecer que o furtém á lei. Por onde essa administração existe em igual estado, por todo Brasil, o rico encontra fracos obstaculos para a realização de seus desejos, quaisquer que eles sejam (7).

No mez de Janeiro, 1814, o Vigario solicitou-me que o acompanhasse ao Pilar, e aceitei com muito prazer. O mestre de gramatica, Inácio de Almeida Fortuna (8), tambem sacerdote, era do grupo, e homem de consideravel talento e conhecimentos. Suas oportunidades são diminutas porque vive sempre na ilha e, todavia, sua cultura é vasta e o amor á ciencia ilimitado. Atravessamos a estreita enseada que mencionei, e fomos por um caminho sombreado pelos coqueirais até alcançar as praias. O mar invadiu essa parte da ilha numa extensão de duas milhas, Passamos a montante de duas represas naturais, onde a maré penetra com grande rapidez e recúa com velocidade ainda maior. Apoz uma galopada de uma hora e um quarto chegamos ao Pilar, distante de Conceição duas leguas. Essa povoação se compõe de varias ruas irregulares formadas de casinhas de muitos formatos construidas com tijolos, barro e palha de coqueiros. E' lugar de algum comercio, frequentado pelos pequenos barcos que velem entre Recife e Goiana. Os moradores mantêm-se pelas suas pescarias e aluguel de jangadas e canôas, e trabalham tambem na casca do côco (9) para a fabricaçãõ de cordas, recentemente estabelecida nas vizinhanças do Recife. A pescaria do Pilar é de alta importancia. A maior quantidade de peixe obtida nessa costa é pescada por meio de currais (pens), geralmente construidos proximos aos limites da maré-baixa. Dois espaços, de maior e menor tamanho, com formato quadrangular, são cercados de estacas, cravadas n'areia, a certa distancia. Essa estacada é entretecida com largas esteiras fixadas ás estacas. No circulo exterior ha uma abertura feita de maneira semelhante á de uma ratoeira, conduzindo para a parte interior, a qual possui uma outra entrada para o lado da praia, e desta até a linha do preamar segue ainda o muro de esteiras. O peixe que esbarra nessa tapada, segue-a na-

turalmente ao longo, na esperança de encontrar uma saída por onde escapar, e desta maneira entra sem querer no curral. As jangadas também se fazem ao mar, e pescam com anzóis ou linha ou empregam vários tipos de rédes. Algumas vezes acontece haver grande escassez de peixes, tornados elementos indispensáveis á existência pelas leis da Igreja Católica.

Fui apresentado no Pilar a um português de grande respeitabilidade, de quem recebi varias distincções. O Vigário fez-me conhecer um padre brasileiro, ainda moço e muito bem educado. O primeiro desses homens fôra Juiz Ordinario ou Prefeito do Pilar no ano de 1812. Reparara na imensa falta de atenção quanto aos deveres do officio nos anos anteriores, e deliberara agir de maneira que a situação exigia. Dizia que, ao construirem as grandes cidades, o primeiro edificio publico a ser levantado devia ser uma Cadeia, e como Pilar, de dia a dia, mais importante se tornava, julgou oportuno mandar erguer o predio exigido. Mandou cortar um certo numero de arvores e em poucos dias os troncos foram enterrados no local, de pequenas dimensões, e um tecto bem rustico cobriu essa construção, servindo o restante da madeira para formar as parêdes do edificio, a maneira de estacada. Uma porta, rudemente primitiva, foi feita com dois troncos em ponto conveniente. — “Agora, dizia, Pilar prosperará!” Prendeu, com suas proprias mãos, varios turbulentos. Era um homem alto e robusto, desempenhando a tarefa perigosa de prender os desordeiros como se realizasse o encargo mais banal de sua vida. Não obstante os notorios beneficios que sua administração trouxera, tal é o estado do Governo, que houve interesse em não reelegê-lo para o cargo no ano seguinte, e o plano foi victorioso. Desagradara profundamente aos que amavam possuir em suas terras grande numero de servidores valentões.

Os habitantes da ilha iniciaram uma subscrição para construir uma ponte sobre a enseada, perto da povoação. Essa campanha começara graças ao cuidado dos Padres que residem em Itamaracá, e está em ponto de ser executado sob a direção do mestre de gramatica (10).

Fiquei muito surpreendido, no começo de Fevereiro, vendo chegar um mulato escravo que fugira no mez de Novembro. Chegara sozinho e sem trazer o habitual bilhete de uma pessoa amiga solicitando seu perdão. Subiu os degraus da casa onde eu residia, com perfeita serenidade, e com sua faca á cintura e uma vara na mão, pedindo para ser perdoado. Mandeí que lhe dessem o que comer e ele passou a noite na cozinha. Não pude, todavia, deixar de supor-lhe com más intenções, sabendo que estivera escondido na propriedade de um homem que não fôra bom-vizinho para mim. Saiu pela manhã, conforme ordenei, para ajudar a tres trabalhadores livres desgalharem uma arvore que tinha sido abatida. Fui ao campo pelas dez horas, como era meu habito. Chamei-o sob pretexto de verificar se o freio do bridão se soltara. Ele veio e lhe puz uma mão sobre a cabeça e com a outra aponteí-lhe a pistola, mandando ao mesmo tempo que jogasse fóra seu machado e sua faca, o que foi feito. Depois chamei os dois homens livres para o prenderem. O mulato teve as mãos amarradas atraz das costas, e eu acompanhei os seus condutores até Amparo, de onde escrevi ao meu novo amigo do Pilar, enviando o escravo para essa povoação. Foi posto a ferros até que eu pudesse desembaraçar-me dele, o que imediatamente cuidei de fazer. Nunca mais o vi. Era máu homem e duas vezes atentara contra a vida de pessoas sob cujas ordens se encontrava. Fugira em Novembro depois de haver erguido sua faca para o feitor, ameaçando-o de morte.

A outra estrada para o Pilar, diversa da que o Vi-gario me ensinara, passa pelo lugar denominado Engenho Velho. Varios engenhos de açucar estavam edificados ali, antigamente, mas as terras são fracas e ás grandes formigas vermelhas são tão numerosas que tornaram o plantio quasi impossivel, e atualmente raras pessoas residem nas cercanias. Muitas pessoas pobres obtiveram primeiramente permissão dos proprietarios para a plantação de mandioca e milho, mas seus esforços raramente impediram os plantios das devastações completas pelas formigas. Vemos ainda as choupanas de onde foram expulsos os moradores por essas atormentadoras. O tecto dessas cabanas pareceu conveniente ás formigas e por aí abriram elas as entradas principais para suas cidades. Jamais vi outra situação em que a péste de Pernambuco (11) haja tão completamente se apossado da terra. Os cômoros sob os quais formaram seus refugios, são inumeraveis. Alguns têm quatro pés de alto, dez ou doze de circunferencia. Outros são inferiores e ha maiores em diametro. As ruinas de um engenho ainda podem ser vistas no Engenho Velho, perto de um pantano de grande fundura e onde antiga tradição diz estar grande riqueza oculta. Ouvi falar em um velho negro africano, que foi alforriado e, que exercia as artes de Mandingueiro, pelas redondezas. Muitas vezes ouvi pessoas do povo gabarem seu poder. Dizem que ele pode causar a morte de um individuo que lhe seja apontado. O desgraçado enfraquece longamente e seu fim é inevitavel. Esse negro velho é, ás vezes, adivinhador, e se dedica aos casos de amores infelizes.

No mez de Março tem lugar a festa anual de Nossa Senhora do Rosario, dirigida pelos negros, e é nessa epoca em que elegem o Rei de Congo (12), se a pessoa que exerce essa função faleceu durante o ano, resignou

por qualquer motivo ou haja sido deposta pelos seus súditos. Aos negros do Congo permitiram a eleição do Rei e da Rainha entre os individuos dessa nação. Os escolhidos para esses cargos podem ser escravos ou negros livres. Esses soberanos exercem uma especie de falsa jurisdição sobre seus vassallos, da qual muito zombam os brancos, mas é nos dias de festa em que exibem sua superioridade e poder sobre seus companheiros.

Os negros dessa nação mostram muito respeito para com seus soberanos. O homem que desempenhava as funções de Rei em Itamaracá (cada distrito possui um Rei) durante muitos anos, estava prestes a abdicar pela sua velhice e o novo chefe devia ser escolhido, e a indicação recaiu sobre outro velho escravo da plantação do Amparo. A Rainha antiga não renunciara, continuando no posto. O negro velho que seria coroado nesse dia da festa, veio pela manhã cedo apresentar seus respeitos ao Vigário que lhe disse, em tom jovial: "Perfeitamente, senhor, mas hoje estarei ás suas ordens, devendo servir-lhe de Capelão!" Pelas onze horas fui para a Igreja com o Vigário. Ficamos parados á porta, quando appareceu um numeroso grupo de negros e negras, vestidos de algodão branco e de côr, com bandeiras ao vento e tambores soando. Quando se aproximaram, descobrimos, no meio, o Rei, a rainha e o Secretario de Estado. Cada um dos primeiros trazia na cabeça uma coroa de papel colorido e dourado. O Rei estava vestido com uma velha roupa de côres diversas, vermelho, verde e amarelo, manto, jaléco e calções. Trazia na mão um cetro da madeira, lindamente dourado. A Rainha envergara um vestido de sêda azul, da moda antiga. O humilde Secretario ostentava tantas côres quanto seu chefe, mas era evidente que sua roupa provinha de varias partes, umas muito estreitas e outras demasiado amplas para ele. As despesas com a sagrada

cerimonia deviam ser pagas pelos negros e por isso, no meio da Igreja, estava uma mesinha, com o tesoureiro dessa Irmandade preta e outros dignitarios, e sobre ela uma pequena caixa para receber o dinheiro. Tudo ia lentamente muito mais lentamente que o apetite do Vigario que nada comêra, embora fosse perto do meio-dia, porque ele e outros padres assistentes deviam cantar a missa. Consequentemente, aproximou-se da mesa e começou a falar aos diretores, declarando que não iria ao altar antes que a despesa fosse paga. Divertia-me muito ve-lo cercado pelos negros e entediado pela falta de pontualidade nas suas contribuições. Houve a seguir um rumor na Igreja entre os pretos. O Vigario havia exprobrado alguns deles e logo que este os deixou, começaram a discutir uns com os outros, em voz alta e com palavras zangadas, sem respeito pelo local. Foi uma cena muito interessante para mim e para outras pessoas, mas tudo se passou rapidamente. Por fim, Suas Majestades ajoelharam-se ante a grade do altar-mor e a missa começou. Terminado, o novo Rei devia ser corôado, mas o Vigario estava com fome, e desempenhou-se sem muitas ceremonias. Segurou a coroa, na porta da Igreja, o novo soberano apresentou-se e foi mandado ajoelhar, a insignia lhe foi posta e o Vigario disse: — “Agora, senhor Rei, vai-te embora!”

Como o Rei pertencia a Amparo, seria lá o local para comer, beber e dansar, e a seguir a nossa povoação se tornou totalmente silenciosa e deserta, mas eu estava distante de pensar sobre o que sucederia. Pelas quatro horas, Francisco, um dos meus negros, veio correndo do Amparo e me disse que o povo desse lugar estava matando Manuel, que se defendia contra numerosos atacantes. Montei a cavalo e fui para a plantação com a urgencia possivel. Encontrei Manuel preso pelo meio do corpo por uma longa corda, com um negro segurando em cada

ponta e esses homens, em direções opostas, tentavam conservar o preto a certa distancia deles (13). Sua face estava coberta de sangue e as vestes rasgadas. Corri para ele e falci-lhe. Voltou-se rapidamente, furioso, mas reconhecendo quem lhe falara, gritou: — “E’ meu amo! Agora não temo ninguem!” e recommçou a injuriar aqueles que o haviam maltratado. Francisco chegou immediatamente, e mandei Manuel para casa com ele. O feitor da propriedade (o dono não estava em casa) ficou receoso quando soube que meus homens chegados prontamente estavam armados. Disse-lhe que eles tinham todo o direito de vir prevenidos para as occurrencias, mas eu estava perfeitamente confiado de que nenhuma pessoa presente desejaria insultar-me ou a outro branco qualquer, e, sendo assim, mandaria meu grupo regressar. Respondeu-me que julgara corretamente seu pensamento e outros individuos adiantaram-se para confirmar as palavras do feitor. Meu negro comportara-se pessimamente, provocando com sua conduta algumas pessoas livres. O caso não succederia se o feitor cumprisse o seu dever ou se algum homem, de importancia ou riqueza, estivesse presente.

— Por essa epoca acomodei-me numa cabana, tendo vizinho um pequeno trecho de terra, nos arredores de Conceição. Estava situado num degrau da colina, logo abaixo da povoação e defronte do povoado da Cambôa. A brecha na colina tinha apenas o espaço sufficiente para comportar a largura da choupana, de maneiras que só se podia atingir os dois lados subindo ou descendo. A vista era pouco diversa da que eu tivêra na Casa da Camara, apenas a esquerda era possivel ver a povoação e a Igreja, meio oculta pelas bananeiras e outras arvores. Todas as terras circunvizinhas estavam divididas entre individuos de varias classes. As immediatamente vizinhas á minha, por ambos os flancos, pertenciam ao Vigario, no terceiro pon-

to eram fechadas por um canal, e no quarto, numerosa familia de negros livres possuia um pequeno terreno, coberto de coqueiros. Essa familia era muito impopular pela obstinação do seu chefe, falecido recentemente, que mantivera, por muitos anos, processos sobre os limites do seu pedaço de terra. Logo que tomei posse, um de seus filhos pretendeu começar a processar-me, a despeito de varias sentenças contra seu pai. Mandei fazer uma cerca ao redor da minha propriedade e ele fez, seguidamente, todo o possivel para evitar meu desejo, e não o conseguindo, partiu para Goiana no intuito de promover um processo. Descobri, acidentalmente, esse facto pela tarde. Pela manhã montei a cavallo, as quatro horas, e fui a Goiana, acompanhado pelo Fidelis, um negro creolo, que estava no lugar do Manuel, impossibilitado de sair, pelas occurencias que relatei.

Atravessei então os canaviais de Amparo e fui ao porto onde se embarca na canôa, passando da ilha para o continente. A maré estava baixa e nós penetramos pelos mangues, atravez dos quais abriram um caminho no meio da lama. E' perigoso deixar que os cavalos percam essa trilha porque o lôdo é muito profundo n'um e noutro lado. Ficamos á beira d'agua, perto dos mangues, até que viesse o canoeiro que tinhamos chamado da ilha. Durante esse tempo os mosquitos afligiram-nos impiedosamente e a custo mantinhamos os cavalos na estrada. O canal é muito mais largo nesse ponto que perto de Conceição, mas existe no meio um banco de areia que, nas marés baixas, os cavalos podem tomar pé, não obstante a passagem é sempre fatigante para os animais. Atingimos, sãos e salvos, a margem oposta (14). Aí está a povoação de Itapissuma, que consiste em uma rua comprida, situada proxima aos bordos da maré. E' composta de casas pequenas e baixas. Um caminho estreito nos leva até a povoação do Pasmado, distante duas leguas, e entrei então na

grande estrada das boiadas, cruzando o rio do Araripe e depois passei a povoação do Bú, e ao fim do meio-dia, paramos no vilarejo de Fontainhas. Instalei-me numa cabana e sabendo que se vendia carne sêca mandei comprar uma porção e a bôa mulher da cabana cozinhou para mim.

Os habitantes do Pasmado são famosos pela sua proficiencia nas obras de ferro. As facas fabricadas nesse ponto são procuradas por todos os cantos e, mesmo que elas sejam artigo proibido, como já disse antes, são publicamente vendidas em Pasmado e em muitas povoações circunvizinhas.

Quando eu estava em Fontainhas, tres homens armados foram bater a porta de uma quarta pessoa que estava sob custodia, na suspeita de ser ladrão de cavalos. Provaram que ele fôra visto na companhia de um dos ladrões, mas o acusado conseguiu demonstrar que o individuo se lhe dirigira pedindo que o ajudasse a conduzir os cavalos, sem que tivesse o menor conhecimento de sua aquisição criminosa. Em consequencia dessa declaração, puzeram-no em liberdade. Durante minha residencia em Pernambuco apenas duas ou tres vezes ouvi falar de casas que tinham sido assaltadas, e raramente de mortes não ocasionadas por brigas ou não cometidas por vinganças, mas o furto do gado é comum. Tinha eu o costume habitual de ouvir minucias desses factos (15). Pelo meio dia cheguei a Goiana e no dia seguinte apresentei os meus documentos ao Juiz de Fôra. Depois de haver satisfeito o fim que me levara, voltei a Itamaracá. Durante minha ausencia em Goiana, um barco mercante inglês, chamado "Elizabét", encalhou no banco de areia ao sul do porto de Itamaracá. Ele tinha sido perseguido por um navio de guerra inglês na suposição que fosse um navio americano, e este caíra no mesmo erro relativamente ao perseguidor. O patrão do barco tentando entrar para o ancora-

douro de Itamaracá levava seu navio ao banco de areia e só verificou seu engano quando o navio de guerra mandou o escaler a seu bordo. Flutuou com a maré alta e seguiu para Recife sem avarias de vulto. Um grande numero de moradores de Itamaracá foi em suas jangadas com o proposito de oferecer auxilio possivel e houve indignação porque lhes foi recusado o acesso a bordo. Procede esse facto creio eu, do mêdo que têm de ser saqueados e que não reclamem o direito aos salvados, como acontece frequentemente, em casos semelhantes, na costa da Irlanda. Bem longe estou de julga-los mal, mas penso que uma bagatela (alguns galões de aguardente, por exemplo) satisfaria aqueles que foram oferecer sua assistencia.

Depois de minha mudança em abril para o Toque, como era chamada a nova residencia, levei vida tranquila, e para alguem que não conhecesse outros paises e não olhasse essa residencia no Brasil como uma especie de exilio, esse genero de vida seria de grande felicidade. Eu viéra novo e logicamente teria poucas lembranças desagradaveis no espirito a combater e, quando refletia sobre o estado de vida que escolhera, era feliz para que o deixasse. O clima é particularmente fascinante. O calor é pouco desagradavel e a força do sol é atenuada sensivelmente pelo refrigerio das brisas do mar. A frescura da noite dissipa totalmente a lassidão e dispõe a um sôno reparador. Costumava eu sentar-me a minha porta quando a lua clareava com sua doce luz e era possivel, não sem fadiga mas sem esforço, lêr ao clarão de seus raios. Muitas vezes, quando a noite era escura, distrair-me vendo as luzes que corriam sobre os bancos de areia que saiam da terra e se projetavam por ambos os lados da entrada do ancoradouro. Era frequentado, nas marés baixas, por numerosas pessoas que procuravam conchas. A impressão era singular porque as luzes pareciam boiar nas aguas.

A casa em que eu morava era uma construção longa e baixa, situada, como já disse antes, n'uma abertura estreita, rasgada na colina escarpada. Era feita de madeira e barro, e seu tecto se elevava a seis pés de altura, de um lado, e do outro apenas tres. A porta e as janelas ficavam num dos muros e olhavam para o mar. O aposento principal estava mobiliado com algumas cadeiras, uma mesa e um estante contendo meus livros e tambem uma grande arca onde depositavam a farinha e o feijão para o consumo mensal da casa. Num dos recantos havia uma enorme jarra para agua, e n'um prego, logo acima da jarra, a caneca usual da região, e que é feita da metade do casco do côco, ao qual é fixado um longo cabo. Pessoas ricas possuem *côco* de prata, como esses vasos são chamados.

O aposento que acabo de descrever, duas camarinhas ou pequenos quartos de dormir, e a cozinha, incluíam-se na mesma casa. Em um lado construíram uma estribaria e dois quartos, que ainda não estavam terminados quando parti. Detraz da casa estava o galpão que resguardava a maquina para fazer farinha, e mais recuadamente os negros haviam feitos suas cabanas, de barro e palhas de coqueiros. Estava mais proximo ao canal que outróra e tão avizinhado que podia ver todas as canôas irem e regressarem. O terreno em torno da casa era coberto de matagal, com alguns coqueiros e existia tambem o cajueiro. Breve mandei arrancar esse pequeno bosque e a paisagem não mais ficou impedida pelo mato.

O primeiro cuidado pela manhã era verificar se os meus trabalhadores tinham ido para o serviço na hora conveniente, e examinar a estribaria e outras dependencias da casa, porque olho do dono é indispensavel para os escravos afim de que os encargos sigam o mais depressa possivel, para frente. Depois almoçava, lia ou escrevia, montava meu cavallo e ia ver o sitio onde meus homens

trabalhavam. Jantava sempre ás duas horas e apoz ia fumar, sentado na minha rêde. Alguns empregados subalternos ou alguém do povo, ás tres ou quatro horas, vinha falar-me sobre a tarefa, conversar, dizer as novidades ou pedir instruções. Ás quatro horas usualmente eu ia a cavalo inspeccionar o trabalho, voltando ás cinco e meia. O restante da tarde gastava em ler e, ás vezes, o Vigario ou outro amigo, me vinha ver e ficava até as sete horas. O pôr-do-sol nessas paragens solitarias produz sempre uma impressão melancolica mas não inteiramente desagradavel na situação onde as circunstancias me haviam colocado. Os negros regressavam a casa, exgotados, sujos e famintos. O sino da Igreja sôava espaçadamente para que todos os catholicos rezassem seus rosarios. O mar se tornava negro, e a folhagem das arvores escurecia, de mais a mais, quando o sol descia por detraz das colinas. O crepusculo é rapido nessas regiões. A luz leva poucos minutos em tornar-se trevas, a não ser que a lua apareça. Sua claridade não se avoluma gradualmente mas o esplendor é visto curtos minutos depois que o sol se pôr. Por essas noites eu ia fumar ao ar livre e, na epoca das grandes marés, mandava acender uma fogueira, para o lado do vento, defendendo-me dos mosquitos, e de uma pequenina especie de mosca anegrada, de nome Maroim (16), cuja picada é dolorosa como a do mosquito chamado *Morisoca* (17). O maroim aparece sempre perto dos mangues. Se esses atormentadores irritavam demasiado, ou se era do meu desejo, fechava minha porta e janelas, e lia ou escrevia até ás dez ou onze horas, quando ia para o leito, mas, frequentemente, ficava deitado na minha rêde e aí permanecia longa parte da noite.

Meu tempo se passava menos agradavelmente durante os mezes de Junho e Julho, epoca das chuvas, e quando o Vigario viajou para Recife nesse tempo. Graças a sua persuasão melhorou consideravelmente a disposição do

povo em favor da vacina. Dois meninos, residentes em Conceição, foram enviados ao Recife com o proposito de receberem a inoculação do "virus" vacinico. Quando regressaram, o cirurgião de Iguarassú, rapaz de apreciavel merito e que fôra educado em Lisbôa, veio a ilha para vacinar as pessoas que quizessem sofrer a operação. Entre as creanças a vacinação foi quasi geral. Tinham dito aos seus pais e amigos que a molestia não era contagiosa e, conseqüentemente, não tomaram precauções para isolar os vacinados dos sadios, na mesma residencia. Pouco tempo depois, uma mulher que tratava uma creança vacinada, adoeceu e morreu, e varias outras pessoas contagiaram-se igualmente. A infecção espalhou-se e dez ou doze individuos faleceram na ilha. A epidemia cedeu apenas quando a inoculação foi feita em grande numero de moradores na ilha. Observaram que os individuos vacinados não haviam estado em perigo, sendo pois, de aconselhar ser mais prudente sofrer a operação. Alguns ficaram tão alarmados com a enfermidade dos amigos, que se ocultaram dias inteiros nos matos, aparecendo fortuitamente na povoação com o pavor do contagio. Ficou provado que a variola não existia na ilha e varios inqueritos foram feitos, e muitas pessoas zelosas e ativas tomaram todos os cuidados na especie, tendo a precaução de afastar as comunicações logo que a epidemia se declarou entre os centro e os arredores, assombrados com o flagelo. Dizia-se geralmente que os dois meninos que tinham sido enviados ao Recife haviam sofrido inoculação de variola e não de vacina, ou essa se estragara, tornando-se letal. Para inocular os dois meninos fôra retirado *serum* de um negro recentemente importado, que fôra inoculado com a vacina mas poderia ter varióla nesse momento sem que parecesse.

E' pelos Africanos chegados ultimamente que a varióla se espalhou pela região, antes respeitada por essa

terrível molestia. Um homem que morava em Conceição adoeceu de variola e morreu, e somente estivera pouco tempo fóra da casa onde algumas creanças estavam inoculadas.

O desgraçado resultado dessa experiencia nessa nova molestia, reforçou a desconfiança de muitas pessoas contra a vacina. Outras que haviam aconselhado calorosamente sua adoção, começaram a julgar-se enganadas, mas como todos os vacinados escaparam, o publico não se tomou de maior aversão, combatendo a vacina. Foi para mim uma epoca angustiosa. Meu pessoal se compunha de vinte e cinco homens, livres e escravos, e quasi nenhum tivéra variola. Não podendo vacina-los a todos duma só vez, cortei as communicações com os meus vizinhos. Consegui isso sem maiores difficuldades. Manuel estava armado e tinha ordem de proibir qualquer aproximação para nossa propriedade. Tinha varios cães robustos, todos alugados nessa ocasião, e dei noticia, aos meus vizinhos, das medidas tomadas. Grande zelo foi demonstrado pelo Governo do Brasil para a introdução da vacina no país. Fundou-se uma casa no Recife, com um medico e dois cirurgiões, para vacinar, sem qualquer despesa, todas as pessoas que o desejassem. A inoculação é expressamente limitada a vacina. O estabelecimento, entretanto, não foi organizado de modo a ter constantemente suprimento de vacinas, e, ás vezes, o medico era obrigado a ficar, por muitas semanas, inativo.

NOTAS AO CAPITULO XIII

(1) No ano de 1630 a ilha continha vinte e tres engenhos de açúcar. *History of Brazil*, vol. I, p. 476. (K).

(2) Forte de Orange (1531) construido pelos holandeses. Foi varias vezes reformado. (C).

(3) *History of Brazil*, vol. I, p. 36, 476, 489, 540, vol. II, p. 143, 176, 177 e 241. (K).

(4) O Padre Pedro de Souza Tenorio, que Koster encontrou Vigario de Itamaracá em 1814, nascera na freguesia de S. Antonio do Recife a 29

de Junho de 1779. Era ordenado em 1799. Foi Capelão do Governador de Pernambuco e possuía a Ordem de Cristo. Tomou parte saliente na revolução de 1817, tomando a fortaleza de Itamaracá e foi nomeado ajudante-secretário do Governo republicano. Depois da derrota dos companheiros, o Padre Souza Tenorio escondeu-se mas foi delatado e entregue á prisão por Antonio Correia Calheiros que recebeu 400\$ de premio. Preso na fortaleza das Cinco Pontas, no Recife, foi transferido para a Cadeia a 6 e condenado a morte a 8 de Julho de 1817. Foi enforcado a 10 de Julho, tendo a cabeça e as mãos decepadas e ficaram em exposição durante seis mezes; as mãos em Goiana e a cabeça em Itamaracá. (C).

(5) João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro nasceu na freguesia de Tracunhaem, aos 28 de Fevereiro de 1766. Arruda Camara admirava tanto o engenho superior do seu jovem auxiliar, que denominou *Riberia Serbilis*, em sua honra a mangabeira. Ordenado sacerdote, professor de desenho no Seminário de Olinda, viajou para Portugal, matriculando-se no Colegio dos Nobres em Lisboa. Voltando ao Recife intimamente ligado com os republicanos, saturado de leituras liberais, o Padre João Ribeiro desenvolveu ativamente propaganda, sendo um dos mais prestigiosos e legitimos chefes da revolução de 1817. Fez parte do Governo e sua popularidade, eloquencia e desinteresse, a todos conquistava. Na retirada do exercito republicano, acompanhou-o a pé, com um sacco ás costas e uma espingarda aos ombros. Vendo a derrocada da revolução suicidou-se em Paulistas. Seu corpo exumado pela tropa legalista, foi exibido no alto do pelourinho, para escarmento e prova da repressão. Tollenare, que o conheceu e admirava, escreveu sobre o Padre Ribeiro: — "*E' um exaltado desvaído. Pra-me fazer justiça ás suas intenções, que creio boas; mas, devo tambem dizer que ele tem mais estusiasmo do que talentos administrativos; acho-o neste particular de uma fraqueza extrema. Não tem nenhum conhecimento dos homens; a arte de dirigir as suas paixões lhe é tão estranha quanto a intriga. Este homem saberá sacrificar-se pela sua patria, mas não salva-la.*" (C).

(6) Um desses indigenas fôra vender caranguejos em Pasmado e um comprador começou a escolhe-los, revirando-os. O indigena fe-lo deter-se, dizendo: — Não é bom escolher muito os meus caranguejos, porque eu sou do Amparo. "Era preciso respeitar os caranguejos, apanhados pelos famulos do grande homem. (K).

(7) Os subalternos nem sempre guardam o devido respeito que parecem ter aos superiores. Um desses indigenas do Amparo (não o dos caranguejos) encontrou seu amo num sitio nas vizinhanças da residencia O indigena tirou seu chapéu para falar-lhe mas o gesto não foi imitado pelo patrão. Sem perder tempo, o indigena arrancou-lhe o chapéu da cabeça dizendo: — "Quando se fala a gente tira-se o chapéu". O amo ficou impassivel e quando a conversação terminou, o chapéu lhe foi restituído. (K).

(8) O Padre Inácio de Almeida Fortuna, em 1817, era Capelão do Forte de Itamaracá. Foi Deputado por Pernambuco á Constituinte Brasileira de 1823, e Deputado-Geral nas legislaturas de 1830-33 e 1834-37. (C).

(9) Vide Appendix. (K).

(10) Itamaracá se liga ao continente pela ponte "Getulio Vargas", inaugurada a 25 de Janeiro de 1940. A ponte começa em Itapissuma, em terra-firme, e termina na Conceição de Itamaracá, com 374 metros de extensão, cinco e meio de largura, 17 vãos de 20 metros e dois extremos de 16. E' de concreto, e seu aterro é de 728 metros. (C).

(11) Quasi poderia dizer "do Brasil". Relativamente a Itamaracá existe o seguinte adagio: — "*Que te persegue, Ilha? E a resposta: — "Ilha, formiga e Guedes.*" Noutras palavras, o inconveniente ocasionado pela obrigação de atravessar o canal para a terra-firme. As formigas, foram

suficientemente justificadas por elas mesmas. Guedes, trata-se de uma família de espirito irrequieto residente na Ilha e que a todos trazia em que: elas perpetuas e barulhos continuos. Vivem ainda alguns descendentes, mas são homens pacificos. (K).

(12) Essa eleição do Rei de Congo existiu no Brasil desde o seculo XVII e alcançou fins do seculo XIX. (*) Havia solenidade, com ritual pomposo, presença de vasta escravaria e exhibição de danças coletivas e cantos, depois da coroação da qual se lavrava o termo competente. Melo Moraes Filho ("Festas e Tradições do Brasil", p. 343) descreve a festa aparatosa de uma coroação em 1748, na capela de N. S. da Lampadosa, no Rio de Janeiro, e um "termo" de coroação em 6 de Outubro de 1811. Depois da sagração era o baile, dia-inteiro, com comidas e bebidas. Houve uma convergencia dessa cerimonia para as festas populares negras, evocando episodios guerreiros africanos, expostas nos dias santos. Assim foram os *Cacumbis* na Baía, a *Congada* no sul e os *Congos*, no norte do país. Vêr Gustavo Barroso, "Ao som da viola", p. 213, João Nogueira "Os Congos", rev. Instituto do Ceará, p. 89, tomo XLVIII, 1934, Manuel Querino, "Costumes africanos no Brasil", p. 266, Artur Ramos, "O Folk Lore Negro do Brasil", p. 39. Esses bailes ou danças negras já faziam parte das festas officiaes portuguezas em meados do seculo XV. No "*Jornadas*" de Nicolau Lanckmann um dos enviados do Imperador Frederico a Portugal, para trazer a princeza Eleanor, filha del-rei d. Duarte, ha, em varios pontos, menções dos cortêjos e bailados dos "Etiopes" no ano de 1451, vêr "*JORNADAS DE NICOLAU LANCKMANN*", anexo (p. 95) ao livro de Luciano Cordeiro, "Uma sobrinha do Infante", (Lisbôa, Imprensa Nacional, 1894). Teofilo Braga ("O Povo Portuguez nos seus costumes, crenças e tradições", Lisbôa, 1885, pag. 313 do 2.º volume) informa a existencia da eleição do Rei de Congo como festa popular em Portugal. "João Pedro Ribeiro refere a festa de uma N. S. do Rosario, que era popular no Porto. Acabou-se porem já no Porto outra mascarada em que se representava "A CORTE DEI REI DO CONGO", com seu Rei e Rainha e imaginaria côrte, com que os pretos se persuadiam render culto á sua Padroeira, a Senhora do Rosario, função muito apreciada dos rapazes, e que durava tres dias de Julho." (C).

(13) Essa posição da corda, amarrando Manuel, lembra exatamente a murmurana que prendia o condenado a morte entre os tupis. Ver a gravura em Hans Staden. (C).

(14) Em 1646, depois que os Portuguezes tomaram o navio guardacosta nos Marcos, avançaram sobre os que estacionavam em Itapissuma ou Tapissuma, que foi queimada pelos Holandêses. *History of Brazil*, vol. II, pag. 177. (K).

(15) Um homem de cor, com quem manteve relações de amizade, tinha varios bois que serviam para puxar um carro, alugado por dia aos plantadores, e conduzido por um ou outro de seus filhos. Dois desses animais foram roubados e a suspeita recaiu sobre um homem, com reputação de respeitabilidade na região, e que arrendara um canalvia não muito distante. Um dos filhos do proprietario dos bois resolveu verificar a veracidade do facto. Vestiu-se com roupas de couro, disfarçando-se, e cavalejou até a residencia da pessoa em questão, onde chegou ao escurecer. O dono da casa não estava presente mas o rapaz falou com a sua caseira, dizendo que acabava de chegar do Sertão com gado para vender, e este estava pelos arredores chegando no dia seguinte. Perguntou se o dono da casa não desejaría comprar e a caseira respondeu afirmativamente e convidou-o a passar a noite ali, esperando o amo que regressaria pela manhã. O falso Sertanejo disse estar tranquilo no tocante a sua acomodação e pediu pra dormir no engenho

(*) Nos municipios de Jardim do Seridó e Caicó (Rio G. do Norte) ainda perduram, na Festa do Rosario, os coroamentos dos Reis negros. (C).

onde ficou calmamente uma parte da noite. Quando todos dormiam, começou a procurar os couros e os cornos dos bois roubados. Os primeiros deviam ser reconhecidos pela marca que é feita usualmente com ferro em braza no alto da coxa, e os últimos seriam identificados pelas aberturas para passar a corda da canga e que tinham sido feitas por ele próprio. Estava quasi terminando as buscas, sem grandes esperanças de exito quando, deitando em sua réde, casualmente levantou os olhos e viu couros, ainda frescos, suspensos nas vigas do engenho. Subiu, com um tição de fogo acêso numa mão, e alumiando de alto a baixo descobriu que eles traziam sinal do gado de seu pai. Sem perder tempo, cortou parte dos couros onde estavam os "ferros", e guardando-a cuidadosamente, montou seu cavallo ás duas horas da manhã e voltou para casa. Ele conserva esses pedaços de couro como troféu e os exhibe como provas de seu juizo sobre a pessoa que havia roubado os bois, mas nada mais obteve de indenisação nem espera obter. Esse factó occorreu em 1811 a menos de cinco leguas do Recife. (K).

(16) Maroim, Maruim, *Haematomyidium paraense*, de Goeldi. (C).

(17) Morisóca, denominação popular dos generos *Culex* e *Anopheles*. Morossóca, mutiçoca. (C).

CAPITULO XIV

FORMIGAS VERMELHAS. FORMIGAS PRETAS. OUTROS INSETOS. COBRAS. BOA CONSTRICTOR. BICHARIA. RIO IGARASSÚ. MANGUES. REFORMA NA CASA. PAU-FERRO. PAU D'ARCO. PAU AMARELO. AROEIRA. PINHAO. MUTAMBA. GAMELEIRA PRETA. A BALEIA ENCALHADA.

Disse que as terras do Engenho Velho eram infestadas pelas formigas vermelhas, mas difficilmente encontraremos uma parte da ilha de Itamaracá que esteja livre desses perniciosos insetos. São de um vermelho escuro e variam entre um quarto de polegada a uma polegada de comprimento. A dentada é dolorosa e elas cravam tão firmemente as mandibulas que deixavam as pontas nas feridas que fizeram. Sua alimentação é inteiramente vegetal. Importunaram-me extremamente durante a estação chuvosa. Abriam suas estradas entre os tijolos do solo de minha casa e pilhavam as particulas de farinha e os grãos de milho que fortuitamente deparavam espalhados no seu caminho. Uma vez, dois grandes sacos de milho foram postos no quarto, á noite. Pela manhã um deles estava visivelmente menor que o outro. Não o podia compreender quando, examinando, encontrei uma formiga vermelha saindo de um rasgão do saco, levando sua carga nas costas, outra a seguia, e muitas e muitas. Acidentalmente puz a mão no saco e este baixou, como se existisse uma arcada feita no interior, por um acaso bem singular ou por esforço desses extraordinarios insetos.

Noutra tarde fizeram sua aparição em tal numero que enegrecia o piso de um canto do quarto, por onde

avançavam. Mandei vir uma folhas sêcas de coqueiro e pude somente desembaraçar-me do inimigo fazendo uma fogueira nos pontos em que esse se apossara. Atraz da minha casa tinha alguns pés de romã, tratados com muito cuidado, e uma tarde admirara particularmente uma das plantas, coberta de flores escarlates. Pela manhã, as flores estavam ainda na romanzeira mas restavam poucas folhas. Estavam todas no chão, e algumas destruidoras cortavam as raras folhas ainda existentes enquanto suas companheiras se ocupavam organizando o comboio dos despojos. Não me foi possível, durante alguns minutos, deixar de admirar seu engenho e ordem sistematica que impunham ao trabalho, mas deliberara vingar-me dessas adversarias e imediatamente comecei as operações. Havia uma pequena elevação, perto da casa, com toda apparencia de refugio desses insetos porque a areia avermelhada que se encontrava a pouca profundidade abaixo do solo, cobria o cimo desse monticulo. Puz quatro negros abaixo do monte para arraza-lo literalmente. Não trabalharam muito, quando a guerra começou, porque foi realmente uma guerra logo que os ninhos apareceram. As formigas surgiram aos montões mas fizera preparar tochas acesas de palha de coqueiro, e foram armas decisivas contra elas. O monte continha grande numero de orificios circulares, com seis polegadas de diametro, postos em distancias irregulares uns dos outros, e muitos sem communicações subterraneas entre si. Cada qual possuia uma passagem para a superficie da terra e algumas mais de um desses condutos. Os ninhos, ou cavidades, continham uma substancia cinzenta, tendo a apparencia com as teias d'aranha reunidas em massa, e quando se comprimia na mão sentia-se um liquido, isto é, a pasta ficava humida. Pondo-se n'agua, sobrenadava. Tinhamos posto ao lume grandes bacias de cobre destinadas a receber essa substancia. N'algumas covas circulares não havia formi-

gas e outras estavam repletas. Grande numero foi destruído e, a casa e seus arredores, por pouco tempo ficou respeitada, mas outra horda, de um quarteirão vizinho, descobriu que a praça estava deserta e voltamos a ser perseguidos.

Ha outro metodo para destruir as formigas, mas está conhecido ha pouco anos e é mais particularmente adotado quando se ataca as formigas que ameaçam um edificio. Uma mistura de enxofre e de outras substancias que produzam bastante fumaça, é queimada na entrada do formigueiro, alargando-se primeiramente a abertura e as proximidades afim de que a materia combustivel seja posta em lugar mais baixo que a superficie. Um par de fôles é empregado para soprar o fumo dentro da entrada, e é preciso calafetar todas as bréchas afim de que a fumaça injetada não saia e sim permaneça. Se essa operação for conduzida com atenção, o sucesso é completo. E', algumas vezes, o meio de descobrir as varias comunicações do mesmo formigueiro e indicar onde se encontra seu nucleo principal, a *panela*.

A formiga vermelha é particularmente devastadora das plantações de mandioca e em muitos pontos é impossivel defender os plantios dos seus ataques (1). Lembro-me de ter plantado uma bôa quantidade de mandioca num terreno pantanoso, sobre monticulos, e a terra era tão encharcada que a agua descia, rodeando cada elevação como um pequenino fosso. È superfluo dizer que eu tomara todas as precauções contra as formigas. Fui uma tarde ver o campo e fiquei surpreendido vendo que as plantas, sobre esses leirões, estavam despojadas de folhas. Fiquei sem atinar como teria sido possivel, e como as formigas puderam atingir as mandiocas. Vi, logo apoz, seus vestigios e poucas formigas caminhando. Segui-as e observei que tinham construído uma ponte de folhas,

atravez da levada, e sobre ela marchavam. Fiquei olhando enquanto elas cruzavam o caminho para os montículos.

Muitas outras especies de formigas, de maior vulto, podem ocasionalmente ser vistas na região. As pequenas formigas vermelhas e as pequenas formigas negras, que se alimentam de substancias animais, ficam, ás vezes rodeando uma môsca, uma aranha, um pequeno lagarto, outro animal ou inseto de tamanho reduzido que encontraram no solo, e gradualmente reúnem o numero suficiente para carregar o butin, e se este é leve, o conduzem, subindo ao longo de um muro caiado. E' desagradavel ver esses insetos agarrados a sua presa, por todos os lados, e tão unidos que parecem uma massa de carne em movimento. Todas as especies de formigas têm um odôr repulente, mas o da pequena formiga vermelha é o mais repugnante. Ha outro tipo de pequena formiga negra que faz seu ninho nas arvores e não entre o travejamento das habitações. Embora o corpo dessa formiga seja pequenino, muito menor que o das outras especies, é uma inimiga poderosa das grandes formigas vermelhas, devido seu numero e determinada coragem. Essas formigas são procuradas e tentam fazer com que elas façam seus ninhos nas laranjeiras e outras arvores de fruto, ameaçadas de ataque pelas grandes formigas vermelhas, e elas, efetivamente, defendem sua posição contra as furiosas invasoras, desde que tenham tido tempo para reunir um numero bastante de combatentes. Tenho algumas vezes notado, na entrada dos formigueiros das vermelhas, cercada de mortos de ambos os tipos, e não obstante o numero das formigas negras, que tomaram parte no combate seja muito maior que o das vermelhas, as vitimas mais numerosas pertencem a essas ultimas, (2).

A casa em que residi no Jaguaribe fôra antigamente um deposito onde guardavam o açúcar em caixas para a exportação, e notara que as redondezas viviam cheias de

formigas, especialmente de uma pequena e negra, chamada *formiga doída*, devido á aparência de não terem caminho certo para a horda seguir, caminhando irregularmente, sem rumo ou direção. Distinguem-nas das formigas negras das laranjeiras chamando-as *doídas*. Uma tarde estava eu deitado em minha rêde e surpreendeu-me notar que o muro deante de mim, que era pintado de branco, parecia coberto com um pedaço de fazenda preta. Aproximei-me, com a lampada na mão. Vi então o que era e não pude conter um gesto, porque a visão era horrível. Miriades dessas formigas marchavam pelo muro e seu numero crescia sempre rapidamente. Logo que me restabeleci da surpresa, olhei em torno de mim e vi que outro canto do quarto estava na mesma situação. Deixei prontamente o lugar e, chamando os negros, mandei que fossem buscar folhas de coqueiro em abundancia, o que foi feito, e as operações se iniciaram logo, contra elas, com a aplicação das palmas acesas ao longo do muro, conseguindo vencer a maior parte das formigas, todavia algumas escaparam pelas numerosas rachaduras das paredes. Na manhã seguinte mandei repintar o muro e fechar as cavidades, da melhor forma possível. Noutra ocasião, fui despertado do leito, no meio da noite, pela sensação de que meus pés estavam sendo picados por milhares de alfinetes. Saltei do leito e como havia luz no quarto, enxerguei o que me causara a repelente sensação. Varias dessas formigas negras passeavam sobre meus lençóis e, no leito e no solo se tornavam, a cada momento, mais numerosas. Fugi, e logo os lençóis foram retirados e começamos a queimar as hostes inimigas.

Ainda existe outro tipo de formiga, chamado *tioca* (3), que é preta, mais grossa e mais faminta que a formiga vermelha, mas eu nunca vi a *tioca* em grande quantidade, e quando a percebia era sempre perto de onde se guarda o açúcar, indo e vindo sem ter o jeito de seguir

um plano de operação. Sua picada é muito mais cruel que a da formiga vermelha.

As formigas não eram minhas únicas perseguidoras em Itamaracá. Eram auxiliadas pelo *cupim* (*Termes arborum*), construindo enormes ninhos, chamados no Brasil "panelas", entre os esteios das casas, os quais destrói com o passar do tempo e, ás vezes, dispõe sua residencia sobre as arvores. Abrem, algumas vezes, seus caminhos cobertos ao longo dos muros caiados de minha casa ou sob os batentes da porta. Tomei, como era de esperar, as precauções contra ele, tanto mais necessarias quanto a minha morada não era construída com as melhores especies de madeiras. Aconselharam-me que alcatroasse os pontos em que ele persistisse em atacar, e verifiquei que esse processo dava resultados, fazendo-o cessar a investida. É muito sabido nesse país, por todas as pessoas que tenham prestado atenção ao assunto, que certos tipos de madeira são mais sujeitos ao ataque desses insetos que outros. O individuo que deseja construir uma casa, deve pensar que a escolha feita pelos carpinteiros nos varios tipos de madeira aconselhados para compra, procede de más intenções pessoais ou de preconceitos de que se acham saturados. Contrariando o aviso dos carpinteiros ou dos amigos, o homem compra a madeira que lhe é oferecida, atendendo ao preço e não a qualidade. A casa se ergue, e ele se instalou ou está para instalar-se, quando descobre que o cupim atacou as principais peças de madeiras, e o melhor possivel é derrubar grande parte do edificio sem o que a totalidade será dominio desses insetos. Uma solução da materia com que é feito o ninho do cupim, é usada pelo povo como remedio contra febre (4). Não mencionei totalmente meus perseguidores pois, entre os que falei, e as famosas *chiguas*, já mencionada, existe o maribondo, um inseto negro, semelhante a uma grande formiga vermelha e com a "tióca". O maribondo

tem asas e um aguilhão na ponta da cauda. Forma seu ninho nos troncos e nos galhos das arvores. Limpando os terrenos, os negros tomam todo cuidado para que não sejam agredidos subitamente por esses insetos. Se o ninho for tocado, saem voando em numero infinito. Não obstante todas as precauções isso acontece casualmente. Conheci um negro que ficou impossibilitado de trabalhar por varios dias depois de haver sido picado pelos maribondos. A parte afetada incha e fica inflamada e, por um dia ou dois, sofrem as sensações alternadas de um calor violento e de um frio intenso, igual aos sintomas de um acesso de febre. Quando os negros descobrem um ninho sem perturbar seus habitantes, acendem palhas de coqueiro e destroem-lhes a morada pelo fogo. Os insetos não morrem todos, mas os que escapam parecem tontos pelo fogo e pelo fumo, e não se podem afastar muito do ninho. Tive alguns na palma da mão enquanto permaneciam nessa fase de torpor, mas, depois de certo tempo readquiriram sua atividade. As especies de maribondos são tres: — o preto, do qual tratei, o branco, assim chamado porque é parcialmente branco, e o *maribondo-formiga*, diferente do maribondo negro por ser muito parecido com a grande formiga negra.

Os morcegos tambem me importunaram muito, perseguindo meus cavalos. Prendiam-se nas orelhas desses animais, sobre seus dorsos ou noutra qualquer ponto onde a pelle pudesse ser dilacerada. Tive, quando viajava, incomodos bem serios por causa de seus ataques aos cavalos, porque, não os tendo de reserva, era necessario pôr-lhes as selas sobre as feridas. Suspendia-se o corpo de uma coruja na estribaria para afugentar os morcegos.

Destruindo o formigueiro, como mencionei acima, descobrimos um casal de *cobras de duas cabeças* (5), que havia rolado, uma para cada cavidade. Essas cobras têm cerca de dezoito polegadas de comprimento e a largura de

um dedo de creança de quatro a cinco anos de idade. Cada extremidade da cobra parece exatamente igual a outra, e quando o reptil é tocado, ambas se erguem, formando um circulo, para ferir a quem o está molestando. Parece ser completamente cega, pois não altera seu caminho para desviar-se de um obstaculo antes que esbarre nele, e sem tentar contorna-lo, volta, arrastando-se, na direção oposta. È de côr cinza, incluindo o branco, e dizem ser venenosa. Essas especies de cobras vivem sempre nos formigueiros mas as tenho matado em minha casa, frequentemente, nos monturos e lugares onde os detritos vegetais permanecem muito tempo sem revolvimento.

Dizem que a ilha de Itamaracá é menos infestada pelas cobras de que a terra firme e possivelmente essa opinião seja formada em base positiva, mas muitos reptis venenosos existem aqui. Uma *cobra de chocalho* (6) foi morta em Amparo, dois anos antes da epoca em que falo. Um cavallo durante a noite, morreu nas minhas vizinhanças e sua morte foi atribuída á dentada de cobra, encontrando-se a ferida e o corpo estava muito inchado. Manuel matou uma *cobra de veado* (*Boa constrictor*) e trouxe para casa afim de mostrar-n'á. Era nova, com sete pés de comprido e grossura de um braço de homem. O nome de "Cobra de Veado" vem da devastação que ela faz entre esses animais. Os tipos maiores dessa especie de cobras atacam os veados e os animais semelhantes. Enrolando a cauda numa arvore, espera pacientemente que sua vitima passe ao alcance do laço, e, quando isso succede, lança-se sobre a presa, com seu peso enorme, e segura-a. Nunca pude verificar, depois de muitas perguntas, se a cobra fica em estado de torpor, digerindo sua caça. O homem pode ser, ás vezes, laçado por ela, mas se a pessoa assim presa, poder sacar sua faca, sua salvação é possível mas provavelmente receberá alguns ferimentos. A opinião geral no país é que a pessoa que recebeu uma

dentada de uma desses ofidios, não deverá temer ferida de outro qualquer tipo, seja qual for a especie.

Um negro, que eu alugara para a plantação do Jaguaribe, tinha uma perna mais grossa do que a outra. Disse-me que fôra causada por uma dentada da cobra de chocalho, e me explicou que fôra tratado dessas dentadas por um Curador de Cobras ou "Mandingueiro", e não o sendo teria morrido, mas *a lua era forte* e ele não pudera escapar sem vestígios do golpe. Tinha frequentemente violentas dores nos membros, especialmente quando a lua era nova ou cheia, e ás vezes a ferida reabria, ficando semanas nesse estado, mas ele tinha o cuidado de não expô-la ao ar frio da manhã e ela se fechava sem que fosse aplicado remedio algum. O mais bonito reptil que vi é a *Cobra de Coral* (7). Mede dois pés de longo e tem a espessura de um polegar. É marcada, transversalmente, de negro, branco e vermelho. A opinião geral é que é venenosa, (8).

As serpentes não me causaram tantos aborrecimentos como outros bichos de que farei menção, porque as primeiras não vivem dentro de casa nem são frequentemente encontradas nos campos ou nas estradas. Mas a *aranha caranguejeira* (*Aranea avicularia*), a *lacraia* ou *escorpião* e o *piólho de cobra* (*Scolopendra morsitans*) estão em todas as casas e em todos os cantos. É preciso evita-los cuidadosamente por que suas picadas são cruéis e causam inflamações. A ideia instintiva de encontrar-me com um desses insetos, dera-me habitualmente (como a outras pessoas também) uma especie de defesa automatica contra eles. Quando eu ia começar a ler, fechava o livro em primeiro lugar, violentamente, como se quizesse esmagar algum desses animalejos que se tivesse metido entre as folhas. Quando pegava minhas botas, chapeu ou calças não a fazia sem as precauções devidas, sem idéia preconcebida de cuidado, exercida raciocinadamente, mas como em obediencia a um ato maquinal, inconsciente.

Fui mordido um dia por uma lacraia. Montava meu cavallo e trazia o guarda-sol na mão para resguardar-me do sol durante a jornada. Quando o abria senti subitamente uma violenta pontada na palma de uma das mãos. Olhando para baixo vi o inseto que me mordera, e voltei immediatamente para casa. Apliquei sumo de limão na mordedura e no fim de meia hora não tinha mais a desagradavel sensação, voltando a montar o cavallo. O effeito unico que experimentei da picada foi uma dormencia na mão, que demorou o resto do dia, e em volta do lugar afetado ficou um pouco avermelhado. No outro dia a dormencia desapareceu e a vermelhidão se dissipou tambem. Labat faz menção de uma picada de escorpião causando inconvenientes ainda menores que os recebidos por mim. Quando narrei o factó aos vizinhos, a passageira consequencia da picada, attribuiram a influencia da lua.

No mez de Setembro subi pelo rio de canôa até Igarassú. A distancia, da minha casa, era de duas leguas. O rio tem duas barras, uma situada na baía da povoação de Conceição e outra na baía da povoação da Cambôa, a qual é deante da outra. O rio possui varias ilhas cobertas de mangues e muito baixas para que possam ser cultivadas. As margens do rio são tambem revestidas pelas mesmas plantas, excetuando uma parte, a esquerda da montante, onde a margem é alta, em perpendicular e com grande saliencia. Nesse ponto a floresta vem até a orla da praia. Nos arredores da vila de Igarassú os mangues foram cortados e n'alguns sitios póde ele não ser planta originaria. Quando a maré está baixa a quantidade d'agua que fica no rio é diminuta e n'alguns lugares fica inteiramente sêco. Se não houvesse, entretanto, dois pontos de pequena extensão onde a agua é sempre profunda, um homem a pé podia acompanhar-lhe o curso, por uma milha, de Cambôa a vila. Desci um dia de Iga-

rassú numa pequenina canôa, quando a maré baixava, e tinha comigo apenas um companheiro. Tivemos toda dificuldade em encontrar o canal com agua bastante para que o nosso barco flutuasse. Era em Conceição que os Portuguezes vinham de Igarassú buscar provisões, durante o assedio dessa povoação dos selvagens em 1548, como relata Hans Staden. Tambem vi um dos lugares onde os selvagens tentaram encalhar o barco que voltava, atravessando uma grande arvore sobre o canal (9). A vila de Igarassú foi saqueada e seus habitantes chacinados pelos Holandêses em 1632, sob a direção do terrivel mulato Calabar (10).

Os mangues destroem inteiramente a beleza que era natural esperar-se que os rios possuíssem na região de que estou tratando. Enquanto não forem abatidos, apresentarão a mesma uniformidade porque os olhos não podem penetrar em sua verde espessura. Nas margens do Capibaribe abrem-se espaços para as casas residenciais e os jardins e essa alternativa é muito agradável. Nas margens do Maria Farinha os mangues começam a ser substituídos pela cultivação dos sitios de Jardim e Olaria, mas em Igarassú são ininterruptos, e ouvi dizer que continuavam sem solução até Goiana. Ha plantações ao longo desses rios mas os proprietarios se contentam abrindo uma trilha entre os mangues até á beira d'agua, assim para um estrangeiro que desce os rios a região parece deshabitada, até que passa por uma dessas estreitas aberturas nas quais a canôa ou a jangada está amarrada, porque essas aberturas são exiguas e só serão notadas quando passamos paralelamente a elas. Os mangues crescem até a linha d'agua, e quando a maré está vasando, suas raizes enlaçadas, seus renovos e ramos cobertos de ostras e borradados de lama, ficam a descoberto, mas quando a maré enche e a agua alcança os galhos das arvores e essas que se curvam na parte alagada, apresentam ao viajante a

visão de uma floresta saindo das aguas. Os mangues dessa especie atingem ao diametro de quinze a dezoito polegadas e sua altura é vinte e cinco a trinta pés. Conheço duas especies de mangues: — o *mangue vermelho* (11) do qual estou falando, e *mangue bravo* (12). A casca do primeiro é usada como tanino e a madeira é muito estimada para vigas e barrótes de construção, mas não é empregada nos postes porque a parte enterrada apodrece rapidamente, nem nas cercas porque se deteriora com facilidade exposta ao ar livre. Existe um commercio consideravel de Itamaracá e de outros lugares para o Recife, como essas plantas, consumidas como combustivel. A arvore cresce mesmo depois de cortada e se as raizes não foram ofendidas, desenvolvem-se com tal velocidade que suprirá qualquer necessidade de lenha no correr do tempo, e a não ser que a destruam sem cessar como presentemente, responderá por todo pedido a seu respeito. Os peixes fogem dos lugares onde o mangue foi cortado e está reunido para lenha. Pode ser explicado como uma propriedade da casca. O *curral de peixe*, proximo a minha casa, não mais apanhou peixes depois que os lenhadores se estabeleceram nas proximidades. Ouvi falar muito sobre esse assunto, que é controvertido. As cinzas dos mangues são usadas para “temperar” a calda do açucar (13).

Como não supunha, em 1814, que no proximo ano fosse chamado, comeci aumentando minha cabana, muito acanhada para mim, e depois era velha e construída com madeira má, estando infectada pelos cupins e formigas. Tinha eu grande quantidade de excelente madeira no Jaguaribe, preparada por mim para essa construção, e decidi manda-la vir. Obtive uma permissão do proprietario do Engenho Novo para derrubar na sua mata algumas arvores, das quais recusou depois receber pagamento. Os bosques da sua propriedade se estendiam até

a borda d'água, proxima a Cambôa, e por conseguinte muito convenientemente situada para o meu desejo. O edificio ia ser construído com madeira e barro, isto é, fortes postes suportariam o tecto e outros postes menores deviam ficar cravados a certa distancia entre eles, e os espaços seriam tomados com barro. Não podia deixar de lamentar que madeiras tão lindas fossem empregadas humildemente na obra em inicio. O *pau ferro*, tambem chamado *coração de negro* (14) era o mais valioso que eu empregava. As cascas desse pau não são duras mas seu miolo rompe os machados. Assisti desenterrar pedaços dessa madeira que tinham, ha longos anos, servido para sustentar o telhado de uma casa, e embora o exterior fosse uma pocira, o cerne escuro semelhava o ferro, parecendo mais haver ganho que perdido em dureza, (15). Essa madeira admite consideravel polimento, mas a madeira negra mais estimada para mobilia é o *jacarandá*, tambem resistente porem mais penetravel que o "pau ferro", e o polimento que recebe é mais completo (16).

O *pau d'arco* é outra madeira valiosa, e assim chamada, imagino, por que os Indigenas dela se serviam para seus arcos. E' muito usada nas edificações e tida como tão duravel quanto o "pau ferro". Dizem que se fende em varetas, todas flexiveis mas sem quebrar-se. O "pau d'arco" tem a propriedade de conservar o fogo por muito tempo sem ser atizado e lançar uma chama brilhante quando ocasionalmente espevitado. A gente do povo aproveitava essa vantagem, partindo as achas em felpas finas, formando um feixo que pode ser acêso, servindo de tocha. Outrora, quando tudo estava em situação mais atrazada e rudimentar no Brasil, os engenhos eram iluminados como os "pau d'arcos" no lugar do óleo. Ouvi mesmo contar que, em alguns engenhos de instalação inferior, continuava essa pratica. As cinzas dessa arvore são empregadas para temperar as caldas do açúcar nos engenhos.

O numero das especies de madeiras finas é muito grande no Brasil, mas conheço diretamente apenas alguns tipos (17).

O *louro* é uma grande arvore, e de que ha tres especies, todas empregadas principalmente em vigas para habitações, porque a madeira apodrece depressa enterada ou exposta ao ar livre (18). A madeira mais procurada para portas, janelas, assoalhos, é o *pau amarelo* (19). E' uma arvore possante e o nome porque é conhecida lhe é perfeitamente apropriado nos seis primeiros mezes depois que é cortada mas sua côr amarela, apoz esse periodo, muda, e a madeira se torna de um cinzento sujo. As canôas são quasi exclusivamente feitas com o "pau amarelo". O *pau santo* (20) é raro e muito procura do para certos usos porque não é sujeito a fender-se, curvar-se ou quebrar, e é comumente empregado para dentes dos moedores de cana de açúcar. A madeira é lindamente veuada de amarelo e castanho mas depois de certo tempo toma uma tonalidade escura e suja. Ha tambem uma arvore chamada *cedro* (21) se é o "Cedro" ou não, estou sem poder determinar. A madeira é dura e muito usada para construções (22).

Fiz cortar todos os mangues que cresciam ao longo do meu terreno assim como outras arvores até as margens d'agua salgada. Entre essas estava a *aroeira* (23), pequeno arbusto irregular, cuja madeira é tenra para que possa servir nas construções, e o seu unico encargo, tendo as folhas um leve cheiro aromatico, é ser usada no preparo do peixe ao qual ela comunica seu odor. Colocam-na sobre o girau ou *boucan* (24) e se estende o peixe por cima. Costumam, ás vezes, enrolar o pescado nas folhas quando o querem enviar a certa distancia , (25). Esse arbusto cresce somente nos lugares proximos ao mar. È possivel fazer-se uma bôa sebe porque enraíza

depressa. Eu mesmo o empreguei nesse proposito. O *molungo* (26) e o *pinhão* (27) têm a mesma propriedade e como o primeiro é armado de fortes espinhos, tem a vantagem da preferencia sobre a "aroeira". O "molungú" cresce espontaneamente nos lugares umidos, mas seus ramos criam raizes nas terras sêcas, a menos que não lhe faltem as chuvas longamente. Grande numero de "molungús" nascia perto da minha casa, justamente abaixo de onde uma nascente d'agua havia ensopado o pé da colina. O *coceira de vaca* (cow-itch) tambem é encontrado com abundancia. É chamado pelos moradores *machonan* (28).

O "pinhão" exige menos chuvas e cresce depressa, como o "molungú", mas é sem espinhos e não é tão grosso. A semente do "pinhão" é empregada como emetico pelos moradores, mas é de ação violenta e a menor dose é suficiente para um adulto. O fruto contem tres sementes e é do tamanho de uma avelã. Durante o meu terceiro acesso de febre, que me atacou no Jaguaribe, fiquei sob os cuidados de uma velha mulata, que jamais vira alguem mas parecido com uma feiticeira, e com effeito a pobre velha Antonia gozava da reputação de ser um tanto *mandinqueira*. Deu-me uma dose de "pinhão", composta de quatro grãos, escolhidos entre muitos, na razão do volume. A droga agiu violentamente, produzindo vomitos, seguidos respectivamente por uma extrema fraqueza, e a febre desapareceu. Pedí que me desse uma quantidade igual á que me fôra ministrada e a levei comigo ao Recife onde a mostrei a um profissional, que me asseverou ser a dose suficiente para matar uma pessoa, mas a velha e famosa feiticeira sabia muito bem que as molestias perigosas exigem ataques severos (29). Depois que a febre me deixou, a minha ama não se satisfez antes que applicasse a casca da *mutamba* (30) sobre meu estomago, ou melhor, justamente abaixo das costelas, onde

ela dizia prevenir contra a *dureza*, descrita como um endurecimento logo depois das costelas baixas e que era produzida muitas vezes pela febre e que, não sendo tomadas precauções, terminaria, com o tempo, por uma hidropisia. Não tolerei a continuação da "mutamba" por muitos dias por que me sentia bem e podia dispensar o auxilio dos remedios. A "mutamba" é uma pequena arvore, tendo o caule direito, crescendo de dezoito a vinte pés, com o diametro de quinze a dezoito polegadas. A casca é facilmente retirada e extremamente viscosa.

A *gameleira* preta, assim chamada pela côr escura de sua casca, é uma grande arvore que nasce nos terrenos baixos e empoçados. O tronco contem um sumo branco, muito apregoado para o tratamento de todas as erupções e hidropisia, tomado internamente. O sumo é obtido fazendo-se uma incisão no tronco e aparando-se num vaso o liquido que escorre (31). Ha outra especie da mesma arvore, distinguida com a denominação de *gameleira branca* (32) e que é inutil.

Fui, em Setembro, obrigado a deixar minha casa, durante tres dias, devido a uma causa imprevista. Uma baleia encalhou sobre um dos bancos d'areia na entrada do ancoradouro. Era a terceira vez que os moradores de Itamaracá eram favorecidos com visitas desse porte. As jangadas foram até lá e na maré alta ela flutuou e foi rebocada para o porto pelas pessoas interessadas na especie e a deixaram na praia na linha de preamar, umas trezentas jardas da minha casa. Muitos dos vizinhos se ocuparam em fazer oleo, e qualquer um tinha a liberdade de levar a quantidade de oleo de baleia que julgasse necessaria. Um homem chegou a entrar dentro da baleia e raspou as gorduras que o sol havia derretido. Quando o povo abandonou a carcassa ao meio-dia ou a noite foi esta assaltada pôr numerosos vôos dos urubús, e ficou completamente coberta por eles. As arvores derredor do

local estavam ocupadas por essas, aves aproveitando todas as oportunidades para satisfazer seus apetites ilimitados. O urubú é, aproximadamente, o duplo do corvo comum na Inglaterra. È inteiramente negro, excetuando a ponta do bico que é branca, como me disseram, porque não observei diretamente. Onde quer que se encontre a carcassa de um animal, essas aves se reúnem rapidamente, depois da morte da presa, e vêm em maior ou menor numero, de acôrdo com o volume do corpo. Os moradores contam muitas historias sobre o Rei dos Urubús, que tem um tufo vermelho na cabeça, mas eu nunca ouvi noticia certa sobre esse soberano.

O mau cheiro exalado pela baleia se tornou insuportavel em poucos dias, obrigando-me a mudar de casa, e falei a um velho negro-creôlo, carpinteiro, para que me permitisse habitar sua cabana que era asseada e clara. Ele consentiu e foi morar por algum tempo com seus amigos.

NOTAS AO CAPITULO XIV

(1) Têm o nome de "Formiga de roça". A palavra "roça" significa literalmente um trecho de terra em que se plantou, depois de haver-se arrancado a vegetação nativa e limpado tudo. Presentemente, em Pernambuco, "roça" é aplicada para a plantação exclusiva da mandioca. Qualquer agricultor dirá: — "um bom roçado de roça", por "um bom campo de mandiocas". O vocabulo "roçado" se emprega falando de toda especie de plantio, como "um bom roçado para algodão", "um bom roçado para cana", etc. (K). Formiga de roça, saúva, sauba, *Ecodonea cephalotes* ou *Alta cephalotes*. (C).

(2) Na "Nouvelle Relation de la France Equinoxiale", por Pierre Barrere, encontrei que a grande formiga vermelha também é perturbadora nos arredores da Cayenne, como nas partes da America do Sul que visitei. p. 60. (K).

(3) Tióca, taóca, ou taióca, "especie vulgar de formiga do genero ECITON, a que os indios davam o nome de *taúoca* ou *taóca*, e dahi *taióca*. Vermelha, inofensiva, tem concurrentemente os nomes de *formiga de forragem*, *de correição*, e *de assucar*, por gostar muito de doces. Não tem habitação fixa, emigram em certas epochas de um lugar para o outro, cobrindo em sua marcha muitas braças de terreno, tal a sua prodigiosa quantidade. PEREIRA DA COSTA, "Vocabulario Pernambucano". STRADELLI informa que "E' formiga essencialmente carnívora e por onde passa não fica inseto ou bicho nenhum. O que não foge é morto e devorado. Quando uma casa é sobre o seu caminho e é invadida pelas taócas, a limpam, lhe passam

uma verdadeira correição, nela não fica nem rato nem barata; os próprios moradores muitas vezes são obrigados a retirar-se e esperar que passem para voltarem. "VOCABULARIO NHEENGATU-PORTUGUÊS". (C).

(4) Diz Labat: — "Cet insecte engraisse les volailles". Sei que as galinhas gostam muito deste inseto mas os moradores de Pernambuco não permitem que as galinhas o comam porque dizem que essa alimentação dá um máu sabor á carne. Penso que isso pode ser possível porque o cupim tem um cheiro desagradavel. O autor continua informando: — "Il y a deux sortes de bois qui ne sont pas de leur goût: l'acajou e le bois amer. Cela vient de ce que le escuc et le bois de ces deux arbres est extrémement amer. "NOUVEAU VOYAGE", tomo III, p. 389 e 392. Não sei que arvore é chamada *bois amer*, noutra parte denominada *Simarouba*. Sei muito bem que a formiga vermelha não corta a folha do cajueiro, mas o mesmo ocorre com muitas outras. As folhas do cajueiro são certamente amargas ao extremo. (K).

(5) Informa Alfredo da Matta, "Vocabulario Amazonense", p. 110: "Cobra de Duas Cabeças" — (pop) — Saurio das especies *Amphibaesma silvestris* e *A. fuliginosa* e *A. alba* e *A. gymnophioma*, com escudos ou placas na cabeça, aneis formados por sulcos longitudinaes entrecruzados por outros transversaes. Extremidade posterior rhombica a similar outra cabeça. E' lacertilio amarelo pallido, que alimenta-se de formigas e têm o seu ninho geralmente nas galerias das mesmas. Não é cobra, não tem peçonha. E' um saurio. Mãe da Formiga na Amazonia. "Maregrav dizia ser chamada pelos Indigenas *ibiáva*. Frei Vicente do Salvador registou: — "Outra ha que chamam de duas cabeças, porque tanto mordem com o rabo como com a cabeça." Historia do Brasil, p. 43. (C).

(6) *A rattle-snake*, cobra-de-chocalho, cascavel, boicininga, hoicununga, crotalideo, *Crotalus terrificus*, Laur. O veneravel Anchieta descreve a varias vezes em cartas e relações, como *boicininga*, que quer dizer, *cobra-que-tine*, porque tem na cauda uma especie de chocalho, com o qual são quando assalta alguém... (1560) ...Ha outras que têm na cauda um cascavel que tange... (Informação, 1585). (C).

(7) Cobra de Coral, Colubrideo, *Elaps corallinus*, Wied. (C).

(8) Li o que Piso escreveu sobre as cobras do Brasil, e mesmo que a sua descrição seja diversa da que fiz, registro-a, embora a ouvisse por muitas vezes e mesmo observasse originalmente. Piso menciona a raiz da Jurubeba como sendo eficaz para o tratamento das dentadas de cobra. Que é Jurubeba? Sendo assim, estou admirado de não mais usa-las para esse fim. A jurubeba, que se encontra em todos os recantos, é um pequeno arbusto, produzindo frutos semelhantes a batatas. A decotação dessas raizes é empregada frequentemente, ainda hoje, para tosses e resfriados. Piso fala tambem na *caatia*, ou *caiatia*, ou *caacica*, planta que, segundo sua informação, obteve o nome de *herva de cobras*. A descrição que faz, á pagina 102, concorda até certo ponto com a *herva cobreira*, da qual falei no capitulo XII, mas é difficil ser a mesma porque a minha é mais comum e indigena. (K). A jurubeba de que fala Koster é uma solanacea, a *Solanum paniculatum*, de Linneu. (C).

(9) History of Brazil, p. 47, vol. I, (K).

(10) History of Brazil, vol. I, p. 485. (K).

(11) Mangue vermelho, *Rhizophora mangle*, Linn. Anchieta descreveu-a em 1560, arvore do mangue. (C).

(12) Mangue bravo, mangue branco, *white-mangrove*, *Peletuvier*, *La-gungularia racemosa*, Gaertn. O *peletuvier* francês é uma corrutélia de *apparituvier* e este de *apareiba*, nome indigena do mangue. (C).

(13) Labat em sua "Nouveau Voyage aux Isles de l'Amerique" dá um substancioso relato sobre os mangues. Ele fala em tres especies e trata em primeiro lugar do mangue negro ou *peletuvier*. Diz sobre essa arvore justamente o que escrevi sobre o mangue vermelho, com respeito a sua maneira de desenvolver-se e mesmo na descrição da planta, excetuando a parte rela-

tiva a casca, que ele informa ser, no mangue negro, *fort brune*, quando o mangue vermelho reciba sua denominação da cor vermelha da casca interior. Diz ainda que é usado para taninar, e "on peut se servir du tronc de cet arbre pour les ouvrages où l'on a besoin d'un bois qui résiste à l'eau", tomo II, p. 195 e 197. Suponho que ele chega a essa conclusão pelo facto da árvore crescer n'agua. Os mangues que conheço apodrecem rapidamente, mesmo n'agua salgada, servindo de pilares. Por outro lado, mesmo que eles se propaguem por meio de renovos, qualquer desses que seja plantado no solo, não enraiza e apodrece em terrenos diversos. As varas para os "currais de peixes" são de madeiras vindas da floresta e são raras e caras. Porque o mangue não seria empregado se ele fosse suficientemente duravel? Labat se refere depois ao *mangle rouge*, e pela descrição feita parece-me applicar-se ao tipo que se chama em Pernambuco mangue bravo, não crescendo n'agua salgada e sim nas vizinhanças. E uma arvore grossa, de forma irregular, com os galhos tortuosos e cheios de nós. Bolingbroke em sua viagem a Demerara, descreve o mangue vermelho tal qual o tenho visto, mas diz que a casca é cinzenta. No Terceiro Resumo dos Directores da "African Institution", p. 8, encontrei que haviam, em 1809, tido a ideia de introduzir o mangue na região para os cortumes. (K).

(14) Pau Ferro, Coração de Negro, chamado pelos indigenas *ymirá-itá*, pau-pedra e tambem Jucá (verbo "matar" em tupi) em nome ainda popularissimo. *Caesalpineia ferrea*, Mart. (C) Perguntei um dia a um negro o nome dessa arvore e respondeu: — *coração de homem*, não querendo usar a conhecida denominação de "coração de negro". O homem conhecia o nome usual perfeitamente bem. (K).

(15) O Pau-ferro é mencionado por Bolingbroke em sua viagem a Demerara, e o *bois de fer* por Labat na "Voyage du Chevalier des Marchais a Cayenne" e informa: — "*Le bois de fer se trouve partout en quantité*", tomo III, p. 240. (K).

(16) Maregraff fala igualmente numa especie de *jacarandá*, que é uma madeira branca. (K). *Jacarandá-branco*, *Machaerium leucopterum*, Vog, *Jacarandá-preto*, *Machaerium incorruptibile*, Fr. All, de uso abundante nos velhos mobiliarios. (C).

(17) Dou os nomes das especies que conheço: Peroba, Jacaranduba, Guabiraba, Araroba, Cicopira, Embiriba, Sapucaia, Aroeira do Sertão. Essa ultima se encontra somente em lugares distanciados do litoral, e é considerada de valor igual ao pau-ferro. Labat, falando dessas especies de arvores, diz: — "Je ne croi pas devoir renvoyer à un autre endroit la remarque que j'ai faite sur tous les bois qu'on met en terre qui est, que pour peu qu'ils soient bons ce n'est pas la partie qui est en terre qui se pourrit ni celle qui est dehors, mais seulement ce qui est au ras de terre. "Concordo até certo ponto, pois são algumas especies de madeira que apodrecem depressa quando enterradas mas o termo *au ras de terre* refere-se ás que apodrecem mais rapidamente. E continúa: — "Pour éviter cet inconvenient, il faut brûler la partie qui doit être en terre et quelques pouces au dessus, c'est-à-dire la sécher au feu ou dans les cendres rouges, sans la réduire en charbon, afin que la seve ou l'humidité qui s'y pourroit encore trouver, soit entierement dessechée, que les pores se renfermant, les parties se rapprochent les unes des autres, le bois devient plus compact et par consequent plus propre à resister à la humidité. "Nouveau Voyage, tom-II, p-386. Emprega-se esse processo em Pernambuco com grande resultado mas não se usa apenas nas madeiras que apodrecem quando enterradas. (K). O Pau d'Arco é uma bignoniacea, a *Tecoma umbellata*, Mart, Ipé, Pau d'Arco Amarelo, Ipé do Brejo. As outras arvores citadas por Koster, são: — Peroba uma apocinacea, do genero *Aspidosperma*, Jacarandiba, que ignoro, Guabiraba *Abbevillea maschalantha*, Berg, Araroba, *Andira araroba*, Cicopira ou Sucupira, *Bowdichia major*, Embiriba,

Couratari speciosa, Sapucaia, nome comum a varias lecitidaceas, *Lecythis amazonum*, Mart, *Lecythes ovata*, Camb, *Lecythes pohlii*, Mart, Aroeira-do-Sertão, *Miocradon urundina*. (C).

(18) Louro, *Laurus nobilis*, L. (C).

(19) Pau Amarelo, Amarelo-Vinhatico, *Echinospermum balthazarii*, Fr. All. (C).

(20) Pau Santo, *Zollernia paracensis*, Hub. Ha outro "pau santo", espongoso, que é uma acantacea, a *Trichantera gigantea*, H. B. K. Koster se refere a primeira, uma leguminosa cesalpinea, famosa nos trabalhos de marcenaria. (C).

(21) Dão o nome de "Cedro" a varias grandes arvores da familia das Meliciaceas, e "cedro-fáia" a certas Protaceas e sceneros *Andropetalum* e *Roupala*. (C).

(22) Labat escreve: — "L'arbre que nous appellons acajou ou aux isles du Vent, est le même que celui que les Espagnols appellent cedre dans la Terre-ferme et dans les grandes isles. Je ne sais qui a plus de raison; car je n'ai jamais vu les cedres du Liban, que selon les relations que j'en lû ne ressemblent point du tout au cedre Espagnol. "Ele informa ainda: — "Ce qu'il ne faut pas confondre avec l'acajou à fruit dont j'ai parlé dans un autre endroit. "Nouveau Voyage, tome VIII, p-208 e 212. Ele fala, no vol-II, p-94 em duas grandes canoas indigenas feitas de *pois d'acajou ou cedro*. Estou inclinado a crer que o *acajou* das ilhas e o *cedro* dos Espanhoes é o *pau amarelo* de Pernambuco. (K). Os "cedros" conhecidos têm nomes scientificos de *acajou*, *Acajou femelle*, *Cedre acajou*, na Guiana Francesa. Adolfo Ducke afirma que o cedro vermelho do Amazonas é da mesma especie do *Cedrela odorata*, L. No Brasil são meliciaceas e o Pau Amarelo é uma mimosacea. Labat previne contra a possivel confusão entre anacardiaceas e meliciaceas. Frei Claude d'Abbeville já escrevia, *acajou, fruit de l'Alcaouyer*. O padre Tastevin explica que o *acajou* à *planches*, isto é, o cedro, *porte en tupy le nom de AKAYAKA, qui par la dernière syllabe non accentué a pu donner AKAYA, d'ou acajou*. "L'acajou à meubles ou mahogon des Antilles et du Mexique, et acajou-bâtard ou curatelle doivent aussi sans doute leur nom à l'AKAYAKA. Les Tainos d'Haïti appelaient le premier "cahoba". Origine de quelques mots français empruntés à la langue tupy-guarany, no "Les Missions Catholiques", n.º 2622, 5-9-1919, Lyon, p-430. (C).

(23) Aroeira mansa, branca ou brava, *Lythraea molleoides*, Vell. (C).

(24) *Girau* or *boucan*. O girau serve tambem para guardar objetos, é geralmente uma especie de prateleira de serventia domestica. A forma é sempre de engradado, como Abueville descreveu: — *espece de grill de bois*. O certo nome é *moquem*, de *mbocaí*, o que faz secar ou assar. De muquem fizeram os viajantes franceses *bucam*, *mockaein*, como grafou Hans Staden. Ver Tastevin, opus cit-441. (C).

(25) Piso diz que o seu pequeno fruto vermelho é proprio para condimentar a comida, pela acidez e adstringencia. (K).

(26) Molungo, Molungú, *Erythrina corallodendron*, L. *Erythrina mulungu*, Mart. (C).

(27) Pinham, Pinhão, pinhão de purga, *Jatropha curcas*, L, da familia das euforbiaceas. "Uma surra de pinhão num feiticero ou catimbozeiro, quebra-lhe o poder da magia", regista Pereira da Costa. As "forças" de um "mestre de catimbo" se desfazem passando agua-corrente ou apanhando uma sóva de galho de pinhão. Do seu poder emetico, escreve F. C. Hoehne: — "Mas de uma vez já tivemos conhecimento de casos de intoxicação em creancas, e mesmo adultos, que por gulodice abusaram destas sementes ou aos quaes foram receitadas em dose elevada, como simples purgante. O dr. Otavio Vecchi, do Serviço Florestal da Estrada de Ferro Paulista, relatou-nos que, no interior deste Estado (S. Paulo), varios japonezes, recém che-

gados, achando sabor em taes sementes e desconhecendo seus efeitos nocivos, de tal maneira abusaram delas, que em pouco tiveram de ser socorridos pela assistencia medica, que só com grande trabalho os conseguiu salvar da morte. É um purgante drastico que só pôde ser empregado para adultos na dôse de 2 a 4 grammas de oleo." "O que vendem os Hervanarios da Cidade de São Paulo", p-181. (C).

(28) "*The cow-itch was also found here in abundance; it is called by peasants machonan*", escreveu Koster M. A. Jay, o tradutor francês de Koster, verteu: — "*L'arbre, que nous appelons en Angleterre GALE DES VACHES, se trouve au Brésil en abondance; on l'y nomme machonan*." Não conheço "machonan". Mucunan, *Mucuna prurens?* (C).

(29) O infatigavel e minucioso observador Labat, ás vezes insensivel e brutal, tambem menciona o pinhão, sob o nome de *medicinier ou pignons d'Inde* e dá um desenho. Seu estudo é detalhado e ele fala em tres tipos. Sobre a que trato, relata: — "*Sa fleur n'a rien de beau. Elle ne vient jamais seule, mais en bouquets composez de plusieurs fleurons d'une blanc sale tirant sur le verd. Chaque fleuron est composé de cinq feuilles en maniere d'étoile, qui font comme un cul de lampe arrondi avec un cok plus resserré et terminé par l'extrémité des feuilles qui se renversent en dehors. Le fond du fleuron est garni et comme renfermé entre cinq petites feuilles. C'est du centre de ces fleurs que l'on voit sortir le fruit; ordinairement il est de la grosseur d'une noix commune d'Europe.*" Diz ainda (depois de falar nas qualidades purgativas, como as de provocar vomitos), aludindo a separação da semente em duas partes: — "*Lorsqu'elle est recente elle se partage naturellement en deux parties, entre lesquelles on trouve une atite pellicule à qui on attribue une qualité de purger plus violemment qu'à tout le reste de la noix.*" Minha velha ereola dizia que o pinhão não podia ser ministrado sem que o fosse por pessoa conhecedora de suas virtudes, porque determinada parte da semente era venenosa. Labat continua, afirmando que quatro ou cinco sementes serão bastantes para uma dose de purgante, "mais quand on en prend une plus grande quantité, on s'expose à des vomissemens cruels et à des évacuations trop grandes." Ele menciona uma observação curiosa. Falando dos Europeus que comem as nozes sem conhecer suas propriedades, descreve: — "*une règle générale qu'il faut observer à l'égard des fruits qu'on ne connaît point est de n'y point toucher à moins qu'on ne voye qu'ils ont été bequetz par les oiseaux*" — Nouveau Voyage, tomo-III, pp-300, 301 e 302. Em Piso, p-83, ha um relato de que ele encontrou em Munduyguaçú, *Lusitanis Pinhoes do Brasil esjusque usu in medicina*. Tenho, possivelmente, citado em demasia o que escreveu Labat sobre essa planta mas segui tão de perto o que ele descreveu, que o meu estudo poderia ser suspeito de haver tomado sua narrativa por base. A planta ainda não foi estudada completamente mas as leituras das viagens talvez possam confirmar o que fora registado. (K).

(30) Mutamba, *Guazuma ulmifolia*, Lam. (C).

(31) Gameleira preta, *Ficus doliaria*, Mart. (C).

(32) Gameleira branca, *Ficus radula*, Woldl. Chamam-na tambem Gameleira lombrigueira. (C).

CAPITULO XV

RECRUTAMENTO. PAU AMARELO. IMAGENS. O SACRISTÃO. ANIMAIS. MARACÁS. CALCULOS DO TEMPO. APOLINARIO. GENTE DO POVO. MANDINGA. O TIMBÚ. ABÊLHAS. CHEGADA DE UM PADRE. UM FUNERAL. FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. OS FANDANGOS. A FORTALEZA DO PILAR. A GUARNIÇÃO. DEIXO ITAMARACÁ. VIAGEM PARA AGUA FRIA. CHEGADA A AGUA FRIA. AGUA FRIA. REPTIS. GRILOS. UM BATIZADO. INTRUDO. CRISTÃOS E MOUROS. UM VALENTÃO. DEIXO O BRASIL.

Nos mezes de Agosto e Setembro fiquei inteiramente occupado em plantar canas de açúcar. Alugara um certo numero de trabalhadores livres, tendo a necessidade, em toda sua plenitude, de fiscalizar pessoalmente o trabalho. Voltarei ao assunto n'outra oportunidade.

Nesse tempo foram dadas ordens de recrutamento para os Regimentos de Linha pelo Governador. Os homens exigidos são obrigados a esse serviço. As ordens vieram aos capitães-mores e foram distribuidas aos capitães. As instruções continham dessa vez, e creio que sempre contiveram, a indicação de prender as pessoas de mau character, de dezesseis e sessenta anos, enviando-as ao Recife para o alistamento, e nas familias que contassem dois ou mais rapazes solteiros, um deveria ir para o serviço do país. E' nessa ocasião que a tirania tem o seu esplendor, que o capricho e o arbitrio se aliam e que a mais injusta parcialidade prevalece, e se executa a mais intoleravel oppressão. O facto é que todo o país se arma, uns contra os outros, e todos os meios de surpreender

cada um são usados pelo vizinho. E' uma das mais impolíticas disposições praticadas pelo Governo, sem que perceba seus efeitos perniciosos e, como no caso vertente, as pessimas qualidades do espirito se expandem livremente, instigadas por aqueles a quem cahia sua correção. Vingança, violencia, fraude, quebra de confiança, são estimuladas e, em lugar de sua supressão, recebem encorajamentos.

A bondade do Governo provincial de Pernambuco, sob o presente Capitão General, não teve melhor circumstancia para comprovar-se. Ainda que esse gentilhomen haja por tantos anos exercido o cargo de chefe da provincia, é a primeira vez que dá as ordens para o recrutamento, e o fez sob absoluta necessidade, pela situação dos regimentos. Mesmo agora, as instruções dadas pelo Governador aos officiais encarregados da execução das ordens foram ditadas pelo espirito da bondade, se essa palavra pôde ser empregada quando o despotismo expede decretos como esse. A carta-official recomendada imparcialidade, ameaçando punição, no caso de infração sem a necessidade mais evidente. Mesmo assim, por muitas vezes, foram cometidas injustiças que não chegaram ao seu conhecimento. As petições dirigidas ao Governador queixando-se das arbitrariedades não surtiram proveito porque os recrutados, segundo o costume, são mandados logo para o Recife e seus nomes arrolados nas listas, e nesse caso somente o Soberano tem o direito de ordenar sua retirada, embora o Governador estivesse bem convencido da verdade que assistia ao reclamante na especie.

Um rapaz de respeito foi levado á presença de um capitão-mor que lhe propoz a alternativa de casar com uma moça que ele jamais vira, e que estava aos cuidados da familia privilegiada, ou tornar-se soldado. Ele preferiu essa ultima proposta. Foi enviado ao Recife e alis-

tado. Vi muitos rapazes serem levados para o serviço quando eram sustentáculos de suas famílias, sendo que outros, vivendo na ociosidade, foram protegidos pela defesa do capitão-mor e alguns mesmo ilegalmente incumbidos de prender os companheiros. Eu tinha o habito de ver quotidianamente um rapaz, de vida preguiçosa, sem deveres a cumprir, ocupado em espreitar seus antigos amigos para dar informações ao capitão sobre os lugares onde se ocultavam.

Por algumas semanas o país pareceu devastado por uma guerra civil. Bandos armados eram vistos em todas as direcções, procurando prender os recalcitrantes. Um individuo que não fosse bem conhecido não podia sair de casa sem um certificado do capitão do seu distrito, atestando sua situação, se era casado ou tinha outra causa de exempção. Nenhum homem sujeito á obrigação estava a salvo em sua propria residencia, porque a tropa vinha cercar as habitações onde se supunha estar o refugiado o individuo recrutavel. Péde permissão para entrar e, sendo recusado, não terá escrupulo em penetrar, rebentando a porta, entrando a força, e isso succedeu em muitas residencias do meu conhecimento e em varios pontos da região. Os casados parecem utilizados exclusivamente para a prisão daqueles que eram obrigados a apresentar-se para a militança. Os homens das Milicias estão livres da caçada humana, a não ser que o Governador apele para os coroneis dos regimentos aos quais pertençam. Entre as Ordenanças é que se exerce o recrutamento de que fálo. Os negros e os indigenas são excluidos dos Regimentos de Linha, os primeiros pela côr e os ultimos pela sua casta. Os brancos e os mulatos são os unicos admitidos.

A grande repugnancia geralmente sentida contra o serviço militar é explicada pela escassez do soldo e pelos máus fardamentos usados, e ainda o facto do trabalho

incessante afastar a possibilidade de uma outra profissão ou se ocupar de um encargo que não esteja ligado á vida de soldado. Varias pessoas idosas informaram-me de que, outróra, o serviço estava organizado de maneira totalmente diversa. Não havia dificuldade em obter-se o numero de homens exigidos para a tropa e ainda mais, havia interesse pela posição de soldado de Linha. Cada fortaleza da costa era guarnecida por um certo numero de moradores dos arredores. Os alistados como praças de Linha eram inscritos, cumpriam seus deveres no Forte, recebendo pagamento usual, mas não dependiam de remoção para outro ponto, e pelo numero a tarefa se tornava comoda, sendo, por esse meio, comum ter-se perto de si a mulher e os filhos e mesmo exercer a profissão em que estavam habituados a servir. Desta forma esses homens tinham motivos para que se batessem se o serviço exigisse luta contra inimigos do Estado, porque possuíam casas para defender e o conforto de que podiam ser privados, presos pelos fios que os retinham aos interesses locais, mas os Regimentos atuais eram constituídos de vagabundos e solteiros, dos quais não era licito esperar que batalhassem com o mesmo ardor que existia nos homens do passado, pela integridade de sua familia, e não era impossível que essas creaturas alugadas seguissem quem melhor paga lhes dessem.

O soldado da America do Sul deve ser feito de tempera diversa do soldado da Europa. Toda guerra que o Brasil necessite manter contra invasores do seu solo, verdadeiramente obrigado, deve ter um contacto directo com as vantagens peculiares ao país, e será uma campanha de guerrilhas, uma guerra na proteção das matas e das montanhas. Consequentemente, embora deva existir poucos e disciplinados soldados para constituir a base de uma força numerosa, como as circunstancias requererem, não será pela disciplina que os sucessos serão obtidos mas

pela afeição que tenham pelo seu Governo e pela sua terra é que o resultado advirá propicio ou adverso. A limitada população não permite que grande numero de homens (comparativamente falando) possa ficar inutil dentro de uma fortaleza, sem prestar qualquer serviço ao Estado, quando as terras ainda estão cobertas de florestas e cada ramo da industria reclama os braços adicionais. Alem disso, se conservardes uma grande tropa militar, tida como superior aos seus patricios, composta de homens inferiores, e a mantiverdes sem afeição aos seus superiores e sem qualquer ligação com o restante dos habitantes, executando a permissão de ofende-los, é provavel que, quando requererdes seu auxilio, estará sem energia e possivelmente, por um pagamento mais elevado, agirá contra aqueles que esperavam ser defendidos. Se o soldado e o paisano devem ser combinados numa mesma pessoa, é no Brasil que esse sistema pode ser seguido.

Os alicerces de uma igreja que fôra iniciada ás expensas dos *pés de castelo*, como os soldados de Linha são conhecidos, ainda podem ser vistos perto da vila da Conceição. A construção parou por ordem vinda do Governo de Lisbôa, por causa da mudança da administração.

Durante o recrutamento fui ao Recife e, viajando ao longo das praias do mar, vi em varias casas grupos de homens armados que esperavam encontrar um dos obrigados ao serviço. Na passagem de Maria Farinha um grande bando estacionava. Fui casualmente constrangido pela chuva a demorar numa cabana onde muitos individuos espreitavam sua vitima. Falavam alegremente dos estratagemas empregados para prender alguns recrutas assim como das pancadas que foram obrigados a dar, antes que se rendessem. Os homens que estavam destacados não recebiam soldo, embora fossem pobres. Teriam permanecido muito calmamente nos seus trabalhos, em casa, sem cometer violencias ou barbaridades que realiza-

ram se as perversas instituições do seu país não os estimulassem e ensinassem a ser turbulentos com os direitos legais, mas os hábitos máus não são facilmente abandonados e é de supor que muitos dos empregados atualmente se tornaram peores do que antes eram. O trecho do litoral entre a terra firme oposta a Conceição, ao Rio Doce, é um só distrito, e era a parte do caminho onde a maior anarquia preponderava. O capitão-Mor estava convencido que pessoa alguma queria entregar seus filhos para o serviço, e daí, sem explicações, começou a operar violentamente, prendendo o povo desprevenido para obter o maior numero possível de recrutas, no desejo de provar seu interesse pelo Real Serviço. Do Doce a Olinda, a costa pertence ao distrito de Olinda, e tudo estava tranquilo. O Capitão-Mor havia cumprido estritamente as ordens do Governador e o caso se conduzia com a regularidade que o sistema comportava. Menciono esses factos para mostrar que a execução diferente da mesma ordem do Governador provincial, dentro de curtas leguas, depende do character da pessoa que se encarregou de cumpri-la. Deus permita que eu veja esse sistema transformar-se, e os olhos dos que têm poder de efetuar essa reforma possam abrir-se para seu beneficio e o bem do povo que governam!

O rio de Maria Farinha é o mesmo que banha Jaguaribe. Sua embocadura é ampla e a barra permite a entrada de navios de certo porte. Os cavalos atravessam nadando mas a passagem é perigosa para eles porque a maré corre impetuosamente. Em minha jornada para o Recife, ao longo das praias, passei pelo Forte do Pau Amarelo, distante quatro leguas desse lugar. É pequeno e construído com pedras. A guarnição é fraca e quasi nominal, mas oferece uma confortavel residencia para um capitão do Regimento de Olinda. A parte oposta a onde o Forte está situado apresenta apenas uma breve curva

nesse ponto e podem os navios de ancora receber suprimento, detendo-se para embarcar refrescos. O desembarcadouro é bom. Wardenburgo, o comandante das forças holandêsas que invadiram Pernambuco em 1630, saltou em Pau Amarelo (1).

Tinha eu o habito de conversar com a gente do povo das minhas vizinhanças. Um velho, muito especialmente me agradava. Era creôlo-negro, baixo e grosso, sapateiro de profissão. Divertia-me imensamente com a sua maneira pomposa, exaltando em termos de extravagante eloquencia, as vantagens que gozava Itamaracá, e as excellencias de Conceição, em particular, sua terra natal. Lamentava muito a mudança do Prefeito e da Camara para Goiana, dando a entender que essa transferencia se devia a intriga, esquecendo a insignificancia de um lugar e a importancia do outro. Disse-me tambem, com veemencia de voz e de gesto, que o recente Vigario quizera levar a imagem de Nossa Senhora da Conceição para a Igreja Matriz do Pilar, mas os habitantes reunidos impediram a conclusão desse plano. "Não — exclamava ele — se a imagem chegasse a ser levada daqui e nós não ficassemos mais protegidos, immediatamente a Vila seria destruída," O Vigario, de quem falava, podia, se quizesse, ir residir no Pilar mas ele tambem participava do preconceito em favor da imagem, e dizia não querer rezar a missa deante de outro vulto mesmo na sua propria parochia. Essas imagens deixam de ser olhadas como representações daquelles a quem as orações são endereçadas. A fé é fixada na propria materia e a religião degenera em notoria idolatria (2).

Um episodio, de forma identica, succedeu no Pilar. Nossa Senhora, sob essa invocação, estava representada por uma pequena imagem já enegrecida pelo tempo. O padre que officia na Capela dessa povoação preferiu adquirir uma imagem de maior estatura a mandar pintar

de novo a imagem antiga, e o fez. Depois de mudar calmamente a imagem antiga para uma residencia proxima, colocou a nova Nossa Senhora no altar. Muitos habitantes não quizeram ouvir a missa desde que perceberam a mudança, e o padre, logo que terminou a cerimonia, voltou para sua residencia, situada a alguma distancia. O povo soube que a velha imagem estava nas imediações e descobriu a casa onde a tinham occultado. O proprietario mandou chamar o sacerdote, vendo que os acontecimentos trariam desagradaveis consequencias pessoais. O padre veio e, sem cerimonia, envolveu Nossa Senhora em um lenço, montou a cavallo e voltou para casa, pondo a imagem em um dos altares laterais da Igreja. Ainda hoje alguns moradores vêm orar perante a velha imagem, não obstante a inconveniencia da distancia (3).

O sacristão da Igreja era um mulato de caracter original. Tinha uma certa sagacidade e era extremamente prudente nas palavras que pronunciava, e quando lhe falavam relativamente a qualquer assunto, onde não se queria comprometer, dizia comumente: — *Em negocio de branco, negro não se mête!*... Esse camarada, um dia, punha a véla na mão de um agonisante, repetindo a palavra “Jesus”, como é o costume, e estando o paciente inquieto e aflito., Gonçalo continuou sossegadamente o lugubre officio, ajuntando, com perfeita indiferença: — *Morra, e deixe de bobagens...*

O negro-creôlo, de que falei, gostava de caçar animais de certa estatura, como os antilopes, que são chamados no país *veados*, e *pacas* (Cavia Paca). Procedia da seguinte maneira: fazem uma plataforma com varas grossas entre os galhos de uma arvore e alta de varios pés do solo, perto de uma dessas plantas de que os animais comem os frutos ou as folhas. Á noite, dois homens se collocam na plataforma e logo que era ouvido o passo de um animal um dos homens acendia um pequeno

archote, especialmente preparado, e o outro, como o dedo no gatilho, esperava a vinda da caça. O animal aproximava-se para perto, certo de não ser molestado, e faziam fogo contra ele. Os homens então desciam imediatamente, e se não encontrassem a caça na mesma ocasião, voltariam pela manhã para procura-la. È essa a forma comum de caçar esses animais (4). Ele caçava também o *tatú verdadeiro*. Pedi que obtivesse para mim um tamanduá, que é uma especie de comedor-de-formigas (5). Trouxe-me um exemplar, medindo seis polegadas de comprimento e a cauda cerca de doze, e seu pêlo era extremamente macio. O espécime fôra aprisionado junto a uma arvore, com a cauda enrolada n'um galho. Meu amigo preto, o sapateiro, disse-me que lhe tinham mandado comer carne de tamanduá, quando sofrêra de uma molestia eruptiva, e que era muito aconselhavel para as pessoas que se restabeleciam de boubas ou jaws. Disse-me ainda que a carne tinha o cheiro das formigas. A Preguiça só é vista acidentalmente (6), como a Cotia (*Cavia caudata*). O pôrco da India, pôrco da Guiné, só encontrei domesticado (7). No Jaguaribe a Capivara (*Cavia capybara*) é vista nos mangues. Os indigenas comem-na mas poucos negros aceitam. Ha um outro animal nos mangues, chamado no país *guachinin* (8), alimentando-se de caranguêjos, pelo que ouvi a seu respeito tem muita semelhança com um gato mas a cauda é longa. Nunca o vi. Também não vi a lontra, ou lontra-do-mar (sea-otter), mas o couro desse animal é muito valorizado para mantas de séla e é mesmo de um preço mais alto que o do jaguar.

Ouvi casualmente, conversando com pessoas das classes mais humildes da sociedade, que os indigenas continuam fieis aos seus costumes. Uma familia, que tinha muita amizade com os indigenas, habitava uma plantação nos arredores, embora não contasse elementos dessa raça

entre os seus membros. Quando os chefes dessa família saíam de casa, as moças tinham o habito de reunirem-se para divertimentos. Numa dessas ocasiões uma mocinha indigena levou uma das suas visitas para a cabana em que morava com seus pais, e como essa companheira tudo perguntasse, com a curiosidade feminina, sobre varios cabaços que estavam pendurados no quarto, a indigena, muito assustada, disse: "Não é bom olhar para esse lado. São os maracás que minha mãe e meu pai guardam sempre nos cestos mas hoje se esqueceram, na parte de fóra. "Não obstante as suas supplicas, a visitante apanhou um desses cabaços e sacudindo-o percebeu logo que continha pedrinhas. Tinham cabos e um tufo de cabelos no topo, e eram desenhados e gravados de maneira invulgar. O caso findou aí, mas, tempos depois, algumas mulatas resolveram espionar os indigenas, sabendo que eles dançavam nas suas cabanas, com portas fechadas, o que era perfeitamente incomodo e tambem inconveniente, mais agradável seria ao ar livre. Tiveram oportunidade de ver uma dessas reuniões. As cabanas são construídas com palha de coqueiro, e as mulatas conseguiram ver o que se passava, atravez das folhas. Um grande vaso de barro estava no centro, ao redor do qual dansavam homens e mulheres. O cachimbo passava de uns aos outros. Pouco depois uma jovem indigena disse, em grande segredo, a uma companheira, de classe diversa da sua, que fôra mandada dormir, dias antes numa cabana das vizinhanças porque seu pai e sua mãe iam beber *jurema*. Essa bebida é feita com uma herva comum, mas nunca pude persuadir a um indigena para que m'a indicasse, e quando algum asseverava desconhece-la positivamente, seu rosto desmentia as palavras (9).

Visitei em outubro um velho esquisito, cuja idade era geralmente calculada em noventa anos. Era um negro-reolo, que fôra escravo numa plantação dos santos Cosme

e Damião, na Varzea, ao sul do Recife, e residia em Igarassú, depois que tivéra sua liberdade, havendo casado com uma moça de sua côr, quando já contava setenta anos, e o vi cercado de filhos pequenos. O homem me disse contar os anos pelos Governadores e não pelos anos, e como esses, com poucas exceções, ficam cerca de tres anos á frente da administração, o calculo pôde aproximar-se da verdade. Esse modo de computação é muito comun. Quando perguntava pela idade de qualquer pessoa, recebia como resposta que o individuo nascera no primeiro, segundo ou terceiro ano de tal governo. A horrivel fome de 1793 era tambem uma indicação que servia de data em muitas circunstancias (10).

O velho Apolinario estava em Conceição com um amigo e lhe pedi que viesse a nossa casa todas as tardes com o fim de ensinar orações aos meninos, tarefa que sabia agradar-lhe imensamente, considerando-a ação meritoria, uma das que supunha servir para auxiliar seu valimento junto a Virgem e S. Pedro, como me disse. Quando me vinha relatar o aproveitamento de cada negro, demorava-o para conversar. Falava sempre nos Jesuitas, que ele chamava "Padres da Companhia", e ajuntava: — "È preciso não falar muito porque o nosso Principe não gosta dêles. "Mas afirmava, eram verdadeiramente santos e muito diferentes dos atuais. Ficou admirado verificando meu conhecimento no que se lhes relacionasse. E dizia: — "O senhor não era nascido nessa epoca, e se fosse nascido não estava em Pernambuco, e onde soube essas cousas que sucederam no tempo passado?" Não consegui faze-lo compreender perfeitamente onde eu obtivera meus conhecimentos. Não é, entretanto, a unica pessoa que se admira, tomada de surpresa, não admitindo que se possa ter conhecimentos pelos livros espalhados por todo o mundo, e que os homens escrevam para a instrução alheia. Alguns, dessa mesma classe com quem palestrava muito

confusamente, ouviam-me falar sobre a variedade das linguas e sobre os países do globo, e diziam: — “E como pode um desses povos entender o outro?” Respondia que os idiomas podiam ser conquistados pelo estudo. Replicavam: — “Sim, entendo”. E concluiam: — “A sua gente é mais sabida que a nossa. Nós só podemos conhecer a propria. “Esse povo é invariavelmente humilde e está sempre pronto para receber a instrução.

Os trabalhadores dos canaviais nos distritos vizinhos, perto da costa, e os pescadores, têm character semelhante, todavia falam mais favoravelmente dos primeiros que dos ultimos, e eu confesso que prefiro como creado um homem que tenha sido plantador de mandioca áquele cuja vida se passou sobre uma jangada. Essa gente, dizem, é menos corajosa, menos sincera e menos hospitaleira que os sertanejos, mas são geralmente menos vingativos, mais obedientes e mais facilmente dirigidos e mais religiosos, e embora seus conhecimentos sejam muito limitados, a frequente comunicação com Recife e outros portos, os tornam mais sabedores do que se passa no mundo do que os habitantes do interior. As escolas gratuitas, estabelecidas em muitos lugares, prestam valiosos serviços, e ainda que a leitura por distração esteja abaixo da compreensão de muitas pessoas da classe inferior, e aquisição dos rudimentos da instrução prepara-os para um desenvolvimento quando os livros começarem a espalhar-se. A's vezes um dos meus vizinhos, em Itamaracá ou Jaguaribe, chegava no momento em que eu estava lendo e ficava surpreso por saber como me divertia com aquella occupação. Recordo que um amigo exclamou: — “Não és padre, e sempre estás lendo. É um breviario, que lê?” Noutra ocasião soube que gozava de fama de santo, entre a gente de côr dos arredores (*Dizem, que Vm. é muito santo*) pelo facto de estar sempre lendo. A pessoa que sabe ler, escrever e contar, atingiu ás alturas da perfeição

e é muito respeitada, e depois desses ultimos anos é visto de maneira inferior o homem que não sabe todas as cousas. As mulheres especialmente tomam elas proprias muita vantagem desse estado que as coloca no mesmo nivel de seus maridos. Falando sobre o caracter geral do povo livre, não inclúo os senhores de engenho, cujos conhecimentos são, algumas vezes, consideráveis, e os indigenas, inteiramente separados, devido seu estado de degradação, todavia faço incluir as pessoas brancas dos pequenos proprietarios. È surpreendente notar, com evidente prazer, a pequenina diferença que se faz entre um branco, um mulato e um negro, se eles são todos pobres ou se nasceram livres. E' surpreendente porque nas colonias da Inglaterra, França e Holanda, as distincões são decididamente marcadas, e no meio dos Espanhois as linhas estão estabelecidas entre as varias gradações da côr.

Recordo-me que Apolinario narrou um episodio que lhe succedeu quando residia na Varzea. Encontrara o Vigario da parouquia a cavallo, com o Santissimo, que era levado para um doente. A chuva caía torrencialmente e a lama da estrada ia pela meia perna. Era, entretanto, indispensavel prestar os respeitos tradicionais e, consequentemente, o velho negro ajoelhou-se num só joelho, e quando o Vigario passou, gritou-lhe: "Perdôe-me, senhor Vigario, porque estou com um joelho apenas, mas se eu puzer os dois no chão, não me poderei levantar depois." Dizia-me essa frase com a perfeita gravidade, e eu percebia que ele lembrava essa circumstancia como uma das maiores acusações contra sua religiosidade.

Um dia, o velho me veio ver, com a face espavorida, e mostrou-me uma bola de folhas, amarrada com cipó, encontrada sob um par de taboas, sobre as quais dormia no terraço, tendo deixado a casa do amigo e se hospedado na nossa. Esse molho de folhas era do tamanho de uma maçã. Só compreendi a razão do seu terror quando

me disse que era uma *mandinga*, posta ali com o fim de fazê-lo morrer, e deplorava amargamente sua sorte, tendo, na sua idade, alguém que lhe desejasse a morte, tirando-o desse mundo antes de Nossa Senhora chama-lo para ela. Eu sabia que duas negras estavam em discordia, e as suspeitas recaíram sobre uma que tinha relações com o velho mandigueiro do Engenho Velho, e a mandei chamar. Julguei logo que a mandinga não fôra feita para o velho Apolinario, e sim para uma das negras cujo serviço era limpar o terraço. Ameacei de prende-la no Pilar e de envia-la para o Pará, se não descobrisse o misterio, e ela revelou, mas somente depois de ouvir-me ordenar ao feitor que se preparasse para conduzi-la ao Pilar. Disse-me que a mandinga estava colocada para atrair a afeição de um dos negros que preferia uma sua companheira. A bola da mandinga era formada por cinco ou seis especies de folhas de arvores, entre outras a da romanzeira. Havia tambem dois ou tres farrapos, areia de um tipo especial, cinzas de ossos de algum animal, e podia conter outros ingredientes que não identifiquei. A mulher queria protestar sua ignorancia, e possivelmente nada soubesse sobre os elementos contidos na bola. Tomei a serio o caso da mandinga porque sabia a fé que, não somente os varios negros têm nela, mas igualmente os mulatos, e declarei que estava zangado com quem tivera aquela intenção criminosa e não porque acreditasse nos seus efeitos. Ha outro nome para essa especie de encanto. É *feitico*, e os iniciados são *feiticeiros*. Num canavial de S. João, na ilha, havia um desses feiticeiros causando tanto pavor que o seu dono o vendeu para o Maranhão.

O velho Apolinario, para se tornar util, tomou conta do meu galinheiro. Tinha eu grande quantidade de galinhas comuns, e como limpava meu terreno até uma consideravel distancia derredor da casa, as galinhas tinham bom espaço, sem temer as raposas. Possuia tambem

patos, perús e pombos, e os filhotes desses ultimos eram frequentemente devastados pelo *timbú* (11). Esse animal é do tamanho de um gato pequeno, tendo cauda comprida, escamosa e esbranquiçada. A côr do corpo é cinzento escuro, com duas listas brancas, do nariz á cauda, sobre as costas. A cabeça é alongada e o focinho pontudo, e tem um grande saco abdominal. Quando perseguido, e prestes a render-se, enrola-se na sua cauda. Dou essa descrição como a recebi, porque, embora tentando apanhar um deles, nunca fui bem sucedido. Possuía alguns ganços no Jaguaribe e em Itamaracá mas, por uma razão que ignoro, os filhotes escapavam raramente. Varias outras pessoas tiveram as mesmas dificuldades. Os *guinés* (12) são estimados, mas dão muito trabalho pelo seu humor belicoso, obrigando a conserva-los em ponto isolados das outras especies de aves. Vi apenas um casal de pavões em Pernambuco. Estava no jardim da viuva de um negociante, nos arredores do Recife. Encontra-se muitas jaçanãs (snipes) e patos selvagens nas grandes lagôas e mesmo na ilha, em certa epoca do ano. Ha grande numero de pombos bravos. As abelhas que vi n'algumas casas são conservadas na parte de um tronco de arvore onde foram originalmente encontradas. A arvore é abatida e levada para casa. As abêlhas são negras e muito menores que as da Europa e sua picada não é tão dolorosa. O tronco de madeira onde elas habitam, é serrado ou cortado de maneira particular, que não a posso descrever exatamente, mas é possível extrair o mel com facilidade. O mel é sempre liquido. È empregado na medicina como na alimentação, mas a pequena quantidade que se consegue obter torna o produto apenas possível para os remedios (13). No mez de Novembro chegou para visitar o Vigario um padre, cujos esforços são incessantes em tudo quanto se relacione com o desenvolvimento do seu país. Detivera-se algum tempo antes com um

amigo na Paraíba, e tinha desenhado uma pedra sobre a qual estava gravado grande numero de caractéres desconhecidos e muitas figuras, uma das quais parecia querer representar uma mulher. A pedra ou rocha era larga e situada no meio do leito de um rio que fica completamente a sêco durante o verão. Quando os moradores dos arredores o viram trabalhando nesse desenho, disseram que muitos outros existiam em varios pontos na vizinhança, e deram o nome dos lugares.

Ele tem a intenção de voltar no proximo ano para ve-los a todos. Possuiria eu copia do curioso desenho se a minha partida de Pernambuco não fosse apressada por circunstancias imprevistas. Fui, por esse tempo, convidado para assistir ao enterro de uma jovem senhora, casada e pertencente a uma familia respeitavel. Compareci á residencia do Vigario ás cinco horas e fomos em companhia de tres outros padres. Ao cair da tarde parti para a Igreja onde os sacerdotes já estavam de batina e vestiam os roquêtes, e o Vigario tomou um grande crucifixo de prata. Seguimos a pé até a casa onde estava o corpo. Vestia o cadaver o habito escuro dos Franciscanos, porque a finada pertencia á Ordem Terceira de S. Francisco. O corpo estava estendido no esquife, com o rosto descoberto, e cercado de muitas velas acesas. As tunicas que vestem os cadaveres dos irmãos e irmãs leigos da Ordem Terceira são obtidos no Convento de S. Francisco e dizem que pertenceram aos frades mortos mas, provavelmente, seriam roupas usadas pelos frades vivos que desta forma se livram delas, tendo uma renda razoavel por esse meio. No aposento estavam reunidos varios parentes da defunta e pessoas convidadas. Apoz os cantos sacros da encomendação, foi dada uma véla a cada um de nós e, acesas todas, partimos para a Igreja, andando vagarosamente, aos pares, e o ataúde carregado por quatro homens, acompanhados pelos canticos durante todo percurso. No meio

da nave uma eça se erguia, com quatro pés do solo e depois de colocar-se aí o caixão os assistentes fizeram um circulo enquanto os padres cantavam. O corpo foi depositado perto, num tumulto na Igreja, e coberto de cal. Os amigos das pessoas falecidas têm o habito, nessas ocasiões, de convidar muitos padres para o funeral, quantos sejam possiveis ás finanças, mas no presente caso os sacerdotes vieram sem remuneração alguma porque a jovem senhora era parenta proxima de um padre muito estimado pelos seus colegas. Convidam igualmente todos os vizinhos que sejam do mesmo nivel social do finado, afim de dar á cerimonia a maxima solenidade. Não obstante a inconveniencia manifesta e o dessasseio desse costume e os funestos resultados, todos os cadaveres são sepultados dentro das Igrejas. O preconceito contra os enterros ao ar livre é tão poderoso que os proprios padres não ousam alterar esse modo de proceder, mesmo que o desejassem fazer. (14).

Pelos fins do mesmo mez, Novembro, é costume o Vigario indicar quais as pessoas que devem fazer as despesas das nove noites que antecederam á festa de Nossa Senhora da Conceição, isto é, pagar os foguetes, os fogos de vista, azeite etc. Cada noite é preparada nessa epoca por uma ou mais pessoas da vizinhança immediata, e a maior ou menor despesa será de acordo com os meios e vontades dos individuos indicados. Era meu costume habitual acompanhar o Vigario a Igreja aos domingos e dias santos e voltar com ele para casa afim de almoçarmos juntos. Estava na Igreja quando se lia a lista dos nomes dos que providenciariam para as nove noites, e fui surpreendido ouvindo meu nome, com um outro vizinho, para a nona noite. Eu tinha uma certa suspeita desse caso porque ouvira algum sussurro sobre o assunto entre o povo, e o costume é nada comunicar aos interessados antes da proclamação. Começamos, na manhã seguinte, os pre-

paratorios para a festa, mandando buscar ao Recife as bandeiras de varios navios, de fogos de artificio, foguêtes e alguns musicos da banda regimental de Olinda, por intermedio de um amigo que falou ao coronel. Mandamos buscar Nicolau, negro creoulo, alfaiate de profissão, cuja fala alegre e pés ageis para a dansa e o canto eram preferidos á agulha, e combinamos com ele mandar buscar da povoação do Pasmado o grupo dos atores do *Fandango* (15). As bandeiras foram arvoradas, logo na manhã cedo do nosso dia, no alto dos mastros em fila dupla, ao redor da praça, e ao nascer do sol disparamos muitas roqueiras tudo quanto é usado nessas festas, compostas de um pequeno e grosso tubo de ferro, com a bôca desproporcionadamente escancarada, posta no chão, onde se põe a mécha. No correr da jornada a musica tocou e pela tarde, acendemos cerca de vinte fogueiras na praça da vila. As casas foram iluminadas com lampadas feitas da metade de uma casca de laranja, contendo uma pequena porção de algodão e azeite. Tinhamos plantado, em varios pontos da praça, muitas cruces alumiadas pelo mesmo processo. A Igreja estava repleta e o rumor do povo era intenso. As roqueiras troavam nos intervalos, e os musicos do festival, com violinos e violoncelos, tocavam dentro da Igreja, e os musicos de Olinda, do lado de fóra. Os foguêtes subiam sempre. A balburdia era extrema. Muitos cavalos amarrados em todos os quarteiros aos postes das portas e guardados pelos meninos, enquanto seus donos se divertiam, partiam as redeas e fugiam, aumentando, não em pouco o barulho e o alarido. As cerimonias na Igreja terminaram tão tardiamente que os "Fandangos" foram transferidos para a noite seguinte. A musica tocou na porta do Vigario, que estava cheia com as primeiras familias da ilha, e deante da casa reuniu-se uma multidão. No momento em que a musica acabou, um *improvisatori*, ou *glozador*, como são chamados,

elevou a voz e dedicou alguns versos em louvor do Vigário. Louvou também Nossa Senhora, num estilo curioso, dando-lhe muitos títulos, apropriados ou não, retirado da sua memória. Depois mudou o rumo e cada um de nós foi louvado, e ouvi o nome de *Henrique da Costa* como fiquei metamorfoseado, e repetido por vários outros. Fui muito elogiado pela superior piedade, dando um esplendida noite em honra de Nossa Senhora. Na tarde seguinte, fizemos todos os arranjos para os "Fandangos". Construíram uma espaçosa plataforma, no meio da praça, deante da residência do Vigário, n'uma altura de uns tres pés. A noite, acenderam quatro fogueiras, duas em cada lado e logo a seguir os atores fizeram sua entrada. A historia que forma o fundamento desse divertimento é invariavelmente a mesma. As "partes" não foram escritas e devem ser supridas pelos atores, mas esses, praticamente, conhecem mais ou menos o que devem dizer. O cenario é um navio no mar, durante uma parte do tempo navegando regular e tranquilamente, mas ao final da viagem está em perigo. A causa da desgraça na travessia fica muito tempo desconhecida e por fim a equipagem descobre que é o Diabo que está no navio, disfarçado em gageiro no tampo da mezena (mizen-topmaster-man). As pessoas representadas são: O Capitão, o Piloto ou Mestre, o Mestre, o Contramestre (boatswain), o Capelão, o Ração ou distribuidor de rações o Vassoura ou varredor do convez, o Gageiro da gata (mizen-topmaster-man), aliás, o Demonio (devil). Doze homens e meninos, cantadores e dançarinos ficam em cena, seis para cada lado e o chefe do côro senta-se ao fundo do tablado, com a viola (guitarra), com a qual marca o compasso e, ás vezes, é ajudado por um segundo violeiro (guitarra-player). O navio é construído para cada vez. Os atores param no alto da plataforma e o navio aparece a distancia, com todas as velas desfraldadas, rolando sobre ocultas rodas.

Logo que a embarcação chegou para perto do palco, de-teve-se e a representação começou. Os homens e os meninos, que deviam cantar e bailar, estavam vestidos com jalecos e calças brancas, com fitas amarradas ao redor dos braços e cinturas e com chapéus compridos, feitos de papelão colorido, na cabeça. O violeiro iniciou uma das cantigas populares no país, e o côro acompanhou-o, dançando simultaneamente. O numero das vozes era consideravel e a noite extremamente calma, o ato ao ar livre trazia todas as vantagens que não seriam existentes n'um ambiente fechado. A cena era admiravel, as fogueiras iluminavam o suficiente para que os personagens que representavam fossem vistos distintamente, mas, por detraz, tudo era escuro e parecia estar colocado numa imensa nave. A multidão que estava perto do tablado era grande e quando ataçavam as fogueiras a luz se tornava mais viva e se via maior numero de pessoas em cada ponto. Por intervalos, percebiamos os cavalos amarrados, esperando por seus donos.

Assim que o côro se retirou, o capitão e os officiaes superiores vieram para frente entretendo, longa e seriamente, uma conversa sobre o estado do navio e do tempo. Os atores envergavam velhas fardas das tropas irregulares do país. Foram substituidos pelo Contra-Mestre e dois palhaços (16). O primeiro dava suas ordens e os dois ultimos fizeram tantas objeções que o official foi obrigado a bater em um deles, e muita grosseria se passou entre os tres. Veio depois o Capelão, com sua batina e seu breviario na mão e se tornou o bôbo dos palhaços como esses o eram do resto da equipagem. A linguagem mais injuriosa foi empregada sobre ele, sendo insultado e apodado da maneira mais irregular possivel. As pilherias se tornaram finalmente tão indecentes que obrigaram ao Vigario mandar fechar as portas. Os dançarinos vinham ao fim de cada cena, e é o que me foi

possível ver. Voltei para casa logo apoz o vigário haver mandado fechar as portas, e não vi a conclusão, mas a historia termina sendo o Demonio atirado por cima da borda e atingem o porto a salvamento.

Os actores não esperam pagamento e antes se consideram distinguidos quando são convidados. São pequenos negociantes, de varias classes, residentes no Pasmado, e que aguardam essas ocasiões para representar o FANDANGOS desde que sejam chamados, mas se não o forem, muitos virão provavelmente tomar parte nas distrações que a festa possa oferecer. Pagamos suas despesas e alimentação durante a demora. Estavam acompanhados por suas familias e foram todos tratados igualmente, em numero de quarenta pessoas.

Aproveito a ocasião para mencionar outro divertimento popular nas festas, conhecido sob a denominação de *Comedius*, mas que não tive a felicidade de assistir. Constróem um tablado, da mesma maneira desses que descrevi, e representam farças regulares, mas eu creio que as mulheres não tomam parte nesses atos, embora apareçam nos palcos do teatro do Recife.

Dormi uma noite no Pilar e pela manhã acompanhei o Capelão ao Forte, onde ia rezar missa por ser dia santo. O Forte é situado num banco de areia que se projeta pelo mar e que era antigamente cercado d'agua, mas o canal, para embarcações pequenas, que corre entre o Forte e a ilha, está quasi obstruído pela acumulação de areias na barra (17). Desmontamos a porta e os cavalos foram conduzidos para o Forte e postos na estrebaria do comandante. A sentinela pediu que tirasse minhas esporas, e passamos a porta, indo ao longo do caminho coberto até a area principal onde está a Capela, assim como outras dependencias, em ambos os lados. O comandante é capitão do Regimento de Olinda, homem de meia idade,

cheio de etiquêtas, e todos os officiaes são do mesmo estilo. Fui apresentado ao chefe e logo apoz seguimos para a Capela. Esquecendo o cerimoniaal, colloquei-me junto ao muro, na parte direita da Capela mas o comandante não quiz ceder seus direitos, e pedindo que me retirasse, occupou ele mesmo o lugar. Logo que a missa terminou nós nos retiramos. Uma ideia do estado do Forte pôde ser feita com a seguinte anedota. Um antigo Capelão fôra demittido pela não observancia de sua parte aos regulamentos do estabelecimento. A porta era aberta para sua entrada e de qualquer outra pessoa que desejasse ouvir a missa nos domingos e dias santos, mas uma vez, desgraçadamente, o Capelão viu o comandante atravez de uma brecha que havia nos muros e não querendo rodear para entrar pela porta, passou pela brecha, na anciedade de saudar o comandante, que ficou muito desconcertado com a occorrença. Nessa epoca a guarnição se compunha de Milicianos e uma ideia da disciplina com que são mantidos pôde ser dada pelo seguinte caso, que succedeu pouco antes de minha visita ao Forte. O Ajudante, que tinha entre setenta a oitenta anos de idade, ameaçou bater ou mesmo tocou com sua bengala, a um dos homens que recusara ouvir a missa. O camarada surpreendeu o velho official uma tarde e lhe deu tantas pancadas que o matou. O soldado evadiu-se e nunca mais se ouviu falar nele. Os canhões estavam em pessima situação e a provisão usual de polvora era apenas necessaria para as salvas nos dias de gala. Viam-se mesmo algumas pilhas de balas mas a maioria estava carcomida pela ferrugem. No curso deste ano alguns amigos do Recife me vieram ver. Tinha ido ao Amparo, para casa de muitos plantadores, mas não faço registo especial dessa visita por nada haver descoberto de novo. Fui ao Recife tres ou quatro vezes. Antes do começo das chuvas em 1815, deixei um dia Itamaracá com Manuel, pelas quatro horas da tarde, bem retardado

por ocorrências imprevistas. A temperatura era boa e a lua se devia erguer brevemente. Esperava uma noite agradável mas quando estávamos a umas três leguas da ilha a chuva começou a cair abundantemente e, chegando á plantação de Inhaman, meia legua adiante, estávamos completamente molhados. Inmediatamente depois desse lugar o caminho tem a um lado uma alta colina, e onde a água se precipitava em grande quantidade, cobrindo até os joelhos dos cavalos, e não obstante, alcançamos a estrada-das-boiadas e paramos em uma venda á margem do percurso. Comprei uma grande dose de aguardente e a despejei sobre minha cabeça e ombros e nas minhas bôtas, fazendo Manuel o mesmo, e bebemos uma boa parte. Esse processo é geral. Tendo-o seguido ha algum tempo e mesmo ficando exposto ás chuvas no correr no ano, nada sofri, nem mesmo padecendo outro ataque de febre, mas é possível atribuir-se o fato as precauções mas a excelencia do clima.

Quando atingimos a povoação de Paratibe a noite estava fechada. Encontrei Antonio, o homem a quem haviam armado uma emboscada quando eu residia no Jaguaribe, e pediu-me que ficasse em sua choupana, mas preferi seguir, embora estivesse ensopado pela chuva. Subindo a colina alem de Paratibe, tinha eu a esperança de uma linda noite porque a lua clareava mas só appareceu alguns instantes. No vale do Merueira a chuva nos apanhou novamente e com relâmpagos, e fomos pela floresta, atravez do vale, numa treva tão intensa que impedia avistar o cavallo de Manuel, enxergando-o apenas pelo clarão dos relâmpagos, embora o animal fosse de uma cor cinzenta, aproximando-se do branco, e eu estivesse tão vizinho que o encontrava, tocando-o. Quando chegamos perto da colina que desce para os arredores do Recife, recomendei tomar á esquerda porque ha um precipicio perigoso na direita da estrada. Não me ouviu ou seu

cavalo era teimoso, e seguiu muito pela direita, escorregando e caindo num ponto a poucas jardas do lugar que devia evitar. Desmantei para auxiliar Manuel, vendo o que se passava apenas pela luz dos relâmpagos. Perguntei por ele mesmo, seu cavalo e sua pistola e recchi como resposta que tudo ia bem. Disse-lhe: "Onde está o caminho?" porque voltara tanto, em pontos diversos e tantas vezes, para socorrer-lo, que não tinha noção do rumo que deveria tomar para reencontrar a estrada, e, indeciso, por um momento formei a ideia de ficar no local até que o dia rompesse. Mas, falando a Manuel se ele tinha uma certa lembrança sobre o caminho seguro, respondeu-me com voz aspera, porque estava molhado e contundido: "Vejo o caminho, não tenha receio, amo!" Seguiu, e eu acompanhei-o levando cada qual o seu cavalo. Descemos por uma orla porque a estrada estava muito escorregadia, devido á chuva e não era possível avançar doutra maneira. Meu cavalo bateu-me com a cabeça varias vezes e pouco faltou para que tombasse. A estrada teria seis pés e num lado havia o fundo precipicio formado pelas torrentes na epoca chuvosa, determinando ao solo desmoronamentos e, na margem oposta, a declividade é menor mas é coberta de bosques de arvores onde é possível perder-se sem luz. Chegamos ao pé da colina sem accidentes e quando atingimos a povoação de Beberibe a chuva cessara, a noite estava clara, não obstante a lua continuar oculta. Cruzamos vagorosamente a colina alem de Beberibe e alcançamos Agua Fria, residencia de um dos meus amigos, a duas leguas do Recife, entre uma a duas horas da madrugada. Se o tempo estivesse bom, teriamos chegado ás oito ou nove horas da noite anterior. O instinto (se o posso assim chamar) que os indigenas possuem, assim como grande numero de negros e de mulatos, de encontrar o caminho certo, sempre me surpreendeu, mas não tanto como nessa ocasião. Eu nada podia enxergar, mas Manuel estava

certamente convicto de conhecer a estrada, ao contrario não falaria de modo tão arrogante. Ele possuia uma grande reserva de coragem mas era sempre frio e prudente.

Passei em Agua Fria uma das horas mais agradaveis da minha residencia no Brasil. O dono é um cavalheiro inglês ao qual devo muitas obrigações. Eramos amigos intimos e me sentia á vontade em Agua Fria como em Itamaracá. O lugar estava em situação desoladora quando ele tomou posse, e mesmo que o solo não fosse muito propicio, o "sitio" prosperava. Construíra uma bôa casa, edificando galpões, fazendo cercas e plantando arvores uteis e ornamentais. O lugar era infestado pelas formigas vermelhas mas, com muito trabalho, as destruíra, escavando o solo para matar os formigúeiros. Detraz da residencia havia um lago, de consideravel extensão, formado por um riacho cujo curso parara pelo entulho de areia solta e branca na parte onde passa a estrada, sendo esta, de uma banda, mais elevada que o lago assim como os terrenos onde o riacho antigamente corria. Quando as aguas crescem pelo inverno o lago transborda e alaga a estrada, mas durante a maior parte do ano o caminho é sêco ou quasi sêco. Se esse lago fosse drenado, a propriedade de Agua Fria valeria dez vezes mais o que vale atualmente, porque seus limites são dados pelo mesmo canal do riacho. O lago é coberto de juncos, caniços e ervas, cujas raizes entrelaçadas formam uma especie de tecido a flor d'agua, não suportando o peso de um homem mas exigindo muito esforço para abrir-se uma brécha atravez dele. Nesse lago ha numerosos jacarés ou aligatores (18), tornando perigosa a operação de cortar os juncos, necessaria para abrir um espaço para a bebida e banho dos cavalos, assim como para guardar a erva sêca que será alimento para os animais no verão. Vou mencionar, entre outras, a familia dos lagartos. O *camaleão* (Lacerta iguana) pôde ser citado assim como o *tejuassú*,

que penso ser a *lacerta teguixin*, esse ultimo é muito comum (19). Ha tambem o *calangro*, menor que os outros dois, (20) e essas especies são comidas pela gente do povo. A *vibra* e a *lagartixa* são duas especies pequeninas de lagartos, podendo ser vistas em todos os lugares, nas casas, nos jardins e nos matos. Fazem mais beneficios que males, devorando moscas, aranhas, etc., e são, para os meus olhos, lindas creaturas. Sua atividade, e ao mesmo tempo, sua timidez, agradavam-me.

Viajando para o Recife, atravez das matas da Merueira, ouvi varias vezes o rouco coaxar do "sapo cururú" (rana ventricosa) e tambem do "sapo boi" (21) ambos de vozes bem desagradaveis e particularmente sonoras, durante as noites invernosas que descrevi. Os gritos constantes dos grilos, logo que o sol se põe, raramente deixa de aborrecer os recém-vindos a esse país. Recordo-me da primeira noite que passei na região, quando de minha chegada a Pernambuco. Conversando, detinha-me varias vezes, esperando que o rumor cessasse, depois prosseguia (como succedeu a varias pessoas) e finalmente já não ouvia o barulho nem que se fizesse em minha presença. Quando um desses grilos se instala numa habitação não ha sossego antes que o desalojem, devido à insistencia do seu apito. O corpo é de uma a uma e meia polegadas de comprimento, e meia de grossura. As patas são longas e o inseto é verde. Ha outra especie que se distingue com o nome de *grilo branco*, tendo igualmente um grito agudo: mas não será o mesmo isento noutro estado? Ha tambem o *grilo de feijão*, assim chamado pela destruição que causa nas plantações de feijão. E' de côr escura, quasi negra.

No mez de Janeiro de 1815 fui convidado para assistir a um batizado no engenho da Macaxeira, um dos maiores e mais ricos, em todos os sentidos, na ilha (22). O Vigario, outro padre, um capitão de Ordenanças e eu,

partimos na manhã cedo do dia aprazado. Galopamos entre o canavial de S. João, e falamos com o proprietário que estava pronto a seguir-nos com sua familia. É um portuguez que fez grande fortuna no Brasil e casou com uma filha do dono da casa para onde iamos. Esse homem, e seus parentes, em pouco tempo, possuirá provavelmente a metade da ilha de Itamaracá. Fomos recebidos em Macaxeira pelo pai e os tios da creança, e logo appareceu a avó, uma senhora viuva, dona da propriedade e sucessivamente fui vendo as moças de muitas familias dos arredores. Finalmente o batizado realizou-se, e o dia foi dedicado a comer, beber e jogar baralho. Quando os homens deixaram a mesa depois do jantar, puzeram outra refeição e as senhoras sentaram-se, mas um padre declarou que essa separação era barbara, e se meteu, ele mesmo, entre elas, seguido por muitos outros homens e jantaram pela segunda vez. A noite se passou tumultuosa mas muito alegremente. O vinho era copiosamente servido e bem poucas vezes rejeitado. Poucos convidados regressaram para suas casas na mesma noite mas os que ficaram, saíram cedo e apressadamente na manhã seguinte.

Acompanhei o Vigario ao Pilar para passar o "entrudo" nesse lugar. Partimos ao sabado, á tarde e, á nossa chegada encontramos as familias da Macaxeira e S. João instaladas em casas proximas á que iamos habitar. Pela tarde, um famoso dansarino de corda devia exhibir-se ao ar-livre, e na hora indicada appareceu e executou suas habilidades com agil e consideravel elegancia. Fez-se pagar com um processo singular. Antes de começar a dança, gritava: "Vou dansar pela saúde do Vigario!", e depois de haver dansado alguns minutos parou e veio para o nosso lado, e com muitos gracejos e muita ignorancia, fingindo desconhecer o padre, encontrou-o e lhe pediu o pagamento, como é o costume. Logo que este

lhe deu o que julgou proprio, o dansarino voltou á sua corda e repetiu varias vezes o jogo para as pessoas de quem desejava conhecer a generosidade, o funambulo mencionava o nome do individuo, em voz alta e distinta. Depois o dansarino exhibiu-se pela "saúde" de outras pessoas. A corda estava amarrada entre dois coqueiros, a grande altura do solo, e ele continuou dansando até horas adiantadas, pela "saúde" de quem estivesse perto dele.

No dia seguinte, depois que a cerimonia na Igreja terminou, o "entrudo", pilherias e artimanhas começaram e antes que esse divertimento findasse pela tarde, cada pessoa fôra obrigada a mudar sua roupa varias vezes. As senhoras brincavam com alma e coração, especialmente a velha dona de Macaxeira, que ia de um a outro, até que a guerra acabasse. Os padres eram tão joviais como os demais, sendo apenas notada sua superioridade de educação. Suas pilherias eram muito oportunas e nunca acompanhadas por qualquer brutalidade na conduta, mostrando sempre polidez em suas maneiras, mesmo quando ensopavam as pessoas que atacavam, tomam a precaução de fazer jogo claro, quando outros não eram assim felizes na maior parte da luta.

Na segunda-feira pela manhã todos despertaram prontos para a ação que durou até ás tres horas da tarde, exceto o tempo destinado ás refeições.

Fomos á praia do mar para assistir ao batismo do Rei dos Mouros. Nesse dia todas as jangadas e canôas foram requisitadas, e seus proprietarios, assim como os moradores das redondezas, são divididos em dois grupos: Cristãos e Mouros. Um tablado fôra construído sobre altas estacas, na linha da maré baixa, representando uma Fortaleza Moura, e a hora da festa fôra calculada para quando a maré estivesse bem alta, no começo do folguedo, ficando o palco rodeado pela agua. Na praia erguiam-se

dois trônos, com seus baldaquinos, numa distancia de trezentas jardas um do outro, e logo acima da pancada do mar. O Rei dos Cristãos occupou um trôno e o Rei dos Mouros o outro, ambos com bonitos vestidos e mantos. O ato começou pelo primeiro enviar ao ultimo um dos seus officiaes a cavallo, exigindo que, sem demora, recebesse o batismo, o que foi recusado. Varios outros correios passaram, para lá e para cá, todos montados e fantasticamente vestidos. A guerra estava declarada. Numerosas jangadas e canôas, de cada facção, movimentaram-se para a Fortaleza no nicio d'agua, uns para ataca-la e outras para defendê-la. As pessoas que estavam na Fortaleza prepararam-se para a defesa. Houve muita descarga e por fim, com luta terrivel de parte a parte, a Fortaleza foi tomada pelos Cristãos. Os barcos mouriscos que escaparam, fizeram desembarque de sua tripulação enquanto os adversarios faziam o mesmo. Os dois exercitos se encontraram na praia e se bateram, de corpo a corpo, longamente, mas, para terminar, o Rei dos Mouros foi feito prisioneiro, arrancado de seu trôno e batizado a força. Essa festa é verdadeiramente brilhante, e a praia estava repleta de povo, com suas melhores roupas, os mais finos e caros, como sêdas, setins, musselinas, algodões estampados, enfeites de ouro e pedras preciosas, chapéus de sêda e de tafetás, fitas de todas as cores e em grande quantidade, sapatos brancos, pretos e de varias tonalidades, e vestidos que nem sempre vêm a luz do dia, jalecos de algodão, feitos para essa festividade, colêtes bordados e outros menos comuns e de material rico, calças de namquim e de outras fazendas ligeiras, chapéus altos, uns de castor, outros de palha, uns redondos, outros menores, botas altas, sapatos e sandalias (23).

Apareceu no Pilar um desses *valentões* afamados, que fizera disturbios em muitos lugares e embora sua prisão fosse desejada, pisava o solo do Pilar com grande con-

fiança, como se tivesse certeza da inviolabilidade de sua pessoa pela grande reputação de intrepidez, a sua salvação consistia em não ser autoridade na Vila, nesse ano, o meu amigo que construía a Cadeia.

No outro dia todos se prepararam para voltar á casa. Vi partir as senhoras a cavalo, e de acordo com o estranho costume, tinham reunido grande numero de utensilios domesticos de metal, e quando elas partiram, os que ficavam nas portas, batiam um objeto contra o outro, num barulho infernal. Essa brincadeira é praticada nessas ocasiões, causando muita alegria.

Pouco tempo depois recebi noticias da Inglaterra que tornavam necessaria minha volta ao lar. Abandonei com relutancia meu desejo de residir no Brasil mas hoje muito me alegre de haver sucedido esse caso. Era preciso possuir uma grande resolução para deixar o povo, a terra e tudo quanto me interessava, meus negros, e os homens livres, meus cavalos, meus cães e tambem meus gatos e galinhas, a casa e o jardim que eu improvisara e ia cultivando, e os campos que limpava e ia semeando. Tudo isso, confesso, me custava muito sofrimento deixar, mas agradeço aos que desejavam que o fizesse. Tornar-me-ia bem depressa um lavrador do Brasil. A posição que se encontra um homem que governa escravos não é feita para formar a creatura melhor de que seria noutras circunstancias. Possivelmente eu, em breve tempo, não podia ser membro de outra sociedade. Sentia-me inclinado para a vida que levava. Eu era jovem, era livre e tinha poder. Embora estivesse inteiramente convicto dos males que decorrem de uma sociedade ou estado feudal, amava ter escravos. Poderia tornar-me tão arbitrario como apaixonado por essa existencia meio selvagem. Podia ficar sentindo tanto sabor pela ociosidade, não tendo regras, como desgostando tudo que fosse racional e logico no mundo. Até recentemente acariciei a esperanza de regres-

sar para esse país com os meios de cruzar o continente sul-americano, mas hoje as circunstâncias inusitadas surgiram e meus desejos tomaram outra direção. Só Deus sabe se não seja o meu destino voltar ao velho sonho. Acidentes ou inclinações sobre os quais não tenho poder, podem dirigir-me. A Inglaterra é a minha patria mas o meu país natal é Portugal. Pertencço aos dois, e na companhia de inglêses, portuguezes ou brasileiros, sinto-me igualmente entre patricios. Minha constante e feroz precc é oferecida pela sua prosperidade e pela continuação de uma amizade que, ha tantos anos, tem sido posta em prova. Novas causas devem ultimamente servir para estreitar os laços que unem as duas Nações. Seus povos combateram juntos e nenhum se julgou superior.

NOTAS AO CAPITULO XV

(1) History of Brazil, vol-I, p-466. (K).

(2) A seguinte historia é corrente em Conceição e a ouvi de varias pessoas que a conhecem. Um rapaz era muito relacionado com uma familia de situação inferior a sua, fazendo assiduamente numerosos presentes aos componentes, o que era estranho por não contar a familia nenhuma moça. Para justificar essa predileção, diziam que uma velha, muito de sua simpatia, era possuidora de uma pequenina imagem de Santo Antonio, amarrada em pedaços de fazenda, com farrapos de fitas e não sei que mais, ao redor do pescoço, pernas e braços, praticando ritos misteriosos que garantiam a continuidade da afeição do rapaz para si e para toda sua familia.(K). Nos ordinarios do Santo Officio, no seculo XVII, ha varias allusões aos "santos amarrados" para que obrassem milagres. A estatua de Marte em Sparta era amarrada, para que o deus não abandonasse os exercitos durante a guerra (C).

(3) Quando eu residia no Jaguaribe estava um dia deante da porta e ouvi a conversação entre um homem e uma mulher, falando e brincando sobre varios assuntos. O que mais me divertiu particularmente foi quando o homem asseverou, numa ocasião qualquer: — "Pedirei a Nossa Senhora da Conceição". A mulher replicou: — "Ela não te dará o que pedis". E ele continuou: — "Bem, apelarei para Nossa Senhora do Ó". Estava inteiramente esquecido de que se tratava da mesma entidade invocada sob varios nomes (K).

(4) Essa forma de caçar é usadissima no nordeste brasileiro, para os veados, porcos-do-mato e mesmo emas. Chama-se "caçar de espéra". (C).

(5) Tamanduá, corr. *ta-mandúá*, o caçador de formigas. O componente — *ta* — é como uma forma contracta de *tacy*, a formiga. É o nome tupi dos *Myrmecophagas*. Teodoro Sampaio, "O Tupi na Geographia Nacional". (C).

(6) A Preguiça. Ai ou Aum, dos indigenas tupis, *Bradypus tridactylus*, L. Hermann Luederwaldt estudou carinhosamente esses radiopodios, publicando os resultados na revista do Museu Paulista, vols-XI, p-311, e XIX, pag-395. (C).

(7) Pôrco-da-Índia, porquinho-da-Índia, *guinea-pig*, *Anoema cobaia*, Cuvier. (C).

(8) Guachinim, jaguaracambé, guasuni, mão-pelada, *Procyon cancrivorus*, Cuvier. Os pescadores de caranguejos disseram-me que o guaxinim põe a cauda no buraco do caranguejo, espera que esse agarre com suas patas e então, num brusco safanão, sacode longe a crustaceo Depois de gemer, lamentar-se e lambear a cauda, o guaxinim aproveita a caçada. (C).

(9) Jurema, a jurema-branca, *Acacia jurema*, Mart, como a jurema-negra, *Mimosa nigra*, Hub, eram usadas nas festas sagradas dos indigenas, especialmente nos ritos secretos. Faziam uma bebida de efeitos estupefaciente, determinando sonhos. *Beber jurema* é sinonimo atual de pagelança, catimbó, mandinga. A reunião dos catinbozeiros ou feiticeiros, era conhecida como *adjunto da jurema* e sendo uma reminiscencia religiosa, consideravam-na supersticiosa e proibida. Num registro de obito que encontrei no arquivo da Sé do Natal, lê-se "Aos dois de junho de mil setecentos e cincoenta e oito faleceu da vida presente Antonio indio preso na cadeia desta cidade por razão do sumario que se fez contra os indios de Mopibú, os quais fizeram *adjunto da jurema*, que se diz *supersticioso*, de idade de vinte e dois anos ao julgar..." "José de Alencar descreve uma dessas cerimoniaes no romance "Iracema". Ver o meu "Notas sobre o Catimbó", p. 89, "Novos Estudos Afro-Brasileiros", vol. IX da Biblioteca de Divulgação Científica. Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro. 1937. (C).

(10) Contar o tempo pelos consulados e pelos soberanos é uso universal. (C).

(11) Timbú, *Didelphis cancrivora*, Linneu. Os indigenas denominavam-no cariguela, Taibi, segundo Marcgrav, gambá. Frei Vicente do Salvador chama-o taibú. (C).

(12) Guiné, galinha de Angola, capóte, galinha da India, *Numida meleagris*, Linneu. Em Portugal dizem-me ser conhecida por *estoufraca*, como parece cantar. Marcgrav registou como *capoute*. (C).

(13) Labat na "Voyage du chevalier des Marchais, a Cayenne, &c", volume III, p. 253, dá uma descrição das abelhas em parte concordante com a minha. Diz ele: "Elles n'ont point d'aiguillon, ou il est si faible qu'il ne peut entamer l'épiderme, aussi sans preparation et sans crainte on les prend à plaines mains sans en ressentir autre incommodité qu'un léger chatouillement. "Não creio que essas de Pernambuco possam ser encontradas tão desarmadas e quiéatas. (K).

(14) Os enterros nas Igrejas, *no sagrado*, como se dizia, cessaram durante a epidemia da colera-morbo, em 1856 (C)

(15) "Fandango" é o nome de uma dança espanhola, a tres tempos, compreendendo varios tipos locais, como a *malaqueña*, a *rondaña*, a *granadina*, *murciana*, etc. Era dança de par solto, com acompanhamento de guitarras e castanholas. No "Capricho espanhol" de Rimski-Korsakow, o final é um fandango asturiano. Granados denominou a terceira "Goyescas" como *Fandango de Candil*. No Brasil, onde não tenho documento sobre a existencia da dança, denominou um auto popular, com modificações regionais, girando em torno do episodio que Koster registou. E' constituído por canto, declamação e dança, dividido em jornadas, e reúne canções e mesmo lundús. Tornou-se famoso o *romance da Nau Catarineta*, dado como sinonimo do proprio fandango. Pertence ao ciclo do Natal. Mario de Andrade publicou um estudo precioso sobre "A Nau Catarineta", onde discute os varios aspectos. Separata da "Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo", n.q. LXXIII. 1941. Suas variantes estão em muitos folkloristas. Num trabalho que tenho em mãos, sobre os "AUTOS POPULARES BRASILEI-

ROS", resultado de alguns anos de observação, leitura e pesquisa, darei as conclusões pessoais sobre o Fandango. A figura do Capelão já desapareceu nos autos que conheço, existindo apenas na "Chegança". Em Natal onde o Fandango se mantém em estado relativamente puro, a tradição da gratuidade continua. (C).

(16) *and the two clowns*. São o Vassoura e o Ração. (C).

(17) Vi um desenho de Barléu representando esse canal como se estivesse aberto, e o Forte situado sobre a ilha, cobrindo-a quase inteiramente. (K).

(18) Fui muito criticado por um amigo por não ter querido comer a carne do Jacaré, e mesmo fiquei um tanto arrependido de minha repugnância quando esse amigo mostrou-me uma passagem de um escritor francês, cujo nome esqueci, falando favoravelmente dessa carne. Creio, entretanto, que o próprio defensor da carne do Jacaré, se a visse cortada em pedaços, mudaria os olhos tão rapidamente como eu o fiz. Os indigenas comem esses animais mas os negros não a querem, nem mesmo os negros do Gabão, que são conhecidos como canibais. (K).

(19) *Tupinambis teguixin*, Linneu. (C).

(20) Calangro, *Teius ameiva*, de Spix. (C).

(21) Cururú, *Pipa cururú*, Sapo-boi, *Ceratophrys dorsatus*, Nieuw. (C).

(22) Até poucos anos existia em Itamaracá o engenho Macaxeira, com uma capelinha dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres. (C).

(23). Vindos da península ibérica, por todo continente americano são conhecidos os divertimentos sobre *Cristãos e Mouros*, combates simulados entre os dois grupos, findando pela vitória da Cruz sobre o Crescente. Inicialmente seriam apenas escaramuças simbólicas, como el-rei dom João II figurou, em julho de 1490, no campo de Alvisquer, na ribeira de Santarem, vestindo o duque dom Manuel, irmão da rainha, com seu sequito, roupas mouras e se enpenhando em justas, como descreve Garcia de Rezende, "Chronica de D. João II", cap. CXXXI. Os autos de *cristianos y moros* vivem desde o Mexico e são no Brasil representados pela "Chegança", nome de uma dança portuguesa do século XVIII, de par solto, muito lasciva, que dom João V, e não o marquez de Pompal, como pensava Mario de Andrade, proibiu em Maio de 1745, a pedido de frei Gaspar da Encarnação, grande amigo do rei. Da popularidade das "cheganças" resta um ou outro versinho, chorando a proibição:

*Já não se dansam cheganças
Que não quer o nosso Rei,
Porque lhe diz frei Gaspar
Que é coisa contra a lei.*

No Brasil a "Chegança", "Autos dos Marujos", etc., é um auto, narrando episódios de lutas contra os "infieis", que assaltaram uma nau cristã e acabaram vencidos e batizados. Como o Fandango, ha varias "jornadas", que são, se me permitem, outros tantos *sketches*. Sobre todas essas danças dramaticas Renato Almeida compendiou informação inimitavel e a comentou com elegante precisão, "Historia da Musica Brasileira", segunda ed., Briguier, Rio de Janeiro. 1942. (C).

CAPITULO XVI

AGRICULTURA. CANAVIAIS. MELHORAMENTOS. CANA DE AÇUCAR. SOLO. PREPARANDO A TERRA. PLANTAÇÕES. CANAVIAIS. CANA CAIANA. O ENGENHO. CASA DAS CALDEIRAS. FORNALHAS. AJUDA OU DECOADA. A GARAPA. DIVISÃO DE PROPRIEDADES. PRIVILEGIO DOS SENHORES DE ENGENHO. MADEIRAS. PASTOS. PLANTIO DE ROÇAS. OS EDIFICIOS DO ENGENHO. STOCK. CARRO DE BOIS. AUSENCIA DO AUXILIO MECANICO.

AGRICULTURA — CANAVIAIS

A agricultura no Brasil, (1) por muitos anos, não tinha recebido qualquer melhoramento a não ser mui recentemente e, mesmo agora, é somente devagar e com muita dificuldade que as inovações são feitas.

È inteiramente debalde esperar mudança rapida do sistema entre homens que nem sequer ouviram falar que existiam outros agricultores alem deles proprios; que ficaram admirados ao saber que não era o Brasil o unico país no qual se produzia açúcar; que não sabem, ou pelo menos até pouco tempo não sabiam, que havia outra nação afóra a deles; que imaginavam ser Portugal o senhor de tudo quanto valia a pena possuir-se no mundo, na realidade, cuja ignorancia era extrema.

A maioria dos plantadores do interior do país, e mesmo a maioria daqueles que se acham nas proximidades da costa e que moram exclusivamente nas suas propriedades, estava, e muito ainda estão, nestas condições. Eles continuam, ano apoz ano, com o mesmo sistema que seguiram

seus pais, sem nenhum desejo de progresso e, na verdade, na ignorancia de que poderiam fazer qualquer melhora-mento. Porem, a liberdade das relações comerciais com as outras nações, produziu aqui, como em tudo mais os seus efeitos, e os beneficios que surgiram dessa politica estão aumentando rapidamente. Um deles é o desejo que se percebe por parte dos agricultores para colher informa-ções relativas ao modo de administrar as plantações inglê-
sas e francêsas nas ilhas Colombianas (Antilhas). As pessoas que, ao enriquecerem-se por esse modo estão ao mesmo tempo fazendo ao seu país o maior bem, são os proprietarios de engenhos de açúcar, que residem integral-mente no Recife, ou os que fazem visitas frequentes áquela cidade. Esses homens se reúnem, ouvem o que se vai passando pelo mundo, lêem os poucos livros disponiveis, e logo concordam com as novas idéas. Muitos dos comer-
ciantes possuem agora essa especie de propriedade, a qual lhes caiu ás mãos ou em pagamento de dividas ou por compra; esses homens não têm preconceitos a vencer no que se relaciona a qualquer plano especial de ação. Al-
guns dos melhoramentos propostos são de uma utilidade propria tão evidente a ponto de convencerem desde o mo-mento em que são enunciados.

PLANTANDO A CANA DE AÇUCAR

As terras do Brasil não são jamais destocadas (2), nem para plantar canas nem para qualquer outro fim agricola. As inconveniencias desse costume são notadas com maior saliencia nos terrenos altos porque, nestes ter-
renos, todos os que são de algum valor, estão naturalmente cobertos por mato fechado. A cana é plantada entre os numerosos tócos, pelo que muito terreno é desperdiçado, e como brótos desses tócos rebentam quasi imediatamente,

tal a rapidez da vegetação, as limpas se tornam muito trabalhosas. E' preciso cortar esses rebentos, algumas vezes até mesmo antes da cana romper a superficie da terra. O trabalho é igualmente grande todas ás vezes que se tem de cultivar um pedaço de terra, pois, a mata deve ser novamente derrubada, e muito embora não tenha ela podido atingir grandeza igual á alcançada pela floresta primitiva, todavia como se permite que varios anos decorram entre cada periodo no qual a terra é plantada, as arvores são geralmente de consideravel grossura (3).

O mato é abandonado sobre o solo até que as folhas sequem. Em seguida toca-se fogo e aquelas são destruídas com o matagal e os galhos menores das arvores. Agora a madeira resistente é amontoada e queimada. Este processo é universalmente adotado no preparo da terra para o cultivo de qualquer planta. Frequentemente ouvi censurarem muito esse metodo como, na maior parte, nocivo ao solo apesar da colheita futura á operação se tornar mais exuberante. Observei que as canas que nasceram nos pontos que tinham sido queimados montões de madeira e de grandes galhadas das arvores, eram de um verde mais escuro e rico do que aquelas que se encontravam em suas imediações, como tambem as ultrapassavam. Depois que as canas de planta ou aquelas do primeiro ano de cultivo são retiradas dos terrenos, toca-se fogo na sujeira do partido, isto é, nas folhas sêcas e talos que ficam sobre o chão, com a idéa de que as sócas, isto é, os rebentos das velhas raizes das canas brotam com mais vigor e alcançam um maior desenvolvimento por meio deste processo (4). As plantas do primeiro ano chamam-se no Brasil "sócas"; as do segundo ano, "ressócas", as do terceiro ano, "terceiras sócas", e assim por diante. Depois que as raizes ficam desembaraçadas pela queima do aceiro, chega-se a terra estrumada em torno delas. Com efeito, se isto

for descuidado, muitas raízes ficariam demasiadamente expostas ao calor do sol e não continuariam vegetando.

N'alguns terrenos os renovos continuam produzindo por cinco e seis anos, mas a colheita pode ser feita levando o primeiro córte de bons rebentos para as moendas, o outro de renovos inferiores para plantar ou fazer mel para ser utilizado na casa da distilação, e o terceiro que dará diminuto rendimento, relativamente ao custo de seu preparo (5).

Tudo quanto disse acima pode ser aplicado ás terras altas. Os baixios e terrenos humidos, chamados no Brasil "varzeas", são melhor apropriado para a cana de açúcar. Realmente, nas plantações feitas onde não se encontrou qualquer porção de terra dessa especie, as colheitas são irregulares e, ás vezes, inteiramente dependentes da maior ou menor quantidade de chuvas que haja caído durante o curso do ano. As varzeas são comumente revestidas de espessos e curtos matagais, permitindo, pela sua propria natureza, uma adaptação rapida e facil ao cultivo. O solo dessas ultimas, quando é incultivado, recebe o nome de "paul", e estremece sob a pressão do andar e se deixa penetrar facilmente pela ponta de uma bengala e, mesmo parecendo sêca, necessita de drenagem. O argiloso "maçajé" está em todos os lugares, sendo de côr esverdeada e branca e, quando está inteiramente molhada, apegase ás enxadas. Ás vezes fica ressequida na superficie mas as canas plantadas revivem com as chuvas mesmo depois de longa estiagem. O "barro branco" é menos frequente mas é extremamente fecundo. E' empregado para fazer tijolos, ceramica e mesmo para clarear o açúcar. Nos arredores das colinas encontra-se a terra vermelha, vizinha ao litoral, mas essa especie de areia é mais propria dos distritos algodoeiros. As terras negras são comuns, e mesmo a leve e suja onde se mistura, em porções maiores ou menores n'areia. E' tida geralmente, creio eu, como

sendo terreno pouco recomendado para a cana de açúcar. Uma inconveniência das terras novas e baixas é que as canas alcançam grandes alturas não possuindo grossura correspondente, e succede frequentemente antes que chegue a época do córte. Vi plantar, nessas terras, o arroz em um ano para torna-las depois aptas ao plantio das canas na estação seguinte (6). Experimentou-se fundar canaviais nas terras que se estendiam até aos mangues e nos pequenos trechos outróra cobertos pela agua salgada nas horas da maré, e que tinham exgotadas para esse fim por meio de canais, mas o successo não correspondeu ás tentativas porque as canas eram imprestaveis para o fabrico do açúcar e a calda não coagulava bastante, não tendo a consistencia precisa, sendo apenas usada para as destilarias (7).

O processo geral de preparar a terra para os canaviais é cava-la com enxadas. Os negros se enfileiram de um lado, cada um ferindo a terra com seu instrumento, immediatamente deante de si, formando uma trincheira de cinco ou seis polegadas de profundidade. Toda a fila recúa e repete a operação, de um lado para outro, limpando o chão, dos alveos dos rios até ao pé das elevações. A terra retirada é posta á margem da trilha. Nas colonias britannicas o serviço é feito semelhantemente mas com maior metodo (8). As terras no Brasil não são medidas e cada distancia é calculada pelo olhar. A quantidade de canas que deve ser plantada num determinado ponto é estimada em carros carregados, e nada ha de mais vago que esse meio de computação porque a carga do carro póde depender da resistencia dos bois, da natureza da estrada e sobre tudo, do comprimento das canas. Acresce ainda que esses veiculos são tão mal feitos que é preciso muita habilidade para carrega-los, e se duas canas podem ir ponta com ponta, em sentido de extensão, concebe-se que irão em maior numero se fossem cruzadas.

Empregam a charrúa nas terras baixas se a drenagem não foi necessaria para trata-las, mas foram rusticamente construídas, exigindo seis bois para move-las (9). Nas terras altas os bosques afastam a possibilidade de qualquer uso dessas maquinas.

Nos fôssos preparados, as sementes são postas transversalmente nas cavidades e cobertas com a maior parte do barro que ficou á margem dos regos. Os rebentos começam a surgir á face do solo no fim de doze a quatorze dias. Limpam as canas por umas tres vezes, arrancando ervas e arbustos que vêm dos bosques, e quando a terra é pobre e produz grande quantidade de ervas e menos arbustos, as canas devem ter uma quarta "limpa". Os pés de canas para plantar têm de doze a dezoito polegadas de longo mas julgam que as menores são melhores. Quando são curtos, e succede um deles apodrecer, o espaço vago não é tão grande como se os renovos do plantio fossem de maior tamanho. As canas aproveitadas para o plantio são geralmente rebentos, se existem na propriedade e, não os havendo, empregam canas de qualidade inferior ou cortada para esse fim. Considera-se mais economico empregar-se o renovo e muitas pessoas dizem que são menos sujeitos a apodrecer, que as proprias canas de plantio. Nas colonias inglêsas "usam para plantar, comumente, extremidades das canas que passaram nos engenhos de açúcar" (10). No Brasil essas extremidades da cana são todas dadas ao gado, porque geralmente ha falta de forragem durante a epoca das moagens (11). Nas colonias britannicas cobrem somente as canas com pequenas porções de terra, e gastam o mesmo espaço de tempo para vir á superficie do solo como no Brasil onde a quantidade que as recobre é maior. Suponho que a fertilidade superior das terras brasileiras expliquem esse facto. O plantio, nesses terrenos ricos, é feito em maior distancia, um do outro pé, e os fossos dispostos mais se-

paradamente entre si, do que nas terras já cultivadas assiduamente ou de menor vitalidade em sua composição natural. As canas plantadas sobre as primeiras daquelas terras dão um grande numero de rebentos que se espalham derredor e, mesmo que a terra apenas prometa uma safra diminuta, sendo eles ainda novos, recobrem tudo, não permitindo que se veja a menor parte do solo. Julgam uns agricultores ser conveniente retirar uma parte das folhas secas durante esse periodo o que não se pratica noutras plantações, fazendo-se tambem a limpa nos canaviais, com a remoção de algumas touceiras de canas.

A estação apropriada para o plantio é meados de Julho a meados de Setembro, nas terras altas, e de meados de Setembro a meados de Novembro, nas terras baixas. Ocasionalmente a grande umidade do solo determina o plantador a continuar seu trabalho até principios de Dezembro, se possui numero bastante de trabalhadores para as tarefas necessarias. As primeiras canas são cortadas para os engenhos em Setembro do ultimo ano, e o córte termina comumente em Janeiro ou Fevereiro. Nas colonias inglézas onde fundam canaviais as canas são plantadas de Agosto a Novembro e estão boas para os engenhos em principios do segundo ano. Assim essas plantas requerem no Brasil de treze a quinze mezes para atingir o estado de moagem, quando nas ilhas Colombianas (Antilhas) são necessarios desesseis a dezessete mezes (12).

Nunca descobri nem ouvi mencionar o facto de os canaviais serem sujeitos á destruição pelo *blast* (13), de que fala Mr. Edwards, e ataca violentamente as plantações inglézas. A cana é sujeita, naturalmente, a varias enfermidades, mas de natureza a poder ser remediada. Os ratos destróem grandes quantidades (14) e a raposa não é menos encontradiça, e quando entra n'um canavial faz devastação terrivel porque só se satisfaz cortando o

maior numero de plantas e aproveitando apenas uma pequenina parte. Ha tambem um estranho habito entre a gente do povo. Não tem escrupulo de, passando pelos canaviais, cortar um molho de dez a doze canas e as chupar, enquanto caminham, ou o levam para casa (15). Os prejuizos cometidos são, dessa maneira, incalculaveis, especialmente nos canaviais situados nas margens das estradas frequentadas. È uma tradição, e muitas pessoas pensam que o proprietario não tem o direito de defender dos ataques o seu dominio.

Os plantadores do Brasil não chegaram ao periodo, possivelmente não muito distante, da necessidade de adubar seus terrenos. Soube que muito raramente se pratica a adubação. O bagaço, que é a cana de onde se extraiu o sumo, é inteiramente perdido, excetuando uma pequena porção que é comida pelo gado. O excremento do gado é tambem desprezado. As terras não estão ainda suficientemente valorizadas para que cada proprietario divida seu terreno para certas culturas, com regularidade maior. A população da região é diminuta para que cada homem cuide do quanto possua, e, o obrigue a restringir seu dominio, cedendo lugar aos outros que desejam o mesmo. Presentemente o agricultor acha mais conveniente mudar de um trecho de terra para outro, quando esse se torna improdutivo, permitindo que o mato cresça e depressa os renovos das canas não se desenvolvem bastante, dando o suficiente rendimento para compensar o trabalho da limpa.

A cana do Taíti ou de Bourbon, foi trazida de Cayenne para Pernambuco, logo que os portuguezes tomaram posse dessa colonia. Confesso que as duas especies de canas são parecidissimas e eu não sou bastante habil para distinguir entre elas. Sua superioridade é tão evidente que, depois de rapido ensaio em cada propriedade, substituiu a pequena cana de açúcar, geralmente plantada. A

cana de Cayenne, como é chamada em Pernambuco (16) é mais grossa que a cana comum, tendo tantos rebentos que o labor em planta-la num pedaço de terra é diminuído e ao mesmo tempo o rendimento é muito mais compensador. Não é plantada em leirões mas em buracos, afastados em espaço igual, uns dos outros, onde o corte é feito. As canas de Cayenne suportam mais o verão que as pequenas. Quando as folhas dessas ultimas começam a secar, as das primeiras conservam inteiramente sua coloração natural. Um plantador da Varzea disse-me ter obtido quatro safras no mesmo terreno, em tres anos, depois de ter plantado a cana de Cayenne, e que essa terra era considerada como exausta. A casca é tão rija que a raposa não pode deixar vestígios dos dentes sobre ela. O trabalho de fervura nas taxas é feito tão negligentemente que não me foi possível obter informações exatas a respeito dos resultados desse processo quando utilizando a cana Cayenne, mas toda a gente é de opinião que ela seja mais rendosa que as demais.

O ENGENHO

Um engenho de açúcar é, sem duvida, uma das mais difíceis especies de propriedades para ser convenientemente dirigida. O numeroso pessoal empregado, suas diversas profissões e a troca ininterrupta de ocupações, dão ao proprietario, ou ao seu feitor, constantes motivos para exercer, inumeraveis oportunidades para efetivar sua atividade. A propriedade deve possuir no seu recinto todos os operarios indispensaveis ao funcionamento da industria regular, carpinteiro, ferreiro, marceneiro, oleiro e outros que são de inutil citação nesse lugar. E' uma fabrica e tambem uma fazenda, e ambas têm tarefas iguais e devem agir juntas, em conexão com as estações do ano.

O engenho deve começar a moer a cana em Setembro mas bem poucos iniciam a moagem antes de meados de Outubro porque o plantio não permite o trabalho antes desse prazo. É o tempo de alegria e da bôa vontade e, n'algumas semanas, os negros estão cheios de vida e de vibração, mas a continuidade da tarefa constante por todo dia e parte da noite, termina fatigando-os, tornando-os pesados e fazendo-os adormecer em qualquer parte onde ponham a cabeça (17).

As maquinas para triturar a cana são formadas por tres cilindros verticais, feitos de solida madeira, inteiramente orlados ou revestidos de ferro, sendo os arcos passados na madeira quando esta está recém-cortada (18). O melhoramento da peça circular do vigamento, *circular piece of framework*, chamada na Jamaica *dumb-returner*, ainda não foi introduzido. Dois homens e duas mulheres são empregados para fornecer cana ao engenho. O feixe de cada um deles é posto entre os cilindros do meio e um dos laterais e é recebido por uma das mulheres que o passa ao homem que está ao seu flanco, e este o faz repassar entre as moendas do outro lado e dos meieiros. Essa operação é repetida cinco e seis vezes até o sumo ser todo retirado. Esse processo parece defeituoso porque, nas colonias britanicas, as maquinas, na segunda compressão, deixavam as canas completamente sêcas e ás vezes reduzidas a pó. O *dumb-returner* defenderia muito, prevenindo acidentes comuns no Brasil, graças a preguiça ou descuido dos negros. Os negros que empurram a cana entre os rôlos, metem as mãos demasiadamente nos cilindros, e se uma ou ambas são presas, antes que qualquer auxilio seja dado, os membros, ou mesmo o corpo inteiro, fica esmagado. Nos engenhos pertencentes a proprietarios que dão todo cuidado ao salvamento de seus negros e que desejam que tudo esteja em ordem, uma barra de ferro e um martelo são postos perto dos rôlos, sobre a mesa que

suporta a carga de canas. A barra se destina a ser violentamente colocada entre os cilindros em caso de acidente, para afasta-los e libertar o desgraçado escravo. N'alguns lugares vi, junto da barra e do martelo, um facão afiadissimo, para separar a parte do corpo julgada necessaria (19). Nessa desesperada situação os gritos do negro assustam os cavalos que movem o engenho, acelerando-lhes a velocidade. Conheço duas ou tres pessoas que movimentam seus engenhos com bois e que o motivo principal dessa substituição foi a diminuição do perigo para os negros que trabalham no engenho, porque a lentidão dos bois torna difficil que um desses accidentes aconteça, e mesmo os gritos detem esses animais. Alguns engenhos são movidos pela agua mas muitos aceitam esse melhoramento sem tirar as vantagens dele. Muitos dos engenhos são puxados pelos cavalos. Não ha moinhos de vento em Pernambuco ou nas outras regiões que visitei (20). A despeza para construir a represa e outras alterações é, sem duvida, vultosa, e poucas pessôas podem iniciar as obras com o dinheiro que esse serviço exige, mas as conveniencias de mover o engenho pela agua são varios. O numero de animais necessarios para o canavial é reduzido a menos da metade. Poucos campos de pastagem são precisos e o grupo de pessôas que deve ser utilizado é diminuido. Os animais que se tornam superfluos são justamente os mais caros, mais sujeitos, às enfermidades e mais dificeis de manter. Grandes cuidados são necessarios para manter os cavalos, ou melhor, as eguas, por essas serem mais empregadas no serviço, em condições de saúde e força na epoca das safras determinando uma alimentação especial de canas e de mel. Os bois são empregados para puxar os carros e é raramente feita alguma despesa com sua alimentação. Eles mastigam o bagaço das canas de açúcar, de que muito gostam, e que passaram pelas moendas, e ás vezes lançam para eles alguns olhos de canas novas.

CASA DAS CALDEIRAS

E' a casa das caldeiras, a manufactura do açúcar no Brasil, que mercede as maiores reformas. O trabalho é feito descuidadamente e bem pequena atenção é dada ao acabamento do serviço. As fornalhas, sobre as quais estão colocadas as taxas (caldeiras), feitas toscamente, correspondem imperfeitamente ao fim que lhes foram destinadas. Imensas quantidades de lenha são queimadas e os negros que labutam nos fornos ficam logo extenuados. O sumo extraído da cana pela compressão dos rôlos, vem descendo por uma calha de madeira e converge para uma cisterna, feita do mesmo material, posta na casa das caldeiras. Desse reservatorio cái o liquido num grande caldeirão, como é chamado, feito de cobre ou de ferro. Essa caldeira é previamente aquecida e quando está quasi cheia jogam a decoada (21), e o caldo ferve suficientemente, sendo a seguir escumado, com maiores cuidados. O trabalho de escumar é feito usualmente por pessoas livres e é devido a duas razões: demanda grande destreza, raramente possuida pelos escravos, e o esforço que tal operação exige induz ao agricultor pagar a um homem livre em lugar de exgotar um seu negro.

Desta primeira taxa ou clarificadora, como assim chamam, o liquido é retirado por um grande colherão para outro deposito ou caldeirão, feito geralmente do tronco de uma arvore, e onde permanece até ficar apenas tepido (22). O esforço que esse processo determina é excessivo. A fumaça e o calor na casa das caldeiras, sob clima tropical, aumentam grandemente a violencia dessa tarefa. Desse recipiente, que recebeu todo conteúdo do caldeirão maior, o liquido bastantemente esfriado sofre o transbordo para a primeira taxa, e desta é removido para a segunda e terceira e, n'algumas casas de caldeiras ha uma quarta.

Dessa ultima é recolhido em longas jarras, chamadas "fôrmas", quando o mestre de açúcar julga que o mel atingiu a consistencia requerida e propria. As fôrmas são postas n'um edificio adjacente onde o açúcar sofre ainda o processo de clarificação. O açúcar, depois de ser clareado, é invariavelmente enxuto pelo sol (23). A direção desses serviços nas plantações coloniais inglêsas está feito de maneira a tornar o trabalho menos violento e muito maior esmero se consegue na preparação do caldo de cana.

As taxas são fixadas a consideravel altura sobre grandes fornos onde se faz o fogo. Cada casa de fornalha tem dois fornos, um para aquecer a grande taxa (caldeirão) e o outro para as tres ou quatro restantes. As bôcas são divididas sobre o proprio fôrno. Enormes rolos de madeira e ramos de arvores são preparados para prover as fornalhas com lenha. Os negros não podem, ás vezes, aproximar-se do fogo quando abrem as portas, pelo excessivo calor (24). Pelas informações que pude reunir, penso que a administração dos engenhos de açúcar nas ilhas Colombianas (Antilhas) no meado do seculo ultimo (XVIII) era igual á que vi praticar-se nas regiões visitadas por mim no Brasil (25).

A decoada mais comumente empregada é feita com cinzas de madeira calcinadas, de certas especies preferidas para esse fim (26). Nas ilhas Colombianas (Antilhas) usam sempre a cal e alguns agricultores em Pernambuco, ha pouco tempo, introduziram o emprego desse alcali nas suas industrias, mas existe no país um preconceito contra a cal, sob pretexto de que o açúcar obtido não é sadio, e isto obstou que muitas pessoas o adotassem. Nenhuma dificuldade surgiu para seu uso entre os proprios plantadores porque a facilidade de sua busca encorajava as experiencias. N'algumas plantações vendem grandes quantidades de açúcar e de aguardente na propria séde da pro-

dução, e muitas outras fazem moer todas as canas para fazer mel, que eles mesmos destilam e o vendem aos destiladores de pequeno capital, que são numerosíssimos, porisso os proprietarios desses engenhos têm as mesmas opiniões gerais da região. Os plantadores de açúcar no Brasil têm, invariavelmente, o sistema de clarear sua produção, mas o processo é demasiado conhecido para que o descreva aqui.

A DESTILARIA

Os plantadores brasileiros são menos diligentes no manejo de suas destilarias que noutra qualquer especie de negocios. Os alambiques são jarros de barro, com estreitos gargalos, de base pequena, ampliando-se consideravelmente para cima mas se estreitando novamente quando da aproximação com o gargalo. A fundação é um fôrno circular, e duas ou tres jarras são colocadas dentro, num e noutro ponto, em posição obliqua, com a base dentro do fôrno e o gargalo no outro lado, e sendo assim protegido, são erguidas as paredes do fôrno, contra os jarros, terminando por encobri-los. Esses alambiques têm capiteis redondos, carapuças, que são perfeitamente ajustadas ás bôcas dos jarros, tornando-os impermeaveis com a cobertura de argila posta derredor até a orla final. Depois a "garapa" é levada ao alambique e o lume é aceso debaixo. Essas carapuças têm cada uma um tubo de seis polegadas de comprimento, cada um articulado a elas e ligado a um outro tubo de cobre com quatro pés de longo. Esse tubo é colocado num largo e fundo jarrão de barro, contendo agua fria, e o final do tubo passa alem do vaso. O tubo é fixado com a sufficiente obliquidade para que o liquido possa facilmente escorrer. O licor obtido nessa primeira distilação é posto a venda sem que sofra outra

operação qualquer. A segunda destilação é somente praticada em pequena quantidade e se destina ao consumo domestico do agricultor.

A garapa picada (azêda), propria para a destilação, fica em jarras de barro, semelhantes ás fôrmas usadas para alvejar o açúcar, mas não são perfuradas no fundo como estas. Não existe uma medida exata sobre a quantidade de cada ingrediente para formar a garapa porque os destiladores, comumente homens livres, divergem muito na proporção dos elementos constitutivos da mistura. Até recentemente somente um numero reduzido de plantadores possuia aparelho de destilação, e se limitavam a vender o mel que produziam aos pequenos destiladores. Muitas pessoas, das classes baixas, possuem um ou dois desses primitivos e rudes alambiques, dos quais retiravam relativo proveito sem muito esforço. A lenha está ao alcance da mão e difficilmente existirá um homem sem que tenha seu cavallo. As mulheres ficavam vigiando o alambique enquanto os homens se ocupavam noutras obrigações. Com a abertura dos portos do Brasil ao commercio estrangeiro, grandes quantidades de aguardente foram exportadas para a America do Norte e os pedidos de Lisboa foram mais avultados que outróra. O preço, consequentemente, subiu, induzindo a varios agricultores destilar seus méles. Mesmo tendo adotado esse plano, seus alambiques são tão improprios para a destilaria de grandes porções de aguardente, que poucas pessoas já constituem o numero sufficiente para consumir todo o mel que a produção de açúcar fornecer (27).

TERRAS

Um engenho de açúcar em Pernambuco ou Paraíba não pode exigir um capital tão vultoso como é necessario para adquirir e manter-se uma propriedade semelhante

nas Antilhas. E' obvio ser indispensavel possuir-se um certo capital para a manutenção concernente a essa empresa. O exemplo de pessoas que adquiriram engenhos sem o menor adiantamento em dinheiro é, todavia, raro, dada a carencia de escravos, cuja maior parte foi obtida a longo credito mas em preços exorbitantes. Esse facto ocorria mais frequentemente quando existiu em Pernambuco uma companhia privilegiada para o trafico, e os directores julgavam encontrar maior interesse fornecendo os adiantamentos que os agricultores necessitavam e recebendo o pagamento em certa percentagem das colheitas anuais. Embora essa companhia haja sido dissolvida ha muitos anos, os seus creditos não terminaram, e é assombroso saber quanto é consideravel o numero de agricultores que ainda se encontram em debito para com ela. Os proprietarios de muitas terras adquiridas por esse processo, deram aos seus predecessores apenas a metade do pagamento em moeda, pagando á Companhia o interesse, constante da outra metade. Si lhes fosse possivel reunir a quantia sufficiente para pagar a sua conta, ficariam livres do debito principal, mas não lhes sendo praticavel, conservam-se em estado de confiança tranquila, certos de que não serão molestados, uma vez que os juros estão sendo satisfeitos.

Existe em Pernambuco alguns morgados, terras vinculadas, e creio que em Paraíba tambem e ouvi dizuer que na Baía havia muito. Ha tambem "Capelados" ou terras de Capélas. Esses bens não podem ser vendidos, e por esse motivo ficam algumas vezes abandonados, e trazem menor interesse ao Estado que outros bens sob outras circunstancias. O Capelado é constituído da seguinte forma: O proprietario lega uma parte de seus dominios ou rendas de suas terras a uma Igreja escolhida, com o proposito de ter missas para su'alma ou outras obras de natureza desinteressada. Nessa situação, de acôrdo com

a lei, o bem não pode ser vendido, de sorte que, se o beneficiado não é bastante rico para fazer ele proprio mover o engenho, o aluga a alguém que possua um numero razoavel de negros e o possa movimentar. Depois de ser paga á Igreja legataria o que lhe é devido, o proprietario recebe o que resta da renda de sua quota. Ultimamente as terras, cujas casas foram oneradas com essas obrigações, baixaram a tal preço que, depois de saldada a conta da Igreja, deduzida do montante o necessario para as despesas dos edificios e canaviaes, pouco resta para o herdeiro legitimo. O engenho do Catú, perto de Goiana, está nessa situação. O proprietario reside nos arredores da casa grande, ou residencia principal, e a unica vantagem que lhe advém da posse de um dominio tão vasto quanto excelente, está no facto de morar num recanto da propriedade e de receber uma insignificante quantia em dinheiro. Pudesse ele vender uma parte e, imediatamente, teria quantia suficiente para melhorar suas condições e toda propriedade ganharia melhoramentos, porque o occupante tinha todo interesse no desenvolvimento local. Poderia citar muitas outras propriedades que estão em posição identica.

A propriedade do plantador de canas, diretamente empregada nessa produção ou nos encargos usuais do trabalho agricola, não é sujeita a ser sequestrada por dividas. Esse privilegio, creado para encorajar a formação dessas industrias, póde ter efeito contrario. O agricultor detem muitas formas de evadir-se ás exigencias dos credores, e tudo parece reunir-se em seu favor. E' justamente como o Governo legisla, pensando nas rendas, quando a equidade deve ser tida como de primeira necessidade. Não produz essa doutrina os resultados que os seus inspiradores previam porque as propriedades trabalhadas por homens que tinham a desvantagem de necessitar desses auxilios vindos da lei, teriam outras vanta-

gens passando ás mãos alheias, em nove sobre dez casos. Não era possível ir-se peor e sim melhorar, logicamente. O Governo não pôde temer, na actual situação do Brasil, que as grandes propriedades continuem longamente despovoadas. Ao lado disso, os administradores do Estado devem observar seguramente que os negociantes tornar-se-ão mais cuidadosos no empréstimo de seus capitais, resultando que um homem honesto não poderá obter os elementos indispensáveis ao seu trabalho (28).

A maioria das propriedades de primeira classe está, entretanto, em mãos de pessoas ricas e esse caso se torna mais e mais generalizado. Essas propriedades, que constituem tal classe, estão situadas perto do litoral marítimo, isto é, de duas a dezesseis milhas desta, tendo grandes terrenos baixos próprios para a cultura da cana do açúcar, alguns com matas virgens, boas pastagens, tudo isso é necessário, e água para mover o engenho. As chuvas são mais regulares perto da costa que a certa distancia para o interior, e a facilidade do transporte dos produtos do engenho, pelos rios e pequenos riachos que levam aos pontos do mercado, são as melhores vantagens auferidas pela vizinhança do mar. Os escravos são alimentados com menor custo e dificuldade, e a quantidade de peixe que eles têm meios de obter no mar ou nos rios, torna-os menos dependentes da ração do amo que os escravos da Mata ou dos distritos entre a costa e o Sertão. Em um país que é sem estradas e onde o transporte sobre rodas deve ser impellido com certa medida de regularidade e segurança, a dificuldade para remover as grandes caixas onde o açúcar é guardado, é da mais alta importancia e este inconveniente diminue o valor das terras por mais produtivas que sejam, quando situadas nessa posição. Se uma pessoa deseja adquirir propriedades nesse tipo, verifica que as dispostas convenientemente só podem ser compradas por preço comparativamente elevado e com consi-

deraveis adiantamentos de dinheiro, quando é possível comprar os terrenos na Mata sem adiantamento e apenas sob diminuto pagamento anual de oito a dez por cento do custo.

As terras do engenho são divididas para cinco fins: as matas, as terras do plantio de cana, as que são limpas para pastagens, as plantações para alimentação dos negros e as terras ocupadas pelos homens livres. As matas ocupam uma parte vultosa de terra nessas propriedades. Em muitos casos pouco menos da metade dos terrenos é coberta de matos mas já não creio, de acordo com o que vi e ouvi, que essas florestas contenham bastante madeiras de lei, como outróra supuz. As arvores de algumas especies preciosas de madeira são muito bem pagas. Dão pequena consideração ás matas, derribando grandes porções de arvores sem necessidade alguma, na fundação dos plantios. Abrem fendas nos troncos das arvores e os mergulham no solo, com vergontas de plantas novas, ligadas a elles, horizontalmente. O melhor tipo de madeira, em preferencia ao inferior, é selecionado com esse proposito, para melhor resistir á longa exposição á ação das chuvas e do sol. A lenha é tambem outro elemento preponderante de destruição, e embora, para esse fim, se devesse escolher as especies menos valiosas de madeiras, não é, todavia, levado em atençaõ alguma. Cometem igualmente depredações, cortando arvores, e as retirando da floresta, para qualquer fim, porque as arvores são abatidas inutilmente para abrir estrada para a madeira cortada ser transportada. Sei muito bem que a grande necessidade seria abater a superabundancia de matos que rebrem o país, e não ha duvida nesse particular, mas, de acôrdo com o metodo presente, poucas terras estão verdadeiramente tratadas, e as vultosas e ricas especies de madeiras vão desaparecendo rapidamente. Deve existir, certamente, máta virgem em ampla extensão. Dizem-me que as de Api-

pucos, que estão proximas ao Recife, ligam-se ás matas dos arredores de Goiana, numa distancia de quinze leguas.

Das terras de plantio de canaviais já tratei. Cada canavial possui um vasto campo onde se erguem as casas. E' muito raro haver uma propriedade com uma segunda divisão, de maneira que o gado, ou parte dele necessario, antes e depois da safra, para os trabalhos durante o ano, fique sempre sobre esse logradouro. Esses campos são, ás vezes, enormes, e vi alguns com tres milhas de circunferencia, mais ou menos. Raros proprietarios conseguem impedir que nasça o matagal nesses terrenos. Os cavalos que movem o engenho são comumente mandados para os campos afastados dos canaviais desde que termina a safra, ou os enviam para o sertão, onde passam o inverno, regressando no ano seguinte nas vesperras da colheita. Com efeito, é de tal importancia ter-se uma bôa pastagem para esses animais, entre as safras, e a vantagem de deixar repousar alguns, cada dois anos, que cada propriedade devia ter um campo para o gado no interior do dominio, como uma dependencia indispensavel. Os bois, depois das safras, são levados para as praias, se a posição da propriedade permite, e os deixam pastar sob os coqueirais, até a proxima estação, mas como esses animais comem os coqueiros novos, não é possivel enviar-os em todas as epocas.

Como os proprietarios sustentam comumente seus escravos em vez de dar-lhes alguns dias na semana para que eles proprios se mantenham, os terrenos destinados ao plantio das provisões são de alta importancia por não poder o senhor nem sempre comprar os vegetais que fazem parte da alimentação negra. A raiz da mandioca e o feijão são as duas plantas essencialmente cultivadas, a primeira delas com maior abundancia. O milho não é muito empregado nessa parte do país.

Uma propriedade contém geralmente muito mais terras de que o dono possa gerir ou trabalhar, mesmo sob o

sistema extravagante de deixar um terreno abandonado para ir-se cultivar n'outro. Chama-o extravagante porque exige muito mais tempo para a exploração e determina maior esforço do que é necessario. Essas sobras de terras dão lugar as habitações do povo livre, das classes pobres, e que vive com o magro resultado do seu labor. A posição que essas pessoas têm nessas terras ocupadas é insegura e essa insegurança constitue um dos grandes elementos do poder que um latifundiario desfruta entre seus moradores. Nenhum documento é escrito mas o proprietario da terra autoriza verbalmente o morador a erguer sua casinha num terreno, habitando-a, sob condição de pagar uma renda minima, de quatro a oito mil reis, um ou dois "guinéus", ou pouco mais, e lhe permite cultivar o que possa fazer pessoalmente mas a renda aumentará se for auxiliado por alguém. As vezes, na convenção verbal, dispõe-se que o rendeiro deverá prestar certos serviços em vez de pagar o fôro em moeda. O serviço requerido é, por exemplo, levar recados, ou vir verificar se as matas estão sendo destruídas por pessoas que não obtiveram permissão do dono para cortar e carregar madeira, e outros encargos semelhantes.

OS EDIFICIOS

As construções vistas comumente nas propriedades são as seguintes: — O Engenho, movido pela agua ou pelos animais. Algumas propriedades possuem um engenho de cada genero por causa da falta d'agua na estação sêca, e tambem em raros dominios a safra é tão avultada que determina essa providencia.

Casa das Caldeiras, usualmente ligada ao Engenho, é a parte mais valiosa da aparelhagem porque as caldeiras, etc, costumam ser compradas na Europa. A casa de

purgar, que é quasi sempre vizinha á casa das caldeiras. Serve igualmente de destilaria. A Capéla, de grandes dimensões, segundo o costume. O edificio, e todos os outros que citei, são geralmente construídos com tijolos. A Casa Grande, casa de residencia do proprietario ou do feitor, com sua cocheira para os cavalos de séla. A casa é frequentemente feita de madeira e de barro. A rua das casas dos negros, já descrita por mim noutras partes, e mais negligenciada que as mais pobres na Inglaterra, e são erguidas com o mesmo material da Casa Grande. Pela apparencia das residencias escravas se pode formar um juizo da organisação do proprietario em suas terras. Todos esses edificios são cobertos com telhas. As propriedades não possuem um Hospital regular para os negros doentes mas uma das casinhas da rua é indicada para esse mister. O "tronco", onde é posto o negro turbulento, está guardado na casa de purgar.

STOCK

Nessas propriedades que visitei creio que o numero medio dos negros diariamente enviados para o eito nos campos não ultrapassará a uns quarenta, e embora haja maior quantidade de homens e mulheres em idade propria de trabalho, ha sempre alguns doentes e outros em tarefas errantes e estranhas a sistematizaçãõ regular da obra local. Uma propriedade possuindo quarenta negros robustos, machos e femeas, e igual numero de bois (29) e de cavalos, pode muito bem trabalhar, e se as terras são bõas, isto é, se existe uma regular proporção entre terrenos altos e baixos para a cultura da cana do açúcar, essas propriedades podem produzir um certo numero de caixas de açúcar, de quinze quintais cada, igual numero aos escravos trabalhadores. Digo que quarenta escravos são

suficientes porque muitos generos de trabalho são confiados aos homens livres, por exemplo, os mestres das taxas, a pessoa que alveja o açúcar, o destilador, o carreiro, e outros, são comumente livres. Apenas uma pequena proporção de açúcar se poderá tornar mascavado se o trabalho for dirigido com algum cuidado. Ouvi dizer a muitos plantadores que os méles pagam quasi todas as despesas, e se destilam aguardente, a produção do mel compensa perfeitamente a despesa anual. Os negros podem ser valiados em 32 £ cada; os bois a 3 £ e os cavalos semelhantemente, mas esses dois ultimos podem ser adquiridos em melhores preços com negociações. Um engenho, de primeira classe, com os edificios necessarios, pode ser avaliado entre 7.000 £ a 8.000 £ e outros, raros, vão a 10.000 £, mas o pagamento adiantado da sexta parte do preço é aceito e o restante amortiza-se com os rendimentos anuais. As propriedades no interior podem ser calculadas de 3.000 £ a 5.000 £, e poucas em preço maior, e se exige um pequeno adiantamento para a compra das propriedades de primeira ordem e os juros costumam ser moderados. As propriedades de primeira classe devem possuir oitenta negros no minimo e um numero proporcional de animais, dependendo da capacidade da direção (30).

Os unicos carros que são empregados nos canaviais foram toscamente construidos. Uma superficie plana, taboa, "mesa", feita de madeira espessa e pesada, com cerca de dois pés e meio de largo e seis pés de comprimento, é fixada sobre duas rodas de pau, resistente, com um eixo movel, de madeira tambem, com o timão preso ao carro. Esses veiculos são sempre arrastados por quatro ou mais bois, e como são estreitos e as estradas por onde trafegam são pessimas, estão continuamente virando. Os negros que conduzem os carros gozam de certas indulgencias de que não são favorecidos seus companheiros, pelo

grande trabalho que a profissão exige e pelas continuas dificuldades e perigos a que se expõem quando os carros viram ou os bois se enfurecem. Em todos os trabalhos atinentes a um engenho, a falta do auxilio mecanico para atenuar o esforço do homem deve ferir a observação de toda pessoa que tenha habito de ve-los e prestar-lhes a necessaria atençaõ. Farei mençaõ de um exemplo: — quando as telhas ou tijolos devem ser transportados de um para outro ponto, todo o bando de negros da propriedade é ocupado nessa tarefa de carrêto. Cada homem equilibra tres ou quatro tijolos ou telhas na cabeça, e caminha lenta e quietamente. Deixa a carga onde deva deixar e volta para vir buscar tres ou quatro mais. Assim, trinta homens, ás vezes, passam o dia inteiro produzindo a mesma quantidade de trabalho que dois homens e uma carroça, no mesmo espaço de tempo e sem dificuldades, teriam feito.

NOTAS AO CAPITULO XVI

(1) Empregando a palavra "Brasil", deve-se comprehender que pretendo indicar aquella região do país que tive oportunidade de vêr. A agricultura nas provincias do Rio de Janeiro e da Baía está, sem duvida, em condições mais adiantadas do que a de Pernambuco e da linha costeira ao Maranhão. (K).

(2) Inclio aqui a descripção de uma maquina para destocar, de invenção do sr. Saint Victor, membro da Sociedade de Agricultura do Departamento do Sena. "Consiste ela de uma barra de ferro batido, de mais ou menos dois pés e oito polegadas de comprimento, uma polegada de grossura na direção do cabo, e duas polegadas na direção da culatra ou plataforma. Essa plataforma, que é circular, tem 14 polegadas de diametro. Serve de base á Camara ou interior da mina que tem um diametro de 3 polegadas e 8 linhas de comprimento a partir da boca. O bujão ou tampão que serve para tapar a mina, é do mesmo diametro, e deve ser introduzido depois de um pouco de papel ou bucha. Por uma corrente está ele preso ao canhão ou morteiro, e a sua parte trazeira tem um diametro de 8 polegadas. Por cima, com mais ou menos duas polegadas, faz-se um pequeno furo de toque com pequena bacia (ouvido). O furo dirige-se em angulo de 45 grãos, e é escorvado com polvora para que se comunique com a carga que enche a camara até o tampão. Esta maquina pode ser mais facilmente fundida em bronze ou latão e nesta hipotese todas as suas dimensões devem ser um pouco mais grossas, para que assim possa oferecer uma resistencia igual á do ferro batido. Uso da maquina: — Quando a maquina está carregada com polvora, faz-se uma pequena escavação a

picarêta no centro do tronco. Em seguida, é a maquina colocada na escavação de modo que o tampão faça contacto immediato com a madeira. Deve-se ter o cuidado de preencher todos os vãos, quer seja com pedras, pedaços de ferro e de pau, e especialmente por baixo da plataforma da maquina, para que assim a explosão da polvora possa causar completo effeito no tronco, do qual, si necessario, as principais raizes deveriam ter sido primeiramente cortadas, si apparecem algumas sobre a superficie da terra, perto do tronco a ser arrancado. Quando a maquina se acha firmemente fixada em seu lugar, botase a escova no ouvido e applica-se um rastilho vagaroso cuja extensão deve ser sufficiente para permitir a retirada em tempo para uma distancia conveniente da explosão. "Journal of Natural Philosophy, & c. by W. Nicholson, vol. IV, p. 243 a 245". Em Pernambuco, o unico processo conhecido para destocar é aquele de cavar profundos fossos em volta dos troncos. (K).

(3) Labat informa que, limpando as terras, não é necessario arrancar os troncos das arvores, a menos que não sejam "des bois mols dont les souches poussent des rejettons". No Brasil, todas as arvores cortadas dão renovos. (K).

(4) Esse metodo foi abandonado por algumas pessoas ha pouco tempo, e ouvi dizer que os renovos não se desenvolviam grandemente, e que a terra exigia que a deixassem em repouso por muito pouco espaço de tempo. (K).

(5) Labat escreve: — "Les terres neuves, grasses, et fortes fournissent abondamment de la nourriture aux souches, et les entretiennent pendant quinze et vingt ans et plus, sans qu'on se aperçoive d'aucune diminution, ni dans l'abondance, ni dans la bonté, ni dans la grandeur, ni dans la grosseur, des rejettons; "e afirma que os troncos" conduisent plutôt leurs rejettons à une parfaite maturité, pourvus qu'on ai soin de rehausser les souches", & c. Nouveau Voyage, & c. tom. III, p. 368. Eu lera anteriormente a seguinte passagem noutro livro: — "Dans les plantations situées au bord du Demerari on fait trente récoltes successives de sucre sans transplanter les cannes, & c." — Voyage à la Guiane, & c. p. 222. Como essa obra tem uma reputação duvidosa, eu nada quiz citar sem estar cientificado por informação directa ou perante reafirmações em outros escriptores. Mas como Labat fala da mesma maneira, deve haver algum fundamento para suas asserções. (K).

(6) Labat escreve: — "Toutes les terres, en un mot, qui sont neuves, c'est-à-dire qui n'ont jamais été plantées, dans lesquelles on met des cannes aussitôt qu'on a abbatu les arbres qui les couvroient, portent des cannes très grosses et en quantité, remplis de beaucoup de suc, mais gras, crud, peu sucré, très difficile à cuire et à purifier. Je me suis trouvé quelquefois dans ces circonstances et particulièrement à la Guadeloupe, ou ayant fait défricher, une terre neuve, à plus d'une lieu du bord de la mer, et l'ayant plantée en cannes c'étoit quelque chose de surprenant de voir le nombre, la grosseur, et la hauteur de ces cannes, lorsqu'elles n'avoient encore que six mois; cependant je les fis couper à cet âge, et après que j'eus retiré ce dont j'avois besoin pour planter, je fis faire de l'eau-de-vie du rest, et je fis mettre le feu au terrain pour consumer les pailles, dont la pourriture n'aurait servi qu'à augmenter la graisse de la terre. Quatorze mois après cette coupe, je fis, employer en sucre blanc les rejettons qui étaient crus, dont la bonte repondit parfaitement à la beauté, qui ne pouvait être plus grande" — Nouveau Voyage, & c. tom. III, p. 339. Sobre esse assunto o autor continúa mas julgo haver transcrito o que de mais importante se continha. O mestre de gramatica de Itamaracá disse-me que havia seguido esse processo com uma certa quantidade de canas num terreno que depois foi cultivado por mim, e se convencera da excelencia do metodo nas terras dessa natureza, tal qual descrevia Labat. O povo em geral julgara-o louco mas mudara de opinião

quando na época das safras. Em outro livro Labat escreve: — “Le terrain nouvellement défriché, étant naturellement gras et humide, et sa situation le rendant encore aqueuse, les cannes qu’il produit, sont à la vérité grosses, grandes, pleines de suc; mais ce suc est gras et aqueux; et par sa consequent plus long à cuire, plus difficile à purifier, de sorte qu’il faudra abbatre et mettre au moulin plus de cannes, purifier et cuire plus de jus ou de suc pour faire une barrique de sucre, qu’il n’en faut à la Martinique pour faire quatre.” — Voyage du Chevalier des Marchais à Cayenne & c., tom. III, p. 204. Na minha pouca experiencia, surpreendia-me o aumento ou decurso da quantidade de canas trazida pelos carros de partes diversas do canavial. Mas meu espirito estava demasiado preocupado para que fosse indagar as causas desse facto. No tempo que Labat escrevia suas narrativas sobre a região francesa das Antilhas (de 1693 a 1705) elas pareciam muito o estado actual do Brasil. Os colonos occupavam-se em fundar as industrias e limpar as terras. A agricultura marchava lentamente e os engenhos de açúcar, comparativamente falando, eram novidades, e os melhoramentos a fazer interessavam vivamente os homens, obsedando-lhes o pensamento. Os processos agricolas nas Antilhas foram depressa beneficiados pelo estado de civilização que gozavam as metropoles possuidoras de terras nas ilhas, e as comunicações estabelecidas entre as ilhas facilitou o adiantamento local, pondo ao seu alcance os melhoramentos de toda a parte, invenções e idéas. Mas o Brasil fôra deixado aos seus proprios recursos, não se tendo nenhum interesse por ele no estrangeiro e nenhum olhar lhe fôra lançado quanto ao seu cultivo intelectual, não sendo de assombro que o pais haja tido tão diminuto progresso. A semelhança entre o estado das ilhas francêsas no tempo de Labat e o Brasil de hoje, com sua força de observação, fazem-me pensar de que alguns desses repáros podem ser uteis para esse ultimo pais, embora sejam mais proprios para a data e o local onde foram escritos. São razões que justificam as citações frequentes que faço desse autor. (K).

(7) Labat diz que viu canaviaes plantados nas proximidades da agua salgada em Guadalupe, e as provara no sumo, achando um sabor salôbro. “D’où il était aisé de conclure que le sucre brut qu’on en ferait, pourrait être beau, comme il l’étoit en effet en tout le quartier du grand cul-de-sac, mais qu’il serait difficile de réussir en sucre blanc, comme il est arrivé”. — Nouveau Voyage, & c.” tom. III, p. 71. (K).

(8) Alem do processo ordinario de abrir buracos, Mr. Edwards menciona o seguinte metodo: — “O plantador, em vez de arrancar as raizes, escavando e plantando novamente, deixa que continuem de terreno, contentando-se, quando verifica que já nada mais produzem, em encher os espaços vacantes com plantas novas” — History of the West Indies, vol. II, p. 207. (K).

(9) Utilizaram-se de uma charrúa, puxada por dois bois, uma ou duas vezes. A construção fôra segundo modelo vindo de Cayenne (K).

(10) A transcrição nesse capitulo, que está marcada entre aspas, retirei-a do “Historia das Indias Ocidentais”, de Mr. Edwards. Menciono isto, uma vez por todas, para evitar enganos e confusões. (K).

(11) O autor da “Nouveau Voyage” (tomo III, p. 218) menciona haver coberto o tecto da casa de purgar, vizinha ao engenho, propriedade da sua Ordem, com pés de canas de açúcar. Nunca vi praticar-se no Brasil essa maneira de cobertura, e efectivamente informa Labat que não a empregavam commente no pais de que trata. Diz que é usado, para esse fim, uma especie de caniço. No Brasil ha varios generos de gramincas que servem admiravelmente para esse proposito e são duraveis, qualidade que, ajunta Labat, a cana possui. No Brasil usam, mais geralmente, as palhas do coqueiro e de outras palmeiras. Houve, entretanto, o costume de plantar as extremidades das canas e Labat, com autoridade propria, objecta não terem resistencia bastante para produzir boas canas. A mesma opinião é comum em Pernambuco. (K).

(12) Labat liga grande importancia a maturidade das canas: — "Il faut donc observer avant que de couper les cannes, quel est leur degré de perfection et de maturité plutôt que leur âge" — Nouveau Voyage, tom. III, p. 353. Num extenso canavial, é absolutamente impossivel atender a essa particularidade referente á maturidade das canas porque umas serão cortadas sem que estejam maduras e, n'algum canto da plantação outras foram retiradas fora do seu tempo de corte. (K).

(13) Jay traduziu *nulle*. Creio corresponder o *blast* ao "vermelho" que inutilizou, em meados do seculo XIX, as canas de Cayenne, as "Caianas", no nordeste. (C).

(14) O frade francês se queixa dos ratos, e diz que, no seu tempo, havia um caçador de ratos em cada canavial. Conta que fazia trazer pelo caçador os ratos apanhados mas, desejando ver o animal inteiro, só lhe mostravam a cauda e a cabeça porque os negros lhe comiam o corpo, o que tentou impedir que devorassem a carne do rato, temendo que esta contagiasse a tísica. Sei que os negros no Brasil comem todos os ratos que encontram e não sei por que esse alimento não é sabio e gostoso, desde que o rato só se alimenta com cana de açúcar e mandioca. Não posso deixar de transcrever o seguinte trecho: — "Il y a des habitans qui se contentent que le preneur de rats leur en apporte les queues ou les têtes. C'est une mauvaïse methode, parce que les preneurs voisins s'accordent ensemble et portent les queues d'un côté et les têtes d'autre, afin de profiter de la recompense que les maîtres donnent, sans se mettre beaucoup en peine de tendre les attrapes. — Nouveau Voyage", tom. III, p. 358. (K).

(15) André João Antonil chorava as mesmas queixas, estudando "Dos inimigos da cana, em quanto está no canaveal": — os ladrões a furtão a feixes; nem pássa rapaz, ou caminhante, que se não queira fartar, e desenfadar á custa de quem a plantou". — Cultura e Opulência do Brazil por suas drogas e minas, p. 111. (C).

(16) Cana caiana (C).

(17) *Dorminhoco como negro de Engenho* é um proverbio comum. (K).

(18) Ha pouco tempo os cilindros verticais, chapeados de ferro, usados nas Anilhas, foram adotados. Tinham sido mandados vir da Inglaterra e deram resultados magnificos, articularmente nos engenhos que possuam a vantagem de ser movidos pela agua. (K). Rodolfo Garcia, nas notas aos "Dialogos das Grandezas do Brazil" (p. 165) informa, sobre os cilindros verticais: — "... estiveram em uso até meados do seculo XIX, quando foram substituidos por horizontaes, de invento do engenheiro Leandro Guimarães, que tambem aperfeiçoou as rodas hydraulicas." (C).

(19) Labat, falando sobre a mesma perigosa especie de accidentes, escreve: — "Ce qui pourroit arriver si la larguer des établis ni les en empêchoit. "E tambem menciona a necessidade de ter "sur le bout de la table une serpe sans bec bien affilée, pour s'en servir au besoin". — Nouveau Voyage", tom. III, p. 406-407. (K).

(20) O autor da "Nouveau Voyage" diz que os Portuguezes, quando se estabeleceram no Brazil e mesmo na epoca em que ele escrevia (1696) usavam n'alguns lugares engenhos para esmagar a cana de açúcar semelhantes aos que na Normandia eram empregados "pour briser les pommes à faire le cidre, et dont on se sert aux pais ou il y a des oliviers, pour écraser les olives". — tom. III, p. 428. Não conheço outra especie de engenhos utilizados atualmente, alem do que descrevi, de uso geral. (K).

(21) ... *the "temper" is thrown into it*. Diz-se hoje "ajuda", como, no tempo de Antonil dizia-se *decoada*, e era feita com cinzas. Koster já menciona o inicio do uso da cal, depois empregada geralmente. (C).

(22) Nas ilhas francêsas (Antilhas), o liquido passa atravez de um tecido quando sai da primeira para a segunda taxa. Da cêlha não encontrei registro. — Nouveau Voyage, tom. IV, p. 24. (K).

(23) Na "Voyage du Chevalier des Marchais a Cayenne, &c." encontrei o seguinte: — "Le sucre séché au soleil est toujours plus susceptible d'humidité, que celui qui a été bien séché dans une bonne étuve." — tom. III, p. 205. No quarto volume da "Nouveau Voyage", p. 106-110, ha a descrição de um forno para clarear e secar o açúcar, certamente interessando aos leitores do Brasil mas, por demasiado longo, dispensa a inserção para o publico da Inglaterra. (K).

(24) Os grandes fornos aperfeiçoados, como usam nas ilhas .Columbianas, começam a ser introduzidos. (K).

(25) Um conhecedor no assunto, antigo senhor de Engenho, o sr. Milton Varela, proprietário no vale do Ceará-Mirim, forneceu as notas subsequentes que evocarão o trabalho nos velhos banguês, característicos da nobreza rural. A divisão geral do Engenho é: — Picadeiro, depósito das canas cortadas para a moagem, Casa da Maquina, onde fica o motor, a caldeira tubulada, ocasião unica em que chamam "caldeira" e a Casa de Caldeiras, onde se processa a tarefa da fabricação do mel e açúcar. Sendo o engenho movido por animais é obvio não existir a Casa da Maquina. Na casa das caldeiras está o "assentamento", fundação de tijolo onde ficam as "taxas", denominação geral e conium do *caldrón* de Koster. O caldo da cana triturada vem pelo rêgo cair no parol e esta seção o envia á das taxas, que são cinco. A primeira, taxa de receber, é apenas aquecida, não chegando a ferver. Desta para as outras o caldo é trazido pelo *côco*, feito de flandres. A segunda é a taxa-caldeira, onde pela primeira vez o caldo ferve, recebendo a *ajuda*, solução fortemente alcalina. A terceira, taxa-caldeirôte, assim como a segunda, são conhecidas como "taxas de limpar". Na quarta e quinta, taxa de apurar, o mel está em sua fase ultima de fabricação. Quando o mel está na quarta taxa, já limpo, *ajudado*, fino, dizem-no *rarope*. Na quinta taxa diz-se *cozimento*. Está no ponto de açúcar. Passa para o *resfriador*, especie de taboleiro ou de tanque raso, onde é batido com um rolo de madeira pelo mestre de açúcar até *entestar*, isto é, coalhar. Colocam-no nas "fôrmas" e levam-no para a Casa de Purgar, onde escorre mel, quinze a trinta dias. Depois desse prazo é *aventado*, tal qual diziam no principio do seculo XVIII, exposto ao vento, *dried in the sun*, para o exato Koster. No tempo de Koster começava aí a tarefa de pôr-los nas caixas, depois de "quebrado", partido de sua fôrma, o pão de açúcar colonial. O saco, até recentemente, continha cinco arrobas. Hoje é obrigatorio sua capacidade de sessenta quilos. Essa era a faina em que viveu Koster e nasceram os barões politicos do ciclo da cana. (C).

(26) O seguinte processo para preparar a "ajuda" (the temper) poderá ser util ao país de que trato, e porisso me permito transcreve-lo, não obstante sua extensão. "Le barril à lessive étant posé sur la sallette ou sur un trépied, on en bouche le trou avec une quantité de paille longue et entière, après quoi on y met une couche composé des herbes suivantes, après les avoir broyées entre ses mains, et après les avoir hachées. Herbes à blé; c'est une herbe qui croit par touffes comme le blé qui est levé depuis deux ou trois mois, et à qui elle ressemble beaucoup. On arrache la touffe entière avec sa racine qui est fort petite. La seconde se nomme herbe à pique. Cette plante a une tige droite de la grosseur d'un tuyau de plume d'oye et de la hauteur de quinze à dix-huit pouces. Son extrémité porte une feuille comme celle de l'ozeille pour la couleur et pour la consistance, mais qui ressemble entièrement au fer d'une pique. La troisième est la mal-nommée. C'est une petite herbe deliée, fine et frizée à peu près comme les cheveux des nègres. On met ces trois sortes d'herbes par portion égale, avec quelques feuilles et quelques morceaux de lianne brûlante. Cette lianne est une espèce de lierre, dont la feuille est plus tendre, plus mince, et les bois plus spongieux que le lierre d'Europe. On écrase un peu le bois et les feuilles, avant que les mette dans le barril.

C'est avec ces quatre sortes d'herbes qu'on garnit le fond du barril jusqu'à trois pouces de hauteur; on les couvre d'un lit de cendre de paille épaisse, et l'on choisit la cendre faite du meilleur bois qu'on ait brûlé, comme sont le chataignier, le bois rouge, le bois caraïbe, le raisinier, l'oranger ou autres bois durs, dont les cendris et les charbons sont remplis de beaucoup de sel. On met sur cette couche de cendre une couche de chaux vive de même épaisseur, et sur celle-ci autre couche des mêmes herbes, ausquelles on ajoute une ou deux cannes d'inde ou de seguin bâtarde, amorties au feu, et coupées par tranches de l'épaisseur d'un ecu. Cette plante vient sur le bord des eaux marécageuses, sa tige est ronde d'un pouce ou environ de diamètre; sa peau est fort molle et fort verte; le dedans est blanc, assez compacte, et rempli d'une liquer extrêmement mordicante, qui fait une vilaine tache, et ineffaçable sur le linge et sur les étoffes où elle tombe. Sa feuille est tout-à-fait semblable pour sa figure à celle de la porée ou bette, mais elle est plus verte et plus lisse, et ses fibres ne se distinguent presque pas; on ne les met point dans la lessive. Toutes ces herbes sont extrêmement corrosives et mordicantes. On remplit ainsi le barril de cendre, de chaux, et d'herbes, par lits jusqu'à ce qu'il soit plein, et on le termine par une couche des mêmes herbes bien broyées et hachées. Quand on se sert des cendres qui viennent de sortir des fourneaux, et qui sont encore toutes brûlantes, on remplit le barril avec de l'eau froide; mais lorsque les cendres sont froides, on fait bouillir l'eau avant que de la mettre dans le barril. On met un pot ou un autre vaisseau sous le trou qui est bouché de paille, pour recevoir l'eau qui en dégoutte, que l'on remet dans le barril, et que l'on fait passer sur le marc qu'il contient, jusqu'à ce que cette lessive devienne si forte que la mettant sur la langue avec le bout du doigt, on ne puisse pas l'y souffrir, et qu'elle jaunisse le doigt, comme si c'étoit de l'eau forte". — Nouveau Voyage, tom. IV, p. 33-35. (K).

(27) Alguns ricos senhores de engenhos mandaram vir da Inglaterra os grandes alambiques, e se convenceram, por experiencia, de sua infinita superioridade sobre os anteriormente usados. Durante o tempo de Labat, seus compatriotas estavam mais adiantados que os agricultores de Pernambuco no tocante ás instalações das destilarias. Já possuíam alambiques de cobre. (K).

(28) O Alvará é datado de 21 de Janeiro de 1809. Um outro, no mesmo sentido fôra passado a 22 de Setembro de 1758 para a Capitania do Rio de Janeiro, extensivo depois ás outras Capitánias, primeiramente a titulo temporario, mas, posteriormente, renovado varias vezes, e por fim posto em vigor para todos os dominios portuguezes ultramarinos, pelo Alvará de 6 de Julho de 1807. Como essa ultima trazia algumas restricções, saiu o de 1809. Por esse Alvará, em primeiro lugar, nenhum Engenho de açucar trabalhando ou em estado de serviço ordinário, sendo cultivado em extensão bastante para moer e manter a escravaria, pôde ser executado por dividas. Um embargo ou sentença executoria só poderá incidir sobre um terço do produto liquido da produção. Os outros dois terços eram destinados para as despesas da cultura agricola, da administração e para subsistencia do proprietario. Segundo: — Ha, entretanto, execução legal quando o debito for igual ou superior ao valor da propriedade; mas, neste caso a totalidade dos escravos, o gado, as terras e o aparelhamento geral devem ser avaliados conjuntamente e não poderão ser separados do Engenho. Terceiro: — Quando existirem muitas dividas, cujo total atinja a uma soma que determine a execução judicial da propriedade, a lei obriga certas formalidades processuais pelas quais as dividas figurarão como uma unica. (K).

(29) "Qu'ils (les cabrouettiers) ayent soïn, quand il est nécessaire de leur faire ôter les barbes, qui sont certaines excrescences de chair, qui leur viennent sous la langue, qui les empêchent de paître. Car les boeufs ne coupent pas l'herbe avec les dents comme les chevaux, ils ne font que

l'entortiller avec la langue et l'arracher; mais quand ils ont ces excrescences, qui leur causent de la douleur, ils ne peuvent appliquer leur langue autour de l'herbe et deviennent maigre et sans force". — Nouveau Voyage, tom. IV, pag. 179. Nunca ouvi falar sobre essa molestia mas, onde viveu Labat, é uma enfermidade a que estão sujeitos os cavalos e o gado bovino e vacum. É produzida pelo facto dos animais pastarem em campos de relva demasiado curta. A carne cresce da raiz dos dentes para as extremidades, tornando impossivel aos animais pastar. (K).

(30) Essa é a relação do numero de caixas de açúcar, exportadas de Pernambuco, do ano de 1808 a 1813: —

1808	4.721.
1809	12.801.
1810	9.840.
1811	7.749.
1812	8.577.
1813	9.022.

Obtive essas informações do meu amigo Mr. I. C. Pagen, durante longo tempo residente no Recife. (K).

CAPITULO XVII

AGRICULTURA: O ALGODÃO. A MANDIOCA. COQUEIROS. CARRAPATEIRA. PAU BRASIL. TATAJUBA. FEIJÃO. MILHO. BANANEIRA. BATATAS. ARROZ. CAFÉ E CACAU. IPECACUANHA. MALAGUETA. CHÁ. HORTICULTURA.

AGRICULTURA: ALGODÃO

Essa valiosissima planta não se tornou menos preciosa para Pernambuco que a cana de açúcar, devido aos grandes pedidos de algodão desta provincia para as vizinhas e para os mercados britannicos. Novas fundações para o plantio do algodão são creadas annualmente, não obstante as difficuldades que surgem para a realização desse objetivo. Os distritos escolhidos com esse proposito são geralmente no interior, como melhores indicados para o crescimento, e distantes das praias do mar, aridos, e algumas vezes escassamente supridos de agua fresca. Ha mesmo falta absoluta d'agua, em varias occasiões, ao mesmo tempo em que regiões proximas estão perfeitamente supridas nesse particular. A opinião geral é que o algodão não nasce nas terras proximas ao litoral (1) e que as frequentes mudanças atmosfericas lhe são prejudiciaes. As estações do inverno e do estio são mais regularmente marcadas a certa distancia do mar, e nessas regiões as variações successivas dependem menos da superabundancia das chuvas do que de sua escassez. O algodoeiro requer que o tempo esteja seco durante uma boa parte do ano. Se as chuvas caem quando o capulho está aberto, a lã está perdida, tornada amarelada, diminuindo e ficando com-

pletamente inutil para o uso. O solo preferido para sua semente é o de barro vermelho escuro, ocasionalmente veiado de amarelo, vezes extremamente duro nos longos intervalos sem chuvas. Os algodoads anualmente mais e mais se alongam para o interior, sobretudo nos plainos do Sertão que permitam esse avanço. As plantações dessa especie que estavam antigamente proximas da costa, são hoje utilizadas noutros generos de sementes. A constante exigencia de novas terras requerida pela cultura do algodão, porque se julga necessario deixar a terra em repouso por varios anos antes de trabalha-la novamente, pôde, de alguma forma, explicar esse facto. Pode ser, igualmente, que o desenvolvimento rapido das populações ao longo do litoral possa ter determinado esse efeito, forçando a saída daquelles que cultivavam um objeto de comercio para dar lugar aos outros que cultivam os elementos necesarios aos habitantes locais. O algodão é somente vendido *em caroço* pelo plantador, isto é, antes de ser separado da semente, e muitas pessoas encontraram meios de subsistencia preparando-o para os mercados de exportação, mas como o labor e a conveniencia aumentam nessa situação, os negociantes se instalam perto dos algodoads. Vão recuando na mesma proporção. Alguns anos antes via-se, a duas leguas do Recife, numerosas maquinas de descaroçar o algodão. Ha poucos anos foram mudadas para Goiana e atualmente os principais pontos desse mercado são Limoeiro e Bom Jardim, lugares, como já descrevi, com muitas leguas de distancia da costa.

As terras são limpas para plantar o algodão na maneira ordinaria, cortando as arvores e queimando-as, e os buracos para semear são cavados em forma quadrangular, numa distancia de seis pés, uns dos outros, e são postos, comumente, seis sementes em cada escavação. Nas colonias britannicas é necessario semear de oito a dez caroços.

O tempo para plantar é em Janeiro, depois das *primeiras aguas*, ou início do ano, logo apoz as chuvas cairem. O milho é comumente plantado entre os algodoeiros. Tres, e algumas vezes quatro safras são obtidas com as mesmas plantas, mas a segunda colheita é a que dá, geralmente, os melhores tipos.

O arbusto é de bonita apparencia, especialmente quando está coberto de folhas e cheio das lindas flores amarellas, mas os capulhos começam a abrir e a folhagem a secar, e seus finos galhos esparsos ficam despídos, e a planta recorda muito a uma negra moita de groselhas que ha longo tempo não se póda. O algodão é colhido em nove ou dez mezes.

A maneira para descascar o algodão é simples e podia ser mais simples ainda. Dois pequenos cilindros canulados são postos horizontalmente, um tocando o outro. Cada extremidade desses cilindros, numa ranhura, ha uma corda enrolada, ligada a uma grande ródá que está distante poucas jardas, onde fixam duas manivelas que são movidas por dois homens. Os cilindros são dispostos a movimentarem-se em sentido contrario, de forma que o algodão é posto em um deles e levado para o outro lado mas as sementes ficam porque a abertura entre os cilindros não é bastante larga para facilitar-lhe a passagem (2). A maquina usada nas colonias britannicas parece ser de construção maior mas é bem mais simples, porque o cilindro é movido pelo pé da pessoa que maneja o algodão, (3). Depois dessa operação restam ainda algumas particulas das sementes quebradas, assim como outras substancias, que devem ser retiradas. Para esse fim, amontoa-se o algodão e o batem com paus grossos, processo que muito danifica a fibra, rebentando-a, e como o valor da procura para o fabricante depende sobretudo do comprimento da

fibra, tudo devia ser feito para que esse processo fosse substituído.

As sementes aderem “firmemente umas ás outras no capulho”, informa Mr. Edwards falando de uma especie das colonias britannicas, a qual denomina *kidney-cotton*, dizendo crer que seja “o verdadeiro algodão do Brasil”, (4). O algodão amarelo de nanquim tambem é encontrado em Pernambuco mas não constitue um artigo de commercio mas é olhado como uma curiosidade. Vi igualmente algumas especies de algodão selvagem mas como não obtive amostras não me é possível pretender dar uma descrição.

Os lucros alcançados pelos plantadores de algodão, nòs anos favoraveis, são enormes mas as perdas experimentadas são frequentes. Ás vezes toda uma safra, de belo aspecto, é totalmente perdida. Certos anos são improduttivos ou n’outros, depois de promessas lisonjeiras, o joio, as lagartas, a chuva ou os estios excessivos, destróem todas as esperanças de uma futura colheita. A outra grande fonte do agricultor, a cana de açúcar, não é tão sujeita aos muitos e desastrosos revezes, e quando um ano é desfavoravel, o immediato satisfará todas as despesas realizadas. Verifiquei que o mercado é fracamente afetado pelas esperadas quedas das safras, porque é digno de lembrança que, em país assim vasto, um distrito escapa do desastre enquanto os demais se arruinam (5).

A qualidade do algodão que é produzido na America do Sul, seja ao norte ou ao sul de Pernambuco, é inferior ao desta provincia. O algodão do Ceará não é tão bom e o do Maranhão é menos ainda. O algodão é comodamente embarcado nos portos desses dois pontos. Seguindo de Pernambuco para o sul, o algodão da Baía não é bom e a pequena quantidade produzida no Rio de Janeiro é menos proprio que a baiana.

Tratando do açúcar e do algodão, expuz as linhas essenciais que diferenciam os produtores das Antilhas dos do Brasil. Os meus leitores que tiverem interesse, envio-os ao citado e bem conhecido livro que consultei (6).

A MANDIOCA

A mandioca (7) exige uma bôa terra e o mesmo roçado pode não dar duas safras, convindo fazer repousar o terreno por um ou dois anos ou mais. A operação do plantio é simples e não difere muito da que era antigamente praticada pelos Indigenas, (8). A farinha que é feita da raiz é chamada *farinha de pau* (9). Ha varias especies de mandiocas, das quais algumas são proprias para as terras altas e outras para as baixas umidas, e nesse ultimo caso, é necessario plantar-se em leirões sob pena da raiz apodrecer. O gado é alimentado com o caule e a raiz, primeiro cortados em pequenos pedaços e expostos ao sol durante algumas horas. Sem essas precauções o alimento seria perigoso. Vi, entretanto, bois de carro habituados a comer as raizes completamente frescas e sem que, aparentemente, sofressem qualquer mal. Da mesma forma o organismo humano se torna insensivel aos remedios mais violentos por um longo uso.

Quando eu residia no Jaguaribe, possuia um desses animais que costumava uma vez cada semana tentar fugir do cercado e passar uma parte da noite nalgum vizinho roçado de mandiocas. Era tão habil em arrancar as raizes e o talo das plantas que a natureza do furto só nos era revelada pelos vestigios de seus rastos. Quando eu residia em Itamaracá, perdi uma ovelha que bebeu o sumo da mandioca. Os negros ocupavam-se fazendo farinha e tinham posto um cêlha perto da prensa para receber o

sumo. As ovelhas esperavam debaixo do telheiro, com a esperança de saborear algumas raízes, de que gostam imensamente, e uma delas se abeirou da cêlha, que estava cheia do sumo e, embora tivesse sido percebida e enxotada imediatamente, o efeito do pouco líquido que tivera tempo de beber, em rapidos minutos se mostrou. O animal cambaleava e tremia, ergueu-se e novamente tombou. Deram-lhe para beber uma bôa porção de azeite mas sem resultados. O corpo inchou com proporções enormes e o animal morreu dez minutos depois de haver bebido o sumo da mandioca (10).

O inseto mencionado por Piso (segundo Mr. Southey) sob o nome de *Tapurú* (11) e que dizem ser gerado pelo sumo da mandioca quando está pôdre, tenho-o visto frequentemente. E' conhecido por essa denominação mas este nome não lhe pertence privativamente pois se refere geralmente a todos os tipos de vermes. Não guardam o sumo para nenhum proposito mas, por negligencia do encarregado de limpar a cêlha, pôde ficar alguma porção, varios dias (12). Nunca ouvi dizer que esse verme fosse venenoso. O tipo de mandioca a que chamam *manipeba* (13) é proibido para a comida pela grande intensidade do venenoso sumo, ainda não completamente combatido. Mas a manipeba tem a vantagem de conservar-se por mais tempo sob a terra. As outras especies comumente plantadas apodrecem se quebrarem a haste mas a manipeba se mantém integra em sua raiz e rebenta em novo talo no ano seguinte. Disseram-me que nos terrenos sêcos da Mata, algumas variedades dessa planta possuíam as mesmas características. Quando a mandioca requer um terreno enxuto e as chuvas não caem em Janeiro, a safra é prejudicada. E' sempre neste mez, depois das primeiras aguas, que plantam os roçados de mandioca. Os brasileiros dão nomes peculiares a cada tipo dessa planta. A raiz

é chamada *mandioca*, o talo *maniva*, as folhas *maniçoba* e o sumo *manipueira*.

Ha uma especie que tem o sumo inofensivo e é conhecido por *macaxeira* (14). Sua raiz não é tão volumosa e deve ser porque a plantam como um regalo delicioso e não como elemento de alimentação regular. Extráem menos sumo dessa raiz do que de outras, com dimensões equivalentes, pertencentes as demais especies, (15). As cascas dos tipos de mandioca mais comumente usadas, são escuras mas ha uma delas em que a casca é branca.

A parte mais custosa do processo de fazer farinha de mandioca consiste em retirar a casca das raizes, e isto é feito com dificuldade, por meio de uma faca já quebrada, uma pedra cortante ou uma pequena concha, com os quais cada pessoa se provê. Essa tarefa reúne grande numero de pessoas que se ocupam em fornecer material para o engenho que tritura as raizes. Consiste o engenho em uma roda, atravessada por um eixo, com uma manivêla em cada lado, podendo ser movida por dois homens, um deles trabalhando em cada flanco. Põem um deposito sob a roda, que é revestida de cobre, com dentes. A mandioca é levada contra essa rôda, movida com grande velocidade, sendo triturada e caindo na calha posta abaixo. Essa polpa é conduzida para uma prensa, sendo todo o sumo extraído, e quando está suficientemente imprensada, a pasta, massa, é posta sobre um forno aquecido, no qual o homem encarregado desse serviço a remexe sem cessar, para impedir de queimar-se. Quando está perfeitamente fôfa, retiram do forno, deixam-na esfriar e fica em estado de ser servida (16).

Ha outro processo de preparar a mandioca para alimentação. Colocam-na num cesto e o mergulham n'agua durante alguns dias, até que as raizes se tornem brandas, e a mandioca é então chamada *mandioca móle*. (17). È preparada assim para o fabrico de bôlos, e quando não,

no comum, para comedorias. Tentei, quando estava no Jaguaribe, introduzir o uso dessa farinha, feita desse modo, entre os escravos. A farinha assim obtida é muito mais delicada que a ordinaria, mas os negros não gostam dela, e eu, respeitando-lhes a repugnancia, deixei que se continuasse a velha fabricação. A mandioca deve estar proxima á putrefação, para ficar assim branda e ser facilmente descascada, e penso existir algum principio pouco sadío. O odor da mandioca móle é extremamente desagradavel e é uma das inconveniencias quando se atravessa as ruas do Recife onde está exposta a venda. Esse cheiro desaparece completamente quando a farinha fica, por alguns minutos, sobre um fôrno (18).

O COQUEIRO (19)

As terras arenosas do litoral onde se planta o coqueiro seriam, sem ele, desvalorisadas e inuteis. A renda dos coqueirais as tornam valiosas. Os terrenos ocupados por essas plantações dão uma renda segura aos seus proprietarios que os cultivam sem dificuldades quando para as demais culturas muitos esforços são exigidos. Deve-se, entretanto, considerar o longo periodo de cinco a sete anos necessarios para que essa arvore frutifique, como um descontos nos beneficios com que dá em seguida, a extrema idade atingida. Como quer que seja, possivelmente poucas arvores desse porte existem dando um fruto em tão pouco tempo. E' uma arvore preciosa e cada parte está apropriada para uma finalidade util. Os brasileiros dizem que ela proporciona a sombra e o alimento; do seu tronco e de suas palmas constróem cabanas; de suas raizes fibrosas tecem os cestos e as cordas são fornecidas pela entrecasca. O fruto dá alimento e bebida, e se obtem um excelente oleo, depurando o sumo que se extrai prensando

a sua polpa. O fruto é de uso geral na cozinha da gente pobre, e constitue um dos principais artigos no commercio interno (20). Quando se funda um coqueiral, as nozes dos côcos são plantadas com cerca de doze polegadas abaixo da superficie da terra, formando filas cerradas pela conveniencia da aguação. São frequentemente plantados perto dos muros das habitações, dispensando maiores cuidados porque as aguas da chuva, caindo dos telhados, produzem a humidade sufficiente e livra o proprietario de maiores canceiras. Ao fim de seis mezes as primeiras folhinhas surgem atravez da terra, e quando decorre cerca de um ano, depois que se enterrou o côco, a jovem planta está em ponto de ser transplantada, (21). Replantam-nas então numa distancia de oito a dez jardas, uma da outra, em terreno bem limpo e preparado para recebe-las. Logo que têm raizes, e na maior parte não ha perigo de perda, muito pouco cuidado inspiram. E' preciso, naturalmente, proceder a uma necessaria limpa no matagal, no minimo dos primeiros anos, e sempre nas epochas em que a fecundidade do coqueiro aumentou, afim de garantir-lhe espaço (22).

A CARRAPATEIRA OU ARVORE DO CASTOR (23)

Essa planta pode ser, tão bem como o coqueiro, viva nas terras de areia, mas floresce com mais exuberancia quando plantada nos terrenos melhores. O oleo, que é extraído de suas sementes, é empregado usualmente para as lampadas e outros objetos, mas não é usado na alimentação, não sendo conhecido como remedio, mas servindo nas applicações exteriores. E' ministrado ao animal que bebeu a manipueira e obtem algum successo, forçando o veneno a deixar o estomago. E' muito cultivada mas frequentes vezes vemo-la crescer espontaneamente (24).

PAU BRASIL (25)

A arvore que fornece a linda tinta vermelha tão estimada na Europa, é, creio eu, geralmente tida como peculiar (26) à região a qual deu seu nome (27). Chamam-na também em Pernambuco (de onde penso que é exclusivamente exportada) "Pau da Rainha", devido á circunstancia de ser o commercio monopolio governamental, e ser exportado para a Europa por conta da Corôa. Não tomam a menor precaução para evitar a escassez dessa arvore, e mesmo que ela termine desaparecendo. È abatida impiedosamente pelos officiaes encarregados desse serviço, sem nenhuma atenção pela grossura da madeira. Não fazem novas plantações e, conseqüentemente, é raro encontra-la dentro de muitas leguas do litoral. O trabalho que exige seu transporte do interior, pelo peso, é consideravel para os cavalos que a conduzem ás costas, e é a maneira unica de carrega-la. O pagamento dado pelo Governo aos transportadores é abaixo do preço comum nas obras de igual categoria, e constitue uma fonte de opressão. O carregador recebe, com sua carga, um pedaço de papel, declarando o peso da madeira que ele dirigirá, e deverá ser apresentado por ele á Intendencia da Marinha, no Recife, e antes que a carga seja pesada e o documento contra-assinado, não pode regressar para casa. O homem é retardado por muitos dias, antes de lhe permitirem a volta, e termina descobrindo que é de seu interesse oferecer alguns presentes aos officiaes inferiores para ser mais prontamente despachado. O velho processo da indiferença se deixa claramente ver em sua continuação. Esse negocio do homem que carregou a madeira tem-me sido narrado por muitas pessoas encarregadas da mesma especie.

Se o commercio dessa madeira fosse livre, a sua escassez se faria sentir mais rapidamente que no regime actual, mas, desde que se tornasse rara, seria objeto de novas plantações. Todavia, podendo ainda ser obtida em estado selvagem e com enormes lucros, o Governo provavelmente continuará suprindo os mercados por sua conta. Em cada canal poder-se-ia cultivar grande numero dessas arvores sem obrigação das limpas nos terrenos adicionais. As estacas dos cercados podiam ser reforçadas com a adição do Pau Brasil nos intervalos, como empregam outras arvores para esse fim.

Nunca vi essa arvore, mas a ouvi descrever da seguinte maneira; não é arvore alta, e a pouca distancia da terra inumeraveis galhos se estendem para diante, em todas as direcções, espalhados, irregulares, de aspecto não agradável. E' preciso pratica para identificar essa arvore porque a parte preciosa é o amago, e as cascas não têm valor. As folhas são pequenas e não cobrem os galhos com abundancia (28).

A *Tatajuba* ou *Fustic* é uma especie de madeira que produz uma tinta amarela, muito conhecida na Inglaterra. Cresce espontaneamente. A procura tem sido ultimamente grande e, por consequencia, sua destruição se dá onde a arvore é encontrada (29).

Feijão ou *kidney-Bean* é plantado em abril e maio com a mandioca. E' muito usado nos arredores da costa pela população livre mas não é produzido em quantidade sufficiente para constituir a alimentação dos negros. Quando o cozinham com o sumo da polpa do côco, é um prato delicioso. Nos distritos algodoeiros é um dos principais artigos da alimentação negra.

O *milho* ou *maiz*, plantam-no com a mandioca e, algumas vezes, nos canaviaes, mas como a melhor safra se obtem plantando-o com as mandiocas, em Janeiro, poucas pessoas o fazem noutra data. Nos distritos do inte-

rior é semeado com o algodão, e brota mais abundantemente que nas terras proximas ao litoral. O milho cozido é o almoço comum dos escravos nos algodoais. O acepipe lembra uma espessa sôpa de ervilhas, e é longe de ser desagradavel quando adicionam o açúcar ou melaço. O povo o chama *angú de milho*.

A *bananeira* é muito conhecida para que tome espaço aqui. Ha em Pernambuco tres especies: — a *banana curta*, que é um pequeno fruto não excedendo duas polegadas de comprimento; a *banana comprida*, que é o plantano (“plantain”), e enfim a ultima das tres especies que foram introduzidas e que conquistou o estranho nome de *banana de quatro vintens*, porque os cachos do fruto eram tão grandes que cada um se vendia a quatro vintens, um pouco mais de 5 d. Penso que não retiram da banana toda a utilidade que ela daria. Não somente é usada como alimento dos negros, mas alguma cousa alem. A banana curta com farinha sêca é o almoço diario entre o povo de côr (30).

Batatas, ha muitas variedades mas a que tive maior oportunidade de ver é a *batata roxa*, assim chamada pela coloração purpura que toma sua polpa quando cozida, e é a melhor das especies. O gosto é agradavel e mais seria se esse fosse menos açúcarado. A batata é uma planta rasteira e se reproduz pelas raizes e pelas sementes. Se os restos de raizes que arrancamos ficarem no solo e cair uma bôa chuva, mesmo depois de despedaçadas, recomeçarão a vegetar. Atualmente as batatas são mais plantadas para guloseima das casas dos agricultores do que alimentação dos negros, mas creio que nenhuma outra planta, depois da mandioca, é mais capaz de preencher esse objetivo e mesmo substitui-la. A mandioca seria renunciada se fosse encontrado outro vegetal com os mesmos elementos de nutrição, porque suas safras são incertas e requer as melhores terras de plantio. Penso

que a batata não tem essas desvantagens. A batata européa tem sido plantada muitas mezes em Pernambuco. A primeira colheita deu resultados saborosos mas de menores dimensões. Na segunda safra foram colhidos os mesmos tipos de raízes, muito doces, e as batatas foram, de mais e mais, tendo o sabor das batatas locais (31). Mas as duas plantas são totalmente diversas, uma da outra, porque a batata do Brasil é produzida pela especie rai-pante.

O *tabaco* é semeado em quasi todas as plantações de cana de açúcar e pela maioria das pessoas pobres para uso individual. Consideravel quantidade é exportada de Pernambuco para as provincias do sul do Brasil. As formigas não atacam essa planta, e nos pontos da região por elas infestada, os agricultores misturam sementes de tabaco com cinza de madeira, polvilhando o campo antes de proceder a sementeira. As formigas têm repugnancia pelas cinzas e todas as sementes ficam defendidas.

Arroz é pouco cultivado na provincia de Pernambuco mas no Maranhão forma o segundo artigo de seu commercio. O uso em Pernambuco é pequeno porque se imagina que faz mal aos negros e, com effeito, nunca vi um Africano que não preferisse outra qualquer iguaria ao arroz.

Cacau (32) e *Café* (33) têm sido plantados por experiencia, e sua introdução é recente em Pernambuco.

Ipecacuanha embora só seja atualmente encontrada em estado selvagem, a inclúo aqui porque terminará tendo predominancia entre as plantas cultivadas. A pequena quantidade que se exporta é procurada nas matas espessas pelos indigenas e outros individuos do mesmo nivel e habitos de vida. Prospera muito na sombra. Essa planta é devorada pela caça de maior vulto a qual serve de alimento. Ha dois tipos que são distinguidos pelas denominações de "branca" e "negra" ipecacuanha. A ul-

tima é mais procurada, para fins medicamentosos, na Europa(34). A branca é usada pelos brasileiros como remédio para tosses e também a tomam para purificar o sangue depois das febres.

Gengibre é indígena mas é raramente encontrado em estado selvagem. O gengibre branco é que possui uso mais geral. (35).

Pimenta Malaguêta é um pequeno arbusto que se vê sob o telhado de quasi todas as casas. Os frutos são de uma brilhante côr escarlate, com uma plegada de comprimento e um quarto de grossura. É uma planta vivaz, embora murche sob as excessivas sêcas, raramente succumbe. Às vezes se vêem sobre o mesmo galho, ao mesmo tempo, as flores e os frutos vermelhos e verdes. Onde viva esse arbusto, tomam cuidado nêle. O povo de todas as classes tem o habito de não comer sem a malaguêta. Os frutos são esmagados quando os querem usar, e constituem um ingrediente para cada prato, servido com o mólho (36). A *pimenta de cheiro* é bastante comum mas exige maior atenção que a malaguêta porque é um arbusto pequenino. Os frutos são geralmente de um vermelho vibrante mas, ás vezes, aparecem de um amarelo palido. São redondos, e têm o volume de uma maçã silvestre.

O *chá* é tido como indígena no Brasil (37). Um padre, de grande reputação como botânico, disse-me que deparara essa planta nas vizinhanças de Olinda, mas depois informou-me de que estava temendo haver-se atrevido a muito (38).

Horticultura tem feito progresso nesses ultimos anos e nos mercados do Recife estão perfeitamente abastecidos de legumes e raizes. Os jardineiros são, principalmente, portugueses, das provincias da mãe-patria ou dos Açores. Encontra-se para comprar ervilhas (39), repolhos e varios outros generos vegetais e raizes da Europa, e muitas

peculiaridades do país, como mandubins e inhames (40). A cebola da Europa produz um pequeno tuberculo, de forma oblonga (41), conhecido em Pernambuco pelo nome de *cebolinho*, que é o diminutivo de cebola. A vinha é vista em varios jardins nos arredores do Recife e de Olinda, e antigamente era abundante em Conceição, na ilha de Itamaracá, onde pouco resta (42). Não se faz vinho. As arvores fruteiras são algumas comuns ás partes meridionais da Europa, como as laranjas (43), o figo e outras, mas não as azeitonas. Ao lado dessas, existe a manga, a jaca e numerosa lista junto ao que já mencionei incidentalmente no curso desse volume. Mas eu me retardei longamente sobre essa face do meu assunto, e é preciso seguir para outras partes.

NOTAS AO CAPITULO XVII

(1) Vi alguns algodoeiros bonitos, numa distancia menor de uma ou duas leguas da costa, mas as tentativas para cultiva-los nessas regiões não lograram, segundo ouvi dizer, o esperado successo. Porque não experimentam plantar o "*Sea Island*"? O algodão de Pernambuco é superior a quantos procedam de qualquer parte, exceto diminuta quantidade vinda dessas ilhas. Bolingbroke, em sua "*Voyage à Demerara*", escreve que "Os negociantes ingleses que se estabeleceram pelo litoral, começaram a cultivar tambem o algodão, e encontraram terrenos muito mais proprios para esse cultivo que o solo depois do rio". In Phillips's Collection &c, p. 81. O algodão desses estabelecimentos de que falo, são muito inferior ao de Pernambuco. No "Third Report of the Directors of the African Institution", p. 23, li o seguinte: — "O ar salino que geralmente destróe o cafezal, é favoravel ao algodão." E, á pag. 27 afirma-se que não ha perigo de degenerar-se o algodão "quando é propagado no mesmo campo, durante varios anos, sem mudar-se a semente." (K). A proposito do algodão "*Sea Island*" o dr. José Teotônio Freire, velho magistrado e agudissimo observador de assuntos brasileiros, disse-me que estava convencido que o algodão "mocó", de tão espalhado renome, era o "*Sea Island*". Havia um algodão "seridó", de fibra longa, e dado como peculiar á região do Seridó, no Rio Grande do Norte, confundido atualmente com o "mocó." O dr. Freire informou-me haver, mais ou menos em 1886, adquirido sementes do "*Sea Island*" no Recife, vendidas pela Prensa Pernambucana, e, vindo a Natal, mostrou-as ao industrial Juvino Barreto, proprietario da fabrica de fiação local, espirito vivo e sabedor do assunto. Juvino Barreto já conhecia o "*Sea Island*" e distribuiu sementes pelo Seridó, comprando mesmo a produção, não para sua fabrica, mas para revenda, destinada aos tecidos finos e linhas. Em 1892, o dr. Freire voltou a ver o "*Sea Island*" no Seridó, já denominado "mocó", por se parecer sua semente com o excremento do "mocó", *Cavia rufestris*, Neuwied. Durante a guerra da Secessão Americana (1861-65) o Brasil exportou muito algodão para os Estados Unidos e de lá vieram se-

mentes variadíssimas. O "Sea Island" era, então, um dos tipos mais procurados, e como as safras estavam prejudicadas pela guerra, é lógico que houve envio de suas sementes e possivelmente venda desse produto, obtido no Brasil. Notável é, numa antecipação de meio seculo, Koster aconselhar o que depois foi feito. A existência do algodão, *Gossypium*, no Brasil, em época anterior ao descobrimento parece indubitável. Gandavo registra, na edição de 1576, que em Pernambuco e Baía se dá infinito algodão. Os indígenas tupia o chamavam *maniú*. Na contrariedade de Pero Lopes de Souza ao libelo do barão de Saint Blanchard, no rumoroso caso da nau "La Pelerine", escreve-se: — "Entende-se provar que no ano de 1531 ao tempo que o autor diz que a sua não e gente achegaram a costa do Brasil ao porto de Fernam Buquo e já dantes avia mais de 30 anos estava no dito Porto edificada e feita por portuguezse vasalos del Rey noso Senhor hũa fortaleza com casa de feitoria.... e nela tinham.... muito pao do brasil e muito algodam, etc" Ver os documentos, ultimamente divulgados pelo comte. Eugenio de Castro, "Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa", vol. 2, p. 43. (C).

(2) Ouvi dizer que as sementes dariam um otimo alimento para o gado se fosse completamente desembaraçadas de todas as particulas de madeira, mas ai está a dificuldade. (K).

(3) No tempo de Labat essas maquinas eram feitas de forma que a pessoa a pudesse acionar com o pé e levar o algodão aos cilindros. (K). A maquina de descarçoar algodão, descrita por Koster, era de uso primitivo no Brasil e já popular antes de 1618. Brandonio, no 3.º dos "Dialogos das Grandezas do Brasil", informa o funcionamento: "...usam de uma invenção de dous eixos, que andam á roda, e passado por elles o algodão larga uma parte, que é a por onde se mette a semente, e pela outra vai lançando por entre os eixos o algodão, que se costumava a vender na terra a dous mil reis a arroba." (p. 152). O nome popular do descarçoador, em todo sertão do nordeste, é *bolandeira*. Rafael Bluteau registra o vocabulo, applicando-o a uma das rodas do engenho de açucar. "...anda esse moinho ou engenho de agua, com ajuda de tres rodas, que tem dentes, chamam-lhe roda de agua, rodete e bolandeira." (C).

(4) Mr. Edwards chama a especie de algodoeiro cultivada nas Antilhas, de *Jamaica comum*, e que "a fibra é grossa mas forte. A dificuldade está na limpeza devido á fragilidade dos caroços. E' estranho que Mr. Edwards faça o reparo aos plantadores ingleses continuarem cultivando uma especie inferior quando conheciam um tipo de melhor qualidade. (K).

(5) E' a seguinte a relação da exportação de algodão de Pernambuco, nos anos de 1808 a 1813, e me foi fornecida pelo meu amigo mr. J. C. Pagen que reside no Recife ha muito tempo. 1808: — 25.877 sacos. 1809: — 47.512. 1810: — 50.103. 1811: — 28.245. 1812: — 58.824. 1813: — 65.327. Depois desses algarismos posso lembrar o que disse no capitulo I, de que a exportação recentemente alcançava entre 80.000 e 90.000 sacos anualmente, tendo exagerado os numeros reais. Mas se pode bem ver que ha um aumento consideravel, de 1812 a 1813, e sei que esse crescimento continua rapidamente, para mais do que para menos. (K).

(6) History of the West-Indies, por Edwards. (K).

(7) Mandioca, *Manihot utilissima*, Pohl, *Manihot edulis*, Plumier, *Jatropha manihot* Lin. E' planta nativa, fundamento da alimentação indigena. H. J. Spinden estudando "The Origin and Distribution of Agriculture in America" (Proceedings do XIX Cong. Inter. Amers. Washington, 1917, p. 269) afirma que poucas duvidas existem sobre a domesticação da planta se haver dado na area brasileira. Os portuguezes levaram a mandioca para Africa, onde ela brota em toda parte, exceto na região setentrional e Argelia. E' indispensavel na alimentação da Mauritania, alto Senegal, Niger, Guiné, Costa do Marfim, Dahomey, Sudão, Africa-central, do sul e de leste, Fernando Pó, Togo, Lagos, Camerum, Gabão. Le Bourdonnais, em 1738,

conduziu mandioca do Brasil para Reunion mas os negros morriam envenenados por desconhecer o preparo. O capitão de infantaria de marinha Reine, ensinou-os, empregando a tecnica dos tupis brasileiros. O processo para anulação do veneno denuncia uma imemorial utilização. A mandioca possui seu conto etiológico. Mani, morta virgem, deu nascimento, sobre seu tumulo e saindo-lhe do corpo, a planta misteriosa que daria alimento e alegria ao seu povo. Porisso a dizem *Mani-ôca*, casa-de-Mani. Stradelli, Voc, p. 512/513. (C).

(8) Vide "History of Brazil", vol. I, p. 233. (K).

(9) Mr. Southey diz: — "Quando a farinha faltava, que era chamada *farinha de pau*, serviam-se da madeira da Urucuri-iba (\$), que era cortada e pilada, e como essa farinha é menos susceptível de deteriorar-se que a da mandioca, era empregada geralmente pelos navios brasileiros. "Vol. 1, p. 232. A "farinha de pau" que se embarca atualmente nos navios, é feita de mandioca, e o nome de farinha de madeira não lhe é mal aplicado. Ela exige ser limpa, antes do uso, retirando-se restos de cascas e fibras lenhosas da raiz, possivelmente encontráveis. O nome de farinha-de-pau podia ter sido dado, primeiramente, a do Urucuri-iba, e quando a substancia de que era feita mudou, a denominação continuou. Indico a "History of Brazil" para uma mais ampla informação sobre a mandioca. (K). (\$) Urucuri-iba, Urucuriyua, Urucuriseiro, *Attalea excelsa*, é uma palmeira que vive nas varzeas e igapós, segundo Stradelli. (C).

(10) Du Tertre indica tres remedios para quem haja bebido tal sumo, "Le premier que j'ay veu pratiquer heureusement c'est de boire de l'huile d'olive avec de l'eau tiede, ce qui fait vomir tout ce qu'on a pris; le second qui est très assuré est de boire quantité de suc d'ananas, avec quelques gouttes de jus citron; mais sur tous les remedes, le suc de l'herbe aux couleuvres, dont tous les arbres de ces isles sont revêtus, est le souverain antidote, non seulement contre ce mal, mais encore contre toute sorte de venin". — Histoire des Antilles, &c. tom. II, p. 118. Labat confessa não acreditar, nesse caso, na virtude da *herbe de couleuvre*. (K).

(11) Tapurú, Taporú, Taború, *ta-por-ú*, o-que-come-dentro, o-que-corrôe, o bicho, o verme, a lagarta, segundo Teodoro Sampaio. O tapurú nascido da manipoeira já era registado, em 1587, por Gabriel Soares de Sousa, "Tratado Descritivo do Brasil", cap. XXXIX. "Nos lugares se onde esta mandioca espreme, se criam da agua d'ella uns bichos brancos como vermes grandes que são peçonhentissimos, com os quais muitas indias mataram seus maridos e senhores, e matam a quem querem, do que tambem se aproveitavam, segundo dizem, algumas mulheres brancas contra seus maridos; e basta lançar-se um d'estes bichos no comer para uma pessoa não escapar, sem lhe aproveitar alguma contrapeçonha, porque não mata com tanta presteza como a agua de que se criam, e não se sente este mal senão quando não tem remedio nenhum." (C).

(12) Du Tertre diz que os selvagens misturam suas comidas com "l'eau de manyoc". — Histoire des Antilles, tom. II, p. 289. "Nos sauvages qui en mettent (o sumo da mandioca) dans toutes leurs sauces n'en sont jamais incommodés parce qu'ils ne s'en servent que quand il a bouilli." — Nouveau Voyage, tom. I, p. 400. O mesmo, na "Voyage à la Guiane", p. 101: — "Le suc de manioc, cet instrument de mort devient, travaille par les ercoles de Cayenne, une sauce appétissant et salutaire." "Esse sumo é fervido com a comida e temperado, e se faz uma excelente sôpa denominada *cassarepo*, e usada nos mólhos." — Viagem a Demerara, por H. Bolingbroke, p. 149. O Dr. Pinckard alude o haver experimentado na colonia de Demerara ao sumo da cassada, preparado como mólho. "Notes on the West-Indies", vol. II, p. 257. Durante a sêca de 1793, os habitantes de Pernambuco se alimentaram com o sumo da mandioca, mas nas epochas de abundancia e visto como inutil para qualquer uso. E' pela evaporação que ele perde as

suas qualidades venenosas. (K). O sumo da mandioca, a manipeira, contem venenos energicos como os acidos cianidrico, comumente chamado acido prussico, e o maniotico, alem dos toxicos como a maniotoxina e a sepsicolitina. Esses mólhos, citados por Du Tertre, Labat, Bolingbroke, Pinckard, são de uso secular e continuam saboreados nos Estados do norte brasileiro, Maranhão, Pará e Amazonas, com o nome de *tucupi*. "Tucupi, Tucupy, sumo da mandioca ralada logo colhida, sem ter sido deixada de mólho para se tornar puba, e que pela ebulição deixou de ser venenosa. E' um dos mólhos tapiuis excelente para se temperar com ele peixe ou caça". Stradelli, Voc, p. 688. (C).

(13) Manipeba, Maniya Manipeba, *Jatropha manipeba*. (C).

(14) Macaxeira, Aipim, *Manihot aypi*, Pohl, *Manihot palmata*, Muller, *Manihot dulcis*, Baillon. A ela se referia Jean de Lery: — "Quanto à raiz do aipim não só se presta para ser transformada em farinha, mas ainda para ser assada inteira na braza ou ao fogo; fica assim mais tenra e torna-se farinácea como a castanha assada ao borralho e cujo gosto é muito semelhante" — Viagem à Terra do Brasil", p. 114, trad. de Sergio Milliet, ed. Liv. Martins. S. Paulo. 1941. (C).

(15) Du Tertre fala em uma especie de mandioca inocente, denominada *Kamanioc*, e adianta que é *assez rare*. — Histoire des Antilles, tom. II, p. 114. Labat igualmente fala na *Camanioc*: — "Comme qui dirait le chef des maniocs. En effet son bois, ses feuilles et ses racines sont plus grandes et plus grosses que les autres maniocs. Mais comme il est beaucoup plus long tems à croître et à mûrir, et que ses racines rendent beaucoup moins de farine parce qu'elles sont plus legères et plus spongieuses que les autres, on le neglige et peu de gens en plantent." — Nouveau Voyage, tom. I, p. 411. Não somente a raiz da Macaxeira é menor como a propria planta, creio eu, igualmente, em relação às outras especies. Barrere, na "Nouvelle Relation de la France Equinoxiale", p. 61, fala numa especie inofensiva, sob o nome de *manick sauvage*. (K).

(16) Barrere escreve, falando de Cayenne: — "Les Creoles preferent encore au meilleur pain du monde la cassave qu'elles mange rarement sèche; car elles la font toujours tremper dans l'eau ou dans quelque sauce: c'est sans doute cette nourriture qui leur donne cette couleur pâle, et qui fait qu'elles n'ont point de coloris." Temo que ele não baja visto demasiado longe a casta de côr das senhoras de Cayenne. E diz ainda: — "On ne mange que très rarement a Cayenne, ou pour mieux dire, presque jamais de la Coaque, qui est la nourriture ordinaire des Portugais de Pará, du Maragnan, et des peuples, qui sont sur les rivages du fleuve des Amazonas." Descreve, a seguir, a *coaque*, que é, visivelmente, a farinha, mas não explica como se fazia o *cassave*, de que eram tão amigas as senhoras creolas e que tantos prejuizos causavam a elas proprias. Adiante, continúa: — "Les Indiens Portugais, quand ils veulent prendre leurs repas, ils mettent une poignée de coaque dans le creux de la main, qui leur sert d'assiette; et de là ils la font sauter adroitement dans la bouche; l'ont boit par dessus une coüye d'eau et de bois son; et viola leur repas pris." — Nouvelle Relation de la France Equinoxiale, p. 55 e 56. Esse modo de comer e a frugalidade do repasto são comuns ambos em todas as classes populares do Brasil. Quanto ao *cassave*, não compreendo o que possa significar. Contrariamente às suas informações, o comer a farinha completamente seca e sem ser acompanhada de outro alimento, é muito usado entre o povo mas não é tida como saudavel. Um dos deveres do Feitor é fiscalizar para que os negros não comam a farinha sêca, mas fazendo o pirão, que é a mistura da farinha com agua quente ou caldo de carne. Os negros não desgostam o pirão mas às vezes estão tão preguiçosos ou tão fátigados que dispensam o trabalho de cozinhar suas vitualhas, e então comem a farinha sêca, com carne salgada, depois de have-la polvilhado de farinha. A molestia que di-

zem originar-se do comer farinha seca é a hidropisia. A farinha de mandioca incha consideravelmente quando é humedecida e se essa dilatação se processa no estomago, pode ser perigosa, e eis por que os brasileiros têm razão no que pensam relativamente ao assunto. (K).

(17) Com a mandioca preparada por esse processo, deixando-a amolecer n'água, faz-se a *farinha d'água*, ainda em uso nos Estados do extremo norte do Brasil. Diz-se também, da mandioca-môla, mandioca-puba. (C).

(18) Du Tertre regista a mespia pratica, pondo a mandioca em infusão, da parte dos selvagens: — "De la sécher au soleil et l'écorce s'ostant d'elle-mesme, ils pillent le manyoc dans un mortier, pour le reduire en farine, qu'ils mangent sans autre cuisson." — Histoire des Antilles, tom. II, p. 114. Labat diz que os negros fugitivos têm dois processos para o preparo da farinha: — "C'est de la couper par morceaux, et de le mettre tremper dans l'eau courante des revieres ou des ravines pendant sept ou huit heures. Le mouvement de l'eau ouvre les pores de la racine et entraîne ce trop de substance. La seconde manière est de le mettre cuire tout entier sous la braise. L'action du feu met ses parties en mouvement et on le mange comme on fait des châtaignes ou des patates sans aucune crainte." — Nouveau Voyage, tom. I, p. 410. Penso que os negros se foram habituando a comer a mandioca dessa maneira por forma gradativa. Não desejo recomendar a ninguém comer a mandioca preparada por uns desses meios. (K).

(19) Nox nucifera, Cocs nucifera, originaria d'Asia, seu plantio no Brasil se iniciou nos primórdios da colonização. Na primeira metade do século XVII já extensos coqueiros sombreavam as praias do nordeste. Gabriel Soares de Souza, cap. XXXII, informa que vieram para a Baía do Cabo Verde, "*d'onde se enchem a terra*". (C).

(20) "Les Espahols en font des tasses pour prendre le chocolat. J'en ai vû très belles bien travaillées, cizelées, enrichies d'argent sur un pied d'argent, et d'autres sur un pied fait d'un autre morceau de cocos bien cizelé." — Nouveau Voyage, tom. III, p. 273. (K).

(21) "On prétend que l'arbre est autant d'années à rapporter du fruit, qu'il a été de mois en terre, avant de pousser son germe" — Nouveau Voyage, tom. III, p. 267. Labat não garante a veracidade dessa asserção. Afirma que o repêlo do coqueiro é muito bom e eu concordo com ele. Cortaram um coqueiro em Itamaracá e o vigário apresentou-me com o repêlo (palmito), de que varios acepipes foram feitos e todos gostosos. (K).

(22) Vide o Appendix para maiores noticias sobre o Coqueiro. (K).

(23) Carrapateira. Arvore dos Castores, *Ricinus communis*. De Candolle opina pela sua origem alienigena, sendo introduzida na America em epocha post-colombiana. Karl von den Steinen encontrou a carrapateira no alto Xingú, onde não havia contacto com civilização branca. (C).

(24) Labat estava decidido a experimentar essa iguaria, e não me surpreendi encontrando a seguinte expressão de pesar: — "Je suis fâché de n'avoir pas expérimenté pendant que j'étais aux isles, si cette huile ne serait as bonne à manger." — Nouveau Voyage, tom. III, p. 283. Desajava o que fizesse. (K).

(25) Sobre o Pau Brasil, *Caesalpinia echinata*, historia, botanica, etnografia, o ministro Bernardino José de Souza compendiou informações preciosas no seu "O Pau Brasil na Historia Nacional", com um estudo definitivo de Artur Neiva. Vol. 162 da "Brasiliana". S. Paulo, 1939. (C).

(26) Mr. Clarkson, em sua obra sobre "The Impolicy of the Slave Trade", p. 13 e 14, informa que um pequeno pedaço dessa madeira foi enviada á Inglaterra, da costa d'África, por um acaso, num pacote, e que: "acharam que produzia uma cor que rivalizava o carmim, e fôra calculada em alto preço para as tinturarias, sendo oferecida immediatamente a quantia de sessenta guinéus por tonelada, para qualquer quantidade que pudesse ser obtida". (K).

(27) *History of Brazil*, vol. I, p. 19. (K).

(28) Labat é muito irado, em seu livro "Voyage du Chevalier des Marchais à Cayenne", com a idéa de que os Portuguezes monopolizam o trafico do pau-brasil para persuadir a todo o mundo que somente Pernambuco, ou Fernambourg, como ele chama, produz a verdadeira especie. Imagina que o pau-brasil é o mesmo pau-campêche. (K). A area geografica da *Caesalpinia echinata*, Lamarck, era restrita do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Norte. Atinge a 20 metros. Dia a dia mais rara se torna, quando deveria existir, num pequenino bosque, em todas as sédes municipais do pais que se batizou com seu nome. (C).

(29) Todos os cronistas do Brasil colonia citam a tatajuba, gabando-lhe a linda coloração doirada. Gabriel Soares, frei Vicente do Salvador, Fernão Cardim, o autor dos "Dialogos das Grandezas" afirmam pelo mesmo diapasão. É a *Maclura tinctoria*, Linn, uma artocarpacea, tambem denominada tataiba, tatajiba, tataúba, do tupi, *tata-iba*, a madeira-de-fogo, côr das chamas. (C).

(30) A banana-comprida ou "plantain" é de importancia ainda maior em Demerara e colonias circunvizinhas. Mr. Bolingbroke escreve: — "Esta costa, entre os rios Ersequibo e Pomarum, possuem consideraveis vantagens sobre os outros trechos porque são proprias à produção de qualquer quantidade de bananas" — *Voyage to the Demerary*, p. 115, e a p. 87 diz que o mesmo fruto é a principal alimentação negra. Labat menciona os meios de tornar a banana mais util em viagem, e como os ingredientes que ele receita são todos hons, a mistura o deve ser igualmente, e penso prestar um serviço aos que viajam fornecendo-lhes algo de agradável ao paladar, recordando minha travessia pelo Ceará-Mirim, transcrevendo o que interessa. "Ceux qui veulent faire cette pâte avec plus de soin, font d'abord sécher les bananes au four ou au soleil, puis ils les gragent, ils y mêlent ensuite du sucre pilé, avec un peu de poudre de canelle, de géofle et de gingembre, tant soit peu de farine et un blanc d'oeuf pour lier toutes ces choses ensemble, après qu'elles ont été patriées avec un peu d'eau de fleur d'orange. — *Nouveau Voyage*, tom. III, p. 314. Pode-se empregar menos ingredientes. Du Tertre diz da Banana: — "Quand on la coupe on voit une belle croix imprimé sur chaque tronçon; c'est ce qui a fait croire à plusieurs que ce fruit est le même qu' Adam mangea dans le paradis terrestre. — *Histoire des Antilles*, tom. II, p. 140. Labat, falando sobre o mesmo téma, ajunta: — Adam pouvoit avoir meilleure vue que nous, ou la croix de ces bananes était mieux formée". — *Nouveau Voyage*, tom. III, p. 307. Um dia uma senhora brasileira pediu que eu não cortasse a banana longitudinalmente e sempre pelo meio, porque, desta forma dividindo o fruto eu cortaria a cruz de Nosso Senhor. (K). As notas de Du Tertre e Labat, que devem ter feito sorrir a Koster, estão endossadas na propria classificação scientifica da banana, *Musa paradisiaca*. (C).

(31) Labat escreve que "La patate est une espece de pomme de terre que assez de ce qu'on appelle en France les Taupinambours". *Nouveau Voyage*, tom. II, p. 400. Du Tertre informa: — "Lorsque les ouragans ont tant de fois ravagé les maniocs de nos îles, on a toujours eu recours aux patates, sans lesquelles bien du monde aurait péri de faim. "E ainda: — "Tous les matins c'est une coutume generale par toutes les isles de faire cuire plein une chaudiere de patates pour de jeûner. — *Histoire des Antilles*, tom. II, p. 118-119. (K). Ha, no norte do Brasil, uma heliantica, *Helianthus tuberosus*, chamada tupinambas. (C).

(32) Labat diz, falando do cacau: — "On ne manque jamais de planter du manioc en même tems qu'on met les amandes en terre". Isso é feito para defender as plantas jovens do sol. "On arrache le manioc au bout de douze ou quinze mois", "et sur le champ on en plante d'autres,

mais en moindre quantité, c'est-à-dire, qu'on ne met qu'un rang de fosses au milieu des allées". Recomenda que a melancia, o melão comum e outras especies sejam plantadas entre a mandioca e os cacauieiros. — Nouvelle Voyage, tom. IV, p. 397-398. (K).

(33) A nota de Koster sobre o café em Pernambuco é preciosa. A data coincide com os plantios em S. Paulo. Francisco de Melo Palheta trouxera cinco pés e mais de mil sementes de café da Guiana Francesa, volume que afasta a lenda de uma oferta da senhora Claude d'Orvilliers, em maio de 1727. A primeira exportação, de Belem para Lisboa, é em fins de 1732, sete libras na barca "Santa Maria". Em 1749 havia na terra paraense mais de 17.000 pés, exportando-se, em 1750, 4.835 arrobas. Daí as sementes passaram ao Maranhão. Para o sul viajaram apenas entre 1760-62, vindo alguns grãos do Maranhão para o Rio de Janeiro. Nos primeiros anos do seculo XIX é que o café conquistou a terra rôxa paulista, na investida prolifera. Ha, entretanto, aspectos da expansão cafeeira no norte do Brasil sem merecer registo nas crônicas da *coffee arabica*. O barão de Studart elucidou um ponto curioso nesse particular. José de Xerez Furna Uchôa, capitão-mor do Acaraj e do mesmo cargo em Sobral, visitou varias vezes a Europa. Em Paris, por intermedio do Duque de Choiseul, ministro de Luis XV, obteve duas plantas de café, das raras existentes no Jardim das Plantas, oferecidas pelos holandeses. Um dos cafeeiros morreu na travessia para o Brasil, mas o outro, plantado no sitio "Santa Ursula", na serra da Meruoca, no Ceará, em 1747, frutificou. E ainda em 1861 existia. Houve um colapso na colheita do café cearense. Em 1824 fixou-se a campanha na serra do Baturité, vindas as sementes do Cariri, de origem pernambucana. Outras vieram do Pará. O "café do Baturité" ganhou foros de popularidade. Em 1931, na rua de La Gaité, em Paris, Gustavo Barroso deparou um "Au Café du Ceará", vestigio desse evauecido prestigio. Pela informação de Koster sabemos que o café pernambucano é oitocentista. Ver Barão de Studart, "Ligeiras notas sobre o Café no Estado do Ceará", rev. do Instituto do Ceará, tomo XLII, p. 93. Fortaleza. 1928 e Basilio de Magalhães, "O Café", Rio, 1937, ed. do D. E. P. do Ministerio do Trabalho. (C).

(34) Labat se enraivece contra a idéa que muita gente, nesse tempo, possuía de que não era encontrada a ipecacuanha negra sinão nas proximidades das minas de ouro no Rio de Janeiro. Cita uma terceira especie de Ipecacuanha, que distingue com o epiteto de cinzenta, e alude tambem à branca. Ambas, informa ele, fazem o mesmo efeito que a negra mas é preciso uma dosagem maior. — Nouveau Voyage, tom. VI, p. 29. (K). Uma rubiacea, a *Psychotria ipecuanha*, de Baill, que o padre Fernão Cardim escrevia *ipecacóbaya*, *Uragora ipecacuanha*, Baill, *Cephalis ipecacuanha*. (C).

(35) "Vieyra nas suas Cartas menciona uma tradição popular de que D. Manuel, receando o dano do comercio da India, mandara arrancar no Brasil todas as plantas de especiaria, escapando apenas o gengibre por estar debaixo da terra. Parece porem não se haver considerado a impossibilidade de executar semelhante ordem em todo um continente." — History of Brazil, vol. I, nota, p. 32, Dr. Arruda alude a essa ordem no seu "Discurso sobre a utilidade da instituição de jardins", e refere que, em Pernambuco, poucos pés de canela escaparam, assim como o gengibre, p. 8. (K). O gengibre, *gingiber officinalis*. (C).

(36) "Os direitos sobre os grãos da Guiné ou pimenta malagueta duplicaram, não somente pensando no crescimento das rendas mas tambem para proibir seu uso, supportamente empregado em grandes quantidades na destilação das aguardentes de grãos. Os diretores, em todo o caso, tiveram razão sobrada para duvidar das qualidades deleterias dessa droga, sabendo-a universalmente estimada na Africa e uma das mais apreciadas, e de uso

geral entre os nativos para temperar seus alimentos. — Fourth Report of the Directors of the African Institution p. 16. Se esse artigo e a malagueta do Brasil são o mesmo, estou decidido a solidarizar-me com o "Report", e não somente creio na sua inocencia como extrema salutaridade. A decoção das cascas é empregada entre os agricultores como remedio contra as febres. (K). Pimenta Malagueta, *Capsicum pendulum*, Pimenta de cheiro, *Capsicum odofiferum*. De facil encontro nos cronistas coloniais que registam sua abundância e sabor. (C).

(37) *Noticias MSS*, citado por Mr. Southey, History of Brazil, vol. I, pag. 320. (K). O chá nos viéra de Macau para o Jardim Botânico, usado pelo Regente em 1811. (C).

(38) Labat escreve: — "A l'égard du thé, il croit naturellement aux isles. Toutes les terres lui sont propres, j'en ai vu en quantité à la Basseterre". — Nouveau Voyage, tom. IV, p. 225. Ele menciona, logo depois, estar convencido de que o arbusto encontrado era o chá. (K).

(39) "Il faut que les graines se naturalisent au pays, et quand cela est fait, elles produisent à merveille. J'ai expérimenté qu'ayant sémé des pois qui venaient de France, ils rapportaient très peu, les seconds rapportaient davantage, mais le troisièmes produisaient d'une manière extraordinaire pour le nombre, la grosseur, et la bonté". — Nouveau Voyage, tom. 1.º, p. 357. (K).

(40) *Mandubims and yams*. Mendobi, mondobi, mundobi, mandubim, mendum, *Arachis hypogea*, L. O inhame, *Dioscorea sativa*, veio, segundo Gabriel Soares de Sousa, da ilha de Cabo Verde e da de S. Thomé foram á Bahia inhames que se plantaram na terra logo, onde se deram de maneira que pasmam os negros de Guiné, que são os que usam mais d'elle; e colhem inhames que não póde um negro fazer mais que tomar um ás costas: o gentio da terra não usa d'elles, porque os seus, a que chamam carazes, são mais saborosos, de quem diremos em seu lugar. "Tratado Descriptivo do Brasil", cap. XXXV. Ludwig Reinhardt é de opinião do inhame ser planta levada quando da conquista européa ao continente americano. Erland Nordenskiöld assegurava o contrario. Pero Vaz de Caminha, em maio de 1500, cita o inhame. (C).

(41) Du Tertre informa que a mesma cousa ocorre nas Antilhas. (K). O *cebolinho*, *Allium schenoprasum*, não é uma involução da cebôla, como pensava Koster. (C).

(42) Referindo-se aos brasões que o conde João Mauricio de Nassau concedera ás provincias do dominio flamengo, Barléu escreve: — "O de Itamaracá mostrava um cacho de uvas, porque nenhuma parte do Brasil os produzia tão belos e succulentos quanto a ilha de Itamaracá. "Historia dos feitos, etc." tradução de Cláudio Brandão, p. 111. (C).

(43) Segundo Labat "On employe le suc des oranges aigres avec un succès merveilleux et infallible à guerir les ulcères quelques vieux et opiniâtres qu'il puissent être". — Nouveau Voyage, tom. III, p. 254. A laranja é cortada em dois pedaços e friccionada violentamente sobre a ferida. (K).

CAPITULO XVIII

A POPULAÇÃO LIVRE. ENJEITADOS. TRATAMENTO DOS ESCRAVOS. MULATOS. MAMALUCOS. NEGROS-CREOLOS. CIGANOS. MORADORES BRITANICOS.

A insuficiencia da população de Portugal para executar os ilimitados planos administrativos do Governo, salvou, segundo todas as probabilidades, suas possessões na America do Sul das violentas contendias que devem ser esperadas nas vizinhas colonias de Espanha, entre os habitantes, creolos-brancos e os homens de côr. Essa guerra será de extrema ferocidade exterminadora entre os descendentes dos Europeus, nascidos na America do Sul, e os nativos da velha Espanha. Mas quando ella terminar, uma outra igual, não menos destruidora, pôde ser prevista entre os primeiros e seus patricios, de castas mestiçadas. O apêlo que os brancos americanos fizeram ao povo e as declarações com que o tornaram publico, ampla e altamente, para que elle dirija seus passos sob seu comando; a exposição desses principios abstratos de governo, tão sedutores na teoria mas tão dificeis na execução, muito provavelmente atrairá sobre suas cabeças a destruição que elles proprios invocaram. Nos dominios portuguezes sul-americanos, as circumstancias não admitem essa divisão de castas nem essas tão degradadoras e mortificantes distincções, que são existentes em todas as outras nações na administração de suas colonias. Não era esse o pensamento promovido pela Metropole mas a elle se submeteu pela necessidade e pôde ser verificado n'alguns regulamentos antigos, bem claramente, que se Portugal

pudesse manter a superioridade para os brancos, faria naturalmenté leis fixadoras desses propositos, como o fizeram seus vizinhos. Os dirigentes de Portugal quizeram colonizar uma extensão desmarcada mas o país não possuía população suficientemente numerosa para esses planos magnificentes. Aventureiros deixaram seus países para residir no Novo Mundo, e eram verdadeiramente aventureiros, não tendo nenhuma orientação de vida e de ordem, e despossuidos de familia. As pessoas de habitos morigerados, que desejavam garantir sua subsistencia pelos meios ordinarios, encontravam trabalho no proprio país e Portugal pensava em poupar-se, sem calculos de abandonar a terra natal. Não havia superabundancia na população e, logicamente, cada qual podia encontrar occupação na propria patria se quizesse trabalhar. Não havia divergencia nas opiniões politicas ou religiosas. Não havia, desta forma, necessidade de emigrar sinão premido pelo crime, (1). Assim, a generalidade dos homens que embarcaram nas expedições que se destinavam ao Brasil, vinham desacompanhados de mulheres, e naturalmente, chegando ao Brasil casavam ou se ligavam irregularmente com mulheres indigenas e posteriormente com africanas. E' verdade que moças orfãs foram mandadas pelo governo de Portugal (2), mas essas eram, necessariamente, em numero reduzido. No curso da geração seguinte, os colonos desposavam mulheres de raças mestiças, devido á impossibilidade de obte-las da sua côr. A frequencia desse costume e o silencio das leis sobre a especie dissipavam toda idéa de degradação para os contraentes. Mas a noção de superioridade dos Europeus não desapareceu totalmente, e isto determinou alguns regulamentos, dando ás pessoas brancas certos privilegios. De maneiras que, embora o julgamento seja identico para todas as classes, só em certos lugares podia ser executada a pena de morte em um membro da raça favorecida. O povo de côr não

é apto para todos os cargos administrativos e não poderá ser também pertencente ao sacerdocio.

Pela brandura das leis, entretanto, as classes mestiças têm ganho consideravel terreno. Os regulamentos que existem contra' eles são iludidos ou se tornam obsoletos. Possivelmente a conduta heroica de Camarão e Henrique Dias, um indigena e o outro negro, chefes da famosa e impressionante campanha entre os Pernambucanos e os Holandêses, e as hourarias subseqüentes oferecidas pela Corôa de Portugal a ambos, ténham exaltado o caracter da humilhada variedade da especie humana a que pertenciam. A familiaridade entre os comandantes de varios corpos deve ser a consequencia de seu devotamento à mesma causa, sobretudo quando a guerra é de escaramuças, de emboscadas, de alarmas constantes e de assistencia continua, uns pelos outros numa guerra patriotica contra um estrangeiro invasor, com diversidade de religião, cada partido odiando mortalmente o adversario. Nessas occasiões todos os homens são iguais, e só é superior aquele cuja força e destreza sobrepujam aos demais. A amalgamação de raças, determinada por essa consciencia de igualdade, não teria melhor ambiente para sua expressão perfeita do que na guerra aludida. A fraternidade que se fundiu em tais circumstancias não pode ser rompida. Não obstante as partes unirem em suas diferenças sociais, tudo é facilmente removido, de um para outros, porque a participação igual nos perigos costuma tornar os companheiros de risco ainda mais queridos, dando o sentimento de duração aos afetos que se prolongam muito depois da cessação dos acontecimentos que determinaram seu aparecimento.

A população livre no Brasil é constituída presentemente de Europeus, brasileiros, isto é, a raça mestiça de brancos e pretos, e todas as variedades que podem nascer desse ramo; mamalucos, isto é, mestiços de brancos e

indigenas, com todas as suas variantes, indigenas em estado de domesticidade, que são chamados geralmente "caboclos", e os que ainda se conservam na vida selvagem, e que são comumente denominados "Tapuias"; negros nascidos no Brasil e os Africanos alforriados², finalmente os *Mestizos*, casta de indigenas e negros. Dos escravos falarei depois mais amplamente. São Africanos, negros creolos, mulatos e mestiços. A maxima do codigo civil *partur sequitur ventrem*, vigóra aqui como nas colonias das outras nações (3).

Essas misturas de raças têm suas gradações no carater como as possuem no pigmento. Tratarei primeiramente dos Brancos. Os Europeus não sendo empregados publicos ou militares são, geralmente, aventureiros que chegaram ao país com pouco e nenhum capital. Esses homens iniciam sua carreira em baixas condições sociais, mas pela parcimonia e dedicação obstinada a uma só finalidade, realizar fortuna, conseguem materializar o desejo, vivendo seus ultimos anos na opulencia. Seus costumes não deixam, entretanto, de influir sobre sua conduta, despida de generosidade e de liberalidade. Olham os brasileiros desprezivamente, ou se consideram superiores a eles, e até recentemente o Governo nada fizera para dissipar esse ciume existente entre as duas divisões de homens brancos, e mesmo agora pouca atenção é dada a esse objecto tanta importancia merece no exame (4).

O Brasileiro, homem branco, grande proprietario, descendente dos primitivos Donatarios do país, ou de familia que haja gozado distincções, mantém uma alta idéa de sua propria importancia, a ponto de tornar-se ridiculo algumas vezes, mas frequentemente o conduz aos cimos da generosidade, adotando pensamentos liberais e conduta honrada. Se ele foi bem educado, e teve a felicidade de ser instruído por um padre cujas idéas fossem esclarecidas, sendo comprehensivo para a diversidade de opiniões, tolerando

o tolerável, no caracter desse brasileiro terá muito o que admirar-se. Cercado por numerosos parentes e dependentes imediatos, vivendo em um vasto e semi-civilizado país, ele se habituou a ter muita independencia de linguagem e de attitude, moderada pela subordinação ao que aprendeu durante o periodo de sua educação. Não pretendo dizer que esse seja o tipo geral. Poucas pessoas são instruídas de maneiras convenientes, e ainda mais, poucos são fieis á educação recebida, mas são numerosos os individuos que seguem uma orientação necessaria, desde que poderosos motivos positivaram a urgencia das vantagens da instrução.

Sempre ouvi frequentemente dizer, e não posso deixar de aceitar o reparo como exato na região do país de que estou tratando, que as mulheres são comumente menos humanas para com seus escravos que os homens (5), mas esse facto procede, indubitavelmente, do estado de ignorancia no qual elas vivem. Recebem escassamente educação e não têm a vantagem de poder obter instrução pela comunicabilidade das pessoas estranhas ao seu ambiente nem adquirem novas idéas na conversação geral. Nasceram, crearam-se e continuam cercadas de escravos, sem receber a menor contradição, tendo noções exageradas de autoridade sem que percebam o que ha de erro em suas ações. Levai essas mulheres para diante, educando-as; ensinai-lhes o que é racional, e serão iguais e em nada inferiores aos seus patricios. A falta não está no sexo mas no estado dos costumes. Mal a creança sáe do berço lhe dão um escravo de sua idade e sexo, para companheiro, ou melhor, para brinquedo. Crescem juntos, e o escravo é o objeto onde o jovem amo desabafa suas vontades, e o servo é empregado em todos os mandados e recebe a culpa de todos os accidentes imprevistos. O jovem branco é encorajado na sua attitude despotica pela propria ternura prejudicial dos pais. Sobre os rapazes, o efeito é

pouco visível na idade viril porque o Mundo os contém e reprime, mas as moças que não deixam o lar, e ás vezes não ha oportunidade para abandonar esses habitos perniciosos. É, pois, surpreendente que exista tal numero de excelentes senhoras entre elas e não devemos estranhar que n'algumas continue a disposição malefica, triste resultado da desastrada orientação de seus anos infantis.

Assim como a vegetação avança nesses climas, assim como os animais atingem mais rapidamente sua maturidade que nos países menos temperados, assim a educação é duplamente necessaria para levar ás almas as novas idéias, refrear as paixões, inspirando o sentimento da honra, instigar a compaixão e essa especie de orgulho que é tão indispensavel para manter-se a linha moral na existencia.

O estado da sociedade, o clima e o celibato de um numeroso clero, determinam a cifra de filhos illegitimos, verdadeiramente avultada, mas aqui a "RODA DOS ENJEITADOS", tradição que demonstra a natural bondade do povo, previne as frequentes occorrencias de infanticidio, ou melhor, torna-o quasi desconhecido. A creança é comumente depositada, durante a noite, à porta de uma residencia rica e ao ser encontrado pela manhã e recolhido, é quasi invariavelmente sustentada, e creada entre os filhos da casa (se a côr não é completamente escura o admitem nesse meio), certamente como um domestico mas não como servo, e mesmo a negrura de sua têtz não o afasta de ser instruído entre os meninos brancos. Esses *enjeitados*, como são chamados, são frequentemente encontrados e ouvi falar nas raras excepções sobre a geral bondade com que os tratam. A opinião publica é muito contraria á negativa de recolher e crear um "enjeitado". O dono da casa que, nessas circunstancias, leva e entrega a um estabelecimento publico uma creança deparada à

sua porta, é citado com frases de indignação. Algumas vezes um pobre homem que encontrou um desses "presentes" à sua soleira e o recolheu para depositá-lo, na noite seguinte, numa casa rica, é desculpado e mesmo julgado seu ato meritorio porque na casa rica a creança terá naturalmente quem tome conta e se encarregue de sua vida.

Observei que, em geral, os Europeus são menos indulgentes para seus escravos que os Brasileiros. Os primeiros alimentam melhor mas exigem trabalhos mais pesados, enquanto os segundos deixam que os negocios de suas propriedades sigam o caminho a que estão habituidos a seguir. Essas diferenças entre as duas classes de senhores é facilmente explicada. O europeu adquiriu a maioria de seus escravos a credito e durante o curso de sua vida a acumulação de riquezas é o objeto principal. O brasileiro herdou sua propriedade e não ha urgencia em obter largos proveitos. Continua o ritmo que fôra mantido pelos primeiros possuidores. Seus habitos de tranquilidade e de indolencia o levam a ser doce mas indifferente, e não toma o cuidado com a propria manutenção de sua escravaria que um europeu teria, tendo menos tempo e fiscalizando a comida pessoalmente. Esse espirito de avareza que faz trabalhar um homem como um animal bruto (6) até que se exgote para qualquer serviço, sem o menor olhar para o bem-estar das creaturas, tratada como uma simples maquina, como se fosse feita de madeira ou de ferro, é raramente visto no país. Exemplos de crueldade existem, e ainda podem ser vistos, mas são frutos de uma perversidade individual e não de uma fria, sistematica, calculada indifferença no emprego dos meios para os fins. Assim deve ser compreendido.

Não obstante as ligações dos mulatos, por um lado, com a raça negra, eles se consideram superiores aos mamalucos. Sua inclinação é para os brancos, e como os

Indigenas estão ocultos, orgulham-se de nada ter de comum a eles. Os mulatos, porem, lembram-se de sua filiação com os homens que continuam em estado de escravidão e muitas pessoas de sua propria côr jazem sob essa degradante circumstancia, d'aí provindo o sentimento de inferioridade na companhia dos brancos, se esses brancos são ricos e poderosos. Essa desigualdade de niveis não é muito sensível entre os brancos das classes pobres da sociedade e são mais facilmente levados a ter familiaridade com individuos de sua côr que estão em situação de prosperidade. De mais, essa inferioridade que o mulato sente é mais produzida pela pobreza do que pela sua péle, e ele mantém a mesma posição respeitosa para com uma pessoa de sua casta que tenha a felicidade de ser rica (7). A degradante situação do povo de côr nas colonias britannicas é mais lamentavel (8). As ligeiras regulamentações existentes contra eles não são praticadas no Brasil. Um mulato entra para as Ordens religiosas ou é nomeado para a Magistratura desde que seus papeis digam que ele é branco, embora seu todo demonstre plenamente o contrario. Conversando numa ocasião com um homem de côr que estava ao meu serviço, perguntei-lhe se certo Capitão-Mor era mulatô. Respondeu-me: *Era, porem já não é!* E como lhe pedisse eu uma explicação, concluiu: — *Pois Senhor, um Capitão-Mor pôde ser Mulato?*

Eu tinha amizade intima com um sacerdote cujo aspecto e côr dos cabelos denunciavam sua origem. Gostava muito dele. Era um homem inteligente e bem educado. Fóra deste exemplo pessoal, poderia indicar muitos outros em condições identicas.

Os Regimentos da Milicia, que são chamados Regimentos dos Mulatos, têm essa denominação porque todos os officiais e praças provêm das castas mestiças, não admitindo pessoas brancas em suas fileiras (9). Os ofi-

ciais superiores são proprietários e o coronel, como os demais dos outros Regimentos, só deve obediência ao Governador da provincia. Nos Regimentos de Milicia brancos, os officiaes só podem ser brancos, por força de leis, na pratica, bem pequeninas provas são feitas para que se elucide não haver mistura no sangue, e todos depressa são proclamados homens brancos. Grande numero de soldados pertencentes aos Regimentos comandados pelos brancos são mulatos e outras pessoas de côr. Os Regimentos de Linha, como já disse algures, admitem em suas fileiras todos os individuos, excetuando negros e indigenas, mas os officiaes devem provar nobreza de nascimento, e como certos graus de nobreza foram conferidos ás pessoas cujas familias eram de sangue muito misturado, essa exigencia não pôde ser encarada como uma determinação contraria aos mamalucos ou mulatos da população. Quando um aventureiro europeu não pôde obter uma patente de official n'um desses Regimentos, o brasileiro, cuja familia outróra se distinguiu na provincia, prova sua elegibilidade, sem o menor reparo pelo sangue que lhe corre nas veias. E' nobre, não importa como o poude ser (10).

O ultimo coronel do Regimento mulato do Recife, de nome Nogueira, foi a Lisbôa e regressou a Pernambuco com a Ordem de Cristo que a Rainha lhe havia conferido (11). Um dos homens principais em uma dessas provincias é filho de branco com mulher de côr. Recebeu educação excelente, tendo uma disposição generosa e sentimentos acolhedores para todos os assuntos. Foi feito coronel e recebeu um grau de nobreza, e o Regente foi padrinho de um de seus filhos. Muitos outros exemplos podem ser mencionados. Portugal continúa, por politica, o sistema que outróra lhe havia sido imposto pelas circumstancias locais. Muitos dos poderosos agricultores de Pernambuco e os ricos moradores do Recife

são homens de côr. A maioria dos melhores artesões é também de sangue mestiço.

Dizem que os mulatos são máus senhores e tal se dá geralmente com pessoas dessa classe que pertenceram à escravaria e depois possuíram escravos ou se empregaram como feitores nas propriedades. A mudança de situação produz as mesmas consequências em qualquer raça humana e não pode ser restrita aos mestiços. Conheci mulatos que nasceram livres e tratavam, com bondade e cuidado, seus escravos e servos como um bom homem branco.

Os casamentos entre os brancos e as mulheres de côr não são muito raros embora causem murmuração quando tal sucede, mas não existe intenção de diminuir o nubente ante a consideração geral. E' verdade que o reparo só se faz quando a pessoa é um agricultor de certa importancia e a mulher é decididamente de coloração escura, porque mesmo com algum matiz, passa por branca. Se o branco pertence ás classes pobres, a moça é considerada como de sua igualha, a menos que seja completamente preta.

Os aventureiros europeus casam-se dessa maneira mas geralmente quando a noiva leva dote. As famílias dos ricos mulatos sempre estão desejosas de desposar suas filhas com esses homens, embora o escolhido não tenha situação definida, mas a côr dos filhos das suas filhas será melhorado e bem conhecidos a prudencia e metodo dessa classe de homens, podem adquirir grandes fortunas embora começando com pequeninos recursos. Quando residia no Jaguaribe, via habitualmente um rapaz de boa compleição, natural da ilha de S. Miguel. Esse rapaz estava em minha companhia n'uma ocasião em que o Comandante do Sertão se hospedara em nossa casa. O Comandante perguntou-lhe se sabia ler e escrever, e ouvindo a resposta negativa, disse: — “Assim, o senhor não serve”. E se voltando para mim, concluiu: — “Fui incumbido por um amigo de levar comigo para o Sertão um

português moço, de bom aspecto e hábitos regulares, sabendo ler e escrever, com o propósito de casa-lo com sua filha." Essa especie de *encomendas* não é extraordinaria (12).

Os brasileiros de alto nascimento e de grandes propriedades não gostam de casar com pessoas cujo sangue mestiço seja demasiado visível e daí resultam circumstancias curiosas. Um homem dessa classe apaixonase por uma mulher de côr, vivem juntos em sua propria casa e, dentro de curto tempo, é visitada pelas senhoras casadas. Ela governa os assuntos domesticos, age e se considera como sua espôsa, e frequentemente nascem varios filhos, e, quando ambos já não são jovens, casam-se. Decorrentemente, essas pessoas são muito mais ligadas que nos matrimonios entre elementos pertencentes a duas familias de primeira classe porque esses ultimos casaram mais por conveniencia do que por afeição e, ás vezes, só se viram pela primeira vez poucos dias antes da cerimonia matrimonial. Ocorre tambem que a inclinação, necessidade ou conveniencia obrigue ou decida o homem a se separar da mulher com quem vivia. Nesse caso, ele a dotará e ela casará com um homem de sua condição, mais a julgando uma viuva do que pessoa de procedimento irregular. São raros os casos de infidelidade nessas mulheres. Elas se prendem ao homem com quem vivem, administram-lhe a casa que moram com o mesmo zelo que teriam possuindo os direitos de uma legitima autoridade.

E' merecedora de todo acatamento do povo do país quando essa fidelidade, tão provada de um lado, é reconhecida pela outra que, comumente, a eleva a respeitavel e justa condição de esposa. E' preciso reconhecer que o merito moral deva ser aquilatado pela mentalidade da região e não pelas nossas instituições. Falo somente sobre factos sucedidos entre os agricultores, porque nas grandes cidades o homem é o mesmo de toda a parte.

Os mamalucos são mais frequentemente vistos no Sertão que nas proximidades do litoral. São mais bem feitos que os mulatos e as mulheres dessa raça sobrepassam, particularmente em beleza, todas as outras do país. Têm a tez escura dos mulatos mas seu rosto é menos chato e os cabelos não são crespos. Não creio que os homens dessa casta possuam mais coragem que os mulatos, mas, seja pelo conhecimento que têm de descender de homens livres, de ambos os lados, seja pelas suas moradias no interior onde o Governo é menos exigente, eles parecem ter mais independencia de carater e mostrar menos deferencia pelos brancos que os mulatos. Quando as velhas narram alguma historia de perigos, a citação natural do heroi é para um grande *mamalucam*, crendo que esse tipo seja superior aos demais. Os mamalucos entram para os Regimentos dos Mulatos e são recrutados para os Regimentos de Linha, como homens de côr, sem nenhum reparo ás fontes de onde proveio o seu sangue.

Sobre os Indigenas domesticados já dei os pequenos pormenores que pude coligir ou tive oportunidade de observar. Os indigenas selvagens só existem a grande distancia da costa de Pernambuco, e, embora vivam ainda perto do Maranhão, são vizinhos temidos e não tive meios de ver um deles sequer.

Passo agora a descrever uma numerosa e valente raça de homens — os Negros Creolos, ramo d'arvore africana que tem sido transplantada, cultivada e meliorada em sua mudança para o novo Mundo. Os negros-creolos mantêm-se isolados e sem ligação com qualquer outra raça humana, e essa circumstancia, sozinha, era sufficiente, como contribuição solida, para os efeitos da união de um dos outros. Os mulatos e todas as outras pessôas de sangue mestiço desejam aproximar-se dos brancos e, quando possivel, estabelecer relações de parentesco. Tambem o mestiço procura passar por mulato

e se persuade, assim como aos outros, que em suas veias se encontra uma certa porção de sangue branco, embora, provenha unicamente, de fontes indigenas e negras. Os unicos que não podem ter pretensões a nenhuma mistura de sangue, chamam-se negros, e a impossibilidade de serem confundidos como membros de outra raça qualquer, reúne os individuos sob fortes laços dessa denominação comum. São homens elegantes, ousados e bravos, obedientes aos brancos, procurando agrada-los mas facilmente irritaveis, e menor alusão a sua côr, feita por pessoa mais clara, enraivece-os no mais alto gráo. E dizem algumas vezes: — *Negro sim, porem direito!* Distinguem-se dos seus irmãos escravos devido a sua situação superior de homens livres.

Os negros-livres têm seus Regimentos privativos, como os mulatos, e onde officiaes e soldados devem ser perfeitamente pretos. Existe em Pernambuco dois desses Regimentos, compostos de um numero indefinido de homens, dispersos por toda região. Esses Regimentos se distinguem pelos nomes de Velho Henriques e Novo Henriques (13). O nome de Henriques é derivado do famoso chefe, Henrique Dias, no tempo da guerra holandêsa. Ouvi, das pessoas mais instruídas com quem tenho conversado, as referencias entusiasticas pela maneira com que ele ajudara aos brancos, durante a luta. Vi um destacamento de um desses Regimentos no Recife, acompanhando a procissão de Nossa Senhora do Rosario, padroeira dos pretos. Vestiam uniforme de fazenda branca, orlado de escarlate, e davam impressão magnifica. Apresentaram-se com toleravel disciplina e pareciam dedicar-se ao seu dever pela forma melhor que lhes era possivel. Agiam com os modos do perfeito zelo e desejos da causar successo. Era o mais belo corpo militar de quantos tive oportunidade de ver nesse país (14). Nos dias de gala os officiaes superiores pretos com suas fardas

brancas, vão apresentar suas saudações ao Governador, exatamente da mesma maneira que as pessoas de outras raças e as altas representações de iguais classes são convidadas. Esses homens não recebem pagamento e sua bôa aparência nessas ocasiões denuncia um certo grau de prosperidade entre eles. Nenhuma outra pessoa nesses Regimentos tem soldo por qualquer serviço. Alguns brancos levam ao ridículo os oficiais pretos mas nunca em sua presença (15). Esse gesto se motiva do desejo de afastar a raça humilhada das distinções que o Governo sabiamente lhe concede, e que ferem as idéas européas de superioridade. O Velho Regimento dos Henriques, na época em que residi em Pernambuco, estava sem coronel, e ouvi muitas discussões, em ocasiões varias, entre os negros creolos, sobre a pessoa digna de ser indicada para o cargo vacante (16).

Os negros-creolos do Recife são de um modo geral, operarios de todas as profissões, mas não chegaram ás altas classes sociais, agricultores e negociantes. Alguns têm acumulado consideraveis somas de dinheiro, possuem escravos aos quais ensinaram seu officio ou fizeram aprender outras habilidades para que maior seja o rendimento. Os trabalhos desses escravos pertencem aos seus senhores, rendendo largos proveitos, porque a mão de obra é cara e aqueles que exigem certa perfeição são melhormente recompensados que os demais, cujos conhecimentos são de mais facil aquisição. O melhor pintor de Igreja e de Santos em Pernambuco é um negro, de bôas maneiras e tendo perfeitamente o ar de pessoa importante, sem maiores assomos de vaidade. Os pretos são excluidos do sacerdocio (17) e dos officios que os mulatos podem concorrer, iludindo a lei, porque sua inequivoca e visivel coloração lhes proibe inteiramente pleitear. Segundo a lei todas as pessoas que não são brancas e nasceram livres são iguais, e os escravos manumitidos são colocados no

mesmo nível dos homens nascidos livres. Embora as poucas exclusões existentes contra os pretos sejam degradantes, eles são, em muitas ocasiões, beneficiados por elas. São julgados incapazes de ser nos Regimentos de Linha, por causa da sua côr, assim como noutros Regimentos, excetuando os privativos, mas por meio dessas exceções escapam ás perseguições sofridas por outras classes durante a epoca do recrutamento. Os oficiais e praças dos Regimentos dos Henriques são tão unidos entre si que esses e aqueles são menos sujeitos ás opressões dos brancos como os soldados dos Regimentos mulatos. Os oficiais desses ultimos, tendo certo matiz de brancura, sacrificam tudo aos caprichos do Capitão-Mor, ou de um outro rico oficial branco, esquecendo a proteção devida aos seus soldados.

Os homens cujo encargo é prender os negros fugidos das propriedades, são, sem exceção, creolos-pretos, e os chamam *Capitães do Campo* (18). São sujeitos ao Capitão-Mor do Campo que reside no Recife e que recebe os encargos do Governador ou daquele oficial. Por essas ordens, ele fica autorizado a prender e levar aos seus senhores todos os escravos encontrados fóra de casa sem o consentimento dos amos. Esses homens são encontrados nos varios distritos, e quando não são encarregados de perseguir os negros, empregam-se em qualquer outro officio. São homens de coragem comprovada e comumente seguidos por dois ou tres cachorros, habituados a descobrir, e sendo necessario, atacar e derrubar ao chão as pessoas cuja prisão seus donos desejam efetuar. Esses homens podem, no exercicio de sua comissão, obrigar a, qualquer pessoa, sem autorização, a lhes entregar o negro apisionado, afim de devolve-lo ao seu senhor.

E' pouco necessario falar nos *mestizos* porque esses, comumente se incluem com os mulatos, e não facilmente identificados entre as gradações da côr dessa raça. Um

homem de côr escura, de apparencia desagradavel e feições mal-formadas, é frequentemente chamado mestizo, sem outra referencia a sua origem.

Resta-me falar de uma raça humana, constituida de individuos cujo numero não é tão vultoso que permita dar-lhe um quadro á parte entre as grandes divisões humanas que formam a população do Brasil, e não posso coloca-la na fila daquelas que têm importancia maior. São muito falados para que possa esquecer os *Ciganos* (19). Ouvi assiduamente citar esse povo mas nunca me foi possível avistar um só desses homens. Bandos de Ciganos tinham outróra o habito de apparecer, uma vez por ano, na aldeia do Pasmado, e noutras paragens dessa zona, mas o ultimo Governador da provincia (20) era inimigo deles e tendo feito alguma tentativa para prender alguns, as visitas desapareceram. Descreveram-nos como homens de péle amorenada, feições que lembram os brancos, bem feitos e robustos. Vão errando, de lugar em lugar, em grupos de homens, e mulheres e creanças, permutando, comprando e vendendo cavalos e ninharias de ouro e prata. As mulheres viajam a cavallo, sentadas entre os cestos dos animais carregados e os meninos são póstos dentro dos cestos, de mistura com a bagagem. Os homens são cavalheiros emeritos, e quando os cavalos de carga estão exhaustos, contentam-se em diminuir a marcha, sem que descavalguem ou dividam o carrêto com os demais componentes do comboio. Dizem que não praticam religião alguma, não ouvindo missa nem confessando seus pecádos. E é sabido que jamais casam fóra da sua nação.

Ha muitos negociantes inglêses estabelecidos no Recife e mesmo aí reside um consul, mas, na epoca de minha partida, não havia Capela Protestante nem Clérigo (21) nem mesmo um Cemiterio para os nossos compatriotas (22). Um ato do Parlamento providenciou, creio eu, para a instalação dessas utilidades, mas não foram toma-

das as medidas para a realização dessa decisão legislativa. Sem alguma apparencia exterior de culto, pode-se esperar que o povo do Brasil tenha uma idéa melhor sobre aqueles que representam, desde longos anos, como *pagãos, bichos e cavalos?* Isto é inteiramente verídico. E se ele atualmente concebe que possuamos, pelo menos, a forma humana, tendo o dom da palavra e a virtude da intelligencia para as transações habituais do mundo, como julgar que seremos olhados com respeito, se não temos, no mínimo exteriormente, as demonstrações da fé religiosa. E' preciso pensar que vivemos no seio de um povo inteiramente devotado ás formas e cerimoniaes do seu culto, cuja dedicação ás suas Igrejas sobrepuja a todas as outras afeições. Não será dessa maneira que a Nação Britanica se fará respeitada. Podemos estabelecer relações commerciaes com esse povo mas nos devemos contentar em ser estimados na proporção da nossa utilidade. Não podemos ter a veneração geral como uma Nação, nem a atenção que nos fariam ouvidos nos grandes debates, quando nossas asserções e opiniões dependem dos fundamentos da firmeza dos homens — os habitos religiosos. Seremos apenas encarados como moradores temporarios e jamais considerados como uma comunidade estavel, sem que tenhamos um laço comum de união ou nenhum ponto de reunião geral ou finalidade para a qual todos se dirijam. Não temos a apparencia de pertencer a mesma nação e sim que nos encontramos n'uma reunião sobre uma terra estrangeira. A essas razões politicas pelo estabelecimento local do culto, devemos juntar outras de grande importancia, e ante as quais um cristão não pôde ser indifferente. Sei muito bem que não é nos negociantes que nasce o mal... — Mas já disse o necessario. Não quero continuar no assunto. Desejava não ter feito menção sobre essa tése. Mas não era possivel passar em silencio sobre um tema sobre o

qual tanto falei quando residia na região. Meus sentimentos são muito conhecidos pela maioria das pessoas com quem me relacionei.

NOTAS AO CAPITULO XVIII

(1) A tradição do Brasil ter sido povoado por uma maioria de criminosos está especificamente dissipada. Bastará ler o Livro Quinto das Ordenações para evidenciar-se que os crimes degradantes não eram punidos com o exílio no Brasil. Muitos crimes outrora capitulados já não constituem materia penal. A documentação genealogica, publicada em quasi todos os Estados, diz quais troncos são responsaveis pelas familias que cobrem quasi toda terra brasileira. (C).

(2) History of Brazil, vol. I, p. 216. (K).

(3) Não foi seguida sempre essa maxima nas ilhas francezas. "*Quand quelque commandeur abuse d'une negre, l'enfant mulastre qui en vient est libre, et le père est obligé de le nourrir et de l'entretenir jusqu'à l'âge de douze ans, sans l'amende à laquelle il est encore condamné*". — Histoire des Antilles, tom. II, p. 460. Labat informa ainda: — "*Le roi a fait renvire par sa Declaration la loi Romaine, qui veut que les enfans suivens le sort du ventre qui les a portez*" e essa mudança teve lugar em 1674, quando o rei retirou as ilhas da Companhia que as administrava soberanamente. — Nouveau Voyage, tom. II, p. 192. (K).

(4) A maioria do clero de Pernambuco, regular e secular, é de origem brasileira. O Governador é um Europeu, como são os principais officiaes civis, ecclesiasticos e militares, mas o Bispo é Brasileiro, assim como o Ouvidor. (K).

(5) George Gardner, de julho de 1836 a junho de 1841, viajando pelo Brasil, Rio, Pernambuco, Baía, Ceará, Piauí, Goiaz, Minas, é de opinião diversa: — "*As senhoras brasileiras pareceram-me quasi todas cheias de bondade para com os escravos, e mesmo muitas vezes ellas proprias tratam os que estão doentes*". *Travels in the interior of Brazil*, p. 19. O "quasi" de Gardner é significativo. (C).

(6) Correndo aos nossos crucis sistemas do *stage-coach* e *post-chaise*. (K).

(7) Os tratamentos de *senhor* ou *senhora* são empregados para todas as pessoas livres, brancas, mulatas e pretas. Dirigindo-se a um homem livre, de qualquer cor ou classe, o termo é o mesmo. O Dr. Pinckard diz em suas "*Notes on the West-Indies*": — "*O titulo de mistress parece ser reservado somente para as senhoras europeas e as brancas do pais (white creoles)*, formando uma distincção entre essas e todas as mulheres de cor das outras classes e estado". (K).

(8) Refiro-me ao que li na "*History of the West-Indies*", de Edwards. (K).

(9) O nome desses Regimentos não era o dos Mulatos, como escreveu Koster, quando fala nos *mulatto regiments, are so named*, etc. A denominação official era "Regimento dos Pardos". Pardo era o tratamento comum no seculo XVIII e principios do XIX, facilmente verificavel nos arquivos religiosos e administrativos. Esses Regimentos eram cuidados atentamente pelo Governo. Velavam a disciplina. Existiam em quasi todo o Brasil. Num Regimento dos Pardos, no Rio de Janeiro, o official Alexandre Dias de Resende foi desrespeitado por um soldado e levou o caso ao comandante do terço, o major portuguez Melo. Esse respondeu, rindo: — *Vocês são*

mulatos, lá se entendam! Dias Resende levou o sucedido ao conhecimento de d. Luis de Vasconcelos e Almeida, 12.^o Vice-Rei do Brasil. O futuro conde de Figueiró ouviu tudo, mandou chamar o ilustre Melo, inquiriu-o e lhe deu ordem de recolher-se preso. *Preso? Eu? Por que?* — *assombrou-se o fidalgo Melo. E o Vice-Rei imperturbavel: — Nós somos brancos, cá nos entendemos!* (C).

(10) Essa afirmativa necessita de uma explicação devido aos regulamentos do serviço militar português. Pode-se chegar ao officialato passando pelos grãos de cabo, quarto-mestre e sargento, sem ter relação alguma com o nascimento. Um mulato escuro não tem esse direito que um europeu possui, embora de baixa condição. Ser cadete ou ser official sem haver transposto os postos iniciais, exige a justificação de nobreza. (K).

(11) O filho desse homem é sacerdote. (K).

(12) O creado francês de Von Martius recusou um casamento mais ou menos como esse. No sertão do Piauí, quando o naturalista se hospedava, fizeram ao servo esse oferecimento, aliás recusado. A informação de Martius coincide com a de Koster. "Muitos aventureiros europeus, que se podem gabar de origem sem mistura, passam aqui no país vida descuidada de cidadão, devido à geral procura dos que querem limpar o sangue, (como elles costumam dizer; e talvez o nosso bem disposto creado tivesse dado o devido apreço aos encantos da beldade mestiça, se não o aterrasse o isolamento do sertão. "Viagem pelo Brasil", II, p. 420, trad. de d. Lucia Furquim Lahmeyer. Manuel Dantas conta um episodio tradicional da zona do Seridó, no Rio G. do Norte. O negro Feliciano José da Rocha, ex-escravo, rico proprietario no Acari, trouxe do Recife um rapaz português para limpar o sangue de sua descendencia. Chegando em "Barrentas", dominio do sogro, o português Antonio José, vindo um negrinho no alpendre da casa, gritou: — Moleque, tira a sela do cavallo! Moleque não senhor, meu cunhado — observou-lhe o filho de Feliciano. A descendencia existe e é branca. — "Homens de Outrora", p. 29. (C).

(13) Os negros-creolos alforriados, tenho quasi a certeza de que podem ser admitidos nesses Regimentos. (K).

(14) "Como nessa campanha Henrique Dias se tivesse coberto de gloria á frente de seu terço de pretos, durante mais ou menos dois seculos, existiu no Exercito do Brasil uma formosa tradição: terços e, depois, regimentos, em Pernambuco, na Baía, no Rio, em Minas, de caçadores a pé das milicias, com fardas brancas paramentadas de vermelho, compostos unicamente de negros e intitulados Henriques ou Caçadores-Henriques. Essa tradição infelizmente desapareceu". (Gustavo Barroso, — "Historia Militar do Brasil", p. 12 Vol. XLIX da "Brasilianna". (C).

(15) A revolução pernambucana de 1817 se iniciou nas ruas por um episodio simples. Um official do Regimento dos Henriques, zombado por um estrangeiro, espancou-o. (C).

(16) Corria um rumor da nomeação de um branco para coronel nesse Regimento assim como de um outro branco para coronel do Regimento dos Mulatos no Recife. Varias pessoas dessas raças perguntaram-me se havia alguma razão nas noticias. Confesso que não acredito em sua veracidade. A politica liberal que tem sido seguida pelo Gabinete do Rio de Janeiro não permite acreditar. Se for verdade, muito desagradaveis serão as consequencias que poderão ser esperadas desse procedimento. (K).

(17) Os padres da ilha de S. Tomé, na costa d'Africa, são pretos. Vi alguns desses homens no Recife para onde tinham vindo, passar algum tempo. Ouvi dizer que lhes era proibido dizer a missa fóra da ilha para cujo serviço se haviam ordenado, mas creio muito pouco que essa informação seja veridica. Na "Voyage du Chevalier des Marchais en Guinée, isles voisines et a Gayenne" encontrei que homens de sangue mestiço se haviam ordenado nas ilhas de S. Tomé e Príncipe, e o editor da obra informa; —

"Presque tout le clerge de la cathedrale (de S. Tomé) étoit de cette couleur". Vol. III, p. 4. "L'Eglise de S. Antoine qui est la Paroisse (da ilha do Principe) est déservie par des prêtres noirs ou presque noirs, c'est-à-dire mulâtres", p. 30. Tive, como escrevi no texto, noticia de boa autoridade sobre a proibição legal contra o sacerdocio dos mulatos. Que a pratica se illuda a lei, estou completamnte certo, mas tenho a esperança de que a lei lhes seja mais favoravel. (K). D. Tomaz José de Melo, Governador de Pernambuco, em officio de 5 de Fevereiro de 1789, dirigido ao Ministro Martinho de Melo e Castro, informava que o missionario Frei Rafael do Castelo de Vide, conduzia, na fragata "S. João Batista", seis pretinhos" para serem instruidos de sorte que algum dia possam ser ministros dos seus compatriotas, conforme as instruções de Sua Magestade, que lhe foram comunicadas pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino na data de 26 de Março de 1784" Despesas de transporte e subsistencia eram satisfeitas pela Real Fazenda. E os seis pretinhos deviam, em Lisboa, serem levados a presença da Soberana. Pelo exposto, a proibição informada ao exato Koster era balela. (C).

(18) O titulo exato era "Capitão do Mato" e tiveram regulamentação real em 1724. Nas "Provisões" sempre foram chamados Capitães do Mato. (C).

(19) Esse nome é sem duvida derivado de *Egipcianos*, e me dizem que tambem os denominam *gitanos*. (K). Cigano não procede de egiciano mas das formas empregadas pelos povos do Oriente e Europa Central designando esses nomadas, *tsiganin*, *tsigán*, segundo a lição de Adolfo Coelho no "Os Ciganos de Portugal". Os espanhoes chamando-os *gitanos* é que se ligam perfectamente à hipotese, falsa aliás, de sua origem do Egipto. O *gitano* de Espanha é aferese de egitano, egipciano, egpicio. O sr. José B. d'Oliveira China publicou na revista do Museu Paulista, tomo XXI, pp. 323-669, S. Paulo, 1937, um estudo sobre os "Ciganos do Brasil", o mais completo na especie, em tudo merecedor de uma edição mais ampla. (C).

(20) O Governador que perseguia os Ciganos em Pernambuco foi dom Tomaz José de Melo, que governou a provincia de dezembro de 1787 a dezembro de 1798. Deve-se a dom Tomaz a creação do estabelecimento destinado a recolher e educar os "enjeitados", os "expostos", tão elogiado por Koster. (C).

(21) A "Igreja dos Ingêleses", rua da Aurora, esquina da Conde da Boa Vista, esperou muito tempo para atender ao apêlo de Koster. Em dezembro de 1819, James Henderson visitando Recife lamenta a ausencia do templo e elogia os esforços do doutor Ramsay, reunindo elementos para a construção do edificio e vinda de um *Clergyman*. Sua "History of Brazil" é de 1821, no fim do capitulo, o autor informa que: — "*I have been informed, since my return to England, that a clergyman had arrived at Pernambuco*". Seria esse clerigo o rev. G. Tuckins, o primeiro ministro anglicano no Recife, celebrando o serviço-divino na rua do Hospicio. Somentem em 1838, dirigidas as obras por Edward Watt, consul britânico em Pernambuco, começou a Igreja dos Ingêleses a ser construída, sendo inaugurada em 1839. Watt faleceu no Recife a 24 de Dezembro de 1840. O rev. Ruben Jane foi o primeiro *clergyman* que dirigiu a Igreja, desde sua fundação em 1838, indo até 6 de Dezembro de 1905, quando morreu, com 90 anos, na administração intinterrupta da Igreja. (C).

(22) Quando Koster voltou, em 1815, para Inglaterra, já existia o "Cemiterio dos Ingêleses", terreno de 26 metros e 40 de frente por 44 de fundo, situado em S. Amaro das Salinas, desde o ano anterior e sendo utilizado. Nesse mesmo 1814 construíram muros ao redor. Em 1850, quando da epidemia da febre amarela, o Conde da Boa Vista cedeu gratuitamente alguns trechos de terras marginaes para que o Cemitério se ampliasse, o que foi feito, com melhoramentos artisticos. Está ainda em serviço. (C).

CAPITULO XIX

ES CRAVIDÃO. MODOS DE ALFORRIA. INFLUEN-
CIA RELIGIOSA. SENTIMENTOS E VIRTUDES NE-
GROS. MERCADOS DE ESCRAVOS. MALUNGOS.
NAÇÕES DA IMPORTAÇÃO NEGRA PARA O BRA-
SIL. CARACTERES. SUICÍDIOS. EMPREGOS. ES-
CRAVOS DE S. BENTO E DO CARMO. ESCRAVO-
FEITOR. PUNIÇÕES. ORGANISAÇÃO DO TRABA-
LHO ESCRAVO. USOS E ABUSOS. ALIMENTAÇÃO.
O QUINGINGOO. O PROPRIETARIO DA MATA E
SUA ESCRAVARIA. O ESCRAVO NOS ALGODOAIS
E FAZENDAS DE GADO. DOENÇAS. PEQUENOS E
GRANDES PROPRIETARIOS DE ESCRAVOS. FUGA
E CAPTURA DE ESCRAVOS. MOCAMBOS. FURTOS.
PSICOLOGIA NEGRA.

A geral equidade das leis referentes ás pessoas de
côr livres nas possessões portuguezas da America do Sul,
foi, de certo modo, estendida á escravaria, tornando a vida
do escravo no Brasil menos pesada e menos intoleravel
que a dos degradados seres que arrastam sua triste exis-
tencia sob o dominio de outras nações. O escravo bra-
sileiro é instruído na religião de seu senhor e tem a es-
perança de poder libertar-se por seus proprios esforços.
Mas é um cativo, dependendo da vontade de um outro
homem, e esse sentimento o afasta da alegria com que
cumpriria seu dever se fosse voluntariamente realizado.
A consciencia de que, não executando as ordens dadas
com cuidados a arbitrariedade do amo o constrangerá a
faze-lo, retira todos os desejos de agrada-lo. A obedi-
encia a uma determinação é dita sem a possibilidade de qual-
quer idéa de negativa, e ainda que nenhum merito lhe
trará a terminação das ordens satisfeitas. Nem deve o

escravo perceber que seria mais esforçado se nada tivesse a temer.

O mundo sempre soube, por toda a parte, das perversidades cometidas pelos senhores de escravos nas colonias onde a Inglaterra tem alguma ingerencia, tanto nessas como nas outras possessões de outros países, não mais sendo duvidosa a sua veracidade. Não quero supor que essas occurrencias sejam frequentes, mas são desgraçadamente repetidas e muito bem conhecidas, e muito a custo me persuado que homens assim barbaros vivam perto de nós, que tantos seres civilizados tenham rapidamente retrogradado à selvageria. Devo dizer que, tambem no Brasil, são narrados muitos exemplos de barbaridades, que essas devem existir mas são de rara occurrencia, e são mencionadas sempre com indignação, mas é bastante recordar que esses atos de abuso do poder absoluto de um homem sobre outro; é sufficiente que esse poder absoluto seja permitido a continuar, para que esse sistema, no qual ele se funda, se torne uma desgraça de suma gravidade, e sancione todas as diligencias para sua mudança, fazendo com que qualquer Governo suporte alguns inconvenientes não aumentando o numero dessas creaturas que sofrem a humilhação dolorosa.

A escravidão indigena está, ha muitos anos, abolida no Brasil. Todos os individuos que estão em sujeição nesse país são africanos ou seus descendentes, de ambos os lados, ou pessoas cujas mães são de origem africana. Nada foi estabelecido quanto as gradações aproximativas do sangue e da côr branca que levassem a creança, filha de mãe escrava, à liberdade. Tenho encontrado varias pessoas com todos os sinais de origem branca e que estão entre os escravos.

Os escravos no Brasil gozam de maiores vantagens que seus irmãos nas colonias britannicas. Os numerosos dias santos para os quais a Religião Catolica exige obser-

vancia (1) dão ao escravo muitos dias de repouso ou tempo para trabalhar em seu proveito proprio. Trinta e cinco desses dias e mais os domingos permitem empregar seu tempo como lhes agradar. Raros senhores se dispõem a restringir o direito dos escravos disporem dos dias como entenderem; ou raros ousam afrontar com seus desejos a brava opinião publica, diminuindo esses intervalos que a lei lhes dá para que se apartem de suas profissões, tornando a existencia menos penivel. Esses periodos dão ao escravo o que mais anheia: — juntar algum dinheiro. Essa quantia, entretanto, é legalmente propriedade do seu amo, pela incapacidade do escravo possuir qualquer cousa (2) que, de direito, pertence ao senhor. Confesso que não recordo um só exemplo de um amo tentar apossar-se desses proveitos tão penosamente adquiridos. Um escravo pode obrigar seu senhor a alforria-lo, oferecendo a sôma pela qual fôra comprado, ou o preço pelo que seria vendido, se esse for mais elevado que aquele pago quando o escravo fôra primitivamente adquirido (3). Essa regulamentação, como toda outra feita em favor do escravo, é facil de ser desviada, e o senhor não querendo libertar um escravo valioso não ha recurso para a vitima porque o estado juridico da região torna difficilimo a um escravo ganhar um processo, e a resignação com que se submete a injustiça do amo procede do temor de que, não sendo bem succedido, seja punido e sua vida se torne muito mais miseravel que antigamente (4). Consequentemente, a alforria depende muito do character do amo, ás vezes extremamente cautelosos na recusa duma manumissão devido a conhecedissima opinião de cada padre em favor dessa medida, do sentimento das pessoas de sua classe na sociedade e mesmo dos individuos das baixas camadas populares, e tambem teme perder seu escravo. Esse poderá fugir, com seu dinheiro, e o amo terá muito risco de nunca mais o ver, particularmente se o homem for um creôlo (5). Geralmente não

ha dificuldades quando um escravo solicita sua alforria ao amo, o qual está mais ou menos sabedor, pelos atos de trabalho e assiduidade do seu servo, pelas informações comuns entre a escravaria e pessoas livres da propriedade, de que o individuo em questão está juntando dinheiro para esse proposito. O amo podia, entretanto, privar o escravo dos frutos do seu trabalho, mas tal não succede porque o negro esconde seu dinheiro em lugares seguros, ou o entrega a uma pessoa de confiança, e padecerá todas as torturas sem que indique o local onde sua riqueza está oculta. Uma razão da mais alta importancia que as demais intima o senhor a ceder: — é o pavor da atitude contra a opinião geral, incorrendo na vergonha que seguiria a esse gesto. Possivelmente a natural bondade que existe em quasi todas as creaturas, o afasta dessa grande injustiça, que constituiria uma confissão de vilania.

Ao escravo é frequentemente permitido por seu senhor procurar outro amo que mais o agrade. Para esse fim escreve-se uma nota declarando que o portador é autorizado a entrar para o serviço de qualquer pessoa que pague a quantia que o amo deseja ser satisfeita pelo contratante. Com essa nota o escravo procura o proprietario que ele deseja servir, e este já tem ouvido noticias do seu character e demais qualidades. Essa pratica é frequente e, no minimo, admite a possibilidade do escravo escapar a uma situação severa e opressora por uma mais humana.

Um numero consideravel de escravos é libertado pela morte dos senhores, e raras são as pessoas, de grandes propriedades, que não alforriem alguns escravos durante a vida. Um ato de manumissão, ainda que simples, deve ser redigido. O registo desses documentos é privativo de cada escrivão publico. Desta forma está evitado todo desastre ocasionado pela perda do original, porque a copia faz fé em lei. Uma escrava que teve dez filhos e os creou, deve ser alforriada pela lei ordinaria, mas essas or-

denações são geralmente burladas e também o numero de creanças é elevado em varias mulheres para que a lei lhes favoreça (6). O preço de uma creança recém-nascida é de 5 £ (20.000 reis), e o amo é obrigado a alforriar o infante na pia batismal se lhe apresentarem essa soma. Essa é a forma que tem levado á liberdade grande numero de pessôas. A modicidade do preço anima muitos homens livres que tiveram ligação com mulheres escravas a manterem seus bastardos, e existem exemplos de padrinhos que praticam esse ato tão louvavel. Comumente as mulheres escravas pedem ás pessôas de consideração para que sejam padrinhos de seus filhos, na esperança de que o orgulho que essa gente possui no mais alto gráo, as leve a não permitir que os afilhados continuem na escravidão (7). Assim, por seus esforços, pelo favor dos amos ou por outros meios, os individuos que se libertam, cada ano, são verdadeiramente numerosos.

O conforto dos escravos nas diversas situações é naturalmente desigual. Quando uns são condenados a uma existencia de esforço excessivo e de miseria, pela natureza das occupações e o caracter dos amos, outros levam vida relativamente facil. E' verdade que nas regiões onde os trabalhadores são livres a tarefa diaria é distribuída desigualmente mas os salarios são proporcionais, e cada homem escolhe livremente o encargo que sua força e intelligencia preferiam. O escravo é comprado para um determinado fim, e deve seguir a linha da vida que seu amo lhe designou. Não o empregam nos trabalhos que preferiam realizar ou, no minimo, seus desejos não são ouvidos no assunto. O preço pelo qual o escravo pôde ser obtido e as conveniencias dos comprados são muito mais consultados que a aptidão de sua força corporal na tarefa que lhe entregarão para fazer. Alem dessa obrigação de realizar um esforço improprio, o de que não teve o direito de optar, prepara-o para a grande e incomparavel aflicção da escla-

varia, com um tirano, caprichoso ou tresloucado amo, cujas ordens não podem ser discutidas, que é absoluto e para o qual as possibilidades de justiça são remotas e a emenda demasiado longinqua. Os amos são punidos com o pagamento de multas pelos maus tratos aos seus escravos quando essas noticias chegam ao conhecimento do Ouvidor da provincia, mas não ouvi dizer que outro castigo haja sido aplicado alem dessa insignificante maneira de correção. Os emolumentos procedentes desse modo de punir as ofensas pesam grandemente em seu favor. O sofrimento que o escravo recebeu não é, temo eu, a causa unica que urgencia a função dessa penalidade pecuniaria. O escravo não recebe a menor parcela.

Todos os escravos no Brasil seguem a religião dos seus amos (8), e não obstante o abuso que existe na Igreja Catolica dessa região, tais são os efeitos beneficos da religião cristã, que esses filhos adotivos são por ela melhorados em gráo infinito, e o escravo que atende a estrita observancia do cerimonial religioso é, invariavelmente, um servidor otimo. Os africanos importados de Angola são batizados em lotes, antes que deixem suas praias, e quando chegam ao Brasil ensinam-lhes as orações da Igreja e os deveres da religião a qual pertencem. O signo da Corôa Real que trazem no peito indica que já passaram pela cerimonia do batismo e que tambem os direitos reais foram pagos por eles (9).

Os negros importados de outras regiões da costa d'Africa chegam ao Brasil pagãos e antes da cerimonia do batismo é preciso ensinar-lhes algumas orações, para o que é dado o prazo de um ano a um professor, depois do que é obrigado a apresentar o escravo na Igreja paroquial. Essa lei não é estritamente cumprida quanto ao tempo mas não é, de forma alguma, esquecida. A religião do amo ensina que ele será extremamente culpado consentindo que seu escravo permaneça heretico, e os brasileiros e por-

tuguêses têm profundo sentimento religioso para que negligenciem um dos mandamentos da Igreja. O proprio escravo deseja ser cristão porque seus companheiros em cada rixa ou pequenina discussão com ele, terminam seus insultos com oprobriosos epitetos, com o nome de *pagão!* O negro não batisado sente que é um ser inferior e mesmo não podendo calcular o valor que os brancos dão ao batismo, deseja que o estigma que o mancha seja lavado, ansioso de ser igual aos camaradas. Os africanos ha longo tempo importados estão imbuídos do sentimento catolico e parecem esquecer que já tiveram eles proprios posição semelhante. Os escravos não são convidados para o batismo. Seu ingresso na Igreja Catolica é tratado como uma cousa em curso. Não são considerados como membros da sociedade mas como animais brutos, até que sejam levados em massa a confessar seus pecados e receber os sacramentos. Os escravos possuem sua Irmandade como as pessoas livres, e a ambição que empolga geralmente ao escravo é ser admitido numa dessas confrarias, e ser um dos officiais ou diretores do conselho da sociedade. Às vezes, da propria soma de dinheiro que o escravo habilitado está reunindo para comprar sua liberdade, retira um pouco para a ornamentação de um Santo, para ser elemento de importancia, como doador na associação em que figura. Os negros têm uma invocação da Virgem (eu quasi diria, Uma Virgem) que lhes é particularmente votada. Nossa Senhora do Rosario é mesmo, algumas vezes, pintada com a face e as mãos negras. E' essa a maneira do escravo fixar sua atenção n'um objeto, tomando todo interesse, sem que lhe traga prejuizo pessoal que se reflita nos seus donos. Essas idéias mudam as lembranças dos costumes do seu país e o conduzem para o caminho de uma nova natureza, separando-o completamente das praticas de outróra. A eleição do Rei do Congo (como descrevi no capitulo XIII), pelos individuos provindos dessa região

africana, parece tender a recordar-lhes as tradições da terra natal mas os Reis do Congo brasileiros invocam Nossa Senhora do Rosario e são vestidos como vestem os brancos. Conservam, é verdade, a dança do seu país, mas nessas festas são admitidos pretos africanos de outras nações, creolos negros e mulatos, e todos dansam da mesma maneira e essas dansas são mais dansas nacionais no Brasil do que na Africa. O idioma português é falado por todos os escravos e sua propria linguagem é de uso tão diminuto que muitos a esquecem totalmente. Nenhum recurso compulsorio foi posto em pratica para resolve-los a usar os habitos dos seus senhores, mas suas idéas são insensivelmente levadas a imita-los. Os amos, ao mesmo tempo, são influenciados e o superior e o subalterno se tornam interdependentes. Não duvido que o sistema de batisar os negros recém-importados provenha mais do primitivo fanatismo português do que de algum plano politico, mas tem produzido efeitos beneficos. Os escravos se tornaram mais trataveis, melhores homens e mulheres, servos mais obedientes. Ficaram sob a direção do Clero, e embora não hajam retirado maiores vantagens com sua adesão ao gremio da Igreja, é um grande elemento de poder que existe sobre a escravaria.

A introdução da religião cristã entre os escravos não prestou maior serviço do que modificar o homem relativamente ao tratamento da mulher e a conduta dessas ultimas. Um escritor de alta reputação nos assuntos das Indias Ocidentais, tratando da adoção da cerimonia do casamento entre os escravos nas colonias por ele conhecidas, disse que "seria absolutamente impraticavel para qualquer bom resultado", e ajunta que aqueles que o concebem como remedio contra a poligamia, "pela introdução entre a escravaria da lei matrimonial, estabelecida na Europa, ignora totalmente seus costumes, inclinações e superstições," (10). Não são unicamente os amos que conside-

ram esse ato como de pouca importancia e indigna de tomar-lhes tempo? Desde que o trabalho se realize, pequena atenção é dada. Exige mesmo o interesse do senhor "os costumes, inclinações e superstições" são depressa modificados. Espero que atualmente muitas dessas opiniões já não existam. Todos os homens em estado de barbarie tratam as mulheres da mesma maneira. O mal não provem dessa raça humana mas da situação amargurada em que ela se encontra reduzida. Por que então não se tenta melhorar e elevar os individuos que a compõem?

Os escravos no Brasil são regularmente casados de acordo com as formulas da Igreja Catolica. Os proclamas são publicados como se fossem para pessoas livres. Tenho visto varios casais felizes (tão felizes quanto o podem ser os escravos) com grande numero de filhos crescendo ao redor deles. Os senhores estimulam os casamentos entre seus escravos porque o numero dos creolos só pôde aumentar por meio dessas uniões legais. O escravo não pôde casar sem o consentimento do seu amo nem o vigario publica os banhos sem essa autorização formal. È igualmente permitido que os escravos casem com pessoas livres. Se a mulher é escrava o filho permanece cativo mas se o homem é escravo e a mulher é fôrra, o filho é tambem livre. O escravo não pôde casar sem saber as orações exigidas, feita a confissão e recebida a eucaristia. O senhor ou o feitor percebendo a predileção dos escravos um pelo outro, e se certificando, determina o casamento e esse procedimento irregular é legitimo. Nas cidades ha mais libertinagem entre os negros que em todas as outras classes humanas (11). O amor como sentimento é suposto existir somente nas sociedades que já atingiram a um certo gráo de civilização, mas essa conclusão não pode ser aceita sem, ao mesmo tempo, declararmos que os negros sejam incapazes de uma longa dedicação, sem supor tambem que a atração dos dois sexos é um méro

desejo animal, incompatível com a simpatia. Essa espécie de afeição em que todo egoísmo pessoal é esquecido, indubitavelmente não pode existir nos seres humanos que estão em estado de barbarie. Mas, o negro pôde ser dedicado a um objeto, preferindo-o a todos os demais. Esse sentimento existe e o posso afirmar. Tenho visto e sabido dos exemplos em que as punições e outros perigos foram afrontados por uma visita ao objeto amado; empreender jornadas noturnas depois de um dia de fadiga, mostrando a maior constancia e a determinação de não deixar vencer o sentimento do seu coração (12).

A grande maioria masculina em muitas propriedades produz, necessariamente, perniciosas consequências. O suprimento devia ser tomado correspondidamente ao numero de trabalhadores. As mulheres são mais sujeitas a má vida (13) e os homens adquirem habitos de inconstancia. Se um numero conveniente de mulheres for disposto nas propriedades e os escravos forem ensinados a portarem-se da maneira que se usa nos dominios bem dirigidos, serão os negros tão corretos em sua conduta como outra qualquer espécie humana. Pode mesmo acontecer que a sua conduta seja menos irregular que de muitos homens que, tendo menos em que ocupar seu tempo, possuem educação infinitamente superior. Que homens e mulheres sejam licenciosos está na propria natureza humana e não é pecado peculiar á raça sofredora de que estou falando.

Vou agora descrever a maneira pela qual os africanos são transportados dos seus países para o Brasil e o tratamento em sua chegada na America do Sul, o caracter das varias nações africanas com as quais os navios se enchem, a condição daquelas que são empregadas no Recife, nos canaviaes, na Mata, nos algodoais, ou no Sertão, nas fazendas de gado.

Como a viagem da costa d'Africa às margens opostas da America do Sul é curta porque os ventos são sujeitos a pequenas variações e o tempo é bom, os navios que são empregados nesse trafico são, geralmente, pequenos e de má construção. A posição do comandante ou Mestre num desses barcos de escravos é considerada de segunda classe no serviço da marinha mercante portugueza, e as pessoas que se occupam nesse posto são muitissimo inferiores aos capitães dos grandes navios que fazem a travessia regular entre a Europa e o Brasil. Os barcos negreiros (14) eram antigamente abarrotados de maneira revoltante e não havia meios de evitar-se, mas a lei atendeu a esse aspecto, restringindo o numero de individuos para cada embarcação. Eu supponho, entretanto, que essa lei não é obedecida ou ha processos para iludi-la. Quando da chegada de um navio negreiro ao Recife, os regulamentos do Porto determinam que os escravos sejam desembarcados e levados a S. Amaro, que é um lugar aberto e arejado, situado a distancia sufficiente da cidade para evitar a possibilidade de uma molestia contagiosa se ella existir entre os negros recentemente importados, e fica numa lonjura conveniente para os compradores, colocado immediatamente depois do Recife, sobre as margens do banco, entre a cidade e a maré. Todavia, como noutras occasiões, esse regulamento excelente não é respeitado e, se os escravos são enviados por poucos dias a S. Amaro, são depressa trazidos para a cidade. São dispostos nas ruas, deante da porta das casas dos donos, sem attenção a decencia, a humanidade e a cautela devida à saúde coletiva da cidade. A variola, as "bobas" e outras enfermidades têm oportunidades frequentes para expandir-se. E' possível que em um clima menos excelente como esse, a tal pratica tinha de ser abolida. Se o país fosse sujeito às epidemias, e não se interrompesse esse costume, a cidade ficaria deshabitada.

Durante o dia algumas ruas do Recife são parcialmente orladas por esses seres miserandos, deitados ou sentados promiscuamente nas calçadas, em numero de duzentos e trezentos. Os homens trazem um pedaço de pano azul ao redor da cintura, passado atravez das coxas e amarrado atraz. As mulheres têm um pano maior, usado em forma de saióte e algumas vezes lhes dão um segundo pedaço para cobrir-lhes parte do corpo. O mau-cheiro que exala essa assembléia é intoleravel para quem não se esteja habituado à sua vizinhança. E seu aspecto, meu Deus! é horrivel, acima de qualquer comparação. Esse povo, entretanto, não parece sentir sua condição e apenas que ela não é confortavel. A alimentação consiste de carne salgada, farinha de mandioca, feijão e às vezes bananas. As vidualhas são cozinhadas no meio da rua, num enorme caldeirão. Durante a noite são conduzidos para um ou mais armazens, e uma pessoa os conta quando vão desfilando. São encerrados e na madrugada seguinte, ao nascer do sol, a porta é aberta. O desejo dessas miseraveis creaturas de deixar esse estado de inação e de penuria se manifesta na presença do comprador. Erguem-se imediatamente e se colocam em ródá para a revista e a avaliação, como o gado, e quando escolhidos dão sinais de intenso prazer. Tive muitas ocasiões de ver comprar escravos porque amigos meus no Recife residiam defronte do mercado negreiro. (15) Nunca assisti á menor demonstração de magua ao separar-se uns dos outros, mas atribuo essa frieza ao mêdo da punição, dando qualquer indicio de sensibilidade; a um estado de resignação ou mesmo a uma silenciosa angustia que lhe oculta todas as mostras da queixa e os prepara para o sofrimento, fazendo-os indifferentes ao que poder succeder-lhes. Alem do mais, é raro que toda a familia seja justamente exportada. Haverá separação dos parentes e amigos que ficaram n'Africa. E' entre a parte mais jovem da assembléia de pessoas que é exposta a venda, que o prazer é particular-

mente visível ao mudar-se a situação e ser retirado das ruas da cidade. Os negros de idade mais avançada, embora tenham desejos identicos, obedecem sem mutações fisionomicas. Temo que nenhum cuidado mereça a separação dos parentes que podem ter vindo no mesmo barco (16). Toda decisão sobre esse assunto depende inteiramente do dono do navio (17). Existe uma especie de fraternidade entre os individuos trazidos na mesma embarcação. Cada um chama ao outro *malungos* (18) e tem muito valor esse nome entre eles. O comprador entrega a cada um dos seus recém-comprados escravos uma grande peça de baêta e um chapéu de palha, e o leva, o mais depressa possível, à sua propriedade. Muitas vezes, quando viajava, succedeu-me encontrar esses homens indo para suas novas moradas e observar que estavam habitualmente alegres. Que estado não seria preferível a estar exposto nas portas do mercado de escravo no Recife? O novo senhor, habilmente, faz quanto possa para mantê-los em bom humor nesses primeiros dias, seja qual fôr a conduta posterior para com eles.

Os escravos comumente trazidos a Pernambuco são conhecidos sob os nomes de Angola, Congo, Rebolo, Anjico, Gabão e Moçambique. Esses ultimos só nos ultimos anos têm sido importados devido, creio eu, a dificuldade de conseguir-se cativos na costa ocidental da Africa pela vigilancia dos cruzeiros britanicos nessas paragens, e pelas vexações e retardamentos sofridos pelos navios negreiros, mesmo autorisados a navegar.

Os negros de Angola são os melhores escravos. Varios deles foram cativos nos seus países, consequentemente a mudança fôra para melhor. Muitos serviram aos brancos na cidade de Loanda, que é o principal dominio portuguez na costa d'África. Outros eram livres em Angola e estavam cheios de decepção e de magua, lembrando sua patria. Os negros d'Angola são comumente docéis,

e se podem perfeitamente encarregar dos serviços da casa e do estabulo sem que dêem muito cuidado, e alguns demonstram grande dedicação (19), fidelidade e honestidade. Os negros d'Angola são os que mais se esforçam para obter sua liberdade. Os negros do Congo parecem muito com o temperamento dos Angolêses, sendo igualmente tratáveis mas são pesados e especialmente próprios para as tarefas regulares do trabalho no campo. São em tudo menos vivos que os angolêses, mas se obtêm em pouco tempo que conheçam o idioma português. Os Rebolos podem difficilmente ser distinguidos entre os dois primeiros. São baixos e robustos, tendo a pele negra mas não luzente e seu rosto é chato. Parecem constituir um ramo dos angolêses e congos, mas são mais obstinados e mais sujeitos ao desespero que os demais. Essas tres tribus devem haver pertencido, originalmente, a uma mesma nação porque muitos aspectos de seu character são semelhantes, suas pessoas são do mesmo molde, e seus dialetos têm tantos contactos, um com outro, que um falando é entendido por todos.

Os negros Anjico têm o ar de pertencer a outra nação. São bons escravos quando muito bem tratados mas conduzidos sob direção severa. São difíceis de instrução, suportando o jugo com impaciencia. Ocultam a independencia do character e são astutos no desejo e capacidade de enganar. São altos e bem-feitos, com a pele retinta e reluzente, olhos expressivos e seus modos denotam plenamente que não é por vontade que continuam na escravidão. Não são, todavia, numerosos. Suas cabanas apresentam o mais perfeito asseio na disposição, e se às vezes trabalham para juntar dinheiro, não se mostram tenazes e prudentes como os das outras raças de que acabo de tratar. Todos os Anjicos têm tres cicatrizes de forma circular, em cada face, indo da orelha ao canto da boca (20).

Os negros do Gabão foram introduzidos no Brasil não ha muitos anos, e pelo bem conhecido caracter geral desse povo são vendidos a baixo preço. Ouvi de muitas pessoas que eles eram antropofagos (21). Seu aspecto é realmente mais selvagem que os das mais nações. São muito sujeitos ao desanimo e ao suicidio subsequente. Succede que ha exemplo de, dez ou vinte desses negros, adquiridos juntos, em pouco tempo todos morrem de desgosto, ou puderam encontrar um fim para suas vidas, de maneira mais sumaria.

E' com grande esforço que se consegue ensinar a um Gabão executar qualquer trabalho que não seja demasiado simples. Às vezes permanecem longos anos sem baptismo pela impossibilidade de os fazer articular os sons a que não estão acostumados. Penso que a razão está no facto de não quererem eles aprender e não que lhes seja impossivel faze-lo. Ouvi varios agricultores dizerem que, quando se consegue tornar um Gabão bem humorado e tomando interesse por algumas pessoas que o cerca nas suas occupações, ficam inteligentes e prestadios. O Gabão é alto e forte, pele negra e luzidia e o rosto em muitos deles é menos achatado e grosseiro que nos seus compatriotas em geral.

Os negros de Moçambique constituem uma pobre e feia raça de seres languidos, preguiçosos e propensos a melancolia. A pele é escura mas têm todos os traços dos negros. Seu preço é inferior ao de qualquer nação e alguns agricultores os adquiriram a titulo de experiencia mas dizem que eles têm as más qualidades do Gabão sem que possuam seu vigor.

Um negro diz às vezes ao seu senhor que está resolvido a morrer, e depressa são vistos os efeitos da sua determinação; emagrece, perde o apetite e morre, reduzido a um esqueleto. Um dos processos geralmente empregados por esses desgraçados para se destruirem, é o

comer consideraveis quantidades de barro e areia, produzindo-lhes emaciação ou hidropisia. Esse estranho vicio de comer areia e barro, contraído algumas vezes pelos africanos, é igualmente costume nas creanças creôlas e frequente nos meninos livres e tambem nos escravos. Essa pratica não é olhada como uma molestia e sim como um habito que pode ser dominado por quem se encarregar da creança, ameaçando-a e punindo-a, sem que recorra a medicina. Tenho observado varias vezes que nenhum tratamento medico é julgado necessario e que os individuos se restabelecem por meio de castigos e de continua vigilancia. Sobre esse assunto tenho conversado muito e compreendi que muitas familias livres que sabem desse processo por experiencia nos filhos e nos dos arredores, todas consideram um habito e não uma enfermidade. Entre os adultos, o escravo é infinitamente mais predisposto que as pessoas livres (22).

Pernambuco nunca experimentou serias revoltas entre a escravaria mas a Baía teve varios desses movimentos (23). Creio que a Baía conta uma menor população livre que Pernambuco na proporção com o numero de escravos mas não posso deixar de attribuir a tranquillidade dessa ultima provincia à circumstancia de poucos negros da Costa do Ouro terem sido importados, quando na Baía a principal massa escrava é vinda dessa parte d'Africa. São os negros Minas que fazem as revoltas na Baía como os *Koromanties* na Jamaica em 1760 (24). São o mesmo povo sob nomes diversos, creio eu, e os representam como possuindo grande firmeza de espirito e de corpo e disposição feroz.

O homem *Obeah* das Antilhas e o *Mandigueiro* do Brasil são evidentemente, por suas praticas, a mesma entidade (25). A religião ensinada aos escravos brasileiros tem igualmente um salutar efeito nesse particular porque diminue ou dissipa completamente a confiança que

era dada pelos africanos no que tocava as encantações dos seus patricios. As superstições da terra natal foram substituídas por outras de natureza mais inocente. As terríveis consequências da fé nos Obeah, como succede nas colonias inglêsas, são desconhecidas no Brasil quanto aos Mandingueiros. A crença nesses poderes não se extinguiu e verdadeiramente alguns creóllos acreditam na efficacia dos seus feitiços, mas os efeitos não são geralmente admirados.

Os escravos que trabalham no Recife podem ser divididos em duas classes: — em escravos domesticos e os que pagam semanalmente aos seus donos um estipendio proveniente do que ganham n'algumas occupações feitas sem que estejam sob o olhar do senhor. A primeira classe tem poucas oportunidades de ganhar sua alforria com seus esforços e está sujeita aos caprichos e extravagancias dos superiores. Alguns, poucos, foram libertados pela bondade d'aqueles a quem serviam, e são geralmente melhor alimentados e vestidos que os outros o podem fazer na segunda classe. Esta consiste de marceneiros, sapateiros, canoeiros, carregadores, etc. e esses homens podem adquirir a soma sufficiente de dinheiro para comprar sua liberdade e têm a necessaria prudencia e perseverança para economisar seus ganhos porque a tentação de gastar loucamente é tão poderosa que faz esse povo desviar-se dos seus propositos. Comumente ganham em um dia do que seu amo espéra, e ainda os domingos e dias santos lhes pertencem. E quando ao proprio escravo compete alimentar-se e vestir, o sabado de cada semana lhe é dado (26). Penso que, com semelhante liberalidade, o escravo que tiver seu sustento e apparencia decente e que fez mesmo despesas para uma relativa vida agradável, pode comprar sua liberdade em dez anos. Se sua estimativa for alta é porque ele exerce uma profissão lucrativa, existindo, evidentemente, compensação. As mulhe-

res podem também empregar-se e ter os seus ganhos em liberdade. Fazem doces e bolos e são cozinheiras, amas e cocpiras.

Acredita-se geralmente que os negros creôlos e os mulatos aprendem mais depressa um officio que os africanos. Essa aptidão superior de aproveitar o que aprendem é, sem duvida, devido ao conhecimento desde a infancia com a linguagem e maneiras dos amos. Todavia, pela pequena experiencia que tive e pelas observações que ouvi de amigos em posição de julgar melhor os escravos que eu próprio, penso que um africano quando se adapta e parece ter esquecido sua primitiva condição, é um servo tão valioso como um creôlo negro ou um mulato. Merece, em geral, mais confiança. Longe de submeter-se humildemente a situação em que nasceram, eles roem o freio da escravidão com impaciencia. O aspecto diario de tantos individuos de sua raça que são livres leva-os a desejar a igualdade e lamentar a cada momento seu infortunado cativo. A consideração com que as pessoas livres, de castas mestiçadas, são acolhidas, tende a aumentar o descontentamento dos seus irmãos escravos. Os africanos não sentem isso porque são considerados pelos seus irmãos de côr como seres inferiores, e a opinião publica estabeleceu uma linha entre ambos, de tal sorte que o escravo importado crê que o creôlo e ele não têm origem comum.

Seres miseraveis são ás vezes vistos no Recife, pedindo esmola pelos quarteirões da cidade, idosos e enfermos. Alguns foram escravos e quando a molestia os tornou inuteis seus amos lhes deram a liberdade, e os despediu exgotados pela senectude ou estropeados, e seu unico recurso é esmolar pelas ruas publicas. Esses exemplos de infinita injustiça e de crueldade dos senhores não são comuns mas podem ocorrer, e é sufficiente que suceda para que a lei seja chamada e essa existencia mereça defesa.

Nos canaviais pertencentes aos monges Beneditinos e aos frades Carmelitas são onde o trabalho é dirigido com maior atenção e ritmo e, ao mesmo tempo, com o maior cuidado pelo conforto e bem-estar da escravaria. Posso falar sobre as propriedades dos Beneditinos porque a minha residencia no Jaguaribe forneceu oportunidade para que examinasse o estado de uma dessas administrações. Embora não existisse engenho nesse local, o numero dos negros era completo e suficiente para esse fim. Ha anos que as canas plantadas ali eram levadas para algum engenho vizinho.

A frequente comunicação entre a escravaria desse canavial e a das outras propriedades, pertencentes ao mesmo convento, e onde se fazia o açúcar, levaram-me a deduzir que todos os imoveis possuidos pelos Beneditinos sejam administrados da mesma maneira.

Os escravos de S. Bento no Jaguaribe são todos creóllos e atingem a uma centena. As creanças são cuidadosamente instruídas nas orações pelos negros velhos e o hino à Virgem é entoado por todos os escravos, machos e femeas, sempre possivelmente ás sete horas da noite, que é a hora em que a escravaria regressa para casa. Deixam as creanças brincar quanto queiram durante a maior parte do dia, e seu unico encargo é, em horas determinadas, apanhar o algodão para as lampadas, separar os feijões que devem ser cozinhados ou outro serviço nessa especie. Quando chegam a idade de dez ou doze anos, as moças fiam o algodão para fazer o tecido comum á região, e os rapazes guardam os bois e os cavalos nas pastagens. Se um menino demonstra predileção peculiar para qualquer officio, tomam cuidado que sua inteligencia seja aplicada no objeto da escolha. Ensinam musica a alguns deles para o canto nas festas da Igreja do convento. Os casamentos são favorecidos. Com a idade de dezessete a dezoito anos para os homens e quatorze e quinze para as

moças, muitos desses enlaces têm lugar. Imediatamente depois de casados os rapazes iniciam a tarefa regular nos campos. Muitas vezes rapazes e moças pedem ao feitor para adiantarem sua labuta mais cedo, segundo a regra conventual, e isso ocorre porque não lhes é permitido possuir roças antes de trabalhar para os amos. Quasi todos esses trabalhos são feitos por tarefas e essas terminadas ás tres horas da tarde, facultando aos trabalhadores uma oportunidade de melhorar suas proprias propriedades. Aos escravos pertencem os sabados de cada semana para providenciar sua propria subsistencia, alem dos domingos e dias santificados. Os que são diligentes raramente deixam de comprar sua liberdade. Os monges não guardam interferencia alguma quanto ás roçarias dadas aos escravos, e quando um desses morre ou obtem sua alforria, permitem que legue seu pedaço de terra a qualquer companheiro de sua escolha. Os escravos alquebrados são carinhosamente providos de alimento e roupa (27).

Nenhum monge reside na propriedade do Jaguaribe mas todos os domingos e dias santos vem um deles de Olinda para dizer a missa. Nos outros dominios beneditinos residem monges. Os escravos tratam seus amos com grande familiaridade e só têm maior respeito pelo Abade, que é visto como o representante do Santo. A conduta dos jovens padres regulares é muito conhecida como pouco equilibrada. Os votos do celibato não são rigorosamente guardados. Essa circumstancia diminue o respeito que inspiram nos seus dominios e aumento a licenciosidade feminina. Vi nessas propriedades muitos mulatos claros e quando se aproximam demasiado da epiderme branca, tratam de casa-los com pessoas de pele mais escura. Nenhum constrangimento é empregado para obrigar o escravo a casar e muitos deles, contra a vontade dos amos, ficam solteiros. Os monges permitem ás mulheres escravas casar com pessoas livres mas os homens

livres não podem desposar escravas. Muitas razões são expostas em favor dessa regra. Uma delas é que eles não desejam a diminuição na massa escrava da propriedade. Igualmente não querem famílias livres residindo entre a população cativa, por obvias razões, como no caso em que o escravo case com mulher livre. Os argumentos são mais fracos referentes ao homem livre porque esse passa a maior parte do dia ocupado ou trabalhando no convento, dependendo em parte dos monges, e ás vezes só regressa para dormir no seu casebre, enfim o intruso é contribuinte para a multiplicação do rebanho humano.

A propriedade do Jaguaribe é dirigida por um mulato escravo, casado com mulher de sua côr, também escrava do convento. Sua liberdade foi paga pelo marido assim como a dos filhos. Possui dois escravos africanos cujo produto do trabalho pertence ao feitor, mas este mesmo é obrigado a atender aos negocios do dominio e verificar se as ordens dos amos estão sendo fielmente executadas. O feitor ofereceu aos monges seus dois escravos em troca da liberdade propria mas lhe disseram que a propriedade não ficaria convenientemente administrada sem a sua assistencia. Assim, contra todas as inclinações pessoais, ele continua escravizado. É um dos exemplos mais flagrantes do desejo da propria liberdade. Nicolau possui a direção total na propriedade e tem todo conforto a que um homem de classe poderia aspirar. Quando sáe de casa vai muito bem montado, como os ricos agricultores. Senta-se na presença dos amos, gozando de todas as prerrogativas de homem livre. Mas a certeza de estar sob jurisdição de outros sempre preocupa seu espirito, e ele deseja possuir como um direito esses privilegios que presentemente lhe são conferidos pela tolerancia (28).

A todo caso, a escravidão mais suportavel é de raros exemplos. Certamente muitos agricultores tratam sua escravaria com carinho e olhando seu conforto mas, em

nenhuma dessas propriedades, excetuando as da comunidade religiosa que registei, existe um sistema que torne desnecessário o constante suprimento de novos trabalhadores, e feita essa objeção, o fim de todas as outras poderá ter lugar.

Depois das propriedades pertencentes aos conventos vêm as dos ricos brasileiros que vão tranquila mas não regularmente. O labor não é igualmente distribuído em tarefas e os trabalhadores não podem prover-se da subsistência por suas mãos. Os escravos são mandados para o campo em idade pouco inferior a que poderia ter na ocasião, o que não acontece nos domínios dos monges e frades. Ha, entretanto, algumas propriedades possuídas por amos que dão o sabado de cada semana para que o escravo se sustente a si mesmo (29). As punições corporeas são comuns, ao contrario dos habitos nos domínios de S. Bento e do Carmo, e embora as grandes crueldades não sejam frequentemente praticadas, esse modo de castigo produz muito sofrimento, muita miseria e muita degradação (30). Creio que a prisão e a privação dariam melhores resultados. O amor proprio do escravo que é obrigado a exhibir seu corpo coberto de cicatrizes fica muito ferido mas o sentimento de vergonha se extingue em su'alma e pode-se perder toda a esperança de reformar sua conduta porque ele continuará com todos os defeitos e será impassivel aos golpes que lhe derem. Têm-me pedido, escravos já habituados a esses tratamentos, para que os punam com o chicote e não os mande suportar a miseria do "tronco" (31) ou a confinção numa prisão solitaria. Mas o punimento é feito na solidão sem que nenhuma exhibição tenha lugar. Parece estranho o escravo preferir o castigo corporal e bem denote que essa classe humana seja desprovida do sentimento do pudor de que falei, mas estou convencido que essa virtude está profundamente implantada no coração do negro como n'outra raça qualquer. O caso é, quando

um escravo é castigado a chibata e vê muitos dos seus companheiros e conhecidos sujeitos frequentemente à mesma punição, a impressão pessoal é sem limites mas tantos foram assim tratados que muito poucos guardam uma recordação pungente desse processo aviltante. Tudo prova unicamente o estado de decadência, do baixo nível moral, a que chegou a natureza humana. O pavor pelo qual o escravo parece olhar a prisão pode ser a recomendação para algumas pessoas e talvez a vergonha seja mais forte; mas se o crime é grande, a pena deve ser adequada e esses meios de isolamento não degradam o ser humano. Pode-se esperar que o tempo dado para refletir e a depressão espiritual que é produzida pela solidão de sua cela, podem conduzir à correção dos erros, mas, pelo chicote, só os sentimentos da violência e vingança são excitados ou o desespero é a consequência. Em ambos os casos o senhor perde. No primeiro pela decisão de continuar a falta, e no segundo pela morte ou inanição do sofredor. A objeção principalmente feita contra essa fórmula de castigo, que tenho por menos prejudicial ao escravo, atendendo a ser uma entidade racional, é a duração de tempo que é perdido com a confinção do preso, mas creio que é compensada e menor que a perda da saúde e do caracter, sofrida pelo negro sob a punição pelo chicote, e o espaço que exige seu tratamento depois das pancadas. Colares de ferro, cadeias e outros objetos de tortura da mesma especie são igualmente usados e ficam na mesma objeção de diminuir no escravo o sentimento da honra. Tenho observado e muito ouvido o reparo de que o escravo frequentemente castigado não ganha jamais com que adquirir sua liberdade. As más inclinações e temperamentos de uns e a indiferença que produz noutros os castigos severos, explicam suficientemente esse facto (32).

Os escravos creolos são empregados como artistas e domesticos e nos engenhos de açucar não são numerosos

para todas essas atividades. Aos africanos é que o trabalho nos campos é principalmente confiado. Os negros são mandados ao trabalho ao amanhecer e longe do menor esforço durante essa primeira parte até o meio-dia, os africanos se conservam inativos e languidos até que o crescente calor do sol dissipa a impressão que lhes deu o frio matinal. Deixam frequentemente suas choupanas enrolados nos cobertores de baêta, parecendo sofrer muito com a friagem. Almoçam as oito horas e têm pouco mais ou menos meia hora para o repasto. Alguns senhores exigem que os escravos almocem antes de começar a tarefa matutina, isto é, pela alvorada. O tempo que lhes dão para jantar é do meio-dia ás duas horas, e os trabalhadores recomçam sua tarefa até ás cinco e meia da tarde. Vão, a seguir buscar os feixes de relva para os cavalos-de sela senhoriais nas roçarias vizinhas, e se tal não acontece, o trabalho continúa até o sol se pôr, ás seis horas. Regressando todaç as tardes para casa, são ás vezes mandados raspar as raizes da mandioca por uma ou duas horas, mas em nenhuma das principais propriedades ha o uso de vender farinha e só a preparam em quantidade necessaria a subsistencia dos escravos. Esse trabalho é apenas feito uma ou outra semana ou ainda menos. Na epoca das safras o trabalho só se interrompe nos domingos e dias santos. Os negros se revezam uns aos outros como é praticado a bordo dos navios no mar.

No campo os negros são dirigidos por um Feitor que é, ás vezes, um branco, mais comumente um mulato livre é empregado nessas funções. N'alguns engenhos nomearam um creôlo ou mesmo um africano para esse mister. Maior confiança merece um feitor escravo que um homem de côr sendo livre, porque o feitor escravo é responsavel perante o amo pelo exato cumprimento das ordens e toma as providencias para que todos cuidem de seus deveres. Tem sido notado que o feitor escravo exige maior tra-

balho e cuida mais rigorosamente daqueles que foram entregues ao seu comando. Essa conduta caracteriza o feitor escravo e não o homem livre. Segundo os escravos, o feitor europeu é mais tirânico. Tem sido frequentemente observado que um africano alforriado, possuindo escravos como ás vezes acontece, trata-os de maneira inexorável e mesmo cruel, e longe de diminuir mas se torna violenta na recordação dos proprios sofrimentos. A experiencia demonstra que aqueles que têm sofrido grandes injustiças, quando têm oportunidade restituem o sofrimento recebido. O ser humano termina insensível. Foi atormentado e atormenta com a mesma indiferença.

A assistencia medica não é bem providenciada como devia mas é menos pela negligencia dos senhores de engenho que pelo pequeno numero de "praticos" na região. E' verdadeiramente um dever dos agricultores tratarem os seus escravos não somente pelo proprio interesse pessoal, alheio a qualquer razão de sentimento humanitario, mas tudo eles devem tentar para obter a saúde da sua escravaria (33). Não creio que a alimentação fornecida aos escravos seja em sufficiente quantidade e com virtudes proporcionalmente nutritivas em relação ao trabalho que exige deles, e, é indubitavel que não resistiriam se não procurassem nos dias especiais que lhes são facultados, um suplemento à quota da ração que o amo lhes dá. Já noutra parte informei que a parte vegetal dos alimentos negros é especialmente constituída pela farinha de mandioca. A parte animal é geralmente *carne do Seará* (34), carne salgada que vem do Rio Grande do Sul e, ás vezes o peixe salgado a substitue. A roupa dada à escravaria pelos amos consiste em camisas e calças de algodão local, e um chapéu de palha. Uma peça de baêta e uma esteira lhes são oferecidos mas esses objetos não são jamais renovados como seria devido as demandas do asseio. Embora os negros sejam sustentados por seus amos, existin-

do terras com abundancia permitem aos escravos plantar o que quizerem e vender as colheitas a quem lhes aprou-ver, (35). Muitos criam galinhas e porcos e, ocasional-mente, um cavalo para alugar e possuir o dinheiro assim obtido (36).

Os negros recém-importados passam para o serviço mais cedo, depois da chegada aos canaviais. Se são tra-tados convenientemente podem servir em qualquer especie de trabalho no fim de oito a dez mezes mas não antes desse periodo. Os terrenos humidos lhes deviam ser evitados e não enviã os de suas choupanas pela manhã cedo, antes das oito horas, sem o respectivo almoço. Com essas precauções, a perda de muitos escravos seria pre-venida. Essas medidas seriam mantidas sem alteração até o ultimo dos negros recém-vindos ter um ano na re-gião para onde havia sido transportado (37).

Descrevi a escravaria que observei nas plantações, talqualmente vive, mas todo o conforto que o ser humano circunstancionalmente goza, e o descanso depois dos tra-balhos arduos, dependem inteiramente da vontade do pro-prietario, de maneira que, os exemplos em que a sorte do escravo é quasi insuportavel debaixo dos sofrimentos, é desgraçadamente frequente. Alguns senhores seguem o sistema de terminar certas especies de trabalho durante as primeiras horas da noite, depois de um dia cheio de labor, destinando-se a fazer farinha de mandioca, amas-sar barro com os pés para fazer tijolos e telhas, muros, barreiras, carregar tijolos, lenha e mais cousas, duma para outra parte. Esse serviço *extra* é chamado *quingin-goo* (38). Soube mesmo que em certas ocasiões o ser-viço do campo é continuado até meia-noite, à luz de gran-des fogueiras acesas em varios pontos do terreno. Para essa maneira de proceder não existe justificativa, exceto ser a vontade do senhor em plena ação, sendo o tempo favo-ravel e não muito adiantado para que a tarefa não siga o

processo habitual, prejudicando o plantio da terra em sua época. Sobre a crueldade já falei o que devia embora tivesse mais o que dizer, mas não mais darei pormenores sobre essa parte do meu assunto. A relação desses factos causa mais mal do que bem. Servem de exemplos para aqueles que não têm a delicadeza d'alma e sentimento no coração. Vêm os caminhos que podem seguir, porque outros caíram neles e também os precipícios que devem ser evitados. Quando o poder que um homem dispõe é grande, os abusos surgem. O sistema é radicalmente máu, e todos os meios deviam ser postos em ação para extirpa-lo.

Tive relações com senhores de algumas propriedades que adquiriam escravos por peores que fossem seus caracteres desde que o pudessem fazer por um preço abaixo do usual. As pessoas de segunda classe, que possuem somente raros escravos e não têm meios para puni-los quando eles conduzem mal, meios esses que existem nas grandes propriedades, vendem seus negros que os desagradam aos homens ricos que os querem comprar. Ha uma propriedade na Mata cujo dono é conhecido como comprador de escravos, comprando quantos apareçam, desde que sejam por preço baixo. Esse homem se esforça para manter sua propriedade na melhor forma possível e que tudo marche com regularidade. Prefere adquirir creolos-escravos aos africanos porque esses são, invariavelmente, mais difíceis de conduzir. È homem de caracter energico. Quando chega um desses novos escravos, leva-o à prisão e lhe mostra o "tronco", as cadeias, o chicote, etc., dizendo: — "Aqui está o que debes esperar continuando os máus costumes!" Entrega ao escravo uma choupana, roupas e outros objetos de conforto, todos em estado de perfeito asseio, possuidos em maior quantidade que nos demais dominios. Numa ocasião um negro feriu o Feitor. Foi imediatamente preso e o caso investigado.

O homem livre foi declarado em culpa e despedido. O negro sofreu certos castigos por ter agredido a um superior mas ultimamente foi nomeado Feitor, havendo antes ocupado um posto inferior. Se esse proprietario não governasse o seu povo com a maior severidade quando delinquem, suas terras tornar-se-iam um antro de assassinos e ladrões, pois ele bem sabe de que material pessimo é constituído seu bando escravo. Esse homem é de sangue mestiço mas é intimamente relacionado com as primeiras familias da provincia. E' bom que um homem deseje, pela diferença nos preços com que se compram os trabalhadores, aceitar o perigo e sofrer o risco de sua pessoa e bens, dirigindo o grupo desses seres deseducados, sem o menor principio de ordem e cujos habitos são viciosos. Nas circumstancias atuais ele presta um alto serviço ao seu país porque esses homens estão mantidos em tranquillidade. Mas que estado de aflição existirá quando as instituições de um país sejam formadas de tal modo a possibilitarem a existencia de um grupo humano constituído por elementos criminosos, homens que certamente jamais serão castigados pelas leis vigentes, mas cujas punições possam ser executadas pela pessoa que é servida por esse bando...

Os escravos que vivem nas plantações algodoeiras suportam, como se pode bem supor, os mesmos castigos e são sujeitos ás condições identicas de tratamento ás que venho informando. Sua existencia é mais aliviada ou rigorosa de acôrdo com a mentalidade dos amos. São expostos ás grandes privações pela natureza da região na qual residem não tendo sinão os beneficios do tempo das safras, tão favoravel aos negros quanto aos senhores de engenho. Não é facil obter-se viveres em lugares que são afastados das grandes cidades e do litoral, e experimentam dificuldades serias para a venda de mandioca, feijão e milho, colhidos pelos escravos em suas roças.

Mas os negros dos algodoads conseguem comprar a liberdade a custa de seus esforços porque o algodão é mercadoria muito valorizada, e que pode ser cultivada e posta no mercado com pouca despesa, e como os escravos a plantam regularmente e colhem mesmo em pequeninas quantidades, terminam ganhando o premio do seu trabalho. Não é o mesmo caso com a cana do açúcar que para cultivá-la é necessario muito esforço e assistência continua em épocas determinadas e sobretudo a luta para levar a colheita ao engenho e recolher o produto. Nessa produção não tem sua produção ao alcance dos olhos, passando pelas mãos de muitos individuos que não têm muito respeito pelo dono desses bens e não ha meios de verificar o caso de fraude. O escravo contará unicamente com a diminuta felicidade de contentar-se com o pouco. Sob esses inconvenientes que a industria açucareira depende, raramente os escravos plantam canas por sua conta.

Os distritos do gado empregam poucos escravos e esses se ocupam nas proprias casas. Dificilmente para eles, se não forem creólos, é o tornar-se capaz de perseguir o gado, domar os poldros, etc. Os escravos ficam em casa trabalhando em occupações compatíveis com suas habilidades. O clima do Sertão é indicado como muito proprio para os africanos, assim os negros doentes são comprados baratos e conduzidos para o interior na esperança de que o clima restabeleça sua saúde. A circunstancia de não haver a *chigua* ou *bicho* (39) nas terras sertanejas é de alta importancia. Esses animais são extremamente perniciosos para os negros, e não obstante todas as precauções, seus pés ficam algumas vezes destróados por eles. A "chigua" tem maior virulencia na pele de certas pessoas que sobre outras, e aquelas são violentamente assaltadas por esses animaezinhos, não havendo outro recurso além da mudança para uma parte

onde eles não proliferem. A secura do ar e do solo no Sertão termina geralmente as febres crônicas e as vezes o complemento que as procede, a que chamam *amarelidão* (40). Os africanos são raramente atacados pelas febres mas sofrem às vezes o "amarelidão."

Nas propriedades além do Sertão, perto das montanhas, onde o algodão é plantado e que fornecem viveres aos moradores das campinas, o numero de negros está se tornando avultado. Tive ocasião de conversar com os negros do Sertão e notei, invariavelmente, que todos preferiam residir nos distritos da pecuaria, mesmo a mudança para a região vizinha ao mar. O passadio do negro sertanejo é superior ao dos canaviais, e só essa circunstancia, independente de todas as outras,orna o primeiro consciente da superioridade de sua posição. Carne fresca de boi e de carneiro constitue o alimento comum do escravo sertanejo, quando esses acepipes são raramente servidos nos canaviais.

A molestia mais terrível a que os negros estão sujeitos, mais ainda que outros tipos humanos, é a chamada *yaws* nas Antilhas e no Brasil *bobas*. Tive oportunidade de ver o asqueroso estado dos doentes. O corpo se cobre de grandes ulceras e o paciente se reduz a um méro esqueleto e fica, por algum tempo, completamente paralítico. A facilidade do contagio aumenta a desdita do enfermo porque é preciso isola-lo dos outros escravos, numa distancia consideravel. Os adultos que se restabelecem, raramente recobram a saude anterior. Os negros dizem que ela se fixa nos ossos. Toda mutação atmosferica causa dôres aos que estão padecendo essa molestia, mesmo aos que se julgam curados e, às vezes, perdem o movimento de um membro por algum tempo. Deve ser observada uma certa dieta por muitos mezes depois da doença haver aparentemente desaparecido, como uma precaução contra a recaída. Vezes, o abandono desses cui-

dados, anos depois, causa violentas dôres nas articulações. O seguinte episodio se passou sob meus olhos. Uma creança, pertencente a um dos meus vizinhos, quando eu morava no Jaguaribe, tinha o costume de vir brincar com outras creanças no canavial. Tivera essa enfermidade e logo apoz, o filho de um trabalhador contraíra o mal, mas nada me disseram até que um escravo de oito anos de idade me veio informar que sofrêra as "bôbas". Logo depois o pai desse menino caiu doente. E, em pouco tempo, não obstante todos os cuidados e precauções, outras pessoas padeceram da mesma molestia. Um cirurgião foi chamado, prescrevendo mercurio para todos os pacientes. Uma creança, de poucos mezes, submeteu-se ao mesmo tratamento, por ter tido essa enfermidade. As creanças que haviam atingido a uma certa idade, todas se restabeleceram e, até a epoca de minha partida, nenhum tivera recaída nem se queixara dos males subsequentes. O velho trabalhador continuava doente mas se ia curando. A creança de peito havia parado o crescimento e se tinha poucas esperanças de salvar-lhe a vida.

Essa horrenda molestia é contraída pela cohabitação com pessoa infectada. A inoculação se opéra por intermedio de uma pequenina môsca, para quem as precauções são inuteis. Grande numero desses insetos aparecem pela manhã cêdo e são menos vistos quando o sol está alto. Se um desses conseguir picar num canto de olho ou da bôca, na menor feridinha existente, é o bastante para injectar as "bôbas", se o inseto picou anteriormente alguem atacado dessa enfermidade. Uma pessoa só pode ter "bôbas" uma vez apenas. As cicatrizes deixadas no corpo dos negros têm o mais horrivel aspecto porque as ulceras se estendem longamente e penetram a pêle a modo de mudar-lhe a côr, tornando-a de um branco sujo e repugnante (41). De resto, todas as fe-

ridas penetrantes têm o mesmo efeito sobre a epiderme negra.

Ha grande numero de pessôas brancas e de côr que possuem dois ou tres escravos, partilhando com eles o produto do seu trabalho diario, mesmo o serviço nos campos. Esses escravos são geralmente creôlos creados na familia, ou africanos adquiridos muito moços e por pouco preço, sendo considerados, no comum, como membros da familia, dividindo com o amo o alimento que todos ganham. Esses, escravos nos dias de festa, apparecem muito bem vestidos e têm mesmo um certo ar de independencia, mostrando que se julgam alguma cousa acima de simples mercadoria. A differença dos sentimentos que um desses homens demonstra para com o seu senhor, e a que tem a generalidade dos escravos das grandes propriedades para com esses, é espantosa. Os primeiros não suportam a menor palavra ofensiva aos seus amos dita em sua presença, e os ultimos pouco se incomodarão com os mais injuriosos epitetos aos seus. Os escravos dos pequenos proprietarios são menos inclinados aos defeitos que existem na escravaria dos senhores poderosos. Possuem aqueles mais dignidade, grande desejo de honradez e maior magua quando sofrem uma reprimenda. Nos vastos dominios a união de tantas pessoas predispõe à depravação e a distancia imensa que vive entre o escravo e o amo produz um profundo sentimento de inferioridade. Entre os pequenos proprietarios, a differença é infinitamente menor devido, entre outras causas, á assistencia mutua em suas occupações diarias (42).

Dada a vastidão do país, é de supor que um escravo fugindo de seu dono este tenha raras probabilidades de recupera-lo. Mas, tal não succede. Os africanos são, em particular, geralmente recapturados, identificados pela maneira de falar o idioma portuguez, e quando um desses homens tem alguma culpa, não demora muito tempo tran-

quilo porque a recompensa pela prisão de um escravo fugido é consideravel. De mais, os africanos livres continuam residindo nos arredores da propriedade onde serviram como escravos, de maneiras que, quando um desses tipos, isto é, um africano, se estabelece num lugar onde não é conhecido, a opinião geral é que ele não é livre. Os creóllos livres mudam sua residencia para onde sejam desconhecidos porque não desejam que se saiba em que situação nasceram. Um africano deve ter vindo para o Brasil como escravo e a sua nova posição de homem livre prova que seu character é bom, de contrario não obteria a liberdade. Mas um creôlo podia ter nascido livre e consequentemente sua primeira situação, como escravo, deve ser oculta. Os escravos-creóllos, especialmente os mulatos, sempre fogem e nunca mais seus amos ouvem noticias suas. Algumas vezes, entretanto, são apanhados.

Um episodio pungente ocorreu no Recife pouco tempo antes de minha partida dessa terra. Um negro e sua mulher fugiram e seu amo jamais lhes soube do paradeiro e, escoados dezesseis ou dezessete anos, julgava-os mortos a ambos. N'um certo dia chegou a sua porta um grupo de "Capitães do Campo" com varias pessoas aprisionadas. Reconheceu o negro e a negra e lhe disseram que os cinco jovens que estavam ali eram seus filhos, e logicamente, seus escravos. Essas pobres creaturas haviam levado todo esse periodo de existencia com a idéa de que eram livres. Um rapaz de dezesseis e sua irmã de quatorze anos, nessa idade de alegria, iam iniciar a vida de miseria. O amo os fez prender a todos, até conseguir vende-los para o Maranhão. Nunca pude descobrir como tinham sabido que essa gente não era livre. Ó! sistema maldito, que destróis assim as esperanças e sonhos de uma vida feliz!...

Quando os negros fogem procuram afastar-se dos lugares habitados, escondendo-se nos bosques, envés de fixar-se n'uma vila distante, tentando passar por pessoa

livre. Constróem cabanas, que são chamadas *mocambos* (43) nos lugares mais ermos, e vivem da caça e dos frutos que podem encontrar. Essas criaturas se agrupam às vezes em numero de dez ou doze e é difícil então surpreendê-los, porque o conhecimento que têm das matas vizinhas dá uma forte vantagem contra o grupo enviado contra eles (44). Algumas vezes toda uma zona é perturbada por uma dessas comunidades que saqueia as roças, roubando bezerros, carneiros e galinhas (45). Contam histórias em que os negros do Gabão furtam crianças.

Os escravos no Maranhão vivem possivelmente em situação inferior aos de Pernambuco, mas o sistema seguido ao seu respeito é radicalmente o mesmo. Seu alimento principal é o arroz, que dizem desagradar bastante a maioria dos povos vindos da Africa, e o tratamento que recebem nas propriedades é identico ao dos campos. Dizem-nos muito rigoroso, mas não posso falar por observação pessoal por não ter tido oportunidade de julgar-lo.

Os negros que são reputados de incorrigível conduta são transportados de Pernambuco para o Maranhão, e muito embora a causa dessa transferencia seja bem conhecida, eles são vendidos com grandes vantagens. Nada intimida um escravo do que ameaça-lo de embarcar para o Maranhão ou Pará.

Que o caracter geral dos escravos seja amavel e que predomine a bondade natural, não são de esperar. Ficamos mesmo surpreendidos com a existencia desses elementos de virtudes encontrados entre os que estão reduzidos a uma situação de extrema miseria.

Os escravos são muito inclinados ao furto, particularmente ao amo, que são frequentes e mal percebem que essa ação é deshonesta (46). A embriaguês é comum entre eles (47). Não se obtem uma resposta direta de um escravo mas a informação desejada é conseguida por meio de quatro ou cinco perguntas envolventes. Esse processo

é mais necessario pela estupidez e ignorancia da linguagem da parte do escravo do que pelo desejo que ele tenha de enganar. E' na sua conduta com a familia e os companheiros que grande parte da bondade humana é denunciada, e é natural que isso suceda. Os negros mostram muita dedicação à sua mulher, filhos, outros parentes que tenham a fortuna de possuir, e seus *malungos*, camaradas da travessia d'África. O respeito que têm pela velhice é notavel. Os anciãos africanos nas propriedades nunca sofrem pela necessidade de um conforto que possa ser obtido pelo esforço de seus irmãos cativos. Os negros velhos são tratados pelos termos de *pai* e *mãe*. O proprio amo junta esse vocabulo ao nome de velho negro quando lhe dirige a voz.

Que os escravos tenham geralmente dedicação pelos seus senhores, não devemos esperar. E por que a teriam eles? O contacto entre essas duas especie humanas não é uma conexão de amor e de harmonia, de bondade que produz o reconhecimento, a estima e o respeito. E' um intercambio de odio e de discordia, de aflicção e de desconfiança ininterrupta. E' um commercio onde o mal é tamanho que se existe sentimento entre os que têm, de um lado todos os beneficios e do outro, todas as amarguras, essa virtude provirá da natureza pessoal e não da organização da escravaria.

Vimos, pelo que tive occasião de escrever, que o tratamento dos escravos nessas regiões do Brasil é muito mais favoravel que o das Antilhas. Mas são escravos, e essa palavra inclúe a grande miseria, a grande degradação e o grande infortunio.

NOTAS AO CAPITULO XIX

(1) Um escritor portugúes escreve: — "Quando permitiram em Portugal o trabalho em varios dias santos, essa medida não se estendeu ao Brasil por um principio de humanidade afim de não privar os escravos de alguns de seus dias de descanso". — Correio Braziliense, Dezembro de 1815, . 738. (K).

(2) Apesar da incapacidade jurídica o escravo possuía bens e dispunha deles, por um direito consuetudinario que se foi creando lenta mas seguidamente. É de facil encontro documentos em que o escravo se dirige ao Senado da Camara requerendo terras para si proprio. A 15 de agosto de 1763, Luis Cardoso, escravo do sargento-mor Francisco Machado de Oliveira Barros, recebia despacho fazendo-o proprietario de cinco braças por dez de frente para construir sua casa, em Natal. (C).

(3) Na ilha de Grenada "cada manumissão era, em virtude de um ato local, agravado com uma especie de laudemio de cem libras", e diziam que essa lei não nada produzia como finalidade de proibição nem como medida financeira. — *History of the West-Indies*, Edwards, vol. I, p. 380. Em Surinam, diz outro escritor: — "Si un maître voulait affranchir son esclave, outre la arte qu'il fesait de son negre, il était encore obligé d'acheter fort cher des lettres de franchise, sans lesquelles aucun noir ne pouvit être instruit dans la realigion Chrétienne, ni baptisé". — *Voyage à la Guiane et à Cayenne en 1789 et années suivantes* — p. 224. Bolingbroke escreve: — "Não é um processo raro de ver, encontrar-se nessas colonias negros que reuniram o suficiente para adquirir sua liberdade, e sei mesmo de varios exemplos de negros que pagaram aos seus proprietarios uma certa parte em dinheiro e que seguem trabalhando para saldar o restante de sua divida". — *Voyage to the Demerary* — p. 65. Cito essa passagem, como teria prazer de transcrever outras que deparei durante a leitura da obra "*Voyage to the Demerary*" que é decididamente feita em favor da escravaria e do trafico de escravos. (K).

(4) O proprietario de um engenho, cujos filhos eram do meu conhecimento, possuía um escravo mestre de açúcar durante muito tempo e que era considerado excelente trabalhador por quantos entendiam do assunto. Esse homem juntou a soma de dinheiro e a ofereceu ao seu amo por sua liberdade, sendo recusada. O escravo pediu a intervenção de pessoas de prestigio na região, e nada conseguiu obter. Seu senhor cobriu-o de cadeias de ferro e mandou-o trabalhar nesse estado. Só recebeu a manumissão depois da morte do seu amo, tendo a viuva recebido o pagamento e o libertado. Seu officio de mestre de açúcar lhe rende bastante anualmente e esse homem vive agora livre e confortavelmente. Esse exemplo de recusa, e outros que sei acontecidos, puzeram-me em duvida sobre a existencia da lei em que se funda essa especie de manumissão, mesmo sabendo que muitas leis importantes relativas ao assunto são burladas pela influencia da riqueza e do poder. Nunca vi um exemplar da lei que regula a especie e tambem nunca encontrei uma pessoa que duvidasse de sua existencia. Nunca conheci um individuo que negasse ter o escravo direito a esse recurso, mas se esse tem sido acatado, aí é que está toda a questão. (K). A lei, realmente, não existia. (C).

(5) A maioria dos escravos que fogem são conduzidos presos aos seus amos, mas alguns conseguem escapar e nunca mais ha noticias. Atingem regiões distantes e vivem como pessoas livres. Aqueles que gozaram a doçura da liberdade, mesmo por pouco tempo, e são reconduzidos aos seus senhores, difficilmente permanecem longamente sem tentar uma oportunidade para illudir a vigilancia dos que são encarregados de guarda-lo, afrontando todos os perigos de uma outra detenção. Um jovem e bem-feito mulato estava nesse caso, e pediu-me para que o comprasse. Tinha sido, por mero acaso, descoberto recentemente por um amigo do seu amo no Sertão, onde se casara com uma mulher livre e era tambem considerado livre. Fôra levado ao amo que o vendera a outra pessoa, da qual fugiu. Recapturaram-no e voltou a escapar-se. Quando deixei a região não havia noticias dele ha um ano. (K).

(6) Esse episodio succedeu deante dos meus olhos. Uma negra tivera dez filhos e creava nove deles. Continuava trabalhando para seus amos.

Essa mulher pediu sua liberdade porque seu ultimo filho falecera quando já dispensava seus cuidados, mas lhe recusaram a manumissão. Foi alugada por um cavalheiro como ama de seus filhos. Tentou esse homem liberta-la por todos os meios e não conseguindo, comprou-a e imediatamente mandou lavar sua alforria num cartorio publico. Voltando para casa na hora do jantar disse a sua mulher que avisasse à ama que essa se tornara sua escrava, mas, durante a tarde, entregou-lhe o diploma de liberdade. Quando deixei o país, seu unico temor era de ser mandada embora da casa, agora que estava livre, provando, desta forma, quanto era feliz. (K).

(7) Du Tertre diz, falando da festa do batizado negro: — “Les parrains et les marraines qui sont ordinairement de Français amis de leurs maitres, ne laissent pas de contribuer à la bonne chère”. — Histoire des Antilles, tom. II, p. 528. Escravos ou pessoas livres, de cor, são comumente os padrinhos no Brasil, mas o melhor, penso eu, seriam os escravos do mesmo amo como padrinhos porque teriam maior interesse pelos seus afilhados. O afilhado, em todas as classes, não se aproxima de um dos seus padrinhos sem lhe pedir a benção. Labat, falando de um negro a quem tinha feito “renoncer tous ses pactes implicites et explicites qu’il pouvoit avoir fait avec le diable”, diz: — “Je chargeai son maitre, qui était aussi son parrain, de vieller soigneusement sur sa conduit”. — Nouveau Voyage, tom. II, p. 54. Nunca ouvi falar que um amo no Brasil fosse padrinho, e creio que tal não pôde acontecer. É tal a ligação entre as duas pessoas, presas por esse liame, que o senhor não poderia mandar o escravo para o castigo. (K).

(8) Dá-se o mesmo nas colonias espanholas e francêsas. Du Tertre, que parece, pelo tom geral do seu livro, melhor pessoa que os frades o são comumente, fala da dificuldade de converter os Caraibas, sua indiferença em materia religiosa, e conclúe: — “Mas les nègres sont certainement touchés de Dieu, puis qu’ils conservent, jusq’ua à la mort, la religion qu’ils ont embrassée; qu’ils en pratiquent les vertus et en exercent les oeuvres, et je puis dire avec verité qu’ils y vivent bien plus Chrestiennement dans leur condition que beaucoup de Français”. — Histoire des Antilles, tom. II, p. 502. (K).

(9) Labat diz que os habitantes de S. Domingos tinham o habito de marcar, com ferro em braza, os negros recém comprados, e ajunta, a maneira dominicana: — “De sorte qu’un esclave qui aurait été vendu et revendu plusieurs fois paraîtrait à la fin aussi chargé de caracteres, que ces obelisques d’Egypt”. Informa-nos que não existe esse costume nas ilhas (Martinica e Guadalupe) e adianta que os negros, principalmente os creólos escravos “seraient au desesper qu’on les marquât comme on fait les bœufs et les chevaux”. Nas pequenas ilhas não seria o uso necessario, mas em S. Domingos, *un país aussi vaste*, era indispensavel porque os escravos fugiam para as montanhas. — Nouveau Voyage, tom. VII, p. 260. Os agricultores de S. Domingos pagaram severamente suas crueldades para que recordemos hoje. A imensidão do Brasil, que é um pouco mais *vasto* que S. Domingos, ainda não exigiu que os escravos fossem ferrados como o gado. (K).

(10) History of the West Indies, Edwards, vol. II, p. 82 e 147. (K).

(11) O costume abominavel e abjecto de alguns amos e amas, em maior numero essas do que aqueles, aumenta a propensão desses seres miseraveis e primitivos para a licenciosidade. Mulheres têm sido castigadas porque não fazem aumentar o numero dos escravos do seu senhor. E’ um fato, embora quasi inacreditavel. Qual lado atingiu ao maior extremo da depravação? (K).

(12) O seguinte episodio ocorreu sob minha observação pessoal. Uma negra pediu a um agricultor que a comprasse, tendo trazido o bilhete da

respectiva autorização do amo. Aceitaram-na e o negocio se concluiu entre os dois homens. No dia seguinte, quando a mulher já estava na casa do seu novo senhor, procurou-o e caíndo-lhe aos pés supplicou que adquirisse tambem um seu companheiro, que estava igualmente deseioso de servi-lo. O novo amo falou ao proprietario do escravo em questão mas recebeu uma recusa e o caso ficou nessa altura. Tres dias depois, o proprietario primitivo appareceu ao amo da negra dizendo que o escravo se havia recusado a trabalhar, ameaçara suicidar-se e, sendo um negro do Gabão, temia que puzesse o pensamento em pratica. O preço foi logo fixado e na manhã subsequente o homem chegou. Provou ser um ottimo escravo. (K).

(13) A seguinte occorrença se passou na propriedade de um rico agricultor, ao sul do Recife, e me foi contada por ele mesmo. Um negro se veio queixar ao amo da infidelidade da sua mulher. Esta foi immediatamente interrogada, feitas averiguações no engenho respectivamente á sua conduta e reconheceram sua culpabilidade. Amarraram-na a um poste para a flagelação. O marido estava presente e no principio mostrou alegrar-se com os sinais de sofrimento da mulher mas logo deteve a mão do carrasco e correu a pedir ao amo que desse ordem para livra-la pois ele a perdoava. E ajuntou: — "Se aqui existem tantos homens e tão pequeno numero de mulheres, na propriedade, como é possível exigir que essas sejam fieis? Para que o Senhor tem tantos negros e tão poucas negras?" (K).

(14) Os navios que são empregados nesse trafico enchiam as pipas com agua salgada para servir de lastro quando deixavam o Brasil, e quando tomavam carga na costa d'Africa e agua salgada era substituida pela agua doce necessaria ao consumo dos passageiros adicionais. N'uma dessas occasiões, quando o barco saíra d'Africa ha varios dias com destino ao Brasil, com carregamento completo, descobriram que as pipas não continham agua doce em quantidade conveniente. A costa de cada continente estava muito distanciada para que a embarcação a pudesse alcançar antes que soffesse as torturas da sede. Deliberaram esse expediente horroroso: — grande numero de negros foi atirado ao mar! Esse desgraçado incidente occorreu inintencionalmente, e seria preciso estar um homem na situação em que se encontraram os portuguezes para afirmar se agiria como eles o fizeram. Mas o facto nasce da propria natureza desse execravel comercio. (K).

(15) O mercado de escravos no Recife era na Rua dos Judeus, que depois se chamou Rua da Cruz, Rua do Comercio e atualmente Rua do Bom Jesus. Sob a dominação holandesa ganhou sua denominação de "Rua dos Mercadores" e ali residiam os judeus, grandes mercadores de escravos. Era rua grande, rica, com casas de sobrados, intensamente povoada. Ha um desenho de Zacarias Wagner, de 1637, gravura em cobre que está no gabinete das gravuras em Dresde, representando a Rua dos Judeus nessa epoca, ("Civilização Holandesa no Brasil", p. 86/87, de José Honorio Rodrigues e Joaquim Ribeiro, vol. 180 da "Brasiliana", S. Paulo, 1940) com a exhibição das massas negras expostas á venda. De sua importancia ha documentaria bastante no "Inventario das armas e petrechos belicos que os holandeses deixaram em Pernambuco e dos predios edificados ou reparados até 1654", reeditado pela Biblioteca Publica de Pernambuco em 1940. Da epoca de Koster ha uma gravura de E. Finden, que figura no "Journal of a Voyage to Brasil" de Marie Graham, muito reproduzida e que se refere a 1821, ano da visita da inglesa. Depois de Rua da Cruz passou a ser "do Comercio" e, por solicitação do Instituto Archeologico Pernambucano, Rua do Bom Jesus. Ficava nessa rua o fortim do Bom Jesus, alcunhado de *Quebra Pratos*, arrazado em 1849, e uma das Portas da cidade, abatida em 1850, ali se erguia, com uma capelinha votiva no arco. (C).

(16) Somente o art. 2 do decreto 1695, de 15 de Setembro de 1869, atendeu a esse aspecto doloroso que entristecia Koster, mais de meio seculo

antes. O art. 2.º diz: — “Em todas as vendas de escravos, ou sejam particulares ou judiciais, é prohibido, sob pena de nulidade, separar o marido da mulher, o filho do pai ou da mãe, salvo sendo os filhos maiores de 15 anos.” (C).

(17) Um dia assisti a uma venda de escravos. A pessoa que os escolhia indicou, entre outros, uma bonita mulher com uma linda creança de uns seis anos. A mulher fôra escrava em Loanda, na costa d’Africa, e falava um pouco o português. Durante a escolha o mercador saíra e quando o negocio terminara regressou e vendo o grupo que ele separara para comprar, disse que seria muito triste a mulher e a creança não serem adquiridos, porque faziam parte de um só lote que não podia ser dividido. O comprador perguntou a razão da formação do lote e lhe foi respondido que constituía uma familia inteira, marido, mulher e tres filhos. O comprador fez vir os individuos que a compunham e comprou-os a todos. Ha poucos mercadores de escravos que procedem dessa maneira! A familia esteve presente durante a maior parte desse tempo e, marido e mulher ficaram impassiveis, embora compreendessem ambos o português. As creanças eram demasiado jovens para entender do que se tratava e demais falavam uma linguagem incompreensivel para elles. Que seus pais estavam profundamente aflitos pela separação que parecia ir-se consumir, não tenho a menor duvida, porque frequentemente vi depois esses negros e sabia quanto eram dedicados, um e outro, aos filhos. Mas, pela resignação, pelo desespero, pelo temor de demonstrar sofrimento deante de estranhos, não deram o menor indício de aflição. Não é preciso que o negro exhiba sua sensibilidade para que um assistente possa compreender que ella existe. (K).

(18) “Malungo, sm. Companheiro, camarada; da mesma condição. Ir-mão de criação, colosso (S. Paulo). Etim.: os negros chamavam *malungos* aos companheiros de bordo ou viagem, generalizando-se ao depois no Brasil o epitheto; provém do locativo conguez *m’alungu*, contr. de *mu-alungu*, no barco, no navio. “Jacques Raimundo, — O Elemento Afro-Negro na lingua portuguesa, p. 139, Rio de Janeiro, 1933. (C).

(19) Esse exemplo que succedeu em Liverpool comprova a dedicação dessa gente pelos seus amos. No começo do comercio direto do Brasil com a Grã Bretanha chegaram a Liverpool alguns barcos pequenos, manobrados em parte pelos escravos cujos senhores ignoravam que sua vinda a um porto inglês faria a todos homens livres. Brevemente os negros foram sabedores e muitos aproveitaram a circumstancia para obter a liberdade sonhada. Um desses, vindo num barquinho, havia-o deixado e se empregara como marinheiro noutro navio, voltou para persuadir a tres dos seus companheiros que deviam imita-lo. Responderam tinham sido sempre bem tratados com afabilidade e não desejavam experimentar outro meio de vida. Esses tres homens regressaram ao Brasil na barca e ouvi dizer que seu amo lhes havia libertado quando voltaram. Tenho esperanças que isso haja sucedido. Quando os advogados escravocratas relatam historias como essas, tendem a provar que os escravos são geralmente felizes. Esses episodios mostram apenas a bondade individual de um amo e a gratidão pessoal dos escravos, mas nada provam no sentido geral, nada afetando a grande questão que permanece exposta e demasiado fixada e conhecida para que factos particulares possam influir de bem ou de mal. (K).

(20) Mr. Edwards menciona que alguns negros da Costa do Ouro e outros das vizinhanças, assim como os Chambas, têm esse costume. (K).

(21) Quando eu residia no Jaguaribe ouvi dizer que dois negros do Gabão haviam assassinado uma creança de tres ou quatro anos, filha ou filho do seu senhor, e que tinham sido surprehendidos quando se preparavam para cozinhar o corpo. Os homens foram presos para Recife mas a pessoa a quem devo essas informações, nada me pôde dizer sobre o castigo que lhes teria sido dado. (K).

(22) Registo apenas a idéa geral que se tem no país sobre esse assunto, sem dar minha opinião pessoal na especie. Mr. Edwards diz que é uma molestia e não um habito. — *History of the West Indies*, vol. II, p. 141. Labat é de opinião que se trata de um habito e não de uma enfermidade. — *Nouveau Voyage*, tom. II, p. 11. (K). O povo do interior brasileiro continúa considerando a geofagia como um vicio. No sertão do nordeste quando se diz que um menino é *viciado*, sabe-se tratar-se de onanismo ou geofagia. No tempo da escravaria os geofagos eram castigados trazendo uma mascara de folha de flandres no rosto. Um desenho de Debret, "Visita a uma fazenda", registou esse pormenor. Vêr "Viagem Pitoresca e Historica do Brasil", trad. de Sergio Milliet, vol. I, est. 10, ed. da Liv. Martins, S. Paulo, 1940. (C).

(23) Um foi em 1814 e outro em Fevereiro do presente ano, 1816. (K). Sobre essas insurreições negras na Baía, ver Nina Rodrigues, "Os Africanos no Brasil", cap. III, vol. IX da "Brasíliana", S. Paulo, 1933. (C).

(24) "History of the West Indies", de Mr. Edwards vol. II, p. 64. (K). Sobre os Coromantyns, Kromantis, Coromantis, negros da Costa do Ouro cuja cultura é dominante na Jamaica, Artur Ramos fez uma synthese brilhante, "As Culturas Negras no Novo Mundo", cap. VIII, p. 213, Rio de Janeiro, 1937. (C).

(25) Os negros comprados na provincia da Senegambia "são conhecidos nas Indias occidentais pelos plantadores, sob o nome generico de *mandingoes*. — *History of the West Indies*, vol. II, p. 50. "E' uma raça, que viaja atravez da região, conhecida por *Mandingo*, e são maometanos. Não amam o trabalho, indo de lugar em lugar, e quando encontram algum povo que possa servir de alguma cousa para eles, leva-o consigo, para fazer *grigris* e ás vezes sacodem areia sobre eles, como pagamento devido" — Correspondence of Mr. John Kizell in the Sixth Report of the Directors of the African Institution, p. 136." (K). Sobre mandinga e mandingueiro em seu estado atual, ver um ensaio "Notas sobre o Catimbó", que publiquei no volume "Novos Estudos Afro-Brasileiros", p. 75, vol. IX da Bib. de Divulgação Scientifica, Rio de Janeiro, 1937. Sobre o *Obeah-man of the Columbian islands*, ver Artur Ramos, opus cit, p. 215. O Obeah-Man é o feiticeiro de Obeah, Obboney, "entidade que trabalha na sombra e intervem em todos os actos da vida humana." (C).

(26) Mr. Edwards diz: — "Na Jamaica são dados aos negros um dia quinzenalmente, exceto no tempo das safras, não contando os domingos e dias santos, para cultivar suas roçarias e conduzir suas produções para o mercado. "A Igreja Protestante ordena a observancia de tres ou quatro dias santos e a Igreja Catolica mais de trinta. Du Tertre informa que o costume de dar uma certa porção de tempo ao escravo com o proposito de providenciar para sua subsistencia, foi introduzido nas Antilhas pelos "les Hollandais chasser du Recife" e acrescenta que eles "gouvernent leurs esclaves à la façon du Bresil." — *Histoire des Antilles*, vol. II, p. 515. (K).

(27) Um desses velhos, que costumava viver bebado, tendo o habito de caminhar longas distancias para adquirir bebidas, tomou o costume de vir ver-me para seu fim. Dizia-me que ele e seus companheiros não eram escravos dos monges mas do proprio São Bento, e consequentemente os monges eram apenas os representantes do seu senhor, encarregados de administrar os bens que o Santo possuia neste mundo. Perguntei o mesmo a varios escravos e me convenci que essa era a idéa geral entre eles. (K). Dada a independencia de Koster, seus julgamentos sobre a administração dos Beneditinos e Carmelitas em suas propriedades, é de valor positivo. O padre Rafael Galanti dá uma informação pouco sabida. No capitulo geral da Ordem Beneditina, em tres de Maio de 1866, foi decretado que seriam

livres todos os escravos da Ordem nascidos daquele dia em diante, tomando a si os monges o trabalho de creá-los e educa-los. ("Historia do Brasil", tomo V, p. 18, S. Paulo, 1910). A "Lei do Ventre Livre", n.º 2040, é de 20 de Setembro de 1871, cinco anos depois. (C).

(28) Um velho escravo, que sempre fôra muito bem tratado e nunca merecera castigo, foi perguntado por seu amo se desejava ser livre. Ele sorriu e nada disse. Novamente perguntado se desejava sua liberdade respondeu afirmativamente. O amo lhe disse que o ato da manumissão seria lavrado no mesmo dia. Ouvindo essas palavras o escravo abanou a cabeça dizendo: — "Então o senhor quer mangar do seu escravo velho?" Quando se convenceu da verdade começou a dançar como um louco e durante muitos minutos não pôde falar nem saber o que faria de si proprio. (K).

(29) O sabado não é suficiente para um escravo prover sua subsistência a não ser que o seu amo trabalhe por tarefa, possibilitando termina-la cedo e a tempo de ir dedicar-se um pouco à sua roça. E' verdade que ele pode melhorar sua situação reunindo os sabados com os domingos e dias santos e mesmo que o serviço do amo não seja dividido em tarefa ha recurso. Mas esse juizo não é justo porque os domingos e dias santos lhe pertencem por direito, mesmo que seja sustentado pelo amo. Mas, escravidão e justiça raramente andam lado a lado. (K).

(30) Um proprietario que eu conhecia foi surpreendido um dia, por pessoa de suas relações, ocupado, com tres dos seus amigos, em flagelar quatro negros. Os homens estavam amarrados a um poste, numa curta distancia uns dos outros, e a tortura continuava. Enquanto dilaceravam suas vitimas os algozes gritavam alegremente: — "esta é à saude de fulano! "De alguma fortuna que possuía, esse carrasco estava arruinado e sua ruína era motivada pelo tratamento que dava aos seus escravos, dando ocasião a que varios morressem e que outros encontrassem formas de subtraírem-se ao seu dominio pela maneira mais tragica. Outro proprietario ordenou ao seu escravo que fosse trabalhar no engenho e este respondeu não ir por doente, mas o dono insistiu. O escravo obedeceu, dizendo: "O senhor quer matar seu escravo!" Cansado com o tratamento que recebia em todas as ocasiões, colocou a cabeça numa das rodas, a roda d'agua, que lh'a separou imediatamente do corpo. Eu poderia mencionar muitos episodios dessa mesma especie, indicando a ferocidade individual de certos corações, mas as que relatei estão em todas as nações que utilizam a escravidão. Poucos exemplos serão suficientes. Nenhuma das historias que narrei se passou no grande e proeminente palco de depravação que tem lugar na Mata, e que mencionei na primeira parte deste livro. Em menos de quinze anos morreram cento e cincoenta escravos. (K).

(31) Jean Baptiste Debret descreve o "tronco": — "E' comum encontrar-se em casa do fazendeiro brasileiro um "tronco", antigo instrumento de castigo, formado por duas peças de madeira de 6 a 7 pés de comprimento, presas a uma das extremidades por uma dobradiça de ferro e munidas na outra de um cadeado cuja chave fica em mãos do feitor. O fim desse dispositivo é de sobrepor as duas partes dos buracos redondos, através dos quais são passados punhos ou pernas e às vezes o pescoço dos torturados. O instrumento é em geral collocado, num barracão fechado ou num sótão." "Em geral o negro, naturalmente apático e medroso, sofre pacientemente êsse castigo, que ãe sabe ser merecido e se resigna sem grande dificuldade a um mal que participa mais do tédio que da dor." (idem, p. 266/267). (C).

(32) Não seria possível crear nas colonias britannicas uma lei obrigando o senhor a alforriar o escravo quando este apresentasse o preço da venda? Em todo caso, aqui não é lugar para discutir-se. (K). No Brasil era apenas um costume que nenhuma lei obrigava. No Conselho de Estado, já no segundo Imperio, varias vezes o problema foi discutido, em resposta

a consultas que se baseavam na tradição tantas vezes citada por Henry Koster. As respostas sempre foram negativas. Era preciso respeitar o direito de propriedade... (C).

(33) Encontrei essa passagem na obra tão reputada sobre os negocios açucareiros nas colonias britânicas: — "A situação onde os escravos das Indias Ocidentais deviam merecer a maior liberalidade dos seus amos, creio eu, seria no seu conforto e tratamento medico quando doentes." Quando um homem vê o seu cavallo doente não o conduz ao veterinario? (K).

(34) A Carne do Ceará é a Charque atual, o Jabá. Difere da Carne Sêca, Carne de Sol, Carne do Sertão, a outrora chamada Carne de Vento. Esta se reduz ao secamento ao sol de mantas de carne fresca e polvilhada de sal. A exposição ao sol dura, no maximo tres dias, e a Carne de Sol ou do Sertão não resiste a uns trinta dias. A do Ceará exige um tratamento em salmoura, com secamento posterior. Existiu, como industria regular, desde o seculo XVIII no baixo Assú (onde a toponímia recorda sua permanencia) até o Aracati onde teve seu apogeu, exportando e multiplicando o fabrico. Em meados ou fins do seculo XVIII, o cearense José Pinto Martins, cuja familia possuia fabricas, viajou para o Rio Grande do Sul e fundou o primeiro estabelecimento no genero, para fazer "Carne do Ceará", à margem direita do rio Pelotas, uma legua de sua foz, em 1780. Trinta anos depois, como vemos, a carne era comprada em todo litoral brasileiro. O *charque* é palavra quechua, de *ch'arqui*. Em outubro de 1821 a denominação ganhara positivamente o norte do Brasil. Mary Graham empregava-nessa data, descrevendo o comercio de comestiveis no Recife. "Vi e provei hoje carne secca, o *charqui* da Sul America hespanhola; parece, quando pendurada em mantas nas portas das lojas, com pedaços de couro grosso esfarrapado; preparam-na cortando a carne em longas tiras, limpas dos ossos, que são ligeiramente salgadas, comprimidas e secas ao ar." Françaes Pyrad de Laval, que visitou a Baía em 1610, regista-as como abundantes no consumo local. A fabricação era a da carne secca. (C).

(35) O escravo não podia "possuir" era a lição das Ordenações, mas possuia e dispunha. Varias vezes o amo comprava ao escravo mantimentos que esse guardara com mais cuidado que o senhor. O escravo Feliciano José da Rocha, numa epoca de secca, cedeu uma partida de cereais ao coronel Antonio Paes de Bulhões, ao qual seu proprio amo não quizera ou pudera servir. Paes de Bulhões, passada a secca, voltou a Camaratuba, comprou Feliciano, alforriou-o, entregando uma das suas melhores fazendas para que fosse vaqueiro. Feliciano morreu rico proprietario e com filhas casadas com portuguezs. Ver Manuel Dantas, "Homens de Outrora", p. 26/27. Pongetti, Rio de Janeiro. 1941. (C).

(36) Os cavalos são comumente marcados na coxa direita com a marca indicativa dos seus donos. Os animais possuidos pelos escravos têm a marca na coxa esquerda. Isso prova, com mais outros exemplos corroborantes que, embora proibido de possuir, a tradição estabeleceu para o escravo uma praxe melhor adaptada ao estado do país. (K).

(37) O sistema de distribuir os negros recém chegados entre os escravos já habituados, afim de que tomem cuidado com sua adaptação, é praticado na Jamaica mas não foi introduzido no Brasil. Tenho essa medida por muito boa porque cada escravo se afeiçoará por um dos seus novos companheiros que mais depressa se reconciliará com sua situação ante o interesse que é tomado pelo seu bem-estar e esses serviços poderão chegar mais rapidamente ao conhecimento do amo. A lei creada no Rio de Janeiro em 1809 (mencionada no capitulo XVI) proibindo as execuções por dividas nos engenhos de açúcar, pôde ter efeitos beneficos. Os escravos não podem ser vendidos separadamente da propriedade para satisfazer dividas, a menos que o dono consinta. O proprietario não é forçado a desfazer-se de sua terra enquanto a divida não se elevar às alturas do seu valor total Desta forma o escravo avançou alguns degraus para a condição de servo. (K).

(38) O Quingingoo ou Quingungú e Quinguengú é assim registado no "Diccionario de Brasileirismos", rev. Inst. Hist. Bras., tomo 76, p. 909) de Rodolfo Garcia: — "Nos tempos da escravatura, tal serviço era muitas vezes obrigatorio, e em Pernambuco consistia principalmente na lavagem das moendas dos engenhos e limpeza das fabricas, nas primeiras horas dos domingos. Hoje diz-se de todo e qualquer serviço feito antes do almoço". Jacques Raimundo (opus cit, p. 155) informa: — "Quingungú, sm. Serviço extraordinario, a que os fazendeiros obrigavam os escravos durante uma parte da noite ou da madrugada. (Pern.). Pequena lavoura (Paraíba; J. Al. Bagac.) Etim: é palavra africana. O escravo fazia êsses serviços contra gôsto, certo de que era mais uma extorsão do senhor; talvez alta de *kinhugu*, com que designam a ave de rapina, ou de *kingungunu*, espécie de zângão zumbidor, em razão de serem advertidos com frequencia." (C).

(39) Bicho é o nome generico de animal, na comum accepção do vocabulo. O inseto conhecido noutras regiões como a chigua, é chamado em Pernambuco somente por "bicho". (K).

(40) Amarelidão é a ictericia. Ha tambem o "amarelão", opilação, cansaço, ancilostomose, segundo Afranio Peixoto, — "Missangas", p. 47. C. E. N. São Paulo, 1931. (C).

(41) O Dr. Pinckard em suas "Notes on the West Indies" informa que o emprego do mercurio nessas feridas obteve muito pouco successo em Barbados. Mr. Edwards duvida "que a medicina possua algum remedio contra essa molestia". Esse escritor diz ter ouvido dizer que os negros da Costa do Ouro a inocularam aos seus filhos e tambem acreditaram que ela atacava os ossos. Bolingbroke diz: — "Não conheço cura efetiva para esse mal, estou convencido. A salivação a faz entrar mas preferem atualmente o sulfur e outros medicamentos que a obrigam a sair." E adianta: — "Existe negras que inoculam essa molestia nos filhos para que a violencia do acesso seja atenuada." — Voyage to the Demerary, p. 54. Na "Voyage à la Guiane et à Cayenne fait en 1789 et année suivantes" encontrei, num trecho onde se fala dessa enfermidade: — "on la gagne très aisement avec les Indiennes qui en sont presque toutes attequées." Mr. Edwards crê que ela proveio da Africa e a mesma idéa existe no Brasil. Entretanto é menos conhecida entre os indigenas que entre os homens de côr. (K). Vêr notas ao capitulo VIII. (C).

(42) Um pequeno proprietario no Brasil é o homem que possui de dois a dez escravos. O grande proprietario, na parte do país que conheço, possui de vinte a sessenta escravos. (K).

(43) *They form huts, which are called mocambos.* E' voz africana, do ambundo *mukambu*, cumieira, telheiro, segundo Jacques Raimundo (opus cit, p. 144). Seu emprego no Brasil é secular. Em 1612, o "LIVRO QUE DA' REZAÇÃO DE ESTADO DO BRASIL" já o menciona na accepção comum: "mocambo, quilombo, habitação feita nos matos pelos escravos pretos fugidos no Brasil". Rafael Bluteau a define como sendo, no Brasil, aldeias de negros repartidas em choupanas. Os negros reunidos nos "quilombos" tinham a letra F marcada a fogo na espada e, sendo reencontrados fugidos, o alvará de 3 de Março de 1741 mandava que *se lhe corte hua orelha sem mais processo.* (C).

(44) Um escravo pertencente a um coronel de Milicias, agricultor de grande riqueza, tinha o habito de fugir para os matos durante varios dias. Capturado e punido, fugia novamente e essa conduta durou algum tempo. Numa dessas escapadas encontrou seu amo que viajava sozinho num caminho estreito. O escravo poz-se no meio da estrada, tirou seu chapéu, saudando-o como se tivesse pouco conhecimento pessoal, e pediu algum dinheiro. O coronel amedrontado, deu o que lhe pediam e, depois de ser autorizado a continuar, foi-lhe recomendado que guardasse silencio. O escravo foi logo depois preso mas continuou a fugir, a ser recapturado e castigado para voltar a fugir e ser apanhado, assim por muitos anos. Por ultimo o senhor

o deixava fazer o que queria, possivelmente pelo pavor de um outro encontro nas matas e a suspeita de que não mais seria tratado com tanta cortezia. Obstinava-se em recusar vender o negro sob o pretexto de que o escravo era do seu serviço. Tinha ele o preconceito de que o negro querendo ser comprado por um outro devia ser contrariado, e havia a noção, corrente entre os agricultores, de que qualquer pessoa escrava só pôde sair de sua casa por alforria e jamais por compra. (K).

(45) Havia, pertencente ao Jaguaribe, um rapaz de doze anos de idade, filho de africano, que costumava habitar os matos varios dias seguidos. N'uma ocasião matou um carneiro e separou os quartos com uma pedra. Foi descoberto pelo rasto de sangue deixado no campo. Logo que o dono do carneiro o encontrou, segurou-o para leva-lo ao senhor, mas o rapaz atirou-se ao chão, recusando marchar. O homem amarrou-o a um pau, foi a casa buscar um cavallo e sobre ele colocou o rapaz amarrado ao pau, e o tocando deante de si veio até o Jaguaribe. O rapaz foi castigado, mas algumas horas depois de ser chibateado, disse a uns companheiros: — "Bem, ao menos eu tive a honra de ser acompanhado por um pagem." Esse episodio é anterior à minha chegada no Jaguaribe. Alguns dias antes da minha partida, o mesmo rapaz fugiu com outro da mesma idade, ambos de quatorze anos. Ficaram ausentes muitos dias quando, n'uma tarde, um trabalhador indigena trouxe-os ao engenho. Tinham dispensado todos os vestidos e feito arco e flechas e com essas armas matar aves e ratos para comer. Seu aspecto era lamentavel mas comico. Logo que se soube de sua captura muita gente os veio ver, reunindo-se para olhar os terriveis *negros do mato*. Esses rapazes foram bem tratados por mim e todavia a propensão para continuar taes praticas iniciadas sob um amo severo seria a explicação unica para faze-los preferir a vida nas matas. (K).

(46) Um desses homens costumava dizer quando o apanhavam com algum furto: — "Furtar do Senhor não é furtar". O homem pertencia a minha propriedade. (K). A frase dita pelo negro é corrente, ou era, entre os trabalhadores escravos. E estava na bôca dos proprios senhores de engenho. O coronel Inácio de Albuquerque Maranhão, dono do engenho "Belem", o famoso "Inácio de Belem", amo despótico e violento, respondeu a um seu velho amigo, o coronel Trajano Leocadio de Medeiros Murta, chamado "o velho Trajano do Pavilhão", ambos de Papari, no Rio G. do Norte, que lhe fôra avisar que seus escravos estavam vendendo formas de açúcar e canas na feira de S. José de Mipibú: — "Furtar do dono não é furtar, sêu Trajano. Deixe os negros tirarem o que é deles..." Mas, apanhando um negro cortando canas no canavial metia-lhe o calabrote horas seguidas. Inácio de Belem faleceu a 12 de Janeiro de 1873 e está sepultado na Capela do engenho. (C).

(47) Existe idéas muito estranhas sobre esse assunto. Varios remedios são reputados para a cura desse habito. O mais indicado de todos é tomar terra do cemiterio, dissolvida n'agua e dar para o negro beber sem saber o que está bebendo. (K).

CAPITULO XX

IMPOLITICA DO TRAFICO DE ESCRAVOS. OPINIÕES DO POVO E DO GOVERNO. O PAPEL DA GRÁ BRETAGNA E SUAS RAZÕES. CONSIDERAÇÕES PUBLICAS. CRITICA.

Poucas pessoas na Inglaterra duvidam da deshumanidade do trafico de escravos e ninguem assume sua defesa. E' um grande desastre moral, possivelmente o maior do mundo, do qual a Inglaterra se libertou, mas sua obra não está terminada. Outras nações continuam transportando os naturais d'Africa, de suas terras para as costas da America do Sul, e quando os seus esforços conseguirem convencer quanto a necessidade da proibição desse commercio, o plano da abolição será seguido em suas colonias. È preciso que sejam pagos os crimes cometidos por ela, perante outras nações sua sinceridade nessa campanha pelo zelo com que desenraizará, com toda prudencia e possível rapidez, esse execravel sistema.

Ha muita gente honesta no Brasil que está convencida de que os africanos são salvos da morte pelos mercadores de escravos, e se não fossem comprados pelos europeus seriam assassinados pelos seus patricios. Era essa a opinião na Inglaterra ha poucos anos e assim não nos devemos espantar de que os brasileiros julguem sem apreciação fundada em verdade. E' o interesse que os faz pensar dessa forma ou imaginam, a todo o custo que esse é o interesse, e não ha livro nem outros que lhes convençam. Aos agricultores, qualquer argumento seria inutil porque imaginam que sem os escravos suas propriedades se arrazariam e daí o fortalecimento da im-

pressão do trafico ser humanitario, dele recebendo os suprimentos indispensaveis. Se a classe eclesiastica se convencesse dessa crueldade, dos efeitos que esse commercio determina no seu proprio país e a sua influencia sobre tudo quanto é sadio; a tendencia para crear e multiplicar os males na sociedade que vive nas partes desse continente sujeitas aos expedientes dos negreiros, se fosse possivel fazer sentir ao clero que ele sanciona com sua voz um dos regimens mais perversos que o mundo tem conhecido, estou certo que ajudaria muito a abolição. Não preciso dizer que peso teria essa opinião entre todas as classes sociais. Um dos principais argumentos dos sacerdotes é que os africanos têm a vantagem de receber o batismo na Igreja Catolica, mas não seria melhor ensinar-lhes a religião catolica em sua propria terra, sem todas as miserias que o transporte os sujeitam?

Outra opinião adotada induz os brasileiros a suspeitar dos motivos que levam a Grã Bretanha a influir junto ao Governo para a abolição do trafico. Crêm que faz essa politica contra o trafico porque suas colonias estão superlotadas, e que deseja a libertação em todos os outros países que não estão providos de trabalhadores livres, não tendo desta forma rivais em suas possessões atlanticas, ultimamente cheias pelo crescente numero de lavradores (1).

E' claro que os que assim raciocinam ignoram os motivos principais que determinaram a abolição na Inglaterra, nada sabendo de sua historia, e conhecendo-a teriam a confirmação das fontes puras que fizeram nascer o zelo pela proibição do trafico. Se esses tivessem sabido o perseverança e o esforço de Clarkson, o grande apostolo da causa, ficariam convencidos que a eloquencia de Wilberforce teria emanado das mais desinteressadas nascentes. Perceberiam que esses dois homens, cujos nomes estarão sempre ligados com a lei para cuja vitoria tanto

contribuíram, foram acompanhados por uma multidão de advogados nessa gloriosa luta cujo auxilio, sob todas as circumstancias, afastaria a menor idéa de suspeita na conduta dos dois grandes guias. A prova desses principios os puros sobre os quais a lei se baseou no Parlamento, será tão decisiva que a simples exposição dos factos satisfaria todos os que não estivessem antecipadamente resolvidos a crer o contrario.

O Governo do Brasil se encontra em posição difficil nesse caso. Administra numeroso grupo de senhores de escravos, esparsos sobre a vastidão do país onde a autoridade do Soberano é necessariamente reconhecida com negligencia. A possibilidade de uma resistencia ás suas ordens, deve existir e embora as determinações sejam promulgadas no estilo dos Governos absolutos, é preciso cuidado para não ir muito longe porque não haverá meios de compelir as principais provincias à obediencia das leis no caso em que uma delas recuse sua fidelidade.

Creio bem que o Governo esteja inclinado a seguir o exemplo das principais potencias da Europa, mas é preciso não ser precipitado. Seu povo deve ser preparado para essa transformação que presentemente daria a impressão de ser prejudicial à propria prosperidade. E' na Baía onde os mercadores de escravos e os plantadores se mostram mais violentamente favoraveis ao trafico. È nessa cidade onde se faz o mais intenso intercambio com a costa d'Africa. A provincia da Baía possui grandes propriedades, tendo duzentos, trezentos e quatrocentos escravos. Os donos desses dominios são, logicamente, ricos e têm poder sobre a população livre, vivendo essa sob sua completa dependencia. Daí a inclinação natural de resistir ás medidas contrarias aos interesses. Têm chegado ao Governo do Rio de Janeiro petições escritas com linguagem arrogante, protestando contra a abolição e contra as atitudes dos cruzeiros britannicos, estacionados

na costa d'Africa, por terem prendido varios navios negreiros (2).

O Governo do Brasil poderia persuadir, por todos os meios pacificos e amistosos que a administração possue para urgir a qualquer um, que fosse satisfeita sua aspiração mais alta, ainda mais coincidindo seus desejos com a inclinação dos ministros portuguezes, mesmo consultando o estado do país que dirige.

Um escritor brasileiro publicou varios panflêtos no Rio de Janeiro, com a autorização do Regente, falando contra o trafico, tão longe quanto as circunstancias atuais o permitem. A escravidão é cognominada "o cancer terrível do organismo politico que tende a impedir o desenvolvimento da raça branca", e, segundo uma sua nada amavel expressão, "africanizar o Novo Mundo" (3). Não é esse o unico lugar onde o mesmo escritor fala do trafico nesses termos. Um escritor portuguez de muita reputação entre seus compatriotas, afirma: — "Se nada devemos temer do poder do Governo, não podemos hesitar em combater as opiniões erroneas do povo, convencidos que todo aquele que se opõe aos preconceitos de uma nação, torna seu nome odioso mas tem certeza de que a posteridade lhe fará justiça", (4). Outro jornal, de igual importancia, se exprime: — "E' uma infelicidade que a principal força de um imperio consista no numero dos seus escravos, e se o Brasil tivesse refletido que cada negro que importa d'Africa é necessariamente um inimigo que está nutriendo, teria providenciado para não utiliza-los em tal numero, ou os possuiria em quantidade resumida", (5). Tenho esperanças de que outras pessoas dessa mesma nação olhem o assunto na mesma claridade e dêem seu apôio, orientando seus conterraneos para junto da equidade, humanidade e bôa politica, sendo abolido esse detestavel comercio.

A ruína do Brasil é predita e o decesso de sua agricultura e do seu commercio são supostos inevitáveis pela falta de trabalhadores se o trafico for proibido. Essa é a opinião aceita geralmente, sem a menor consideração, e sem que se pense em empregar a população livre do país nos trabalhos diários. Dizem que se os africanos não puderem ser obtidos o país não poderá progredir. Esse argumento contra a abolição é menos plausível para os brasileiros do que para os agricultores das Antilhas. Nessas ultimas o numero de individuos de côr, em estado de liberdade, é comparativamente pequeno, quando no Brasil a grande proporção consiste em pessoas livres das classes baixas populares.

Em muitos pontos do país que visitei o povo livre prepondera consideravelmente e em nenhum dos distritos que conheço os escravos são superiores aos homens livres na relação de tres para um. Como pode ser visto nos capitulos anteriores, os engenhos de açúcar não estão completamente abastecidos de escravaria e não ha propriedade sem uma certa porção de terra ocupada por familias livres. As povoações, por igual, são quasi exclusivamente compostas de pessoas livres e nas cidades a maioria operaria é livre.

O trafico de escravos é improprio relativamente ao Brasil pelo só principio de que o homem em estado de servidão não é tão util à comunidade como aquele que aja livremente e cujos esforços são dedicados ao desenvolvimento de sua fortuna pelos meios regulares e esta se reúne à prosperidade geral da sociedade a cujo numero pertence. E' um facto indubitavel e indiscutivel, aceito por muitas pessoas, segundo a evidencia da verdade, mas aqueles que têm o habito de ver o trabalho diario dos escravos deverão ter notado a maneira pela qual eles se desincumbem dessa obrigação. Sua indiferença, a len-

tidão extrema de seus movimentos, denunciam claramente o pouco interesse tomado pelo adiantamento do serviço.

Tenho observado dois grupos trabalhando no mesmo terreno, um de pessoas livres e o outro de escravos, o que ocasional e raramente acontece. Os primeiros cantam, brincam e se alegram enquanto atiram os ritmos da mão e do pé, quando os segundos estão silenciosos e se são vistos a pequena distancia seus movimentos são apenas perceptíveis.

Mesmo que o Brasil dependesse dos escravos para o crescimento de sua agricultura e população, seria melhor para a região em apreço deter a chegada dos africanos porque, no caso em espécie, se esse desenvolvimento deve ser necessariamente progressivo ele deve ser lento. Cada africano que entra no país é um inimigo cuja presença sanciona a introdução. Além disso o Brasil não tem falta deles, e embora nessa região se faça o maior uso possível do elemento humano que pode contar (o que não se devia fazer) e, não obstante é urgente e preciso a solicitação de que um numero adicional de braços continue a cultura das terras, o transporte dos africanos é a peor maneira para obtenção desse resultado, no ponto de vista social. Se, entretanto, depende-se somente dos africanos para o progresso geral, muitos anos deverão escoar-se antes que se opere a grande mudança, tornando-os poderosos e ricos, influyendo desta forma no desenvolvimento de sua classe na grande nação. O Brasil está, entretanto, em situação diversissima. Sua população livre é numerosa e o tempo parece ter chegado em que essa parte da comunidade assuma seu devido lugar na sociedade, a despeito das leis existentes (6).

Estou tão convencido que penso que a abolição do trafico de escravos seria muito ligeiramente sentido em Pernambuco, desde que passasse o primeiro momento, e

mesmo essa impressão seria causada mais artificial que necessariamente. Os ricos senhores de escravos comprariam imediatamente, para evitar concorrência, os africanos expostos á venda e essa operação determinaria a elevação de preços. Mas o numero de pessoas livres é perfeitamente bastante para preencher o vacuo que se suporia creado pela terminação desse elemento importado no seio da população.

Constituídas as sociedades nos países civilizados, os pobres devem depender daqueles que são suficientemente ricos para lhes dar ocupação, e, mais, os ultimos devem depender dos primeiros para a execução dos seus projetos. Mas a organização do Brasil exclúe as classes baixas do auxilio dos que lhes são superiores e priva os ricos da assistencia que lhes seriam dada pelo trabalho dos pobres. O agricultor humilde está sob a necessidade de plantar para sua propria subsistencia sem ter o capital indispensavel para esse objetivo. Se a safra se perder, ele fica inteiramente exgotado. Os esforços de numerosos individuos, cada um ocupado em limpar e cultivar, separadamente, trechos de terra, não podem realizar facilmente essa tarefa, nem com a perfeição que seria feita, se todos trabalhassem unidos. Ainda que o trafico de escravos continuasse por longo espaço de tempo, a ordem natural das cousas seguiria, muito provavelmente, seu rumo, e os trabalhadores livres seriam empregados nas propriedades bem dirigidas, justamente com os cativos. As classes baixas se tornam tão numerosas que cada familia precisará possuir um trecho conveniente de terra para seu sustento, e uma parte do terreno seria arrendada a quem pudesse pagar. Os colonos veriam quais as vantagens pessoais de alugar seus trabalhadores. Assim, sem intervenção e cuidados do Governo da região nesse importante assunto, o trabalhador livre seria empregado. Pela separação do trabalho em pequenos lotes de terra

cultivada (se podemos chamar cultivada), como se pratica presentemente, grandes porções ficam abandonadas, e apenas raras famílias vivem morando nessas extensões, trabalhando para si mesmas, quando forneceriam alimentação a um grande numero de pessoas se fosse trabalhada conjuntamente. Se o serviço é pago por quem deseja obter boas colheitas, preparando quanto seja necessario para a obra e dando toda atenção aos seus plantios, esse sistema reuniria todos, tornando-se util a todos, a primeira classe que desfruta riquezas consideraveis, e a terceira, que nada possui. A segunda classe, consistindo em pequenos agricultores, que vivem confortavelmente, em casa decente, tres ou quatro escravos, um ou dois cavalos e outros bens de pequenino valor, não havia de ser afetada pela mudança da organização do trabalho na classe imediatamente inferior. Os colonos ("secondary people"), que não podem aumentar seus escravos, estão impossibilitados de realizar seus projetos, plantando no que possuem, alugam frequentemente trabalhadores livres.

Sob a organização atual o trabalho das pessoas livres não é utilizado com vantagem. Seu tempo é mal-empregado, trabalhando sozinhos, com grande dificuldade, fariam tudo facilmente, ocupadas juntas muitas pessoas. Isso é particularmente visível nos países novos onde os obstaculos que devem ser vencidos no amanho das terras para o plantio são numerosos e de alta importancia. Se um homem se persuade de que, para obter seu sustento depende de um esforço diario, é provavel que não perca um só momento, e que não adie para amanhã o que lhe beneficiará atualmente e como sabe que o seu bem-estar está ligado à regularidade de seu esforço, estará disposto a cumprir suas occupaões com pontualidade. Mas se os ganhos não correspondem à obra realizada diariamente ha probabilidade que se note alguma indolencia, e, que, por motivos insignificantes, vá adiando seu labor para

outra ocasião. O salario de um trabalhador a serviço de outro homem é apenas pago quando a tarefa se conclue. D'outra sorte, o tempo está perdido se ele não tem felicidade ou aguardado uma bôa estação. Mas se os seus ganhos são esperados da terra, dependendo da fertilidade do solo que cultivar, epoca favoravel e outras causas combinadas e mais algumas que escapam à sua previsão, ele preferirá ficar em casa, inativo, ou aceitar um convite para uma pandega. O labor não é agradável. O homem trabalha geralmente por necessidade e tem necessidades de alguns estimulantes para anima-lo ao esforço. Esse factó ocorre sob todos os climas, e influe com maior frequencia naqueles em que a natureza inclina à indulgencia essas propensões indolentes (7).

Se todos os homens fossem livres, o capital que é necessario para a função das plantações ou os grandes esforços que, nas circumstancias atuais, costumam ser empregadas para o pagamento da propriedade obtida a credito, seria dispensavel, ou, a qualquer preço, a experiencia relativa aos planos do plantio já não havia de ser tão perigosa como atualmente, e não se arriscaria a propriedade num material tão precario e ao mesmo tempo tão valioso como os escravos. Na aquisição de qualquer especie de capital-vivo (falando em linguagem creôla), o risco consiste somente nas molestias do corpo e noutras mais a que os corpos acostumados no clima estão sujeitos, mas arrancando os negros de sua terra natal, que para eles é a melhor do mundo, teremos ofendido seu espirito que é preciso cuidar. E' preciso combater as privações e vexames que devem suportar. Seu espirito é forte e seu corpo deve ser mantido em estado de saúde ou seu amo muito pequeno serviço receberá deles. As perdas ocasionadas pelas mortes prematuras não recaíriam directamente sobre o agricultor se esse empregasse homens livres. O tempo que o escravo fugitivo passa nas matas

portuguêses que se julguem prejudicados pelo injusto tratamento. As capturas, contra as quais as quixas são principalmente feitas, foram efetuadas sob a impressão de que todos os navios que batem a bandeira portuguesa, trafegando na costa d'África para comprar escravos, deviam ser construção portuguesa. E' um equívoco nascido de um malentendido dos tratados concluídos entre as duas potencias em 1810. (K).

(3) "Observações sobre a prosperidade do Estado pelos principios liberaes da Nova Legislação do Brazil", p. 16. (K). O titulo exato é: — "Observações sobre a prosperidade do Estado pelos liberaes principios da nova legislação do Brazil", o autor é José da Silva Lisboa, depois Visconde de Cairú (1756-1835), Rib de Janeiro na Imprensa Regia, 1810. E' um folheto in-8, de 95 paginas. (C).

(4) Correio Brasiliense, de Dezembro, 1815, p. 735. (K). Ver notas ao capitulo IX. (C).

(5) Investigador Portuguez, Junho, 1816, p. 496. (K). Ver notas ao capitulo IX. (C).

(6) Encontrei a seguinte passagem em uma obra de alta e merecida reputação: — "Os Romanos, não obstante as prodigiosas perdas nas guerras incessantes que sustentaram durante seculos, jamais sentiram falta de homens nos primeiros tempos da republica e puderam estabelecer colonias no estrangeiro com o excesso da população. No tempo dos Imperadores, entretanto, quando os exercitos estavam geralmente acampados nos campos e nos quartéis, quando os soldados estavam aptos para todas as profissões, a população romana na Italia se encontrou diminuida grandemente, declinando visivelmente dia a dia, devido a mudança na divisão da propriedade e o pernicioso e monstruoso desenvolvimento da escravaria domestica que deixara as classes pobres de cidadãos livres sem meios de subsistencia alem da caridade publica" — Essay on the Military Policy and Institutions of the British Empire por C. W. Pasley, capitão, hoje Coronel, no Corpo de Engenheiros Reais. Nota a pag. 505. Na obra a que essa nota pertence, demonstra-se que "o calculo de uma população de um país não pode ser afetado pelos numeros anuais de mortes, mas depende só e exclusivamente dos meios de subsistencia facilitados aos vivos". Transcrevi esses trechos, principalmente porque o autor lembra que a escravaria domestica foi uma das causas do decesso da população na Italia, embora esses perniciosos efeitos não sejam tão extensos no Brasil, ela deve inquestionavelmente prevenir o incremento do numero de pessoas de côr, com rapidez. E se o trafico de africanos continuar por muito tempo tenderá a deter o aumento das pessoas de sangue mestiço. Esse crescimento da população de cor, livre, deve ser encorajada, e não renegada, porque constitue os pilares do Estado, o baluarte em cuja resistencia o Brasil será invencivel. (K).

(7) Sei que não é o caso em todas as nações mas entretanto não seria correto que, falando geralmente excluísse o povo que estou estudando, e posso ser encontrado em erro. (K).

lhe impõe e diferentes dos principios da equidade, deixando de corrigir grandes males na maior parte da população da terra onde vive. Guarda silencio no que concerne aos vizinhos de sua propriedade, esperando que pratiquem o mesmo ao seu respeito quando for necessario. Mas os crimes cometidos pelos escravos, com ou sem o conhecimento dos amos, não são as unicas más ações que essa gente haja perpetrado. O proprio amo, quando não tem a coragem de vingar-se em suas questões, pode ordenar que esse fim seja realizado por um dos miseraveis individuos que ele governa. Os exemplos são varios.

A tendencia geral produzida pela escravidão, examinada nos diversos pontos de vista é despertar todas as más qualidades em quem administra e em quem é administrado. Por esse sistema o Governo permite a desmoralização do seu povo e que as propriedades dos vassallos sejam dirigidas de maneira mais desvantajosa. Grande numero de individuos precisam ser tolerados, com utilidade bem limitada pela situação em que estão colocados. E outra classe da sociedade está privada de tomar sua justa posição no progresso geral do país.

NOTAS AO CAPITULO XX

(1) O INVESTIGADOR PORTUGUEZ e o CORREIO BRASILIENSE, dois jornais portuguezes publicados em Londres, collocaram-se ambos ao lado da justiça, da humanidade e da sã politica. O primeiro destes traziu o estudo do Dr. Thorpe sobre a colonisação da Serra Leoa, e o publicou, em fragmentos, durante varios numeros. Espero que os directores sejam imparciaes em sua sinceridade, e assim procedam transcrevendo igualmente "The Special Report of the Directors of the African Institution" em resposta às acusações proferidas contra eles pelo Dr. Thorpe. Sei que o assunto de um desses panfletos relata o que reunira eu na especie, conforme uma carta de Mr. Macaulay a S. A. R. o Duque de Gloucester. Aceita-se para um conhecimento seguro porque tudo deve ser ouvido e julgado. Tudo é devido a "African Institution", reconhecendo-se o carater irreprochavel dos seus principais membros. Por essas ações os directores dos jornais poderão provar, decididamente, sua sinceridade na causa da abolição. (K).

(2) Os clamores contra a injustiça e a tirania que se diz exercida pela Grã Bretanha no emprego da sua superioridade naval, deveria baixar de intensidade porque foi convencionado entre o Governo do Brasil e a Grã Bretanha pagar essa uma soma em dinheiro para reembolsar os vassallos

portuguêses que se julgum prejudicados pelo injusto tratamento. As capturas, contra as quais as queixas são principalmente feitas, foram efetuadas sob a impressão de que todos os navios que batem a bandeira portugüesa, trafegando na costa d'África para comprar escravos, deviam ser construção portugüesa. E' um equívoco nascido de um malentendido dos tratados concluidos entre as duas potencias em 1810. (K).

(3) "Observações sobre a prosperidade do Estado pelos principios liberaes da Nova Legislação do Brazil", p. 16. (K). O titulo exato é: — "Observações sobre a prosperidade do Estado pelos liberaes principios da nova legislação do Brazil", o autor é José da Silva Lisboa, depois Visconde de Cairú (1756-1835), Rib de Janeiro na Imprensa Regia, 1810. E' um folheto in-8, de 95 paginas. (C).

(4) Correio Brasiliense, de Dezembro, 1815, p. 735. (K). Ver notas ao capitulo IX. (C).

(5) Investigador Portuguez, Junho, 1816, p. 496. (K). Ver notas ao capitulo IX. (C).

(6) Encontrei a seguinte passagem em uma obra de alta e merecida reputação: — "Os Romanos, não obstante as prodigiosas perdas nas guerras incessantes que sustentaram durante seculos, jamais sentiram falta de homens nos primeiros tempos da republica e puderam estabelecer colonias no estrangeiro com o excesso da população. No tempo dos Imperadores, entretanto, quando os exercitos estavam geralmente acampados nos campos e nos quartéis, quando os soldados estavam aptos para todas as profissões, a população romana na Italia se encontrou diminuida grandemente, declinando visivelmente dia a dia, devido a mudança na divisão da propriedade e o pernicioso e monstruoso desenvolvimento da escravaria domestica que deixara as classes pobres de cidadãos livres sem meios de subsistencia alem da caridade publica" — Essay on the Military Policy and Institutions of the British Empire" por C. W. Pasley, capitão, hoje Coronel, no Corpo de Eugeneiros Reais. Nota a pag. 505. Na obra a que essa nota pertence, demonstra-se que "o calculo de uma população de um pais não pode ser afetado pelos numeros anuais de mortes, mas depende só e exclusivamente dos meios de subsistencia facilitados aos vivos". Transcrevi esses trechos, principalmente porque o autor lembra que a escravaria domestica foi uma das causas do decesso da população na Italia, embora esses perniciosos efeitos não sejam tão extensos no Brasil, ella deve inquestionavelmente prevenir o incremento do numero de pessoas de côr, com rapidez. E se o trafico de africanos continuar por muito tempo tenderá a deter o aumento das pessoas de sangue mestiço. Esse crescimento da população de cor, livre, deve ser encorajada, e não renegada, porque constitue os pilares do Estado, o baluarte em cuja resistencia o Brasil será invencivel. (K).

(7) Sei que não é o caso em todas as nações mas entretanto não seria correto que, falando geralmente excluísse o povo que estou estudando, e posso ser encontrado em erro. (K).

CAPITULO XXI

ANALISE DAS CRITICAS FEITAS AOS TRATADOS DE AMIZADE E ALIANÇA, COMERCIO E NAVEGAÇÃO, ENTRE PORTUGAL E GRÃ BRETANHA, A 19 DE FEVEREIRO DE 1810. VANTAGENS PARA AS ALTAS PARTES CONTRATANTES. EXAME DOS ARTIGOS VI, VII E IX DO TRATADO DE AMIZADE E ALIANÇA. ESTUDO DOS ARTIGOS II, III, IV, V, X, XII, XVII, XIX, XXI, XXIII, XXV, XXVI E XXXII DO TRATADO DE COMERCIO E NAVEGAÇÃO. SUGESTÕES PARA UMA REFORMA ADMINISTRATIVA. CONFIANÇA NO FUTURO DO BRASIL. TRATADOS DE AMIZADE, ALIANÇA, COMERCIO E NAVEGAÇÃO ENTRE AS CORÓAS DA GRÃ BRETANHA E PORTUGAL, ASSINADOS NO RIO DE JANEIRO A 19 DE FEVEREIRO DE 1810.

Ouvi muitas discussões na Inglaterra e Brasil sobre os meritos e demeritos desses Tratados. Nessas disputas os inglêses pareciam supôr que seus interesses não haviam sido suficientemente consultados, e opinião contraria era sustentada pelos portuguezes, olhando sua nação como parte lesada, e que se tinha mostrado grande parcialidade pelos britannicos. Tenho razões para crêr que os Tratados foram os mais imparciais possiveis, atendendo ambas as Partes Contratantes. Se os interesses britannicos conquistaram algumas vantagens, cederem um dos mais importantes que outrôra possuíam, e o intercambio comercial entre os dois países se colocou em condições bem favoraveis. Mesmo as inovações feitas nas leis do Brasil em favor dos inglêses, pela injunção dos Tratados, tendem ao melhoramento geral do país, erguendo-o ao mais alto ponto da civilização. Nas discussões britannicas que

ouvi, ha o argumento de que o Brasil estava humilhado pelos infortunios e era uma circumstancia vantajosa para ser aproveitada pela Inglaterra. A idéa que se tem na Inglaterra da fraqueza do Brasil provirá das insignificantes medidas de defesa preparada no seu litoral. Não se duvida que seus portos de mar sofrerão muito num ataque naval inimigo, mas o país é inexpugnável. Possui grandes e solidas fortalezas que o homem não as poderia construir — são a vastidão, as florestas, a população ousada, habituada a viver frugalmente, e de maneira simples. De mais, as idéas de conquista da America do Sul pelos europeus, contra a vontade dos seus filhos, provou que a experiencia era desastrosa. Os holandêses em Pernambuco e nós em Buenos Aires demonstramos esse facto.

Os portuguezes, do outro lado, estão saturados da idéa de que a Grã Bretanha tirara vantagens do estado da monarchia lusitana, impondo clausulas pesadas em proveito de seus desejos. Muitos argumentos empregados pelos portuguezes são ditos sem a menor consideração pela situação do Brasil e a posição relativa entre as duas Altas Partes Contratantes. As justificações das queixas, embora não se relacionem com os Tratados, devem ser registadas aqui porque são mencionadas por muitas pessoas. Dizem que o Regente de Portugal fez concessões territoriais aos suditos ingleses não sendo, entretanto, permitido aos portuguezes possuirem propriedades imoveis nos dominios de Sua Majestade Britanica. Uma queixa nesse genero poderia parecer que os dois países estariam no mesmo nivel quanto às populações respectivas; que o Brasil não necessita de um imenso desenvolvimento no seu povo e que a Inglaterra possui superabundancia territorial. Bem longe do oferecimento de terras aos estrangeiros constituir infrações na reciprocidade entre as duas nações, o Governo do Brasil devia convidar os forasteiros a adquirir terrenos e se estabelece-

rem neles (1); devia consentir que seguisse sua religião; devia naturaliza-los, fixando-os ao solo sob a proteção das leis e pela permissão de tomar parte nos atos concernentes a sociedade que haviam adotado.

Os portuguezes assinalam continuamente o rapido desenvolvimento dos Estados Unidos e apontam esse país como um exemplo que deve ser seguido, na aceitação de todas as melhorias no Brasil, mas não remontam bastante alto para que vejam as fontes da prosperidade norteamericana. Os estadistas desse país recebem quantos desejem fixar-se sob a proteção e as leis da republica e toleram todas as religiões. São essas as grandes fontes justificativas da imensa força em expansão. Uma distribuição imparcial na justiça e um governo prudente, que age em união com os ideais do povo. O Brasil, entretanto, é totalmente incapaz para ter a forma de um governo republicano. Seu povo tem sido guiado nos caminhos bem diversos dos que orientam o povo nos Estados Unidos. Os primeiros colonos dos Estados Unidos deixaram sua terra natal porque tinham idéas mais democraticas que a mãe-patria, e porque seus sentimentos religiosos não coincidião com os dos seus compatriotas. Os descendentes desses homens estavam preparados para receber a proclamação dos principios republicanos. Mas os colonos do Brasil são regularmente convidados a instalar-se sob a direção de officiais nomeados pelo Governo de Portugal, penetrados do poder absoluto, e fundamentalmente católico-romanos. Consequentemente, os habitos dos seus descendentes os levam a aceitar calmamente as ordens d'aqueles que governam, mais obedecendo do que mandando, sendo guiados preferencialmente a ser obrigados, sem qualquer instrução previa, pensar por si mesmos. Outro qualquer tipo de governo democratico não seria proprio no Brasil, mas certas medidas favoraveis a um adiantamento para a liberdade em religião, em segurança

pessoal, em autoridades legislativas, deviam certamente ser oferecidas, com precaução, ao país (2).

Todavia, voltando, tentarei provar que os Tratados em questão, recém-assinados, foram feitos de bôa fé e para beneficio de ambas as nações, e que cada uma fez concessões uteis a outra. Nenhuma deverá desejar ir mais alem, porque aí, como diz um escritor brasileiro “nascem os conflitos, os odios e as pretensões que fundamentam as maguas e as guerras” (3).

Os portuguezes examinam os Tratados como se estivessem enciumados do que foi concedido aos suditos britannicos, sem considerar se as vantagens ofertadas são ou não em beneficio do Brasil. Deviam aceita-los como para seu bem e não que a Grã Bretanha lhes oferecesse ou que o seu Governo oferecesse a Grã Bretanha. Só mencionarei os artigos dos Tratados que sejam particularmente interessantes, e passíveis de discussão, desejando ser o mais conciso possível.

O TRATADO DE AMIZADE E ALIANÇA (4)

Passo em silencio os primeiros artigos pouco importantes ou porque eles interessam a motivos que já não sobremexistem.

ARTIGO VI: “Sua Magestade Britanica tem o privilegio de cortar madeira para construir navios de guerra ou comprar e fazer cortar madeiras nas matas do Brasil.”

Poder-se-ia pensar que esse ato representa para a Inglaterra uma inexaurível e gratuita fonte de suprimento de madeira para sua marinha, mas entendo que as despesas para abater as arvores e traze-las até as praias são demasiados elevadas para que tornem o projeto viavel, e se descobriu que as florestas do Brasil contam menor quan-

tidade de maneiras convenientes do que se imaginava. Se o governo inglês julgasse útil pôr esse artigo em execução, as vantagens advindas ao Brasil seriam consideráveis. O desenvolvimento comercial havia de ser sentido nos portos onde os embarques fossem feitos, e o numero de trabalhadores que haviam de vir, muitos com possibilidade de se fixarem na região, dariam outros beneficios. Os carpinteiros de navios e calafates do Brasil, que são tão habéis como os da Grã Bretanha, seriam estimulados nessa necessarissima arte de construção naval, e de nenhum auxilio exterior careceriam. O que lhes falta é o encorajamento.

ARTIGO VII: “Qualquer numero de navios de guerra é permitido nos portos das Altas Partes Contratantes”. Esse artigo é uma consequencia do anterior e indispensavel para sua execução.

ARTIGO IX: “A Inquisição ou Tribunal do Santo Officio não tendo sido estabelecida ou reconhecida no Brasil, Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal, guiado por uma politica esclarecida e liberal, aproveita a oportunidade que o presente Tratado lhe oferece para declarar, espontaneamente, em seu nome e no dos seus sucessores, que a Inquisição não será para o futuro estabelecida nos dominios da America do Sul pertencentes à Corôa de Portugal”.

Pela conclusão desse artigo deduz-se alguma inclinação de abolir-se a Inquisição em Portugal e noutras partes dos dominios portuguezes. Creio que a Grã Bretanha teria muito debilmente estipulado essa transformação na politica administrativa do Brasil se não comprehendesse que os Ministros desse país estavam desejosos igualmente de anular esse abominavel Tribunal. Não sei se a Grã Bretanha estabeleceu essa clausula porque o Principe declarou que “o deseja fazer “espontaneamente”.

Seja como fôr, esse horrendo Tribunal não exerce mais seu poder no Brasil, e assim foi removido de forma irrevogavel uma das mais insuportaveis cargas que uma nação tolerou. O ultimo Secretario de Estado para os Negocios Extrangeiros, D. Rodrigo de Souza Coutinho, era um homem de espirito liberal, e o Brasil sofreu com sua morte (5) uma perda sensível embora o infortunio fosse aliviado pelas circunstancias que determinaram sua substituição à frente dos negocios, pelo Cavaleiro Araujo (6). Esse fidalgo parecia ter adotado o Brasil como sua patria, dedicando sua atenção inteiramente aos assuntos do país e desejando aumentar-lhe a importancia ao nivel que lhe era judiciosamente merecido. Ele se convencera que os meios para que essa prosperidade progressiva fosse obtida eram a tolerancia, a liberdade, a moderação e as reformas. A maneira solene pela qual os Ministros do Brasil declararam suas intenções a esse respeito, é um bem pouco esperado triunfo das idéas liberais sobre o fanatismo, demonstrando publicamente o prestigio dos principios racionais. As infelicidades de Portugal produziram incalculaveis beneficios nos territorios transatlanticos que vivem sob sua jurisdicção, e embora muito tenha sofrido a mãe-patria não é possivel que algumas vantagens não lhe hajam advindo pela mudança de sua situação. A qualquer preço, os negocios internos tiveram alteração beneficiadora do povo. Portugal não mais gosa do comercio exclusivo com o Brasil, mas não posso crer que ele tenha um melhor fim sinão dependendo de seus recursos, com um moderado intercambio com outras nações, segundo sua importancia politica, em vez do trafico gigantesco que era realizado atravez dos seus portos. A administração provavelmente sofrerá algumas reformas, e Portugal, semelhantemente, verá a Inquisição abolida e, com toda a possibilidade, assistirá á reinstalação das Côrtes.

ARTIGO X: "Uma abolição gradual do trafico de escravos é prometida por parte do Regente de Portugal, e os limites do mesmo trafico, ao longo da costa d'Africa, serão determinados". Desse assunto tratei no capitulo anterior.

TRATADO DE COMERCIO E NAVEGAÇÃO (7)

ARTIGO II: "Haverá reciproca liberdade de comercio e navegação entre os suditos das duas Altas Partes Contratantes, e lhes são permitidos o comercio, trabalho, residencia e estabelecimento nos portos dos dominios de cada uma, excetuando aqueles em que todos os estrangeiros sejam excluidos."

A facilidade com que se pôde obter permissão para viajar no Brasil é conhecida por mim, em experiencia propria, e mesmo um inglês poderia fazê-lo, sem passaporte, atravez de qualquer das provincias. Os portugueses muito se queixam do rigorismo com que as leis inglesas, referentes aos estrangeiros ("British Alien Laws") são executadas, e que a reciprocidade não existe, não pelo Tratado mas pelo não-cumprimento desse artigo. A extrema dificuldade com que um forasteiro é identificado de outro por pessoas que não entendem o idioma de nenhum; a vizinhança da Inglaterra com o continente europeu, seu grande adversario; o numero inenso de estrangeiros presos que ela deveu reter durante a guerra, coloca-a em situação bem diversa do Brasil. Nesse país os unicos estrangeiros, excetuando os espanhois, que têm possibilidades de penetrar em seu territorio, só podem ter chegado a bordo dos navios ingleses ou portugueses, e por consequencia não poderá haver duvida sobre a pessoa do viajante que recebe passaporte para viajar no interior ou ao longo do litoral do país (8). Sem duvida surgiram muitas dificuldades e as vexações foram muitas

vezes padecidas e esses casos ficam indicados. È preciso lembrar que o numero de portuguezes viajando na Grã Bretanha é muito maior que o de ingleses viajando no Brasil, e mais, o numero de magistrados que devem examinar o passaporte é muito mais consideravel no segundo do que no primeiro país, devido á população maior que possui a Inglaterra. Succede, consequentemente, que em muito poucos casos, as exigencias no Brasil tenham maior frequencia que a propria severidade das leis na Grã Bretanha (9).

Com respeito à naturalização nos dominios das duas Corôas, os portuguezes gozam de situação mais favorecida que os suditos ingleses porque, de acordo com as leis existentes, um cidadão inglês só se pode naturalizar em Portugal e Brasil professando a religião Catolica Romana.

ARTIGOS III, IV e V: Relacionam-se com os direitos alfandegarios, impostos portuarios, etc., que devem ser pagos com reciprocidade perfeita pelos navios de ambos os países. Se os mesmos direitos alfandegarios não fossem pagos pelas mercadorias importadas nos navios ingleses igualmente aos transportes nos barcos portuguezes, a consequencia seria que, cada negociante britânico estava compelido a recorrer ao contrabando ou a renunciar a idéa da competição com os portuguezes. Os direitos do algodão, principal artigo que se exporta do Brasil para a Inglaterra, são identicos para os navios das duas nações. Esse direito não é muito elevado pela propria comodidade de tornar o importador, cujo navio pagasse um imposto pesado, incapaz de competir com aqueles do país que pagam taxas baixas. No caso das mercadorias manufaturadas e expedidas para o Brasil, o imposto alfandegario é de consequencia primordial porque é tão frequente, eu o poderia dizer geral, que ha prejuizo nos embarques, e um aumento de 10% sobre um carregamen-

to, que além desses 10% sofresse uma perda, redundaria em desastre. Não tenho duvida em afirmar que o Governo do Brasil ganhou bastante fixando os direitos sobre as mercadorias importadas equivalentes às que são trazidas pelos seus súditos nos próprios barcos. Sob as leis vigentes, todas as partes se apresentam no mercado no mesmo pé de igualdade, e embora exista quem pretenda iludir a lei no pagamento dos impostos, não é necessario a ninguém socorrer-se do contrabando com o proposito de levar as mercadorias a venda com perspectivas de preços vantajosos. Creio que o alto imposto de 15% podia ser elevado pelo Governo, mas esse aumento devia ser suportado equitativamente, por todas as classes produtoras, nacionais e estrangeiras, dando-se-lhes algumas vantagens. A reciprocidade que é estabelecida nesses artigos oferece magnificas consequencias para ambas as partes. A Grã Bretanha é, no ponto de vista comercial, beneficiada pela importação do algodão do Brasil, direto do país, e os melhoramentos que têm causado, e continuarão causando no Brasil a introdução de mercadorias manufacturadas inglesas, são incalculaveis no ponto de vista da saúde e da civilização, determinando um incentivo para a energia creadora.

O final do artigo V determina quais são os navios considerados ingleses e portuguezes, com o proposito de identificar as embarcações que gozam dos favores estipulados. Os portuguezes se queixam de que os ingleses têm a vantagem de possuir grande numero de navios que constróem e das prêsas vultosas que fazem sobre seus inimigos, enquanto eles constróem muito pouco e não têm prêsas (10). Ultimamente os portuguezes começaram a comprar navios construidos nos Estados Unidos. Sendo esses barcos adquiridos por portuguezes, ha o direito de arvorar a bandeira nacional e ter todos os privilegios de navios construidos em Portugal. Querem que o Governo

Britanico conceda a esses navios, nos portos da Grã Bretanha, os mesmos direitos dados por Portugal ás suas embarcações. Examinando-se esse assunto, percebe-se que ele é desvantajoso para ambos os países. A Grã-Bretanha facilitaria, por esse meio, grande mercado para os navios de uma sua rival marítima. Pelos preços baixos com que esses barcos são comprados e o pequeno numero de braços exigido, a navegação portugueza seria, no possível, materialmente prejudicada. Em lugar de animar as construções navais no Brasil, os suditos desse país iriam adquirir navios na America do Norte, pondo assim uma barreira no desenvolvimento dessa industria difficil, quando o país possui todos os elementos para a formação de uma numerosa frota.

A ultima parte do artigo VIII estatue: "Porem deve ser distintamente comprehendido que o presente artigo não pode ser interpretado como invalidando ou afetando o direito exclusivo possuido pela Corôa de Portugal de, nos seus dominios, firmar a venda do marfim, pau-brasil, urzela, diamantes, ouro em pó, polvora tabaco em forma de rapé. "Tenho esperança que dentro em breve, pelo sistema de concessões graduais, esses monopolios sejam atingidos, e o commercio desses artigos seja comprehendido nas franquias do trafico.

ARTIGO X: "Aos suditos ingleses residentes nos dominios portuguezes será permitida a nomeação de magistrados privativos que terão sobre eles a jurisdicção de Juiz Conservador". Esse privilegio não é concedido aos portuguezes residentes na Inglaterra e ha queixa por esse motivo. Os portuguezes conhecem bem a desastrosa situação de seus tribunais de justiça em todos os dominios do seu Soberano, e como é extremamente difficil obter-se recurso a um agravo. Prêve-se muito bem a vantagem que se obtem em conhecer pessoalmente o magistrado perante quem a causa é questionada. Se esse é o caso, ge-

ralmente falando e que não pode ser desmentido, nos proprios processos entre eles, mais necessario será alguma proteção aos estrangeiros, que jamais têm oportunidade de usar de influencia, e tambem a decisão dependendo inteiramente de um só homem, é natural que se incline em favor de seus compatriotas (11). A conhecida equidade da jurisprudencia inglêsa e a singular excellencia da Constituição Britanica, registados no mesmo artigo do Tratado, tornam desnecessario qualquer magistrado especial para decidir no que concerne aos interesses dos forasteiros residentes na Grã Bretanha. A situação dos tribunais de justiça britannicos é o orgulho de todo inglê. Uma suspeita de parcialidade nas suas decisões não ocorre ao espirito de nenhum homem ponderado. - Mesmo quando um partido de opposição critique constantemente as medidas governamentais e verifique todos os abusos que possam surgir no seu procedimento, as Côrtes de Justiça continuam decidindo, ano apoz ano, sem duvidas de uma injustiça e sem que se apresente uma idéa de falsidade nas suas sentenças. Falo dessa maneira das Côrtes de Justiça portuguezas, em primeiro lugar pelo vicio radical do sistema que subordina a decisão de uma causa a uma só pessoa; e em segundo lugar pela conduta de um Tribunal, que tive oportunidade de acompanhar, e pelas reclamações gerais de quasi todos os portuguezes que me fizeram conhecer as atitudes nessa especie. Sem duvida existe homens que sabem cumprir seu dever, mas um sistema de governo deve ser fundado sobre a base da responsabilidade do poder e na impossibilidade do desregramento.

São os tribunais de justiça nos dominios portuguezes merecedores de uma transformação. Sua corrupção demanda estridentemente uma reforma, e ele é a fonte desse peso enorme que existe sobre o Governo, das mais serias consequencias. Ha dois erros que não podem ser suportados longamente quando atingem a certa intensidade: —

impostos injustos e pesados, e injustiça. Seguem todos os homens, fazendo-se sentir nas suas choupanas, acompanhando-os a toda a parte, sujeitando-os ás privações e as mortificações. Seus nervos se exasperam e a colera termina rebentando.

ARTIGO XII: "Os suditos britanicos e todos os outros estrangeiros residentes nos dominios de Portugal, terão perfeita liberdade religiosa, lhes sendo permitido construir Igrejas e Capelas, com certas restrições quanto ao aspecto exterior. Qualquer pessoa que tente converter os catholicos ou insulte publicamente a Igreja Catolica, será expulso do país onde o delito for perpetrado. "E' vergonhoso que um semelhante artigo seja necessario num Tratado entre duas nações civilizadas, mas um passo em direção da democracia deve ser recebido com alegria, especialmente nos países onde domina a religião Catolica. Essa parte do artigo que concede a liberdade de consciencia não somente para os suditos britanicos mas tambem para qualquer estrangeiro, é outro indice de que o espirito liberal está encontrando ambiente no Gabinete do Rio de Janeiro, e imagino que o estadista inglês só haja solicitado essa clausula para os seus patricios, sem mencionar os suditos de outros países. Ouvi protestos sobre esse artigo, da parte de individuos que depois ficaram surpreendidos com a autorização dos portuguezes possuir capelas na Inglaterra, e esses mesmos cavalheiros não estavam desejosos de ver a reciprocidade perfeita.

ARTIGO XVII: "Fica aceito e convencionado que os artigos militares e navais, entrados pelos portos de Sua Alteza o Principe Regente de Portugal, que sejam necessarios ao Governo Portuguêz, serão pagos sem delongas no preço estipulado pelos seus proprietarios, que não poderão vender esse material n'outra base. E fica tambem estatuído que se o governo portuguez tiver sob seu cuidado e guarda um carregamento ou parte dele, á vista do

comprador ou não, o mesmo governo será responsável por qualquer avaria ou prejuízo que o carregamento, total ou parcial, possa sofrer enquanto estiver sob a vigilância dos oficiais da marinha portuguesa”.

Transcrevi esse artigo integralmente. Como julgar o estado de um governo com quem se estipula pela equidade comum? Mas, espero que o tempo desses abusos haja terminado e que a era das reformas se inicie.

ARTIGO XVIII: “E’ assegurado aos suditos britânicos o privilegio de serem *assinantes* para os direitos do pagamento nas Alfandegas”. A incapacidade do negociante inglês ser “assinante” era de grande inconveniencia, obrigando-o a pagar uma percentagem a um português para que pudesse usar-lhe o nome nesse fim. Os “assinantes” são cauções para os direitos dos pagamentos com os prazos de tres e seis mezes, e não havia razão que proibisse aos ingleses servirem-se dos “assinantes”, exceptuando o caso de deixar o país sem saldar seus compromissos.

ARTIGO XIX: “Todos os generos, mercadorias e quaisquer artigos de produção, manufactura, industria ou invenção nos dominios sujeitos a uma das Altas Partes Contratantes, serão recebidos nos portos do outro país nos termos de nação mais favorecida”.

ARTIGO XX: “A certos artigos vegetais ou productos no Brasil que são sujeitos aos direitos proibitivos nas colonias inglesas, são permitidos o armazenamento na Grã Bretanha para reexportação. “A não-admissão desses generos, que são principalmente açúcar e café, para o consumo no imperio britânico, é motivo de discussão. Não devia esperar-se que a Grã Bretanha quizesse sacrificar suas colonias para essa modificação em sua politica, particularmente quanto a um país onde esses artigos são produzidos com menores despesas que as realizadas nas colonias britannicas.

ARTIGO XXI: “Os generos produzidos nas Indias Ocidentais e Orientais Inglêsas podem ser sujeitos a direitos prohibitorios nos dominios de Portugal”. Os negociantes inglêses se podiam queixar desse artigo com a mesma razão que os portuguezes do antecedente. As situações especiais dos dois imperios exigiram ambos.

ARTIGO XXIII: “Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal desejando colocar o sistema do commercio, anunciado por esse Tratado, sobre bases mais extensas, tem o prazer de aproveitar a ocasião para publicar a determinação preconcebida no espirito de Sua Alteza Real de fazer Goa porto-franco, e permitir a livre tolerancia de todas as religiões nessa cidade e suas dependencias”. Essa é outro sintoma agradável da mudança politica.

ARTIGO XXV: “A Grã Bretanha mantem o direito que goza de crear feitorias e de incorporar associações de negociantes inglêses nos dominios portuguezes”. Esse privilegio é de grande importancia pela união que determina entre os negociantes dessa nação residentes no mesmo local. Interessando geralmente, essa medida era indispensavel peticionar ao Governo para tornar legal a corporação. Como quer que seja, a proteção foi bastantemente garantida no Tratado e constitue um beneficio a existencia desse privilegio. Podia ser odioso ou não necessario, e certamente pouco-coerente com as bases da reciprocidade em que o Tratado se ergueu.

ARTIGO XXVI: “Declara que as estipulações existentes relativas a admissão dos vinhos de Portugal na Grã Bretanha e dos tecidos da Grã Bretanha em Portugal permanecem inalteraveis” (12). Esse artigo continúa assim: — “Da mesma maneira é convencionado que os favores, privilegios e imunidades, garantidos por uma das partes contratantes aos suditos da outra, sejam por Tratados, Decretos ou Alvarás, deverão continuar inalteraveis” (13).

ARTIGO XXXII: E' convencionado e estipulado pelas Altas Partes Contratantes que o presente Tratado será ilimitado na duração, e que as obrigações e condições expressas ou implícitas deverão ser perpetuas e imutaveis, e que não deverão ser mudadas nem afetadas de maneira alguma, no caso de Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal, seus herdeiros e sucessores, estabelecerem a séde da monarquia portugueza nos dominios europeus da Corôa".

Assim o Brasil está aberto para sempre. Mesmo que o Governo estivesse inclinado, seria impossivel fechar os portos desse dominio ao comercio estrangeiro. Os beneficios que resultam dos negocios diretos com a Grã Bretanha, são demasiados sensiveis de maneira coletiva, pelo povo, para que se retorna ao velho sistema colonial.

As colonias inglesas na America do Norte deram o primeiro exemplo de libertarem-se da mãe-patria como se esperava do sentimento dos primeiros colonizadores. A tentativa foi feliz, mas ha razão de duvidar senão era mais vantajoso para elas proprias permanecerem por algum tempo sujeitas a Grã Bretanha, e se, na epoca da emancipação possuíssem razão idonea para viver com seus recursos. O espirito do seu governo e do seu povo suprimiram entretanto essa inconveniencia que seria o resultante dessa libertação prematura, e os Estados Unidos adiantaram-se com rapidez surpreendente, diria quasi sobrenatural, em riqueza e bem estar e subsequente respeito no quadro das nações. Essa mudança de situação não foi conseguida sem anos de miseria e de desolação.

As colonias espanholas fazem presentemente a mesma experiencia. Atravessam grandes miserias e sua situação está longe de ser decidida.

O Brasil, sob circunstancias muito especiais, obteve um governo proprio, e que muito provavelmente livrará

o país de miseria das revoluções. Se os governantes desse dominio imenso cumprirem seu dever; se agirem com prudencia, poderão evitar a desgraça desse povo pelo espaço de uma geração, que depois póde não mais advir. O governo muito fará antes que a população queira e deva ser satisfeita. Mas esse povo se habituou a submissão e será difficil aderir a uma mutação administrativa, a não ser que os prejuizos sejam de tal magnitude que o force ao transbordamento.

A reforma que, creio eu, reconciliará o povo, não é de execução difficil. Taxação judiciousa, diversa do sistema actual, é o primeiro quesito. Os artigos de primeira necessidade, como as provisões de todo o genero, são taxadas pesadamente, e o mesmo ocorre relativamente aos artigos mais importantes do commercio. Uma distribuição imparcial de justiça convinha ser providenciada, em segundo lugar. A abolição de todos os monopolios e do sistema de arrendamento dos impostos. A diminuição do poder dos magistrados civis e militares, mudança na maneira do recrutamento, supressão de grande numero de funcionarios civis e militares da administração, pela existencia dos quais as taxas ficam mais duras do que antigamente, os emolumentos aumentaram e o procedimento judicial se tornou difficil porque a responsabilidade está assim dividida. A má conduta de cada pessoa não justifica a atenção e o desregramento de muitas é demasiado vasto para que se possa reprimir.

A reforma da administração que levaria o país a um adiantamento geral consiste na abolição do trafico de escravos, tolerancia de todas as religiões, naturalisação de forasteiros, e possivelmente na instituição das assembléas legislativas e nas Côrtes Gerais.

Nos limites do assunto em que me prescrevi, penso firmemente que a reforma suggerida é compativel com os

recursos da Côrte, e absolutamente necessaria para a segurança da propria dinastia. E' preciso que essa mudança politica se processe gradualmente. O Governo não pode ir muito longe atualmente, e mesmo o povo não está preparado para a recepção dessas inovações que não concordam com seus habitos. E' uma marcha que abrangerá todo o país que está em estado de desenvolvimento muito avançado, e se as pessôas que estão colocadas á frente do Governo cumprirem seu dever, podem evitar as revoluções, pondo-se ao nivel das idéas do povo, atendendo sua progressiva evolução.

Tenho todas as esperanças de que a paz do Brasil continue. Tenho a certeza de que a devastação revolucionaria, os infotunios produzidos pelas convulsões politicas, podem ser afastadas, e que a tranquillidade geral e a bondade do povo do país, a sabedoria e a prudencia do seu Governo, se unirão num admiravel plano de continuidade na marcha em que todas as pessôas desejam seu bem-estar, concedendo o mesmo às outras, estabelecendo um imperio duradouro sobre as bases verdadeiras da perfeita confiança.

NOTAS AO CAPITULO XXI

(1) Koster ignorava o Decreto de 25 de Novembro de 1808. "Hei por bem que aos Estrangeiros residentes no Brasil se possam conceder Datas de terras por Sesmarias pela mesma forma, com que segundo as Minhas Reaes Ordens se concedem aos Meus Vassallos", com a Rubrica do Principe Regente N. S. (C).

(2) Se a CAMARA ou municipalidade de cada Vila tivesse a dignidade que devia ter, esse facto, sozinho, produziria muito zelo entre as altas classes do povo. (K).

(3) "Observações sobre o commercio franco no Brazil", p. 80. (K). Pelo author dos Principios do Direito Mercantil. Rio de Janeiro, na Impressão Regia, 1808-9, 3 partes em I volume, in-4.º, de 213 paginas. E' obra de José da Silva Lisboa (1756-1835), visconde de Cairú. Koster não conheceu outro livro interessante de Silva Lisboa, "Refutação das declamações contra o commercio inglez, extrahida de escriptores eminentes", na mesma Impressão Regia, 1810. (C).

(4) O Tratado de Amizade e Aliança foi assinado no Rio de Janeiro, a 19 de Fevereiro de 1810. O Plenipotenciario de Portugal foi d. Rodrigo de Souza Coutinho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, e pela Inglaterra *sir* Percy Clinton Sidney, Lord Strangford. O Tratado foi ratificado pelo Principe Regente a 26 do mesmo mez e ano e por Jorge III, Rei da Inglaterra, a 18 de junho de 1810. (C).

(5) Dom Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, faleceu no Rio de Janeiro a 26 de Janeiro de 1812. (C).

(6) Antonio de Araujo de Azevedo, Ministro e Secretario de Estado para os Negocios da Marinha e Ultra-Mar. Foi recentemente feito Conde da Barca. Diziam outrora que ele era partidario dos francezes. E' um verdadeiro patriota que se opõe a entrada de qualquer influencia indebita de um poder estrangeiro nos negocios do governo a que pertence. (K). *The Chevalier Araujo*, conde da Barca a 17 de Dezembro de 1815, nascera na Casa do Sá, Ponte do Lima, em Portugal, a 14 de Maio de 1754. Fôra ministro na Haia, Paris e S. Petersburgo. Faleceu no Rio de Janeiro a 21 de Junho de 1817. Oliveira Lima evoca-o excelentemente no seu classico "Dom João VI no Brasil". (C).

(7) O Tratado de Comercio e Navegação, assinado no mesmo 19 de Fevereiro de 1810, pelos mesmos Plenipotenciarios, foi ratificado por Dom João a 26 de Fevereiro, de 1810, e por Jorge III da Grã Bretanha a 13 de Junho do mesmo ano. Quando o Tratado de Amizade e Aliança contem apenas onze artigos, o de Comercio e Navegação possui trinta e quatro. Nesse 19 de Fevereiro de 1810, Linhares e Strangford assinaram uma "Convenção sobre o estabelecimento dos paquetes", que partiriam de Falmouth para o Rio de Janeiro, um por mez. (C).

(8) Esses argumentos têm um sabor de impertinencia. Podiamos perguntar. Pôde a Grã Bretanha interferir-nos na politica do Brasil? Que- reria a Grã Bretanha tomar o trabalho das negociações referentes aos regulamentos que o Brasil julgasse conveniente para melhor ordem e paz nos negocios internos, para deter com mais facilidade as pessoas indesejaveis? A verdade é que o Brasil não solicita cousa alguma na especie, e a Inglaterra não tem necessidade. Consequentemente, cada nação agiu de acordo com sua situação. (K).

(9) A Lei dos Estrangeiros causou irritação. Não devia todo o mundo conhecer o que se passara, para termos o proposito de proibir a entrada na Inglaterra de tantos espiritos inquietos que desolaram o continente europeu por longos anos, e alguns dos que haviam ajudado a queimar as cidades e aldeias de Portugal? Podia a Grã Bretanha mudar o seu plano de operações por algum poder na terra ou manter tudo quanto se combinara? Cada governo pautou suas ações segundo as circunstancias proprias. (K).

(10) Deve a Grã Bretanha deixar de construir navios porque o Brasil não o faz? Por que o Brasil não forma sua marinha? (K).

(11) Dois anos antes do Tratado, um Alvará de 4 de Maio de 1808 creara no Rio de Janeiro "hum Juiz Conservador para que processe e sentencie as causas, que pertencerem á mesma Nação, na forma que praticava o Juiz Conservador que havia em Lisboa." Motivou esse Alvará uma "representação do Consul da Nação Inglesa". Pelo artigo X do Tratado o Juiz era eleito pela colonia inglesa e seu nome levado pelo Embaixador da Grã Bretanha á Sua Alteza Real o Principe Regente que confirmava e tinha direito de remove-lo mediante requerimento de interessados. No Tratado de Amizade, Navegação e Comercio entre o Imperio do Brasil e o Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda, assinado no Rio de Janeiro a 17 de Agosto de 1827, sendo Plenipotenciarios pelo Brasil o Marquez de Queluz, Ministro dos Negocios Estrangeiros, Visconde de S. Leopoldo, Ministro dos Negocios

do Imperio, e o Marquez de Maceió, Ministro da Marinha, e pela Grã Bretanha o *Right Honourable* Robert Gordon, do Conselho Privado de Sua Majestade Britanica e seu Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario *at the Court of Brazil*, o artigo VI estatua que "tendo a Constituição do Imperio abolida todas as jurisdicções particulares, convem-se em que o lugar de Juiz Conservador da Nação Inglesa subsistirá só até que se estabeleça algum substituto satisfactorio em lugar daquela jurisdicção, etc." A Carta de Lei de 29 de Novembro de 1832, sancionado o Codigo do Processo Criminal da Primeira Instancia, não incluiu entre os órgãos funcionais o Juiz Conservador (art. 8). Honorio Hermeto Carneiro Leão, em "aviso" de 22 de Novembro de 1832, como Ministro da Justiça, informava ao seu colega dos Negocios Estrangeiros, Bento da Silva Lisboa, que a nomeação dos Juizes de Direito estabelecia a successão do Juiz Conservador da Nação Britanica, dando-o como extinto logo que o Codigo do Processo entrasse em execução, sendo ingleses e brasileiros julgados pelas mesmas entidades. Silva Lisboa respondeu a 28, achando o assunto melindroso, temendo má repercussão e opinando por uma "devida intelligencia com o governo inglês" a quem tudo ia comunicar. Oliveira Lima diz que a Grã Bretanha protestou, vêr nota a pagina 390, "Dom João VI no Brazil", vol. 1. Rio de Janeiro, 1908. "Collecção das Leis do Imperio do Brazil, desde a Independencia. 1832 e 1833. Volume IV. Ouro Preto Typografia de Silva, 1833, "Collecção das Leis do Imperio do Brazil, de 1827", Parte Primeira, Rio de Janeiro, Typografia Nacional, 1878. Ainda em junho de 1834 havia um Desembargador Juiz Conservador da Nação Britanica na Cidade da Baía, como se vê em um "aviso" do Ministro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, "Col. das Leis do Imperio do Brazil", 1834, Vol. V, p. 180. Ouro Preto (C).

(12) Não sei se é de boa politica dar essa preferencia aos vinhos de Portugal sobre todos os outros. Não é agradável que o povo da Grã Bretanha seja obrigado a beber os vinhos de Portugal, quando podia obter tipos superiores, se não existissem as restricções contra seu consumo. (K).

(13) Os privilegios gosados, desde muito tempo, pelos suditos ingleses nos dominios da Corôa de Portugal, são consideraveis. Dou esse exemplo, da forma mais concisa que me for possível. "D. João, pela graça de Deus Principe Regente de Portugal, etc. Que todos os meus Corregedores, etc., saibam que João Bevan declara ser negociante, residente nesta Cidade (Lisbôa, suponho), e sudito de Sua Majestade Britanica, e por consequencia competente para gosar todos os privilegios e imunidades que têm sido conferidas aos suditos britanicos, etc. Os negociantes podem livremente commerciar, contratar, comprar e vender em todos esses reinos e senhorios, etc., e quando se levantar alguma duvida relativa aos seus negocios será elucidada mais em seu favor do que em odio (I). Os suditos ingleses só poderão ser presos e guardados em custodia em suas proprias residencias, de acordo com sua classe social, ou no castelo de S. Jorge, e essas prisões não podem ser feitas pelos homens de vara e sim pelo Alcaide (II). São isentos do pagamento de certos direitos sobre artigos que possam provar ser do uso de suas familias. Não podem ser obrigados a ceder suas casas ou armazens contra sua vontade (III). Não serão obrigados a servir de tutor e são dispensados de certos impostos. Podem trazer armas offensivas e defensivas, de dia e de noite, com ou sem luz, tendo cuidado para não abusar desses direitos". (I) Mais em seu favor do que em odio — Que necessidade ha dessa expressão? Exige-se apenas imparcialidade. (II) Official de patente um pouco superior. (III) Um official do Governo pode expulsar um homem sem privilegios de sua casa, colocando as letras "P. R." sobre sua porta. Depois seguiam-se as penas de que serão passíveis os officiais que desrespeitarem esses privilegios. Os escreventes e servos dos ingleses gozam os mesmos privilegios até o numero de seis, exceto se forem espanhois. Os suditos ingleses não podem ser presos ou suas casas

varejadas sem uma ordem do seu juiz conservador. Vem depois algumas regras para tornar mais facéis os processos judiciaes. Não são sujeitos a jurisdição do Juiz de Orfãos e Ausentes (I). A copia dos privilegios, acima transcritos, foi extractada do original pertencente a John Bevan. Obtive-a em Pernambuco, a titulo de curiosidade. Se o estado do Brasil for examinado, esses privilegios são absolutamente necessarios para evitar oppressões, e mesmo o direito do porte, d'armas não é menos util porque, embora as leis proibam aos portuguezes carregar armas, sob penalidades severas, difficilmente um homem deixa sua casa, no Brasil, sem trazer qualquer especie de armas. E esse crime é cometido por tanta gente que não pode ser punido. (I). O funcionario em cujas mãos fica a propriedade dos orfãos e as pessoas que morreram sem herdeiros residentes no lugar. É difficil reclamar o que recaiu sob essa jurisdição. (K).

APENDICE

DOIS ESTUDOS DO DR. ARRUDA DA CAMARA RESUMIDOS E TRADUZIDOS POR HENRY KOSTER. NOTAS SOBRE O CAROÁ. CRAUATÁ DE RÊDE. ANANÁS MANSO. ANANÁS DE AGULHA. CAROATÁ-ASSÚ. COQUEIRO. ANINGA. TUCUM. MACAÍBA. CARRAPIXO. GUAXUMA DO MANGUE. EMBIRA BRANCA OU JANGADEIRA. EMBIRA VERMELHA. ABACATE. BACURI. BACABA. ABACAXI. PIQUI. BURITI. MARACUJÁ SUSPIRO. MANDAPUCA. COCO NAIÁ. MARANGABA. CARAPITAIA. BILROS. CANELA DO MATO. CATINGA BRANCA. CARNAÚBA OU CARNAÍBA. ANIL DE PERNAMBUCO. ANIL TREPADOR. PITOMBEIRA. IMBUZEIRO. PIRANGA. IPECACUANHA PRETA E BRANCA. UMARI. CONTRA-ERVA. ANGELIM. BATATA DE PURGA. MANGABEIRA. OITI COROIA, DA PRAIA E OITICICA. GENDIRIOBA OU ANDIROBA. CAROBAS. BARBATIMÃO. ALMÉCEGA.

Nos capitulos anteriores neste volume, disse eu que o dr. Manuel Arruda da Camara havia publicado em 1810, dois estudos no Rio de Janeiro. Um desses é intitulado: "Dissertação sobre as Plantas do Brasil de que se podem obter substancias fibrosas para os varios usos da sociedade, e para substituir o canhamo; pesquisa feita por ordem do Principe Regente". E o outro estudo se denomina: "Ensaio sobre a utilidade de estabelecer-se jardins nas principais provincias do Brasil, para o cultivo de novas plantas".

Mencionarei apenas os trechos que possam interessar aos leitores inglêses.

DISSERTAÇÃO

SECÇÃO PRIMEIRA

DAS PLANTAS FIBROSAS PROPRIAMENTE DITAS

CAROÁ, *Bromelia variegata*: Arrud. Cent. Plant. Pern. A descrição é extraída de minha Centuria dos generos e especies de novas plantas de Pernambuco.

Classe, Hexandria. Ordem, Monogynia. Divisão, flores completas. Caracter generico. Calice superior e trifido. Corola tripetalada, com escamas nectaríferas na base de cada petala. Fruto umbelado, a baga trilocular. Secção primeira: com flores desunidas ou separadas. Caracteres especificos: folhas ciliadas, espinhosas, barradas de traveções esbranquiçados e verdes. Caracteres naturais: Sem haste. Folhas radicais, em numero diminuto, de 3 a 7, de tres a seis pés de comprimento, acanaladas, revoltas e espinhosas, verdes no interior ou na face concava, e pintadas com trações alvacentos e verdes no exterior, ou superficie convexa. Flores. O ramo, dois pés de longo, flexivel e quasi espiralado, com escamas alternadas sem espinhos. Flecha simples, o pedunculo, ou haste das flores, curto. Bractees pequenas, folhas florais simples e ao pé de cada pedunculo. Calice monofilo com recortes obtusos, trifido, tubular, réto e permanente. Corola tripetala, tubular, purpurada, oblonga, obtusa, réta, com nectaríferas escamas na base. Do meio para o fim de cada petala ha um canal que contem um unico filamento de estame. O estame consiste em seis filamentos inseridos no receptaculo; tres desses são alternados nas petalas, opostos aos outros tres. Depois do ultimo, as bases descem ao longo das petalas e fixam-se no receptaculo. O pistilo consiste num só ponteiro filiforme, com estigma simples. O pericarpo, uma baga oval, pontuda e um tanto angulosa e um belada, quasi do volume de uma azeitona. A planta é encontrada nos Sertões de Pernambuco, Paraíba e Ceará, e principalmente no Sertão do Cariri de Fôra, e Pajaú, e nas margens do rio S. Francisco. Floresce nos mezes de Julho, Agosto e Setembro. Usos. As folhas dessa planta são compostas de dois segmentos, um exterior e convexo e outro interior e concavo. O primeiro é

mais compacto e duro, o segundo mais fino. Entre os dois encontra-se certa quantidade de fibras longitudinais, na mesma extensão das folhas, dentro de uma pólpa sumarenta. Essas fibras são resistentes e podiam dar cordas e tambem tecido grosso, se para tal fossem preparadas, o que se poderia fazer sem maior dificuldade porque a natureza a produz em quantidades enormes, sem qualquer ajuda de cultivacão. Os habitantes das margens do rio S. Francisco tecem as rêdes de pesca com essas fibras.

Ha dois processos para obter-se a fibra do Caroá. Primeiro, separando a folha da planta, o que se faz facilmente, cava-se com uma faca todo o lado convexo, e arranca-se, com a outra mão, as fibras, usando a força necessaria. Produz essa operação quantidades do liquido vegetal que ensópa a pólpa. Por essa razão esse metodo de trabalhar é denominado *ensuar o caroá*, fazer suar o caroá. A fibra extraída é verde e é preciso lava-la para limpar. Segundo: As folhas são arrancadas da planta, amarradas em feixes e mergulhadas n'agua onde permanecem durante o espaço de quatro a cinco dias, depois do que são batidas em feixes, porque os martelos ou malhos cortam as fibras. Essa operação não é sufficiente para separar as fibras da pólpa, sendo necessario reata-las em molhos e remergulha-las n'agua por dois ou mais dias, depois batê-las, voltando uma terceira vez para agua. Terminado o processo, obtêm-se fibras limpas e é de obrigação torce-las e trança-las para que não se embaracem.

Observei que, batendo as folhas, quebrando-as antes de coloca-las n'agua, o labor é muito diminuído, assim como a maceraçãõ nas aguas estagnadas produz o desejado efeito em muito menos tempo do que nas aguas correntes. Examinando-se as fibras obtidas pelos processos acima mencionados, verifica-se que as preparadas pelo primeiro processo são mais fortes que as segundas, mas exige maior esforço. Nenhuma diferença seria encontrada se a fibra fosse batida antes de ser pósta n'agua, porque esse processo ativaría a maceraçãõ. Essas fibras, como todas as demais, são sujeitas a apodrecer se permanecem muito tempo n'agua.

A despesa para obtençãõ desse material pelo primeiro processo não pode ser calculada com exatidãõ porque depende inteiramente da habilidade das pessoas empregadas na obra, a qual exige pratica e habilitaçãõ. Comprei por 1.200 reis a arroba de 32 libras, ou a 2 ½ *per lb.*

Não é necessario cultivar essa planta. Muitas leguas de terra estão cobertas com ela, e ha lugares em que são completamente espessas, impedindo mesmo o transito. Ocorre isso em diversas partes do Curimataú (1) e Cariri de Fôra, ambos na Capitania da Paraíba.

Nesses lugares aconselharia o estabelecimento de manufacturas, para a extração da fibra, porque não estão distanciados da costa e as estradas são boas, podendo o produto ser transportado em carroças e carros. Não obstante o Caroa ser numeroso, leguas e leguas recobertas com essa planta têm sido devastadas pelo fogo desencadeado anualmente por pessoas perversas, caçadoras e proprietarios, como notou Arruda. E' provavel que os terrenos onde vive o Caroa terminem destruídos se o Governo não tomar as providencias para coibir a continuacão de tais praticas, decretando penalidades contra os incendiarios de tão preciosas plantas (2).

CRAUATÁ DE REDE Bromelia. Sagenaria, Arrud. Cent. Plan. Pern. A descripção é extraída da minha centuria de generos e especies de plantas novas de Pernambuco. Classe. Hexandria. Ordem, Monogynia. Divisão, flores completas. Caracteres gerais: calice superior e trifido. Corola tripetala, com escamas nectaríferas na base de cada petala. Fruto em umbela, baga trilocular. Seccão segunda: com flores unidas pelos receptaculos ou bagas reunidas em uma. Caracteres especificos: folhas radicais, ciliciadas, dentadas, as bagas unidas num fruto piramidal; bractees longas, imbricadas, cobrindo o fruto. Caracter natural: não tem haste. Folhas radicais e longas, de 3 a 9 pés de extensão, de uma a uma e meia polegadas de largura, acanaladas, os bordos espinhosos, ciliciados, coloridas de cinzento na parte convexa e verde na concava. Flores: o talo é de um pé a um pé e meio de comprimento. folhas alternas, flores duma purpura azulada, com os receptaculos unidos. Calice monofilo, com dentadura obtusa, trifido, reto, corola tripetalada, tubular, direita, obtusa, azul, cada petala com escamas nectaríferas na base. Estames são seis filamentos filiformes, tres alternados e tres contrarios, fixados no receptaculo, e em antéras oblongas e biloculares. O pistilo consiste em um estilête filiforme com um só estigma. Pericarpo: baga trilocular, unida pelos lados de outras bagas, formando juntas um fruto piramidiforme, coberto tendo bractees longas sobrepostas. Os caroços são do tamanho de um grão de milho, e faxeados.

Essa planta é encontrada na costa de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande e não se estende para o interior mais de dez ou doze leguas. É comumente chamada CRAUATÁ DE REDE ou apenas CRAUATÁ, porque os moradores das regiões onde ela cresce, fazem de suas fibras as rédes de pesca. Floresce em Julho e Agosto.

Esta especie de bromelia é nova e seu fruto é semelhante ao da "bromelia ananás", sendo um tanto menor; as bagas têm menos sumo e de sabor desagradavel; as bracteas têm polegadas de comprimento, rétas, e postas uma sobre as outras, a maneira das têlhas, até recobrir toda a superficie do fruto. Tirei seu nome especifico de "Sagenaria", da circumstancia das suas fibras serem empregadas pelos pescadores para o fabrico das rédes.

A fibra dessa planta varia em tamanho, indo de tres a oito pés, de acordo com a maior ou menor fertilidade do solo. Nos terrenos sêcos é curta, fina e macia. Nas terras fortes é longa, mais resistente e aspera. Sua resistencia é grande, como o seguinte factó demonstra. No cáis da cidade da Paraíba ha uma corda feita com essa fibra, em uso ha muitos anos, para o embarque dos sacos (de mercadorias manufacturadas, supponho) e caixas de açúcar. Com a mesma corda suspenderam as ancoras de um navio de guerra que haviam sido deixadas na Paraíba pela charrua "Agua". Eram destinadas à Baía e não foi possivel suste-las com cabos de canhamo de grande diametro.

É com dificuldade que essa especie de fibra se torna alva no processo comum de alvejar. Explica-se por um certo verniz natural (se o posso chamar dessa forma) que lhe recobre a superficie. Ela não apodrece tão facilmente como os outros tipos de fibra quando mergulhada n'agua. Por essa particularidade é que os pescadores a preferem para suas rédes, mas, não obstante o verniz natural de suas partes coloridas, os pescadores aumentam-lhe a resistencia n'agua, carbonizando (se assim me posso expressar) os fios das rédes com os adstringentes obtidos de varias plantas, como as cascas da "arocira" e da "coipuna", e para esse fim as rédes são medidas por algum tempo numa infusão dessas cascas como se pratica para taninar.

Segundo as qualidades possuídas, das quais acabo de falar, persuadi-me que essa fibra se prestará muito bem para o fabrico de cabos e cordas amostras do tecido e um par de

meias que nesse momento envio aos Ministros, indicam as possibilidades da fabricação de pano de vélas e mesmo tecidos finos se forem empregados melhoramentos na maneira da preparação, inteiramente esquecidos na presente época.

A folha dessa planta se compõe de duas placas linhosas, uma convexa e outra concava e uma quantidade de fibras longitudinais inseridas de permeio, unidas pelo sumo feculento, mas suficientemente presas para que só possam ser desagregadas a mão, por esse motivo a unica maneira de extrai-las é pela maceração. Essa planta é arrancada por meio de um pau forcado, o que se chama "*desbancar*". As folhas são separadas da haste, retirando-se-lhe os espinhos com uma faca nos bordos. As folhas assim preparadas são postas n'agua por uns quinze dias. A maceração é reconhecida como completa quando a pele e a casca linhosa das folhas estão bastante moles para que possam ser furadas pela unha. Retiram-se as folhas d'agua, uma por uma, e abertas pela base até que apareçam as fibras. A casca de cada superficie é segura por uma das mãos afim de que com a outra possam arrancar as fibras, e apesar disso outras substancias são trazidas de meio com elas. Para limpa-las, devem trança-las e mergulha-las outra vez por um dia, batidas com malhos sobre um banco, repetindo-se a maceração e a batidura até que as fibras alvejem. Paguei por uma arroba 1.920 reis, ou 4 *d per lb*. Mas o preço usual com que são compradas é de 120 a 160 reis, ou 8 *d*, a 10 $\frac{1}{2}$ *per lb*.

ANANÁS MANSO. Bromelia Ananas. Classe, Hexandria. Ordem, Monogynia. Divisão, flores completas.

O uso do ananás em nossas mesas é tão comum que a seu respeito é desnecessario falar, portanto farei menção unicamente das propriedades fibrosas de suas folhas e sua applicação. Fiz essa descoberta em 1801, quando recebêra a Real Ordem de pesquisar as qualidades fibrosas das plantas indigenas. Encontrei, comparando a fibra dessa planta com todas as outras, que ela é mais forte e mais fina, prestando-se para a fabricação de tecidos de qualidade superior. Tirei as folhas de duas dessas plantas, pezando 14 libras, bati-as com malhos, lavando depois as porções batidas, e obtive pouco mais de uma quarta de fio. Essa operação demorou nove horas mas foi feita por um só homem. E' alvejado com a maior facilidade. O Ananás é produzido em quasi todos os tipos de terra. Nasce em terreno arenoso e mais florescerá nos argilosos. O

sol não o destrói. Não é afetado pelas chuvas nem atacado pelos insetos. Cada vergonteia se multiplica tão grandemente que, em pouco tempo, o espaço que havia, de primeiro, entre cada planta, fica recoberto. Depois de plantado o ananás, poucos são os cuidados que se requerem para sua existência. Vi algumas que duravam ha seis anos sem necessidade de replantio. Faz-se uma excelente bebida pela fermentação (3).

ANANÁS DE AGULHA, *Bromelia muricata*; Arrud. Cent. Plant. Dei a descrição dessa planta na minha primeira centuria. Não a descrevo aqui porque não fiz experiências mas suspeito que possui qualidades fibrosas. O fruto semelha ao do Ananás Manso e o do Crauatá de Rêde, sendo as diferenças essenciais, ter em vez das bracteas espinhos de tres e meia polegadas de comprimento, levantados na direção do fruto, de forma que, defendido por esses espinhos, só pode ser colhido com muitas precauções. Dessa peculiaridade retirei o nome proprio para a especie.

CAROATÁ, *Bromelia Karatas*, Linneu. A pequena importancia que a fibra dessa planta pôde merecer, torna desnecessario que lhe dê uma informação minuciosa. As folhas têm de 8 a 10 pés de longo, e dão grande quantidade de fibras, mas não são resistentes, podendo ser applicadas nos usos mais ordinarios.

CAROATÁ-ASSU ou PITEIRA, *Agave vivipara*, Linneu, *Syst. Veg.* Classe, Hexandria. Ordem, Monogynia. Os unicos usos atualmente empregados por essa planta, são os seguintes: A medula esponjosa possui a propriedade de queimar lentamente sem extinguir-se; os moradores têm o habito de pô-la ao lume quando desejam que esse dure por muito tempo. As cercas são feitas com ela, plantando os bulbos, ou hastes tenras, que rapidamente renascem. Piso escreveu: *ex foliis hujus plantæ optimus pannus conficitur, qui si rite præparetur, panno lino excedit; folia stupam quoque et filiosam materiam suppeditants, ex qua fila er retia sua contextunt piscatores.* Daí pode inferir-se que os Holandêses melhor do que nós souberam tirar vantagem das produções naturais do país. Ainda atualmente os pescadores não usam as fibras dessa planta para suas rêdes, substituindo o Crauatá de Rêde. O unico emprego dão a essa fibra do Agave é fazer cordas com ela, que os Frades da Ordem Terceira de S. Francisco chamam comumente de "Jesus", e as amarram ao redor da cintura. A fibra é obtida pela maceração mas as folhas devem ser primeiramente batidas e depois postas n'agua (4).

COQUEIRO, Cocos Nucifera. Linneu, *Syst, Veget.* O oleo que se obtem da polpa do fruto é facilmente separado da mucilagem por meio do fogo. Trinta e dois cocos produziram 17 libras de polpa oleosa, que me deram tres libras de oleo puro. E' indicado para outros usos alem da mesa, servindo para a iluminação e, misturando com soda, produz um bom sabão, forte e branco. Um cento de Cocos dá uma canada de oleo, das *canadas* de Pernambuco. Custando cada coco 10 réis, a *canada* pode ser obtida por 1.280 réis, ou 7 s, 1 $\frac{1}{4}$ d. Da fibra da casca do coco, que é chamada *cairo* (5), pode-se fazer todos os tipos de cordagem e mesmo fabricar-se cabos. O unico processo para retirar-se a fibra da casca do côco é batê-la e macera-la. Antes de mergulhar a casca n'agua é preciso martela-lo para afrouxar a textura, principalmente o da camada externa que é compacto e resistente, e desta maneira a agua poder penetrar sem dificuldade. Depois dessa primeira operação, deixam-na ficar uns tres ou quatro dias de infusão, para logo ser batida, e assim continuar-se até a separação total. E' preciso ter-se grande cuidado com a casca do côco não secar porque, como observei, quando tal acontece, a fecula linhosa ou a polpa esponjosa, que se encontra entremeada nas fibras, adere a estas com mais força. Notei igualmente que, quando a casca foi retirada recentemente ao côco, a fibra é arrancada com muito maior facilidade, do que quando ha muito tempo (6).

As cascas de 40 côcos renderam-me seis libras de "cairo". O produto anual dos coqueirais de Itamaracá é de 360.000 côcos, mais ou menos, que, segundo os calculos são capazes de dar 1.680 arrobas de "cairo" preparado. A ilha de Itamaracá tem tres leguas de extensão. Somente a costa é plantada de coqueiros e se esses produzem tanto, quanto não poderiam render os coqueirais que se estendem ao longo do litoral, desde o rio S. Francisco à barra de Mamanguape, numa distancia de 94 leguas, toda cultivada de coqueiros? (7).

ANINGA, Arum liniferum. Arrud. Cent. Plant. Pern. Classe, Monoecia. Ordem, Polyandria (8). Caracteres gerais, espata monofila, cuculea, grande, Spadice curto, menor que a espata. Espata simples maciça, despida até final. Na base estão as flores femininas e no meio as masculinas. Caracter especifico: Haste arborea, folhas sagitadas, com um pé de comprido, peciolos com dois pés de extensão. Caracter natural: haste de 6 a 8 pés de tamanho, dois ou tres de diametro, reta, cilindrica, de côr verde, marcada pelas escáras das folhas que cáem. A substancia é esponjosa, mole e sumarenta, e nessa substancia estão numerosas fibras longitudinais, longas e grossas como fios de cauda dos cavalos. Ramos

são raros. As folhas têm pouco mais de um pé de comprimento e a mesma dimensão na base, sagitada, simples, coriacea. Pecíolos amplexicaules, com dois pés, canalados, da base para o meio donde o canal finda num apêndice de 23 polegadas.

O restante é cilíndrico. Flores, axilares, solitárias. Calice de espata longa quanto o spadice. O spadice com quasi um pé de comprimento. Numerosos estames. O pericarpo com muitas bagas na base do spadice.

A planta é encontrada em Pernambuco e nasce nos pantanos tão exuberantemente que os cobre com seu volume.

A substancia da haste da planta é esponjosa e cheia de um liquido acido que ataca os metais, sendo por esse motivo utilizado pelos moradores para limpar suas facas e espingardas etc. E' esse o unico emprego que dão até agora a essa planta mas, pelas experiencias que fiz, persuado-me de que ela prestará grandes serviços no fabrico de cordagem de alta resistencia. Com as fibras estão colocadas longitudinalmente na polpa e fracamente aí fixadas, a operação para retira-las e lava-las será facil. Não fiz experiência alguma sobre a durabilidade dessas cordas.

TUCUM. Esse é o nome dado a uma especie de palmeira mas não pude saber ao certo a que genero pertence. Piso fala a respeito e dá uma má gravura e pior descrição. Manuel Ferreira da Camara, na sua "DESCRIPÇÃO FISICA DA COMARCA DE ILHEUS" (9) exagera a utilidade da fibra dessa planta. Tentei obter a fibra das folhas secas, ou no vocabulario matuto, *suado*. Segurei com a mão esquerda a ponta da folha e, com a direita puxei-a para baixo, dobrando-a como se a quizesse quebrar, fazendo força. Depois de quebrada, ficaram-se na mão esquerda algumas fibras que se haviam soltado da superficie interna da folha. Notei que esse não era o meio indicado por uma pessoa que não seria capaz de obter mais de uma oitava de libra no curso de um dia. Recorri então a maceração, mas esse processo também não provou satisfatorio porque encontrei, ao cabo de oito dias, as folhas e as fibras apodrecidas. Outras especies de palmeiras são vistas em grande numero, formando bosques de muitas leguas, como a CARNAÚBA, a "palmeira" propriamente dita, o URICURI, e o CATOLÉ, etc., mas o TUCUM e outra especie chamada MAIARÁ crescem á sombra dos bosques onde vivem muito dispersas, cada arvore afastada da outra. O TUCUM tem poucas folhas e é uma fragil palmeira de 5 a 6 polegadas de diametro com 12 a 16 pés de comprimento (10).

MACAÍBA ou MACAÚBA, *Cocos ventricosa*, Arrud. Cent. Plant. Pern. A descrição é tirada da minha centuria de generos e especies de plantas novas de Pernambuco. Classe, Monoecia. Ordem, Hexandria. Character generico; espata simples, espadice ramoso. Flor masculina; calice trifido, perianto. Corola tripetalada, seis estames, germen despojado. Flor femea; calice trifido, tres estigmas, fruto em forma de drupa. Character especifico; haste aculeada, barriguda, folhas penadas, pequenas folhas ensiformes, replicativas. Caracteres naturais; haste com 30 pés de comprimento, barriguda, armada com espinhos acerados dispostos circularmente. Flores, espata monofila, lanceolada, concava, ampla. Espadices divididos em muitos espigões. As flores femininas em baixo, as masculinas por cima, reunidas onde são fixadas em cortes transversos no pedunculo comum. Calice, perianto de tres peças lineares, pequeninas, alternadas com as petalas da corola. Corola, tripetalada, oblonga, concava, pontuda, amarela. Estames consistem em seis filamentos filiformes ao longo da corola e de antéras deitadas e oblongas. Pistilo estilête espesso, sem estigmas, esteril. Flores femeas. Calice pequeno, esbranquiçado, monofilo, trifido irregular, permanente. Corola trípetala arredondada, os lados imbricados e reunidos pelo meio ao nectario. Nectario, corola monofila, que guarnece e se une dentro da base das petalas. Não ha estames. Pistilo consiste num gomo redondo, curtissimo estilête e tres estigmas simples. Pericarpo, drupa redonda, do tamanho de um grande "jambo" ou maçã comum, amarelado. Consiste uma casca exterior, lenhosa, fruta ossea, amendoa oleosa e uma camada de polpa amarela, oleosa. Essa planta é encontrada em Pernambuco e noutras partes do Brasil.

A polpa oleosa do fruto e da amendoa do carôço interno é comestivel e vende-se nos mercados. A parte barriguda, ou do meio da haste, contem a fecula que se extráe nas epocas das sêcas e comem-na, preparada de varias maneiras. A folha encerra uma fibra fina e forte, parecida com a folha do TUCUM mas, como essa, difficil de obter-se sêca ou *suado*, e impossivel de te-la pela macceração, como experimentei como fizéa com o Tucum. E' uma nova especie, e, como o meio da planta é muito mais avantajado que as extremidades, dei-lhe o nome especifico de *cocos ventricose*. Por algum tempo vaciei em coloca-lo nesse genero ou não, por causa do seu nectario monopetalo, guardados e unidos as petalas dentro da corola. As flores femininas como tambem as masculinas são fixadas em côrtes transversais no espigão ou comum pedunculo. As flores femininas são solitarias, isto é, cada uma no seu côrte. As flores masculinas são de duas em duas (11).

São essas plantas fibrosas mais importantes do Brasil. E' evidente que, entre as que mencionei, apenas quatro poderão ser empregadas vantajosamente para cordas. O CAROÁ (*Bromelia variegata*), o CRAUATÁ DE RÊDE (*Bromelia sagenaria*), o CAROATÁ-AÇÚ (*Agave vivipara*) e a fibra da casca do côco da praia, "cocos nucifera". Sua barateza, a facilidade com que podem ser preparadas, tornam essas fibras de decisiva importancia. A fibra da folha do Tucum, que tanto se tem gabado, a da Macaiba, e a do Dendezeiro (outra palmeira) não podem ser de serventia geral para a sociedade e é preciso muito trabalho para faze-las proprias para o uso dos navios, não somente pela dificuldade em obte-las como por outras circunstancias.

SECÇÃO SEGUNDA

CARRAPIXO, *Urena Sinuata*, Linneu, *Syst. Veget.*, edit. 14. Classe Monodelfia. Ordem Poliandria. A casca dessa planta é separada facilmente por meio da maceração durante uns quinze dias, e com elas fazem cordas e outros usos, e mesmo não sendo muito fortes, são extremamente estimadas para o fabrico das rêdes. Quando o processo da maceração é feito n'agua cristalina a fibra se torna lindamente alva. Essa planta não é cultivada e nos arredores de Paratibe cresce espontaneamente em tamanha quantidade que os moradores dessa povoação a arrancam para vendê-la. Ouvei dizer que ela vive abundantemente no Rio de Janeiro onde é conhecida sob a denominação de *guaxuma*. O nome de *carrapixo* é dado em Pernambuco a outras plantas cujas sementes se prendem em quem as tóca, por meio de orelhas espinhentas de que são ornadas. Por essa razão a planta de que trato é às vezes chamada *carrapixinho* para distingui-la.

GUAXUMA DO MANGUE, *Hibiscus Pernarnbucensis*, Arrud, Cent. Plan. Pern. Classe, Monodelfia. Ordem, Poliandria. Caracter geral. Calice duplo, o exterior dividido em varios segmentos, o interior em cinco segmentos, campanulado. Capsula quinquelocular. Muitas sementes. Caracter especifico. Folhas cordiformes, inteiras, estame com fruto, calice exterior monofilo, tendo oito dentaduras. Caracter natural, estame de seis pés e mais, casca preta, poucos galhos. Folhas cordiformes, arredondadas, acuminadas, inteiras, peciolos cilindrals. Estipulas deciduas, agudas. Flores, grandes, amarelas, parecendo as do algodoeiro, axilares e terminais; cada pedunculo de uma duas e tres flores. Calice duplo, permanente, o exterior monofilo, com oito dentaduras, agudo, o

interior monofilo, campanulado, dividido em cinco segmentos, agudos e longos. Corola pentapétala, amarela, as pétalas sustentam a coluna estaminífera pela base. Estames numerosos, fixados na coluna estaminífera por filamentos tubulares, anteras redondas, Pistilo consiste em uma baga oval, acuminada; um estilo, do tamanho da coluna dos estames, erecto, com quatro ou cinco estigmas separados. Pericarpo com capsula de quasi uma polegada de longo, pentangular e quinque-locular, encerrado no calice que se dilata muito depois da fecundação.

Essa planta é encontrada em Pernambuco nos lugares proximos ao mar, arredores da agua salgada e principalmente nas margens dos rios Goiana e Paraíba. Encontrai-lhes florando e frutificando nos mezes de Fevereiro e Março.

As pessoas que pescam caranguejos amarram uns aos outros com a casca dessa planta e é esse o emprego unico em que é applicada. Poderiam fazer cordagem com a casca interna, como se pratica noutras partes da America com o *hibiscus populneus*, e tambem o *hibiscus tiliaceus* é empregado na Cayenne para fabrico de cordas.

EMBIIRA BRANCA OU JANGADEIRA, *Apeiba Cimbalaria*, Arrud. Cent. Plant. Pern. Classe, Poliandria. Ordem, Monoginia. Character geral. Calice, monofilo, trifido. Pericarpo uma capsula decem-locular, coberta de espigões ou espinhos, deprimida, abrindo apenas para o lado de baixo. Character especifico. Estame de 20 a 30 pés de longo, de um a um e meio pés de diametro. Folhas ovais, lanceolatas, cordiformes, reticuladas, verdes e unidas em cima, cobertas de pêlos que são, na parte inferior, cõr de cobre. Estames monodelfico. A planta é encontrada em Pernambuco, abundando nas matas virgens. Floresce de Agosto a Outubro. A madeira dessa arvore não é compacta, e sua gravidade especifica é menor que a da agua, da qual, raramente se satura. Os moradores da costa empregam-na para construir jangadas, tres ou quatro paus dessas arvore, reunidos, são ligados um ao outro (12). A casca dessa arvore é fibrosa e fazem grande quantidade de cordas para os usos habituais do país.

Marcgraff chama-a *Apeiba*, e Aublet adotou o mesmo nome quando fixou o genero dessas tres especies descritas por ele na Guiana, e supõe que a especie *tiborbu* é o mesmo que Marcgraff fala em Pernambuco. Elas se parecem certamente mas o que imagino ser uma variedade é porque a altura da arvore só atinge ali oito a nove pés e aqui excede a 20 pés. Essa tem menos pêlos nas folhas, o trançado de sêda nos bordos não é tão largo e ha mesmo diferenças na forma; os estames são claramente mo-

nodelficos. Essa ultima circumstancia inclina-me a denomina-la *Apeiba monodelpha*, mas o uso em que a madeira é applicada na construção de jangadas, decidem-se a chama-la *cimbalaria*.

EMBIIRA VERMELHA, *Unona carminativa*. Arrud. Cent. Plant. Pern. Essa planta tem uma casca vermelha, fibrosa, tão empregada na manufactura da cordagem como a Embira Branca, mas a casca não permite colheita porque essa arvore produz sementes cujas capsulas têm o sabor acre e pungente da pimenta negra. Muitas pessoas a usam como tempêro alimentar, preferindo-a à pimenta. E' tambem carminativa. Tirando-se a casca, a arvore morre. As sementes merecem figurar como artigo no commercio das especiarias (13).

Omiti grande numero de plantas que possuem qualidades fibrosas, para que essa Dissertação não se prolongasse demasiado. Algumas têm pouco uso e outras nenhuma applicação possuem. Mencionarei, entretanto, a GUAXUMA BRANCA DA MATA (*helicteras baruensis*), cuja casca interna é branca e resistente, mas sendo molhada apodrece e se quebra. Creio, todavia, que se prestaria para o fabrico do papel. A BARRIGUDA OU SUMAÚMA (*bombax ventricosa*, Arrud. Cent. Plant. Pern), planta do Sertão denominada EMBIRATANHA, que chamei *bombax mediterranea*, tambem oferecem cascas fibrosas mas não são usadas. Toda a especie *anona* (chamada comumente *araticum*) produz fibras, e a planta que a fornece mais forte e duravel fibra é o *araticum a pé*. A corda com que a bandeira do Forte Cabedelo, na Paraíba, é ligada, foi feita com a casca dessa planta e ha bastante anos que está em uso. Finalmente, todas as plantas dos generos *hibiscus*, *sidas*, *altheas*, e em geral todas as malvas, dão fibras de maior ou menor resistencia. As *embiras* (*lecythis*) fornece felpas, e embora não possa ter applicação no fabrico da cordagem, é de grande uso na calafetação.

ENSAIO SOBRE A UTILIDADE DE ESTABELE- CER JARDINS NAS PRINCIPAIS PROVINCIAS DO BRASIL

A primeira parte desse ensaio trata das vantagens da instalação no Brasil dos Reais Jardins Botânicos. A segunda parte contem a lista das plantas que seria conveniente transplantar de outras regiões do globo para o Brasil, e de uma para outra parte

no Brasil. Traduzirei somente os trechos que, na segunda parte, se referiram às plantas do Brasil.

PLANTAS DO PARÁ E MARANHÃO

Cravo do Maranhão, *Myrtus caryophyllata*.

Pixurí.

ABACATE, *Laurus Persea*: O fruto dessa arvore contem uma substancia amanteigada, verdadeiramente agradável. Ha duas especies ou variedades, uma dessas distinguida pelo nome de Cayenne.

BACURÍ, *Moronobea esculenta*. Essa arvore cresce a grande altura e seu corpo é sem galhos, formando no topo uma vasta copa. O fruto é quasi do tamanho da laranja, mas é oval e contem 23 caroços cobertos por uma polpa branca, de sabor agradável, doce e algo acida. Em Pernambuco encontra-se outra especie do mesmo genero, crescendo nos pantanos, conhecida vulgarmente por *gulandim*. Fazendo-se uma incisão no tronco, escorre um sumo esbranquiçado que me pareceu resinoso e possivelmente applicavel n'alguns usos. Ambas as especies estão descritas na minha Centuria de novos generos e especies de plantas de Pernambuco.

BACABA, *Areca bacaba*, Arrud. Cent. Plant. Pern. Essa palmeira é uma especie de *areca oleracea*, produzindo às vezes grandes frutos. O fruto é coberto por uma polpa mucilaginoso, da qual os habitantes da região fazem uma bebida excelente, denominada *bacabada* ou *ticuara de bacabas*.

ABACAXI, Bromelia. Ha tres variedades de *ananás* no Maranhão, chamadas *abacaxi*. Uma tem o fruto branco e as folhas não são em forma de serra. Noutra, o fruto é de côr purpura, com folhas espinhosas. Não vi a terceira. Levei as duas primeiras variedades para Pernambuco onde as plantei e se vão tornando comuns, reenviadas, por pessoas interessadas, para as demais provincias. Seu sabor é superior ao das especies que conheciamos ha longo tempo.

MARACUJÁ MAMÃO, *Passiflora Alata*.

PLANTAS DO CEARÁ

PIQUI, *Acantacaryx Pinguis*, Arrud, Cent. Plant. Pern. Essa planta produz abundantes frutos do tamanho de uma laranja, de polpa oleosa e feculenta, muito nutritiva. E' a delicia para os

moradores do Ceará e Piauí. A arvore atinge a altura de cinquenta pés, com grossura proporcional. Sua madeira é tão boa qualidade para a construção naval quanto a da *cicopira*. Cresce muito bem nos terrenos arenosos chamados em Pernambuco *taboleiros* e no Piauí *chapadas*, sendo muitissimo vantajoso o seu cultivo nos "taboleiros" que bordam o litoral e que estão presentemente inuteis. Presta grande auxilio ao povo das epochas de sêca e de fome.

BURITI, *An Borassus?* Essa especie de palmeira é uma das maiores e das mais bonitas arvores. Cresce somente nos pantanos e nos paues. O fruto é do volume de um ovo de galinha, e de forma identica, tendo uma côr vermelha no tempo da maturação e recoberto de escamas em espiral. Sob as escamas encontra-se uma camada de polpa oleosa, da mesma côr vermelha, da qual os moradores do Piauí fazem uma emulsão, misturando-a com açucar, fica uma bebida substancial, de sabor nada desagradavel. Quando se bebe com excesso, a côr do fruto se comunica à superficie da pele e ao branco dos olhos, produzindo uma apparencia de ictericia, sem contudo causar algum mal à saúde.

MARACUJÁ SUSPIRO, *Passiflora*. E' um dos frutos mais delicados e saborosos do genero. Chamam-no "suspiro" porque pôde ser deglutido de uma só vez, deixando no paladar um esquisito sabor e um perfume doce. E' encontrado na Serra de Beruoca e nas margens do Acaraçú (14).

MANDAPUCA, *Mirtus Scabra*. Arrud. Cent. Plant. Pern.

COCO NAIÁ, grande palmeira que é encontrada com abundancia no Cariri Novo e Piauí. A noz contem tres ou quatro sementes de onde se extrái o oleo, aplicado em varios fins como o do *cocos nucifera*. A noz é coberta por uma substancia feculenta e nutritiva, oferecendo auxilio valioso nas epochas de penuria. Dessa fecula fazem uma sôpa ou *angú*, como o chamam, que é temperado pela emulsão ou oleo obtido da amendoa do mesmo fruto. O miôlo da extremidade dessa palmeira é uma substancia branca, tenra, sucôsa, adocicada, agradavel ao paladar, inocente mesmo que seja comida crúa. Sendo fervida com carne, o sabor não difere do alimento mas é mais rija. Retirando-se-lhe a parte de sacarina por meio da ebulição fica capaz de ser preparada e dar iguarias excellentes, como a *areca oleracea*. Essa applicação devem-na os moradores locais ao meu exemplo. O mesmo podia ser praticado com a palmeira *pindoba* ("cocos butiroza", Lin.) muito comum em Pernambuco. Para esse fim não era necessario abater as grandes arvores mas simplesmente as que tivessem atingido uma altura de dez a quinze pés (15).

MARANGABA, *Psidium Pigmeum*, Arrud. Cent. Plant. Pern. E' uma especie de *goiaba* que não se eleva mais de dois ou tres pés de altura. E' abundante na chapada da Serra do Araripe do Cariri Novo (16).

PLANTAS DE PERNAMBUCO

CARAPITAIA, *Carlotea formosissima*, Arrud. Cent. Plant. Pern.

BILROS, *Carlotea Speciosa*, Arrud. Cent. Plant. Pern.

As duas especies desse novo genero dediquei a Sua Alteza Real a Princesa do Brasil. As raizes dessas plantas são tuberosas, abundantes de uma fecula nutritiva e mole que, é de grande auxilio para o povo do Sertão do Pajaú no tempo das sêcas. Essas plantas merecem cultivacão não somente pela sua utilidade, mas pelos fins ornamentais para jardins. Suas flores são umbeladas, carmezin, verdadeiramente lindas.

CANELA DO MATO, *Linharea aromatica*, Arrud. Cent. Plant. Pern.

CATINGA BRANCA, *Linharea tinctoria*, Arrud. Cent. Plan. Pern. Na primeira dessas plantas as folhas e casca têm um perfume agradável, lembrando o dos cravos. Não é usada e a desconhecem. Fiz uso dessas folhas e cascas, distilando-as e obtive um licor saboroso. Aprendi pela experiencia que o extrato das folhas não é apenas grato ao paladar e ao olfato, mas tambem fortalece ao estomago. E' encontrada com abundancia nos "taboleiros" das Capitancias da Paraíba e Ceará, e margens do Pinhancó e os vi igualmente no Piauí (17).

A segunda dessas plantas é um arbusto que cresce abundantemente nas abas das serras e nas margens dos riachos do Sertão de Pernambuco, Paraíba e Ceará. Sendo fervida produz uma côr amarela que é suficientemente duradoura sobre peles. E' provavel que se descubra um meio de fixar-lhe a côr sobre o tecido do algodão, como se faz com a tatajuba (*morus tinctoria*). Além desse, empregam-na no curativo das *sarnas*, doença eruptiva. O paciente deve banhar-se com uma decocção das folhas. Como não pude dispor essas plantas em nenhum dos generos conhecidos, formei um com elas e dei-lhes o nome de *Linharea*, em memoria de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, o cultor e protetor das letras,

CARNAÚBA OU **CARNAÍBA**, *Corypha cerifera*, Arrud. Cent. Plant. Pern. Essa palmeira é uma das plantas mais uteis dos Sertões. Cresce na altura de 30 pés e mais. As varzeas ou terras baixas, sobre as margens dos rios e dos riachos de Pernambuco, Paraíba do Norte, Ceará e Piauí, e principalmente nas bordas dos rios Jaguaribe, Apodí, Mossoró, e Assú, são cobertas por essas arvores. Quando o fruto atinge ao tamanho de uma pequena azeitona (que lhe semelha na forma quando verde), é preciso ser fervida varias vezes em muitas aguas para tirar-lhe as propriedades adstringentes. Estando suficientemente cozida se torna mole e tem o gosto do milho cozido. Nesse estado come-se com leite e é alimento sadio. O miolo do estame nas plantas novas, sendo machucado n'agua, produz uma fecula nutritiva e tão branca quanto a da mandioca. Para esse fim é necessario que a planta não haja excedido a altura de um homem. Ela presta valiosos auxilios aos habitantes da região nas epocas de penuria e de fome. As folhas nas plantas jovens têm dois pés de comprimento e são dobradas na forma de leque quando ainda novas, abrem finalmente e as menores têm dois pés de largura. Sendo cortadas nesse ponto e deixado secar à sombra destaca-se na superficie uma quantidade consideravel de pequenas escamas de um amarelo palido. Postas ao calor do fogo produzem uma cêra branca, possuindo todos os seus caracteristicos. E' mais quebradiça mas se pode remediar misturando-se com a cêra comum que é mais oleosa. Em 1797 dei a conhecer essa descoberta ao Reverendo Padre Mestre Frei José Mariano da Conceição Velozo (18) que publicou as conclusões no "PALADIO PORTUGUEZ", mas nesse tempo não conhecia eu tão bem a importancia dessa cêra.

O fruto dessa arvore, quando está maduro é preto, reluzente e do tamanho de um ovo de pombo. O caroço é coberto com uma camada de polpa adocicada que é comida pelo gado assim como as folhas secas quando outro alimento. lhe falta. As folhas são empregadas na cobertura das casas, e ainda que expostas às intemperies duram por vinte anos sem exigir que sejam renovadas. Os troncos servem para a construção de moradas, palissadas, cercados, etc. (19).

ANTIL DE PERNAMBUCO, *Koanophyllon tinctoria*. Arrud. Cent. Plant. Pern. E' um arbusto que cresce a uns doze pés ou mais. E' da classe singenesia. As folhas têm de duas a tres polegadas de comprimento e largura proporcionada. E' bastante mergulhar um pedaço de tecido de algodão no seu sumo para que se mude em azul pela absorção do oxigenio do ar atmosferico. A côr é tão fixa que resiste a ação do sabão e do sedimento de potassa e

muitos sofrendo essa experiencia se tornam depois ainda mais brilhantes. E' propavel que pela fermentação e batida produzisse uma fecula de azul como o indigo (*indigofera tinctoria*). Sei que pode ser cultivada com facilidade porque semeiei as sementes que lembram as da alface, e nasceram ao fim de poucos dias. A terra que lhe é indicada é a *varzea fresca*, terreno pantanoso composto de maçapê ou argila dura.

ANIL TREPADOR, *Cissus tinctorius*, Arrud. Cent. Plant. Pern. As folhas dessa planta esfregadas num pano branco comunicam-lhe uma cor verde, como a de outra qualquer herva. Pela exposição ao ar atmosferico a côr se transforma em azul fixo, resistindo ao sedimento de potassa e ao sabão. Vive nas serras e nas terras baixas do Sertão.

ERVA LOMBRIGUEIRA OU ARAPABACA, *Spigelia anthelmia*, Lin. Syst. Veget. Essa planta possui propriedades antelminticas. Vendem-na nas cidades. Ela cresce com abundancia nas terras baixas e argilosas.

URUCU, *Bixa Orellana*, Linneu. E' um arbusto merecedor de estudos pela côr que suas folhas produzem, mas não é cultivado em parte alguma de Pernambuco, nem mesmo por curiosidade.

PITOMBEIRA, *Meleagrinex Pernambucana*, Arrud. Cent. Plant. Pern. Essa arvore cresce na altura de 30 ou 40 pés. A madeira é compacta e podia ser empregada em muitos fins. Produz frutos em grandes cachos arredondados nas capsulas que não se abrem. Tem um caroço solido com dois cotiledones, cobertos com uma polpa agriçoce, não sendo desagradavel. Se os perús engolem esses caroços morrem imediatamente. Essa circumstancia levou-me a dar ao genero o nome escolhido. Só encontrei duas especies.

IMBUZEIRO, *Spondia tuberosa*, Arrud. Cent. Plant. Pern. E' uma arvore que vive abundantemente nos Sertões de Pernambuco e da Paraíba. Produz um fruto que é menor que o ovo da galinha, ovoide, com cinco pontas na parte de baixo, sendo as indicações dos cinco estigmas. Sua côr é amarelada, e sob a epiderme coriacea represa uma polpa sumarenta, de agradável doçura e sabor acido. Com esse sumo, e leite coalhado e açúcar, fazem um prato muito estimado, chamado *imbuzada*. Essa arvore estira raizes longas e horizontais, pouco penetrantes, sobre as quais se vê a pequena distancia uma das outras, tuberculos redondos, de oito polegadas (um palmo) e, diametro, cheios d'agua, semelhantes ás melancias. Esses tuberculos suprem as necessidades da arvore e algumas vezes refrescam o caçador que se aventurou pelas matas. A reprodução dessa arvore é muito facil por meio de renovos.

PIRANGA, *Bignonia tinctoria*, Arrud. Cent. Plant. Pern. Essa planta é sarmentosa e dá frutos. Suas folhas produzem, pela fervura, uma côr vermelha que se pôde fixar nos tecidos de algodão por meio de preparações analogas ás que se fazem com a garança.

UMARÍ, *Geoffroya spinosa*, Jacq. Stirp. Amreic. Essa planta, que Jacquim encontrou em Cartagena nas terras arenosas perto da costa, cresce em Pernambuco nas terras argilosas e baixas, attingindo a 30 e 40 pés de altura. Em Cartagena, de acordo com o mesmo autor, ela não deve crescer a mais de doze pés. As flores são amarelas e têm odor semelhante ao do azeite de côco. As de Cartagena têm um cheiro desagradavel. Não se tratará de duas especies? Da amendoa dessa planta extráe-se uma fecula nutritiva e branca, muito usada pelos moradores do Rio do Peixe, e no Sertão da Paraíba do Norte. Cresce robustamente nas terras baixas dessas regiões e tambem é encontrada na provincia do Rio Grande do Norte.

IPECACUANHA PRETA, *Ipecacuanha officinalis*, Arrud. Cent. Plant. Pern. Até hoje os botanicos da Europa não sabem a que genero pertence essa planta. Uns crêm que se trate da *euphorbia Ipecacuanha*. Outros que é a *psoralia glandulosa*; outros a *spiraea trifoliata*; outros, a *viola Ipecacuanha*, finalmente outros suspeitam que é a *psychotria emetica*, mas eu observei muitas vezes a "Ipecacuanha Preta" quando em flor, e acho que tem muitas afinidades com a *tapagomea* de Aublet. Entretanto lhe dei o nome de "Ipecacuanha" porque, mesmo sendo ambas selvagens, essa ultima tem sido usada ha cento e cincoenta anos. A Ipecacuanha facilmente cultivavel, como fiz experiencia, mas exige sombra ou, ao menos, que não esteja completamente exposta ao calor do sol.

IPECACUANHA BRANCA, *Viola Ipecacuanha*, Linneu, *Pombalia Ipecacuanha*, Vandel. Embora antigamente a raiz dessa planta fosse confundida com a da "Ipecacuanha Preta", sabe-se muito bem não se tratar do mesmo tipo. E' muito empregada na medicina em Pernambuco, como purgativo brando, etc. E' facilmente cultivada, gostando de atmosfera humida e de solo arenoso. Nos arredores de Campina Grande (na Paraíba) vi grandes trechos de terra cobertos com essa planta. Com essa especie de Ipecacuanha os nossos farmaceuticos podiam fazer o seu xarope de *viola*, e nossos medicos poderiam, sem escrupulo, aplicar as flores e o calice em lugar das flores da *viola odorata*, porque promove expectoração e possui qualidades estimulantes que fortificam os nervos.

CONTRA-ERVA, *Dorstenia rotundifolia*, Arrud. Cent. Plant. Pern.

CONTRA-ERVA DE FOLHA LONGANA, *Dorstenia Pernambucana*. Arrud. Cent. Plant. Pern. Essas duas especies de *contra-erva* são novas e peculiares a Pernambuco, mas, depois dessas duas não deparei outras especies. Têm entretanto as mesmas virtudes da verdadeira *contra-erva* do Mexico (*Dorstenia contra-erva*), e os medicos de Pernambuco não empregam outra. São encontradas em grandes quantidades em varios lugares.

ANGELIM, *Skolemora Pernambucensis*, Arrud. Cent. Plant. Pern. O fruto, dessa arvore possui as mais poderosas propriedades de vegetal antelmintico de que tenho conhecimento. E' preciso o maximo cuidado com o seu uso, porque em dose maior o remedio ataca o sistema nervoso, produzindo convulsões. A dose comum é uma quarta parte da semente para adulto. Conheço tres especies dessa planta.

BATATA DE PURGA, *Convolvulus mechoacan*. A raiz dessa especie de *convolvulus* é tuberosa, e uma dose de duas oitavas dessa fecula é sufficiente para um purgativo. As raizes são cortadas em pequenos pedaços para que seque com mais rapidez, e traspasa-se cada fragmento com um fio para expo-lo a venda. E' um purgativo brando, atualmente em grande uso, e, evidentemente, digno de ser cultivado. Pode-se observar, como cousa notavel, que os moradores vendem quantidades vultosas dessas raizes às vezes com efeito diminuto. Esse fato pôde ser attribuido à colheita fóra da estação. Todas as plantas podem ser colhidas depois de sua maturação. Assim a "batata de purga" deve ser colhida depois do fruto e das folhas secarem, mas antes das chuvas. Observei em Pernambuco duas especies de "convolvulus", com raizes tuberosas, ambos purgativos e ambas as raizes preparadas sob o nome de "batata de purga". Uma dessas é a verdadeira *convolvulus mechoacan*, e difere da outra pelas folhas, galhos e frutos. Dei sobre ela uma descrição na minha Centuria de plantas novas (20).

PAPO DE PERÚ, *Aristolochia grandiflora*, Arrud. Cent. Plant. Pern. Essa linda especie de "aristolochia" que primeiro encontrei nas torrentes do Cariri Novo, é medicinal e digna de ser cultivada nos jardins não somente pela utilidade mas tambem pela beleza e tamanho de suas flores. Alem dessa conheço mais cinco especies de "aristolochia", algumas das quais podendo ser empregada com utilidade. Essa planta é comumente chamada *angelica*.

MANGABEIRA, *Ribcirea sorbilis*. Essas arvores crescem bem nas terras arenosas dos tableiros. O fruto varia de tamanho de

um ovo de pombo ao da galinha. A côr é um amarelo esverdeado, pintado de vermelho. E' da consistencia da sorva, e muito conhecida nos mercados de Pernambuco e Baía. Grande numero dessas arvores foram ultimamente cultivadas nos arredores de Olinda, e a atenção que se deu às arvores melhorou o fruto. Se é esmagada, a fermentação espirituosa opéra com grande facilidade e logo passa a acidez. Do seu sumo faz-se excelente vinagre e, em muito pouco tempo, achando-o eu mais forte que o da uva, da cana de açúcar, das bananas ou dos *cambuins*. Descrevi-a nos generos novos da minha Centuria de Plantas Pernambucanas, dedicando-a ao meu discipulo Padre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, professor de desenho no Seminario de Olinda. Ele é digno dessa honra não somente por haver tentado a introdução e cultivo de algumas plantas exóticas uteis nessa Capitania, como pelo seu exame curioso e filosofico que fez relativamente ao admiravel fenomeno do processo de frutificação da "mangabeira", que pode ser encontrada na minha Centuria de Plantas Pernambucanas (21).

OITI COROIA, *Pteragina rufo*, Arrud. Cent. Plant. Pern.

OITI DA PRAIA, *Pteragina odorata*, Arrud. Cent. Plant. Pern.

OITICICA OU CATINGUEIRA, *Pteragina umbrosissima*.

A primeira especie desse genero (*oiti coroia*) produz uma drupa irregular, cobrindo o caroço uma fecula adocicada, algo aromática, agradável e nutritiva. E' bastante volumosa para satisfazer uma pessoa. E' comprada nos mercados e alguns individuos a cultivam ultimamente.

A segunda especie (*oiti da praia*) produz uma drupa oval ou oblonga, um pouco menor do que um ovo de galinha, sendo amarelo quando maduro. O caroço é coberto por uma polpa doce, aromática e nutritiva.

A terceira especie (*oiticica*) é peculiar aos Sertões onde viceja nas margens dos rios e riachos. Eleva-se a altura de 50 ou 60 pés. Seus galhos são tão espalhados e tanto se dobram, quasi tocando o chão, que formam uma copa espaçosa. O fruto é uma drupa oblonga de duas ou mais polegadas de comprimento e uma a meia de largura, conservando, sempre, a côr verde mesmo quando maduro. O caroço não é duro quanto os das duas especies anteriores, mas é lenhoso e flexivel, e facilmente pode ser partido. E' coberto por uma camada de polpa adstringente. A amendoa é uma semente composta de dois cotilédones oleosos e de sabor desagradavel, mas abundante em oleo, de que se faz algum uso.

GENDIROBA ou **ANDIROBA**, *Feuillea cordifolia*, Linneu. Essa planta é da ordem natural das cucurbitaccas. As sementes são muito oleosas e delas se extráe facilmente o oleo que, como o do *cocos nucifera*, tem a propriedade da coagulação. Com ele fabriquei um bom sabão, mesmo com potassa, retirando o acido carbonico por meio da cal virgem.

CAROBA, *Kordelestris symphilitica*, Arrud. Cent. Plant. Pern. *Bignonia copaia*, Aublet. Guien.

CAROBA MIUDA ou **CASCO DE CAVALO**, *Kordelestris undulata*, Arrud. Cent. Plant. Pern.

Essas duas especies possuem propriedades anti-venereas, e são particularmente uteis na infecção que é chamada *bobas* ou *yaws*.

BARBATIMÃO, *Mimosa virginalis*, Arrud. Cent. Plant. Pern. Essa arvore não é muito grande. Sua casca é um dos mais poderosos adstringentes e ao mesmo tempo um tanto estimulante, tornando-o applicavel em algumas enfermidades. Os matutos usam-no no tratamento de feridas, assim como nas dos animais. As mulheres empregam-no depois do parto, banhando-se numa decoção das folhas. Estou persuadido que se o extrato do "barbatimão" não exceder as virtudes medicinais da *mimosa catechu*, no minimo o igualará.

ALMECEGA, *Amyris Pernambucensis*, Arrud. Cent. Plant. Pern. Essa arvore atinge às vezes a grandes alturas. Da sua casca escorre um sumo resinoso, insolúvel n'agua mas completamente dissolvido no espirito de vinho. Essas arvores abundam em Goiana e em Alhandra, e os Indigenas dessa ultima localidade colhem consideraveis quantidades dessa goma, vendendo-a de 20 a 40 réis por libra. Tem quasi as mesmas virtudes medicinais da terebentina. Quando applicada à testa, em forma de emplastro, oferece alivio e comumente cura a dôr de dentes. Nossos farmaceuticos a empregam em varios tipos de unguentos. O povo a mistura com cera aniarela da região para o fabrico de vélas de uso comum. Uma quarta parte de sêbo lhe é ajuntada, para calafetar canoas, roda d'agua dos engenhos de açúcar, etc. A goma é conhecida sob duas formas. A que é alva e limpa chamam-na *almecega cozida*, porque os Indigenas que a colhem fazem-na ferver no proposito de retirar-lhe as impurezas, e fazem pães de 16 a 20 libras de peso. A *almecega crua*, quando dissolvida no espirito de vinho, pode ser usada na composição de alguns tipos de vernizes. E sendo queimada, podia servir como incenso, como é praticado com o balsamo do Sertão, e a resina do *amyris ambrosiaca* ou *icica heptafylla* de Aublet n'algumas parte da America.

NOTAS AO APENDICE

As duas monografias do dr. Manuel Arruda da Camara, resumidas e traduzidas por Henry Koster para o inglêz, foram publicadas, ambas em 1810:

“Dissertação sobre as plantas do Brasil, que podem dar linhos proprios para muitos usos da sociedade, e suprir a falta do Canhamo, indagadas por Manuel Arruda da Camara”. Rio de Janeiro. Impressão Regia. 1810, in 8.^o de 49 paginas.

“Discurso sobre a utilidade da instituição de jardins nas principais provincias do Brasil, oferecido ao Príncipe Regente Nosso Senhor, por Manuel Arruda da Camara etc.”. Rio de Janeiro. Impressão Regia, 1810, in 8.^o, de 52 paginas.

(1) Curimataú nasce no Estado da Paraíba e entra no Rio Grande do Norte, poucos quilometros ao sul da cidade de Nova Cruz, atravessando varios municipios e vindo desaguar na Barra do Cunhaú, em Canguaretama, onde cái no mar, aos 6°, 19', 36" de latitude Sul, e 8°, 3', 24" de longitude Este do Rio de Janeiro, segundo Vital de Oliveira. (C).

(2) Du Tertre, falando nas especies de “Karatas” que encontrou nas ilhas: “dans des desertes pierreux, où il ne se trouve guère d'eau douce”, diz “les paysans travaillent de la soif y courent, parce que ces feüilles sont tellement disposés, qu'elles se ferment en bas comme un verre; ou on trouve quelquefois une pinte d'eau fraiche, claire et très saine, et cela a sauve la vie à plusieurs qui sans cela seraient morts de soif”. — *Histoire des Antilles*, tom. II, p. 100. Ouvi muitas vezes falar quando estava no Sertão mas nunca succedeu que me faltasse agua viajando pelos lugares onde vivia essa planta. (K).

(3) Bolingbroke diz que “É comum alimentarem os suinos com ananazes. Meu assombramento cresceu quando me levaram até um grande fosso, de cincoenta passos de extensão e doze pés de largura, inteiramente repleto de ananazes. Estavam cobrindo, por essa epoca, de tal forma o terreno, que foi necessario arranca-los para que não mais se multiplicassem “*Voyage to the Demerary*”, p. 21. Em Pernambuco os porcos e os ananazes não atingem a essa quantidade. Barrere diz: “La Pitte, qui est une espèce d'ananas, fournit encore une filasse d'un bon usage. Le fil en est plus fort et plus fin que la soye. Les Portugais en font des bas qui ne cedent en rien, dit-on, par leur bonté et par leur finesse aux bas de soye. “*Nouvelle Relation de la France Equinoxiale*”, p. 115. Old Ligon informa: “A ultima e melhor especie de bebida que essa ilha e o mundo oferecem é o incomparavel vinho de ananazes, e é certamente o nectar que os deuses bebiam porque na terra não ha nada que se lhe compare; e que é fabricado do puro sumo dessa mesma fruta, sem mistura d'agua ou doutra qualquer especie, tendo em si mesma um composto natural de todos os sabores otimos que o mundo passa dar. Essa bebida é tão pura que dura muito, clarificando-se em tres ou quatro dias. Fazem-na espremendo o fruto, coando-se o liquido que é guardado em garrafas”. *A true and exact History of the Island of Barbadoes — 1657*. (K).

(4) Du Tertre fala de uma especie de "Karatas" que, segundo sua descripção, pela altura do caule, forma das folhas e cor das flores, são *estreladas*". Ele escreve: — "Avant que les boutons de ces fleurs soient ouverts, ils sont remplis d'une fort beau et bon cotton, dont l'on se peut servir utilement: après que l'on a fait bouïller les feuilles l'on en tire du fil dont l'on se sert en plusieurs endroits de l'Amerique, non seulement à faire des toïlles, mais encore à faire des lits pendans. La racine et les feuilles de cette plante broyées et lavées dans une riviere, jettent un suc qui estourdit si fort le poisson, qu' il se laisse prendre à la main: ce grand tronc qui est tout spongieux estant seché, brulle comme une meche ensouffrée, et frot rudement, avec une bois plus dur, s'enflame et se consume. — Histoire des Antilles, tomo II, p. 106. Labat dá a mesma informação e ajunta que as pessoas que têm o habito de fumar "ne manquent jamais d'avoir sur eu leur provision de tol. — Nouveau Voyage", tom. VI, p. 142. "Le caratas dont j'ai parle dans un autre endroit est bien meilleur que la sayonette pour blanchir le ligne. On prend la feuille, et après en avoir ôtè les piquans, on la bat el l'écrase entre deux pierres et on frote le linge avec l'eau. Elle produit le même effet que le meilleur savon, elle fait une mousse ou écume épaisse, blanche, qui decrasse, nettoye et blanchit parfaitement le ligne, sans le rougir ou le brûler en aucune facon. — Nouveau Voyage, tom. VII, p. 385. (K).

(5) CAIRO, s. m. As fílaças, ou filamentos, ou partes estopentas que ha no coco do Brasil entre a tez de fóra, e a casca ossea de dentro, do qual *cairo* depois de curtido, amassado, e fiado, se fazem na Asia, no Brasil, em Pernambuco se tem feito, cordas, amarras, etc. B. 3. 3. 7. "As náos são de cavilha cosida com cairo". Goes. Chron. de D. Man, pag. 14. 14. V. B. lug. cit. Vieira, 10. f. 100. col. 2. "Cordas de cairo (que são os entrecascos do coco)". § Navegar tanto a cairo largo. Pinto Ribeir. Restauração etc., p. 29. com as escotas largas. § Cairo, da serra de Carpinteiro; o cordel della feito de cairo, na India. Mend. Pinto, c. 214. Moraes, Dicionario da Língua Portuguesa, edição de 1831. Candido de Figueiredo diz provir o Cairo do malabar *kayar* ou do tamul *cayiru*. (C).

(6) No Pilar, na ilha de Itamaracá, as pessoas habituadas a preparar o cairo, cavam buracos na areia, na linha do preamar, e enterram a casca do coco por varios dias, antes de bate-la. Suponho que recorram a esse processo devido à falta d'água corrente para mergulhar a casca. (K).

(7) Existe algum espaço vazio mas nao muito extenso, pelo que conheço na região. (K).

(8) Em estado selvagem é disposta do mesmo modo. (K).

(9) "Ensaio de Descripção Fizica, e Economica da Comarca dos Ibhéos na America", preunada pela Academia Real das Ciencias de Lisboa na Assembléa de 13 de Maio de 1789. Publicada no tomo I das Memorias Economicas da Academia Real das Ciencias de Lisboa. O autor, Manuel Ferreira da Camara Betencourt e Sá, o Intendente Geral das Minas e dos Diamantes do Serro Frio, amigo pessoal do conde de Linhares, é de influencia decisiva e suprema quanto a implantação da mineração e metalurgia no Brasil. Senador do Imperio por Minas Gerais em 1826. Nasceria em Caeté, Minas Gerais e faleceu na cidade da Baía a 13 de Dezembro de 1835. Sobre o "Intendente Camara", Marcos Carneiro de Mendonça escreveu um livro definitivo e completo, "Intendente Camara", Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1933. (C).

(10) TUCUM, c. *tu-cú*, o espinho alongado, a púa. É o nome da palmeira *Astrocarium tucuma*, cuja haste é guarnecida de longos espinhos, e de que se tira uma fibra das mais resistentes para linha de anzoes e para o fabrico de cordas e rédes. Theodoro Sampaio, "O Tupi na Geographia Nacional", terc. ed. Bahia. 1928. *Bactris setosa*, Mart. (C).

(11) "Os moradores das planícies de Igarassú empregam essa fibra para atar os juncos com que fazem as esteiras para cangalhas. — Discurso sobre a Utilidade da Instituição de Jardins, etc." O Padre Inácio de Almeida Fortuna disse-me que tivéra um par de meias feito com a fibra da Macaiiba. Eu trouxe alguma dessa fibra para Inglaterra. Ela é extremamente fina e forte. Temo que o Dr. Arruda haja se apressado muito ignorando-a com o *tucum*, pela dificuldade em obtê-la. Em Itapicuma, perto de Itamaracá, imensa quantidade é preparada para rédes de pesca, etc., e nesse lugar o seu preço é fixo. "A assembléa referiu o que foi comunicado no ultimo relatório anual sobre o assunto de uma especie de canhamo, fabricado com as folhas de um tipo de palmeira abundante na Serra Leôa e arredores. Os directores têm atualmente a informar que um dos membros do Conselho, Mr. Allen, submeteu ultimamente uma pequena quantidade de cordas, feita com esse material, a experiencias relativas a sua resistencia comparada com a mesma extensão e peso dum corda de canhamo. O resultado foi muito satisfatorio. "Em cinco ensaios, o resultado foi o seguinte: — "corda de canhamo 43 libras, 1/5. Corda africana 53 libras, 2/5, sendo a differença em favor da corda africana de 10 libras em 43". — Fourth Report of the Directors of the African Institution. (K).

(12) No curso desse volume falei sobre as Jangadas. (K).

(13) As sementes têm perfume forte e aromatico e o sabor é muito agradavel. (K).

(14) Nos arredores de Goiana vi um grande trecho de terra completamente coberto com o Maracujá comum. O dono do terreno lamentava-se comigo do trabalho que havia de ter para arrancar essas plantas quando quizesse cultivar o campo. (K). Em vez de Beruoca deve-se ler Meruôca. o Maracujá-suspiro é a *Passiflora edulis*, de Linneu. (C).

(15) Excetuando a época da fome, a alimentação obtida por esse modo causaria grande destruição porque o uso se tornaria geral e embora fosse possível garantir subsistencia para o povo não o seria por muito tempo e as arvores haviam de ser depressa derrubadas. A quantidade de alimento que cada arvore produz é demasiado reduzida. Seu crescimento é lentissimo e o espaço occupado por cada uma é consideravel para tornar a folha da palmeira um alimento permanente para a região. O Dr. Arruda não falou no *dendezeiro*, ou arvore do *dendê* que, depois do coqueiro, é a mais util palmeira de Pernambuco. Da noz se fabrica uma boa qualidade de azeite, comprada no Recife para os preparos culinarios, e geralmente preferido ao azeite de coco. O fruto parece muito com o do *coco naia*, de accordo com a descripção do Dr. Arruda sobre esse ultimo. Labat, que tem a propensão de pôr em duvida a opinião alheia, falando dessa arvore, que ele chama "palmier franc ou dattier", diz: — "On prétend que cet arbre est mâle et femelle, & c. Je suis fâché de ne pouvoir pas souscrire au sentiment des naturalistes, mais j'en suis empêché par une expérience que j'ai très-sûre, opposée directement à leur sentiment, pui dément absolument ce que je viens de rapporter sur leur bonne foi; car nous avions un dattier à côté de notre convent du Mouillage à la Martinique, qui rapportoit du fruit quoiqu'il fut tout seul. Qu'il fut mâle ou femelle, je n'en sçai rien, mais ce que je sçai très certainement, c'est que dans le terrain où est le Fort Saint Pierre et le Mouillage et à plus de deux lieus à la ronde il n'y avoit et n'y avoit jamais eu de dattier". — Nouveau Voyage, tomo III, p. 276. Deante da minha casa em Itamaracá havia um dendezeiro solitario, sozinho, e eu não conheço outra arvore da mesma especie pelos arredores. A arvore dava frutos. (K). O Dendê, *Elacis guineensis*, Jacq., é uma palmeira africana aclimatada no Brasil. Naiá, anajá, inajá, é a palmeira *Maximiliana regia*, Mart. (C).

(16) A *Goiaba* é encontrada em todos os pontos em Pernambuco, apenas nos cercados viceja escassamente e nos canaviais não ha muitas dessas arvores espalhadas pelo campo. Nunca a cortam, porque o povo a come e mesmo o gado se pode alimentar tambem. O araçá é outra especie da mesma planta. O arbusto e o fruto são menores que os da goiaba, e o seu interior é de um amarelo palido em vez do vermelho escuro. (K). Goiaba, goiabeira, *Psidium guajava*, Raddi. Araçá, araçaeiro, *Psidium araca*, Raddi. (C).

(17) Labat fala em uma especie de "canelle bâtarde" e ajunta: "On se sert beaucoup en Italie d'une canelle semblable à celle que je viens de décrire; les Portugais l'apportent du Brésil dans des paniers de roseaux refendus et a jour; on l'appelle canelle geroflée (canella garofanata). On la met en poudre avec un peu de gérofle, de veritable canelle, de poivre et de graines tout-à-fait ressemblable à celles de nos bois d'Inde des Isles, et on en fait un debit assez considérable". — Nouveau Voyage, tomo III, p. 92. (K). Pinhancó é Piancô. (C).

(18) Frei José Mariano da Conceição Velôso (1742-1811), da Ordem de S. Francisco, no mundo José Veloso Xavier, foi um animador da cultura brasileira, escrevendo e publicando livros sobre os mais variados assuntos. Acompanhou d Luiz de Vasconcelos e Souza a Portugal e exerceu o lugar de um dos diretores da Tipografia do Arco do Cego, reunida posteriormente á Impressão Regia, regressando ao Brasil em 1808, com D João, Principe Regente. Publicou o Dicionario Brasileiro e Português, e uma coletanea, "O Fazendeiro do Brasil", reunião de estudos sobre a agricultura. Seu trabalho de folego é a "Flora Fluminense", em latim, parte ainda inedita, parte (7 volumes) impressa em 1827. (C).

(19) Nas Trasações Filosoficas de 1811 encontra-se "Uma Informação sobre a cêra vegetal do Brasil" por William Thomas Brande, Esq. F. R. S. A obra de onde extrai parte do estudo é o "Nicholson's Journal", volume XXXI, p. 14. "A cêra vegetal descrita nesas estudo foi dada ao Presidente por Lord Grenville, com o desejo, da parte de Sua Senhoria, de que fossem estudadas as propriedades, com a esperança de uma demonstração que autorizasse seu uso, substituindo a cêra de abelhas, e constituir em breve tempo um novo artigo de comercio entre o Brasil e este pais. Fôra apresentado a Lord Grenville no Rio de Janeiro pelo Conde das Galveas (1), como artigo recentemente enviado para aquela cidade (2), do norte dos dominios do Brasil, a Capitania do Rio Grande e Seará, entre a latitude de tres e sete grãos ao norte. Diz-se que é produzida por uma arvore de crescimento lento, chamada pelos naturais *carnaúba*, produzindo igualmente uma goma empregada como alimento pelos homens e uma outra substancia que engorda as aves. A cêra, no estado bruto, é da forma grosseira, como um pó cinzento palido. É branda ao tacto, e misturada com varias impurezas, constituindo especialmente em fibras de cascas de arvores, que, sendo separadas por uma peneira, sobem acima de 40%. Tem um odor agradavelmente, alguma cousa lembrando ao feno novo, mas muito pouco no gosto. "Seguem-se aqui varias experiencias quimicas que não transcrevo pela sua dimensão". Nada conseguindo nas minhas tentativas para alvejar a cêra em seu estado natural, fiz algumas experiencias para verificar se a côr podia ser destruída mais facilmente, depois de haver agido com o acido nítrico, observei que, pela exposição estendida sobre uma lamina de vidro á ação da luz, toma, no curso de tres semanas, uma coloração amarelo-palida e quasi branca na superficie (3). A mesma mudança produziu-se mergulbando-se a cêra, em placas finas, numa solução aquosa de gaz oximuriático, mas não obtive successo em torna-la branca perfeitamente. "Outras experiencias quimicas seguem-se, de consideravel extensão. "Segundo os pormenores das experiencias, parece, mesmo que a cêra da America do Sul

possua as características propriedades da cêra de abelhas, difere desta substancia em varios de seus habitos quimicos. Diversifica-se tambem das outras variedades de cêra, como a cêra da *Myrica cerifera*, do lago, ou do lago-branco. As tentativas que foram feitas para alveja-la seguiram uma pequena escala, mas, pelas experiencas registadas, creio que depois de mudada a sua côr pela ação do acido nitrico diluido, tornar-se-á quasi branca pelos meios usuais. Não tive tempo sufficiente para assegurar-me se era possível branqueja-la expondo-a longamente, e não tive oportunidade de submetê-la ao processo empregado para branquejar a cêra de abelhas. Talvez a mais importante parte da presente indagação é a que se relacione com a combustão da cêra vegetal na forma de velas. As experiencas feitas para garantir sua propriedade para essa finalidade são extremamente satisfatorias, e quando o pavio é bem proporcionado ao volume da vela, a combustão é tão uniforme e perfeita quanta a da cêra de abelhas. A adição de um oitavo a um decimo de sêbo é sufficiente para impedi-la de quebrar-se, conservando-se intacta, e sem cheiro desagradavel ou diminuição do brilho da sua chama. A mistura de tres partes de cêra vegetal á uma quarta de cêra de abelhas dá igualmente otimas vélas". (I) Esse fidalgo faleceu depois (K) D. João de Almeida de Melo e Castro, 4.º Conde das Galvêas, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, morreu no Rio de Janeiro a 18 de Janeiro de 1814. (C). (2) Fôra enviada para o Rio de Janeiro por Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Governador de Rio Grande do Norte. (K) Está assim averiguada a procedencia da primeira amostra de cêra de Carnaúba analisada na Europa. (C). A porção que me deu o Governador do Rio Grande era em forma de bólo, mas não se podia furar, mas era quebradiça. Tinha uma côr amarelo-palida. (K).

(20) "On l'apporte (a raiz) en Europe coupée en ruelles blanches et assez legères. "Voyage du Chevalier des Marchais à Cayenne, & c.", tomo III. p. 262. Eu a trouxe em pó para a Inglaterra. (K).

(21) Como em muitos outros generos em que Arruda da Camara tinha a prioridade, a classificação da Mangaba não foi mantida. Nem mesmo a da Carnaúba de que ele foi o primeiro a descrever, ficou. Dizemos hoje *Copernicia cerifera*, nome dado por Martius, muitos anos depois. Assim a homenagem que Arruda prestou ao seu aluno, padre João Ribeiro Pessôa de Melo Montenegro, não resistiu. O Padre fôra um estudioso da Mangaba, escrevendo observações curiosas. A *Ribeirea sorbilis* estava fiel a todas as regras da nomenclatura botânica. Diz-se apenas atualmente *Hancornia speciosa*, de Gomez. O *cambuim* citado pelo dr. Arruda, é uma mirtacea, *Eugenia crenata*, Vell, cambuim, cambui. (C).

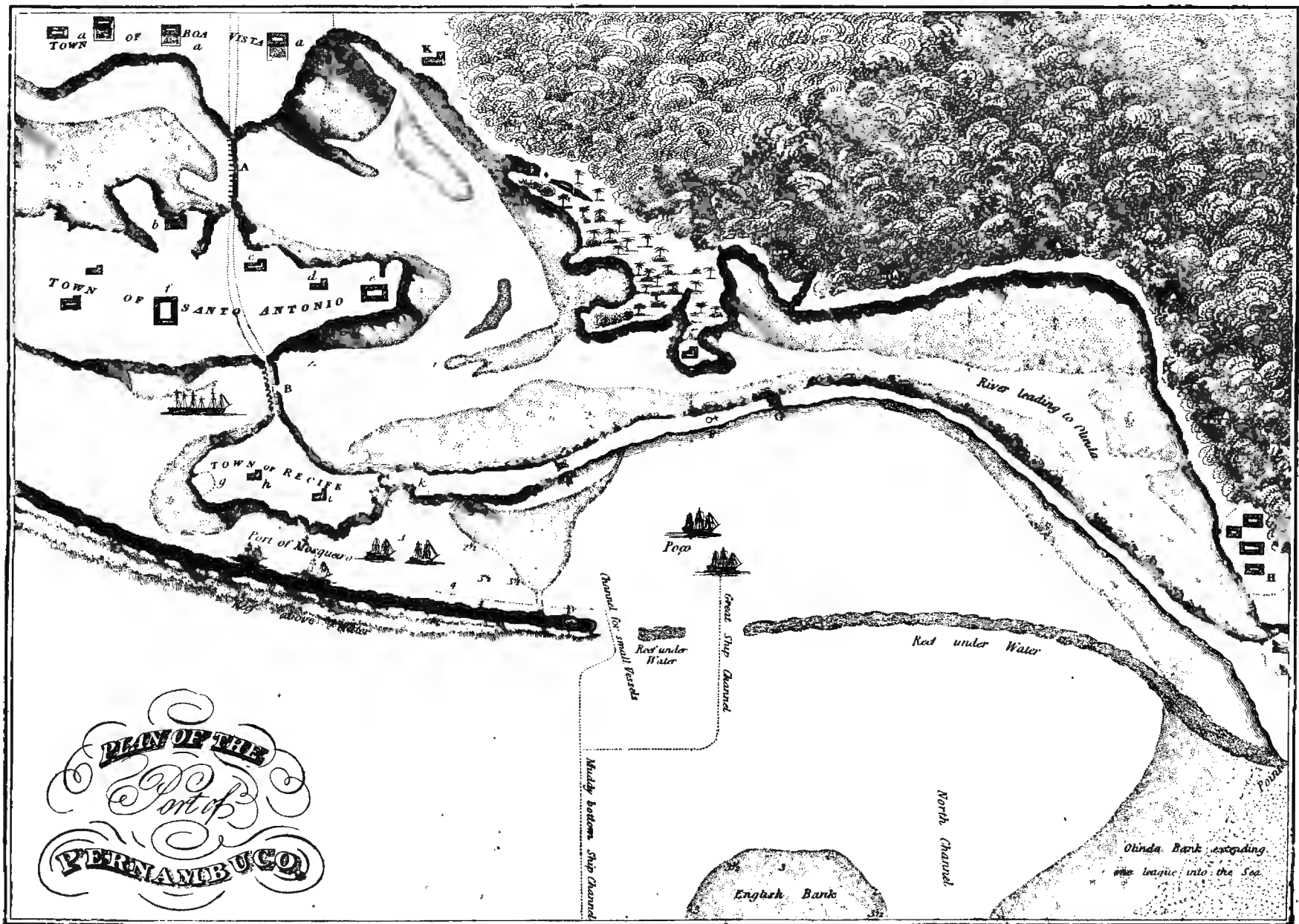
★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, em São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em julho de 1942.











TOWN OF VISLA

TOWN OF SANTO ANTONIO

TOWN OF RECIFE

Port of Mosquito

River leading to Pinda

Channel for small vessels

Great Ship Channel

Red under Water

Muddy bottom. Ship Channel

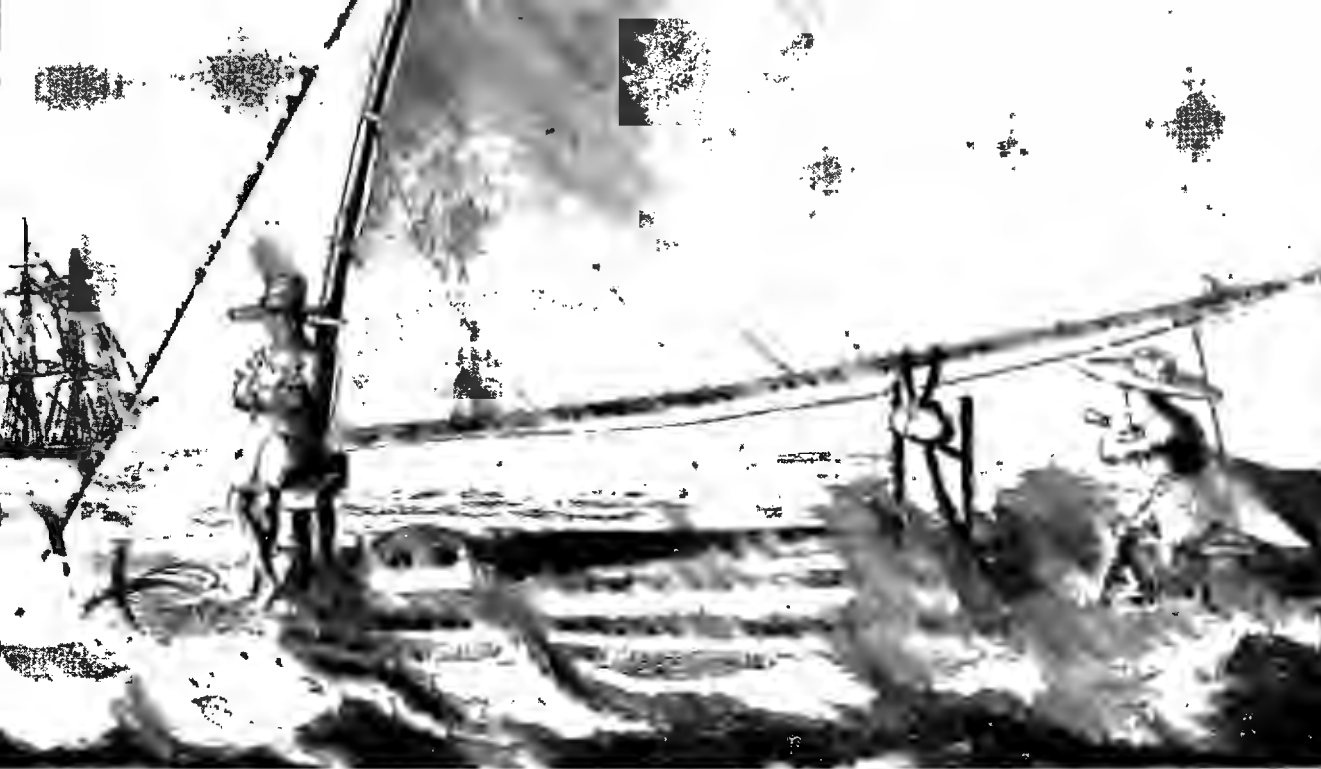
Red under Water

North Channel

English Bank

Olinda Bank extending one league into the Sea

PLAN OF THE
Port of
PERNAMBUCO



A Jangada.



Atravessando um rio.



Um Sertanejo.



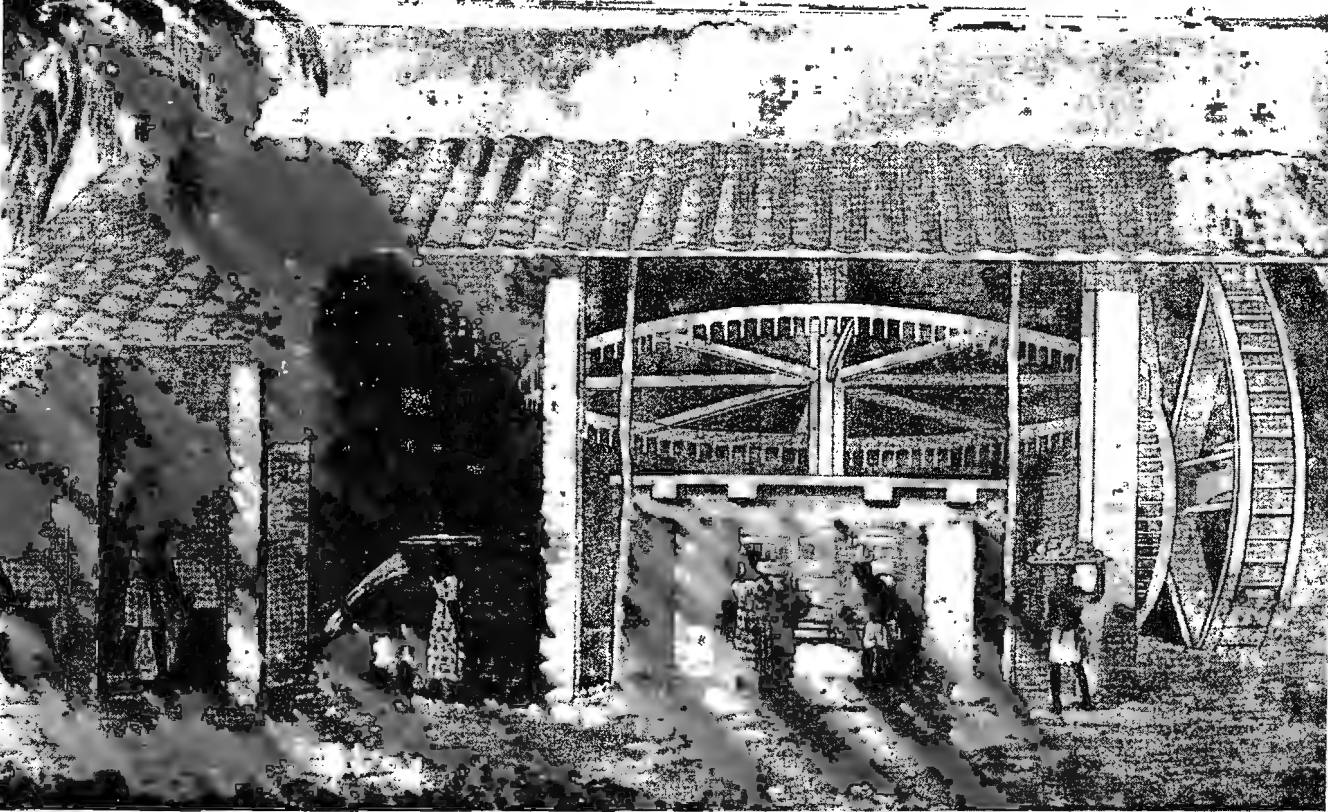
Canôa de pescadores. (Maranhão).



Uma Senhora indo a visitas.



Carregador de algodão.



Um engenho de açúcar.



Um fazendeiro e sua esposa em viagem.